



Unesp - Universidade Estadual Paulista

CINTIA ALVES DA SILVA

A PRÁTICA DA PSICOGRAFIA:
Corpo e transmissão em relatos de experiência mediúnica

Araraquara - SP | 2016

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

CINTIA ALVES DA SILVA

A PRÁTICA DA PSICOGRAFIA: Corpo e transmissão em relatos de experiência mediúnica

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e Funcionamento Discursivos e Textuais

Orientador: Prof. Dr. Jean Cristtus Portela

Bolsa: Capes

Silva, Cintia Alves da

A prática da psicografia: corpo e transmissão em
relatos de experiência mediúnica / Cintia Alves da
Silva – 2016
361 f.

Tese (Doutorado em Linguística e Língua
Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de
Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Jean Cristtus Portela

1. Semiótica. 2. Psicografia. 3. Práticas semióticas.
4. Corpo. 5. Transmissão. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

CINTIA ALVES DA SILVA

A PRÁTICA DA PSICOGRAFIA:

Corpo e transmissão em relatos de experiência mediúnica

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e Funcionamento Discursivos e Textuais

Orientador: Prof. Dr. Jean Cristtus Portela

Bolsa: Capes

Data da defesa: 24/06/2016

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Jean Cristtus Portela - Unesp/ FCLAr

Membro Titular: Prof. Dr. Arnaldo Cortina - Unesp/ FCLAr

Membro Titular: Profa. Dra. Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento - Unesp/ FCLAr

Membro Titular: Profa. Dra. Elizabeth Harkot-de-La-Taille - USP/ FFLCH

Membro Titular: Prof. Dr. Ivã Carlos Lopes - USP/ FFLCH

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Câmpus de Araraquara

Ao sagrado em todos nós.

AGRADECIMENTOS

À Capes, pelo financiamento que permitiu a minha dedicação integral à pesquisa, no Brasil e na França;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Jean Cristtus Portela, por me incentivar a “elevar o olhar” diante de um objeto tão controverso e desafiador como a psicografia, assim como pela confiança depositada em minha capacidade de levar a termo este estudo;

Ao Prof. Dr. Jacques Fontanille, meu orientador durante o estágio de pesquisa doutoral no *Centre de Recherches Sémiotiques (CeReS)* da Université de Limoges, França, pela generosa interlocução que tanto enriqueceu este trabalho;

Aos professores Arnaldo Cortina, Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento, Elizabeth Harkot-de-La-Taille e Ivã Carlos Lopes, pelas contribuições e correções feitas por ocasião da defesa;

Aos professores Arnaldo Cortina e Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento, pela leitura atenta e criteriosa do meu trabalho, no Exame Geral de Qualificação;

Aos funcionários da Seção de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa e da Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, pelo suporte institucional e auxílio técnico imprescindíveis à execução deste trabalho;

À editora Vinha de Luz, na figura de Geraldo Lemos, que gentilmente nos cedeu as imagens que mostram Chico Xavier durante a psicografia de cartas consoladoras;

Aos amigos Ondina Vidal e Antônio Ósio Júnior, médiuns psicógrafos de São Carlos (SP), que me auxiliaram a testar a eficácia do questionário-piloto que veio a ser utilizado, posteriormente, na coleta de dados;

Ao José Humberto de Assis Araújo, à Jane Ribeiro e ao Valdo Fausto, de Uberaba (MG), cuja colaboração preciosa me permitiu entrar em contato com vários dos médiuns que entrevistei;

À amiga Karina Pereira, que me acolheu com carinho e generosidade em sua casa, durante o período em que permaneci em Uberaba, para realizar a coleta de dados;

Aos médiuns que nos relataram as suas experiências com a psicografia, a fim de que pudéssemos compor o *cópus* desta pesquisa. Ainda que, por razões éticas, não tenham tido os seus nomes aqui citados, reitero a cada um o meu profundo reconhecimento pela contribuição inestimável a este estudo;

Aos amigos que, próximos ou distantes, me auxiliaram e me incentivaram de diferentes maneiras, ao longo dessa caminhada: Adilson Franzini, Alessandra Cintra,

Alessandra Jaqueline Vieira, Alexandre Caroli Rocha, Alexandre Wesley Trindade, Aline dos Santos, Amanda Raiz, Amelio Fabbro, Carla Roberta Pereira, Caroline Biazolli, Christine Ribollet, Cristianne Chakib Camis, Danièle Mellot, David Liesenberg, Débora Corrêa, Dulce Maria Nunes, Edson Gesualdo, Eliane Soares, Janice Gomes, José Benedito Sacomano, Juan Alberto Conde, Lia Berton, Lina Linan, Maria Goreti Prado Silva, Paulo Roberto da Costa, Renata Grangel, Roberta Pires, Rubens Baquião, Samantha Lodi, Sandra Stoll, Sandra Kaneko-Marques, Sílvia Gomes Conceição, Taís Oliveira, Seldag Bankir, Willian Tello e Wanda Gesualdo;

Aos meus pais, Mari e João, pelas lições de persistência que me inspiram frente aos desafios da vida. À Bruna e ao Salvatore, irmãos queridos, pelo apoio e pela torcida sincera;

Ao Rodrigo, meu esposo, pelo amor e pela dedicação que me encorajam a prosseguir;

E, por fim, aos mestres que o universo nos apresenta, sob a forma de seres ou circunstâncias, impelindo-nos, compassivamente, a nos tornarmos mais conscientes e despertos.

*Caminhante, são teus passos
o caminho, e nada mais;
caminhante, não há caminho,
faz-se o caminho ao andar.*

António Machado, em *Proverbios y Cantares*.

A experiência religiosa é algo de absoluto. Não é possível discutir acerca disso. Uma pessoa poderá dizer que nunca teve uma experiência desse gênero, ao que o oponente replicará: "Lamento muito, mas eu a tive". E com isto se porá termo a qualquer discussão. É indiferente o que pensa o mundo sobre a experiência religiosa [...]

Carl Jung, em *Psicologia e Religião*.

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo investigar a prática da psicografia ou escrita mediúnica com base em relatos de experiência de médiuns psicógrafos da cidade de Uberaba (MG). Sob a perspectiva da semiótica greimasiana e com base nas contribuições de Jacques Fontanille para o estudo das práticas semióticas, foi possível compreender: a sintagmática do ato mediúnico e da escrita mediúnica; a constituição do actante e do ator-médium nesses relatos de experiência; seus mecanismos enuncivos e enunciativos, responsáveis pelos efeitos de sentido de “verdade”, implicados no estabelecimento do contrato fiduciário; a existência, no cópuz, de uma figuratividade “mediúnica” e do além-vida; e, finalmente, as relações entre corpo e transmissão, que nos permitem descrever como a memória de uma prática pode ser constituída e transmitida, enquanto configuração semiótica e cultural. A análise do cópuz nos permitiu, assim, reconstruir o percurso da psicografia como prática semiótica, em seus diversos níveis de imanência. Considerando a influência sociocultural e o impacto editorial da escrita psicográfica no contexto brasileiro, bem como a inexistência de estudos linguísticos ou semióticos a esse respeito, acreditamos que o presente estudo tenha auxiliado a preencher uma importante lacuna para a compreensão dessa prática tão polêmica quanto inexplorada, e que atesta a diversidade linguística, languageira e cultural de uma expressiva parcela de brasileiros.

Palavras-chave: Semiótica greimasiana. Práticas semióticas. Corpo. Transmissão. Memória. Psicografia.

RÉSUMÉ

Cette recherche a eu pour objectif d'étudier la psychographie, c'est-à-dire l'écriture médiumnique, basée sur des récits d'expérience de médiums de la ville d'Uberaba, Minas Gerais, Brésil. Sous la perspective de la sémiotique greimassienne et sur la base des contributions de Jacques Fontanille à l'étude des pratiques sémiotiques, il fut possible de comprendre : la syntagmatique de l'acte médiumnique et de l'écriture médiumnique; la constitution de l'actant et de l'acteur-médium dans les récits d'expérience; les mécanismes énoncifs et énonciatifs responsables des effets de sens de « vérité », impliqués dans la mise en place du contrat fiduciaire dans les récits; l'existence, dans le corpus, d'une figurativité « médiumnique » et de l'«au-delà » ; et, finalement, les relations entre le corps et la transmission, qui nous permettent de décrire comment la mémoire d'une pratique peut être construite et transmise pour assurer son existence en tant que configuration sémiotique et culturelle. L'analyse du corpus nous a permis ainsi de reconstruire le parcours de la psychographie comme pratique sémiotique dans ses différents niveaux d'immanence. En considérant l'influence socioculturelle et l'impact de l'écriture psychographique dans le contexte brésilien, et l'inexistence d'études linguistiques ou sémiotiques à cet égard, nous croyons que cette thèse ait aidé à combler une lacune importante dans la compréhension de cette pratique aussi controversée qu'inexplorée, et qui atteste la diversité linguistique, langagière et culturelle d'une partie représentative des Brésiliens.

Mots-clés: Sémiotique greimassienne. Pratiques sémiotiques. Corps. Transmission. Mémoire. Psychographie.

ABSTRACT

This research aimed at investigating the practice of psychography or mediumistic writing based on experience reports of psychographic mediums from the city of Uberaba (MG). From the perspective of the Greimassian Semiotics and based on the contributions of Jacques Fontanille to the study of the semiotic practices, it was possible to understand: the syntagmatics of the mediumistic act and of psychographic writing; the constitution of the actant and actor-medium in these experience reports; its enuncive and enunciative mechanisms responsible for effects of meaning of “truth”, involved in the establishment of the fiduciary contract; the existence of a “mediumistic” and “afterlife” figurativity in the corpus; and, finally, the relationship between body and transmission, which made possible to describe how the memory of a practice can be constituted and transmitted as a semiotic and cultural configuration. The analysis of the corpus allowed us to reconstruct the process of psychography as a semiotic practice in its various planes of immanence. Considering the sociocultural influence and the editorial impact of psychographic writing in the Brazilian context, as well as the lack of linguistic or semiotic studies in this regard, we believe this study has helped fill an important gap in the understanding of this practice, which is so controversial as unexplored and demonstrates the linguistic and cultural diversity of a significant number of Brazilians.

Keywords: Greimassian semiotics. Semiotic practices. Body. Transmission. Memory. Psychography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Reunião em torno de uma “mesa girante”	36
Figura 2	As “mesas escreventes”	37
Figura 3	Prancheta (<i>planchette</i>)	41
Figura 4	Cesta de bico (<i>corbeille à bec</i>)	41
Figura 5	Psicografia direta ou manual (Detalhe)	42
Figura 6	Exercício da psicografia manual	43
Figura 7	Grau de consciência X Precisão/“autenticidade” na escrita mediúnica	45
Figura 8	Actantes posicionais, modalizações e tipos de psicografia	149

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1	Esquema sintagmático dos gêneros	69
Esquema 2	Modelo canônico da cena prática	86
Esquema 3	Gêneros da “literatura espírita” e formas de adaptação axiológica	97
Esquema 4	Percurso da prática psicográfica (não-canônico e sincopado)	121
Esquema 5	Percurso da prática editorial “espírita” (não-canônico e sincopado)	123
Esquema 6	O devir do corpo-actante, segundo Fontanille (2011)	131
Esquema 7	O devir do corpo-actante durante a experiência “mediúnica” ou dissociativa	141
Esquema 8	Os modos de existência	158

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Extensão do córpus adotado	53
Quadro 2	Normas de transcrição do NURC/SP	55
Quadro 3	Propriedades dos tipos textuais	62
Quadro 4	Modalizações dominantes	63
Quadro 5	Atos de linguagem	63
Quadro 6	Axiologias	64
Quadro 7	Níveis de pertinência semiótica	79
Quadro 8	Subgêneros da prática psicográfica	114
Quadro 9	Tipologia das modalidades	147

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 PSICOGRAFIA E MEDIUNIDADE	27
1.1 Uma breve história da psicografia	30
1.1.1 A escrita do sagrado e a escrita psicográfica: distinções necessárias ..	30
1.1.2 Kardec e a escrita dos espíritos	33
1.1.3 Das cestas e pranchetas à mão do médium: a classificação kardequiana	39
1.2 O impacto editorial e sociocultural da psicografia no Brasil	46
1.3 Do córpus: relatos de médiuns psicógrafos	49
1.4 Do gênero “relato de experiência”	57
1.4.1 A definição de gênero em semiótica	57
1.4.2 A proposta fontaniliana para o estudo dos gêneros	60
1.4.3 O gênero “relato de experiência”	66
2 A PRÁTICA DA PSICOGRAFIA	71
2.1 Práxis enunciativa e práticas semióticas.....	71
2.2 As práticas semióticas: o conceito, seu histórico, suas aplicações e ganhos	72
2.3 A hierarquia de níveis de pertinência semiótica: o modelo fontaniliano	77
2.4 Adaptação, otimização e resolução de heterogeneidades: a segmentação da prática	82
2.5 A psicografia como prática semiótica	89
2.5.1 A configuração da psicografia como prática semiótica	89
2.5.2 A sintagmática da prática psicográfica: analisando a cena prática	99
2.5.3 Psicografia e edição: integrações e agenciamentos	119
3 CORPO E TRANSMISSÃO	125
3.1 O corpo em semiótica	127
3.2 O corpo actante “mediúnico” ou “dissociado”.....	132
3.3 Corpo e transmissão: memória corporal e memória da prática	156

CONSIDERAÇÕES FINAIS	169
REFERÊNCIAS	174
ANEXOS	
ANEXO A – Diretrizes kardequianas para a prática da psicografia	183
APÊNDICES	
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	185
APÊNDICE B – Questionário: Entrevista Semiestruturada	188
APÊNDICE C – Breve registro de uma sessão pública de psicografia epistolar	191
APÊNDICE D – Transcrição: Entrevista com médium 1 (M1)	194
APÊNDICE E – Transcrição: Entrevista com médium 2 (M2)	207
APÊNDICE F – Transcrição: Entrevista com médium 3 (M3)	223
APÊNDICE G – Transcrição: Entrevista com médium 4 (M4)	241
APÊNDICE H – Transcrição: Entrevista com médium 5 (M5)	261
APÊNDICE I – Transcrição: Entrevista com médium 6 (M6)	278
APÊNDICE J – Transcrição: Entrevista com médium 7 (M7)	294
APÊNDICE K – Transcrição: Entrevista com médium 8 (M8)	307
APÊNDICE L – Transcrição: Entrevista com médium 9 (M9)	329
APÊNDICE M – Transcrição: Entrevista com médium 10 (M10)	350

INTRODUÇÃO

En effet, le sémioticien ne s'intéresse pas aux pratiques en général, mais aux pratiques en tant qu'elles produisent du sens, et à la manière dont elles produisent leur propre sens.

Fontanille, em *Pratiques Sémiotiques*.

Seja pelo lugar que passou a ocupar no imaginário coletivo sobre a comunicação com o “além”, seja pelo bem-sucedido mercado editorial que se organizou em seu entorno, genericamente chamado de mercado da “literatura espírita”, a psicografia ou escrita mediúnica – a “escrita dos espíritos” – é marcada, desde o princípio, tanto pelas controvérsias que provoca quanto pelo fascínio que desperta. Não obstante a sua natureza metafísica – à qual se pode atribuir, em grande parte, a razão pela qual tem permanecido à margem da ciência oficial –, julgamos possível abordá-la a partir de um esforço de apreensão que se dá pelo que ela tem de mais manifesto, material e tangível: pela escrita, em si mesma, isto é, pelo seu texto-enunciado; pela prática que o gera; pelos objetos que faz circular – do manuscrito ao livro –; e pelas estratégias que estabelece para garantir sua existência e permanência no universo sociocultural.

Assim, a partir desse posicionamento diante da psicografia – objeto analisável, ainda que de contornos pouco definidos – damos início, neste estudo, a uma dupla busca: compreendê-la como prática semiótica, isto é, como “prática que produz sentido” e, ao mesmo tempo, compreender a “maneira” pela qual ela produz o seu próprio sentido (FONTANILLE, 2008b, p. 3).

Decalque do francês *psychographie* (do grego, *psuké*, “alma”, e *graphô*, “escrever”), o termo “psicografia” é relativamente recente, e teve os seus primeiros registros em *O Livro dos Médiuns*, publicado em 1861 por Allan Kardec, pseudônimo do educador francês Hippolyte Léon Denizard Rivail. Kardec fundou a doutrina espírita como um sistema de cunho filosófico, científico e religioso, a partir da observação da

fenomenologia mediúnica, com vistas à sua explicação como fenômeno “natural”¹. O espiritismo é fundado, assim, no ano de 1857, com a publicação de *O Livro dos Espíritos*, que é sucedido por mais quatro obras basilares nesse sistema religioso: *O livro dos médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O céu e o inferno* (1865) e *A gênese* (1868). Tais obras, conhecidas como a “Codificação espírita”, não tardaram a chegar ao Brasil, à época bastante influenciado pela cultura francesa.

Apesar do cientificismo que marcou a sistematização do espiritismo na França, é importante destacar que, em solo brasileiro, a doutrina ganhou novos traços, em meio aos embates e convergências estabelecidos com o catolicismo, principalmente, e a influência das religiões de matriz africana. Essa mútua interação, que atribuiu ao espiritismo brasileiro uma configuração diferente daquela do francês, resultou no que Stoll (2003) denomina de um “espiritismo à brasileira”. Desse modo, da tríade mencionada por Kardec como sendo a base da doutrina dos espíritos – filosofia, ciência e religião – o aspecto religioso se estabeleceu, no Brasil, com maior vigor, contribuindo para que se tornasse uma “religião mediúnica” (PRANDI, 2012, p. 19), sobretudo pela influência de nomes como Bezerra de Menezes (1831-1900) e Francisco Cândido Xavier (1910-2002). A este último – mais conhecido como o “médium” Chico Xavier – deve-se, principalmente, a popularização da psicografia em nosso país, onde a prática é comumente associada ao espiritismo.

Definida por Kardec (2013d [1861], p. 410) como a “escrita dos espíritos pela mão do médium”, a psicografia refere-se ao processo de escrita que ocorreria por influência de um espírito sobre um médium, na condição de “intermediário” de mensagens ou revelações provenientes de um plano imaterial, transcendente. A despeito da acepção original do termo, é importante destacar que, neste estudo, tomaremos a psicografia como “prática de cunho religioso que tem no texto psicográfico o seu produto cultural imediato” (SILVA, 2012b, p. 19). Tal concepção não pretende fornecer uma solução definitiva à complexidade do tema, mas, sem

¹ O termo “natural”, conforme utilizado por Kardec, tem por influência direta o positivismo de Auguste Comte (1798-1857), que considerava possível explicar os fenômenos sociais através de leis gerais, tais como as que regem os fenômenos da natureza, descritos e analisados pelas “ciências positivas”, de caráter empírico. Kardec (2005 [1868], p. 22) explica que “Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos novos se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhes as consequências e busca as aplicações úteis”.

dúvida, se nos oferece como um ponto de partida para que possamos nos lançar à sua pesquisa no campo das ciências da linguagem.

Enquanto atividade organizadora do sistema de crenças, práticas e valores do espiritismo kardecista (LEWGOY, 2000), a psicografia se configura como um elemento legitimador e dinamizador, que reafirma e atualiza o seu referencial doutrinário, ao mesmo tempo em que promove a valorização da leitura e, conseqüentemente, de uma cultura bibliográfica. A essa dinâmica se podem atribuir, fundamentalmente, a formação e a consolidação de um mercado editorial espírita, cujo crescimento expressivo tem se confirmado ao longo das últimas décadas.

Outro fator responsável pelo sucesso atingido pelos livros espíritas pode ser justificado pelo fato de o Brasil ser considerado o maior país espírita do mundo, com cerca de 3,8 milhões de adeptos, segundo o censo realizado pelo IBGE no ano de 2010². No entanto, o número oficial de adeptos, equivalente a 2% da população, o que coloca o espiritismo como terceira religião mais praticada no Brasil, não justifica a vendagem alcançada pelos livros espíritas. É ao número de “simpatizantes” – surpreendentes 30 milhões de brasileiros, segundo a Federação Espírita Brasileira (VERA, 2013), favoráveis a ideias como a reencarnação ou a possibilidade de comunicação com os espíritos – que se pode creditar o sucesso editorial desse setor no país.

Após o centenário de nascimento de Chico Xavier, em 2010, foi possível observar o surgimento de um número significativo de produções cinematográficas, teatrais e televisivas de temática espírita, baseadas, em sua maioria, em obras escritas pelo médium, em um movimento que os veículos de imprensa passaram a denominar de “onda espírita” (SILVA, 2012b). Arrebatando um público leitor de uma já consagrada “literatura espírita”, estabelecida há várias décadas em nosso país, essas produções demonstram a dimensão de um fenômeno que tem claras repercussões editoriais³ e culturais, extrapolando a esfera religiosa.

Praticada mais frequentemente nos centros espíritas – em reuniões privativas ou sessões públicas destinadas a esse fim – a psicografia permanece instigando o interesse tanto de adeptos quanto de simpatizantes, que, ora movidos pela crença,

² “[...] os espíritas... passaram de 1,3% da população (2,3 milhões) em 2000 para 2,0% em 2010 (3,8 milhões)” (IBGE, 2012).

³ O livro *Nosso Lar* (1944) atingiu a vendagem de dois milhões de exemplares no ano de 2010, por ocasião do lançamento do filme homônimo.

ora pela curiosidade, buscam na ideia do “além-vida” uma resposta para os seus questionamentos.

Foi justamente a partir de sessões públicas dedicadas à psicografia de cartas familiares, promovidas por Chico Xavier, durante mais de duas décadas, que a prática psicográfica se popularizou, atraindo para Uberaba (MG) milhares de pais, filhos e cônjuges que compareciam às sessões com a esperança de receberem uma carta dos seus entes queridos. Com caravanas que aumentavam ano a ano, a cidade mineira tornou-se uma referência para todos os interessados na “comunicação com o além”.

Mesmo após a morte de Xavier, em 2002, os visitantes, ainda que em número menor, continuam a rumar para Uberaba, onde médiuns tidos como “continuadores” de seu trabalho prosseguem com a prática psicográfica, em sessões públicas promovidas em várias das instituições espíritas da cidade⁴.

Entre os continuadores de Chico Xavier, encontram-se médiuns anônimos e famosos. Embora a maior parte deles se dedique à psicografia de “cartas consoladoras”, em sessões bastante semelhantes às de Chico, apenas alguns poucos se tornaram conhecidos pela psicografia de livros, lançando-se a outros gêneros como a poesia, o conto e o romance. Seus textos – atribuídos a “autores espirituais” – circulam não apenas no âmbito das instituições em que atuam, mas, transpondo os limites da prática psicográfica epistolar⁵, passam à esfera editorial, atingindo significativo sucesso.

Assim, considerando a importância da prática psicográfica no universo sociocultural e editorial brasileiro é que escolhemos tomá-la como objeto de estudo. Sob a perspectiva da Semiótica da Escola de Paris, de A. J. Greimas e seus colaboradores, e com base nas contribuições de Jacques Fontanille (2006; 2008a; 2008b), pudemos traçar o percurso da psicografia como prática semiótica, com base em relatos de experiência de médiuns psicógrafos de Uberaba (MG).

Ao concebermos a psicografia como prática semiótica, possibilitamos, por exemplo, uma maior compreensão sobre o funcionamento dos textos-enunciados que

⁴ A cidade de Uberaba (MG) tem, atualmente, cerca de 300.000 habitantes e 104 casas espíritas, segundo informações fornecidas pela Aliança Municipal Espírita – AME, em maio de 2013.

⁵ A prática epistolar psicográfica é abordada na pesquisa de mestrado intitulada *As cartas de Chico Xavier: uma análise semiótica*, de Cintia Alves da Silva (2012), realizada sob a orientação do prof. Dr. Jean Cristtus Portela no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP de Araraquara (Agência financiadora: CNPq).

integram a literatura espírita. Dos signos-figuras aos textos-enunciados; dos objetos-suportes às práticas; das estratégias e ajustamentos à experiência dos estilos e comportamento, a apreensão da prática psicográfica, em seus diferentes níveis de pertinência, tende, por consequência, a viabilizar o trabalho do analista, face à singularidade da semiótica-objeto investigada.

Compreender as práticas semióticas implica, principalmente, **apreender** os processos de construção da significação, em uma hierarquia de níveis que, antes de limitar o trabalho do analista, permite que ele “saia” do texto sem ignorar os seus diversos níveis de pertinência semiótica.

Vale ressaltar que o tema deste estudo deriva diretamente da pesquisa de mestrado *As cartas de Chico Xavier: uma análise semiótica* (SILVA, 2012a), que envolve a análise da prática epistolar psicográfica e dos principais éte manifestados na obra epistolar de Francisco Cândido Xavier. A seleção do tema reafirma uma tendência que vem se acentuando há quase duas décadas nas universidades brasileiras: o desenvolvimento de pesquisas que têm como temática o espiritismo (MILANI, 2014)⁶, ou, de modo mais amplo, a espiritualidade⁷.

Ainda que se tenha registrado um aumento significativo no número de estudos de temática espírita, pode-se afirmar que a área de Letras e Linguística apresenta ainda poucas pesquisas dedicadas ao tema da psicografia, com predominância para o estudo dos **textos** oriundos dessa prática, que fazem parte da vasta literatura espírita existente. Dentre elas, destacamos as de Lignani (2000) e Rocha (2001; 2008), ambas na área de teoria e história literária, Gonçalves (2011), em análise do discurso, e a já referenciada Silva (2012a), na área de semiótica. Vale ressaltar a inexistência, até o momento, de estudos sobre a **psicografia como prática** (semiótica, social, significante) ou mesmo como modalidade de escrita.

Portanto, diante da lacuna existente acerca de um objeto de atestada importância sociocultural e editorial em nosso país, consideramos que o presente

⁶ Realizada em 2008, a partir da base eletrônica da CAPES, a pesquisa de Milani (2014), sobre o perfil da produção acadêmica brasileira com “temática espírita” (1989 a 2006), verificou que, dos 50 trabalhos de mestrado e doutorado realizados sobre o tema até o ano de 2006, 48% estavam vinculados a instituições de excelência, como USP (20%), PUC-SP (12%), UNESP (8%) e Universidade Federal de Uberlândia (8%). Tais pesquisas estavam vinculadas, em sua maior parte, a programas de pós-graduação nas áreas de História, Ciências da Religião, Educação e Antropologia, abordando temas como ações sociais (16%), obras psicografadas (16%) e princípios doutrinários (16%).

⁷ Com destaque para os departamentos de Psiquiatria da Universidade de São Paulo e da Universidade Federal de Juiz de Fora, nos quais, há vários anos, são realizados estudos sobre a temática “Saúde e espiritualidade”.

estudo se justifique em sua relevância e pertinência, especialmente pela compreensão que pretende lançar sobre uma prática que evidencia a diversidade cultural, linguística e linguageira de parte significativa da população brasileira.

*O **córp**us e os objetivos*

Por se tratar de uma das textualizações possíveis da prática psicográfica, optamos, neste estudo, por constituir o nosso **córp**us de pesquisa a partir de transcrições de relatos de experiência de 10 médiuns psicógrafos da cidade de Uberaba (MG). Esses relatos foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio, durante os meses de junho e julho de 2014, com médiuns participantes de centros espíritas uberabenses – homens e mulheres de perfis diversificados, na faixa etária entre 40 e 65 anos, com diferentes níveis de escolarização e trajetórias profissionais e pessoais, e cujos períodos de prática mediúnica contínua variavam entre 3 e 40 anos.

Em nossa pesquisa de campo, realizamos a coleta de 10 relatos, dos quais, inicialmente, pretendíamos selecionar entre 6 e 8 para compor o nosso **córp**us de pesquisa. No entanto, devido à qualidade do material coletado, que se constitui como uma amostragem representativa e de relativa heterogeneidade, empreendemos um esforço para englobá-lo em sua totalidade. Foi, portanto, da sua análise que pudemos depreender os elementos-chave necessários para atingir o nosso **objetivo geral**: caracterizar a psicografia como prática semiótica, delineando a sua hierarquia de níveis de pertinência com base em relatos de experiência de médiuns psicógrafos de Uberaba (MG).

Entre os nossos **objetivos específicos**, estão: (a) determinar a organização do ato mediúnico e da escrita mediúnica; (b) apreender as formas pelas quais se processa a constituição do actante e do ator-médium nos relatos de experiência mediúnica; (c) compreender os mecanismos enuncivos e enunciativos responsáveis pelos efeitos de sentido de verdade, e, portanto, pelo estabelecimento do contrato fiduciário nas narrativas; (d) estudar no **córp**us, a ocorrência de uma figuratividade “mediúnica” e do “além-vida”, que determina os percursos figurativos que recobrem os relatos em questão; e, por fim, (e) investigar as relações entre corpo e transmissão, a fim de compreender de que maneira a memória de uma prática pode ser constituída

e transmitida, de modo a assegurar a sua existência como configuração semiótica e cultural.

Metodologia e plano de tese

A fim de que atingíssemos os objetivos propostos para este estudo, tomamos por aporte teórico os pressupostos da Semiótica da Escola de Paris, preconizada por A. J. Greimas e seus colaboradores, mais conhecida como semiótica greimasiana. Ao ser fundada nos anos 1960 como um projeto voltado para o estudo da significação – não como um objetivo em si mesmo, mas com vistas à apreensão de seus processos, isto é, nos mecanismos que a engendram – a semiótica adota a dimensão do discurso – superior à da frase – como objeto, em uma perspectiva teórica que privilegia o sentido. É, aliás, na busca pela apreensão do sentido que reside uma das maiores contribuições da semiótica: o desenvolvimento de um aparato teórico e prático para a análise e descrição dos processos de construção de sentido do texto, partindo do seu plano do conteúdo – o percurso gerativo do sentido.

Dedicando-se, inicialmente, ao estudo do enunciado, a semiótica se constituiu a partir de uma rigorosa metalinguagem descritiva, refletindo a aspiração de se organizar como disciplina autônoma e capaz de empreender investigações que ultrapassassem as limitações da linguagem natural. Tomando o princípio de imanência como o caminho mais produtivo para lidar com o texto – “Fora do texto não há salvação!” (GREIMAS, 1974, p. 25) – Greimas estabeleceu as diretrizes que delinearão a semiótica do texto e do discurso como campo de investigação.

No entanto, como projeto em construção, a semiótica passou a integrar em seu bojo outras questões que, mais tarde, seriam incluídas em seu arcabouço teórico, em frequentes reelaborações e readequações, de modo a assegurar a sua coerência constitutiva. Timidamente explorada nos idos da década de 1970, a enunciação foi posteriormente reinserida no foco de interesses da semiótica discursiva, resultando em desenvolvimentos que ultrapassavam as preocupações com o texto verbal e pictórico.

Lançando-se, então, ao estudo de objetos não verbais de naturezas diversas e, desse modo, ampliando a gama de suas semióticas-objeto, a semiótica passou a buscar respostas para perguntas que, frequentemente, exigiam a observação dos

aspectos extratextuais envolvidos na construção da significação. O movimento de “sair do texto”, partindo dele, sem, no entanto, desconsiderar os seus planos de imanência, possibilitou aos estudos semióticos uma forma mais produtiva de abordar esses diferentes objetos de estudo (FONTANILLE, 2008a, p. 17).

Entre as propostas que buscam novas formas de tratamento para objetos semióticos complexos, está a formulação de Jacques Fontanille (2008b), que estabelece uma hierarquia de níveis de pertinência semiótica para o plano da expressão – complementar ao plano do conteúdo, já considerado pela semiótica *standard*. Fontanille postula, então, a existência de níveis de apreensão da expressão da experiência semiótica de um objeto, por meio de um percurso gerativo que vai dos **signos** às **formas de vida**, do mais simples ao mais complexo, como elaborações progressivas da experiência semiótica.

Cada um dos seis níveis – signos, textos-enunciados, objetos, cenas práticas, estratégias e formas de vida – pode ser convertido em um determinado tipo de semiótica-objeto e corresponde, por sua vez, a um plano de imanência específico, no qual significações de diversas ordens podem ser expressas. A hierarquia de níveis de pertinência nos possibilita, assim, observar como as propriedades de cada nível integram o nível seguinte, por esquematização progressiva, a partir da correlação entre suas instâncias formais e suas instâncias materiais e sensíveis, de modo a constituir a “substância da expressão” (FONTANILLE, 2008b, p. 35).

Diante de nosso objetivo geral de pesquisa – caracterizar a prática psicográfica com base em relatos de médiuns psicógrafos – vimo-nos questionados, em vários momentos de nosso percurso acadêmico, sobre a viabilidade de aplicação da proposta fontaniliana, sobretudo no que diz respeito à caracterização de uma prática semiótica a partir de textos. À objeção recorrente e justificada de que “quando se estuda uma prática semiótica através de textos, não se está estudando ‘diretamente’ a prática”, pudemos responder pela demonstração de que relatos de experiência, enquanto “textualizações” localizadas no nível dos textos-enunciados (e que, portanto, “tematizam” a prática), podem constituir um ponto de partida, em uma hierarquia de níveis de pertinência, permitindo o acesso aos seus níveis inferiores e superiores (pelo princípio de integração), e viabilizando, desse modo, a apreensão das práticas.

Uma vez que toda semiótica-objeto é manifestada por um plano de expressão, pressupondo, portanto, uma forma de textualização (independentemente de sua natureza visual, audiovisual, sonora, verbal) pela qual ela se torna perceptível e,

consequentemente, semioticamente apreensível, não há motivos para se afirmar que a escolha por se partir de textos-enunciados rumo ao nível das práticas seja menos válida do que analisar este nível “diretamente” – o que, por fim ainda exigiria uma textualização, mesmo que notacional, que desse conta de tornar “tangível” a sua forma de “enunciação em ato”.

Podemos concluir, desse modo, que qualquer manifestação constitui, em si mesma, uma textualização e que, portanto, pode prestar-se ao exercício da análise, sem que nos detenhamos em eventuais predileções ou, ainda, em especulações improdutivas. Considerando que as práticas – assim como toda semiótica-objeto –, na condição de macrossemióticas do mundo natural, são uma construção, o tratamento dado a elas envolve necessariamente a busca do analista por uma textualização (por ele construída ou reconstituída) que a manifeste, tornando-a visível e passível de ser apreendida, segmentada e analisada.

Em uma pesquisa como a que ora apresentamos, de natureza etnográfica, impregnada de “subjetividade”, enquanto efeito próprio de um cópupus constituído por “relatos de experiência de médiuns psicógrafos” – gênero que, por suas coerções textuais e discursivas, está longe de facilitar a busca pela “objetividade científica” – é preciso ressaltar o teor eufórico que atribuímos a essa particularidade, ainda que, em determinados momentos, tenha se posto quase como um oponente em nosso percurso.

Foi graças, justamente, à heterogeneidade enunciativa de nosso cópupus, à sua extensão e à sua subjetividade constitutiva que conseguimos traçar o percurso da prática psicográfica, nosso principal objetivo, nesta pesquisa, sem que, no entanto, deixássemos de lado a dimensão sensível do “corpo mediúnico”, cujo estatuto semiótico buscamos descrever, em meio às particularidades de um domínio até então inexplorado. Esse mesmo cópupus nos possibilitou, ainda, refletir sobre como a memória da prática psicográfica é constituída e transmitida, permitindo-nos entrever a sua dinâmica em estreita relação com as experiências da prática e da corporeidade.

Julgamos, portanto, que a escolha do nosso objeto não poderia ter sido mais apropriada, diante das questões que alimentaram esta investigação, desde o seu início. Como continuidade de um trajeto de pesquisa anterior, em que nos dedicamos ao estudo do éthos mediúnico e à prática da psicografia epistolar, pudemos, com satisfação, procurar ampliar e amadurecer nossas reflexões no presente estudo.

Este trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro, intitulado “Psicografia e mediunidade”, apresentamos um breve panorama sobre a história da psicografia e seu impacto editorial e sociocultural no contexto brasileiro; discutimos a relevância de seu estudo enquanto prática semiótica; detalhamos a metodologia utilizada para o tratamento do corpúsculo de pesquisa; apresentamos o modelo de fontaniliano para o estudo e a descrição dos gêneros, concebidos como combinações entre “tipos” textuais e discursivos; e, por fim, enfocamos as especificidades do gênero “relato de experiência”, sua configuração e as implicações de se descrever uma prática a partir de relatos.

No segundo capítulo, “A prática da psicografia”, abordamos a noção de práxis enunciativa, estabelecendo a sua articulação com o conceito de práticas semióticas; apresentamos a proposta fontaniliana para uma hierarquia de níveis de pertinência semiótica; abordamos as noções básicas à caracterização e à segmentação das práticas semióticas; descrevemos a configuração da prática psicográfica, em sua sintagmática – a qual envolve dois percursos canônicos, o do “ator-médium” e o do “ator-espírito” – e determinamos os ajustes e agenciamentos necessários à garantia da eficiência práxica, que determina a sua continuidade no universo cultural.

No terceiro capítulo, intitulado “Corpo e transmissão”, apresentamos a noção de “corpo-actante” em semiótica, explicitando a sua constituição e funcionamento; determinamos o estatuto semiótico do corpo-actante “mediúnico”, como instância perceptiva mediadora que se instaura no centro da semiose e, portanto, no centro da prática psicográfica; e estabelecemos a relação entre corpo e transmissão, noções que, articuladas à de práxis enunciativa, possibilitaram-nos compreender a dinâmica de constituição de uma memória corporal “mediúnica” e de uma “memória da prática”. Estas, vinculadas a uma “cultura bibliográfica”, constituem uma “tradição”, a partir da qual a prática psicográfica pode ser transmitida, enquanto configuração semiótica, de modo a assegurar a sua permanência e persistência na esfera da cultura.

Por último, em nossas “Considerações finais”, buscamos retomar as contribuições deste estudo para a compreensão da psicografia como prática semiótica, traçando um balanço dos desenvolvimentos teóricos e/ou analíticos apresentados e indicando possíveis desdobramentos da pesquisa realizada.

1 PSICOGRAFIA E MEDIUNIDADE

[...] o sagrado é o real por excelência, ao mesmo tempo poder, eficiência, fonte de vida e fecundidade. O desejo do homem religioso de viver no sagrado equivale, de fato, ao seu desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver num mundo real e eficiente – e não numa ilusão.

Eliade, em *O sagrado e o profano*.⁸

Entre a escrita e o sagrado, a transcendência

A busca por compreender a psicografia ou escrita mediúnica nos impele, necessariamente, a reconstruir o seu percurso histórico, como meio de a situarmos como uma prática significativa que se constitui e se redefine continuamente, no tempo e no espaço. Para isso, não basta que simplesmente retomemos o momento histórico em que essa modalidade de escrita passou a ser assim denominada ou reconhecida. O percurso da psicografia tem raízes mais profundas, remetendo-nos, inevitavelmente, às origens da escrita e da sua relação com o sagrado.

Surgida há cerca de 6000 anos, a escrita se organizou como uma tecnologia poderosa em torno da qual todas as sociedades modernas se estruturaram. Seus sistemas, como reflexos da atividade humana, se prestaram inicialmente à reprodução da fala, mas extrapolaram em muito tal finalidade, constituindo, segundo Fisher (2009, p. 10), “a suprema ferramenta do conhecimento humano (ciência), agente cultural da sociedade (literatura), meio de expressão democrática e informação popular (a imprensa) e uma forma de arte em si (caligrafia)”, entre outras inúmeras manifestações e propósitos da linguagem verbal escrita.

Continuamente readaptados, os sistemas de escrita, embora mais vagarosamente do que as línguas por eles transmitidas, modificaram-se ao longo do tempo, de acordo com as necessidades e as transformações da sociedade. É, aliás, à sua incrível adaptabilidade que se deve a sua permanência em meio às incontáveis

⁸ Eliade (2010a, p. 31-32).

modificações dos suportes, instrumentos e práticas a partir dos quais são produzidos. Da pedra às tabuletas de argila, do papiro ao pergaminho e do papel à tela dos computadores e suportes digitais, a escrita traçou a sua história junto às sociedades humanas carregando, consigo, o poder de desafiar o tempo. A sua importância a fez mais do que uma técnica, um campo de estudos, e, historicamente, um marco para a humanidade, que se divide entre antes e depois do seu surgimento.

Higounet (2014, p. 11) afirma que o percurso da escrita, de seus rudimentos ao nosso sistema alfabético, pode ser dividido, de modo geral, em três etapas: “escritas sintéticas, analíticas e fonéticas”⁹. Nas **escritas sintéticas**, como a pictográfica e a ideográfica, os sinais serviam para representar frases ou conceitos, ideias completas, num sistema de notação por imagens, a exemplo da escrita primitiva (pictográfica) e, mais recentemente, de modo aproximado, a escrita dos esquimós e índios da América do Norte, bem como a escrita antiga dos maias e astecas, na América Central (escritas ideográficas). Nas **escritas analíticas**, as frases puderam ser decompostas em palavras, de modo que cada sinal correspondesse a uma palavra, marcando o nascimento da escrita, propriamente dito, como no caso das escritas suméria, egípcia e chinesa. E, por fim, nas **escritas fonéticas**, atinge-se a notação de sons, isto é, dos elementos fonéticos que constituem as palavras, numa diferenciação entre consoantes e vogais que resultou, depois de muito tempo, no alfabeto consonantal fenício, a partir do qual todos os alfabetos se originaram, tais como os alfabetos grego e latino.

Em comum, todos os sistemas de escrita citados foram, em sua origem, em momentos e civilizações distintos, organizados a partir da relação do homem com o sagrado. Embora pudéssemos nos estender, diante do vasto repertório registrado pela história da escrita, citaremos aqui dois casos exemplares da importância do elo constitutivo entre escrita e sacralidade.

Estágio embrionário da escrita (HIGOUNET, 2014, p.12), a arte rupestre mostrava, sobre as paredes das grutas e cavernas, figuras mágicas representando animais atingidos por flechas, exprimindo o desejo do homem primitivo de exercer sua

⁹ Fischer (2009, p. 60) divide os sistemas de escrita em três tipos – “logográfico, silábico e alfabético” – e comenta que as classificações não são fixas e tampouco fáceis de serem aplicadas, uma vez que a maioria das escritas e sistemas de escrita apresenta empréstimos de outros sistemas, em vários níveis de elementos. Alguns dos critérios de classificação mais utilizados são: tipologia, genealogia, cronologia, geografia, entre outros.

ação sobre o mundo físico a partir de ritos propiciatórios, como forma de evocação. Segundo o arqueólogo australiano Gordon Childe (1941, p. 22, tradução nossa),

Com efeito, era tão importante essa arte mágica na concepção da sociedade do Paleolítico superior que os magos-artistas podem ter sido dispensados das exigidas tarefas de caça para se concentrarem em um ritual considerado mais produtivo; a eles seria atribuída uma parte dos produtos da caça em troca de uma participação puramente espiritual em suas dificuldades e perigos¹⁰.

Sampaio (2009, p. 31-32) relaciona ao caráter evocatório dessa escrita mágico-propiciatória as primeiras tentativas de contato do homem com uma dimensão espiritual:

Das estepes geladas da Sibéria aos desertos da África, da Ásia ou das Américas, quaisquer que sejam os lugares e os tipos de sociedades, os homens sempre procuraram entrar em contato com o mundo dos espíritos, em busca de socorro para as inúmeras dificuldades da vida cotidiana. Os xamãs intermediários entre esses mundos, viajavam em transe para outras dimensões, onde os aguardavam os animais-espíritos, por trás do véu das paredes rochosas.

Chamada de “palavras de deus” (*mdw-ntr*) pelos egípcios, a escrita hieroglífica era tida como um presente de Thoth, “o escriba dos deuses com cabeça de íbis, curandeiro, senhor de toda a sabedoria e patrono dos sábios” (FISCHER, 2009, p.35). A escrita egípcia, denominada *hierogluphiká* (“esculturas sagradas”) pelo grego Clemente de Alexandria, era principalmente executada por escribas e utilizada para fins grandiosos ou cerimoniais. Tido como o primeiro livro escrito, por volta de 1580 a 1085 a.C., *Saída para a Luz do Dia*, conhecido no Ocidente como *O livro dos Mortos do Antigo Egito*, é a mais célebre compilação de fórmulas criadas por sacerdotes com o objetivo de guiar o homem em sua última viagem – para o além, conforme a crença dos antigos egípcios –, dando-lhe acesso uma gama de conhecimentos mágicos que lhe serviriam de roteiro para “vencer os obstáculos em direção a uma vida tranquila no além”. Livros similares, chamados simplesmente de livros de “Saída para a luz/para

¹⁰ “In fact, so important was this magic art in the estimation of upper Paleolithic society that the artist-magicians may have been liberated from the exacting tasks of the chase to concentrate on the reputedly more productive ritual; they would be assigned a share in the proceeds of the hunt in return for a purely spiritual participation in its trials and dangers.”

o dia”, eram geralmente colocados junto ao corpo da múmia, de modo que a alma do morto pudesse recitar os capítulos de acordo com a indicação sacerdotal. De todo modo, a simples presença dos rolos de papiro ou de inscrições tumulares com as fórmulas eram consideradas suficientes para auxiliar o morto a “vencer as provas por que teria de passar para atingir a felicidade eterna” (SAMPAIO, 2009, p.36-37).

Outro exemplo digno de nota é a antiga escrita chinesa, datada de aproximadamente 1400 a.C., durante a fundação da Dinastia Shang, e que se organizou a partir de oráculos divinatórios gravados em omoplatas de bois e cascos de tartaruga (FISCHER, 2009, p.151).

Assim, da magia das primeiras inscrições rupestres aos livros fundadores das religiões do oriente e do ocidente, a sacralidade da escrita vem acompanhando o homem em sua peregrinação milenar, preservando um potencial inerente à própria linguagem – a transcendência. A busca pela compreensão da escrita psicográfica, aqui empreendida, nos leva a estudar um sentimento comum, uma aspiração tão antiga quanto o próprio homem: conectar-se com um poder julgado superior, transpor os limites do espaço e do tempo, reconstruir a face dos que se foram, obter direcionamento e atingir dimensões superiores de consciência espiritual.

Ao suplantar, desde os primórdios, a mera necessidade de representação factual de uma realidade observável, ou, ainda, do registro do já-visto e do já-vivido, a escrita possibilitou ao homem, com igual liberdade, a projeção de um porvir sobre o qual divindades ou seres imateriais poderiam, supostamente, agir, conferindo-lhe o poder de representar não somente o que existia ou existiu, mas o que poderia vir a existir, como projeção de suas crenças e valores. A transcendência nasce, assim, no cerne da própria linguagem. É, pois, precisamente entre a imanência e a transcendência que se assenta a escrita, como lugar privilegiado da criação. Nela nascem as “astúcias”, para usar o termo caro a Fiorin (2002), que rasgam o tempo e o espaço, projetam sujeitos, criam e recriam realidades completas e autônomas, estruturando, por fim, a linguagem, as práticas e os seus modos de permanência em sociedade.

1.1. Uma breve história da psicografia

1.1.1 A escrita do sagrado e a escrita psicográfica: distinções necessárias

Embora a psicografia tenha se notabilizado especialmente a partir de meados do século XIX, na Europa, é preciso salientar que a sua existência como prática de caráter “revelatório” nada tem de recente, tendo recebido diferentes designações ao longo da história. A tradição de escrita dos livros sagrados – a exemplo dos Vedas, da Bíblia e do Corão, apenas para citar as principais – teve como base de seus discursos fundadores o processo de “transmissão” ou de “revelação” de verdades alegadamente divinas ao homem, de forma direta ou inspirada.

A hagiografia católica relata a existência de um número significativo de casos envolvendo a comunicação com os mortos por meio da escrita. Segundo Tavares (1988), entre os seus principais nomes destacam-se os de Santa Brígida de Vadstena (1302-1373), de Madre Marie de la Croix (1840-1917) e de Sórora Josefa Menendez (1890-1923).

No primeiro caso, ocorrido durante a Idade Média, Santa Brígida da Suécia, como também é conhecida, teria atribuído a autoria de suas cartas a várias autoridades civis e religiosas, enviando-as inclusive ao Papa Clemente VI, contendo, segundo alegava, instruções do próprio Cristo. Escreveu também correspondências endereçadas aos reis da França e da Inglaterra, a fim de que cessassem a Guerra dos Cem Anos. Conforme relatava, a recepção das mensagens era feita por ditados ou, então, por visões do texto a ser escrito, que lhe aparecia claramente diante dos olhos. Apesar de ter se dedicado intensamente a essa forma de escrita durante toda a vida, suas cartas não foram consideradas pelas autoridades da época, mas colaboraram diretamente para a sua canonização pela Igreja, que a chamou, na ocasião, de “correio a serviço de um Grande Senhor” (TAVARES, 1988, p.99-100).

Já no século XIX, Madre Marie de la Croix, religiosa do convento agostiniano de Valognes, França, atribuiu a autoria de *Le Manuscrit du Purgatoire* (*O manuscrito do purgatório*) à Irmã Marie-Gabrielle, falecida em 1871, e que, três anos mais tarde, teria se revelado a ela em uma aparição, tendo narrado todos os tormentos do purgatório. Com o *imprimatur* da Igreja, a obra recebeu o parecer de teólogos renomados, R. Con. Paul Contier e R. Con. Dubosq, que, segundo o Monsenhor Ascânio Brandão, tradutor do livro para o português, “[...] deram o seu parecer de que o Manuscrito tinha o selo de uma perfeita autenticidade e, por conseguinte, tinha pleno valor, quer quanto à autenticidade, quer quanto à sua origem” (BRANDÃO, 1953, p. 21).

No início do século XX, Sórora Josefa Menendez, religiosa de origem espanhola e coadjutora da Société du Sacré Cœur de Jesus, de Poitiers, França, escreveu um livro que alegava ter sido ditado pelos espíritos de Jesus, de São João Evangelista e de Santa Madalena Sofia, intitulado *Apelo ao amor*. A obra recebeu o *imprimatur* do Papa Pio XII, quando ainda cardeal (TAVARES, 1988, p.105; 127), e até hoje circula entre os fiéis com um relato dos diálogos que a religiosa teria tido com os santos e com Jesus Cristo.

A partir desses exemplos, podemos ter uma ideia de que maneira a escrita atribuída aos espíritos foi considerada e, por vezes, apropriada pela Igreja, a fim de reforçar a crença nos sofrimentos purgatoriais ou na comunicabilidade entre as almas dos santos e os homens, reafirmando os dogmas católicos. À exceção dessas finalidades – propósitos evidentemente úteis ao dogmatismo religioso –, é importante ressaltar que a escrita mediúmica, bem como quaisquer formas de comunicação com os espíritos, eram veementemente combatidas, apesar de reconhecidas como possíveis pela Igreja.

Mesmo tendo sido condenadas em várias passagens da Bíblia, as práticas de evocação dos mortos acompanham a humanidade desde tempos remotos, de modo que o advento do espiritismo não representou, sob esse ponto de vista, uma verdadeira revolução. A esse respeito, comenta Priore (2014, p.41):

E a comunicação denominada “espiritismo” teria nascido nos Estados Unidos, em 1948, ou na França, em 1857, com Allan Kardec? Deveríamos creditar às irmãs Fox e a Kardec o seu nascimento? Não. A Bíblia apresenta várias passagens contra a necromancia. E, na época de Tertuliano, um dos primeiros grandes autores do cristianismo, por volta do ano 200 d.C., já havia registro de “mesas volantes”. O espiritismo sempre existiu. Mas o surgimento da palavra, da doutrina e do movimento nos países ocidentais exige que se pense em dois espiritismos: o antigo e o moderno, com mediações e elementos de continuidade entre um e outro.

Após esse brevíssimo panorama da história das ideias religiosas acerca das relações entre escrita e sacralidade, ousamos, desde já, estabelecer uma necessária distinção entre o que chamamos de **escrita do sagrado**, de modo amplo, e de **escrita psicográfica**, de modo estrito. Enquanto a primeira reside na fundamentação das religiões, na condição de ato estruturante ou fundador de seus sistemas de crença – ao qual não se costuma retornar, uma vez que pretende emanar de um ser divino e superior e cuja revelação deve ser, portanto, protegida de toda profanação –, a

segunda desempenha um duplo papel: fundamenta o próprio sistema e se posiciona, simultaneamente, como prática reguladora, de natureza dialética, que visa à estruturação e à renovação contínua do seu conjunto de valores, crenças e ritos. Seu sistema de crenças é passível de questionamento, uma vez que não é uma revelação proveniente de divindades, mas de espíritos dos mortos, cuja falibilidade faz com que suas ideias estejam sujeitas ao questionamento, à reformulação e à correção.

Essa distinção elementar será retomada com maior profundidade no capítulo 2 desta tese, em que trataremos da psicografia como prática semiótica. Passemos, então, à história da psicografia propriamente dita.

1.1.2 Kardec e a escrita dos espíritos

Em meio à influência do positivismo e do cientificismo, heranças do racionalismo iluminista, surge na Europa, em meados do século XIX, uma tendência aparentemente contrária a essas correntes: o recrudescimento de ideias espiritualistas, facilitado pela chegada de uma moda nascida nos Estados Unidos. Parte de um movimento a que se chamou “espiritualismo”¹¹, a febre das “mesas girantes” ou “falantes” introduziu-se na Europa, segundo Priore (2014, p. 37) com a chegada de imigrantes americanos à Inglaterra, que levavam consigo as primeiras mesas utilizadas para estabelecer a comunicação com o além.

Os “médiums”¹², como os americanos chamavam àqueles a quem se atribuía o dom de propiciar o fenômeno, e suas exibições sobrenaturais, espalharam-se pela Europa, chegando em pouco tempo à França e gerando uma enorme excitação em torno da possibilidade de contato com os mortos:

¹¹ O espiritualismo americano tomou corpo a partir de um caso notório, ocorrido em 1848, envolvendo duas adolescentes de família protestante de Hydesville, estado de Nova York, e que alegavam se comunicar por meio de batidas na parede com o espírito de um homem assassinado pelos antigos moradores da casa em que habitavam. A fim de se comunicarem com maior efetividade, as jovens convencionaram um alfabeto por pancadas por meio do qual puderam se comunicar com maior precisão com o “além”. Essa mesma técnica passou a ser utilizada para a comunicação por mesas chamadas “girantes”, “volantes” ou “falantes”.

¹² Médium, do latim, *medius, a, um*, “que está no meio, intermediário”; pelo inglês, *medium*, “intermediário, pessoa que intermedeia a comunicação com os espíritos”. Termo datado de 1881, cujas acepções são: “1. segundo o espiritismo, pessoa capaz de se comunicar com os espíritos”; “2. pessoa detentora de dons que supostamente lhe permitem conhecer coisas, dados, ocorrências etc. por meios sobrenaturais” (HOUAISS, 2009).

Mesas de vários tipos e tamanhos (de preferência pequenas) levantavam um pé, movimentavam-se subindo, dançando; ditavam mensagens; compunham música; pairavam no ar, sem qualquer apoio. Eram as chamadas “mesas girantes” (*tables-moving, tischrüken, tables mouvantes, tables tournantes*), que invadiram vários países (Estados Unidos, onde foram precedidas pelo conhecido “episódio de Hydesville”, Canadá, França, Alemanha, Itália, Inglaterra, Brasil...) (BARBOSA, 2002).

Entre os principais motivos aos quais se deveu a sua rápida disseminação, Priore (2014, p. 43) comenta que

[...] A prática da “mesa volante” era simples. Sua objetividade e seu caráter “divertido”, pedagógico, gratuito e adaptado aos espaços domésticos fizeram-na virar moda. Até o órgão oficial do Vaticano, o periódico *La Civiltà Cattolica*, se curvou: “Fazer moverem-se as mesas pela imposição das mãos é a única preocupação do momento”.

Foi assim, diante de fartas demonstrações dessa prática que à época se alastrava pelos salões, saraus e reuniões familiares parisienses, que o professor Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869) se sentiu desafiado a compreender os mecanismos da fenomenologia das **mesas girantes** (*tables mouvantes / tournantes*) ou **falantes** (*parlantes*). Sob o pseudônimo de Allan Kardec, lançou-se à observação, à descrição e à análise de manifestações mediúnicas diversas, das quais a psicografia – a “escrita dos Espíritos pela mão de um médium” (KARDEC, 2013d [1861], 410), como ele definia – era a principal, por todas as vantagens que oferecia:

[...] de todos os meios de comunicação, a escrita manual é **o mais simples, mais cômodo e, sobretudo, mais completo**¹³. Para ele devem tender todos os esforços, porquanto permite se estabeleçam, com os Espíritos, relações tão continuadas e regulares como as que existem entre nós. Com tanto mais afincado deve ser empregado, quanto é por ele que os Espíritos revelam melhor sua natureza e o grau do seu aperfeiçoamento ou da sua inferioridade. Pela facilidade que encontram em exprimir-se por esse meio, eles nos revelam seus mais íntimos pensamentos e nos facultam julgá-los e apreciar-lhes o valor. Para o médium, a faculdade de escrever é, além disso, **a mais suscetível de desenvolver-se pelo exercício** (KARDEC, 2013d [1861], p. 169).

¹³ Grifo nosso. Vale destacar que são nossos os trechos ou palavras negritadas, daqui por diante, nos textos de Kardec.

Ao sujeito que a executava, Kardec chamou “psicógrafo” ou, simplesmente, “médium escrevente”. O termo “médium”, em francês, foi definido por Kardec, em seu “Vocabulário Espírita” d’*O Livro dos Médiuns* (2013d [1861], p. 410): “Médium (do latim *medium*, meio, intermediário) – pessoa que pode servir de intermediária entre os Espíritos e os homens”. Com maior detalhamento, discorre:

[..] **todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium.** Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva (KARDEC, 2013d [1861], p. 171).

Kardec destacava ainda que, muito embora a mediunidade fosse uma faculdade natural do ser humano, ela não se manifestaria da mesma maneira em todos. O que mudaria, nesse caso, seriam as aptidões de cada médium, que teriam características distintivas, como complementa:

[...] Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos desta ou daquela ordem, donde resulta que formam tantas variedades quantas são as espécies de manifestações. As principais são: *a dos médiuns de efeitos físicos; a dos médiuns sensitivos, ou impressionáveis; a dos audientes; a dos videntes; a dos sonambúlicos; a dos curadores; a dos pneumatógrafos; a dos escreventes ou psicógrafos* (2013d [1861], p. 171).

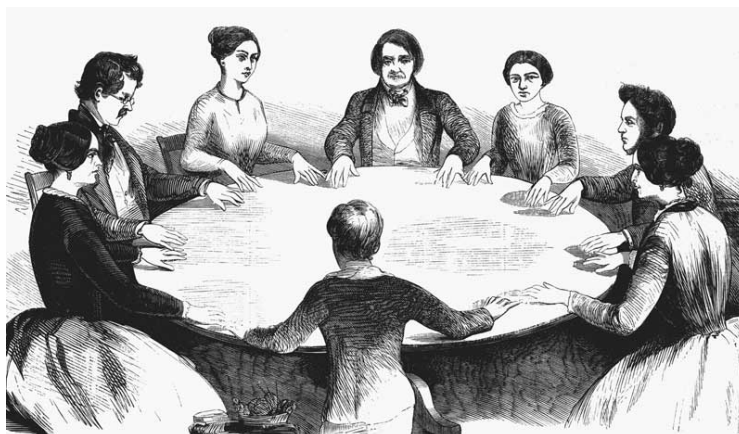
Tanto essa classificação quanto o conjunto de princípios filosóficos, morais e religiosos que Kardec estabeleceu tiveram como raiz comum os fenômenos das mesas girantes – seu primeiro laboratório de observações metafísicas –, resultando, mais tarde, na doutrina espírita.

Em *O Livro dos Médiuns* (1861), assim como em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (2013b [1864])¹⁴, principalmente, Kardec descreve a trajetória que o espiritismo percorreu das primeiras manifestações, consideradas “frívolas”, até a rotina sistematizada de consulta aos médiuns, que mais tarde e que resultou na “codificação” espírita.

¹⁴ Originalmente intitulado *Imitação do Evangelho*.

Segundo relata, as reuniões eram realizadas em torno de uma mesa (Figura 1) e com número variável de integrantes – condicionado à dimensão da mesa, preferencialmente pequena –, serviam a propósitos frívolos, mais frequentemente, como mera distração provocada pelos movimentos de batida executados pelos pés da mesa, diante de questões feitas pelos participantes, que deviam manter as mãos repousadas sobre o móvel, segundo convencionava-se, sem imprimir a ele qualquer movimento. As respostas normalmente restringiam-se a “sim” e “não”, de acordo com o número de batidas estabelecido como código entre os integrantes (uma batida para sim e duas para não, por exemplo). Por muito tempo, a brincadeira de salão não foi atribuída aos espíritos ou aos “mortos”, até que os códigos tivessem se complexificado o suficiente para permitir respostas mais acuradas, com a identificação das suas fontes.

Figura 1: Reunião em torno de uma “mesa girante”.
Ilustração anônima produzida em meados do século XIX.



Fonte: Prandi, 2012, p. 30.

Vista, até então, como uma brincadeira, simples modismo jocosamente descrito pelos jornais franceses (Figura 2), as mesas girantes foram tomadas por Kardec com descrença e mesmo desdém, face aos relatos que circulavam nas ruas e nos impressos. Kardec era, antes de qualquer coisa, um cético. Professor renomado, discípulo de Pestalozzi e membro de mais de 20 sociedades científicas, à época, o estudioso de ilibada reputação não se deixou convencer da natureza “sobrenatural” das mesas sem antes observar e registrar o estranho “fenômeno” durante muitos meses e seguidos testes, desde a noite de 18 de maio de 1855, em uma *séance* promovida na casa da Sra. De Plainemaison (SOUTO MAIOR, 2013).

Figura 2: As “mesas escreventes”. Série de humor publicada no jornal francês *L'Illustration*, em julho de 1854



Fonte: Wantuil, 1958, p. 45.

Em *O Livro dos Espíritos*, Kardec (2013d [1857]) relata as manifestações “inteligentes” que presenciou nessas sessões de mesas girantes, estabelecendo uma sequência de desenvolvimento do método de comunicação que, mais tarde, redundou na simplificação e na aceleração do processo, por meio de cestas e pranchetas:

As primeiras manifestações inteligentes se produziram por meio de **mesas** que se levantavam e, com um dos pés, davam certo número de **pancadas**, **respondendo** desse modo — **sim**, ou — **não**, conforme fora convenicionado, a uma pergunta feita. Até aí nada de convincente havia para os cépticos, porquanto bem podiam crer que tudo fosse obra do acaso. Obtiveram-se depois **respostas mais desenvolvidas** com o **auxílio das letras do alfabeto: dando o móvel um número de pancadas correspondente ao número de ordem de cada letra**¹⁵, chegava-se a formar **palavras e frases** que respondiam às questões propostas. A **precisão** das respostas e a **correlação** que denotavam com as perguntas causaram espanto. O **ser** misterioso que assim respondia, interrogado sobre a sua natureza, declarou que era *Espírito* ou *Gênio*, declinou um nome e prestou diversas informações a seu respeito. Há aqui uma circunstância muito importante, que se deve assinalar. É que ninguém imaginou os Espíritos como meio de explicar o fenômeno; foi **o próprio fenômeno** que **revelou** a palavra. [...] Tal meio de correspondência era, porém,

¹⁵ A esse fenômeno Kardec chamou de “tipologia alfabética”.

demorado e incômodo. **O Espírito** (e isto constitui nova circunstância digna de nota) **indicou** outro. Foi um desses seres invisíveis quem **aconselhou a adaptação de um lápis a uma cesta ou a outro objeto**. Colocada em cima de uma folha de papel, **a cesta é posta em movimento pela mesma potência oculta que move as mesas**; mas, em vez de um simples movimento regular, **o lápis traça por si mesmo caracteres formando palavras, frases, dissertações de muitas páginas sobre as mais altas questões de filosofia, de moral, de metafísica, de psicologia, etc., e com tanta rapidez quanta se se escrevesse com a mão**. O conselho foi dado simultaneamente na América, na França e em diversos outros países. Eis em que termos o deram em Paris, a 10 de junho de 1853 [...]: “vai buscar, no aposento ao lado, **a cestinha**; amarra-lhe um lápis; coloca-a sobre o papel; **põe-lhe os teus dedos sobre a borda**.” Alguns instantes após, **a cesta entrou a mover-se e o lápis escreveu**, muito legível, esta frase: “Proíbo expressamente que transmitas a quem quer que seja o que acabo de dizer. Da primeira vez que escrever, escreverei melhor.” O objeto a que se adapta o lápis, não passando de mero instrumento, completamente indiferentes são a natureza e a forma que tenha. Daí o haver-se procurado dar-lhe a disposição mais cômoda. Assim é que muita gente se serve de uma prancheta pequena. A **cesta ou a prancheta** só podem ser postas em movimento debaixo da **influência de certas pessoas**, dotadas, para isso, de um poder especial, as quais se designam pelo nome de **médiuns**, isto é — **meios** ou **intermediários** entre os Espíritos e os homens (KARDEC, 2013d [1861], p. 20-21).

Sobre a ironia com que o assunto era tratado pela imprensa francesa, Kardec comenta, em *O livro dos médiuns* que

Nos primeiros tempos das manifestações, quando ainda ninguém tinha sobre o assunto ideias exatas, muitos escritos foram publicados com este título: **Comunicações de uma mesa, de uma cesta, de uma prancheta**, etc. [...] Efetivamente [...], pranchetas e cestas não são mais do que **instrumentos ininteligentes**, embora animados, por instantes, de uma vida fictícia, que **nada podem comunicar por si mesmos**. Dizer o contrário é **tomar o efeito pela causa, o instrumento pelo princípio** (KARDEC, 2013d [1861], p. 170).

Para Kardec, guiado pela lógica positivista que tanto o caracterizava, um fenômeno inteligente só poderia resultar de uma causa igualmente inteligente. Foi à busca de uma explicação para esses fenômenos que pareciam fugir às hipóteses materialistas que Rivail dirigiu os seus esforços ao longo de seus últimos 14 anos de vida.

1.1.3 Das cestas e pranchetas à mão do médium: a classificação kardequiana

Tanto em relação à prática quanto aos objetos de que se serve para a sua execução, a psicografia sofreu modificações significativas desde os seus primeiros registros até os nossos dias. Inicialmente realizada por meio de “cestas de bico” (*corbeilles*) e pranchetas nas quais se podia prender um lápis, a psicografia passou, pouco tempo depois, a ser executada unicamente com o auxílio da mão de um “médium” – ou intermediário –, que empunhava diretamente o lápis na transmissão de supostas “mensagens do além”.

A adoção de um método de escrita indireto, com a utilização de cestas e pranchetas foi feita, conforme descrito por Kardec (2013d [1861], p. 20-22), por meio da instrução do próprio “espírito” que se comunicava através de batidas de uma mesa, durante uma sessão. Nesse momento, percebeu-se que o fenômeno continuaria a ocorrer, a despeito do objeto de inscrição de que se fizesse uso. E, mais do que isso, que cestas ou pranchetas seriam tão somente “apêndices” da mão do médium – este sim, imprescindível para a realização da prática: “A **cesta ou a prancheta** só podem ser postas em movimento debaixo da **influência de certas pessoas**, dotadas... de um poder especial, as quais se designam pelo nome de **médiuns...**” (KARDEC, 2013d [1857], p. 21) –, de modo que, ao abandoná-los, o médium poderia escrever com maior facilidade, agilidade e eficiência:

Reconheceu-se mais tarde que a **cesta** e a **prancheta** não eram, realmente, mais do que um **apêndice da mão**; e **o médium, tomando diretamente do lápis**, se pôs a escrever por um **impulso involuntário** e quase febril. Dessa maneira, as comunicações se tornaram **mais rápidas, mais fáceis e mais completas. Hoje é esse o meio geralmente empregado** e com tanto mais razão quanto **o número das pessoas dotadas dessa aptidão é muito considerável e cresce todos os dias [...]** (KARDEC, 2013d [1857], p. 21).

Assim, Kardec concluiu que a retirada dos objetos que serviam de suporte para o lápis em nada afetava a execução da escrita, que manualmente podia ser feita em condições até mesmo mais favoráveis à difusão da prática (“o número das pessoas dotadas dessa aptidão é muito considerável e cresce todos os dias”), devido à praticidade do método empregado. Os diferentes métodos de comunicação utilizados

tratavam-se, em linhas gerais, de um mesmo fenômeno inteligente, diferenciando-se em suas formas e seus usos, mas igualando-se em relação ao que Kardec chamou de “modos de obtenção”:

Conhecemos alguém que, em vez da cesta-pião, que acima descrevemos, se servia de um funil, em cujo gargalo introduzia o lápis. Ter-se-ia então podido receber comunicações de um funil, do mesmo modo que de uma caçarola ou de uma saladeira. Se elas são obtidas por meio de pancadas com uma cadeira ou uma bengala, já não há uma mesa falante, mas uma cadeira ou uma bengala falantes. O que importa se conheça não é a natureza do instrumento, e **sim o modo de obtenção**¹⁶. Se a comunicação vem por meio da escrita, qualquer que seja o aparelho que sustente o lápis, o que há, para nós, é psicografia; tiptologia, se por meio de pancadas. Tomando o Espiritismo as proporções de uma ciência, indispensável se lhe torna uma linguagem científica (KARDEC, 2013d [1861], p. 170).

Os “modos de obtenção”, aos quais se referiu Kardec, consistem, simplesmente, em formas de saída (*output*) ou canais pelos quais a faculdade mediúnica exteriorizaria o conteúdo de uma comunicação. Todas as formas de obtenção **escrita** foram classificadas, portanto, como **psicografia**. Entretanto, a sistematização kardequiana previu outras formas de diferenciação.

Em *O livro dos médiuns*, Kardec (2013d [1861]) estabelece uma distinção fundamental a partir dos métodos de execução da psicografia, baseando-se na utilização ou não de instrumentos como suporte para o lápis. À escrita realizada com o uso de suportes, tais como pranchetas (Fig.3) ou cestas (Fig. 4) munidos de um lápis, Kardec chama de “psicografia indireta”. Àquela realizada apenas com o emprego da mão do médium na empunhadura do lápis (Figuras 5 e 6), denomina “psicografia direta ou manual”.

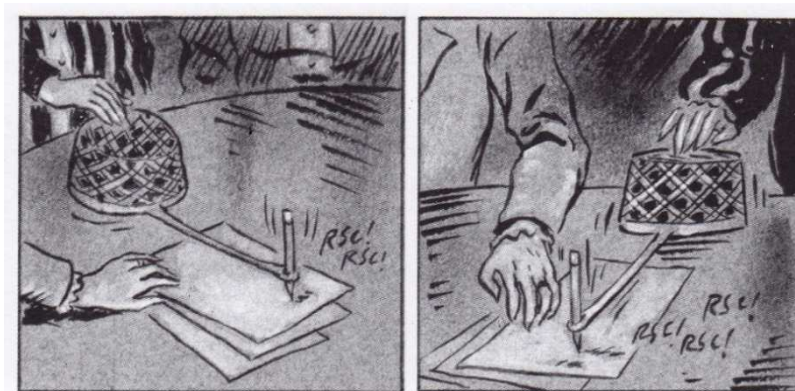
¹⁶ Grifo nosso.

Figura 3: Prancheta (*planchette*)



Fonte: <http://www.guia.heu.nom.br/psicografia_indireta.htm>

Figura 4: Cesta de bico (*corbeille à bec*)



Fonte: Ferreira; Rosa, 2011 p. 85.

É interessante destacar que Kardec distingue os processos de escrita por meio de pranchetas e cestas não somente pelo objeto empregado, mas também pelo grau de isenção de que seria dotado o texto produzido por psicografia indireta:

O Sr. Baudin me convidou para assistir às sessões semanais que se realizavam em sua casa e às quais me tornei desde logo muito assíduo. Eram bastante numerosas essas reuniões; além dos frequentadores habituais, admitiam-se todos os que solicitavam permissão para assistir a elas. Os médiuns eram as duas senhoritas Baudin, que escreviam numa ardósia com o auxílio de uma cesta, chamada **pião** e que se encontra descrita em *O Livro dos Médiuns*. **Esse processo, que exige o concurso de duas pessoas, exclui toda possibilidade de intromissão das ideias do médium**. Aí, tive ensejo de ver comunicações contínuas e respostas a perguntas

formuladas, algumas vezes, até, a perguntas mentais, que acusavam, de modo evidente, a intervenção de uma inteligência estranha (KARDEC, 2005, p. 326).

Com qualquer desses **aparelhos** [pranchas e cestas munidas de lápis], **quase sempre é preciso que os operadores sejam dois**; mas, **não é necessário que ambos sejam dotados de faculdades mediúnicas**. Um serve unicamente para manter o equilíbrio e poupar ao médium excesso de fadiga (KARDEC, 2013d [1861], p. 169).

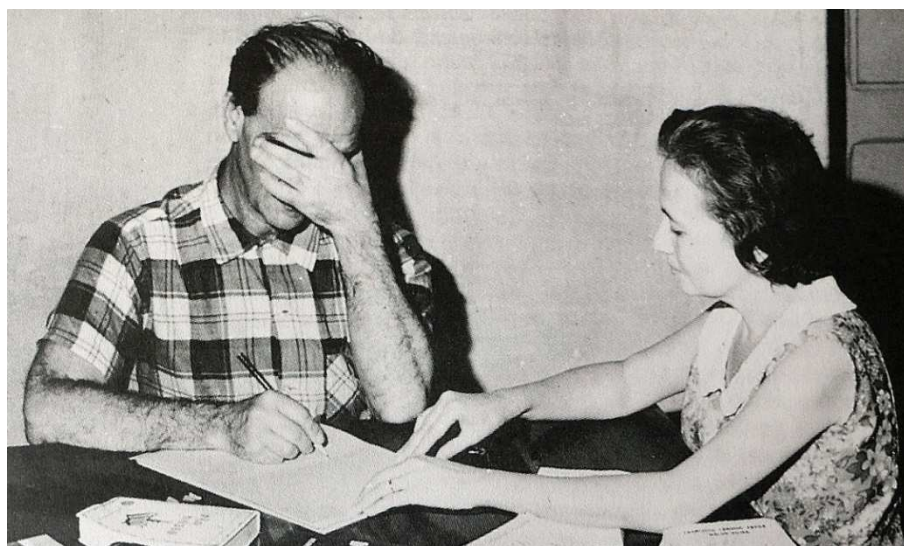
O que Kardec descreve como “isenção” ou “neutralidade” resultantes da ação de dois médiuns na execução da escrita indireta, como meros “apoios” – uma vez que simplesmente “encostam” as pontas dos dedos sobre os instrumentos –, repercute para além de uma mera nomenclatura distintiva, resultando, sobretudo, em uma **estratégia de forte teor veridictório**, contratualmente manifesta no nível discursivo. Essa estratégia gera, por conseguinte, **efeitos de sentido** de “**autenticidade**”, “**verdade**” e “**realidade**” que se mostram decisivos no estabelecimento e na adesão do contrato fiduciário entre enunciador e enunciatário, em nível discursivo – ou entre “operador” e “observador”, sob o ponto de vista actancial, resultando na modificação dos investimentos modais (de um **não-crer** para um **crer**).

Figura 5: Psicografia direta ou manual (Detalhe)



Fonte: Xavier; Lemos Neto, 2010. p. 59.

Figura 6: Exercício da psicografia manual.
Chico Xavier durante a psicografia de “cartas consoladoras”



Fonte: Xavier; Lemos Neto, 2010. p. 211.

A psicografia como exercício da mediunidade teria, segundo Kardec (2013d [1861], p. 167), “a vantagem de **assinalar, de modo mais material, a intervenção de uma força oculta** e de **deixar traços que se podem conservar**, como fazemos com a nossa correspondência”. Desse modo, por sua capacidade de registro das comunicações atribuídas ao “além”, de um modo geral, ou presumidamente a um “morto”, de modo específico, a psicografia desempenha um papel determinante na constituição e legitimação do espiritismo como doutrina, uma vez que o “registro material” da escrita colabora diretamente para um **fortalecimento da fidúcia** (entendida como relação de confiança), na geração de efeitos de “verdade” dos quais depende a eficácia do contrato veridictório.

Para o processo de escrita direta ou manual, Allan Kardec estabelece uma tipologia cuja variedade se baseia em um critério que ele denomina “modo de execução”. Diferentemente dos “modos de obtenção”, que se referem ao “canal” ou tipo de faculdade mediúnica, os modos de execução são classificações baseadas nos diferentes “graus de consciência” atingidos pelo médium durante o processo de transe mediúnico.

De acordo com a tipologia kardequiana, os médiuns psicógrafos ou escreventes se dividem em: 1) Mecânicos; 2) Semimecânicos; 3) Intuitivos e 4) Inspirados.

Os **médiuns mecânicos** são aqueles nos quais o espírito comunicante atua diretamente sobre a mão do médium, de modo a imprimir-lhe movimentos completamente involuntários:

Quando **atua diretamente sobre a mão**, o Espírito lhe dá uma **impulsão** de todo **independente da vontade** deste último. Ela se move sem interrupção e sem embargo do médium, enquanto o Espírito tem alguma coisa que dizer, e para, assim ele acaba. Nesta circunstância, o que caracteriza o fenômeno é que o médium **não tem a menor consciência** do que escreve. Quando se dá, no caso, a **inconsciência absoluta**; têm-se os médiuns chamados *passivos* ou *mecânicos*. É **preciosa** esta faculdade, por **não permitir dúvida alguma** sobre a **independência do pensamento daquele que escreve** (KARDEC, 2013d [1861], p. 186).

Os **médiuns semimecânicos** são os que, simultaneamente ao impulso recebido para a escrita, mantém a consciência do que escreve, conforme esclarece Kardec (2013d [1861], p. 187).

No médium puramente mecânico, o movimento da mão independe da vontade; no médium intuitivo, o movimento é voluntário e facultativo. O médium semimecânico participa de ambos esses gêneros. **Sente que à sua mão uma impulsão é dada, mau grado seu, mas, ao mesmo tempo, tem consciência do que escreve, à medida que as palavras se formam.** No primeiro o pensamento vem depois do ato da escrita; no segundo, precede-o; no terceiro, acompanha-o. Estes últimos médiuns são os mais numerosos.

Os **médiuns intuitivos** são definidos por Kardec (2013d [1861], p. 186) como aqueles sobre os quais o espírito comunicante agiria diretamente sobre a alma que, por sua vez, voluntariamente, dirigiria a mão, produzindo a escrita intuitiva:

O Espírito livre, neste caso, não atua sobre a mão, para fazê-la escrever; não a toma, não a guia. **Atua sobre a alma**, com a qual se identifica. **A alma, sob esse impulso, dirige a mão e esta dirige o lápis.** Notemos aqui uma coisa importante: é que o Espírito livre não se substitui à alma, visto que não a pode deslocar. Domina-a, mau grado seu, e **lhe imprime a sua vontade**. Em tal circunstância, o papel da alma não é o de inteira passividade; ela **recebe o pensamento** do Espírito livre e **o transmite**. Nessa situação, **o médium tem consciência do que escreve, embora não exprima o seu próprio pensamento.** É o que se chama *médium intuitivo*.

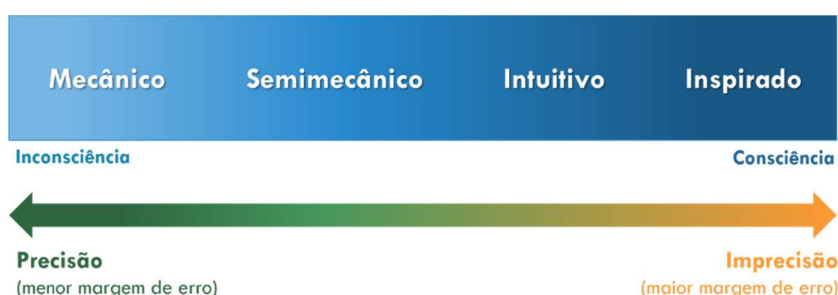
Por fim, os **médiuns inspirados** caracterizam-se como aqueles que são suscetíveis de receberem as comunicações dos espíritos por meio da “inspiração” ou

sugestão de suas ideias, independentemente do seu estado de consciência, como descreve Kardec:

Todo aquele que, tanto no estado normal, como no de êxtase, **recebe, pelo pensamento, comunicações estranhas às suas ideias preconcebidas**, pode ser incluído na categoria dos médiuns inspirados. Estes, como se vê, formam uma variedade da mediunidade intuitiva, com a diferença de que **a intervenção** de uma força oculta é aí **muito menos sensível**, por isso que, ao inspirado, ainda é **mais difícil distinguir o pensamento próprio do que lhe é sugerido**. A **espontaneidade** é o que, sobretudo, caracteriza o pensamento deste último gênero (KARDEC, 2013d [1861], p. 187).

A tipologia estabelecida por Allan Kardec nos apresenta, pois, uma escala de graus de consciência, que vai do mais inconsciente (médium mecânico) ao mais consciente (médium inspirado). Paralelamente a essa escala, podemos inferir, de acordo com a descrição de Kardec, diferentes valorações que nos permitem relacionar cada grau a níveis maiores ou menores de precisão (menor margem de erro para informações apontadas com “anômalas” ou desconhecidas pelo médium, por exemplo) ou imprecisão (maior margem de erro e poucas informações “anômalas” ou de desconhecimento do médium). Na figura 7, podemos observar as gradações dessas escalas:

Figura 7 – Graus de consciência X Precisão/ “autenticidade” na escrita psicográfica, de acordo com a nomenclatura kardequiana



Nos relatos de experiência a partir dos quais constituímos o nosso corpus de pesquisa, foi possível constatar que o funcionamento dessa tipologia não ocorre, absolutamente, de forma estanque, sendo comum que um mesmo médium apresente oscilações entre os graus de consciência, a depender da “sintonia” que, presumidamente, estabeleceria com cada “comunicante”. A fluidez dessa

classificação – didaticamente descrita pelo pedagogo Rivail – é demonstrada pelos limites tênues que os informantes apontam como sendo característicos da própria prática mediúnica¹⁷:

M1 [12:32]: [...] sinto o braço meio anestesiado com a impulsão involuntária e ao mesmo tempo em que a gente ouve esse pensamento do espírito... o braço... né... já coloca essas ideias no papel... então isso Kardec chamou de mediunidade **semimecânica... algumas vezes eu não sinto impulso no braço... só ouço o pensamento do espírito e escrevo pela minha própria vontade... aí prepondera assim o mecanismo da **intuição**... da mediunidade... psicografia intuitiva... mas em ambos o que acontece é isso... uma **profunda concentração**...**

Nesse excerto, assim como na maioria dos relatos que compõem o nosso cópula, pudemos notar que os médiuns costumam referir-se espontaneamente aos critérios descritos por Kardec para a classificação dos graus de consciência (ou de transe), como parte de um movimento de reconvocação dos valores axiológicos do espiritismo, pela dinâmica da **práxis enunciativa**. É justamente sobre essa dinâmica de constituição de uma “memória” da prática psicográfica e de sua **transmissão** que nos debruçaremos no terceiro capítulo. Retomaremos a classificação kardequiana, ora descrita, nos capítulos 2 e 3 deste trabalho, redimensionando-a de dois modos: enquanto coerção de ordem “estratégica” que incide sobre a “programação” da prática semiótica; e em relação ao estatuto do “corpo mediúnico” – concebido como corpo-actante, instância geradora de esquemas reguladores dos atos –, especialmente pelos subsídios que nos oferece para a compreensão dos sentidos produzidos no ato mediúnico.

1.2 O impacto editorial e sociocultural da psicografia no Brasil

Introduzido no Brasil há cerca de 150 anos, pouco depois do seu surgimento, na França, o espiritismo teve como seus primeiros divulgadores os imigrantes, cujo acesso aos jornais europeus fez com que a moda parisiense das mesas-girantes despertasse o interesse das elites e da classe média urbana da época (STOLL, 2003,

¹⁷ Os trechos dos relatos referentes à “percepção” do “grau de transe”, pelos médiuns informantes, encontram-se detalhados e analisados no capítulo 3, “Corpo e transmissão”.

p. 49). O jogo de salão teria se resumido à mera banalidade se não trouxesse consigo uma promessa instigante: a possibilidade de se comunicar com o insondável mundo dos mortos.

Esse interesse inicial pelo contato com o além motivou a fundação dos primeiros grupos espíritas brasileiros – no Rio de Janeiro, em 1865, e em Salvador, em 1873. É dessa época a publicação do primeiro livro espírita editado no Brasil, escrito em francês e de autoria de Casimir Lieutaud, datado de 1860 (STOLL, 2003, p. 50), e a primeira tradução para a língua portuguesa, *Filosofia Espiritualista*, de 1865, realizada pelo professor e jornalista baiano Luiz Olímpio Teles de Menezes. Os primeiros periódicos brasileiros foram o jornal intitulado *O Écho D'além-Túmulo*, publicado em 1869, e a tradução da *Revista Espírita*, em 1875 (PRIORE, 2014, p. 74). Alguns anos depois, em 1883, a revista *Reformador* é fundada pelo fotógrafo Augusto Elias da Silva, tornando-se o “mais antigo periódico da imprensa espírita brasileira” (FEB, 2012)¹⁸ e sobrevivendo até o presente, sem jamais ter interrompido a sua publicação.

O destaque da literatura espírita no país iniciou-se justamente nesse período, quando, paralelamente à publicação das obras básicas de Kardec, em Paris, jornais e revistas espíritas começaram a ser publicados no Brasil, colocando o país, já no final do século XIX, em evidência no cenário editorial internacional, nesse seguimento. Para Stoll (2003, p. 49-50) a consolidação de uma bem-sucedida literatura espírita decorre, principalmente, dessa posição de destaque, mantida ao longo de todo o século XX.

Entre os fatores que garantem o sucesso da literatura espírita no Brasil está, sem dúvida, como já dito, o fato de o Brasil ser considerado o maior país espírita do mundo, com quase 4 milhões de adeptos e mais de 30 milhões de simpatizantes do espiritismo. Esse número nos auxilia a ter uma dimensão do público potencial que tem sido foco de interesse do setor editorial espírita e que, segundo a Associação de

¹⁸ FEB, Federação Espírita Brasileira. *Revista Reformador*. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/blog/geral/conheca-a-feb/revista-reformador/>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

Editoras, Distribuidoras e Divulgadores do Livro Espírita – Adeler, apresenta faturamento superior¹⁹ ao dos livros convencionais, tais como os didáticos.

A literatura espírita é tida, especialmente nas duas últimas décadas, como um setor editorial próspero e claramente profissionalizado, algo que ainda não se repete em outros segmentos do mercado editorial religioso em nosso país, que, juntos, têm vendagem anual estimada em 70 milhões de exemplares, segundo divulga a Câmara Brasileira do Livro – CBL, dos quais boa parte é de livros espíritas. Nesse cenário, destacam-se os nomes de Chico Xavier, Divaldo Pereira Franco e Zíbia Gasparetto.

Considerado o maior médium espírita do Brasil, Chico Xavier psicografou mais de 490 livros (GEEM, 2016) atribuídos a “desencarnados” célebres e desconhecidos, nos mais diversos gêneros, cuja vendagem ultrapassou os 50 milhões de exemplares (MENDONÇA, 2010). Sua obra consagrou a literatura espírita como um fenômeno de repercussões midiáticas – basta que se observe o número de adaptações televisivas, teatrais e cinematográficas de sua obra ou de sua biografia, a exemplo do *best-seller* *Nosso Lar*, para o cinema. Até hoje, os rendimentos provenientes dos livros publicados são revertidos em prol de obras assistenciais que o médium fundou ou que ajudou a fundar, por todo o país, bem como de editoras espíritas, que desempenham papel fundamental na divulgação do espiritismo no Brasil.

Divaldo Franco é o segundo em número de obras, com mais de 200 títulos publicados, mas o terceiro em vendagem – aspecto em que é superado por Zíbia Gasparetto –, tendo atingido a marca de 7 milhões e 500 mil exemplares vendidos²⁰. Além de prolífico médium psicógrafo, Divaldo é também reconhecido como o maior conferencista espírita do Brasil, viajando por todo o território nacional, de modo a divulgar suas obras, das quais o lucro é destinado à manutenção da “Mansão do Caminho”, instituição espírita fundada em 1952 pelo médium e seu primo, Nilson de Souza Pereira, e que oferece assistência nas áreas de saúde e educação há mais de 3000 pessoas na periferia de Salvador, Bahia.

¹⁹ Celso Maiellari, membro do conselho da Associação de Editoras, Distribuidoras e Divulgadores do Livro Espírita (Adeler), explica que as tiragens dos livros espíritas são maiores do que os outros títulos: “Um lançamento de sucesso de uma editora convencional sai geralmente com cinco mil exemplares. No caso dos espíritas, eles saem com até 25 mil” (CORREIO, 2014).

²⁰ Disponível em: <http://www.mansaodocaminho.com.br/divaldo-franco/bibliografia.php> .

Com 41 livros publicados, Zíbia Gasparetto é a terceira em número de títulos lançados, mas a segunda em vendagem, ultrapassando os 16 milhões de exemplares (LOES, 2013), mesmo declarando não ter religião, atualmente. Gasparetto foi espírita e dedicou-se à psicografia de livros espíritas nos primeiros 39 anos dos 55 de sua “carreira” mediúnica. A mudança de rumos se deu a partir de 1995, quando se afastou do movimento espírita para fundar a própria editora, voltada para lançamentos que transitam entre o espiritualismo, o esoterismo e a autoajuda²¹.

Esse histórico nos permite compreender como essa bem-sucedida atividade editorial determina, em grande parte, a visibilidade da psicografia no país. O alcance e a abrangência conseguidos no Brasil e no exterior²², como estratégia integrada às práticas doutrinárias, demonstram o impacto e a influência da literatura espírita, possibilitando-nos entender a sua trajetória singularíssima em nosso contexto cultural. Essencial para a manutenção do ciclo virtuoso que integra o âmbito restrito das instituições espíritas à amplitude do universo editorial, o livro espírita é a peça-chave que assegura a dinâmica de legitimação e reformulação do espiritismo, por meio dos valores que convoca e faz circular continuamente.

No capítulo 2, retomaremos as implicações da dinâmica editorial na configuração da prática psicográfica, de modo a delinear as estratégias e os agenciamentos necessários à sua articulação.

1.3 Do cópús: relatos de médiuns psicógrafos

O cópús deste estudo é constituído, como já dito, por relatos de experiência de médiuns psicógrafos da cidade de Uberaba, Minas Gerais. Considerada como a

²¹ Em matéria sobre a família Gasparetto, feita pela revista *Época* em 2003, Solange Azevedo explica que “[...] no Brasil, os Gasparettos inovam com um marketing espírita que inclui lançamentos de livros, CDs e fitas cassete, programas de rádio e TV, palestras e cursos. A matriarca fez uma opção clara pelo mercado a partir de 1995, quando se afastou da militância religiosa. Deixou o comando do centro espírita Os Caminheiros, que desenvolvia obras sociais na periferia de São Paulo e atendia mais de 1.000 pessoas por dia, para dedicar-se a uma editora própria, a Vida & Consciência, que se tornou uma das maiores do ramo no país” (AZEVEDO, 2003).

²² A psicografia é propagada principalmente pela influência dos brasileiros, por meio de traduções, em grupos espíritas espalhados pelo mundo. Das ações conjuntas tomadas em diversos países, fundou-se, em 1992, o Conselho Espírita Internacional – CEI, cujo objetivo é o de promover a unificação do movimento espírita mundial, pelo estudo e pela a difusão dos princípios doutrinários espíritas, bem como de ações assistenciais integrados (FEB, 2012).

“capital do espiritismo” no Brasil, Uberaba é local privilegiado para a coleta de relatos de experiência com a psicografia ou escrita mediúnica, dada a quantidade de médiuns que atuam uma ou mais vezes, semanalmente, em sessões públicas de psicografia de cartas familiares e/ou de orientações aos interessados ou, ainda, em trabalhos chamados de “privativos”, no qual a escrita mediúnica pode dar margem para uma variação maior de temas e gêneros. Não é incomum que livros inteiros sejam psicografados em meio a sessões como essas, desconhecidas para o público, mas essenciais para a circulação e preservação dos valores que norteiam a prática doutrinária espírita.

Sobretudo por ser o berço de uma **tradição** fundada pelo médium Chico Xavier – tido como representação ideal do saber-fazer mediúnico e constituindo-se, assim, como herói, em termos propianos, no imaginário do povo e no universo da edição²³ – Uberaba se mostra como um local propício à observação das formas de transmissão e permanência do seu legado mediúnico, viabilizando o estudo da psicografia como prática semiótica.

Em que pese a dificuldade de se estabelecer critérios precisos para a “boa escolha”, buscamos pautar a seleção de nosso corpus nas indicações de Greimas e Courtés sobre o **critério de representatividade**, que “permite ao descritor satisfazer [...] ao princípio de adequação, sem que tenha de submeter-se à exigência de exaustividade” (2008, p. 420):

Talvez não seja impossível elaborar certo número de regras táticas para uma “boa escolha” do corpus: tentamos [...] circunscrever melhor o conceito de representatividade, focalizando dois meios para chegar a isso: a **representatividade** do corpus **pode ser obtida** quer por **amostragem estatística**, quer por **saturação do modelo**; nesse último caso, o modelo construído a partir de um **segmento intuitivamente escolhido** e aplicado ulteriormente, para confirmação, complemento ou rejeição, a outros segmentos, até o esgotamento da informação [...] (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 105)

Assim, sob o ponto de vista da **saturação do modelo**, como **critério de representatividade**, os relatos que compõem o nosso corpus de pesquisa parecem ter constituído uma eficiente base descritiva para a prática da psicografia, uma vez que nos possibilitou depreender os elementos-chave para a sua caracterização. Entre

²³ Fernandes (2008) realiza um estudo acerca da constituição de uma imagem de “herói” em torno de Chico Xavier, a partir de documentos e publicações na imprensa ao longo de décadas.

as razões que justificam a utilização desse tipo de textualização para a descrição da prática psicográfica estão:

1. Os relatos de experiência nos situam no âmbito da cena prática, cuja configuração pode ser apreendida dos elementos pertinentes, tomados a partir da posição do médium, enquanto ator do processo mediúnico e sujeito da experiência da dissociação (própria do transe mediúnico), em sua estrutura actancial;
2. Permitem-nos apreender as estruturas actanciais, modais e axiológicas que subjazem à prática, conferindo-lhe uma sintagmática por meio da qual é possível descrever as relações da prática psicográfica com práticas correlatas, pela experiência da conjuntura, na instância das estratégias;
3. Apontam-nos as implicações dessas relações para a constituição da “memória” do sistema axiológico do espiritismo, cuja transmissão se dá por meio da dinâmica da práxis enunciativa.

A constituição do cópula se deu, assim, a partir da transcrição dos relatos de experiência mediúnica, coletados por meio de entrevistas semiestruturadas (cf. modelo no Apêndice B), gravadas em formato de áudio entre os meses de junho e julho de 2014, com médiuns atuantes em centros espíritas da cidade de Uberaba.

Durante a pesquisa de campo, realizamos a gravação de um total de 10 relatos. O material coletado, considerando a diversidade dos perfis dos médiuns psicógrafos – homens e mulheres na faixa etária dos 40 aos 65 anos, suas trajetórias de vida, diferentes períodos de experiência com a psicografia, variando entre 3 e 40 anos de prática contínua (isto é, descartando-se os períodos de interrupção da prática, nos casos aplicáveis) – parece ter colaborado para que obtivéssemos uma amostragem de significativa qualidade para a caracterização da prática psicográfica.

As entrevistas foram cedidas a partir da aceitação de um “termo de consentimento livre e esclarecido” pelos informantes (cf. Apêndice A), o que assegura que eles estavam cientes do propósito da pesquisa, das formas de captação e registro

dos relatos (gravação em áudio) e do destino do material transcrito²⁴. Além desses aspectos, o termo deixa claro que suas identidades serão preservadas, isto é, seus relatos poderão ser utilizados, desde que garantido o anonimato. Portanto, os informantes serão chamados, neste estudo, de M1 (médium 1), M2, M3... e assim por diante.

Adicionalmente, fornecemos o perfil sociocultural de cada informante no cabeçalho das entrevistas, indicando dados como sexo, idade (na data da gravação da entrevista), grau de escolaridade, profissão e tempo de experiência com a psicografia. Esses dados nos auxiliaram a estimar a representatividade do corpus que constituímos, como amostragem de um universo de grande amplitude.

Os dados coletados revelaram-se coerentes com o estrato social evidenciado pelo censo 2010²⁵, realizado pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, sobre o perfil dos espíritas brasileiros. Dos dez médiuns entrevistados – cinco homens e cinco mulheres –, sete (07) tinham formação superior, um (01) tinha formação técnica e (02) tinham formação de nível médio (magistério).

A média etária dos homens e mulheres entrevistados é de 52 anos²⁶, sendo 20 anos a sua média de experiência com a psicografia. Seus hábitos de leitura estavam diretamente relacionados às suas formações acadêmicas, mas, de modo amplo, todos se enquadram como leitores contumazes e, por vezes, mesmo compulsivos, com predileção pela literatura espírita, mas oscilando por outros gêneros, como literatura, saúde e conhecimentos gerais.

Os informantes, em sua maioria, relatam ter sido educados por famílias católicas, de modo que a sua conversão ao espiritismo se deve, em grande parte, aos transtornos decorrentes de suas percepções “mediúnicas” (problemas de saúde e familiares, principalmente). A “eclosão” da mediunidade, na maior parte dos relatos, ocorre na fase da adolescência, entre os 15 e 18 anos.

²⁴ Termo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara.

²⁵ “Os resultados do Censo 2010 indicam importante diferença dos espíritas para os demais grupos religiosos no que se refere ao nível de instrução. Este grupo religioso possui a maior proporção de pessoas com nível superior completo (31,5%) e as menores percentagens de indivíduos sem instrução (1,8%) e com ensino fundamental incompleto (15,0%). [...] [Nas] classes de rendimento acima de 5 salários mínimos, destaca-se o percentual observado para as pessoas que se declararam espíritas (19,7%)” (IBGE, 2012).

²⁶ Suas idades variam entre 40 e 65 anos e os seus períodos de experiência com a psicografia, de 3 a 40 anos (descartando-se os períodos de interrupção da prática, nos casos aplicáveis).

Embora esses dados possam parecer pouco relevantes, num primeiro momento, podemos afirmar que eles nos auxiliaram a compreender o impacto sociocultural da psicografia, orientando-nos, também, em relação à observação da narrativa que esses sujeitos estabeleciam, para a determinação do “percurso canônico do sujeito-médium”, que retomamos com detalhamento no item 2.5.1 desta tese, “A configuração da psicografia como prática semiótica”.

O quadro abaixo (Quadro 1) sintetiza a extensão do material coletado, contendo o número de informantes, o tempo de duração das entrevistas e o número de páginas transcritas:

Quadro 1 – Extensão do cópús adotado

Informante	Duração da entrevista	Nº de Páginas²⁷
M1	42:08	13
M2	58:50	17
M3	1:31:36	19
M4	2:03:50	21
M5	1:02:21	18
M6	1:12:59	17
M7	29:02	13
M8	1:24:43	23
M9	1:46:34	22
M10	34:24	12
TOTAL	11:46:27	175

A fim de possibilitar o mapeamento das questões e respostas coletadas, bem como estimar a extensão do cópús, procedemos à **transcrição ortográfica²⁸ da sua totalidade**. A transcrição integral do cópús nos permitiu dimensionar o material coletado, de modo que pudéssemos abordá-lo, inicialmente, a partir do seu plano de conteúdo, que nos forneceu os predicados verbais necessários à textualização e à segmentação da cena prática da psicografia, tornando possível a sua análise.

²⁷ Formatação em espaçamento simples entrelinhas.

²⁸ O sistema de transcrição ortográfico tem como base a ortografia oficial para a transposição de dados sonoros para dados textuais. Embora a norma culta seja a base da transcrição ortográfica, admite-se a grafia de marcas de oralidade, tais como ocorrências de registro informal e de variantes linguísticas regionais, quando necessário.

Aos excertos escolhidos, aplicamos a normalização proposta pelo Projeto Estudo da Norma Urbana Culta da cidade de São Paulo – NURC/SP (PRETI, 2003; 2006) (Quadro 2), que se apresenta como uma proposta abrangente por permitir a análise dos procedimentos de reformulação, do emprego de marcadores conversacionais (sinais característicos presentes na língua oral), da estruturação de tópicos e temas, entre outros aspectos relevantes para o registro de textos orais.

Quadro 2 – Normas de transcrição do NURC/SP²⁹

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda... () nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entonação enfática	maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal ou consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem... éh::: ... dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	- - - -	... a demanda da moeda - - vamos dar essa notação - - demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de voz	[ligando as linhas	A. na [casa da sua irmã B. [sexta-feira? A. fizeram [LÁ... B. [cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ ”	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRRElra entre nós”...

OBSERVAÇÕES

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.)
2. Fáticos: *ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por *está: tá? Você está brava?*)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros em itálico.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).

²⁹ Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP nº 338 EF e 331 D2.

6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::.... (alongamento e pausa).
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.

Fonte: Preti (2006, p. 15-16)

Uma das vantagens de se optar pela normalização convencionalizada pelo Projeto NURC/SP é a possibilidade de dar ao *cópus* uma espessura semiótica, uma vez que a notação utilizada nos permite apreender os elementos do **plano da expressão** observáveis em textos orais.

O questionário semiestruturado elaborado para as entrevistas contempla de modo amplo a prática psicográfica, aspectualizando as etapas pelas quais o ator-médium passa – iniciação/conversão, desenvolvimento mediúnico e a prática da psicografia – e possibilitando a sua conversão em processo.

Para este estudo, adotamos a entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados, que se apresenta como um instrumento privilegiado para a coleta de dados **qualitativos** (ROSA; ARNOLDI, 2006). Em linhas gerais, a entrevista semiestruturada pode ser definida como uma técnica que se baseia em um roteiro previamente elaborado, contendo perguntas principais, tanto abertas quanto fechadas, mas que, adicionalmente, podem ser complementadas por outras questões, inerentes às circunstâncias da entrevista. Esse tipo de entrevista possibilita que as informações venham à tona de forma mais livre, já que as respostas não estão condicionadas a alternativas padronizadas (MANZINI, 2004).

De acordo com Triviños (1987, p. 152), a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]”. Além disso, possibilita que o pesquisador mantenha uma presença consciente e atuante no processo de coleta de informações.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa e de caráter etnográfico, consideramos que a escolha da entrevista semiestruturada tenha sido apropriada à sua finalidade principal, uma vez que nos permitiu reconstruir, através de relatos de experiência mediúnica – partindo da instância do texto-enunciado – o sintagma da prática psicográfica, em seus agenciamentos estratégicos com práticas correlatas e

em suas implicações para a constituição e a transmissão de uma memória, na esfera da cultura.

1.4 Do gênero “relato de experiência”

A constituição de um *cópus* a partir de “relatos de experiência” nos impõe como primeira tarefa a necessidade de refletir sobre as suas características genéricas – textuais e discursivas –, de modo a dimensionar as suas implicações para o estudo da prática psicográfica. A opção por um dado “gênero” – termo este que esteve, desde o princípio, à margem dos estudos semióticos –, deve se justificar pela produtividade teórico-analítica que proporciona, considerando as coerções próprias da práxis enunciativa a partir da qual ele se origina.

Para esta reflexão, recorreremos às contribuições de Greimas (1976; 1993), Greimas e Courtés (2008), Fontanille (1999) e Portela e Schwartzmann (2012), por tratarem-se de visões que, em diferentes momentos do projeto semiótico, retomaram a questão do gênero, propondo, ora soluções, ora provocações, para que nossos olhares se demorem um pouco mais sobre esse tópico tão importante quanto controverso.

Em linhas, gerais, abordaremos, neste item, a definição de gênero, em semiótica; as formas de caracterização de um gênero, de acordo com a proposta fontaniliana para o estudo dos gêneros; a descrição do gênero “relato de experiência” e as suas consequências para a constituição e o tratamento do nosso *cópus* de pesquisa.

1.4.1 A definição de gênero em semiótica

Abordada de forma mais intensiva tanto pela retórica e pela teoria literária, de bases aristotélicas, quanto pelo Círculo de Bakhtin, em sua proposta sociointeracionista, a noção de gênero apenas recentemente veio a merecer a devida atenção por parte da semiótica greimasiana, com a publicação de *Sémiotique et Littérature* (1999), de Jacques Fontanille (PORTELA; SCHWARTZMANN, 2012, p. 69-70). Até então, o conceito de gênero em semiótica havia sido brevemente tratado por Greimas, em três momentos, sem que, no entanto, tenha chegado a desenvolvê-lo

operacionalmente. Primeiramente – e com certa brevidade – em *Maupassant* (1976); em seguida, em *Semiótica e Ciências Sociais* (1976) e, por último, junto a Courtés, no *Dicionário de Semiótica* (1979), no qual revisitava a noção de gênero, ampliando timidamente as suas primeiras reflexões acerca dessa problemática.

Em *Maupassant*, no prefácio à análise do conto “Dois amigos”, Greimas elabora as suas primeiras reflexões acerca das “teorias de gêneros”, na qual dimensionava o gênero em relação ao seu universo socioletal, cujas classificações seriam convencionadas a partir da cultura:

O estudo de um texto literário coloca inevitavelmente, de maneira mais ou menos explícita, o problema de sua situação no universo literário socioletal. Entendendo-se por “universos literários” classificações de textos correspondendo às dimensões de áreas culturais [...] tendo a forma de etno-taxionomias que articulam [...] o conjunto dos discursos em classes e subclasses e que regem, daí por diante, as produções posteriores dos novos discursos; e caso se pense que essas classificações “naturais” possam ser explicitadas e apresentadas como “teorias de gêneros”, vê-se que, tentando descrever um texto literário como o de Maupassant, é preciso começar por se perguntar em que medida não se descreve, ao mesmo tempo, um texto “realista” da prosa francesa do século XIX (GREIMAS, 1993, p.10).

Greimas aponta uma questão crítica em relação à classificação dos gêneros: ela seria definida, mais frequentemente, não pelo texto, mas pelo “universo literário socioletal”, dado pelas escolas e pelos movimentos literários de cada época, que predeterminariam as produções discursivas e literárias posteriores. Sob esse ponto de vista, o gênero ultrapassaria a dimensão do texto, sendo, simultaneamente, tanto de base geradora para textualizações como produto destas. Acerca da problemática dos gêneros em semiótica, Greimas (1993, p. 10) sustentava que “não somente não existe texto que seja a realização perfeita de um gênero, mas enquanto organização acrônica, o gênero é logicamente anterior a toda manifestação textual”.

Ainda sobre essa questão, em *Semiótica e Ciências Sociais* (1976), Greimas comenta sobre a importância de se estudar os gêneros, buscando-se chegar a tipologias que considerassem os textos tanto em seus elementos estruturais quanto em relação a outros gêneros próprios de cada universo cultural, por meio da descrição de suas diferenças e semelhanças – princípio saussuriano, por sinal –, o que permitiria classificar um texto pelo que ele é e pelo que não é.

Diante do que considerava um impasse, pela dificuldade de se chegar a uma resolução consistente, Greimas (1976, p.191) concluiu, à época:

[...] a problemática dos gêneros – de sua definição e de sua tipologia – aparece, afinal de contas, como o último objetivo de nossas análises. Na medida em que os critérios distintivos dos gêneros emergem ao mesmo tempo que os níveis ou os campos autônomos de análise que conseguimos reconhecer, pode-se dizer que os progressos da análise semiótica no seu conjunto aproximam-nos ao mesmo tempo da elaboração da tipologia dos gêneros.

Assim, nem descartada nem efetivamente abordada, a noção de gênero seguiu em aberto até a sua retomada, anos depois, em *Dicionário de Semiótica*, no qual Greimas e Courtés ([1979] 2008, p. 228) delineiam, pela primeira vez, o conceito semiótico de gênero:

O **gênero** designa uma classe de discurso, reconhecível graças a critérios de natureza socioletal. Estes podem provir quer de uma classificação implícita que repousa, nas sociedades de tradição oral, sobre a categorização particular do mundo, quer de uma “teoria dos gêneros” que, para muitas sociedades, se apresenta sob a forma de uma taxionomia explícita, de caráter não-científico. Dependente de um relativismo cultural evidente e fundada em postulados ideológicos implícitos, tal teoria nada tem de comum com a tipologia dos discursos que procura constituir-se a partir do reconhecimento de suas propriedades formais específicas. O estudo da **teoria dos gêneros**, característico de uma cultura (ou de uma área cultural) dada, não tem interesse senão na medida em que pode evidenciar a axiologia subjacente à classificação: ele pode ser comparado à descrição de outras etno ou sociotaxionomias.

Como podemos observar, a definição do termo pouco avança no sentido de uma sistematização para a abordagem ou a tipificação dos gêneros, basicamente consolidando o papel da inserção do gênero em um universo socioletal e ressaltando a influência da axiologia própria à descrição das tipologias de uma dada cultura sobre os gêneros descritos. Contudo, a contribuição mais importante de Greimas para essa questão é, sem dúvida, a de apontar, então, o que seria uma direção promissora para o estudo dos gêneros, sob o ponto de vista de uma semiótica estrutural – e imanentista, na melhor e mais justa acepção do termo –, sem dúvidas, mas sobretudo preocupada com a pertinência dos níveis de análise de seus objetos:

[...] o número e a pertinência dos critérios de classificação dependem, definitivamente, do número e sobretudo da pertinência dos níveis de

análise (ou instâncias de geração das narrativas) que conseguiremos com certeza distinguir (GREIMAS, 1976, p. 190).

Em busca de uma solução que pudesse dar conta da descrição das tipologias próprias de cada cultura, sem o predomínio das axiologias descritivas, como bem pontuou Greimas, Fontanille desenvolve um modelo para a classificação e a tipificação de gêneros, cujo mérito passa tanto pelo redimensionamento do conceito de gênero quanto por sua efetiva operacionalização. Veremos, pois, de que modo a proposta fontaniliana contribui para o debate da problemática dos gêneros.

1.4.2 A proposta fontaniliana para o estudo dos gêneros

Em *Sémiotique et littérature* (1999), J. Fontanille desenvolve uma proposta voltada para a classificação e a tipificação de gêneros, com enfoque especial sobre os textos literários. Entretanto, apesar desse foco específico, a metodologia apresentada demonstra aplicabilidade também aos textos não-literários, permitindo a descrição dos gêneros de uma forma mais abrangente e menos marcada axiologicamente.

Fontanille concebe os gêneros como objetos semióticos ambivalentes, compostos simultaneamente de um aspecto discursivo e de um aspecto textual. O gênero seria, portanto, “o encontro entre um tipo textual e um tipo discursivo”³⁰ (1999, p.162), que resultaria em um arranjo a partir do qual se poderia distingui-lo em relação aos outros gêneros. A vinculação entre esses tipos textuais e tipos discursivos ocorreria com o estabelecimento de uma **isotopia**, isto é, da recorrência ou repetição de propriedades textuais e discursivas, por meio das quais se torna possível caracterizar um gênero.

Desse modo, a caracterização de um gênero se tornaria possível por meio da isotopia nele estabelecida, apreensível pela observação de três variáveis, coerência, coesão e congruência: “a *coerência* caracteriza o discurso, a *coesão*, o texto, a *congruência*, a reunião dessas duas”³¹ (FONTANILLE, 1999, p.162). De acordo com

³⁰ “Le genre regule de manière globale et constante la rencontre entre un type textuel et un type discursif” (Fontanille, 1999, p. 162, tradução nossa).

³¹ Tradução nossa. Trecho original: “[...] la *cohérence* caractérise le discours, la *cohésion*, le texte, la *congruence*, la réunion des deux.”

Fontanille, coerência, coesão e congruência podem ser consideradas como três dimensões de “negociação” entre discurso e texto.

Voltada para a orientação intencional do discurso, a **coerência** pode ser entendida como um universo único de sentido, ainda que dê lugar a pluriisotopias, que resultam em uma aparente falta de homogeneidade. A **coesão** está relacionada à organização do texto em sequências, aos mecanismos que ordenam hierarquicamente os segmentos que constituem a unidade textual. Por fim, a **congruência** realiza a regulação entre a dimensão textual e a dimensão discursiva, deixando rastros diretos da enunciação, na condição de instância de reunião entre o texto e o discurso para a geração do efeito global de totalidade significativa (FONTANILLE, 1999, p. 18).

Em outras palavras, é possível caracterizar os tipos textuais por meio de constantes do plano da expressão e a sua coesão. A organização dos segmentos textuais no interior de uma totalidade, com a geração de um efeito de homogeneidade (em parágrafos, rimas, etc.) são aspectos relacionados à coesão.

Já os tipos discursivos são caracterizados pelo plano do conteúdo e por sua coerência, a qual se relaciona ao estabelecimento, no discurso, de um sistema axiológico, permitindo a geração de um sentido global para o texto. Esse movimento determinaria o destaque de isotopia em relação às demais existentes no seu horizonte discursivo.

Os critérios elencados por Fontanille (1999, 163) para a classificação dos **tipos textuais** são os seguintes:

1 – **Longo / breve**: critério que considera a existência de uma norma sociocultural que estabelece uma escala de avaliação externa e se manifesta, na escrita, na instauração de um “tempo” interno da enunciação, relacionado à duração de uma história ou acontecimento narrativo.

2 – **Aberto / fechado**: refere-se à relação existente entre uma unidade de leitura e uma unidade de edição. Constituída pelo conjunto de constantes do plano da expressão, a unidade de leitura atribui sentido ao “todo” textual. Por outro lado, a unidade de edição é engendrada pela seleção de determinadas constantes da expressão. O caráter de fechamento de um texto é dado, portanto, pela coincidência ou não entre a unidade de edição e a unidade de

leitura. Quando coincidentes, as unidades determinam um texto fechado, pois sua leitura somente pode ser realizada dentro de um todo de significação (como num soneto). Quando são não-coincidentes, as unidades resultam em um texto aberto, como no caso de séries e sequências, que somente são compreendidas quando lidos em conjunto.

É por meio da combinação desses dois critérios que se pode definir as quatro propriedades principais dos tipos textuais. São elas:

Quadro 3 – Propriedades dos tipos textuais

	<i>Longo</i>	<i>Breve</i>
<i>Aberto</i>	Recursividade	Fragmentação
<i>Fechado</i>	Desdobramento	Concentração

Fonte: Fontanille (1999, p. 163)

Originando-se da combinação entre um tipo **longo** e um tipo **aberto**, a **recursividade** se refere a todos os procedimentos que permitem realizar a retomada e o encaixe indefinidos das estruturas textuais, a exemplo dos poemas épicos e dos romances em série.

A **fragmentação** é a resultante entre um tipo **breve** e um tipo **aberto**, sendo caracterizada pelos gêneros que oferecem uma visão limitada e fragmentária de uma história, cena ou pensamento, cujo resultado é um efeito de incompletude. Como exemplo, temos as memórias, as cartas, as telenovelas, etc.

Encontro entre um tipo **breve** e um tipo **fechado**, a **concentração** se caracteriza pela capacidade de condensar a significação em um espaço textual reduzido, a exemplo do soneto, da máxima ou da notícia.

Já o **desdobramento** é a união entre um tipo **longo** e um tipo **fechado**, caracterizando-se pela exploração das possibilidades de expansão dos textos, mantidos sob o controle de um esquema global e dotados de uma organização canônica. Entre os exemplos estão o romance policial, o conto folclórico e a peça teatral.

Fontanille (1999, 164) explica que os **tipos discursivos** são vinculados ao plano do conteúdo, sendo responsáveis pela organização dos elementos estruturantes do discurso. Tal coerência é fundamentada em um sistema axiológico, estruturado a partir de valores internos ou, ainda, por aqueles estabelecidos pelos sujeitos do discurso.

Os dois critérios definidores dos tipos discursivos, descritos por Fontanille, são as **modalidades de enunciação**, que envolvem os contratos enunciativos, os tipos de atos de linguagem e as modalizações predominantes em nível pragmático, e as **axiologias e as formas de avaliação**, dadas pelos valores propostos e as suas condições de atualização e reconhecimento no discurso.

Agrupadas em quatro pares, as modalizações dominantes são as seguintes:

Quadro 4 – Modalizações dominantes

	<i>Crenças</i>	<i>Motivações</i>	<i>Aptidões</i>	<i>Efetuações</i>
<i>2 actantes</i>	Assumir	Querer	Saber	Ser
<i>3 actantes</i>	Aderir	Dever	Poder	Fazer

Fonte: Fontanille (1999, p. 165)

No quadro abaixo, cada par de modalidades possibilita a definição de um ato de linguagem típico:

Quadro 5 – Atos de linguagem

<i>Assumir e aderir</i>	<i>Querer e dever</i>	<i>Saber e poder</i>	<i>Ser e fazer</i>
Persuadir	Incitar	Habilitar	Realizar

Fonte: Fontanille (1999, p. 165)

A predominância de determinados atos de linguagem nos permite classificar o discurso em quatro tipos: **persuasivo, incitativo, de habilitação e de realização**. Tais modalidades incluem outros subtipos: os discursos **prescritivos**, caracterizados pelo **dever**; os discursos **informativos** e os discursos **de aprendizagem**, definidos por um **saber-fazer**; os discursos **de realização**, que insinuam a presença do sujeito

e caracterizam-se pelo **ser**; e, por fim, os discursos performativos, definidos pelo **fazer**.

O segundo critério apontado por Fontanille (1999, p.166) refere-se à observação de duas dimensões: a intensidade e a extensão. A intensidade se relaciona à adesão ou à reação dos sujeitos aos valores expostos. A extensão, por sua vez, se relaciona ao número de manifestações discursivas concretas desses mesmos valores. A segunda tipologia dos tipos discursivos é assim definida:

Quadro 6 – Axiologias

		<i>Intensidade de adesão</i>	
		<i>Forte</i>	<i>Fraca</i>
<i>Extensão e quantidade</i>	<i>Restrito</i>	Valores exclusivos	Valores discretos
	<i>Ampla</i>	Valores participativos	Valores difusos

Fonte: Fontanille (1999, p. 166)

Da combinação entre intensidade de adesão e a extensão e quantidade de manifestações, os valores ou tipos discursivos, originam-se ainda os valores exclusivos, valores discretos, valores participativos e valores difusos.

Os **valores exclusivos** convergem para os valores absolutos, fazendo com que os discursos que os assumem destaquem uma determinada temática, figura, atitude, etc., como no caso do discurso militante.

Por configurarem-se em torno de uma intensidade fraca e uma extensão restrita, os **valores discretos** tendem à nulidade. Os discursos que adotam esses valores buscam desvalorizar ou enfraquecer valores vigentes, como os gêneros humorísticos, por exemplo.

Resultando de uma extensão ampla e de uma intensidade forte, em uma concentração máxima de valores, os **valores participativos** geram, nos discursos em que são utilizados, uma saturação que iguala axiologicamente as suas temáticas e figuras. O discurso romanesco, de modo geral, exemplifica a utilização desses valores.

E, por último, ao caracterizarem-se por uma taxa de adesão fraca, os **valores difusos** concorrem para a geração de discursos mais “realistas” que os valores precedentes. Um exemplo da adoção desses valores são os gêneros realistas.

Para Fontanille (1999, p. 167), a distinção entre tipos textuais e tipos discursivos pode levar a uma ambiguidade decorrente da combinação entre gêneros. Assim, um tipo discursivo poderia “contaminar” outros gêneros, ao projetar formas enunciativas, valores e mesmo uma concepção de mundo para além de sua esfera, resultando na sua combinação com outros tipos textuais.

A congruência seria, portanto, decorrente do ajuste entre um tipo textual e um tipo discursivo, pela combinação de suas propriedades apreensíveis. Responsável pelo gerenciamento dos tipos textuais e discursivos, e, conseqüentemente, da coesão e da coerência dos gêneros, a congruência submete-se a uma instância mais ampla, a das práticas.

Fontanille (1999, p. 168) destaca, por fim, os critérios a partir dos quais se pode definir um gênero:

- 1 – Por sua duração relativa e o tempo de sua enunciação;
- 2 – Por sua forma aberta ou fechada, do ponto de vista da produção, da edição e da leitura;
- 3 – Pelos dominantes modais da enunciação, os atos de linguagem e as relações intersubjetivas que ele implica;
- 4 – Pelos valores que ele aceita e que ele põe em circulação, bem como as condições requeridas para este fazer;
- 5 – Pelos tipos discursivos “nômades” e complementares que ele tolera.³²

A partir desses critérios, é possível dizer que um gênero seria definido com base na seleção de variáveis típicas, originadas nos níveis textual e discursivo e determinadas por variáveis “extratextuais” (dados socioculturais e históricos), possibilitando, desse modo, a comparação e diferenciação entre gêneros existentes em um mesmo universo cultural.

Fontanille (1999, p. 161) ressalta ainda que à **práxis enunciativa** cabe a função de gerir tanto a configuração típica de cada gênero como a sua estabilidade e as suas mudanças, com base nas quatro propriedades que a caracterizam: a estabilidade das categorias, a esquematização do discurso, a mudança cultural e as congruências locais e provisórias. Tanto quanto os outros fatos culturais, os gêneros

³² “Un genre se définira donc: 1 – Par sa longueur relative et le tempo de son énonciation ; 2 – Par sa forme ouverte ou fermée, du point de vue de la production, de l’édition et de la lecture ; 3 – Par les dominantes modales de l’énonciation, les actes de langage et les relations intersubjectives qu’il implique; 4 – Par les valeurs qu’il accepte et qu’il met en circulation, et les conditions requises pour ce faire ; 5 – Par les types discursifs « nomades » et complémentaires qu’il tolère” (FONTANILLE, 1999, p. 168, tradução nossa).

estariam, assim, sujeitos às mesmas transformações, à medida que circulam nas diferentes culturas, espaços e épocas.

Contribuindo para o debate sobre a problemática do gênero, Portela e Schwartzmann sugerem o acoplamento dos modelos de estudo do gênero (FONTANILLE, 1999) e da hierarquia de níveis de pertinência (FONTANILLE, 2008b), a fim de “estabelecer [...] uma continuidade teórica que se perdeu – ou que não se explicitou ainda – no projeto teórico fontaniliano” (PORTELA; SCHWARTZMANN, 2012, p. 94) e redimensionar a sua operacionalidade. É importante ressaltar que um dos méritos dos modelos teórico-analíticos de Fontanille é considerar as semióticas-objeto em suas instâncias de produção e circulação, o que pode ser observado tanto em sua proposta para o estudo dos gêneros quanto na formalização de seu modelo de níveis de pertinência semiótica, que abordaremos com maior detalhamento no item 2.3.

Após descrevermos, em linhas gerais, a proposta fontaniliana para a classificação e definição dos gêneros, e procedermos ao seu redimensionamento teórico-metodológico, passaremos, então, à descrição do gênero que caracteriza o nosso corpus de pesquisa: o “relato de experiência”.

1.4.3 O gênero “relato de experiência”

Entre os gêneros orais e escritos que, em nível pragmático, visam “relatar” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004)³³, isto é, narrativizar experiências vividas, mais ou menos distanciadas no tempo, o relato de experiência se associa discursivamente ao gênero autobiográfico, envolvendo tanto a escrita de si quanto o memorialismo, como práticas de rememoração e de registro.

Neste estudo, os relatos de experiência de médiuns psicógrafos, que compõem o nosso corpus de pesquisa, foram obtidos, como já dito, não pelo registro livre de suas experiências vividas, mas, sim, por meio de entrevistas: modalidade oral, de estrutura dialógica (com perguntas e respostas) e que, devido ao formato

³³ Segundo Schneuwly e Dolz (2004, p. 60-61), entre os gêneros voltados à função de relatar, associados ao campo das “Documentações e memorização das ações humanas”, estariam: o relato de experiência, o relato de viagem, o diário íntimo, o testemunho, a anedota (ou caso), a autobiografia, o curriculum vitae, a notícia, a reportagem, a crônica social, a crônica esportiva, o histórico, o relato histórico, o ensaio ou perfil biográfico e a biografia.

semiestruturado, possibilitava interações mais ou menos complexas entre entrevistador e entrevistado, de acordo com a necessidade de aprofundamento dos tópicos abordados. Vale destacar que procedemos, posteriormente, à transcrição das entrevistas, de modo que pudéssemos realizar a sua análise e descrição a partir da instância dos textos-enunciados, passando, então, às instâncias das práticas e das estratégias, em um movimento de integração ascendente. É, aliás, pela realização do movimento inverso – o de integração descendente – que propomos descrever e analisar o gênero relato de experiência, base para o nosso estudo.

Na condição de tipo textual envolvido na prática de obtenção de informações, a entrevista se nos apresenta como um meio de direcionar os relatos de experiência, conferindo uma mínima homogeneidade aos dados, de modo que os mesmos tópicos fossem trabalhados por todos os informantes. Seria inadequado, por exemplo, obter “depoimentos”, simplesmente, uma vez que o seu formato mais livre poderia impossibilitar os nossos esforços de observação das variáveis envolvidas na prática da psicografia.

Dessa maneira, ao tomarmos entrevistas semiestruturadas como objeto de pesquisa, devemos considerar os regimes de enunciação aí implicados, isto é, os níveis de pertinência³⁴ relativos a cada uma das enunciações que nesse tipo de texto se articulam. Como ponto de partida, podemos segmentar o **texto entrevista** em **três gêneros do discurso**: a entrevista, o relato de experiência e o discurso autobiográfico.

Cada gênero, por sua vez, pode ser associado a um plano ou regime de enunciação, enquanto instância correspondente a um dos níveis de pertinência. A entrevista estaria, assim, associada à instância da conjuntura; o relato de experiência, à das práticas; e o discurso autobiográfico, à instância do texto-enunciado. Por meio de mútuas interações, tais gêneros se articulariam e se ajustariam no interior do texto, como totalidade de significação.

É preciso ressaltar que, por apresentarem uma relação de interdependência, os planos de enunciação podem estabelecer movimentos de integração ascendente ou descendente, a depender das diferentes formas de interação entre os níveis. De modo a podermos descrever ou textualizar percurso de constituição do gênero entrevista, em seus níveis de pertinência, delinearemos, aqui, o movimento de

³⁴ Os níveis da prática e da estratégia são tratados em maior detalhamento na seção “2.3 A hierarquia de níveis de pertinência semiótica: o modelo fontaniliano”.

integração descendente, que nos permite observar as instâncias da conjuntura, das práticas e, por fim, do texto-enunciado.

No nível superior, o da conjuntura, a “**entrevista**”, como gênero discursivo, pode ser concebida como uma **estratégia** de interação a partir da qual os níveis de pertinência inferiores vão sendo gradativamente construídos. Em sua dimensão estratégica, o gênero entrevista, reveste a enunciação pressuposta, marcando e mediando a **interação** entre entrevistador e entrevistado e atuando como um dispositivo actorial que hierarquiza as relações próprias dessa enunciação pressuposta.

Nessa dinâmica, o entrevistador-pesquisador, por meio de um fazer investigativo e informacional, elabora questões dirigidas a um informante – o psicógrafo –, que terá a sua fala registrada e, posteriormente, selecionada e analisada, vindo a ser publicada, de modo a se tornar conhecida por um público-leitor especializado (acadêmico). Desse modo, o entrevistador atuaria também como um editor das informações coletadas, uma vez que realiza a seleção dos trechos mais relevantes sob o ponto de vista do objeto investigado – a psicografia/ a experiência da mediunidade.

Durante a interação, o informante-médium, responde às questões do entrevistador levando em conta um público-leitor que terá acesso às informações por meio de uma publicação institucional – a pesquisa acadêmica. Tem início, então, a **prática do relato de experiência**, cujos temas propostos são sendo progressivamente desenvolvidos pelo informante a partir de seu ponto de vista, como sujeito da experiência. O foco da prática centra-se no ato de relatar/narrar, visando representar as experiências vividas, narrativizando-as de forma a ordená-las no tempo, segundo marcos temporais de maior ou menor teor passional.

O enunciado oral, captado por gravação em áudio – suporte formal de inscrição do relato de experiência – nos remete à instância imediatamente inferior, à do **texto-enunciado**, no qual podemos apreender o **gênero autobiográfico**. Fornecendo-nos dados de natureza sócio-histórica e cultural do sujeito, articulando a memória e o discurso de si, o gênero autobiográfico desdobra-se em subgêneros tais como a história oral, a história de vida, os diários, as narrativas e as memórias. Esse percurso de integração descendente pode ser esquematicamente descrito como se segue:

Esquema 1: Esquema sintagmático dos gêneros

Textos-enunciados	Gênero autobiográfico		Propriedades textuais genéricas
	Relato de experiência	Entrevista	
(Síncope do objeto-suporte)			
Cena prática	Tipo prático		Instruções práticas (relatar)
Estratégias	Tipo estratégico		Instruções estratégicas (dialogar)

A esquematização apresentada nos permite observar com maior clareza as relações genéricas – em suas facetas textuais, práticas, estratégicas – existentes no interior do texto entrevista, de modo que possamos compreender quais são as tensões e ambiguidades geradas por suas imbricações em nosso corpus de pesquisa.

A aplicação, ao nosso corpus, dos critérios propostos por Fontanille (1999, p. 168) para a definição dos gêneros, possibilitou-nos constatar que o gênero relato de experiência é estruturado a partir de uma interação de natureza estratégica (relação intersubjetiva), a qual estabelece, como instrução prática, o “relatar” (ato de linguagem), propiciando a construção de textos **longos** (em relação à duração) e **abertos** (em relação à sua forma, sob a perspectiva da produção e da leitura) e cujo desdobramento sobre o nível do texto-enunciado é a **constituição** de um discurso autobiográfico, caracterizado por **valores participativos** (sob o ponto de vista da adesão do enunciatário) e **exclusivos** (devido aos valores pessoais, morais e doutrinários) que veicula. Tais valores são decorrentes das coerções do gênero autobiográfico, que incitam à construção de narrativas sobre si, bem como sobre as memórias e experiências individuais. O tipo textual “entrevista” promove, por sua vez, a **congruência** na articulação dos três tipos discursivos: entrevista, relato de experiência e discurso autobiográfico.

Vale ressaltar que os **relatos de experiência** obtidos por meio da entrevista, como estratégia de coleta de informações, são marcados pelas propriedades textuais

genéricas do discurso autobiográfico³⁵. Em relação às características próprias da **estrutura composicional**, nota-se o estabelecimento de uma identidade entre enunciador, narrador e ator; a ênfase à figura do enunciador, como identidade; predominância dos tempos enuncivos e enunciativos pretéritos; predomínio da ordenação cronológica da narração; ênfase sobre os papéis temáticos assumidos pelo enunciador; preponderância do tipo textual narrativo e da figurativização, dada pela densidade semântica na constituição das categorias de pessoa, espaço e tempo.

Tais características têm implicações diretas sobre o **estilo**, com a constituição de um *éthos* a partir das relações passionais do enunciador com as experiências narradas e da projeção que faz de seu enunciatário. A versatilidade do gênero possibilita a adoção de uma determinada norma linguística, registro de fala (formal/informal) ou mesmo a expressão de variantes regionais, como traço de estilo individual. Em nosso *cópus*, destacam-se, ainda, características próprias da oralidade, que buscamos registrar no processo de transcrição, como a variação no ritmo da fala (lento/veloz), apreensível por meio da minutagem das questões e respostas), a entonação, as ênfases, pausas e reformulações, expressões próprias à variante regional captada (região de Sul de Minas Gerais). Por fim, a **estrutura temática** do gênero é determinada pela narração de memórias e experiências pessoais, que constituem o sujeito e sua identidade (como imagem projetada ou *éthos*).

A caracterização do *cópus* em relação às suas coerções genéricas nos possibilitou uma maior clareza sobre a sua constituição, permitindo-nos, sobretudo, avaliar quais dos seus aspectos – e em que medida – poderiam repercutir na homogeneidade, na extensão ou no detalhamento das informações coletadas. A esse respeito, julgamos digno de nota a escolha da entrevista semiestruturada como **estratégia** de coleta de dados, que influi – entre outros aspectos próprios da oralidade, como o ritmo de fala, a quantidade de hesitações, pausas, reformulações e reiteraões de cada informante – sobre a variabilidade da extensão dos relatos³⁶.

³⁵ Em seu estudo sobre o tempo no discurso autobiográfico, Barros (2006, p. 59-61) descreve, com maior detalhamento, as estruturas composicional, temática e estilística desse gênero, bem como seus parâmetros gerais de delimitação.

³⁶ Vale dizer que essa variação é também motivada ora por questões de ordem passional (considerando o envolvimento de cada entrevistado), ora por questões de ordem pragmático-cognitiva, a depender do enfoque e do detalhamento requeridos pelo entrevistador.

2 A PRÁTICA DA PSICOGRAFIA

2.1 Práxis enunciativa e práticas semióticas

Inicialmente pouco presente nos centros de interesse da semiótica greimasiana dos anos 1970, a enunciação traz em seu bojo aspectos que apenas posteriormente puderam ser reintegrados aos estudos semióticos. Reinserido no escopo de preocupações da semiótica do discurso contemporânea, o estudo da enunciação como construção “em ato” trouxe consigo a necessidade de um recorte que pudesse ser submetido à análise, ainda que por pressuposição: **a práxis enunciativa**.

Ligada à noção de uso, a práxis enunciativa atua como elemento regulador da enunciação individual (em sua singularidade), submetendo-a às coerções da **memória cultural** de uma dada sociedade ou comunidade linguística (em sua impessoalidade), assegurando, assim, a inteligibilidade de seus enunciados. Constitui-se, fundamentalmente, a partir dos **produtos do uso**, enquanto “conjunto das escolhas efetuadas” ou das “coerções e incompatibilidades semânticas impostas” (BERTRAND, 2003, p. 86). A realização do discurso submete-se, assim, às

imposições *a priori* das categorias morfossintáticas e os **limites, de ordem sociocultural**, impostos pelo **hábito**, pelas **ritualizações**, pelos **esquemas**, pelos **gêneros** e até pela **fraseologia**, que moldam e modelam, sem que saibamos, a previsibilidade e as expectativas de sentido (BERTRAND, 2003, p.86, grifo nosso).

A dicotomia saussuriana *língua* (como sistema fechado de regras) / *fala* (como exercício da liberdade) ressalta, paradoxalmente, “o jogo das restrições que se impõem a toda enunciação, para além do simples dispositivo estabilizado das regularidades gramaticais”, formando o que Bertrand denomina de “tricotomia”. Assim, são inseridos, entre a fala e o sistema, os produtos do uso (resultantes da práxis enunciativa), mobilizados pelo locutor a fim de garantir a eficiência comunicativa.

Longe de limitar completamente o exercício da enunciação individual, a práxis enunciativa possibilita que o enunciador não somente retome enunciados (os produtos do “uso”), mas que, ao convocá-los, possa refutá-los, revogá-los ou transformá-los – nas palavras de Denis Bertrand – atualizando-os e, assim, estabelecendo uma dinâmica de sedimentação e inovação das estruturas significantes.

Para Fontanille (2008c, p. 271), a **práxis enunciativa** estaria “implicada no **aparecimento e desaparecimento dos enunciados e das formas semióticas no campo do discurso**, ou no acontecimento que constitui o encontro entre o enunciado e a instância que a assume”. Por essa razão, a práxis enunciativa apresenta-se como uma noção essencial para a compreensão das **práticas semióticas**, tal como figuram no modelo fontaniliano de uma hierarquia dos níveis de pertinência semiótica.

Retornaremos à noção de práxis enunciativa em nosso capítulo 3, intitulado “Transmissão e memória”, no qual descrevemos o seu papel na dinâmica de constituição e transmissão de uma “memória” da prática psicográfica, por meio da qual se pode assegurar a sua permanência e persistência no horizonte axiológico do espiritismo e, de modo mais amplo, em sua relação com outras práticas semióticas – tais como a prática editorial.

2.2 As práticas semióticas: o conceito, seu histórico, suas aplicações e ganhos

L'approche sémiotique des pratiques doit par conséquent répondre à la fois à une exigence concrète, celle de la prise en charge de nouveaux champs d'investigation, et à un impératif épistémologique, celui de la définition des limites de leur propre immanence.

Fontanille, em *Pratiques Sémiotiques*.³⁷

Amplamente adotado no domínio das ciências humanas, o conceito de “prática” esteve presente na semiótica desde as primeiras teorizações de Greimas, acerca dos níveis de pertinência de análise. No *Dicionário de Semiótica*, publicado no final da década de 1970, as práticas foram definidas como

1. [...] os processos semióticos reconhecíveis no interior do mundo natural e definíveis de modo comparável aos **discursos**³⁸ (que são “**práticas verbais**”, isto é, **processos semióticos situados no interior das línguas naturais**).”
2. As **práticas semióticas** (que se podem igualmente qualificar de **sociais**) apresentam-se como sequências significantes de

³⁷ Cf. Fontanille, 2008b, p. 15.

³⁸ Grifo nosso.

comportamentos somáticos organizados, cujas realizações vão dos simples estereótipos sociais até as programações de forma algorítmica [...]. Os modos de organização desses **comportamentos podem ser analisados como programas (narrativos) cuja finalidade só se reconhece a posteriori [...]** (GREIMAS; COURTÉS, 2008 [1979], p. 380).

A classificação das práticas entre verbais (discursivas) e não-verbais (semióticas/sociais) – estas últimas dotadas de um caráter programático, que as tornava apreensíveis pela narratividade – terminou por conferir às práticas o mesmo tratamento dado aos textos, não havendo, então, maiores desenvolvimentos em torno de seu funcionamento específico.

Embora a noção tivesse retornado em estudos posteriores, sendo abordada de forma não sistematizada (a exemplo dos estudos de Jean-Marie Floch, ao final dos anos 1980 e ao longo da década de 1990 e das reflexões acerca do tema por Landowski, no final da década de 1990), as práticas só se destacaram entre as preocupações da semiótica a partir de 2004, no âmbito do *Séminaire Intersémiotique de Paris*, que as tomou como tema de suas discussões. As contribuições de J. Fontanille para o estudo das práticas deu-se principalmente a partir da formulação de uma hierarquia de níveis de pertinência semiótica – então apresentada como “percurso gerativo da expressão” (FONTANILLE, 2006, p. 16).

Dois teóricos no campo das ciências humanas e sociais já haviam abordado amplamente o conceito de **prática**, desde a década de 1970, influenciando o pensamento do seu tempo: Pierre Bourdieu e Michel de Certeau³⁹. Em *Pratiques Sémiotiques*, Fontanille (2008b) relata que, a fim de redimensionar o conceito de **práticas semióticas**, procedeu à releitura da obra bourdiana, interessando-se sobretudo pela noção de *habitus*, que Bourdieu define como “sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (2005, 191). Desse modo, articulando as noções de “prática” e de “estrutura”, Fontanille tira importantes implicações sobre a práxis enunciativa, em sua relação com o corpo sensível. Toma forma, assim, a sua

³⁹ Destaca-se, do primeiro, o artigo “Estrutura, habitus e prática”, do livro *A economia das trocas simbólicas* (BOURDIEU, 2005, [1967]) e, do segundo, o livro *A invenção do cotidiano: as artes do fazer* (CERTEAU, 1994 [1975]).

concepção de “corpo enunciante” como “mediador entre o *habitus* e a práxis enunciativa”⁴⁰.

Outras fontes fundamentais para a elaboração de uma teoria das práticas foram os trabalhos de Floch (2013 [1990]) e Landowski, cujas análises e reflexões serviram base para a formalização e o detalhamento dos níveis de pertinência. Servindo-se do estudo “*Êtes-vous arpenteur ou somnambule?*” (FLOCH, 2003 [1990], p. 19-47), por exemplo, Fontanille pôde proceder à seleção de elementos constituintes da cena-prática em suas propriedades sensíveis, tornando possível delinear e situar o nível das práticas. Já Landowski, em *O olhar comprometido* (LANDOWSKI, 2001 [1998]), questiona principalmente o estatuto da semiótica discursiva, discutindo a necessidade de se passar de uma semiótica do texto enunciado para uma “semiótica do sensível” e “das situações” – o que remete, naturalmente, ao nível das práticas.

Assim, é possível perceber que nem as práticas nem os níveis de pertinência de análise eram ideias propriamente novas no corpo da teoria semiótica greimasiana. Contudo, a originalidade da contribuição fontaniliana residiu justamente na capacidade de articulação entre conceitos e aplicações, dos quais se originaram o seu modelo teórico para uma hierarquia de níveis de pertinência, com a ampliação da compreensão sobre as práticas semióticas, seus limites e as suas formas de tratamento.

É, pois, por essa retomada “fundamental” da teoria greimasiana, pela semiotização de conceitos abordados no campo das ciências sociais, tais como os de prática e *habitus*, e pela reelaboração, como já dito, das contribuições feitas por Landowski e Floch, principalmente – cujos estudos e análises lhe permitiram apreender os elementos que, posteriormente, esquematizaria como componentes do seu percurso de geração de sentido – que Fontanille elabora o seu modelo, de modo a acolher as semióticas-objeto que se encontram além do nível textual, classicamente explorado pela semiótica *standard*.

Segundo Fontanille (2008b, p. 26, tradução e grifos nossos),

As **práticas**, com efeito, se caracterizam principalmente por seu **caráter de processo aberto, circunscrito em uma cena**: trata-se, portanto, de um domínio de expressão compreendido entre o movimento mesmo de sua transformação, mas que toma forma

⁴⁰ “[...] Le corps, en somme, en tant que médiateur entre *l’habitus* et la *praxis enonciative*” (FONTANILLE, 2008b, p. 3).

enquanto cena [...]. Mas esse processo cenarizado não é “pertinente” a não ser que ele contraia uma **função semiótica com uma estrutura predicativa**. Por consequência, do lado do conteúdo, as práticas se caracterizam pela existência de um **núcleo predicativo**, uma “cena”, sendo assim **organizada em torno de um “ato”**, no sentido em que, na linguística dos anos 1960, se falava da predicação verbal como uma “pequena cena”. Essa cena se compõe de um ou vários **processos, circundados pelos actantes próprios ao macropredicado da prática**⁴¹.

Assim, segundo a definição fontaniliana, uma prática semiótica pode ser compreendida como uma estrutura sintagmática que assume a forma de uma cena predicativa, derivada da articulação entre um ou mais processos e actantes.

Os papéis actanciais próprios ao macropredicado podem, além disso, ser desempenhados “pelo texto ou imagem em si mesma, por seu suporte, pelos elementos do ambiente, pelo utilizador ou observador”, de onde decorre que a cena prática consiste também nas relações modais e passionais estabelecidas entre esses diferentes papéis (FONTANILLE, 2008b, p. 26-27).

Para Fontanille (2008b, p. 26), a experiência semiótica que se dá no nível de pertinência das práticas pode ser definida com a expressão “em ato”, em consonância com os estudos semióticos do texto, das últimas décadas, nos quais “enunciação em ato”, “semiose em ato” e “significação em ato” aparecem relacionadas a uma concepção de significação “dinâmica”. Sob essa perspectiva, a noção de “em ato” tem por objetivo enfatizar os processos de construção e de emergência da significação, em vez de seus resultados.

A noção de enunciação “em ato” decorre de uma concepção de significação voltada para o “processo”, isto é, para a apreensão de uma “significação viva”, que se constrói no momento mesmo da enunciação. Para Fontanille, a escolha por essa visão, em oposição à mais convencional, de semiose como “produto”, mostra-se mais produtiva e coerente no que diz respeito à proposição de uma semiótica do

⁴¹ “Les pratiques, en effet, se caractérisent principalement par leur caractère de processus ouvert circonscrit dans une scène : il s'agit donc d'un domaine d'expression saisi dans le mouvement même de sa transformation, mais qui prend forme en tant que scène [...]. Mais ce processus scénarisé n'est « pertinent » que s'il contracte une fonction sémiotique avec une structure prédicative. Par conséquent, du côté du contenu, les pratiques se caractérisent par l'existence d'un noyau prédictif, une « scène » étant alors organisée autour d'un « acte », au sens où, dans la linguistique des années 1960, on parlait de la prédication verbale comme d'une « petite scène ». Cette scène se compose d'un ou plusieurs procès, environné par les actants propres au macro-prédicat de la pratique”.

discurso, que toma por unidade de análise “o discurso e não o signo”; em suma, o texto, “seja ele verbal ou não-verbal” (FONTANILLE, 2008c, p. 29).

Muito embora possa ser reconhecida como um “texto”, a significação “em ato”, não pode ser apreendida no nível dos textos-enunciados – no qual somente deixa rastros de sua substância –, tornando-se apreensível somente por esquematização, no nível das cenas práticas.

Desse modo, por se configurar como uma cena – a cena predicativa – o nível das práticas nos permite analisar as mútuas implicações entre os regimes e as operações constituintes da práxis enunciativa e a programação estabelecida nas práticas semióticas. Ao permitirem a narrativização da situação semiótica, as práticas nos remetem à sua instância pressuposta: a enunciação.

Devido à sua localização em uma posição intermediária na hierarquia, o nível das práticas semióticas pode ser considerado o mais apropriado como ponto de partida para a análise tanto dos seus níveis inferiores (dos signos, textos-enunciados e objetos) quanto dos superiores (das estratégias e formas de vida), uma vez que nele os processos de integração tornam-se mais visíveis. É, pois, na instância da cena prática que se dá a articulação entre os objetos, em sua dimensão material, e as estratégias, em sua dimensão pragmático-cognitiva.

É precisamente por permitir a “narrativização” da situação semiótica por meio de ajustamentos entre os atos/processos e articulações com outras práticas, que a descrição da cena-prática se impõe como um passo fundamental para a caracterização de qualquer prática semiótica. Por essa razão, as práticas semióticas se apresentam como um conceito privilegiado para o estudo do “texto” (seja ele verbal, pictórico, audiovisual, etc.), considerando-o em as suas diversas semióticas-objeto e, sobretudo, levando em conta os elementos que, no seu entorno, estabelecem com elas uma relação de pertinência.

Assim, após termos introduzido o conceito de práticas semióticas, em seu histórico, suas aplicações e os ganhos que possibilita à teoria semiótica – principalmente em relação às aspirações e aos desenvolvimentos da semiótica discursiva –, passaremos à descrição do modelo fontaniliano para uma hierarquia de níveis de pertinência, de modo a definir o seu lugar e a sua operacionalidade no estudo de diferentes semióticas-objeto.

2.3 A hierarquia de níveis de pertinência semiótica: o modelo fontaniliano

A proposta de uma hierarquia de níveis de pertinência semiótica, inicialmente apresentada por Fontanille como “o percurso gerativo da expressão”, foi elaborada de modo a fornecer subsídios para a análise de semióticas-objeto que não se restringissem ao nível do texto-enunciado – nível seguramente analisável pelo plano do conteúdo, acessível pelo percurso gerativo do sentido. A fim de que se pudesse apreender as semióticas-objetos que se fundam em outros níveis de imanência, Fontanille propõe um percurso de integrações que permite uma visão global de como se processa o sentido, levando em consideração os diferentes tipos de experiência (em seu aspecto fenomenológico) (FONTANILLE, 2008b, p. 34-35), isto é, diferentes tipos de textualizações de um mesmo objeto.

Enquanto modelo desenvolvido para o tratamento de objetos semióticos complexos, a formulação de J. Fontanille postula a existência de níveis de apreensão da experiência (“expressão”) semiótica de um objeto, por meio de um percurso gerativo que vai dos **signos** às **formas de vida**, isto é, do mais simples ao mais complexo.

Os “níveis de pertinência” de análise não são, como dito anteriormente, uma ideia recente em semiótica, remontando ao início do projeto greimasiano, com a publicação de *Semântica Estrutural*. Em uma de suas últimas conferências, Greimas reafirmava ainda a importância dos níveis de pertinência como um princípio de cientificidade necessário ao estabelecimento de um “discurso taxionômico” em ciências humanas (PORTELA, 2008a, p.51).

Vale lembrar o conceito de pertinência, tal como definido por Greimas e Courtés (2008, p. 369):

[...] pode-se definir a pertinência como uma **regra da descrição**⁴² científica (ou como **uma condição** a que deve satisfazer um **objeto semiótico construído**, segundo a qual **só devem ser tomadas em consideração, entre as numerosas determinações (ou traços distintivos) possíveis de um objeto, as que são necessárias e suficientes para esgotar sua definição**: dessa forma, esse objeto não poderá ser confundido com outro de mesmo nível, nem sobrecarregado de determinações que, para serem discriminatórias, devem ser retomadas somente em um plano inferior. A definição que propomos, assim, de pertinência está intimamente ligada, como se vê,

⁴² Grifos nossos.

à concepção dos níveis de linguagem (Benveniste) e também à da **semiótica considerada como uma hierarquia** (Hjelmslev).

Nesse sentido, o que a proposta fontaniliana resgata, antes de tudo, em sua “hierarquia de níveis de pertinência semiótica” (FONTANILLE, 2008b), é uma tradição consolidada pela linguística europeia, cujo método taxionômico se assenta sobre o princípio de pertinência, posteriormente, retomado por Greimas como um dos princípios basilares na constituição de um fazer taxionômico com vistas à coerência científica das pesquisas em humanidades. O traço de inovação do modelo fontaniliano está, entretanto, no seu esforço de detalhamento do que seriam e como se articulariam os níveis de pertinência do “percurso gerativo do plano da expressão”, como intitulou na primeira versão de seu modelo, de 2004.

Segundo o modelo fontaniliano (FONTANILLE, 2008b, p. 34), o percurso gerativo da expressão é constituído por seis níveis de pertinência de análise, que derivam de seus modos de experiência semiótica. Cada nível pode ser convertido em um determinado tipo de semiótica-objeto e corresponde, assim, a um plano de imanência específico, no qual significações de diversas ordens podem ser expressas. Essa hierarquia de níveis se apresentaria, portanto, “como a descrição de uma estrutura semiótica das culturas” (FONTANILLE, 2008a, p. 20). Os níveis de pertinência semiótica são classificados em seis tipos de experiência:

1. **Figuratividade**, que ocorre no nível dos **signos**;
2. **Coerência e coesão interpretativas** (experiência interpretativa e textual), que acontece no nível dos **textos-enunciados**;
3. **Corporeidade** (experiência corpóreo-material), que ocorre no nível dos **objetos-suportes**;
4. **Prática**, que acontece no nível das **cenias práticas**;
5. **Conjuntura** (a experiência das conjunturas e dos ajustamentos), que ocorre no nível das **estratégias**;
6. **Éthos e comportamento** (a experiência dos estilos e dos comportamentos), que acontece, por fim, no nível das **formas de vida**.

A hierarquia de níveis de pertinência semiótica (ou hierarquia dos planos de imanência) (FONTANILLE, 2008b, p.34) pode ser assim representada (quadro 7):

Quadro 7 – Níveis de pertinência semiótica

<i>Tipo de experiência</i>	<i>Instâncias formais</i>	<i>Interfaces</i>
Figuratividade	Signos ↓	Formantes recorrentes
Coerência e coesão interpretativas	Textos-enunciados ↓	Isotopias figurativas da expressão
		Dispositivo de enunciação/inscrição
Corporeidade	Objetos ↓	Suporte formal de inscrição
		Morfologia práxica
Prática	Cenas práticas ↓	Cena predicativa
		Processos de adaptação
Conjuntura	Estratégias ↓	Gestão estratégica das práticas
		Iconização de comportamentos estratégicos
Éthos e comportamento	Formas de vida	Estilos estratégicos

Fonte: Fontanille (2008b, p. 34, tradução nossa)

De acordo com a formalização fontaniliana, o nível dos **signos** – unidades mínimas e constitutivas do sentido – é considerado o primeiro e o mais inferior e elementar entre os níveis, sendo integrado também pelas figuras, uma vez que elas constituem formas de expressão dos signos (2008b, p.18).

O nível dos **textos-enunciados** é aquele em que os signos e figuras se organizam em textos, como um conjunto significante. Os textos-enunciados são constituídos de um plano de imanência com duas faces: uma face formal, que contém as figuras-signos no nível inferior, e uma face substancial, que se apoia sobre um suporte-objeto, isto é, um dispositivo de inscrição.

O nível dos objetos-suportes é aquele em que um texto-enunciado integra-se a um suporte de inscrição, cujo estatuto é o de “**corpo-objeto**”. Fontanille (2008b, p. 21) explica que “os objetos são estruturas materiais tridimensionais, dotadas de uma morfologia, de uma funcionalidade e de uma forma exterior identificável, cujo conjunto é ‘destinado’ a um uso ou a uma prática mais ou menos especializada”.

No nível da **cena prática**, a experiência manifesta-se por meio de uma cena predicativa, que constitui o núcleo da prática. Por ser dotada de uma forma sintagmática, a cena prática evidencia os processos de significação (predicados) que a constituem, possibilitando, assim, delimitação e a descrição de uma prática (FONTANILLE, 2008b, p. 28).

O quinto nível é o das **estratégias**. Esse nível é composto por uma face formal, voltada aos níveis inferiores, que gerencia e controla os processos de adaptação; e uma face substancial, voltada ao nível superior, e que pode ser formalizada graças à esquematização estilística e à iconização dos comportamentos estratégicos em formas de vida (FONTANILLE, 2008b, p. 31). As estratégias organizam os diversos processos herdados da cena prática.

O sexto nível é o das **formas de vida**. Fontanille (2008b, p. 32) define uma forma de vida como uma “deformação coerente” obtida pela repetição e pela regularidade dos conjuntos de estratégias adotadas para articular as cenas práticas entre si. Este nível herda todas as formas pertinentes dos níveis anteriores, incluindo “as figuras, os textos-enunciados, os objetos e as práticas específicas”.

O percurso de constituição do plano da expressão pressupõe, assim, uma **matéria da expressão**, dotada de uma **forma** e de uma **substância**. Retomando a série hjelmsleviana “matéria, substância e forma”, Fontanille (2008b, p. 36) destaca a sua dimensão operatória, que permite que se possa observar, no interior da hierarquia dos planos de imanência, as transformações que conduzem da matéria à substância e da substância à forma, numa estrutura sintagmática que ele denomina de “percurso de integração”. Nesse percurso, a integração de um nível a outro torna-se observável por meio das estruturas de interface, cuja transição se dá pela articulação entre a “face formal” (voltada para o nível inferior) e a “face substancial-material” (voltada para o nível superior) entre os planos de imanência (FONTANILLE, 2008b, p. 42).

Assim configura-se o **princípio de integração**⁴³, fundado na noção de manifestação. Submetidos a esse princípio, Fontanille afirma que todos os níveis de pertinência mantêm, entre si, uma relação de interdependência. Isto posto, pelo princípio constante da esquematização, cada instância [N+1] seria estruturada a partir das propriedades sensíveis e materiais das instâncias precedentes [N]:

Esse princípio de composição obedece, assim, a um princípio constante: a esquematização, num dado nível, das propriedades materiais e sensíveis que estavam associadas às semióticas-objeto dos níveis precedentes. Globalmente, trata-se da **conversão de uma experiência** (e de uma fenomenologia), **em um dispositivo de expressão semioticamente pertinente**, isto é, que possa ser associada a um plano do conteúdo (FONTANILLE, 2008b, p. 35, tradução nossa).⁴⁴

O funcionamento da hierarquia de níveis de pertinência é regulado por dois tipos de **movimentos de integração**: o **ascendente** ou percurso canônico, no qual se parte do mais simples para o mais complexo, ou seja, do nível dos signos ao das formas de vida, e o **descendente** ou percurso não-canônico, que vai do mais complexo ao mais simples, ou seja, do nível das formas de vida ao dos signos. Esses movimentos apresentam, ainda, dois modos de ocorrência, resultando no **percurso sincopado**, cujas síncopes podem ser ascendentes ou descendentes. As síncopes nada mais são do que “saltos” entre os níveis do percurso.

As **síncopes ascendentes** podem ser interpretadas como uma “desmaterialização” dos suportes de inscrição, uma vez que suprimem o nível do objeto, fazendo-nos passar diretamente do texto à prática. Como exemplo, Fontanille (2008a, p. 30) cita o pagamento eletrônico, que cria uma supressão aparente da prática de utilização do cartão magnético, como forma de inscrição de valores monetários. Nesse tipo de movimento, os níveis anteriores são ignorados, permitindo que um determinado nível do percurso possa assumir a sua autonomia, tal como se fosse uma instância “originária”:

⁴³ Cf. Benveniste, 1995, p. 127-140.

⁴⁴ “Ce principe de composition obéit donc à un principe constant : la schématisation, a un niveau donné, des propriétés matérielles et sensibles qui étaient associées aux sémiotiques-objets des niveaux précédents. Globalement il s'agit de la conversion d'une expérience (et d'une phénoménologie) en dispositif d'expression sémiotiquement pertinent, c'est-à-dire qui puisse être associé à un plan du contenu.”

[...] assim, encontraremos objetos sem figuras-signos nem textos aparentes, como a maioria das ferramentas ou das máquinas. Essa última possibilidade leva-nos, aparentemente, aos limites do domínio tradicionalmente atribuído à semiótica, já que confere um estatuto semiótico a manifestações sociais e culturais que, no limite, podem não comportar nenhuma “figura-signo”, nenhum “texto-enunciado” e, *a fortiori*, não têm relação com nenhuma manifestação verbal.

Enquanto a síncope ascendente representa os níveis anteriores, em uma somatória de “dimensões suplementares”, a **síncope descendente**, realiza o movimento oposto, em uma redução do número de dimensões ao longo do percurso. Como exemplo, Fontanille (2008b, p. 60) menciona a prática da dança, que pode ser esquematizada como cena prática (ou cena predicativa), integrando, ao mesmo tempo, “ajustamentos” ou adaptações espaço-temporais na instância estratégica em que se situam os corpos em movimento.

Os percursos ascendente e descendente, a despeito de sua oposição direcional, não são movimentos contrários um ao outro, de acordo com Fontanille (2008a, p. 31), pois a diferença entre eles está na reciprocidade dos percursos de integração: “a prática integra um texto (direção hierárquica ascendente), o texto integra uma prática (direção hierárquica descendente)”.

Por ocupar uma posição intermediária na hierarquia, o nível das práticas semióticas pode ser considerado, assim, o mais apropriado como ponto de partida para a análise tanto dos seus níveis inferiores (dos signos, textos-enunciados e objetos) quanto dos superiores (das estratégias e formas de vida), uma vez que nele os processos de integração tornam-se mais visíveis.

2.4 Adaptação, otimização e resolução de heterogeneidades: a segmentação da prática

À propriedade de negociação, própria da dimensão estratégica das práticas, dá-se o nome de “**adaptação**”. Na condição de “processo adaptativo e estratégico da ‘semiose em ato’”, Fontanille (2008b, 130) explica que a adaptação é uma característica distintiva da forma semiótica das práticas em relação à forma semiótica dos textos-enunciados ou dos signos.

Por serem dotadas de uma dimensão estratégica integrada, que funciona não como uma ordem de “execução” de algo, mas como um “horizonte de referência, de garantia, e mesmo de pressão persuasiva, para resolver os problemas inseridos na própria prática” (2008b, 130), as práticas podem ser compreendidas como uma negociação contínua processualmente desdobrada entre várias instâncias:

[...] um objetivo atribuído à ação; um horizonte de referência e/ou de consequências; a eventual resistência dos substratos e das contrapráticas, das ocasiões e dos acidentes; as formas canônicas (hábitos, rotinas de aprendizagem, normas, etc.) e as esquematizações emergentes do uso (aprendizagem, ajustamentos, táticas, etc.).⁴⁵

A organização sintagmática das práticas é constituída, assim, por “confrontações” e “adaptações”, eventualmente guiadas pelo horizonte de uma **sequência canônica**, implicando uma atividade interpretativa e reflexiva, designada, por isso, como “autoadaptativa”, e transitiva, por aludir a um “horizonte de referência tipológico ou canônico” (FONTANILLE, 2008b, 130-131).

Desse modo, para cada prática concreta, **o processo de adaptação visa à otimização**, que pode ser compreendida como a busca do sentido da ação, no curso da própria ação, dando à prática a forma de uma **sequência de resolução** (FONTANILLE, 2008b, p. 132). Fontanille (2008b, p. 134) explica que essa sequência possui a “forma sintagmática de uma ‘cena de resolução’ do ponto de vista discursivo e de uma ‘prova’ do ponto de vista narrativo”.

Assim, a sequência de resolução é constituída a partir de uma situação inicial de “falta de sentido”, em que a “falta” diz respeito ao fato de que a ação acabou de ter início e que, portanto, ainda não se conhece a sua forma e o seu sentido definitivos. A falta de sentido ocorre, então, no interior de uma “**situação-ocorrência**”, a qual se encontra em coocorrência com outras circunstâncias, práticas, actantes e atores, sob outras condições de tempo e espaço. A situação-ocorrência é definida pela “confrontação de uma prática e sua alteridade” (2008b, p. 132), estabelecendo o espaço das estratégias em integração com a prática.

⁴⁵ “[...] un objectif assigné à l'action, un horizon de référence et/ou de conséquences, l'éventuelle résistance des substrats et des contre-pratiques, des occasions et des accidents, des formes canoniques (habitudes, routines d'apprentissage, normes, etc.), et des schématisations émergentes de l'usage (apprentissage, ajustements, tactiques, etc.)” (FONTANILLE, 2008b, p. 27).

Fontanille (2008b, p. 132), propõe, desse modo, a sequência de resolução, que se desenrola a partir da “falta de sentido” e atinge, por fim, uma forma de adaptação, dada pela fórmula:

<FALTA DE SENTIDO – ESQUEMATIZAÇÃO – REGULAÇÃO – ADAPTAÇÃO>

A fórmula apresentada sintetiza a forma canônica das práticas (FONTANILLE, 2008b, p. 133), cujo início se dá com a instauração de uma situação-ocorrência, caracterizada pela **falta de sentido** – o que resulta, portanto, na necessidade de produzir sentido – enquanto motivação para a sua atualização.

A **esquemáticação** é a etapa em que a situação-ocorrência é comparada a outras, isto é, com outros esquemas organizadores (isotopia actancial, modal, latitudes espacial e temporal). A análise da situação pode conduzir, se necessário, a esquemas inovadores, por sua capacidade autoadaptativa.

A **regulação** é o momento no qual a solução adaptativa (forma eficiente) é projetada sobre a situação-ocorrência, modificando o equilíbrio modal (*querer-fazer, saber-fazer e poder-fazer*) entre os atores.

Por fim, a **adaptação** é a forma estratégica do percurso da prática, correspondendo à fase de resolução da “prova” (do ponto de vista narrativo, dado pela organização da cena em um percurso canônico). Relacionada à eficiência práxica, de modo geral, a adaptação atua de modo específico na fase da esquematização, na forma de dois tipos adaptativos: a “**programação** externa”, como valência héteroadaptativa, e o “**ajustamento** progressivo”, como valência autoadaptativa.

A programação é determinada, então, pelas coerções da situação-ocorrência, isto é, pelas normas e regras preexistentes e das relações que a prática estabelece externamente, com outras às quais se articula. O ajustamento, por outro lado, diz respeito à busca de uma prática por sua própria estabilidade e significação, no confronto com as coerções externas (FONTANILLE, 2008b, p 136).

Da dinâmica entre a programação e o ajustamento, na etapa de esquematização, derivam os “regimes sintagmáticos”, que marcam a etapa de regulação, na qual o percurso da prática tem a sua resolução. Os regimes são caracterizados por modalidades dominantes, com foco na modificação das relações modais entre os “interactantes” (FONTANILLE, 2008b, p. 134), constituindo tipologias. São eles:

- 1) **Práxis** (poder): regime caracterizado pela regulação sobre os encadeamentos e as etapas;
- 2) **Procedimento** (saber): refere-se à regulação baseada em uma programação prévia das fases e sua sucessão;
- 3) **Conduta** (querer): a esquematização resulta da iconização autoadaptativa e a regulação ocorre pela manifestação figurativa das motivações;
- 4) **Protocolo** (dever): a esquematização se dá pela determinação dos papéis e das etapas e a regulação se apresenta como uma projeção desses papéis sobre a imprevisibilidade do percurso;
- 5) **Ritual** (crer): regulação que se baseia na gestão do rítmica (temporal) da sequência.

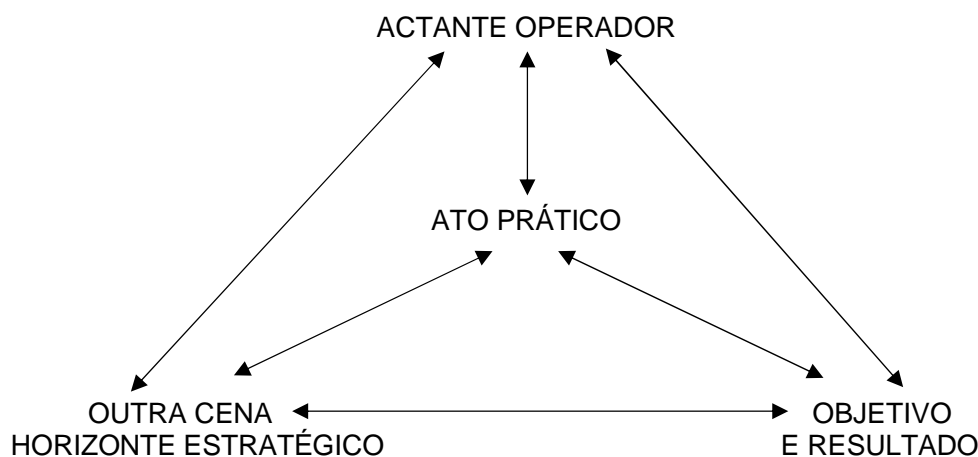
Tendo como principais instâncias o **ato**, o **operador**, o **objetivo** e o **horizonte estratégico** (FONTANILLE, 2008b, p. 212), a forma canônica da cena prática possibilita delimitar e situar a prática, conceitualmente, em seu espaço ético, respeitando a “lógica das posições”, que Fontanille desenvolve com maior detalhamento em *Semiótica do Discurso* (2008c) a partir da proposição de Tesnière, da existência de um primeiro, segundo e terceiro actantes (actante observador). As instâncias que constituem a cena prática são assim descritas (FONTANILLE, 2008b, p. 214):

- O **ato**, constituído de uma temática predicativa, sua segmentação aspectual e suas modalizações;
- O **operador**, caracterizado por sua identidade temática e seus papéis modais e passionais;
- O **objetivo**, que porta os valores da prática em ato, podendo ser compreendido como um “resultado”;

- O **horizonte estratégico**, que constitui a “outra cena”, como horizonte teleológico que determina as modalizações, os papéis passionais e os valores de outras práticas com as quais a prática em curso interage, localizando-se para além do curso de ação da cena prática.

De modo a representar as relações possíveis entre as quatro instâncias constitutivas da cena prática, Fontanille (2008b, p. 215) propõe o seguinte modelo:

Esquema 2 – Modelo canônico da cena prática



Fonte: Fontanille (2008b, p. 215)

A análise das práticas semióticas pretende, assim, permitir a reconstituição de sua pertinência, de modo a viabilizar a sua caracterização. Entretanto, não se trata de reconstituir a sua “pertinência máxima”, somente possível de ser atingida no nível das formas de vida ou, de modo mais amplo, na esfera da cultura, mas do que que Fontanille denomina de “eficiência ótima”, atingida pela “otimização da análise”. A otimização da análise é concebida como “a busca de um equilíbrio econômico entre a extensão e a complexidade do plano de expressão a ser apreendido [...] e o aporte descritivo ou explicativo que resultará dessa escolha (FONTANILLE, 2008b, p. 210).

A otimização da análise considera, então, o alcance epistemológico e metodológico do percurso de **integração** dos níveis de pertinência (planos de imanência), enquanto hierarquia, o qual se presta a ser, no plano da expressão

semiótica (da experiência semiótica) o que o percurso gerativo do sentido pretendeu ser para o plano do conteúdo. Assim sendo, seu alcance metodológico permite ao analista que apreenda as articulações semióticas não evidenciadas nas práticas pelo mero “uso cotidiano e pela intuição” (FONTANILLE, p.209-210).

Ainda que a otimização da análise nos permita transitar entre os diferentes níveis de pertinência, é importante ressaltar que a nossa escolha, neste estudo, de realizar uma análise que tem como ponto de partida a experiência das práticas decorre de uma importante característica de que este nível é dotado:

Ele apresenta a vantagem de ser, de uma parte, mais fácil de se circunscrever e apreender, enquanto conjunto de [propriedades] “observáveis”, do que aquele das estratégias e das formas de vida, e de outra parte, de restituir a dinâmica e o caráter de “processo em ato” que falta aos níveis de pertinência inferiores, os signos, os textos e os objetos (FONTANILLE, 2008b, p.211, tradução nossa)⁴⁶.

Desta forma, o que propusemos neste estudo foi justamente a busca pela apreensão de respostas semióticas para os sentidos não evidentes na prática da psicografia, resultantes das integrações do nível das práticas com aqueles o precedem – signos, objetos e textos-enunciados, dos quais herdamos propriedades formais e materiais –, e que o sucedem – estratégias e formas de vida, aos quais soma as suas propriedades formais e materiais – na hierarquia de níveis de pertinência.

Um dos procedimentos indispensáveis ao tratamento do nosso corpus foi a sua **leitura transversal**, que nos possibilitou a apreensão dos elementos recorrentes nas narrativas, de modo que pudéssemos abordá-las como um conjunto, uma unidade, a despeito de sua heterogeneidade enunciativa constitutiva. Esse procedimento, a que Fontanille (2008b, p. 49) denomina de “resolução de heterogeneidades”, pode ser aplicado a conjuntos heterogêneos, como, por exemplo, uma série de textos (assim como de objetos ou imagens), ou a semióticas-objeto de gêneros diversos ou, ainda, de diferentes mídias (no caso do estudo do posicionamento mercadológico de uma marca), as quais apresentam estruturas de enunciação aparentemente não homologáveis umas às outras (2008b, p. 53).

⁴⁶ “Il présente l’avantage d’être, d’une part, plus facile à circonscrire et à saisir, en tant qu’ensemble d’« observables », que celui des stratégies et des formes de vie, et d’autre part, de restituer la dynamique et le caractère de « processus en acte » qui manque aux niveaux de pertinence inférieurs, les signes, les textes et les objets.”

No caso de um *cópus* como o nosso, constituído por relatos de experiência obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas, foi preciso considerar que este se projetava “transversalmente” sobre um conjunto de enunciados, em termos fontanilianos, de modo que suas estruturas narrativas determinavam a distribuição de papéis actanciais, isotopias modais e a constituição de sistemas axiológicos. A aplicação desse procedimento a cada uma das entrevistas resulta no que Fontanille (2008b, 54) descreve como sendo comparável à atualização de um pictograma: “[...] cada contribuição particular fornece os constituintes de um conjunto significativo de nível superior, cujo estatuto nem sempre é claramente determinado”.

Como resultado, foi possível chegar a um “universo de representação partilhada” (FONTANILLE, 2008b, p. 55) entre os médiuns informantes, tornado acessível por meio dos elementos fornecidos por cada entrevista, permitindo-nos, assim, atingir o nível das práticas, como conjunto englobante localizado em um nível superior (por um movimento de integração ascendente, dos textos-enunciados às práticas). O que esse conjunto nos apresenta é, portanto, uma cena prática de caráter geral (prototípico) e homogêneo, uma “semiótica construída”, que nos possibilita a redução das heterogeneidades do *cópus*, presentes em seus textos e enunciados, revelando-nos, assim, os elementos constituintes e a própria sintaxe da prática que os subsume.

Essa “representação partilhada”, como configuração semiótica englobante, torna-se observável no nível das práticas, viabilizando a sua modelização, que atua como um dispositivo de redistribuição da heterogeneidade observável no conjunto, em uma única estrutura actancial, modal e axiológica englobante.

Em relação à resolução das heterogeneidades, vale reforçar que ela já ocorre, em certa medida, como decorrência do percurso de integração dos níveis de pertinência, uma vez que este nos permite observar a conversão entre os níveis, por meio das propriedades materiais e sensíveis que os ligam uns aos outros. Entretanto, nesse caso, a resolução das heterogeneidades se relaciona especificamente aos modos de expressão semiótica (que se refere aos tipos de experiência proporcionados por cada uma das instâncias formais da hierarquia de níveis).

Desse modo, pretendemos ter esclarecido de que maneira a hierarquia de níveis de pertinência, enquanto modelo teórico, mostra-se como uma ferramenta de notável valor heurístico, viabilizando a descrição e a análise de semióticas-objeto para além do nível de pertinência dos textos-enunciados.

Após essa apresentação geral dos princípios fundamentais para o estudo das práticas semióticas, passaremos, então, à análise semiótica da prática psicográfica, visando à sua caracterização.

2.5 A psicografia como prática semiótica

2.5.1 A configuração da psicografia como prática semiótica

Ao nos lançarmos à análise de um corpúsculo de natureza etnográfica, que apresenta como principal característica a heterogeneidade constitutiva – algo esperado em uma série de entrevistas –, foi necessário que procedêssemos à sua leitura transversal, de modo a fornecer uma resolução “polifônica” (FONTANILLE, 2008b, p.53) que nos permitisse chegar ao percurso canônico da prática psicográfica.

A resolução das heterogeneidades tornou-se possível por meio do “mapeamento” do corpúsculo, a fim de que pudêssemos modelizar o sistema de representação compartilhada pelos sujeitos envolvidos na prática psicográfica, configurando, assim, a sua sintagmática.

Desse modo, delineamos o percurso da prática psicográfica, partindo do nível dos textos-enunciados (“n”), em sua “multiplicidade de vozes” (FONTANILLE, 2008b, 56), e chegando, por um movimento de integração ascendente, aos seus níveis superiores (“n+1” e subsequentes). Por sincretizarem as propriedades dos níveis anteriores, estes últimos níveis nos permitem observar a redistribuição da heterogeneidade estruturante das configurações actanciais, modais e axiológicas apreendidas no nível dos textos-enunciados (“n”). É por esse motivo que, ao nos posicionarmos no centro da hierarquia dos níveis de pertinência semiótica – o nível das práticas –, podemos apreender, por integração ascendente (canônica) ou por integração descendente (movimento inverso, não canônico) a sua organização sintagmática.

Para que pudêssemos realizar a segmentação e a análise da prática psicográfica, efetuamos os seguintes procedimentos⁴⁷:

⁴⁷ Os dois últimos procedimentos aqui citados são recomendados por Fontanille (2008b, p. 130) à análise “adequada” das práticas, de modo que o primeiro deles – a delimitação da situação-ocorrência – é, ao que parece, tomado como pressuposto.

- 1) a síntese da situação-ocorrência ou macropredicado que caracteriza a sua temática, por meio de um predicado verbal (“psicografar”);
- 2) A observação, no cópuz, de três variáveis: i) as isotopias modais dominantes; ii) as combinações e níveis de modalização aceitos; iii) as formas aspecto-temporais;
- 3) A determinação da **sequência canônica da prática** – sua organização sintagmática –, dada por uma sequência de resolução (falta de sentido – esquematização – regulação – adaptação), de modo a textualizá-la em seu macropredicado, com base no delineamento de suas relações actanciais (sujeito-operador, sujeito-observador, objeto).

A análise do cópuz nos possibilitou, assim, apreender a sintagmática da prática psicográfica, em seu macropredicado, a partir do qual pudemos observar a existência de dois percursos canônicos: um referente ao **percurso do sujeito-médium** e o outro relacionado ao **percurso da prática**.

O primeiro compreende o percurso de competencialização do médium, em que podemos ver as fases implícitas pelas quais passa o sujeito em seu percurso de aquisição de competência. Por meio de um algoritmo, podemos assim representá-lo:

ECLOSÃO + [INICIAÇÃO + DESENVOLVIMENTO] + HABILITAÇÃO

Na etapa inicial, a que denominamos “**eclosão**”, há o “surgimento” da mediunidade, uma potencialidade (**poder-fazer**) latente, até então ignorada, que resulta em um investimento modal inicial, o **querer-saber** ou o **dever-saber**. O perceber-se “médium”, enquanto autodescoberta, dá início a um percurso cognitivo que nos permite apreender a motivação do sujeito-médium.

As fases subsequentes, representadas entre colchetes, configuram o processo de competencialização, que engloba a “**iniciação**” e o “**desenvolvimento**”. A “iniciação” refere-se à aquisição de um **saber-fazer** relativo à prática da mediunidade, que atua como disciplina ou condicionamento. O **poder-fazer** é, assim, moldado pela

aquisição de um saber-fazer (o conhecimento “prático”), que exerce uma coerção, uma ação restritiva à potencialidade cujos limites não se pode, até então, estimar.

Na sequência, o “desenvolvimento” se dá pela repetição da prática (saber-fazer), que tem por consequência a consolidação de um **dever/querer-fazer**. Essa etapa, concluída, pode ser entendida como o aprofundamento da disciplina ou do condicionamento pelo qual passa o sujeito-médium, tornando-o apto ao uso direcionado de sua potencialidade, seu poder-fazer.

Por último, há a etapa de “habilitação”, em que o sujeito-médium finalmente **pode, sabe, quer e deve** desempenhar o seu **fazer**. O percurso cognitivo, em que a aquisição de uma competência – “mediar” – é adquirido, está completo.

O segundo percurso que depreendemos das análises do *cópus* refere-se à **sintagmática da prática psicográfica**, que podemos compreender como um rearranjo da cena predicativa, por meio da aspectualização de seus processos constitutivos. A segmentação abaixo apresenta as relações hierárquicas existentes entre as etapas constituintes da prática, em seu percurso canônico, destacadas pelos colchetes. A direção do percurso é indicada pelas setas:

[**persuasão** → **mediação de valores**] → [**psicografia** → **comentário**]
(falta de sentido) *(adaptação)* *(esquematização)* *(regulação)*

O percurso, apresentado na forma de uma sequência de resolução, está segmentado em duas etapas: na primeira sequência, podemos observar os investimentos modais que garantem a coerência (um objetivo ou intencionalidade) e a eficiência da prática (sua “boa forma” atingida após operações de adaptação) considerando o seu horizonte estratégico; na segunda, temos a sequência psicografia-comentário, que atua como um desdobramento da primeira, por pressuposição, demonstrando, narrativamente, uma performance persuasiva.

Na sequência inicial, a “falta de sentido” relaciona-se ao objetivo (como motivação/intencionalidade) que dá origem à prática psicográfica: o sentido a ser construído é a **persuasão** do observador (consulente/audiência), por parte de um sujeito operador (o ator-médium). A “motivação” – que Greimas e Courtés (2008, p. 267) atrelam à noção de “intencionalidade”, semioticamente relacionada ao conceito de “competência modal” – é dada, na prática psicográfica, pelo investimento modal **fazer-crer**. Nessa etapa, o sujeito-operador, no simulacro discursivo do “sujeito-

médium”, propõe o contrato fiduciário, cujo objetivo é a **adesão do sujeito observador** (no simulacro do consulente e/ou da audiência) **ao sistema axiológico do espiritismo**. Esse investimento modal inicial determina, por consequência, a seleção das modalizações necessárias à concretização da adaptação.

A segunda etapa do primeiro segmento é a da “**mediação de valores**”, relacionada ao processo de adaptação, em nível sintagmático, por meio do qual a prática encontra a sua **resolução** (sob o ponto de vista narrativo). Nesse momento, os valores axiológicos do operador e do observador são ajustados, compatibilizados, como fruto de um fazer persuasivo interdiscursivo (discurso da crença/ do ceticismo; discurso espírita / discurso não-espírita), possibilitado pela sequência **psicografia-comentário**. A “boa forma”, isto é, a eficiência da prática, conduz à adesão do observador. A adaptação – derivada da noção de “ajustamento”, proposta por Landowski (2004) e adotada por Fontanille (2006, p. 49) –, atua como a operação de regulação que articula a motivação e a sequência psicografia-comentário, necessária ao cumprimento do objetivo da cena prática.

No segundo segmento, temos, assim, a sequência **psicografia-comentário**, que, narrativamente, toma a forma de uma performance persuasiva, de caráter veridictório, pela articulação de duas fases: a da **psicografia**, com a demonstração, pelo operador, da sua “competência mediúnica” e a do **comentário**, que tem como objetivo permitir a “tradução” ou a “mediação” da axiologia doutrinária espírita ao observador, na qualidade de expectador da prática. O comentário pode ser definido como um fazer cognitivo de cunho persuasivo, em que o operador (discursivamente, o destinatário) conduz o fazer interpretativo do observador (destinatário), visando à sua adesão (a modificação de seu investimento modal, de um **não-creer** para um **creer**).

Enquanto sujeito operador, o médium desempenha, portanto, a função de “mediar”, isto é, de “traduzir” e ajustar o sistema axiológico espírita ao observador, pela demonstração de um saber-fazer que, comentado, detalhado, promove o incremento da eficiência práxica, assegurando a permanência da prática psicográfica em seu universo cultural.

Na **prática de edição** de textos psicografados, esse mesmo percurso ocorre de modo **invertido**:

[psicografia ↔ comentário] → [mediação de valores → persuasão]

As adaptações estratégicas (como “mediação de valores”), nesse caso, têm como objetivo permitir o funcionamento dos textos para além do âmbito privado dos centros espíritas, garantindo a inteligibilidade necessária à sua inserção na esfera editorial (em uma transposição do nível das práticas para o nível da conjuntura). A intencionalidade, entretanto, permanece a mesma: a persuasão, obtida pela adesão do observador (o leitor/enunciário). Assim, os comentários são feitos, normalmente, pelo editor, como terceiro actante, que faz as vezes do médium no processo de regulação, pela reconstituição da cena prática da psicografia.

É interessante notar que o percurso da prática psicográfica envolve, como motivação principal, um fazer epistêmico, que visa à modificação de um estado de crença para outro (do **não-crer** para o **crer**). Logicamente, a mesma prática, tomada em relação a um observador que já crê resulta, basicamente, na convocação e reiteração dos valores, pela dinâmica da práxis enunciativa.

Como decorrência da interação entre operador e observador, temos o delineamento de regimes de crença que geram a necessidade de adaptações estratégicas para diferentes perfis de observador (consultante/audiência ou leitor-enunciário), a depender do seu grau de adesão ao discurso e aos valores do espiritismo. Entre as formas de adaptação estão, por exemplo, a escolha de determinados gêneros textuais, que podem regular, por gradação, os valores do sistema axiológico do espiritismo.

Embora essa adaptação se dê na prática da psicografia, no “ato” mediúnico, é provavelmente na prática editorial que ela se mostre de forma mais **evidenciada**, uma vez que o próprio fazer editorial, por sua natureza epistêmica, implica proceder a uma segmentação mais restritiva do público-leitor, a fim de assegurar a sua eficiência prática. Assim, tem-se a publicação de livros espíritas de gêneros diversos, cuja gradação de valores possa permitir a adesão de leitores que vão do completo descrente ao mais convicto adepto.

Nos relatos que compõe o nosso córpus de pesquisa, buscamos observar, quais gêneros eram espontaneamente mencionados⁴⁸ pelos médiuns informantes. Declarando-se leitores e/ou psicógrafos desses gêneros, todos atribuem à “literatura” espírita um papel fundamental em suas formações, seja na condição de adeptos, seja como médiuns:

⁴⁸ Exceção dos relatos de “fenômenos físicos”, indiretamente mencionados por meio de autores/investigadores relacionados, como o russo Alexander Aksakof ou o francês Gabriel Delanne.

M1 [01:08]: olha::: na atualidade... leio bastante a questão da saúde... né?::: assim, relacionada à minha área... e a **literatura espírita** mesmo... só

M1 [23:00]: olha... o que vem::: vêm **mensagens doutrinárias** com um tema específico... sobre perdão... paciência... tolerância::: vêm **contos** ou **relatos de experiência... de espíritos** que... por exemplo... já viveram com o chico e contam a história da passagem deles com o chico enquanto estavam aqui na terra::: então... são mensagens ou dissertativas ou **narrativas**::: e... algumas vezes... descritivas mesmo::: assim... agora... livro em si eu nunca recebi... e nem **romance** sequencial::: agora... **poesias** com::: também já cheguei::: versos pequenos... assim... já cheguei a receber também::: então... varia::: esses estilos

M2 [01:36]: gosto muito de ler::: éh::: a minha preferência é::: os temas **evangélicos** e também gosto muito dos temas **científicos** [...] a parte de **pesquisa da própria doutrina**... por exemplo... os livros de pesquisa científica do **Alexandre Aksakof**... **Gabriel Delanne**... enfim... esses livros desse tipo... assim

M2 [21:28]: geralmente nós recebemos muitos **textos de autoajuda**... né?::: já recebemos em algumas ocasiões... **romance**::: o espírito começa a desenvolver um assunto... capítulo por capítulo... mas geralmente são textos mais focados para a autoajuda::: textos... assim... de **aspecto evangélico**... de **orientações**::: é o que a gente chama de **mensagens doutrinárias**... têm essas **mensagens doutrinárias** que nós recebemos... e têm também **textos específicos voltados para os pais**... né? no caso os **filhos que comunicam**... mandando **notícias** para os pais ou esposa... enfim... né... algum parente entrando em contato com seus **familiares**

M3 [04:17]: leio vorazmente::: eu descobri os livros de espiritismo lendo... [07:50] [...] tinha um livro::: uma coleção azul... um azul forte... como a lâmpada (apontando)... que era **a coleção do Kardec**::: aí eu li **as obras básicas**... e aí eu não sabia onde que se tinha espiritismo::: eu sou de formação católica... eu não sabia

M3 [23:27] às vezes meia hora... que eu fazia o **receituário** em meia hora de mensagem... eu recebia um **soneto**... algumas **trovas** e uma **mensagem doutrinária**::: com muita velocidade

M4 [1:41]: [...] eu leio praticamente **todas as vertentes do espiritismo**... gosto muito de ler também sobre filosofia... gosto de ler medicina e os clássicos... eu li todos os clássicos praticamente::: mas até quando eu comecei a mediunidade... a partir daí... eu li praticamente::: não vou dizer tudo que existe sobre espiritismo... mas

li muita coisa... [08:29] eu li em poucos dias o **Nosso Lar** e fiquei maravilhado com o livro... [...] e daí:: pra ler a coleção inteira do **André Luiz**... foi um passo... e depois comecei a ler os romances, **Emmanuel**... enfim:: comecei a ler compulsivamente

M4[1:15:36] [...] na terça-feira... depois do trabalho... eu venho pra casa e recebo uma **mensagem íntima**... vamos dizer assim:: de **orientação**... aí, eu não tenho ninguém para me ajudar, a mensagem é menos estressante::

M5 [01:01]: **romance** (espírita)... todos que aparece eu leio

M5 [1:00:28] [...] muitas vezes é uma **carta familiar**, na maioria das vezes... ou, se não, é um **texto de incentivo**, de apoio sabe? É isso

M6 [01:01]: eu gosto de ler tudo... né? agora... ultimamente... eu tenho lido muito mais... éh:: dentro da religiosidade... livros **espíritas**... muito **evangelho** de Jesus

M6 [46:45]: são textos... às vezes... de **orientação** pessoal... que cita... às vezes... nomes ou problemas... são textos de **orientação moral**... são textos de **incentivo** à continuidade de exercício... ou a você perseverar em algum problema da sua vida... ter calma:: [47:23] são temas mais **evangélicos**:: são os temas mais frequentes

M7 [01:01]: principalmente **espírita**:: [...] **de estudos** mesmo

M7 [16:07]: somente cartas... [...] **cartas familiares**

M8 [00:50]: eu leio mais **obra espírita** mesmo... eu leio de tudo:: jornal... revista... leio de tudo... mas o que eu gosto mesmo são os **romances espíritas**... gosto de história também

M8 [24:50]: é ainda uma coisa de **orientação**... o que eu vejo é que é eles passam muito de **ORIENTAÇÃO**...

M9 [01:11]: olha:: eu gosto muito:::: de **romance clássico**... de autores **clássicos**... né? éh:: por exemplo... assim:: eu li muito na minha adolescência aqueles autores... Alexandre Dumas... Robert I. Stevenson... éh:::: Victor Hugo... Julio Verne... eu acho que isso foi o que formou a base da minha redação... um certo estilo:: né?... leio filosofia... leio psicologia... então eu acho que eu transito por tudo quanto é:: do sério ao bobo passa... tudo tá valendo

M9 [00:45]: são psicografias... né?:: a maioria delas são **cartas familiares**... mas não exclui a possibilidade de **outros tipos** de comunicação mediúnica... como:: às vezes... uma **receita**... às vezes... uma **orientação**

M10 [00:51]: eu prefiro **livros espíritas**... gosto de ler **textos científicos**... muito... [01:08] ciência... tudo o que diz respeito ao corpo... físico...

M10 [18:22]: [...] eu não recebo **cartas de entes queridos**... né?:: eu não faço este tipo de trabalho::: raramente... eu faço mais narrativa... seria este termo?

Nos trechos selecionados, os termos destacados referem-se aos gêneros mais comuns da “literatura espírita”, fornecendo-nos tanto um panorama dos perfis de leitura dos informantes quanto de sua “produção” como médiuns psicógrafos.

Em relação aos perfis de leitor, pudemos constatar um declarado gosto pela leitura, de modo generalizado, como uma característica comum aos “médiuns escreventes”. O perfil de leitores contumazes, entretanto, parece estar diretamente associado às suas formações acadêmicas. Quanto maior o grau de instrução, maior a variedade de gêneros reportados. Entre os dez informantes entrevistados, somente quatro afirmam categoricamente ler outros gêneros além daqueles que integram a literatura espírita, sendo que, destes, apenas um declara ler, predominantemente, livros não-espíritas (com predileção pelos “clássicos”).

Para a determinação das tipologias discursivas que constituem a “literatura espírita”, é possível lançar mão de um dos critérios utilizados por Fontanille (1999) em *Sémiotique et Littérature*, dos quais tratamos no item 1.4 “Do gênero ‘relato de experiência’”. Fontanille propõe uma distribuição de valores de acordo com a “intensidade de adesão ou de reações que a utilização desses valores suscita” (1999, p. 166), em relação ao número de manifestações concretas no discurso. A distribuição dos valores discursivos do espiritismo na forma de um esquema tensivo – solução de que se vale Portela (2008b, p. 58), na análise dos gêneros didáticos –, nos permite propor o seguinte esquema, que leva em conta os gêneros mais comuns da literatura espírita e suas formas de adaptação axiológica:

Esquema 3 – Gêneros da “literatura espírita” e formas de adaptação axiológica



No esquema tensivo de amplificação, a intensidade de adesão ao discurso espírita aumenta proporcionalmente à intensidade adaptativa e à extensidade (quantidade) de manifestações axiológicas. Assim, no ponto de maior intensidade adaptativa e de maior extensidade axiológica, estão gêneros como as cartas psicografadas, o receituário⁴⁹, os “romances históricos”, a poesia e os “casos” espíritas (narrativas ditas “reais”), os quais mobilizam valores **participativos**, de forte teor veridictório, normalmente acompanhados de “comentários” ou notas explicativas de um editor, no sentido de “confirmar” a “legitimidade” das informações e dos fenômenos relatados, visando à adesão do leitor-enunciário “mais descrente”.

Na posição oposta, em que há baixa intensidade adaptativa e baixa extensidade axiológica, encontram-se as “mensagens doutrinárias”, textos evangélicos e moralizantes, que apresentam menor incidência de valores (valores **discretos**) do espiritismo e, portanto, exigem menor intensidade adaptativa (observável pelo processo de explicação e interpretação, desempenhado pelo

⁴⁹ O “receituário mediúnico” é um dos tipos de mediunidade descritos por Kardec (2013d, p. 201) no *Livro dos Médiuns*, designando os “médiuns receitistas”, cuja habilidade seria a de servir “[...] mais facilmente de intérpretes aos espíritos para as prescrições médicas”. No Brasil, o receituário homeopático foi o mais popularizado, ao que parece, a fim de não ser confundido com o exercício ilegal da medicina.

“comentário”). Nessa zona podemos localizar também o chamado “romance espírita”⁵⁰. Pode-se afirmar que é especialmente pela ocorrência discreta de valores e pela baixa intensidade adaptativa que se torna possível obter a adesão de “simpatizantes” do espiritismo.

Na zona de maior intensidade adaptativa e menor extensidade axiológica, estão localizadas as narrativas de “fenômenos físicos”, “materializações”, “aparições”, cujos valores (**exclusivos**) voltam-se a um leitor-enunciatário sobre o qual se pretende provocar (rapidamente) uma maior intensidade de reações e de adesão, sem as quais não seria possível estabelecer uma base fiduciária.

A zona de menor intensidade adaptativa e maior extensidade axiológica acolhe os gêneros classificados pela “literatura espírita” como “espiritismo científico”, cujos textos apresentam descrições sobre o “funcionamento da mediunidade”, da “vida no plano espiritual”, etc. Mobilizando valores **difusos**, esses gêneros possuem um teor veridictório reduzido, em relação às cartas, por exemplo, chegando a apresentar um traço “ficcional” característico, como resultado de uma fraca iconização (“ilusão referencial”, que resulta na produção de efeitos de “realidade”, “verdade” e “autenticidade”).

Por fim, as “obras básicas” (os livros fundadores do espiritismo) se localizam na zona central do esquema tensivo, que aqui chamamos de “zona de mediação”, em que há a correlação ou o entrecruzamento de diferentes valores. Nessa zona de valores “mistos”, a intensidade adaptativa e a extensidade axiológica mobilizam valores doutrinários com vistas à sua mediação ao neófito e, ao mesmo tempo, à sua estabilização como “manual de espiritismo”, sempre disponível para a revisitação por parte dos adeptos. Por reunir um conjunto diversificado de gêneros (científico, doutrinário, epistolar, etc.) sistematicamente organizados, as obras básicas possibilitam a “tradução” de seus valores para diferentes perfis de leitor.

Afora essas constatações, podemos afirmar que os pontos mais relevantes detectados na relação entre os gêneros da literatura espírita e a prática psicográfica

⁵⁰ O que aqui chamamos genericamente de “romance espírita” se diferencia do “romance histórico espírita” simplesmente por apresentar personagens anônimos, sem demonstrar o mesmo caráter veridictório deste último, que busca obter (e, muitas vezes, fornecer) confirmações documentais das informações citadas. Apesar disso, o romance “de ficção” espírita funciona dentro do sistema doutrinário em um regime de fé caracterizado por um “parecer verdadeiro” que visa à adesão do leitor-enunciatário por um *fazer-criar*, de modo que o termo “ficcional” raramente se aplica a uma obra espírita (ainda que haja casos de romances ditos “inspirados”, em que o médium pode alegar ter conferido, por sua própria conta, uma “margem de ficcionalidade” ao texto).

são, sem dúvida, os menos evidentes, o que demonstra a validade do modelo fontaniliano para apreender a significação sob uma perspectiva mais ampla do que aquela que alcançaríamos pelo tratamento dos dados somente no nível dos textos-enunciados. Veremos, assim, de que modo as coerções práticas – aspectuais, actoriais, espaciais, temporais e rítmicas – incidem sobre a utilização (ou, ainda, a “escolha”) de um ou outro gênero pelo operador, com base na análise da sintagmática da cena prática da psicografia.

2.5.2 A sintagmática da prática psicográfica: analisando a cena prática

Considerando que toda prática “em ato” comporta uma “dimensão estratégica integrada” (FONTANILLE, 2008b, p. 130), é imprescindível que, no exercício da análise, observemos a existência de **confrontações** e de **adaptações** que visam garantir a sua eficiência, isto é, a sua “boa forma”, a partir da qual é possível assegurar a sua existência – e permanência – na esfera da cultura. Fontanille (2008b, p. 127, tradução nossa) explica que

A “boa forma” eficiente de uma prática é, portanto, uma forma sintagmática, composta principalmente de propriedades **aspectuais, actoriais, espaciais, temporais e rítmicas**, nas quais o **agenciamento** é, em si, portador de valores práticos, sendo que o **fazer interpretativo** é não só um **controle** desse agenciamento (enquanto “saber”) como um **reconhecimento** desses valores (enquanto “crer”).⁵¹

Assim, foi com o olhar voltado justamente para as relações entre a programação da prática, seus ajustamentos “em ato” e os agenciamentos com práticas correlatas que pudemos delinear a estrutura sintagmática da prática psicográfica, a partir de nosso cópuz, a fim compreender a sua organização e o modo com que esta atinge a sua “eficiência”, como “sequência de resolução”.

⁵¹ “La « bonne forme » efficiente est donc une forme syntagmatique, composant notamment des propriétés aspectuelles, actuelles, spatiales, temporelles et rythmiques, dont l’agencement est en lui-même porteur des valeurs pratiques, sachant que le faire interprétatif est toujours à la fois un contrôle de cet agencement (en tant que « savoir »), et une reconnaissance de ces valeurs (en tant que « croire »).”

Como já mencionamos, entre os procedimentos efetuados para a análise do *cópus*, está a redução das narrativas a “predicados”, entendidos como processos constituintes do macropredicado da cena prática. Desse modo, foi possível determinar a organização do **núcleo da cena prática**, a partir do qual estabelecemos, posteriormente, uma rede de agenciamentos sintagmáticos que nos permitiu observar as articulações da prática psicográfica com outras práticas, na instância das estratégias, tais como a prática editorial.

Para propósitos comparativos, indicamos a estrutura comum da prática psicográfica em outras duas textualizações, que se colocam no horizonte estratégico, enquanto “programação prévia”: a primeira, trata-se das “Diretrizes kardequianas para a prática da psicografia” (ANEXO A) e a segunda, do “registro de uma sessão pública de psicografia epistolar” (APÊNDICE C), nos quais se pode observar o núcleo programático da prática.

A análise do *cópus* demonstrou que o **núcleo da cena prática da psicografia** pode ser assim descrito:

- (1) Fazer a prece inicial;
- (2) Concentrar-se;
- (3) Entrar em transe;
- (4) Escrever sob estado alterado de consciência;
- (5) Ler (e/ou entregar) o texto escrito (para o destinatário/ público);
- (6) Fazer a prece final.

Essa estrutura, que conserva as mesmas etapas observadas tanto nas diretrizes kardequianas quanto no registro de sessão de psicografia epistolar, já citados, pode ser vista nos seguintes excertos:

M1 [21:36]: [...] ((a **oração**)) **(1)** ela também te dá uma certa **concentração (2)**... um certo relaxamento mental... um certo descanso físico nesses 15 minutos... acabo descansando fisicamente da correria do dia a dia:: então tudo isso facilita a questão da psicografia:: se eu chegar em cima da hora e:: tentar realmente isso... dificulta:: então quando eu chego um pouquinho mais cedo tem tudo isso... desde o descanso físico... **o recolhimento mental**... a **concentração**... a **passividade**... que é o **silêncio mental (2)**...

esquecendo os desafios do dia a dia... isso me ajuda [...] [28:14] na atualidade... assim... eu::: sempre as pessoas da própria reunião que se interessam pedem... então eu digito... guardo no computador... e **mando para as pessoas que pedem (5)**... mando por e-mail... e o pessoal... assim::: **lê**... estuda... analisa... guarda... comenta em outro dia... e tal::: [...] [38:36] então a gente **entrega (5)**... assim... agradece... faz uma prece junto a deus... e é isso::: mas não é a minha praia::: então assim... não tem tanta::: assim::: não é com frequência que isso acontece::: de eu **entregar individualmente**... assim... uma mensagem particular de um espírito pro outro... assim:::

M2 [19:20]: olha... nós aprendemos com o próprio Allan Kardec... com o próprio Chico também... éh::: que toda entrega mediúnica... ela tem que ser precedida por **oração (1)**... né?... preparo::: então... temos que fazer... habitualmente... seja só... ou seja **na casa espírita**::: a gente faz uma **leitura... uma página do Evangelho**... faz a oração... procura ter uma boa **concentração (2)**... para facilitar a **sintonia com os espíritos (3)**... então é extremamente importante a questão da oração e da concentração::: durante desse processo... quer dizer... **antes desse processo** ((o transe... a escrita)) **(4)**... [43:39] [...] quando se trata de mensagem de familiares... consoladoras... que é da pessoa... que não fica comigo... que **eu vou entregar (5)**... éh::: geralmente a própria pessoa que está traduzindo... se ela vê que precisa fazer um arranjo ali... uma coisa que ficou errado... alguma palavra que faltou... ela faz esse arranjo e entrega pra pessoa::: [...] eu simplesmente recebo... as pessoas traduzem e entrega pros seus destinatários... mas eu não tenho esse contato...[44:34] [...] é assim... **entrega (5)** esse manuscrito... esse original... pra pessoa e por cima... o espírito escreveu aqui (mostrando na folha)... por cima eles ((os auxiliares)) vão traduzindo::: por cima ou do lado... mas na própria folha::: no próprio manuscrito... entrega pra pessoa::: isso no meu caso... mas como eu te disse... anteriormente... existem médiuns que hoje em dia eles **gravam em fita (5)** ((com a leitura na voz do médium... em áudio))... entrega o manuscrito para a pessoa... aí ele entrega a fita junto também:::

M3 [25:55]: sempre tive um **horário** como se fosse algo assim::: num **horário combinado**... no horário do trabalho... era imediatamente::: fazia a **prece (1)**... a **leitura do Evangelho (2)**... **começava a psicografia (3)**... **o texto**... as **ideias vinham com uma velocidade (4)**... com uma fluidez geral::: assim::: o que que me espantava? é que apesar de estar consciente... eu às vezes ficava tenso... achando assim... “nossa... esse texto vai prolongar demais”... e acabava no horário combinado e assim::: junto com o final do outro trabalho **(5) (6)**... sem que eu assustasse::: porque eu... como uma pessoa que tem cultura... de forma nenhuma::: não tenho como ter feito a administração desse texto no tempo::: [...] [27:19] éh:::.... ((durante a escrita psicográfica)) a verdade é que eu **não sinto nada**::: eu só sinto::: eu **deixo de sentir o ambiente (3)**... eu **sinto pouco** o ambiente::: e o que fica vivo é a ideia do espírito que vai ganhando uma velocidade e um **automatismo**:::

M4 [56:57]: eu sinto como que uma onda que começa... muitas vezes... na minha cabeça... e é como se minha cabeça estivesse aumentando de tamanho:: eu sinto uma espécie de calor vindo em direção à minha parte de cima do corpo **(3)**... às vezes... essa sensação me causa uma sensação agradável... um bem-estar:: muitas vezes... eu sinto medo:: [59:43] [...] a sensação persiste durante o ato de escrever **(4)**... e ela vai se atenuando e vai perdendo a intensidade na medida que a mensagem chega ao final:: [1:23:30] [...] essas **mensagens** ((mensagens de orientação))... elas **são entregues (5)** para a pessoa na forma original como elas são recebidas... e há uma gravação... uma fita ((com a leitura na voz do médium... em áudio)) **(5)**... porque muitas vezes as pessoas não conseguem entender as letras:: então... isso é liberado:: [1:22:08] [...] ((a **prece**)) **(1)** eu sempre faço... né? não existe... assim... realmente... eu nunca... que me lembre... eu nunca psicografei de imprevisto... tá?

M5: [...] na minha casa... na sala de jantar:: [...] eu ponho uma **música (2)**... porque... assim... eu faço o trabalho depois do Evangelho no lar **(1)**... né? então meu marido participa:: aí... do ano passado para cá... meu marido tem usado o computador... que já eu já vou psicografando e ele já vai digitando... [...] então ele me auxilia:: e é isso:: lá em casa eu fazia duas vezes por semana... que foi orientado... na terça e na quinta:: depois... na quinta eu passei a fazer no centro... só que junto com outro trabalho de estudo:: então... o pessoal ficava estudando no próprio salão do centro e eu **ficava** na mesa **recebendo as mensagens (3) (4)**... mas aí chegou um momento que parece que aquele estudo não estava me deixando **concentrar (2)**... estava me atrapalhando:: aí eu conversei e eles me orientaram a parar... agora eles já me orientaram a voltar na quinta-feira na minha casa... mas... por enquanto... eu não assumi esse compromisso:: [59:14] [...] foram muito poucas pessoas que eu consegui **entregar (5)**... acho que não é nem 5%... nem 3%. é interessante... porque:: normalmente... as pessoas choram muito... né? a primeira reação das pessoas é chorarem muito:: tem algumas que ficam agradecidas... por receber a mensagem e tal:: e tem uma pequenininha... pouquinho de gente:: [...] que não altera muito:: parece que é meio que indiferente::

M6 [33:07]: [...] geralmente... eu psicografo ou no centro ou no culto no meu lar... eu me predisponho a tal... e eu não sei:: tô falando de mim... eu psicografo... geralmente... em **silêncio (2)**... com uma **música clássica (2)** bem **suave**... e antes eu faço uma **oração (1)**... um **silêncio interno**... um **aquietamento interno (2)**... como uma oração... pedindo... inclusive... ao meu mentor que vele tanto pelo meu corpo físico como pelo meu corpo espiritual... e que me ajude a ser um instrumento mais dócil... mais maleável e mais fidedigno ao pensamento do espírito comunicante que tiver a permissão de deus pra fazê-lo:: pelo meu intermédio:: e **me entrego (3)**... aí eu sou semimecânica... então eu **sinto um leve movimento no meu braço**...

na minha mão... **em busca do lápis... e eu psicografo (4)** de olhos fechados:: acostumei... eu psicografo de olhos fechados:: [34:31] [...] não sei se foi condicionamento:: sempre foi assim:: [...] então eu sempre psicografo de olho fechado:: inclusive com a mão aqui (sobre os olhos)... não sei se foi também estilo Chico Xavier... que tem uma influência muito grande na nossa vida:: [...] [1:10:09] geralmente... a pessoa... principalmente quando **a gente lê (5)** dentro do centro... ela se emociona... chora:: outras não acreditam... outras criticam... **pegam ((o texto psicografado)) (5)**... ficam lendo e rindo daquilo e falam “eu não acredito em nada disso”... outros “nossa... mas é fulano mesmo... nossa...” então:: tem elogios... críticas... pedradas e flores::

M7 [06:03]: [...] começa com uma **taquicardia** e a **mão já começa a movimentar sozinha (3)**... **comecei a psicografar (4)**... acaba tudo:: aí eu me dou por completo e nem sei aonde eu tô:: [...] a redação é minha... mas o meu mentor me orienta também... então eu sei o que o espírito tá falando e eu sei o que eu vou passar:: [09:32] sempre ((há comunicação com o mentor))... sempre:: eu... **conversando com ele para que ele me dê equilíbrio... que eu psicografe realmente a verdade (1)**... que não deixa eu mistificar:: **que eu tenha:: condições psíquicas de tratar bem o espírito e quem vai receber a mensagem (1)**...

M8 [32:37]: [...] então eu sento ali e entrego... **“seja feita a sua vontade... Senhor... o que eu puder fazer para ajudar alguém... pra me melhorar... tô aqui... prontinha” (1)**... entrego:: só:: e **acho uma coisa natural**... eu acho que todo mundo hoje pode desenvolver isso:: [...] você não precisa ter medo disso... você nunca está só... se você ora... você está acompanhado de bons espíritos... né... que querem fazer um trabalho bom na terra:: então não precisa de ter medo... **é se entregar mesmo (2)**... [36:53] [...] eu ponho a mão no papel... pego aqui o papelzinho... cê olha a mesa... cê cata aquele papel... não sei por que:: cê **sente um negócio** que eu não sei te explicar **(3)**... cê pega o papel... põe aqui... espera um pouquinho... **começa a vir ((a mensagem)) (4)**... é muito simples... não tem nada de diferente:: é simples... muito simples:: [1:09:52] [...] antes de eu **ler a mensagem (5)**... ela ((a auxiliar)) escreve alguma palavra que tá errada... ela corrige:: ela risca palavras que escrevi e escreve por cima... assim:: em cima da palavra... aí eu vejo o erro de português:: só:: mas ela não muda o texto... não:: do jeito que ele vem ela deixa::

M9 [42:15] [...] geralmente... né... porque as psicografias ocorrem dentro de uma **estrutura de trabalho**:: então cê já sabe que **cê tá ali ((no centro espírita)) praquilo**:: então... eu não vejo um determinado momento de:: de alteração:: [...] parece que no trabalho a coisa flui de uma maneira... meio que:: que no automático:: né? eu sei que eu vou fazer aquilo... eu simplesmente **pego um papel... ponho na minha frente (2)**... eu não tenho a mínima ideia de quem... de como

(3)... e aí **a coisa vem**... assim:: é um:: imagina **um download (4)**... você só tá executando aquilo que já foi:: pra mim... a sensação que eu tenho é que essa mensagem já até preexiste.... [44:28] [...] enquanto em exercício:: eu sinto uma **concentração (2)** muito forte:: é como se nada tivesse chamando minha atenção fora daquele momento... porque a única coisa que tá acontecendo é aquela:: aquela carta **(4)**... às vezes... eu **me emociono (3)**... que eu não sei se é minha ou se é do espírito:: mas já teve vezes de eu estar escrevendo e eu ver as lágrimas caírem:: às vezes... tem taquicardia:: reações fisiológicas... né? você sente aquela:: aquelas **emoções** que tão sendo passadas... né? éh:: às vezes... um pouco de:: você percebe a angústia do comunicante:: você percebe aquela angústia dele de tentar falar assim “tá tudo bem”... e você sabe que não tá bem:: né? [...] o tempo:: o tempo:: duas horas de psicografia... pra mim... eu não sinto duas horas passando:: e... às vezes... eu me sinto muito cansado... né? cansado:: fisicamente... cê desgasta:: e:: e é isso:: né? eu não guardo:: eu acho que isso é um fator importante:: eu não consigo:: eu guardo detalhes... fragmentos... algumas frases que me chamaram atenção:: mas eu não guardo a fisionomia das pessoas que **ganharam mensagens (5)**... eu não guardo os nomes dos espíritos... eu não guardo os trechos das mensagens:: então eu acho que até isso autentica::

M9 [01:00:07]: [...] ((em casa)) às vezes... tem um “assunto”... vamos colocar assim:: indulgência:: começa aquele diálogo e o diálogo vai ficando tão mais forte... que aí **você transita**... assim... do **diálogo (2)** pro **transe (3)**... e aí eu **pego a folha** e aquilo eu **vou anotando (4)**... geralmente em casa... quieto... tranquilo:: existem situações de... por exemplo... algum espírito chegar e falar que quer mandar uma carta pra algum familiar:: óbvio que nem sempre isso é autorizado:: depende muito do espírito:: aí cê se predispõe... vamos lá... senta aqui um pouquinho... **se acalma... se concentra (2) (3)** e a gente:: **escreve (4)**...

M10 [14:37]: Na reunião mediúnica eu me **concentro (2)**... faço minhas **preces (1)** e **espero (2)** a ideia vir :: Aí a hora que **a ideia vem (3)**... igual essa semana por exemplo:: semana passada:: Eu falei com o pessoal do grupo “Eu não queria psicografar hoje porque a ideia não estava formada”. Porque vem aqueles *flashes* e eu só começo quando eu sei que tem meio e fim:: Antes de eu ter o corpo da ideia... eu não ponho no papel... porque vai parar no meio do caminho:: Só quando eu sei que tem começo... meio e fim aí eu coloco... aí eu **escrevo (4)**...

É importante ressaltar que algumas das etapas, tais como “(1) Fazer a prece inicial” e “(6) Fazer a prece final”, principalmente, são omitidas em vários dos relatos porque, no âmbito doutrinário, fazem parte do “ritual”, enquanto regime sintagmático (todas as práticas espíritas são, necessariamente, iniciadas e finalizadas com uma prece). A leitura transversal aplicada ao nosso *cópus* de pesquisa vem, como já dito,

a “corrigir” essa heterogeneidade enunciativa constitutiva, evidenciando a estrutura sintagmática comum ao conjunto de textos: o núcleo da cena prática.

Sofrendo as determinações rítmicas e temporais do regime sintagmático do “ritual”, esses processos são ordenados de modo a estabelecer a sequência canônica da cena prática da psicografia, em torno do **crer**, como modalização dominante. O **núcleo “básico”** da prática pode, contudo, estabelecer ajustamentos estratégicos que aumentam a sua eficiência práxica, reforçando o teor veridictório do ato. Exemplos disso são os predicados “**preparar-se**”, “**receber auxílio** para a virar as folhas” e “**comentar o texto**”.

O primeiro deles, “**preparar-se**”, diz respeito aos hábitos que o médium pode exercer com a finalidade de tornar a psicografia mais eficiente. Nos relatos, é comum que eles atribuam a essa **preparação** a facilidade com que entram em transe, bem como a sua profundidade, de modo a tornar a escrita mais eficiente, menos fragmentada, mais rápida e fluida – o que significa mais completa, coerente e convincente. O fazer persuasivo receberia, nesse caso, um incremento de qualidade dado pelos ajustes autoadaptativos decorrentes do processo. A preparação se vincula ao regime sintagmático do “hábito” (FONTANILLE, 2008b) – derivado da combinação de outros dois regimes, a “conduta” (querer) e o “ritual” (crer):

M1 [21:06]: no meu caso pessoal... eu tento **chegar 15 minutos antes...** e o hábito é:: **oração e pedir a presença dos espíritos::** pedir a presença:: né... **que eles possam ajudar naquele trabalho...** e se for possível haver alguma comunicação de instrução... éh:: algum sentido... que aconteça:: se não for... que não tenha problema... mas o meu hábito é a oração::

M2 [20:26] [...] outra coisa [...]... que é importante também... é o **recolhimento...** né?:: você se recolher... principalmente interiormente... recolher pra dentro de você para **facilitar essa concentração::** agora:: eu não sei se você vai perguntar:: [...] o ideal é uma **alimentação mais leve...** né?::

M3 [52:06]: quando tem trabalho coletivo... eu faço uma hora... duas horas antes de **música...** de tentativa de **esvaziamento mental::** de ficar silenciando um pouco esse diálogo intempestivo que a gente tem com a vida... com o mundo::

M4 [1:21:16]: **prece**:: só a prece:: a prece da manhã eu faço... sempre que eu posso... eu estou fazendo prece:: então eu faço a prece e eu procuro **pensar melhor**... né? **coordenar os meus pensamentos**... obedecendo a essa tendência de:: que eu percebo que acontece comigo::

M6 [49:43]: alimentação eu já fui bem mais disciplinada ((risos))... mas... ultimamente... não:: a correria... o dia a dia... né?:: ultimamente eu tô psicografando em casa e eu não faço nenhuma:: alimentação de não comer carne:: às vezes... até eu esqueço... hoje eu almoço em restaurante:: mas eu não gosto de psicografar com o estômago cheio... nem com muita fome... nem com estômago cheio:: eu faço uma **alimentação mais leve**... mas no almoço... às vezes... eu até já comi carne:: faço uma alimentação mais leve... e:: sinto muita fome depois que eu termino:: muita fome! fico louca para ir comer! (risos) [...] ((em relação a descanso)) pois é:: eu tinha toda essa disciplina... né? atualmente... não tenho... mas já percebi o quanto isso atrapalha:: quando você tem um **dia tranquilo** que você fica mais voltada com **leituras edificantes**... sem surpresas emocionais... aí o seu rendimento é muito maior e melhor::

M7 [13:45]: eu procuro manter a **dieta**... **sem** me alimentar de **carne**... almoçar **pouquinho**... pouquinho:: quatro horas tomar um lanche... um café com leite... uma bolachinha... e só depois que eu terminar a psicografia que eu me alimento:: [...] eu tenho que estar também com o corpo físico mais livre pra poder psicografar:: [14:01] [...] eu procuro estar em **sintonias melhores**... não gosto de ouvir pessoas reclamando de um e de outro:: procuro ficar “numa boa”... quando a pessoa chega perto de mim e fala “ah... fulano assim... assim...”... eu falo “deixa eles... deixa eles.” “ah... mas ele”... “deixa... cada um com sua missão e acabou.” então tem pessoas que ficam até bravas comigo:: “ah... mas você é muito boba” não... eu sou humilde mas não sou besta:: se eu percebo alguma coisa que não tá certa eu me afasto e acabou::

M8 [53:47]: olha... eu já ouvi falar que não pode tomar café... que não pode comer chocolate... que não pode comer carne:: **eu não faço nada disso**:: nesse dia eu procuro **observar** o que tá sendo falado:: geralmente... o que as pessoas me falam... cai o *Evangelho*... cai na palestra deles e vem um e espírito com comprometimento com aquilo que eu escutei no dia todo:: começa na véspera... entendeu? precisava te dar um exemplo disso... mas eu não tô lembrada:: eu percebo que tem alguma ligação o dia todo... que eu já tô sendo preparada o dia todo com a fala das pessoas e até eu tenho que falar “gente... cuidado com isso o que vocês tão falando... vamos mudar o rumo dessa conversa” sabe?:: eu vou percebendo isso:: [...] só **evito a carne vermelha**... porque ela é de difícil digestão... metabolismo dela demora... né?:: então... aquilo ali pode me dar um sono... alguma coisa:: isso aí... no dia... eu não como... não... porque eu acho ela

pesada:: e... antes da reunião... mais ou menos uma hora e meia antes... eu não como nada:: sabe? eu fico quietinha:: eu chego cinco e meia da tarde... tomo um lanche e acabou:: dali eu não como mais nada:: isso aí também eu faço:: aí **tem esse preparo... sim**:: então... eu não gosto de comer... não... eu acho que o alimento demora pra ser metabolizado e tá gastando uma energia que eu posso precisar dela lá... né?::

M9 [01:02:49]: olha... como recomendação... tem sempre um **chá**:: quando sinto que tô cansado... tomo um chá e:: **recupero um pouquinho para poder continuar**:: durante o dia... eu vou tentando **desacelerar**... eu **evito situações que demandem muita concentração... muita energia**... então vai chegando... por exemplo... terça-feira à tarde... sexta-feira à tarde... eu vou:: eu **vou parando**:: o melhor seria se eu conseguisse realmente **dormir**... uma meia horinha... antes do trabalho::

M10 [22:21]: **prece**... né? isso é **hábito** meu pela manhã... **fazer as minhas preces**... ler o *Evangelho*... manter... ao longo desses anos... uma **disciplina**... um **equilíbrio**... **pensamentos bons**... **fazer o bem**... fazer a **caridade**:: **cumprir os deveres**... todos eles:: **ser responsável**:: e pra ir pro centro... geralmente... eu **não me alimento de carne**... quando eu vou nas reuniões mediúnicas:: não costumo jantar... pra ir... tomo uma **refeição leve**... porque já aconteceu de eu sentir indisposição por causa disso... né? e fazer as preces... ler:: ler bons livros... ler sempre evangelho... ler sempre livros das obras::

O segundo predicado, “**receber auxílio para virar as folhas**” é um outro processo possível e comum a grande parte das narrativas. Diz respeito à **presença de um “auxiliar”** do médium na tarefa de virar e ordenar as folhas psicografadas, praticamente obrigatória em sessões de psicografia pública. A razão disso é que, por não necessitar interromper a escrita para virar e ordenar as folhas, o médium pode focar sua atenção unicamente na escrita, o que ocorre praticamente sem pausas, nesse caso. Como resultado, esse ajustamento permite que a escrita seja facilitada e acelerada, algo bastante desejável quando se tem um público numeroso e um tempo limitado de escrita (o que pode durar de uma hora a uma hora e meia, em média). Entretanto, por se tratar de algo “opcional” – sem o qual a prática pode transcorrer normalmente, ainda que com maiores dificuldades –, e raramente possível em reuniões mediúnicas privativas ou, então, quando o médium psicografa em sua residência, consideramos que este predicado exerça predominantemente uma função de ajustamento, visando à eficiência praxica:

M1 [19:42]: sim::: éh::: em alguns momentos... sim ((há presença de auxiliar))... mas se não for necessário... no meu caso pessoal... eu consigo também tirar as folhas e continuar... não tem problema para mim não::: dá pras duas coisas sim::: se tem alguma pessoa que se dispõe... aí **facilita muito**... mas se não tiver uma pessoa... dá para chegar ao final da mensagem::: isso não é um impedimento absoluto... não:::

M2 [17:27]: quando eu iniciei na psicografia... eu escrevia sozinho::: sem nenhuma dificuldade::: **virava a folha** sozinho::: mas com o tempo... a dificuldade foi aparecendo... **o transe foi aprofundando**... e eu **passei a não ter condições de trabalhar sozinho**::: então... hoje em dia... eu **preciso de ajuda** nesse sentido::: porque eu entro::: a questão do transe mediúnico::: éh::: tive experiência... recentemente... de escrever sozinho... em reunião íntima... quando o espírito vai escrever algum livro e... às vezes... nem sempre a gente consegue uma pessoa para estar conosco... eu tive uma experiência de escrita sozinho também::: mas geralmente eu tenho ajuda... sim... durante a psicografia:::

M3 [43:40]: no centro... ((estou)) sempre sendo auxiliado... não sei por quê::: e na recepção de livros... eu sempre fiz sozinho::: éh::: eu não sei entender por que no centro eu tenho uma dificuldade para passar a folha... precisa de alguém pra passar folha... e em casa eu passo a folha normal::: [44:27] [...] e também eu acho que não é só isso... eu acho que tem uma **questão da concentração**... e tem uma questão do ambiente... da influência que o ambiente externo exerce sobre a gente::: porque **para você se isolar das influências... da dispersão da atenção**::: éh::: se tem outra pessoa te ajudando... cria uma máquina de trabalho ali... uma engrenagem:::

M4 [1:15:36]: não::: **no centro eu tenho alguém que me puxa as folhas**::: aqui **em casa**... eu psicografo todos os dias que eu vou ao centro psicografar... que é na terça-feira::: então... na terça-feira... depois do trabalho... eu venho pra casa e recebo uma mensagem íntima... vamos dizer assim... de orientação::: **aí... eu não tenho ninguém para me ajudar... a mensagem é menos estressante**::: o contato é mais íntimo... a vibração é mais íntima... é exatamente no lugar aonde eu recebo a minha mãe por exemplo::: é bem mais tranquilo:::

M7 [48:31] [...] eu já vou trocando os lápis::: e também não gosto que ninguém fique segurando o papel pra mim... não::: [49:22] [...] não ((há auxiliar))... nem no centro... nem em casa::: **eu mesmo passo a**

folha... e:: parece que até me atrapalha... sabe?... a própria vibração... assim... me atrapalha::

M8 [46:27]: sou ((auxiliada))... a minha tia **fica do meu lado pegando as folhas e corrigindo os erros** de português:: Também ela corrige::

M10 [21:24]: ((psicografo)) **sozinha::** porque são textos curtos:: **não tem tanta necessidade de trocar folhas::** assim:: e quando é necessário:: **eu mesmo pego** as folhas::

Por último, em “**comentar o texto**”, temos igualmente um predicado que pode ou não compor a prática, a depender das suas coerções temporais e espaciais. Quando é possível, o comentário efetua um ajustamento que repercute em uma maior adesão ao contrato fiduciário, uma vez que representa um momento em que se busca reforçar o “fazer parecer”, o esforço de se “atestar” a “verdade” e a “autenticidade” da comunicação mediúnica. Contudo, é preciso que façamos uma ressalva. O “comentar”, que pode ocorrer depois da sessão de psicografia, de forma mais ou menos direta, mescla-se, por vezes, ao predicado “ler o texto”, já que, durante o processo de leitura em voz alta, o médium, como operador, exerce um fazer cognitivo persuasivo, estabelecendo uma interação que modifica o investimento modal do observador (de um **não-crer** para um **crer**). Essa interação leva em conta uma série de elementos gestuais e prosódicos, que determinam as mútuas interações entre operador e observador, como, por exemplo, o sorriso, o choro de um familiar ou o murmurar de um nome, confirmando ou negando a validade das informações:

M1 [26:5]: [...] não é comum eu receber mensagens de familiares mas... em algumas situações... eu cheguei a receber lá em Peirópolis... de pessoas que eu nunca tinha ouvido falar e que... depois... **quando acabava a reunião**... a pessoa chegava e falava “é meu avô”... e **comentou... detalhes** que eu realmente desconhecia... que só a pessoa conhecia... então... isso pode acontecer:: não é o meu caso... não é a minha linha de atuação... minha linha de atuação é instrutiva... doutrinária... mas já chegou a acontecer algumas vezes... realmente... de pessoas... de espírito que eu não conhecia... nem o nome... e depois:: quando termina... fala “olha... ele falou isso era para mim... tal... tal...”... eu falava “interessante”... **até dava a mensagem... a pessoa pedia** e tal::

M2 [40:01]: [...] geralmente nós costumamos ((checar informações))... porque quando a gente recebe uma mensagem de cunho familiar... consolador... uma mensagem que é endereçada para alguém... geralmente vem detalhes que a gente desconhece:: então... geralmente... **quando termina a sessão**... quando eu tenho oportunidade **eu chego... pergunto para a pessoa se está tudo certo**... se o nome foi falado... se os detalhes que foram mencionados estão certos:: eu costumo fazer isso com uma frequência boa... desde que tenha a possibilidade:: porque em muitas ocasiões... às vezes... a pessoa recebe a mensagem... a pessoa vai embora... a gente não tem contato... depois retorna... a gente pergunta... mas geralmente **eu pergunto para saber como tá sendo o desenvolvimento**... né?:: como que tá indo e tal... mas eu costumo perguntar... sim::

M8 [57:22]: [...] a própria pessoa que recebeu:: ela chegou em mim e falou:: eu não pergunto muito não... às vezes eles falam assim para mim **“foi desse jeito... só”**. eu não sei nem de que mensagem ele tá falando... de que jeito que foi... eu não sei nada:: ela falou assim... **não tem como duvidar... foi desta forma**... sabe:: às vezes é um **acidente**... não sei:: quando a pessoa é:: eu recebi de um rapaz alcoólatra:: que ele falava como que tava hoje na espiritualidade... o perísprito dele:: as transformações que o álcool fez espiritualmente:: na roupagem espiritual dele:: aí... isso também eu achei:: não sabia que ele era alcoólatra... aí eu **perguntei para o rapaz “ele era alcoólatra... seu irmão”**?:: e ele falou **“era”**... então eu já tive muito de eu duvidar e a pessoa **confirmar**... entendeu?::

Assim, organizada em torno de seu núcleo predicativo, a prática psicográfica obedece, como já dito, a coerções, aspectuais, actoriais, espaciais, temporais e rítmicas que adaptam a sua constituição a um conjunto de variáveis que os envolvidos, médium e público, operador e observador, dificilmente percebem, de forma consciente. São regidos pela programação da prática, estabelecida por sua repetição e subordinada à práxis enunciativa, de modo que, se a subvertem, em decorrência de adaptações, fazem-no motivados pela dinâmica que subjaz à prática. Essa dinâmica contribui diretamente para a constituição de um *habitus* – compreendido como um “actante social”, uma matriz individual e coletiva geradora de esquemas corporais e sensório-motoras (FONTANILLE, 2008b, p. 241) –, e, de forma mais ampla, de uma “estrutura estruturante” (FONTANILLE, 2008b, p. 244), expressão utilizada por Bourdieu, que estrutura as práticas, ao mesmo tempo que é por elas estruturado.

A análise do cópuz nos mostrou a existência de dois tipos de ajustamentos: aqueles cujas coerções incidem diretamente sobre a cena prática da psicografia (nível das práticas), como os exemplos já citados, e aqueles que determinam os gêneros

textuais produzidos (nível do texto enunciado). Os ajustamentos pertencentes a este segundo tipo são os seguintes:

- **A presença ou não de um auxiliar:** é determinada pela presença ou não de um público “observador” (coerção actorial), assim como pelo espaço em que se dá a sessão de psicografia (coerção espacial). No primeiro caso, a presença de um “auxiliar” encarregado de “virar as páginas” escritas pelo operador-médium tem como objetivo tornar a prática mais eficiente, sob o ponto de vista estratégico – uma vez que, em um tempo menor, permite ao médium escrever um número maior de textos (“mensagens”), de modo a atender um número maior de pessoas. No segundo caso, a presença é determinada por uma coerção espacial, uma vez que costuma estar associada às sessões públicas de psicografia e, muito raramente, às seções espíritas privadas, inexistindo nos casos em que o médium psicografa no ambiente doméstico. Contudo, sua presença torna-se praticamente obrigatória nas situações em que o grau de transe é mais aprofundado, já que, nesse caso, o médium geralmente não olha para a folha enquanto escreve, ao mesmo tempo em que tem um andamento mais acelerado (coerção rítmica). Os graus mais leves de transe tornam a sua presença, na maioria das vezes, dispensável.

- **O grau de transe:** determina o andamento da escrita (mais lenta ou mais veloz), devido a uma coerção rítmica, e a forma mais ou menos “precisa” ou “autoral” – considerando “traços” de identificação de um suposto comunicante, tais como a citação de nomes, locais e circunstâncias que seriam, presumidamente, de conhecimento estrito do enunciatário-destinatário e do espírito-destinador – do texto produzido, como efeito de sentido, influenciando, portanto, sobre o seu teor persuasivo. Por estar diretamente relacionado ao tipo de mediunidade psicográfica (“mecânica”, “semimecânica”, “intuitiva”, “inspirada”, como gradações do nível de consciência do médium, em que inconsciente/semiconsciente/consciente, equivalem aos graus de transe profundo, moderado e superficial), como coerção de ordem actorial, modal e rítmica, o grau de transe pode ter implicações na determinação dos gêneros textuais dos textos produzidos.

Vale reforçar que por “precisão” – termo utilizado por Kardec para indicar o grau de “qualidade”, “veracidade” ou “autenticidade” da psicografia – referimo-nos ao efeito de sentido de “verdade”, “autenticidade” e “realidade” gerados, nos textos psicografados, por meio da iconização, descrita por Greimas e Courtés (2008, p. 250-251) como a resultante de um “conjunto de procedimentos mobilizados para produzir o efeito de sentido de ‘realidade’ e pela ideologia realista assumida pelos produtores e usuários desta ou daquela semiótica”. A iconização, como última etapa da “figurativização” do discurso, relaciona-se à conversão de temas em figuras e à produção da “ilusão referencial”.

Nos textos espíritas, de modo amplo, esses efeitos são produzidos pelo uso excessivo de “ancoragem”, isto é, pela utilização de índices espaço-temporais, como topônimos, cronônimos e antropônimos que visam à construção de um “simulacro de um referente externo e a produzir o efeito de sentido ‘realidade’” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 30).

Vinculada à validação dos simulacros, enquanto representação construída pelos sujeitos enunciador e enunciatário, a iconização (assim como os procedimentos que visam à construção de efeitos de “realidade”) mostra-se decisiva ao fazer veridictório, tanto na proposição do “contrato de confiança” – da fidúcia – entre os sujeitos que partilham de um mesmo universo, quanto ao seu estabelecimento, pela sua efetiva adesão. É importante

[...] destacar o papel da figurativização nos processos enunciativos, visto que a adesão a um determinado discurso se apoia sobre valores figurativos advindos da percepção, que o discurso social transforma em valores axiológicos como, por exemplo, os estereótipos. Assumida dessa forma, a figurativização não se resume à representação mimética, mas diz respeito a um processo gradual, regulado, no discurso, pela iconização (que promove a semelhança com as figuras do mundo) e pela abstração (que delas se afasta) (LEITE, 2011, p.7).

Os ajustamentos estratégicos que descrevemos determinam, por sua vez, não somente a seleção dos gêneros (concebidos como a combinação de “tipos” discursivos e textuais, sob a perspectiva fontaniliana) produzidos, mas também a diferenciação da cena prática da psicografia em “subgêneros”. Os subgêneros da prática distinguem-se, pois, por seus processos específicos, de modo que, além do processo comum à estrutura canônica da prática psicográfica – “persuadir” –, podem incorporar os seguintes processos, conforme pudemos determinar pela análise do

cópus: **consolar, orientar, doutrinar** (teor “moralizante”) e **informar** (no sentido de referenciar, privilegiando o caráter dito “científico” do espiritismo).

No quadro 8 apresentamos os subgêneros canônicos da prática psicográfica em sua relação com os gêneros textuais “típicos”, determinados pela combinação de seus processos, locais, graus e tipo de transe, andamento da escrita, presença de auxiliar e grau de “precisão” das informações contidas nos textos psicografados:

Quadro 8 – Subgêneros da prática psicográfica

Subgênero da prática	Gênero (textual + discursivo)	Processo(s)	Local (Público/Privado)	Grau / tipo de transe	Andamento da escrita	Presença de auxiliar	Grau de precisão das Informações
Psicografia epistolar	Cartas Psicografadas	Persuadir Consolar	Público	Profundo a moderado / Semimecânico	Rápido	Sim	Alto
			Privado	Profundo a superficial / Semimecânico; Intuitivo	Médio a rápido	Não obrigatória	Médio
Psicografia de “Receituário”	Receituário mediúnico	Persuadir Orientar	Público	Profundo a moderado / Semimecânico	Rápido	Sim	Médio a alto
				Médio a leve / intuitivo	Médio a rápido	Não obrigatória	Médio
Psicografia de “orientação”	Mensagens de orientação	Orientar	Público/ Privado	Superficial a moderado / Intuitivo; semimecânico	Médio a rápido	Não obrigatória	Baixo
Psicografia “Doutrinária”	Mensagens doutrinárias/	Doutrinar	Público/ Privado	Superficial a moderado / Intuitivo; semimecânico	Médio	Não obrigatória	Baixo
Psicografia “Literária”	Romance espírita/ Contos	Doutrinar	Privado	Profundo a superficial	Médio a rápido	Não	Médio a baixo
	Poesia	Doutrinar	Público/ Privado	Profundo a superficial	Médio a rápido	Não obrigatória	Médio a baixo
Psicografia “Científica”	Estudos / Textos descritivos	Informar Doutrinar	Privado	Profundo a superficial	Médio a rápido	Não	Médio a baixo

Outro ponto que consideramos relevante na análise da prática psicográfica é o seu caráter de **prática “complexa”**, composta por duas práticas “simples”, a escrita e o transe. Temos, assim, uma prática resultante de uma articulação hierárquica, sustentada por um programa de uso e dois programas de base.

O programa de base, na prática psicográfica, tem como valor “descritivo” o “persuadir”. Seus programas de uso, caracterizados por valores “modais” são “escrever” e “entrar em transe”. A boa forma do agenciamento estratégico entre as duas práticas ocorre, portanto, quando esses dois processos interdependentes ocorrem de forma concomitante.

Assim, a psicografia se estabelece como um programa de base, cuja intencionalidade é a de “persuadir”. A fim de persuadir, entretanto, é preciso que se cumpram os seus programas de uso, “entrar em transe” e “escrever”, o que somente é possível quando há uma “segmentação recíproca” ou “cossegmentação” das práticas, isto é, a ordenação coerente dos seus processos, enquanto sequência pertinente.

Fontanille denomina de “cossegmentação síncrona” o agenciamento bem-sucedido entre práticas. Para ilustrar a noção de “sincronicidade cossegmentada”, o teórico utiliza o exemplo da prática da refeição (2008b, p. 125-126, tradução nossa), que nos permite observar a relação entre a ordenação de seus predicados e a sua sincronização com outros percursos sintagmáticos:

O curso de uma refeição, como qualquer outro ritual social, se caracteriza [...] pela ordenação dos pratos, mas também pela **sincronização mais ou menos boa entre os outros percursos sintagmáticos**: a conversação, os risos, as reações, a gestualidade, especialmente. Os **diferentes subgêneros canônicos** (em família, entre amigos, entre parceiros profissionais) codificam esses percursos sincronizados: as boas maneiras ditam o tipo de tema que pode ser abordado dentro de cada subgênero, o momento que convém para abordar um dado assunto, e mesmo os registros de linguagem e o nível sonoro.⁵²

⁵² “Le cours d’un repas, comme de tout autre rituel social, se caractérise [...] par l’ordonnement des mets, mais aussi par la plus ou moins bonne synchronisation des autres parcours syntagmatiques : la conversation, les rires et les éclats, la gestualité, notamment. Les différents sous-genres canoniques (en famille, entre amis, entre partenaires professionnels) codifient ces parcours synchronisés : les bonnes manières dictent le type de thème qui peut être abordé dans chacun des sous-genres, le moment qui convient pour aborder tel sujet, et même les registres de langage et le niveau sonore.”

Fontanille explica, ainda, que essas normas são direções, cuja elasticidade depende de um “controle interpretativo” e de uma “improvisação estratégica”.

Na prática psicográfica, o controle interpretativo é dado pelo sujeito-operador – no simulacro do médium –, respondendo pela cossegmentação síncrona das práticas, no nível estratégico.

O agenciamento das práticas da escrita e do transe estabelecem, pois, as seguintes relações de pressuposição:

- 1) **“Entrar em transe”**: o transe, em dimensão pragmática, exige que o operador-médium esteja alegadamente em um estado alterado de consciência, no qual o seu domínio sobre o corpo torna-se diminuído, e, portanto, mais ou menos restrito a depender do seu “grau” de maior ou menor profundidade. Quanto maior a sua profundidade (alegada), mais eficiente se torna o seu fazer persuasivo, como estratégia manipulatória, por acarretar uma maior “desmodalização” do corpo actante (como veremos com maior detalhamento na seção 3.2).

- 2) **“Escrever”**: a escrita, por sua vez, implica a administração efetiva do tempo disponível para a elaboração de um texto, por parte do sujeito-operador, pela seleção de um tema, pela escolha do gênero (resultante de uma combinação entre um tipo discursivo e um tipo textual), pelo estabelecimento de uma narrativa, pelas estratégias discursivas selecionadas para o seu desenvolvimento (registro de fala, uso de expressões típicas, procedimentos de iconização, produtores de efeitos de “verdade”, “realidade” e “autenticidade) e, por fim, pelo sentido de completude (fechamento), coesão e coerência que consiga produzir.

A observação do agenciamento entre as práticas da escrita e do transe, em nosso cópuz, nos permitiu concluir que a **eficiência prática da psicografia** se dá, sobretudo, pela sincronização do **andamento** das duas práticas, cujo tempo de duração deve ser exatamente o mesmo (coerção aspectual e rítmica). Desse modo, a escrita deve durar somente enquanto o operador estiver sob o transe, jamais ultrapassando-o, uma vez que, findada a “passividade” do ator-médium, a escrita

torna-se naturalmente “sua”, o que se opõe à programação da prática, dada a sua motivação (obter a adesão do sujeito-observador ao sistema axiológico espírita).

A cossegmentação das práticas relaciona-se, sobretudo, à ordenação estratégica entre as dimensões afetiva e cognitiva. Desse modo, o andamento da escrita tende a se acelerar ao passo que as emoções do sujeito-médium ganham intensidade, bem como a se desacelerar, proporcionalmente à sua diminuição:

M1 [14:14]: então... as sensações variam... sim:: às vezes **o transe superficializa** e aí:: eu já tenho mais consciência:: tô ouvindo e **preciso participar mais na escrita... com minha própria vontade no braço...** às vezes volta de novo a ter um **impulso involuntário...** que **facilita muito a escrever até mais rápido...** né... e tudo direitinho:: fisicamente... sim:: as emoções variam... porque em determinadas situações... quando começa um caso... por exemplo... um **relato da experiência de um desencarnado...** e **na hora que ele se emociona...** e realmente **coloca no papel algo de maior sensibilidade... a gente acaba emocionando junto::** às vezes vem sensação de surpresa... quando termina... éh:: aquela mensagem com um **desfecho totalmente inesperado** frente ao que a gente imaginaria que ia ser durante a escrita:: então assim essas questões... às vezes:: já existem situações em que espíritos que:: passaram por um período de adaptação mais difícil... no plano espiritual... vêm relatar a própria experiência... então:: **relatam dramas** mesmo... né:: na escrita... **e sensibilizam a gente...** é possível até **derramar uma lágrima...** alguma coisa de **sensibilidade... frente ao sofrimento::** então com certeza varia:: essas situações variam de acordo com a classe de espírito... e durante o transe mesmo

M4 [1:01:11]: variam... **não só a sensação varia... mas a letra também varia...** tá?:: eu estive lendo que **nem todos os médiuns têm variação de letras...** as letras são mais ou menos iguais... mas... comigo acontece isso... eu sei... por exemplo... às vezes antes da identificação da minha mãe... que:: a letra é dela... éh:: eu sei:: já tô começando a perceber os espíritos que são mais frequentes... **quando são eles... por causa da letra e da sensação que eu sinto...** é como uma calma... uma paz me invadissem na hora... aí eu sei que essa paz... **essa sensação só pode ser tal espírito que está ali**

Enquanto fazer cognitivo-persuasivo de caráter manipulatório, a sincronização atua sobre observador-destinatário a partir da geração de efeitos de “verdade”, “fazendo parecer” que a experiência mediúnica se encontra sob a condução e o controle de um destinador que não é médium (de onde decorreria um efeito de sentido de “dissociação”).

A análise da prática psicográfica nos sugeriu, pois, duas proposições acerca das mútuas interações entre os níveis da cena prática e das estratégias, envolvendo a noção de agenciamento:

1. As práticas complexas desempenham um papel gerenciador, regulador, de caráter estratégico, o que equivale a dizer que articulam práticas complementares e tratam de garantir, por meio de agenciamentos estratégicos, no nível da conjuntura, a “boa forma” necessária à sua existência – e permanência – em um dado universo sociocultural. Isso ocorre, frequentemente, por meio da eficiência praxica e da otimização;
2. As práticas complexas estabeleceriam, assim, uma hierarquia entre as práticas que agenciam, atuando como “configurações estratégicas”, na condição de estruturas englobantes em relação às práticas englobadas, estabelecendo-se, assim, como “programações” no horizonte estratégico.

Essas duas proposições nos sugerem que as práticas “complexas”, assim denominadas, constituem, mais frequentemente, mecanismos estratégicos que segmentam e ordenam práticas “simples” – aquelas que podem funcionar sozinhas e que, por si só, cumprem os requisitos básicos para assim se caracterizarem (um predicado), sendo possuidoras de uma sintagmática possível de ser apreendida a partir da cena prática que integram. A prática psicográfica é um exemplo de prática complexa, justamente porque agencia duas outras práticas simples: “escrever” e “estar em transe”.

É precisamente pela “boa forma” do agenciamento que estabelecem que podem, por fim, assegurar a sua permanência no universo sociocultural. Nesse sentido, as práticas complexas ocupariam, então, uma posição *englobante*, uma vez que são constituídas de outras práticas (simples), sem as quais não poderiam existir.

As práticas “complexas” ou “compostas”, como as práticas profissionais, etc., parecem funcionar, portanto, como elos (de conversão) entre as instâncias da cena prática e das estratégias, remetendo/endereçando a experiência das práticas à experiência da conjuntura e desencadeando, por sua vez, a organização das formas de vidas, na experiência do éthos.

2.5.3 Psicografia e edição: integrações e agenciamentos

Outro aspecto de fundamental importância para a compreensão do funcionamento da prática psicográfica diz respeito ao seu agenciamento sintagmático com outras práticas. A mais relevante, sob o ponto de vista da produção da significação, é a sua articulação com a **prática editorial espírita**, cujo agenciamento sintagmático pode ser visto, estrategicamente, como o eixo central do processo de busca por legitimação e pela circulação de valores e práticas do espiritismo. É possível mesmo dizer que da “boa forma” estratégica, nesse caso, dependem não só a existência, como a permanência do sistema axiológico espírita na esfera da cultura.

Em nosso cópuz, pudemos observar que três dos dez informantes já haviam publicado livros por mais de uma ocasião, de modo que puderam relatar, com maior ou menor grau de detalhamento, o processo pelo qual um texto psicográfico tem a sua circulação transposta do âmbito restrito dos centros espíritas para universo da edição. O relato que melhor demonstra o agenciamento entre essas duas práticas é o que segue:

M2 [22:23]: então:: os **livros**... na realidade... nós poderíamos comentar dois aspectos:: existem os chamados **livros doutrinários**... que são aqueles livros que... às vezes... nas **reuniões públicas** que o médium participa... ou até **reunião íntima**:: éh:: **os espíritos vão mandando aquelas mensagens... de maneira avulsa** e depois **faz-se uma coletânea e publica aquele livro**:: os livros de mensagens doutrinárias:: e temos outras experiências que são aqueles **livros em que tem que existir uma sequência**:: uma **sequência de ideia... uma sequência de assunto**:: uma sequência de pensamento... que no caso são os **romances**:: então com os romances é mais diferente:: o espírito geralmente... em comum acordo com o médium... ele marca em determinado momento para poder escrever esse livro... e **ele vai mandando capítulo por capítulo**... e:: o que me deixou surpreso... e deixa até hoje... é que se o espírito tá mandando determinado capítulo:: vamos supor que ele para no capítulo oitavo:: ele para... por exemplo... em “dois pontos”... na próxima semana... isto eu tô falando:: é experiência pessoal:: na próxima semana o espírito vai continuar... geralmente... nessa experiência que eu tive com o romance... eu não tinha necessidade de voltar a ler onde parou:: e tava ali em “dois pontos”... o espírito continua exatamente naquele ponto... desenvolvendo o seu pensamento:: [24:07] [...] então... nós **já temos publicado oito livros**:: desses oito livros... dois são **romances**:: então essa experiência com romance... éh:: nós tivemos experiência com dois livros:: os outros são **livros doutrinários**:: e agora... por último... essa semana mesmo nós

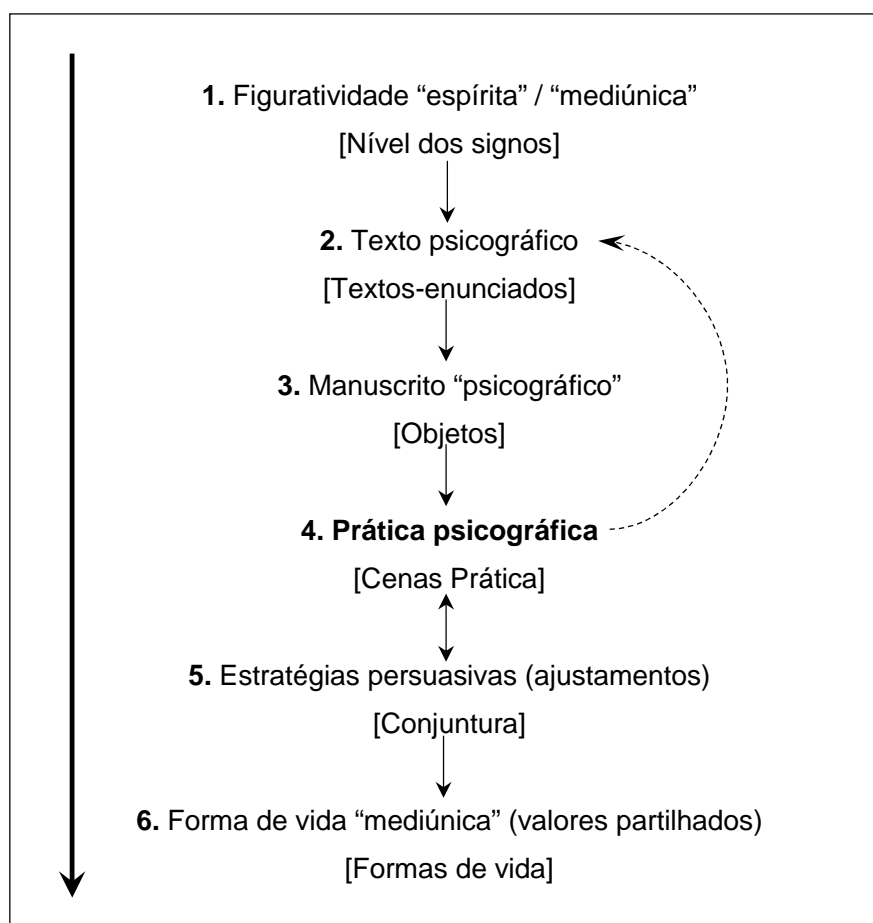
estávamos na cidade de São Paulo... foi lançado um livro de **mensagens que filhos endereçaram pros seus pais**:: [28:20] [...] não costumo **pesquisar** ((fontes))... só quando eu recebi esses romances... às vezes... até por curiosidade a gente tentava pesquisar... tentava ver... por exemplo... se o espírito ia comentar determinado lugar... uma determinada cidade... um determinado país... às vezes a gente procurava pesquisar para ver o local... enfim:: então... às vezes... sim:: mas é ideal... se um médium... por exemplo... tá recebendo uma obra... o ideal é que pesquise bem... porque é um trabalho sério... né?... pra evitar problemas futuros com essas publicações... enfim... erros... né?... citação... às vezes... de erros geográficos... enfim:: então é bom pesquisar... é bom ler... sim:: ajuda:: [42:31] [...] às vezes... tem um texto que você não conseguiu captar o pensamento correto do espírito:: aí... quando nós vamos fazer correção... quando vamos digitar... geralmente a gente sente a presença deles e... às vezes... eles corrigem de volta:: então isso aí chama o que?:: isso aí chama o zelo que o médium tem que ter com o texto psicografado e a revisão... porque... na realidade... o texto mediúnico não sai perfeito:: o próprio espírito... a gente aprende:: o espírito não fica pontuando o texto... então por isso que depende da participação do médium... então... essa questão de revisar... de fazer um conserto aqui... um conserto ali... um arranjo aqui... um arranjo ali... isso aí é um procedimento normal:: [...] [29:53] então:: geralmente nós pegamos esses textos ((manuscritos))... **digitamos e arquivamos**:: nós deixamos ele arquivado por um certo período:: hoje:: na fase que nós estamos da mediunidade:: às vezes:: nós **vamos juntando esses textos** e:: às vezes:: **oferecemos para alguma editora... para poder editar:: para poder formar livros**::

Com base no modelo fontaniliano para uma hierarquia de níveis de pertinência semiótica, cujo funcionamento abordamos no item 2.3, é possível compreender o agenciamento entre os percursos sintagmáticos da prática psicográfica e da prática de edição, que se estabelece por meio de uma sequência **movimentos de integração** (canônico / não-canônico, sincopado / não-sincopado). Tais movimentos permitem com que essas práticas se articulem em torno do “texto” – aqui considerado em suas propriedades figurativas e enunciativas, na instância dos textos-enunciados, e em suas propriedades morfológicas e objetuais, por sua inscrição em um objeto-suporte.

O percurso canônico da prática psicográfica se organiza, assim, a partir da instância das cenas-práticas, descrevendo um movimento de integração combinado, com predominância de integrações ascendentes e com uma síncope descendente de pequena amplitude – isto é, de um “salto” do nível das práticas para o nível dos textos-enunciados – e por um movimento duplo, entre o nível das práticas e o nível das estratégias, resultante dos ajustamentos estratégicos progressivos, realizados durante todo o “ato mediúnico”.

No Esquema 4 abaixo, podemos observar o sequenciamento do percurso da prática psicográfica, em seus múltiplos movimentos de integração. Partindo da cena prática (4), estabelece-se um duplo movimento de integração com o nível das estratégias (5), por meio de ajustamentos progressivos que lhe conferem maior eficiência. Em uma síncope descendente de pequena amplitude, há o “salto” do nível das práticas para o nível dos textos-enunciados (2), que sofre as coerções dos ajustamentos estratégicos, originados nos níveis superiores (entre os níveis das práticas e das estratégias), de modo a integrá-las às suas propriedades figurativas e enunciativas (sob a forma de procedimentos enuncivos e enunciativos, que visam à adesão do enunciatário), pela organização do texto, que integra, por fim, o nível dos objetos (3), com a sua inscrição (escrita manual) sobre o objeto-suporte (a folha de papel), na composição do “manuscrito psicográfico”.

Esquema 4 – Percurso da prática psicográfica (não-canônico e sincopado)

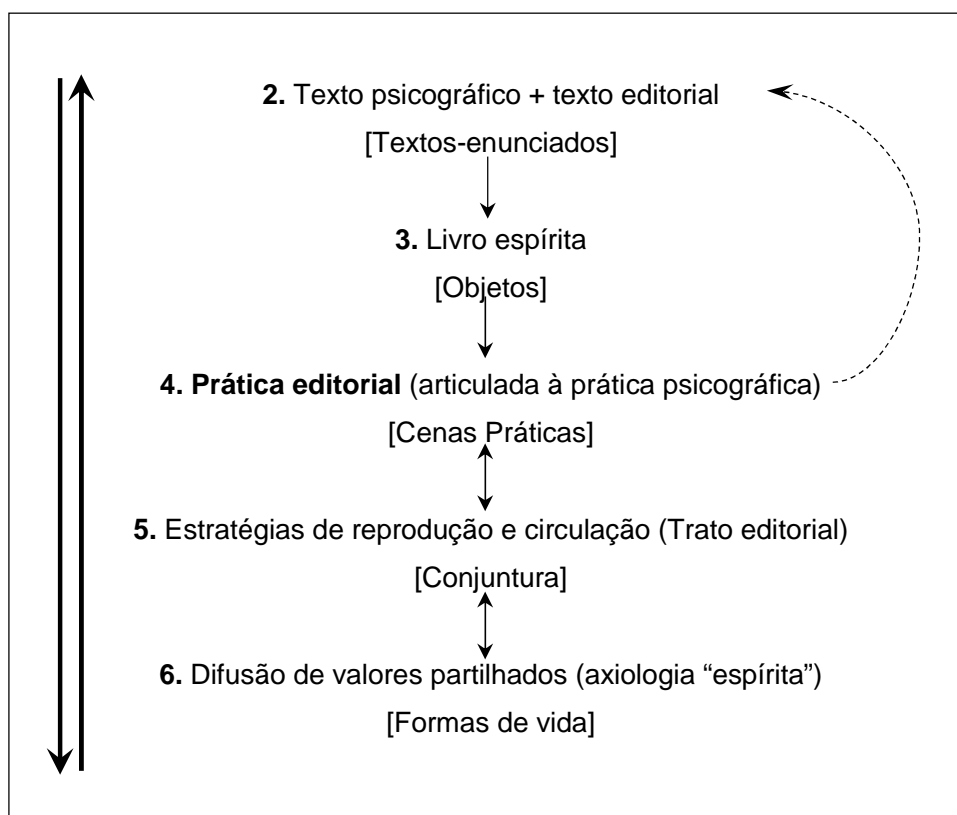


A articulação da **prática psicográfica** com a **prática editorial** “espírita” é garantida, precisamente, pela coerência de seus sistemas axiológicos, que se configuram como um mesmo universo de representação partilhada.

O agenciamento entre as práticas psicográfica e editorial se dá quando o editor (em parceria com o médium ou seus auxiliares), exercendo um fazer pragmático-cognitivo, instaura-se como um “terceiro sujeito”, no esforço de recompor a cena prática que dá origem ao texto psicográfico. Ao proceder à inserção de comentários e notas explicativas nos textos-enunciados produzidos pela prática psicográfica, o editor reforça os seus procedimentos veridictórios, ao mesmo tempo em que determina e gerencia os regimes de sentido implicados no processo editorial.

O percurso da prática editorial (Esquema 5), apresenta movimentos de integração combinada, tanto ascendentes quanto descendentes. Neste último tipo, podemos observar uma síncope descendente de pequena amplitude, do nível das práticas para o nível dos textos-enunciados. A prática editorial é estruturada, portanto, a partir do seu encontro com a prática psicográfica (em que o editor se põe como observador da cena prática), no nível das práticas (4). Cabe a ela integrar o texto psicográfico (2) ao “livro”, como objeto de inscrição. Desse modo, procede a adaptações estratégicas, no nível da conjuntura (5), que implicam a produção de um “texto editorial” espírita (2), numa espécie de “cotextualização” da cena prática, sendo finalmente integrados ao livro (3), na instância dos objetos. Subsumindo todos os níveis anteriores, o nível das formas de vida (6) é a instância relacionada à “coerência” axiológica dos valores difundidos pela prática editorial.

Esquema 5 – Percurso da prática editorial “espírita” (não-canônico e sincopado)



Desse modo, os movimentos de integração e as sincopes do percurso da **prática editorial** nos permitem textualizar tanto a prática de edição (pelos movimentos e sincopes descendentes, no nível dos textos-enunciados) quanto o seu agenciamento com a prática psicográfica (pelos duplos movimentos de integração, na instância das estratégias). Como decorrência do fazer editorial, projetam-se, no nível dos textos-enunciados, estruturas actanciais, modais e axiológicas, observáveis pela segmentação dos textos psicográficos em gêneros discursivos ou textuais, cujos regimes de crença delimitam as posições de enunciador e enunciatário, no texto psicografado; de autor responsável e leitores, no prefácio; de editor e público leitor (nas apresentações e comentários) (FONTANILLE, 2008b, p. 64-65).

Pela determinação dos percursos da prática psicográfica e da prática de edição, assim como de seus agenciamentos estratégicos, pretendemos ter fornecido uma visão global acerca das mútuas interações entre os seus níveis de pertinência e das suas implicações sobre a produção da significação. A apreensão dessas relações, possibilitada pela aplicação do modelo fontaniliano (FONTANILLE, 2008b) de níveis

de pertinência semiótica, mostrou-se, mais do que uma oportunidade de exercício analítico – graças ao qual pudemos caracterizar a prática psicográfica – uma ferramenta de reflexão teórica, pelas possibilidades que nos apresenta para o tratamento “pertinente” de semióticas-objeto que extrapolam o nível dos textos-enunciados.

Partiremos, então, à reflexão sobre o estatuto semiótico do corpo mediúnico na prática psicográfica, a fim de explicitar o seu papel central no nível das práticas, na condição de elemento perceptivo e regulador da semiose.

3 CORPO E TRANSMISSÃO

[...] a experiência extática em si, como fenômeno original, é constitutiva da condição humana; não se pode imaginar uma época em que o homem não sonhasse, não tivesse devaneios e não entrasse em “transe”, perda de consciência que se interpretava como uma viagem da alma ao além. O que se modificava e mudava com as diferentes formas de cultura e de religião era a interpretação e a valorização da experiência extática.

Eliade, em *História das crenças e das ideias religiosas*.⁵³

Entre as principais definições do verbete “transe” listadas pelo dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009), estão “fenômeno religioso e social de representação coletiva, no qual o médium experimenta um sentimento de identificação com comportamentos correspondentes a determinada divindade ou entidade” (antropologia) e “estado de abstração ou de exaltação de alguém que se sente transportado para fora de si e do mundo sensível, e em sintonia com algo transcendente” (extensão de sentido).

O termo tem origem no francês *transe*, deverbal de *transir*, formado do latim *transīre*, que significava “passar de um lugar ao outro”. No século XIV, em francês, a palavra “transe” significava “agonia” e “morte” (“*passer de vie à trépas*”), somente vindo a ser utilizada com o sentido de “transe mediúnico” no século XIX, por empréstimo do inglês *trance*, cujo sentido genérico é “exaltação” e “transporte” (LE GRAND ROBERT, 2013). Passou, assim, a designar o “estado alterado de consciência no qual entram os médiuns quando se comunicam com os espíritos” (LAROUSSE, 2015).

A amplitude das acepções apresentadas nos dá uma noção, ainda que imprecisa, da complexidade da experiência dissociativa, que recebe, em cada cultura, valorações distintas:

O estado de dissociação mental (o que pode variar muito consideravelmente de grau) e que, por conveniência, chamamos [...] de transe, está, conforme as circunstâncias em que ocorre, sujeito a

⁵³ Eliade, 2010b, p. 31.

diferentes controles culturais e a diversas interpretações culturais. De fato, da mesma forma que se dá com a adolescência, o transe está sujeito a definições tanto fisiológicas quanto culturais. Algumas culturas seguem o mesmo espírito de nossa própria prática médica, se bem que não em detalhe, encarando essa condição como um estado de aberração mental que não envolve nenhum favor místico. Outras culturas veem o transe como misticamente provocado; e outras ainda interpretam o mesmo fenômeno fisiológico de diferentes maneiras, em diferentes contextos. A existência de interpretações rivais e, aparentemente, mutuamente opostas do transe, ocorre evidentemente em nossa sociedade (LEWIS, 1977, p. 50).

Ora vinculado à patologia, ora aos fenômenos culturais, o transe, como “estado dissociativo”, apenas recentemente tem sido abordado enquanto experiência “anômala” (não patológica, ainda que inexplicável pela ciência tradicional), por diversas correntes da psiquiatria (ALMEIDA; LOTUFO NETO, 2004), tendo sido apenas recentemente estudado como manifestação cultural de cunho religioso, cujos comportamentos parecem seguir formas arquetípicas, como papéis representados por sujeitos histórica e socialmente implicados.

O termo dissociação foi inicialmente criado por Pierre Janet, em 1880, para significar "desagregações psicológicas". Segundo esse autor, a dissociação seria a perda da unidade do funcionamento da personalidade humana, na qual certas funções mentais atuam de forma independente e fora de um controle consciente. A dissociação pode ocorrer naturalmente, como, por exemplo, quando uma pessoa se absorve tanto em assistir a um filme que fica totalmente alheia a tudo o mais que esteja acontecendo a si mesmo ou ao seu redor. Na concepção original de Janet, a dissociação seria um construto categorial, ou seja, é um tipo ou categoria de experiência que só ocorreria em indivíduos mentalmente doentes, que teriam uma deficiência em integrar diferentes conteúdos psicológicos. Alguns contemporâneos de Janet, como Frederic Myers, Morton Prince e William James, apresentaram um ponto de vista diferente, pelo qual a dissociação é entendida como um construto dimensional, ou seja, é vivenciada em maior ou menor grau por todas as pessoas indo de um extremo saudável até o outro extremo patológico.

No campo das ciências humanas, as experiências “anômalas” têm sido abordadas com razoável frequência, há pelo menos um século (LEWIS, 1977), principalmente por meio da análise de relatos e por observações de campo, próprios do método etnográfico, a exemplo dos estudos desenvolvidos em áreas como a antropologia. É preciso reconhecer, contudo, o “silêncio” predominante nas ciências

da linguagem⁵⁴ a esse respeito, não obstante a existência do farto material etnográfico disponível e das suas múltiplas possibilidades de exploração.

Às dificuldades próprias da análise e da descrição dos “fenômenos subjetivos” – causa provável do “silenciamento” existente sobre o tema –, acreditamos que a semiótica possa oferecer uma contribuição consistente e de inequívoca importância, devido ao referencial teórico e analítico que vem desenvolvendo, nas últimas décadas, para os estudos do corpo sensível e das paixões.

Nesta pesquisa, buscamos justamente observar as implicações desse “corpo” sobre a produção da significação: o corpo “imperfeito”, “falho”, “resistente”, “oscilante”, que Fontanille designa como aquele que, diferentemente do “corpo de papel”, do percurso narrativo – actante submetido a uma programação fixa e determinada – está sujeito à instabilidade das interações e da percepção, devendo, por isso, “reprogramar-se” continuamente, ajustando-se ao “curso de ação” das práticas e na instância das estratégias.

3.1 O corpo em semiótica

Desde a sua introdução, como conceito, em *Semiótica das Paixões* (1993), por Greimas e Fontanille, o corpo tem sido foco de interesse da semiótica, por suas implicações sobre a geração do sentido, fundando-se como centro da semiose.

Retomado e ampliado posteriormente por Fontanille (2004) em *Soma et Séma*, o conceito de corpo em semiótica foi estruturado a partir de dois vieses: um, fenomenológico, pela noção de “corpo-próprio”⁵⁵; outro, linguístico, pelas noções de

⁵⁴ Nas ciências da linguagem, o primeiro estudo registrado, acerca dos fenômenos ditos “anômalos”, refere-se à análise das glossolalias, feita por Ferdinand de Saussure, entre os anos 1896 e 1899, sobre o caso Catherine-Élise Müller, a pedido do psicólogo experimental Théodore Flournoy, de Genebra. Catherine, que acreditava comunicar-se com espíritos, em estado sonambúlico, afirmava escrever e falar línguas nunca aprendidas, tais como o sânscrito. As análises de Saussure – doze documentos, sob a forma de cartas e anotações – sobre a condição de Müller e as prováveis operações mentais que permitiam com que ela pudesse estruturar sentenças em línguas alegadamente desconhecidas tiveram seus trechos citados por Flournoy em sua obra *Des Indes à la planète Mars: étude sur un cas de somnambulisme avec glossolalie* (1900) (COOPER, 2015). Essa passagem da biografia de Saussure permanece praticamente ignorada mesmo pelos estudiosos da área, o que reforça a ideia de um “silenciamento” generalizado sobre essa temática.

⁵⁵ Merleau-Ponty

“discurso em ato” (teoria do campo do discurso) e de “tomada de posição” (teoria enunciativa):

[...] a “tomada de posição” que determina a separação entre expressão e conteúdo torna-se o primeiro ato da instância de discurso pelo qual ela instaura seu campo de enunciação e sua dêixis. Essa “tomada de posição” declina-se em dois atos [...]: de um lado, a *visada*, que dirige e orienta o fluxo de atenção; e, de outro, a *apreensão*, que delimita o domínio de pertinência (FONTANILLE, 2008c, p. 44).

É, pois, na semiose, a partir de uma “tomada de posição” que o sujeito pode perceber o corpo próprio⁵⁶ (**propriocepção**), em relação a um espaço interior (“**interocepção**”, relacionada ao plano do conteúdo) e a um espaço exterior (“**exterocepção**”, relacionada ao plano de expressão), enquanto “sujeito da percepção” (FONTANILLE, 2008c, p. 44).

Desse modo, a experiência da “exteroceptividade”, da “interoceptividade” e da “proprioceptividade”, instauram os limites entre o sujeito e o mundo, de modo que o seu corpo próprio passa a funcionar como uma “fronteira” ou “invólucro sensível” (FONTANILLE, 2008c, p. 44), que lhe permite distinguir as modificações ocorridas nessas diferentes dimensões perceptivas.

Às modificações de sua posição – “posicionais”, como Fontanille (2008c, p.156) passa a designar na proposição de sua “lógica posicional”, oposta à “transformacional” –, o corpo deve responder reconfigurando a sua “intero-extero-propriocepção”.

Assim, sob o ponto de vista das lógicas do sensível, o corpo próprio ultrapassa a condição de centro da dêixis, tornando-se “um operador semiótico complexo, cujas facetas (ponto-referência, invólucro-memória, carne-movimento), têm funções bem distintas) (FONTANILLE, 2008c, p. 45). Fontanille concebe a noção de corpo próprio em estreita relação com os conceitos de “presença” e de “campo posicional”, essenciais para a compreensão de uma “semiótica da percepção”.

Em *Corps et sens* (2011), Fontanille estabelece as bases para uma semiótica do corpo, retomando e ampliando as noções anteriormente abordadas. Realiza, assim, a diferenciação entre corpo “próprio” e “não próprio”: o primeiro designando o corpo em si, na qualidade de “operador”, e o segundo, concebido como “corpo actante”.

⁵⁶ Fontanille refere-se ao corpo próprio (termo utilizado por Merleau-Ponty em *Fenomenologia da percepção*) como um “corpo imaginário”.

Como decorrência dessa primeira divisão, Fontanille (2011, p.12) estabelece a distinção entre “actante como corpo” e o “corpo como actante”, explicando que a noção de “actante” proposta por uma semiótica da percepção envolve não somente a determinação de suas propriedades formais, mas o reconhecimento de que “seus papéis nas transformações narrativas são determinados por propriedades corporais, essencialmente das matérias e das forças, um substrato e uma energia”.

O corpo como actante é descrito, então, como “uma instância da enunciação, ou um actante narrativo do enunciado”. O actante como corpo, por outro lado, é referido como sendo constituído de uma “carne” e de uma “forma” corporais, “o lugar e o vetor de impulsos e de resistências que contribuem para os atos transformadores de estados e coisas, animando os percursos de ação em geral”. Essas duas dimensões funcionam, assim, de forma integrada, de modo que as propriedades de “impulsão” e “resistência” corporais estabelecem “regularidades sintagmáticas”, associando um actante a uma classe de predicados narrativos (FONTANILLE, 2011, p 12).

Com base nessas premissas, Fontanille desenvolve o seu modelo descritivo para o funcionamento do **corpo actante**, de modo a estabelecer uma dinâmica da percepção, efetuando uma divisão do corpo actante em duas instâncias: a carne (*Moi*) e o corpo próprio (*Soi*).

A **carne** (*Moi*), enquanto instância caracterizada por propriedades materiais e energéticas, **distingue o corpo de outros corpos**. Constitui o centro da “tomada de posição”, “referência dêitica, centro sensório-motor e de sensibilidade”, que sofre as pressões e tensões do campo de presença (FONTANILLE, 2011, p. 13).

O **corpo próprio** (*Soi*), por sua vez, é a instância que se constrói, como **identidade**, no processo de produção das semióticas-objeto (a semiose), ao longo de seu desdobramento sintagmático. É, pois, uma identidade em construção, detentora de uma força diretriz. Fontanille subdivide essa instância em mais duas: *Soi-idem* e *Soi-ipse*⁵⁷. *Soi-idem* se constrói por “repetição, pelo recobrimento e confirmação da identidade do actante, por similitude”. *Soi-ipse*, por sua vez, se constitui pela “manutenção e permanência de um mesmo projeto de identidade, apesar das interações com a alteridade” (FONTANILLE, 2011, p. 13).

⁵⁷ Noções formuladas por Ricoeur, em *O si mesmo como um outro*.

Como instâncias que se pressupõem e se definem reciprocamente, **carne e corpo próprio** são “frente e verso” de uma mesma entidade, o corpo actante. Em sua relação de pressuposição e reciprocidade, *Soi* é a “parte do actante que o *Moi* projeta para poder se construir em ação” e *Moi* constitui “a parte do actante à qual o *Soi* se refere ao se construir” (FONTANILLE, 2011, p. 13).

Fontanille (2011, p. 15) explica que o “ato significativo” é uma forma auto-organizada e emergente, cujos limites são dados pelos limiares pertinentes de “**excitação**” e de “**inibição**”. Esses limiares determinam os limites que caracterizam a **resistência** e a **inércia** (por **remanência** ou **saturação**) **da estrutura material e energética** da forma submetida a tensões, diminuindo ou anulando o efeito de tensões sucessivas e de diferentes intensidades, de forma a delinear uma “zona de equilíbrio privilegiado nas interações entre matéria e energia”, dando origem, assim, a “**uma morfologia e uma sintaxe recorrentes e identificáveis**” (FONTANILLE, 2011, p. 15, grosso nosso).

Resultantes dos diferentes estados e etapas das interações entre matéria e energia, a morfologia e a sintaxe figurais dariam origem às formas e às forças pelas quais seria possível descrever a constituição figural do corpo actante:

Se o actante toma forma e identidade enquanto figura em um mundo povoado de figuras, onde se posiciona para se construir, então ele deve obedecer às regras gerais dessa que nós poderíamos [...] aqui chamar de “figuralidade”, que se faz necessário distinguir da “figuratividade” dos atores, do espaço e do tempo. As “figuras” de que nos ocupamos aqui são os esquemas dinâmicos aplicáveis às entidades materiais, formando globalmente uma morfologia e uma sintaxe figurais (FONTANILLE, 2011, p. 14, tradução nossa).

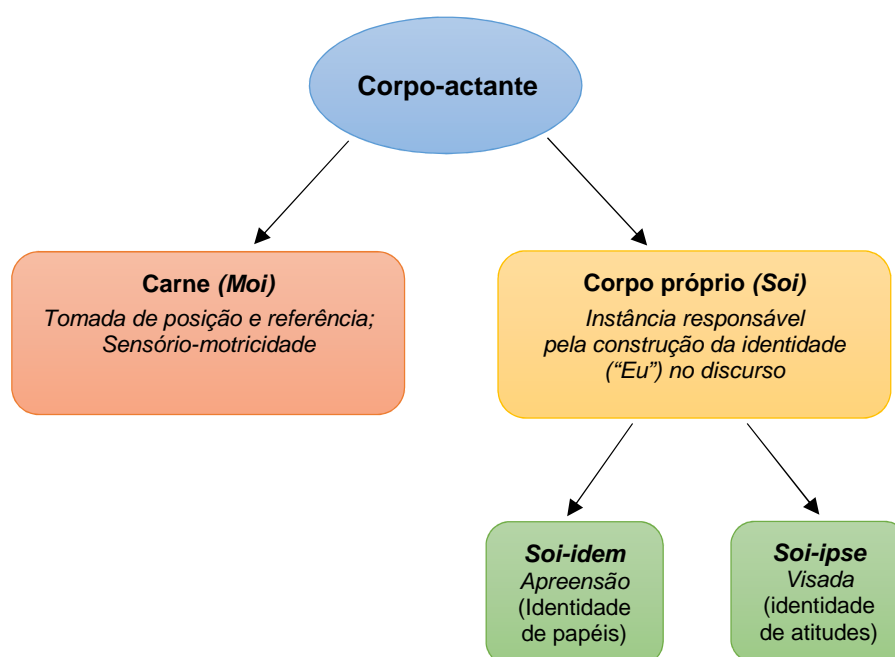
Fontanille (2011, p. 15) afirma que qualquer substrato material dinâmico pode ser convertido em actante, desde que as forças às quais é submetido obedeçam a um princípio: “que o conjunto díspar de suas forças emerja de forças opostas, antagônicas; se umas são dispersivas, as outras são coesivas; se umas são excitativas, as outras são inibidoras; e o conjunto é configurado como um ‘esquema dinâmico’”.

Como sistema físico, passível de evoluir de forma não linear, o corpo está submetido a dois **limiares de inércia**: um “limiar de **remanência**, que exprime a resistência do sistema à inversão de forças, na passagem de uma força a uma força inversa [...] ou à aparição e desaparecimento de uma força”; e um “limiar de **saturação**,

que exprime a capacidade de resistência de um sistema à aplicação de cada uma das forças, e mais particularmente às suas variações de intensidade” (FONTANILLE, 2011, p. 16).

A dinâmica da constituição do corpo actante, conforme a proposição fontaniliana, pode ser representada pelo esquema 6, como segue:

Esquema 6: O devir do corpo-actante, segundo Fontanille (2011) ⁵⁸



Como descrição básica da estrutura e da dinâmica do corpo actancial, cremos que sejam essas as noções necessárias para que passemos à sua aplicação ao nosso cópulus de pesquisa.⁵⁹

⁵⁸ Esquema baseado em Fontanille (2011, p. 12-13; 26).

⁵⁹ Uma vez que o corpo sensível não é o tema principal deste estudo, nossa aplicação do conceito será feita somente de modo a conduzir à articulação entre **corpo actancial, práticas, memória e transmissão**, já que o desdobramento detalhado das noções e do modelo exigiria, muito provavelmente, um trabalho dedicado exclusivamente ao “estatuto semiótico do corpo actancial sob a experiência dissociativa/ do transe”.

3.2 O corpo actante “mediúnico” ou “dissociado”

Na análise do cópuz, pudemos observar a “figuratividade” (no nível discursivo, em que se considera o ator-médium) resultante da “figuralidade” (enquanto esquema dinâmico capaz de modificar o corpo actante, em sua identidade de atitudes e de papéis).

De modo amplo, a “figuratividade” é entendida como a instalação de “percursos figurativos” que, se “coextensivos às dimensões do discurso, farão aparecer as isotopias figurativas”, isto é “o encadeamento isotópico de figuras, correlativo a um tema dado”. Quando vinculadas ao nível narrativo, refletem-se no “conjunto do percurso narrativo” do sujeito (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 210; 213).

No nosso cópuz, como totalidade discursiva, a figuratividade – considerada tanto pela coerência do conjunto narrativo, quanto pelas **isotopias** temáticas e figurativas – nos permitiu observar a constituição, por reiteração ou recorrência, do que podemos chamar de “simulacro mediúnico”, enquanto imagem (éthos) projetada do “médium”, na condição de “sujeito em transe” ou “sujeito dissociado”.

Recobertos por uma isotopia que tematiza a “dissociação”, o “transe”, a “comunicação” ou “intercâmbio” com o “além”, ou ainda a “percepção” de si – ora como sujeito que “se apaga” para que outro “tenha voz”, ora como aquele que, “em dupla”, exerce o papel de “consolar”, “orientar”, “receitar”, “instruir”, etc. – os enunciados nos permitem apreender os percursos figurativos e temáticos “da mediunidade” e “do além-vida”, manifestando um “sistema axiológico” que nos permite recuperar, em seu conjunto, o percurso narrativo do actante.

A observação das isotopias mostrou-se fundamental para que pudéssemos apreender, assim, o sistema axiológico do espiritismo, de modo a “confrontar” os valores associados à prática psicográfica, com os valores das práticas concorrentes (confrontação), das quais se difere ou com as quais se agencia, em seu horizonte estratégico.

Por uma questão de método, nos deteremos à apreensão das isotopias que figurativizam a constituição do “corpo mediúnico”, pelo qual pudemos observar a “figuralidade” que determina o corpo actante implicado na experiência dissociativa/mediúnica.

Vejamos como o transe mediúnico é descrito nos relatos dos médiuns psicógrafos. À questão “O que você sente enquanto psicografa?”, recebemos as seguintes respostas:

M1 [12:32]: então... enquanto a psicografia... eu particularmente... assim... eu sinto uma **desvinculação** do ambiente externo... éh:::... uma **concentração mental** muito grande... como se eu **deixasse de ouvir o meio ambiente... os comentários que o pessoal tá fazendo em voz... e como se eu ouvisse o pensamento do espírito...** então é... ouve o pensamento do espírito e... tem uma **impulsão involuntária**... não assim... pegar na minha mão... ou no braço... e nada... mas sinto o braço **meio anestesiado** com a impulsão involuntária e **ao mesmo tempo** em que a gente **ouve esse pensamento do espírito...** o braço... né:::... **já coloca essas ideias no papel...** então isso Kardec chamou de mediunidade semimecânica... algumas vezes eu não sinto impulso no braço... **só ouço o pensamento do espírito e escrevo pela minha própria vontade...** aí prepondera assim o mecanismo da **intuição...** da mediunidade... psicografia intuitiva... mas em ambos o que acontece é isso... uma **profunda concentração...** antes disso... geralmente... quando a gente sente a aproximação do espírito... já tranquiliza bastante... porque **eu não preciso pensar...** normalmente **a gente para de pensar...** e as ideias vêm naturalmente... e aí vem... por exemplo... um caso que **você não sabe como é que vai ter o desfecho...** mas você **deixa as ideias fluírem** e termina com uma certa lógica... com uma certa... éh::: assim... sentido no que foi escrito... então seria isso...

M2 [10:05]: no meu caso... enquanto eu psicografo eu **sinto...** assim... durante aquele momento... éh:::... **satisfação...** e... quando se trata de cartas de familiares também... **uma certa frustração** também... porque **às vezes a gente não consegue captar com precisão o pensamento desses espíritos...** e sinto uma **tranquilidade mental...** ou seja... eu não sinto uma agitação mental... eu sinto uma certa tranquilidade mental porque... eu sinto que... com o tempo que foi acontecendo o desenvolvimento da psicografia... com o tempo... foi me exigindo **muito menos o esforço mental...** então... por isso que eu falei que não tem... assim... aquela agitação mental... uma certa tranquilidade... porque... porque hoje **existe uma mínima parcela de esforço mental durante o processo...** [11:06] fisicamente... depende de cada trabalho... às vezes uma certa **ansiedade...** éh::: já aconteceu inúmeras ocasiões e continua acontecendo... determinadas **alterações no braço...** às vezes **dormência...** às vezes **um certo peso** e... do próprio momento do transe também... uma certa **sonolência...** seria mais ou menos isso... às vezes... acontece também de sentir assim que o nosso corpo... a nossa **face...** tá bem **mais irrigada...** a gente sente... a gente sente esse processo... sente que parece que a **circulação** está... assim... bem **mais intensa** nessa região... **no cérebro... no rosto...** enfim...

M3 [27:19]: éh:::.... a verdade é que **eu não sinto nada...** eu só sinto... **eu deixo de sentir o ambiente...** eu **sinto pouco** o ambiente... e o que fica vivo é **a ideia do espírito que vai ganhando uma velocidade e um automatismo...** então... **é como se eu virasse um texto...** eu **deixasse de sentir frio...** incômodo... e ficasse... o barulho... tudo... mesmo o que está me incomodando antes... quando começa... para de incomodar e o texto domina... ele fica visceral... né? então... por exemplo... o *Embalos*... que a gente publicou pela editora lá do Z... H... e a J... ele foi recebido... são três autores... e **os textos** têm estilos diferentes... e eles **vinham... como um vômito...** né? e era assim... muito veloz e intempestivo... **não raciocinava e eu não percebia estilos...** depois que terminava é que eu via com assinatura e via que um tinha uma história... o outro era um texto mais filosófico... o outro mais juvenil... então... assim... no momento... por exemplo... eu não percebo cores... não percebo perfume... éh:::.... não... **eu percebo as ideias** e ela é uma ideia... **não é como quando eu escrevo...** que eu tenho uma briga comigo... né?... **eu converso com autores...** eu converso... não... **o texto... ele vem limpo de uma vez...** né?

M4 [56:57]: eu sinto **como que uma onda que começa...** muitas vezes... **na minha cabeça...** e é **como se minha cabeça estivesse aumentando de tamanho...** eu sinto uma espécie de **calor** vindo **em direção à minha parte de cima do corpo...** às vezes... essa sensação me causa uma **sensação agradável...** um **bem-estar...** muitas vezes... eu sinto **medo...** as vezes que eu já senti medo ou já senti um **mal-estar...** as mensagens foram interferidas... eu me lembro uma fase da minha mediunidade... eu ficava na sessão de desobsessão... recebendo mensagem dos espíritos sofredores que estavam ali... a sensação era terrível... a sensação era muito ruim... não era boa... quando eu recebo a minha mãe... por exemplo... [...] sinto uma **sensação agradável** por vários dias... não é só aquele momento... é uma sensação assim de **paz...** de **alegria...** é uma coisa que não dá para descrever... [...] no centro... você tem aquela **sensação agradável** por várias horas... então... é isso que eu sinto na hora... vamos dizer... daquilo que se pode chamar de transe mediúnico...

M5 [17:58]: então... depende... né?... **depende** muito **do espírito** que tá vindo... sempre que vem... vem **espírito de luz...** né... porque acho que eles têm uma certa autorização para virem... né?... eu vejo os mentores que tão dirigindo o trabalho... então acho que eles selecionam bem... mas... às vezes... eu **dou uma sumida...** sabe? às vezes é **como se eu tivesse vivendo tudo aquilo que ele tá descrevendo...** tudo **aquilo que tá sendo psicografado...** é como se eu tivesse naquele lugar... **vivendo tudo aquilo...** ou... **conforme o espírito...** conforme a mensagem... eu **fico muito emocionada...** com muita **vontade de chorar...** eu **não sei se isso é do espírito que veio ou se isso é meu...** aí eu já não... agora... quando vem gente assim... espírito de pessoas conhecidas... com que eu convivi... é mais

emocionante... o emocional meu fala muito... né?... o que... às vezes... até atrapalha um pouco pra receber a mensagem... aí eu tenho que **concentrar** pra conseguir... porque é engraçado... tem gente que fala “nossa... tem que concentrar... tem que concentrar”. eu acho interessante que... às vezes... a coisa vem tão natural que não precisa nem concentrar... você já vai pegando a caneta e já vai... aí... quando eu percebo que eu tô muito emotiva... eu tenho que me concentrar mais... [20:15] [...] no físico... no físico... eu não sinto nada... só quando eu fico muito emocionada que... às vezes... eu choro... mas normalmente é só quando é de espírito de pessoas que eu conheci... que eu convivi... mas... no mais... não...

M6 [29:59]: são sensações variadas... eu não tenho um espírito fixo... como vários médiuns têm... é **uma gama**... conheço alguns e outros... não... e... às vezes... **identifico pelo estado que eles me deixam**... exemplo... dona Maria Modesto... eu identifico de cara... porque ela parece um lago de águas serenas... então... quando eu a recebo... seja para... para psicofonar ou psicografar... é uma coisa tão **tranquila**... é **uma postura**... até de corpo... eu acho que meu corpo levanta e fica com aquela postura... sabe... bem aristocrática bem nobre... assim... dela...você já viu foto dela... né? é uma senhora muito distinta... muito bonita... e fica bem assim e eu fico muito tranquila... muito serena... capaz de cê me tacar uma coisa na minha cabeça e eu não vou reagir (risos). já o Dr. Inácio... Dr. Inácio Ferreira... eu tenho muita afinidade com ele... e o Dr. Inácio já é jocoso... ele brinca muito... tem aquelas tiradas *sui generis* dele... e com vários outros...

M7 [06:22]: **muita emoção dos espíritos** para eu passar para o papel... muita emoção... que eu tenho **contato direto com eles**... como se eu tivesse conversando com você... eu vejo eles... [06:40] **tenho vidência... enquanto eu escrevo**... então... é muita emoção... às vezes... tem hora que eu vou ler **eu choro devido ao que espírito passou de emoção**... aí eu tenho que controlar para eu poder acabar de ler a mensagem... [07:02] **eu sou consciente**... porque se eu fosse inconsciente... se o espírito estivesse naquele desespero... eu passaria para o papel... e não é bom

M8 [37:18]: às vezes... eu **sinto a emoção do espírito**... às vezes... eu **sinto que não é ele**... que é o mentor dele que tá falando por ele... porque ele não tem condição nenhuma... porque tá num choro lascado... então... não é ele que está psicografando... às vezes... eu **vejo que o que está sendo escrito ali... naquela hora... não é o que o espírito tá realmente sentindo**... porque ele tá num sofrimento grande... mas ele tem que confortar aquela família... entendeu? então é isso que eu sinto... isso daí eu já consigo perceber... [38:10] só essas **emoções**... mais nada... só isso

M9 [44:28]: olha... enquanto em exercício... eu sinto uma **concentração muito forte... é como se nada tivesse chamando minha atenção fora daquele momento...** porque a única coisa que tá acontecendo é aquela... aquela carta... às vezes... eu **me emociono...** que eu não sei se é minha ou se é do espírito... mas já teve vezes de eu estar escrevendo e eu ver as **lágrimas** caírem... às vezes... tem **taquicardia... reações fisiológicas...** né? você sente aquela... aquelas emoções que tão sendo passadas... né?... éh:::: às vezes... um pouco de... você percebe a angústia do comunicante... você percebe aquela **angústia** dele de tentar falar assim “tá tudo bem”, e você sabe que não tá bem... né? você... éh::::: sente a frustração dele quando você não consegue atingir o resultado que... que ele esperava... mas... assim... são reações emocionais e físicas que acontecem... mas pra mim... naquele momento da escrita... éh::::: só existe aquilo... entendeu? eu... por exemplo... o tempo... **o tempo... duas horas de psicografia... pra mim... eu não sinto duas horas passando...** e... às vezes... eu me sinto muito cansado... né? cansado::::: fisicamente... cê desgasta... e... e é isso... né? eu não guardo... eu acho que isso é um fator importante... eu não consigo... eu guardo detalhes... fragmentos... algumas frases que me chamaram atenção... mas eu não guardo a fisionomia das pessoas que ganharam mensagens... eu **não guardo os nomes dos espíritos...** eu não guardo os trechos das mensagens... então eu **acho que até isso autêntica...** se a pessoa me vê na rua e me cumprimentar... e se eu não cumprimentar... é porque eu realmente não sei com quem que eu tô falando... a mensagem... ela vai se diluindo...

M10 [15:25]: [...] eu procuro deixar... as ideias irem pro papel... né? eu **não interfiro hora nenhuma...** procuro **manter uma neutralidade...** só aquilo que tá na ali na minha mente que eu vou **prestando atenção pra escrever** [15:55] é o que **o espírito tá falando...** se é... alegria é alegria... se é tristeza é tristeza... é o que ele tá passando... o que **ele tá ditando... que eu tô sentindo...** às vezes... **até para pôr mais verdade ali...** né? [16:21] quando ele começa é muito rápido... né? é **muito rápido...** então quando vem já a ideia... o texto... você já vislumbra a paisagem... vislumbra o que tá acontecendo... muitas vezes... o espírito não vai te **ditar palavra por palavra...** ele vai te mostrar aquilo que ele tá sentindo... você vai passar pro... pro papel... então as **emoções... muito rápidas...**

Os trechos destacados indicam as isotopias temáticas e figurativas associadas à percepção do transe, pelo médium. Na impossibilidade de retomá-los de forma exaustiva, indicaremos os que nos parecem conter as mais representativas, no que diz respeito às sensações físicas e emocionais da experiência dissociativa. A leitura dos trechos destacados, na totalidade, fornecerá, entretanto, uma dimensão da recorrência:

M1) **“desvinculação do ambiente externo”; “concentração mental”; “como se eu deixasse de ouvir o meio ambiente”; “como se eu ouvisse o pensamento do espírito”; “braço meio anestesiado com a impulsão involuntária”; “ouço o pensamento do espírito”; “só e escrevo pela minha própria vontade”; “deixa as ideias fluírem”; “a gente para de pensar...”; “as ideias vêm naturalmente”.**

M2) **“mínima parcela de esforço mental”; “ansiedade”; “alterações no braço...”; “dormência...”; “um certo peso”; “sentir assim que o nosso corpo”; “a nossa face... [...] mais irrigada”, “certa sonolência...”; “circulação [...] mais intensa; “no cérebro... no rosto”.**

M3) **“não sinto nada”; “deixo de sentir o ambiente...”; “sinto pouco o ambiente”; “a ideia do espírito [...] vai ganhando uma velocidade e um automatismo”; “é como se eu virasse um texto...”; “os textos têm estilos diferentes... e eles vinham... como um vômito... muito veloz e intempestivo”; “não raciocinava e eu não percebia estilos...”; “eu percebo as ideias [...] não é como quando eu escrevo...”.**

M5) **“dou uma sumida...”; “como se eu tivesse vivendo tudo aquilo que ele tá descrevendo... [...] que tá sendo psicografado...”; “conforme o espírito”; “fico muito emocionada...”; “com muita vontade de chorar...”; “eu não sei se isso é do espírito que veio ou se isso é meu...”.**

M9) **“o tempo... duas horas de psicografia... pra mim... eu não sinto duas horas passando...”; “eu me sinto muito cansado...”; “fisicamente... [...] desgasta...”.**

M10) **“não interfiro hora nenhuma...”; “procuro manter uma neutralidade...”; “só aquilo que tá na ali na minha mente”; “prestando atenção pra escrever”; “é o que o espírito tá falando...” “o que ele tá ditando... [...] eu tô sentindo...” “para pôr mais verdade ali...”; “quando ele começa é muito rápido...”**

Assim se configura uma isotopia temática do transe mediúnico e/ou da dissociação, pelos seguintes temas e figuras:

- **Desagregação/ Dissociação:** “desvinculação do ambiente”; “perder a noção do tempo”; “deixar de ouvir o ambiente”; “a ideia **do espírito** [...]”; “como se (eu) virasse um texto...”; “eu **não sei se isso é do espírito** que veio **ou se isso é meu**...”;
- **Fusão:** “o que ele tá ditando... [...] eu tô sentindo...”;
- **Neutralização** (do sujeito): “parar de pensar”; “mínimo esforço”; “não interferir”);
- **Dessensibilização:** “deixar de sentir”; “braço anestesiado”;
- **(Hiper)sensibilização:** “ficar emocionado”; “vontade de chorar”; “sentir-se cansado/ esgotado”;
- **Receptividade** (perceptiva): “concentrar-se”; “prestar atenção”; “aquietar-se”;
- **Automatismo:** “impulsão involuntária”.

Os trechos destacados nos depoimentos demonstram, também, a reiteração da “imprecisão”, da “indefinição” perceptiva: “a gente **sente** esse processo... **sente que parece que a circulação** está... **assim**...” (M2). A hesitação, marcada no nível discursivo, indica, narrativamente, um regime de crença em que predomina a “dúvida”. O sujeito não sabe o que sente; não tem certeza ou não consegue defini-lo, o que fica mais evidente em “eu **não sei se isso é do espírito que veio ou se isso é meu**...”.

Antes de procedermos à descrição do esquema do devir do corpo actante “mediúnico” ou “dissociado”, bem como das suas implicações para a geração de estruturas modal, actancial e axiológica (relacionada às isotopias figurativas e temáticas, como as realçadas na análise anterior) – as quais, por sua vez, definem a identidade do actante –, destacaremos alguns pontos determinantes para a sua compreensão.

Subjacente à figuratividade, temos na figuralidade a instalação de esquemas dinâmicos que modificam o corpo actante, sua identidade de papéis (*Soi-idem*) e sua identidade de atitudes (*Soi-ipse*). Os esquemas dinâmicos são originados pela tensão entre as forças de excitação e inibição e o sistema físico (*Moi*), como uma resultante que se estabelece como uma configuração morfológica e sintática. Essa configuração, como explica Fontanille (2011, p. 14) determina o devir do actante, instalando, então, um programa narrativo.

No *Moi*, enquanto sistema físico, há dois tipos de “limiars de inércia” (Fontanille, 2011, p. 15-16): o limiar de **remanência**, que exprime a resistência do sistema à inversão de forças, na passagem de uma força a outra; e o limiar de **saturação**, que exprime a capacidade de resistência do sistema à aplicação de alguma das forças, especialmente às suas variações de intensidade. Esses dois limiars descrevem, assim, os dois tipos de forças exercidas **no** e **sobre** o corpo. A **remanência** confere ao corpo a capacidade de operar **diferenças**. A **saturação**, por sua vez, exprime a **estabilidade** morfológica do corpo actante, de modo que este resista às intensidades e amplitudes das deformações que poderia sofrer. A saturação expressa, assim, a capacidade do corpo actante em acessar a iconicidade.

A experiência da inércia pelo corpo actante, em seus diferentes tipos de resistência (interna ou externa), resulta no que Fontanille denomina de **singularização**, dada pela capacidade de se “autonomizar”. A singularização ocorre, desse modo, definindo a identidade figural de cada corpo actante: a “inércia corporal fornece, portanto, ao corpo actante, as propriedades figurais elementares: autonomia esquemática, singularidade e identidade” (FONTANILLE, 2011, p. 16).

A aplicação das formas tem ainda outra consequência: ela insere o corpo em um processo sintagmático. Essa proposição se sustenta ao tomar-se como pressuposto que “o sistema corporal é dotado de uma memória das interações, constituída pela sucessão ordenada de saturações e remanências” (FONTANILLE, 2011, p. 16). Para Fontanille, a **memória do corpo actante** constitui uma “memória das interações anteriores” e uma “prefiguração das interações ulteriores”. A aplicação do princípio de inércia à sintaxe figural das semióticas-objeto pressupõe, assim, uma “capacidade da substância corporal de conservar o *vestígio* das forças, pressões e tensões que sofre e das interações nas quais participa”. Os vestígios (*empreintes*) e os dois limiars de inércia constituem, assim, as modalidades que determinam os

vestígios sucessivos, constituindo, por fim, **a identidade do corpo actante** (FONTANILLE, 2011, p. 16).

Sobre o funcionamento geral da “memória das interações”, Fontanille (2011, p. 16, tradução nossa) comenta:

Essa memória das interações confere ao corpo actante uma capacidade de aprendizagem e autoconstrução cumulativa. É, sobretudo, aprendendo a reconhecer, a compensar e a gerir as tensões que sofre e que o animam que o corpo actante constrói, pouco a pouco, um **campo sensório-motor**, suscetível de acolher os *vestígios* da **memória corporal** e de submetê-las a uma primeira distinção fórica (euforia/disforia), sobre a qual se apoiará a **formação de axiologias**: a esse respeito, a sensório-motricidade pode ser considerada como um subsistema de controle, que pode elevar ou abaixar os limites de saturação e remanência.⁶⁰

Assim se dá, resumidamente, a dinâmica de geração de um actante (em sua estrutura actancial) bem como das estruturas modais e axiológicas que o singularizam e das quais decorre uma memória corporal.

Acerca da programação do percurso narrativo do corpo actante, é preciso que façamos, antes, uma distinção. Diferentemente dos “atores de papel” – o actante que é completamente programável – o actante “com corpo”, está sujeito aos riscos da ação: “atos falhos, inadvertências e negligências [...] formas aparentemente malogradas de ação”, que na “dimensão afetiva dos discursos [...] manifestam a existência de outros percursos além daqueles ditados pelo programa narrativo dominante” (FONTANILLE, 2011, p. 19-20). A programação é concebida, assim, “como uma forma de coerção externa”, enquanto “as iniciativas do corpo actante exprimem sua margem de liberdade, uma liberdade individualizante que torna possível tanto as ‘falhas’ de ação quanto a beleza do gesto” (FONTANILLE, 2011, p. 20).

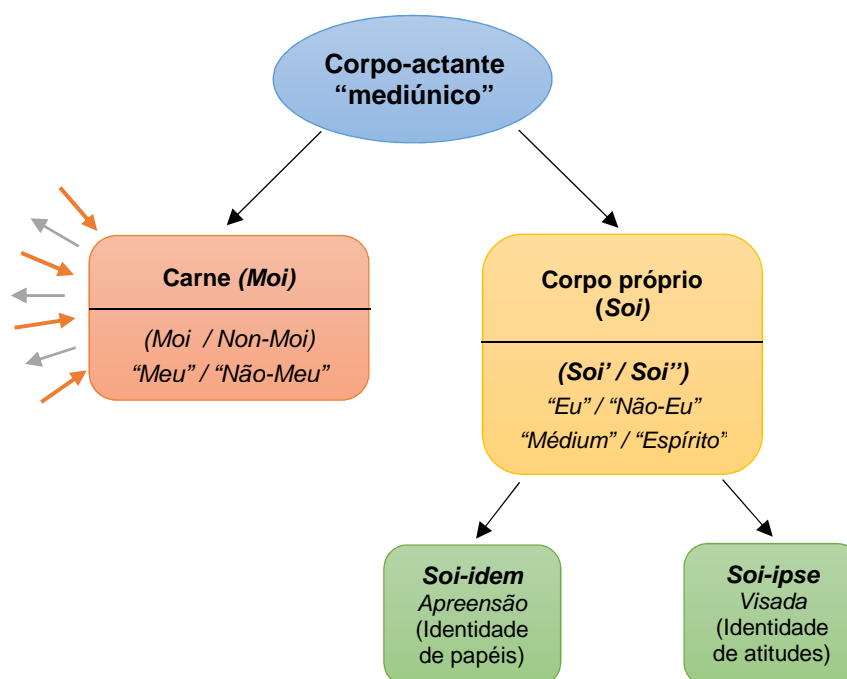
À programação que sofre as “reprogramações” do actante, diante das variantes “passionais” ou “acidentais” de percurso, Fontanille denomina “**desprogramação**”, que é compreendida como a geração de um novo esquema narrativo a partir da

⁶⁰ “Cette mémoire des interactions procure au corps-actant une capacité d’apprentissage, et d’auto-construction cumulative. C’est en particulier en apprenant à reconnaître, à compenser et à gerer les tensions qu’il subit et qui l’animent, que le corps-actant se donne peu à peu un champ sensori-moteur, susceptible d’accueillir des empreintes de la mémoire corporelle et de les soumettre à une première distinction phorique (euphorie/ dysphorie), sur laquelle s’appuiera la formation des axiologies : a cet égard la sensori-motricité peut être considérée comme un sous-système de contrôle, que peut relever ou abaisser les seuils de saturation et de rémanence .”

singularização do actante. A desprogramação é efetuada por uma operação de triagem axiológica (mistura-triagem-separação), que resulta no surgimento de um novo esquema narrativo, o qual, por sua vez, determina a singularização do actante, de modo a contribuir para o delineamento de sua identidade.

A partir dos princípios aqui expostos, sobre a dinâmica constitutiva do corpo actante, e da análise de nosso cópuz, chegamos à elaboração do seguinte esquema (Esquema 7), descritivo do devir do corpo actante durante a experiência “mediúnica” ou “dissociativa”⁶¹:

Esquema 7: O devir do corpo-actante durante a experiência “mediúnica” ou dissociativa



Neste esquema, realizamos duas modificações em relação ao modelo fontaniliano (Esquema 6): (1) inserimos setas que incidem sobre a carne (*Moi*), instância corporal, de modo a representar as forças (tensões e pressões) estabelecidas no e sobre o sistema físico; e (2) inserimos uma divisão na instância do corpo-próprio (*Soi*), que apresenta a sua forma “delineada”, “definida”, enquanto “identidade” (“*Eu*”), representando a **singularização do actante**, de modo que este

⁶¹ Referindo-se à “dissociação” ou “desagregação” psíquica.

possa individualizar-se tanto como um “*Eu*” (manifestado, em nível discursivo, como o “ator-médiun”) quanto como um “*Não-eu*” (discursivamente, o “ator-espírito”).

Esses dois procedimentos gráficos nos permitem destacar os elementos que mais distinguem o devir de um corpo actante “mediúnico” ou “dissociado” de um corpo actante “integrado” (não desagregado/ dissociado).

Partindo da instância do corpo, temos representadas pelas setas as tensões e pressões que atuam como forças de **inércia**: a **remanência** (resistências internas) e a **saturação** (resistências ao externo).

Na “instância externa” do sistema, as setas alaranjadas indicam as forças (saturação) exercidas sobre o corpo actante “mediúnico” e as setas de cor cinza indicam as forças internas (remanência) em tensão ou pressão. Se tomarmos o **ato mediúnico** (observável na prática psicográfica ou em qualquer outra que presuma a “comunicação com o além”), podemos relacionar as forças de saturação (externas) aos estímulos do ambiente sobre o corpo, as impressões e sensações causadas pela presença/ausência de uma audiência; a “impressão” despertada pelo cenário em que o corpo do médiun se instala (a cadeira, a mesa, a disposição e quantidade de lápis e papéis, as texturas, a luminosidade, a temperatura, os odores, a proximidade ou distância dos observadores, a sala lotada de pessoas ou vazia, o “ambiente religioso”, etc.). Tais pressões e tensões atuam sobre o corpo actante, fazendo com que este busque um “equilíbrio” para a interação entre o sistema corporal (“matéria e energia”) e o mundo externo. É a partir desse momento que se inicia a organização de **esquemas dinâmicos**, resultantes das forças internas e externas, de modo a organizarem uma morfologia e uma sintaxe que resultam em estruturas “singularizantes”, a partir das quais se constitui a “identidade” do actante.

Na instância do corpo, tais pressões e tensões externas atuam imediatamente, mobilizando uma **memória corporal**, constituída das suas interações anteriores ou da prefiguração das interações possíveis. Ao receber tais estímulos (resistências ou impulsões) o corpo actancial “mediúnico” mobiliza esquemas dinâmicos anteriores, adquiridos pela **repetição**.

Em nosso cópuz – considerando o percurso narrativo do sujeito médiun, já apresentado no item 2.5.1 do capítulo anterior –, podemos observar a repetição enquanto processo associado à etapa de “DESENVOLVIMENTO”, na qual se dá o “desenvolvimento mediúnico” ou a “disciplina mediúnica”, de modo a promover a competencialização do actante. A “disciplinarização” trata-se, ao que tudo indica, de

um “**condicionamento**” da **percepção**, como forma de inscrever uma “**memória corporal**” no corpo sensório-motor do actante “mediúnico”. Cada tipo percepção sensorial, traduzida em um vestígio, mobiliza esquemas dinâmicos que se reforçam progressivamente, aumentando a capacidade do corpo actante em “reconhecer” e “gerir” as tensões sofridas.

Uma vez que os esquemas dinâmicos organizam estruturas actanciais, modais e axiológicas, o que o processo de repetição garante é que a memória corporal se consolide a partir de valores “selecionados”, oriundos do universo cultural (exterior), estabelecendo uma **programação** – a qual o actante pode “**desprogramar**”, a partir das **modalizações** estabelecidas entre o vestígio e as forças de inércia.

Retomando os conceitos já definidos de interocepção, propriocepção e exterocepção, é possível dizer que o “sentir” uma “presença”⁶², estabelecendo a alteridade (“Eu” / Não-Eu”; “*Meu*” / “*Não-Meu*”) (FONTANILLE, 2011, p. 66), é o cerne do “desenvolvimento” e do “ato” mediúnicos. A alteridade, dada pelo “próprio”/ “não-próprio”, é associada às diferenças perceptíveis no “campo de presença”, que resulta, pelas operações de visada e apreensão, em uma tomada de posição do actante:

M2: [...] eu **sinto**... assim... durante aquele momento... éh:::... **satisfação**... e... quando se trata de cartas de familiares também... uma **certa frustração** também... porque às vezes **a gente não consegue captar com precisão o pensamento desses espíritos**...

M3: [...] por exemplo... o *Embalos*... que a gente publicou pela editora lá do Z... H... e a J... ele foi recebido... são **três autores**... e os **textos têm estilos diferentes**... e eles **vinham... como um vômito**... né? e era assim... muito veloz e intempestivo... **não raciocinava e eu não percebia estilos**... depois que terminava é que eu via com **assinatura** e via que **um tinha uma história... o outro era um texto mais filosófico... o outro mais juvenil**... então... assim... no momento... por exemplo... eu **não percebo cores... não percebo perfume**... éh:::... não... **eu percebo as ideias** e ela é uma ideia... **não é como quando eu escrevo**...

⁶² A “presença sensível” (FONTANILLE, 2008c, p. 75; 103) pode ser entendida como a categorização de grandezas, pelo sujeito do discurso, consideradas em sua intensidade (interno) e extensidade (externo), respectivamente pela visada e pela apreensão, enquanto tomada de posição (campo posicional).

M4: [...] eu me lembro uma fase da minha mediunidade... eu ficava na sessão de **desobsessão**... recebendo **mensagem dos espíritos sofredores** que estavam ali... a **sensação era terrível**... a sensação era **muito ruim**... não era boa... [...] quando eu recebo... às vezes... um **espírito conhecido**... que a gente reconhece ter um **grau de elevação maior**... como aconteceu na vez passada... no centro... você tem aquela **sensação agradável** por várias horas... então... é isso que eu sinto na hora...

M5: [...] às vezes é **como se eu tivesse vivendo tudo aquilo que ele tá descrevendo**... tudo aquilo que tá sendo psicografado... é como se eu tivesse naquele lugar... **vivendo tudo aquilo**... ou... **conforme o espírito**... conforme a mensagem... eu **fico muito emocionada**... com muita **vontade de chorar**... eu **não sei se isso é do espírito que veio ou se isso é meu**... aí eu já não:::... agora... quando vem gente assim... **espírito de pessoas conhecidas**... com que eu convivi... é **mais emocionante**...

M6: [...] são sensações variadas... eu **não tenho um espírito fixo**... como vários médiuns têm... é **uma gama**... **conheço alguns e outros**... **não**... e... às vezes... **identifico pelo estado que eles me deixam**...

M7: [...] **muita emoção dos espíritos** para eu passar para o papel... muita emoção... que eu tenho **contato direto com eles**... como se eu tivesse conversando com você... eu vejo eles... [06:40] **tenho vidência**... **enquanto eu escrevo**... então... é muita emoção... às vezes... tem hora que eu vou ler **eu choro devido ao que espírito passou de emoção**...

M8: [...] às vezes... eu **sinto a emoção do espírito**... às vezes... eu **sinto que não é ele**... que é o mentor dele que tá falando por ele... porque ele não tem condição nenhuma... porque tá num choro lascado... então... não é ele que está psicografando... às vezes... eu **vejo que o que está sendo escrito ali**... **naquela hora**... não é **o que o espírito tá realmente sentindo**... porque ele tá num sofrimento grande... mas ele tem que confortar aquela família... entendeu?

M9: [...] porque a única coisa que tá acontecendo é aquela... aquela carta... às vezes... eu **me emociono**... que **eu não sei se é minha ou se é do espírito**...

Durante o processo de condicionamento ou treinamento da percepção “mediúnica”, o corpo sensível é “ensinado” a identificar e associar as tensões e pressões dos estímulos externos (captados como um campo sensorial) aos esquemas dinâmicos internos, enquanto estruturas constituídas de uma morfologia e de uma sintaxe figurais.

Nesse processo dinâmico, tensões, pressões, resistência e inércia são convertidos em grandezas perceptíveis (por apreensões e visadas) e, assim, transformados em axiologias, de modo que o actante, ao proceder à sua triagem, estabelece uma iconicidade, uma ilusão referencial de “identidade”. Essa dinâmica, em nível cognitivo, relaciona-se à “**competência**” do médium em estruturar narrativas (mais ou menos convincentes) a partir de percepções de “si” de “um outro”, que presumidamente agiria “sobre” ou “em” seu “campo psíquico”. No horizonte discursivo do espiritismo, a capacidade de “corporificar”, “manifestar” o discurso de um “espírito” ou “entidade”, é atribuída tanto à “constituição orgânica”⁶³ quanto à “predisposição” (vontade) do médium:

M9: [...] às vezes... tem **taquicardia... reações fisiológicas... né?** você **sente** aquela... aquelas **emoções** que tão **sendo passadas...** né?... éh:::: às vezes... um pouco de... **você percebe a angústia do comunicante...** você percebe **aquela angústia dele de tentar falar** assim “tá tudo bem”, e **você sabe** que não tá bem... né? você... éh:::::: **sente a frustração dele** quando você não consegue atingir o resultado que... **que ele esperava...**

M10: [...] só aquilo que tá na ali na minha mente que eu **vou prestando atenção pra escrever** [15:55] é o que **o espírito tá falando...** se é... **alegria** é alegria... se é **tristeza** é tristeza... **é o que ele tá passando...** o que **ele tá ditando... que eu tô sentindo...** às vezes... até **para pôr mais verdade ali...** né? [16:21] quando ele começa é muito rápido... né? **é muito rápido... então quando vem já a ideia... o texto... você já vislumbra a paisagem...** vislumbra o que tá acontecendo... muitas vezes... **o espírito não vai te ditar palavra por palavra...**

Nos casos observados no córpus, o investimento modal sobre o actante “mediúnico” (ator-médium, no nível discursivo) é o “fazer-creer” pela “performance

⁶³ “No médium aprendiz, a fé não é a condição rigorosa; sem dúvida lhe secunda os esforços, mas não é indispensável; a **pureza de intenção**, o **desejo** e a **boa vontade** bastam. Têm-se visto pessoas inteiramente incrédulas ficarem espantadas de escrever a seu mau grado, enquanto crentes sinceros não o conseguem, o que prova que esta **faculdade** se prende a uma **disposição orgânica**” (KARDEC, 2013d, p.212).

mediúnica”. Para isso, ele deve delegar sua competência (seu “saber/poder/querer”) a um “outro” (Não-Eu / Não-Meu”, associado ao “ator-espírito”), cuja “presença” se dá em uma “instância interna”.

O reconhecimento (e a assimilação) da “diferença” (axiológica) pelo actante, na instância da identidade (*Soi*), resulta na estruturação de um esquema dinâmico (configuração morfológica e sintática) que não leva à triagem axiológica para a manutenção de um “Eu” (congruente, coerente, coeso), mas à constituição de uma outra identidade “Não-Eu”, com a qual a primeira pode coexistir (incongruente e desintegrado, enquanto identidade cindida e dissociada). Para isso, entretanto, é necessário que haja uma “**desmodalização**” do actante.

Em seu percurso narrativo, o actante (ator médium), age por **delegação**. Trata-se de uma delegação modal, em que o corpo-carne (*Moi*, o “operador”) passa a ser instância partilhada entre duas “identidades” (*Soi* e *Não-Soi* – atores “médium” e “espírito”, no nível discursivo). A depender da (ou das) modalidade(s) delegada(s), criam-se graus de “competência” que permitem maior ou menor ação sobre o corpo (*Moi*), enquanto operador (grau zero de modalização).

Essa dinâmica de delegação modal torna-se mais compreensível pela “lógica dos campos posicionais” (que se diferencia da lógica transformacional), que Fontanille (2008c) propõe em *Semiótica do Discurso*. Sob essa perspectiva, os actantes são definidos a partir da tomada de posição – a visada (intensa) e a apreensão (extensa), sendo considerados “os próprios **actantes da percepção**, estrutura actancial mínima que permitirá falar em ‘atos perceptivos’, em ‘operações’ de percepções e em produção da significação a partir da percepção, especialmente no interior dos próprios discursos” (FONTANILLE, 2008c, p. 103).

Os “**actantes posicionais**” da estrutura perceptiva dividem-se em três papéis: **fonte**, **alvo** e **actante de controle**. A **fonte** é representada pela eficiência, instaurando um dispositivo de captação, medida ou fechamento; o **alvo** caracteriza-se pela intensidade de sua reação, sendo avaliado por sua extensão; e o **actante de controle** é representado pela modulação de intensidade e regulagens que induz entre esses dois primeiros, fornecendo um padrão ou escala de avaliação, uma mediação que facilita ou dificulta a interação.

Enquanto “condição pressuposta”, a estrutura narrativa determina o “modo de existência do processo”, no nível discursivo. Nesse sentido, as **modalidades** funcionam como uma “interface” entre os níveis narrativo e discursivo, podendo ser

definidas, de acordo com Fontanille (2008c, p. 175), por duas variáveis: (1) os **actantes envolvidos**, como condição do processo, regidos pela lógica das forças e (2) os **modos de existência** que elas impõem ao processo, relacionados à lógica posicional ou dos lugares.

De acordo com a lógica das forças a modalidade pode resultar em duas consequências: “ou [...] modifica a relação entre o **sujeito** e o **objeto** ou [...] modifica a relação entre o **sujeito** e um **terceiro actante**” (FONTANILLE, 2008c, p. 175). A relação entre sujeito e objeto é regida pelo *querer* e pelo *saber*. Esta relação pode ser modificada por uma das formas do *crer*: “crer em algo” (*crer*). Já a relação entre o sujeito e um terceiro é regida pelo *dever* (na qual o terceiro é um destinador) e pelo *poder* (em que o terceiro se põe como adversário). Essa relação pode ser modificada por um **crer**, entendido como “crer em alguém” (*aderir*).

A lógica dos lugares (posicional), que considera o campo posicional em relação ao seu “centro de referência e da distância em relação ao centro de referência” (FONTANILLE, 2008c, p. 174), define os diferentes modos de existência, que determinam os “graus de presença”. São eles:

(1) o modo virtualizado, que caracteriza o *querer* e o *dever*, (2) o modo potencializado, que caracteriza os dois tipos de *crer*, (3) o modo atualizado, que caracteriza o *saber* e o *poder* e, por fim, (4) o modo realizado, o último da lista que não é, na verdade, o modo das modalidades em sentido restrito, já que, sob seu domínio, surgem os enunciados do *fazer* e do *ser*, que não comportam nenhuma distância modal.

Com base na categorização das propriedades relacionadas das modalidades, Fontanille estabelece uma tipologia, representada pelo quadro 9:

Quadro 9 – Tipologia das modalidades

	Modo virtualizado	Modo potencializado	Modo atualizado
	Motivações	Crenças	Aptidões
<i>Sujeito/Objeto</i>	<i>QUERER</i>	<i>CRER</i>	<i>SABER</i>
<i>Sujeito/Terceiro</i>	<i>DEVER</i>	<i>ADERIR</i>	<i>PODER</i>

Fonte: Fontanille (2008c, p. 176)

Segundo essa tipologia, os predicados verbais constituem uma “dimensão autônoma” em relação aos predicados narrativos que modificam. Como condições pressupostas, as modalidades “independem da realização do processo”, de modo que seu conjunto pode ser reconstruído a partir dos processos, sejam eles “expressos ou não”. Enquanto modos de existência dos processos, as modalidades detêm o controle da enunciação, determinando a sua **orientação discursiva** (FONTANILLE, 2008c, p. 176).

Na análise do nosso *cópus*, associamos as instâncias do corpo actante aos três actantes posicionais, a fim de compreender as relações modais estabelecidas entre actante-médium (*Soi'*) e actante-espírito (*Soi''*) no controle do “corpo mediúnico” (*Moi*) – e, por consequência, no fazer-mediúnico (fazer-criar pelo “escrever”):

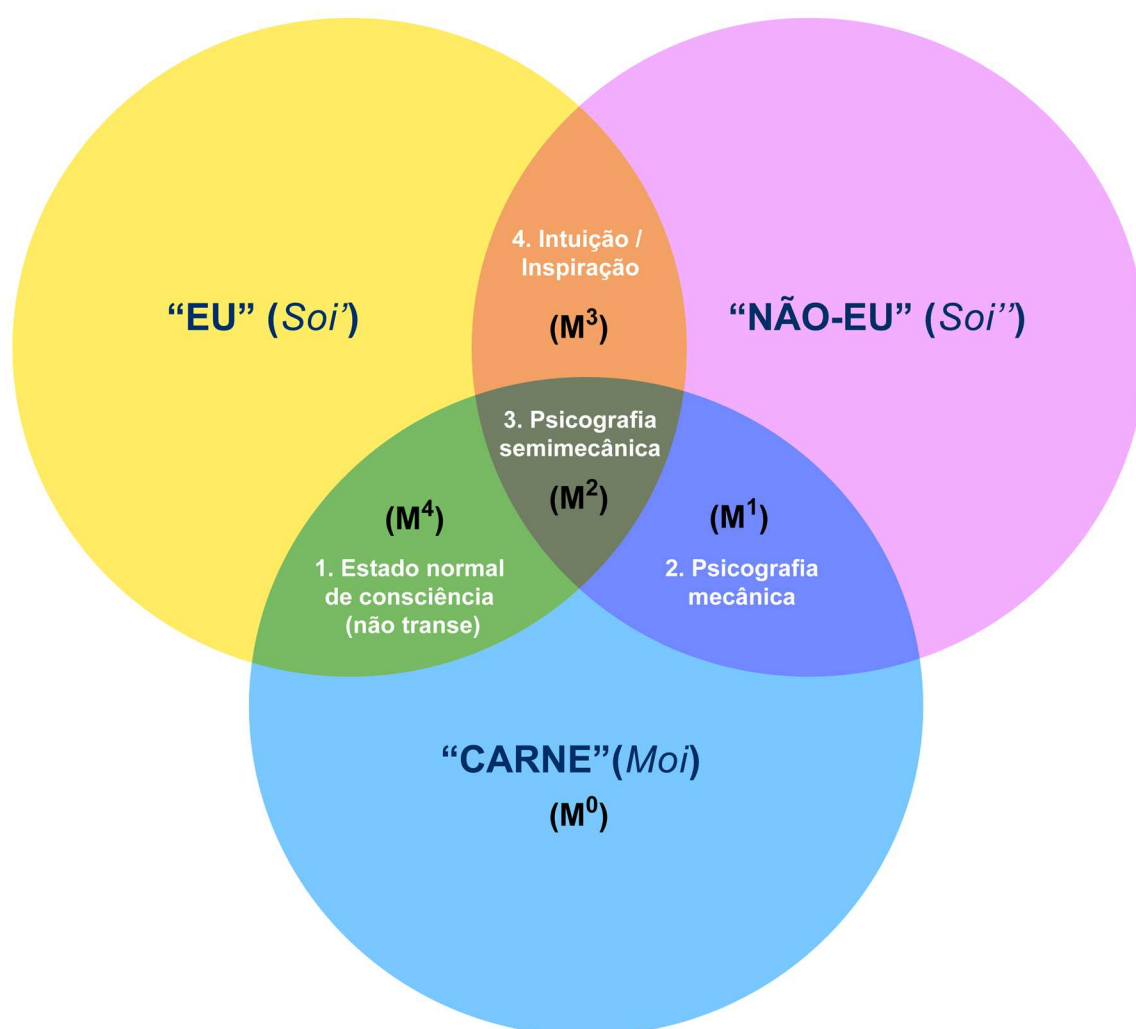
- **Actante de controle** – *Soi'* ou “*Eu*” (“actante-médium”): a instância mediadora, reguladora, que realiza a triagem entre o pertinente e o não pertinente; pode agir como obstáculo (impondo interferências);
- **Actante fonte** – *Soi''* ou “*Não-Eu*” (“actante-espírito”): fonte de um saber e de um querer comunicar (pela escrita), cujo alvo é a **carne** – o corpo do actante em sua dimensão sensório-motora;
- **Actante Alvo** – *Moi* (*carne*): enquanto campo sensório-motor, o corpo é alvo da ação de controle e regulação. A intensidade da reação é possível de ser determinada por sua extensão, que no caso do corpo “mediúnico” torna-se perceptível pelo andamento de escrita e pela sensibilidade motora (maior/menor intensidade sobre o sistema corporal).

A perspectiva da lógica posicional nos permitiu observar que a relação “médium-espírito”, em nível actancial, tem como principal motivação o *dever*. Observando a sua instalação como primeiro e terceiro actantes, no qual um é o destinador (actante fonte / “ator-espírito”) e o outro é o destinatário (actante controle / “ator-médium”), pudemos entender melhor como as modalidades – atribuídas por “delegação” – determinam o maior ou menor domínio do “corpo” (actante alvo)

mediúnico para o cumprimento de um fazer-creer (pelo “escrever”, ou seja, “enunciar”, em nível discursivo).

Após a associação das instâncias do corpo actante aos três actantes posicionais, estabelecemos as suas relações com os tipos de psicografia – de acordo com a tipologia kardequiana dos “modos de execução” da escrita mediúnica – e, por fim, as modalidades que definem a “identidade modal” do actante em cada caso. Essas articulações podem ser sintetizadas pelo seguinte diagrama:

Figura 8: Actantes posicionais, modalizações e tipos de psicografia



No diagrama, M¹, M², M³ e M⁴ referem-se às combinações que definem a “identidade modal” do actante-médium. M⁰ refere-se à instância corporal, como “actante não modalizado”, uma vez que apenas reage às tensões sensíveis e afetivas

que perpassam seu campo de presença, realizando-se imediatamente no acontecimento, enquanto corpo que toma posição.

Tais modalizações são resultantes da “desmodalização gradativa” pela qual passa o actante em cada um dos tipos de psicografia (associadas, conforme a figura 7, aos graus de consciência do transe mediúnico, que vão do mais superficial ao mais profundo). Assim, temos:

1. **Estado “normal” de consciência (não transe):** O actante-médium (*Soi'*) é definido por **quatro modalidades (M⁴): querer, dever, saber, poder**, isto é, dispõe de todas as modalidades necessárias à constituição de sua identidade.
2. **Psicografia mecânica:** O actante-médium (*Soi'*) é um sujeito **unimodalizado (M¹)**, que cede o seu *poder*, como um “autômato”, para o actante-espírito. Ele não **quer**, não **deve**, nem **sabe**, apenas executa (modalizado pelo **poder**), involuntariamente, sob “comando” do actante-espírito (destinador), este, sim, modalizado por um **querer, dever e saber**. Ex.:

M9: [...] imagina um **download... você só tá executando aquilo** que já foi... pra mim... a **sensação que** eu tenho é que **essa mensagem já até preexiste....** é óbvio que eu sei que algumas coisas... elas são realizadas na hora... mas... éh:::.... **não há um processo... construtivo intelectual...**

3. **Psicografia semimecânica:** ação mútua sobre a instância do corpo (*Moi*) e do “psiquismo” (*Soi'-Soi'*). Nesse tipo de psicografia, o actante-médium é **bimodalizado (M²)**, oscilando continuamente entre um **poder + dever** e um **poder + querer**. O **poder + dever** é atualizado no discurso como o “impulso involuntário” do braço ou da mão do médium, que determina o seu fazer (escrita), entendido como a determinação do destinador; o **poder + querer**, por sua vez, é atualizado quando o grau de transe tende ao tipo mais “intuitivo”. Ex.:

M1: [...] sinto o **braço meio anestesiado** com a **impulsão involuntária** e **ao mesmo tempo** em que a gente **ouve esse pensamento** do espírito... o braço... né... já coloca essas ideias no papel...

4. **Psicografia intuitiva / inspirada:** mútua interação sobre o “psiquismo” (*Soi’-Soi’*). O actante-médium é **trimodalizado (M³)**, sendo definido pelo **saber + querer + dever**. Essa combinação de modalidades realiza-se no discurso pela capacidade de o médium intuitivo ou inspirado “interferir no conteúdo” do texto atribuído aos espíritos, ou, ainda, de controlar a prática psicográfica (interromper ou modificar a escrita). Ex.:

M7 [07:02]: eu sou **consciente**... porque se eu fosse inconsciente... se o espírito estivesse naquele desespero... eu passaria para o papel... e não é bom... [...] eles chegam e **me passam um bloco do que eles querem falar... a redação é minha**...

Vale ressaltar que a completa desmodalização do actante médium jamais acontece, uma vez que deve ser modalizado ao menos pelo **poder**, que implica a capacidade de desenvolver o fazer previsto (escrita). O modo totalmente desmodalizado, como já dito, corresponde à instância corporal (*Moi*), o operador.

Nos relatos de experiência, a maioria dos médiuns classifica a própria psicografia como “semimecânica”. Contudo, esclarecem que a classificação não é estanque, uma vez que eles podem apresentar outros tipos de psicografia, a depender das oscilações entre os graus de transe e a “sintonia” que estabeleceriam com cada “espírito comunicante”. Os limites tênues que separam essa classificação podem ser observados nos trechos a seguir, em que os números (2), (3) e (4) indicam os tipos “mecânico”, “semimecânico” e “intuitivo/inspirado”, respectivamente:

M1 [12:32]: [...] sinto o **braço** meio **anestesiado** com a (3) **impulsão involuntária** e **ao mesmo tempo** em que a gente **ouve esse pensamento** do espírito... o braço... né... já coloca essas ideias no papel... então isso Kardec chamou de mediunidade **semimecânica**... **algumas vezes eu (4) não sinto impulso no braço... só ouço o pensamento do espírito e escrevo pela minha própria vontade**... aí prepondera assim o mecanismo da **intuição**... da mediunidade... psicografia intuitiva... mas em ambos o que acontece é isso... uma **profunda concentração**... antes disso... geralmente... quando a gente sente a aproximação do espírito... já tranquiliza bastante... porque eu não preciso pensar... normalmente **a gente para de pensar**... e as **ideias vêm naturalmente**... e aí vem... por exemplo... um caso que você não sabe como é que vai ter o desfecho... mas você deixa as ideias fluírem e termina com uma certa lógica... com uma certa... éh:::... assim... sentido no que foi escrito

M1 [10:05]: eu sinto que... com o tempo que foi acontecendo o desenvolvimento da psicografia... com o tempo... **foi me exigindo muito (3) menos o esforço mental**... então:::... por isso que eu falei que não tem... assim... aQUEla agitação mental... uma certa tranquilidade... porque... porque hoje existe uma mínima parcela de esforço mental durante o processo [13:14] [...] através de vários estudos que nós já fizemos... e continuamos fazendo a respeito da psicografia... chegamos à conclusão que a nossa psicografia é... (4) **(3) semimecânica**... com **misto** de **(4) intuitiva**... então... em muitas ocasiões... existe a **mistura** entre intuitiva e semimecânica de maneira concomitante

M3 [1:09:59]: eu não fico inconsciente... eu não fico... éh:::... é uma psicografia **(4) consciente**... tanto que muitas vezes... éh:::... eu estranho... por exemplo... **eu estranho** quando eu recebo uma poesia... porque a poesia ela vem... éh:::... **três minutos vem uma poesia imensa**... e quando eu vou fazer uma poesia... às vezes é duas horas pra mim escrever uma poesia... quando não é um dia inteiro isso... pra tentar elaborar ideia... pensar... criar imagem...

M4 [41:45]: [...] ah... muitas vezes... as mensagens saem com a **(3) minha mão** sendo **impulsionada**... eu só **tomo conhecimento depois que a palavra tá escrita**... outras vezes... eu **(4) copio** de algum lugar em que **eu vejo que tá escrito**... outras vezes me **ditam palavra por palavra**... naturalmente eu diria... me ditam... não... me berram no ouvido... porque eu sou surdo... então devem gritar no meu ouvido o que eu preciso escrever... e muitas vezes eu tenho **(4) intuições**... então... eu acho que a psicografia é um negócio muito complexo

M5 [62:21]: **às vezes... sim... às vezes... não** [sobre ter consciência do que escreve]... depende do espírito que vem... eu acho que aí seria assim... uns... **(3) 60 (%) inconsciente** e uns 40 (%) mais ou menos... **meio em transe**... porque **totalmente consciente a gente não fica**

M6 [33:07]: [...] eu sou **semimecânica**... então eu sinto um **(3) leve movimento no meu braço... na minha mão**... em busca do lápis... e eu psicografo de **olhos fechados**... acostumei... eu psicografo de olhos fechados

M7 [07:02]: eu sou **(4) consciente**... porque se eu fosse inconsciente... se o espírito estivesse naquele desespero... eu passaria para o papel... e não é bom... [...] eles chegam e me passam um bloco do que

eles querem falar... **a redação é minha**... então... quando eles tão desesperados... eles falam que as nossas lágrimas tão rolando juntas

M8 [36:53]: [...] cê **sente** um negócio que eu não sei te explicar... cê pega o papel... põe aqui... espera um pouquinho... começa a vir... é **muito simples**... não tem nada de diferente... [...] às vezes... eu **sinto a emoção** do espírito... às vezes... eu **sinto** que não é ele... que é o mentor dele que tá falando por ele... porque ele não tem condição nenhuma... porque tá num choro lascado... então... não é ele que está psicografando... às vezes... eu **(4) vejo que o que está sendo escrito** ali... naquela hora... **não é o que o espírito tá realmente sentindo**... porque ele tá num sofrimento grande... mas ele tem que confortar aquela família... entendeu? [41:13] as **(4) palavras são minhas**... o **conteúdo é do espírito**... o que ele quer deixar é do espírito

M9 [42:15]: [...] eu simplesmente pego um papel... ponho na minha frente... eu não tenho a mínima ideia de quem... de como... e aí coisa vem... assim... é um... imagina um **(2) download**... **você só tá executando** aquilo que já foi... pra mim... a sensação que eu tenho é que essa **mensagem** já até **preexiste**... é óbvio que eu sei que algumas coisas... elas são realizadas na hora... mas... éh::... **(3)(2) não há um processo**... **construtivo intelectual**... né? aliás... se tivesse um processo construtivo intelectual eu não conseguia nem fazer... porque até cê elaborar as frases... então aquilo para mim existe... eu olho pro papel... **tá ali de alguma maneira**... né? está comigo de alguma maneira... **(3) mas eu não sinto** uma... uma alteração significativa... como exemplo... **um torpor no braço**... um mal-estar... não... né? **não tem esse sinal**... [...] [classifico] como **semimecânica**

M10 [15:25]: [...] eu procuro **deixar... as ideias irem pro papel**... né? eu não interfiro hora nenhuma... procuro manter uma neutralidade... **(4)** só aquilo que tá na ali na minha mente que eu vou prestando atenção pra escrever... assim... especificamente... é assim... [18:51] **semiconsciente**... porque... **(3) às vezes... eu sei e... às vezes... não sei o que eu tô escrevendo**

Nos trechos destacados, podemos observar que os tipos mais comuns de psicografia são a “**semimecânica**” e a “**intuitiva/inspirada**”. Decidimos não separar estas últimas devido à diferença sutil entre elas, difícil de ser identificada inclusive pelos médiuns, por ser, de acordo com o conhecimento compartilhado no sistema

axiológico do espiritismo, a mais “comum” mesmo entre aqueles indivíduos que não se reconhecem como médiuns⁶⁴.

É interessante notar que esses dois tipos de psicografia podem ocorrer no mesmo indivíduo, tratando-se, ao que parece, de oscilações relacionadas ao “grau” do transe. As duas faixas de oscilação observadas nos relatos são dos tipos “semimecânico/ intuitivo” (tendência ao grau de transe mais superficial) e “semimecânico/ mecânico” (tendência ao grau de transe mais aprofundado).

Os excertos destacados nos permitem estimar uma frequência para cada “tipo de psicografia”, com base em uma amostragem de 10 informantes:

- 1) **Semimecânico-intuitivo** (40%): informantes M1, M2, M4; M10.
- 2) **Intuitivo-inspirado** (30%): informantes M3; M7; M8.
- 3) **Semimecânico** (20%): informantes M5; M6.
- 4) **Semimecânico-Mecânico** (10%): informante M9.

Considerando, no *cópus* analisado, as **modalizações** associadas à cada tipo de psicografia, bem como a sua incidência, podemos afirmar que o **actante-médium** tem a sua “**identidade modal**” constituída, predominantemente, de tipos **bimodalizados** (M^2 = poder + dever ou poder + querer) e **trimodalizados** (M^3 = saber + querer + dever), relacionados à psicografia **semimecânica** e à **intuitiva**, respectivamente. Para compreender as implicações dessa configuração modal sobre o nível discursivo é preciso estabelecer uma correspondência entre a “desmodalização” (nível actancial) e a “dissociação” (nível discursivo).

A estrutura actancial posicional e perceptiva se reflete, em nível discursivo, no estabelecimento de uma hierarquia de **instâncias enunciantes**, em que cada um de seus níveis constitutivos pode ser descrito a partir de diferentes modalidades. No corpo (*Moi*), em si, a modalização se estabelecerá no grau zero. O sujeito (*Soi*) corresponderá à modalização num grau máximo. A cena actancial se constitui, assim,

⁶⁴ “Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por **efeitos patentes**, de **certa intensidade**, o que então depende de uma **organização mais ou menos sensitiva**. É de notar-se, além disso, que essa faculdade não se revela, da mesma maneira, em todos” (KARDEC, 2013d, p. 171, grifo nosso).

de dois níveis de enunciação, podendo ser delineada partir da existência de dois atores: ator-médium e ator-espírito.

O “espírito”, como actante (*Soi'*) da não-enunciação, depende da “delegação modal” por parte do actante-médium (*Soi'*) para fazer a debreagem, visando à responsabilidade do enunciado. A cena mediúnica implicaria, então, uma “desmodalização” do “corpo enunciativo”. Para assegurar a sua capacidade de dissociação, o ator-médium deve se transformar em actante, pois, ao desmodalizar-se, perde o controle do operador, o corpo (*Moi*).

Resultando em “capacidades graduais” de enunciação, os diferentes graus de transe parecem constituir, pelos efeitos de sentido que gera (“verdade”, “realidade”, “autenticidade”) e por sua carga persuasiva, uma eficiente maneira de se transmitir o enunciado mediúnico. A adesão ao contrato fiduciário, por parte do enunciatário está diretamente ligada à capacidade maior ou menor de dissociação apresentada pelo “médium” – competência valorizada, no âmbito do espiritismo –, uma vez que essa capacidade concorreria para a “diminuição” da “filtragem” do “discurso do espírito”.

Em um esforço de síntese para uma questão que nos demandaria muitas outras incursões, podemos dizer que o actante, enquanto “corpo em ato”, cujas percepção e sensório-motricidade se ajustam progressivamente no processo de tomada de posição, sofre as determinações de diferentes modalidades (derivadas dos esquemas dinâmicos, na instância corporal). Essas, por sua vez, resultam na sua singularização (“identidade actancial”), bem como na mudança de ponto de vista, por contínuas focalizações. O “**corpo mediúnico**” deve, então, **regular a intensidade e extensidade dos processos**, pelo **equilíbrio entre fonte, controle e alvo**, na **transferência contínua de modalidades**. Tem-se, por fim, o processo de “delegação modal”, origem do efeito “dissociativo” no discurso e artifício de patentes implicações contratuais. Pretendemos, assim, ter delineado o estatuto semiótico do “corpo mediúnico”.

Partiremos, então, para o nosso último capítulo, “Transmissão e memória”, no qual nos dedicaremos a compreender o modo como se dá a construção e a transmissão da memória da prática psicográfica, pela dinâmica da práxis enunciativa.

3.3. Corpo e transmissão: memória corporal e memória da prática

Como pudemos observar, o corpo do médium constitui-se enquanto centro perceptivo da prática psicográfica, por meio da qual constrói progressivamente a “**memória**” **mediúnica**. Essa memória pode ser compreendida como um **repositório axiológico e figurativo**, que determina os valores e figuras a serem transmitidos pela prática, ao mesmo tempo em que é determinado por aqueles que circulam no horizonte discursivo do espiritismo.

Tal dialética tem como base dois processos organizadores: a **práxis enunciativa**, como sistema complexo, englobante, que estabelece a direção da prática, seus valores axiológicos e figurativos, bem como seus enunciados possíveis e esperados; e a **transmissão**, enquanto sintagmática que visa à permanência da prática – em conjunto com as semióticas-objeto com as quais ela se articula, isto é, que a integram ou que são por ela integrados – no universo cultural.

Incorporada à semiótica por Greimas, no final da década de 1980, a noção de **práxis** semiótica foi posteriormente retomada em *Semiótica das Paixões*, tendo sido desenvolvida por Denis Bertrand (FONTANILLE, 2008c, p. 271).

Para Bertrand (2003, p. 87), a **práxis enunciativa** pode ser compreendida como a dinâmica que regula a sedimentação e a inovação das estruturas significantes, vinculando a enunciação individual à enunciação coletiva, de modo a constituir uma “**memória cultural**”.

Relacionada ao “impessoal” da enunciação, a práxis enunciativa resulta em “produtos do uso” que determinam, por sua vez, a enunciação individual:

[...] a enunciação individual não pode ser vista como independente do imenso corpo das enunciações coletivas que a precederam e que a tornam possível. A sedimentação das estruturas significantes, resultante da história, determina todo ato de linguagem. Há **sentido “já-dado”**, depositado na **memória cultural**, arquivado na **língua** e nas **significações lexicais**, fixado nos **esquemas discursivos**, controlado pelas **codificações dos gêneros** e das **formas de expressão** que o enunciador, no momento do exercício individual da fala, **convoca, atualiza, reitera, repete** ou, ao contrário, revoga, recusa, renova e transforma (BERTRAND, 2003, p. 88, grifo nosso).

Ao mobilizar a convocação dos produtos do uso, nos enunciados, a práxis semiótica os atualiza no discurso, de modo que possam ser revogados e transformados, na enunciação, resultando em novas “relações semânticas e

significações inéditas”. Adotados pela práxis coletiva, os produtos do uso podem se sedimentar, tornando-se “convocáveis”, até que novamente terminam por se desgastar e ser revogados (BERTRAND, 2003, p. 88).

Os produtos do uso podem ser entendidos como **imposições** estabelecidas pelas “categorias **morfossintáticas**”, as **coerções socioculturais**, determinadas “pelo hábito, pelas ritualizações, pelos esquemas, pelos gêneros e mesmo pela fraseologia”, os quais restringem os sentidos previstos. Trata-se, sobretudo, de um **repertório** que determina “compatibilidades” e “incompatibilidades semânticas” (BERTRAND, 2003, p. 86).

Em busca de uma definição um pouco mais restrita, Voguel (1995, p. 69) compreende a práxis enunciativa como “o jogo das diferentes condições de existência do sentido”. Sugere que definir o conceito de modo “genérico”, como “aquilo que reconfigura o uso” não favorece uma modelização consistente, pois leva à sua “confusão com a totalidade aberta e indiferenciada das atividades pelas quais a língua se põe em circulação”.

Voguel (1995, p. 69) propõe, assim, definir a práxis enunciativa como o conjunto de competências requeridas para a construção de um texto – enquanto semiótica-objeto, qualquer que seja –, destinado a se transformar em uma totalidade de significação. Sob essa perspectiva, é possível considerar a práxis enunciativa em sua relação com as práticas semióticas e suas representações semânticas.

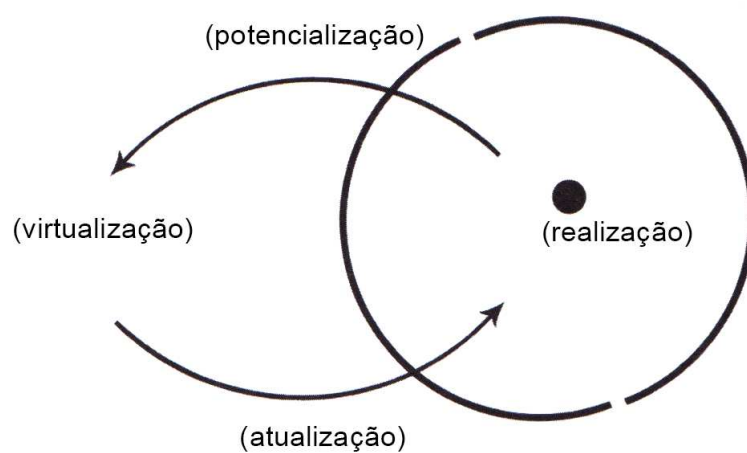
Para Fontanille (2008c, p. 271), a práxis enunciativa está envolvida no “aparecimento e desaparecimento dos enunciados e das formas semióticas no campo do discurso” ou, ainda, no acontecimento, compreendido como o “encontro entre o enunciado e a instância que a assume”. Fontanille (2008c, p. 271-272) explica que

A práxis enunciativa administra essa presença de grandezas discursivas no campo do discurso: ela convoca ou invoca no discurso os enunciados que compõem o campo. Ela os assume mais ou menos, ela lhes atribui graus de intensidade e uma certa quantidade. Ela recupera formas esquematizadas pelo uso ou, ainda, estereótipos e estruturas cristalizadas. Ela as reproduz tais como são ou as desvirtua e lhes fornece novas significações. Ela também apresenta outras formas e estruturas, inovando de forma explosiva, assumindo-as como irreduzivelmente singulares ou propondo-as para um uso mais amplamente difundido.

A coexistência de grandezas de estatutos distintos em um mesmo discurso é possibilitada por seus diferentes modos de existência, que convertem a “copresença

em uma espessura discursiva”, projetando “articulações modais sobre o campo do discurso” (FONTANILLE, 2008c, p. 275). O campo do discurso é constituído de horizontes, nos quais os modos de existência e suas operações existenciais – virtualizado, atualizado, potencializado e realizado – se distribuem, configurando-se deste modo (esquema 8):

Esquema 8 – Os modos de existência



Fonte: Fontanille, 2008c, p.275.

De acordo com esse esquema, o ato produtor do discurso origina-se de uma tensão entre os modos **virtual** (fora do campo do discurso) e **realizado** (centro do campo), sendo mediada pelo modo **atualizado** (passagem da fronteira). Há ainda uma outra tensão, que vai do modo **realizado** ao **virtualizado**, passando pelo **potencializado** (passagem contrária) (FONTANILLE, 2008c, p. 276-276).

Em linhas gerais, podemos compreender o devir existencial dos objetos semióticos a partir da dinâmica imposta pelos **atos da práxis**. Os percursos resultantes da tensão entre os modos de existência são o ascendente e o descendente, e suas transformações tensivas de emergência, aparecimento, declínio e desaparecimento das formas significantes resultam ainda em estados concorrentes: revolução, distorção, remanejamento e flutuação.

Os “produtos” da práxis enunciativa e os modos de existência distribuem-se da seguinte maneira (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 175):

1. **Virtualizado:** estruturas e categorias (as formas semionarrativas virtuais, o sistema);
2. **Atualizado:** regimes selecionados (convocação de formas no discurso);
3. **Potencializado:** praxemas (tipos potencializados pelo uso);
4. **Realizado:** ocorrências em discurso.

Ao gerenciar o modo de existência das grandezas e dos enunciados que compõem o discurso, a práxis enunciativa:

[...] os apreende no estágio *virtual* (enquanto entidades pertencentes a um sistema), ela os *atualiza* (enquanto seres de linguagem e de discurso), ela os *realiza* (enquanto expressões), ela os *potencializa* (enquanto produtos do uso) etc. (FONTANILLE, 2008c, p. 273).

Desse modo, ao gerenciar a presença de diferentes grandezas no campo discursivo, a **práxis enunciativa** permite a recuperação ou apresentação de novas formas e estruturas, possibilitando a retomada e a atualização das **práticas culturais/semióticas**. A noção de práxis enunciativa nos auxilia, portanto, a compreender como os valores axiológicos surgem, mantêm-se, são revogados ou transformados no interior das práticas semióticas.

Pela compreensão do funcionamento da práxis enunciativa, podemos, por exemplo, buscar pelo “rastro” das modificações ocorridas no interior da prática psicográfica, de modo a compreender como as mudanças ocorridas na instância dos objetos repercute ainda hoje sobre os valores **transmitidos**.

A passagem da utilização de cestas e pranchetas, na “escrita indireta”, para o corpo do médium, pela “escrita direta”, descrita no capítulo 1, não se deu por fatores imotivados, como vimos, mas por conferir maior “facilidade” à escrita. A maior “objetividade”, “precisão” e “autenticidade” da psicografia indireta por meio de pranchetas e cestas (uma vez que, segundo Kardec, o processo excluiria “toda possibilidade de intromissão das ideias do médium”) foi suplantada pela maior fluidez, velocidade e completude da psicografia direta, mais acessível e reproduzível.

Assim, considerando o funcionamento das práticas semióticas, fica evidente que a modificação na instância dos objetos tratou-se de uma **adaptação estratégica**, um **ajustamento** ocorrido no interior da própria prática, com a finalidade de aumentar a sua **eficiência** e, assim, assegurar a sua continuidade e permanência no universo cultural.

É possível dizer que esse ajustamento estratégico deixou seus traços nas **estruturas actanciais, modais e axiológicas** implicadas no transe mediúnico. A própria **desmodalização** do corpo actancial, discursivamente observável pela **“dissociação”** mediúnica, tende a equiparar o médium a simples “objeto” da prática psicográfica, mediador tanto mais “neuro”, quanto mais seja pronunciado o seu grau da dissociação.

Desse modo, a utilização de objetos de inscrição na prática da psicografia, que constituía um artifício discursivo para a produção do sentido de “objetividade”, manteve-se, sob outra forma, como a capacidade do sujeito-médium de dissociar-se, “objetificando-se”. Os graus aprofundados do transe, por exemplo, geram um efeito de sentido de “automatismo”, como se o médium se tornasse simplesmente um “instrumento”, um destinatário sob as ordens de um “destinador-espírito”.

Constituindo uma espécie de “prótese corporal”, as cestas e pranchetas geravam, discursivamente, um efeito de “atestação” da “influência dos espíritos sobre a matéria”, realçando o caráter veridictório do fazer persuasivo sobre o enunciatário. O abandono de tais métodos pelo uso da mão do médium resultou, assim, em uma enunciação mais ou menos debreada, em que cada grau de transe, pelas diferentes modalizações envolvidas, implica um “fazer-ser” mais ou menos “verdadeiro”. Não é sem razão que as psicografias “mecânica” e “semimecânica” costumam ser vistas, por nossos informantes, como mais precisas, por poderem comportar alterações na caligrafia do médium – valoração esta que ocorre também no sistema doutrinário espírita. Essas alterações são consideradas, pelos sujeitos da prática, como um “traço de autoria”, de “identificação” do suposto “espírito comunicante” e, portanto, um índice de “autenticidade” da comunicação.

Nos excertos abaixo, dois dos médiuns informantes relatam modificações mais ou menos “conscientes” na caligrafia dos textos que psicografam. O primeiro, M9, declara-se médium “semimecânico”; o segundo, M8, diz-se “intuitivo”. Em ambos, a “facilidade” de produzir a caligrafia contribuiria para imprimir “veracidade”, “autenticidade” e “realidade” aos textos:

M9 [49:07]: [...] agora::: há situações muito específicas também que a **assinatura sai igual**... teve uma psicografia de um senhor aqui... que eu achei muito interessante... que::: ele virou pra mim e falou assim “**a letra inteirinha era da mamãe**”... **eu não percebo**::: honestamente... **eu não consigo perceber**::: **pra mim a letra é minha**... eu não vejo que houve **uma alteração mecânica**... [53:04] [...] às vezes no transcorrer do texto::: e na assinatura... **na assinatura você ainda percebe que houve alguma coisa**... porque ele ((o espírito)) para... a mão para e ela faz o::: ((fazendo o gesto de assinar))... **no texto que é estranho... porque cê nem vê::: aconteceu e cê nem viu que a letra**:::.... teve uma vez que um senhor veio aqui pra mim... me mostrou a carta que ele tinha recebido e falou assim “olha que legal... uma letra... outra... uma letra... outra”... ele veio me perguntar “**como é que acontece isso?**”... eu falei assim “eu não tenho a mínima ideia... meu senhor”... pra mim eu tô lendo a minha letra... eu não consigo perceber que houve mudança::: na caligrafia...

M8 [58:41]: [...] **assinam**... **tentam fazer a assinatura que eles tinham na terra**... e **já tive a confirmação da assinatura**... um rapaz levou para mim a carteira de identidade da pessoa que tinha falecido e me mostrou a assinatura::: **eu não posso duvidar de mais nada**::: [...] menina tem hora que você para... eles me mostram... **é como se eu visse a assinatura**... mas eu não vejo... eu vou escrever não é assim:::.... eu **risco e começo de novo**... aí fica aqueles monte de nominho assim:::.... ÓH::: **na tentativa de fazer a assinatura do jeito que era**... entendeu? eu vou sentindo ele falar assim::: “não é assim... não é assim”... **como se ele tivesse pegando na minha mão e fazendo**::: **mas não pega porque eu sou médium intuitiva**... aí eu falo assim “é assim... é assim... assim... não... não é”... e risca... começa de novo::: **tentam de todas as formas assinar o nome deles**... eles vão me mostrando... esse “r” não é assim... esse “r” é assim... ele tem uma orelhinha::: cê põe a orelhinha...

Ao que tudo indica, a modificação ocorrida na instância dos objetos, no período inicial de constituição da prática psicográfica, repercute até a atualidade, sob a forma de configurações modais cujas implicações contratuais são de maior ou menor intensidade, a depender da “desmodalização” do corpo actante “mediúnico”.

A práxis enunciativa nos possibilita entender, assim, como uma adaptação estratégica pode instalar novos valores em um sistema de crenças, resultando na sua reformulação axiológica, de modo que, por um período, as diferentes grandezas coexistam, estabelecendo uma “copresença” passível de converter-se em uma “espessura discursiva” (sendo, portanto, apreensível).

A dinâmica da práxis enunciativa mostra-se essencial também para a compreensão da constituição do corpo-actante “mediúnico”. Em nossas análises,

constatamos que a memória corporal, base da chamada “percepção mediúnica”, é progressivamente construída, em um processo de **“condicionamento perceptivo”**, no qual as impressões sensoriais podem ser convertidas em narrativas (escritas, na psicografia, ou orais, na “psicofonia”). Em um movimento de “mão-dupla”, as axiologias formadas pelo processo perceptivo passam a constituir o universo axiológico espírita (pela circulação de textos-enunciados), ao mesmo tempo que o corpo-mediúnico sofre as coerções dos valores vigentes. É por essa razão que a compreensão da práxis torna-se essencial ao entendimento do funcionamento das práticas semióticas.

Assim, práxis enunciativa torna possível observar a **“dinâmica de regulação”** (convocação, atualização, reiteração, revogação e transformação) **axiológica** do espiritismo, especialmente em relação à prática psicográfica, cuja construção de uma **memória corporal** torna-se apreensível por sua axiologia figurativa. A percepção, tomada em sua “fragmentariedade” tátil, olfativa, auditiva e visual converte-se em uma figuratividade que a torna “tangível”, traduzindo-se em “valências perceptivas” (BERTRAND, 2003, p. 253). Sob essa perspectiva, é possível dizer que a experiência “mediúnica” pode ser tão apreensível quanto qualquer outra – por mais material que se possa afirmar –, uma vez que a percepção é sempre a assunção de uma incompletude.

Outro conceito essencial à compreensão das formas pelas quais as práticas garantem a sua continuidade em uma dada cultura é o de **transmissão**. Comum às áreas da filosofia, da história, da sociologia e da antropologia, é nesta última que a noção de transmissão ocupa lugar privilegiado, apresentando os seus maiores desenvolvimentos. Aplicada ao estudo dos “modos de identificação” e aos “esquemas integradores da prática”, em Philippe Descola; aos “modos de existência” e aos “regimes de enunciação”, em Bruno Latour; à “epidemiologia das representações”, em Dan Sperber; e ao funcionamento do “dom” e da “dívida” (FONTANILLE, 2014), a transmissão teve a sua introdução na semiótica a partir das discussões ocorridas no âmbito do *Séminaire Sémiotique de Paris*, em que foi elegida como tema, no biênio 2014-2016, devido à possibilidade de se traduzir em uma “semioantropologia da transmissão”.

Fontanille (2014) descreve a semioantropologia da transmissão como “a definição de um plano de imanência semiótica em complemento às proposições da

antropologia contemporânea⁶⁵". A adoção do conceito de transmissão pela semiótica envolve, portanto, a exigência de uma semiotização, sem a qual a noção permaneceria pouco operacional. A busca por essa operacionalização encontra-se ainda em curso, mas parece nos indicar caminhos produtivos, sob o ponto de vista do estudo das práticas semióticas. Em "La sémiotique face aux grands défis sociétaux du XXI e siècle", Fontanille (2015, tradução nossa) afirma que "a compreensão dos regimes temporais e dos **modos sintagmáticos da transmissão** está longe de ser atingida e a contribuição da semiótica sobre esse ponto é necessária"⁶⁶.

Em "La question de la transmission: Histoire, anthropologie, éducation", texto de proposição do ciclo de discussões 2015-2016 do Séminaire de Sémiotique de Paris, Bertrand, Bordron, Darrault-Harris e Fontanille explicam que

[...] a transmissão envolve a **passagem transgeracional** e transforma ao mesmo tempo a **representação semântica** da categoria: os mortos são chamados a viver nos vivos e estes, futuros mortos, antecipam sua sobrevivência. Esta **interpenetração** entre os dois estados, com os seus **modos de presença variados** constitui, ao que parece, um dos **traços distintivos da transmissão**. Suas implicações merecem maior exploração e aprofundamento. Finalmente, de modo mais geral, se o verdadeiro lugar e sujeito da transmissão é a história, que coloca necessariamente em jogo e em cena vivos e mortos, põe-se a questão crucial da **continuidade** e da **mudança** – dois aspectos da transmissão – e, também, da racionalidade da história, que deve transmitir ainda o não-racional⁶⁷ (BERTRAND et al, 2015).

A transmissão está implicada, assim, na estabilização dos "modos de existência" ao longo do tempo (FONTANILLE, 2015). Enquanto **sintagmática** que visa

65 "La sémio-anthropologie de la transmission consiste donc en cela : la définition d'un plan d'immanence sémiotique en complément des propositions de l'anthropologie contemporaine". É importante ressaltar que os "modos de existência" a que Fontanille se refere, em relação à transmissão, são concebidos como define Bruno Latour (2012), em sua obra *Enquête sur les modes d'existence*.

66 "La compréhension des régimes temporels et des modes syntagmatiques de la transmission est loin d'être acquise, et la contribution de la sémiotique sur ce point est nécessaire".

67 "Car la transmission implique le passage transgénérationnel et transforme du même coup la représentation sémantique de la catégorie : les morts sont appelés à vivre dans les vivants et ceux-ci, futurs morts, anticipent leur survivance. Cette interpénétration entre les deux états, avec leurs modes de présence variés, constitue, semble-t-il, un des traits définatoires de la transmission. Ses implications méritent un surcroît d'exploration et d'approfondissement. Enfin, de manière plus générale, si le véritable lieu, et sujet, de la transmission est bien l'histoire, qui met nécessairement en jeu et en scène vivants et morts, se pose la question lancinante de la continuité et du changement – deux aspects de la transmission – et celle, aussi, de la rationalité de l'histoire, qui se doit de transmettre aussi le non rationnel".

garantir a sua permanência no universo cultural, a **transmissão da prática** engloba não somente a prática, mas todos os seus níveis de pertinência: signos-figuras; textos-enunciados; objetos, estratégias e formas de vida:

Todos os tipos de semióticas-objetos são envolvidos pela transmissão: desde os **signos-símbolos** até as **formas de vida**, passando pelos **textos**, pelos **objetos** e pelas **práticas**. A contribuição específica da semiótica, em relação problema compartilhado da transmissão, poderia, por consequência, envolver: as transformações sofridas por diferentes tipos de semióticas-objetos para tornarem-se transmissíveis, ou para constituírem-se como vetores de transmissão, paradigmas axiológicos e esquemas sintagmáticos específicos da transmissão, e, de modo mais geral, as semioses próprias à transmissão, desde que esta seja susceptível de ser tratada como uma semiótica-objeto completa, com seu plano de conteúdo e seu plano de expressão (FONTANILLE, 2014).⁶⁸

Os relatos do corpú nos permitiram observar que, no espiritismo, a transmissão é garantida principalmente pelo estabelecimento de uma “cultura do livro”, uma “cultura editorial” que assegura que a axiologia espírita permaneça em circulação, alimentando as práticas doutrinárias e mediúnicas – das quais a psicografia faz parte.

A reconvocação contínua de valores do universo axiológico espírita, feita ao longo dos relatos pelos informantes, especialmente em relação à definição de suas próprias práticas, pela **citação de obras, autores e casos exemplares** – com destaque para os que envolvem o médium Chico Xavier, considerado, no âmbito doutrinário, uma espécie de “médium-modelo”, além de um “continuador” da obra kardequiana – parece indicar a constituição de uma **“tradição bibliográfica”**, como forma sintagmática de transmissão, na esfera da cultura:

M1 [15:51]: então::: a filtragem é um componente anímico... posso te dar um **exemplo** disso... né... assim... nas obras... se for

⁶⁸ “Tous les types de sémiotiques-objets sont concernés par la transmission : depuis les signes-symboles jusqu’aux formes de vie, en passant par les textes, les objets, et les pratiques. L’apport spécifique de la sémiotique, concernant la problématique partagée de la transmission, pourrait par conséquent intéresser : les transformations supportées par les différents types de sémiotiques-objets pour les rendre transmissibles, ou en faire des vecteurs de transmission, les paradigmes axiologiques et les schèmes syntagmatiques spécifiques de la transmission, et plus généralement les semioses propres à la transmission, pour autant qu’elle soit susceptible d’être traitée comme une sémiotique-objet à part entière, avec son plan du contenu et son plan de l’expression”.

interessante::: mas **o próprio André Luiz⁶⁹ escreveu** de um médico que queria mandar uma mensagem::: foi::: dirigiu o centro muito tempo e... desencarnou... pessoal sempre esperando uma mensagem e a médium que ia receber era uma pessoa muito simples do ponto de vista cultural... nessa vida... e em outras vidas não tinha conhecimento de medicina::: então o teor::: a essência da mensagem foi fantástica... só que::: ele pensava em falta de ar e ela escrevia falta de ar porque não tinha no conhecimento dela a dispneia... os termos técnicos da medicina... né... então quando terminou... o pessoal não acreditou::: **tá lá no livro... o André Luiz falou::: “ah... isso aí não é ele nunca... é muito simples”**... mas era ele... a ideia era dele... tudo direitinho... só que ela não conseguiu filtrar os termos técnicos da medicina... porque ela não tinha tido experiências nesse sentido... no passado recente ou tardio dela... então a filtragem existe na minha opinião... sim:::

[...] [23:00] ((sobre os tipos de textos psicografados)) olha... o que vem?::: vêm mensagens doutrinárias com um tema específico... sobre perdão... paciência... tolerância::: vêm contos ou **relatos de experiência**... de **espíritos que**... por exemplo... **já viveram com o Chico** e contam a história da passagem deles com o **Chico** enquanto estavam aqui na terra::: então... **são mensagens ou dissertativas ou narrativas::: e... algumas vezes... descritivas mesmo::: assim... agora... livro em si eu nunca recebi... e nem romance** sequencial:::

M2 [19:20]: olha... nós aprendemos **com o próprio Allan Kardec**... com o próprio **Chico** também... éh::: que toda entrega mediúnica... ela tem que ser precedida por oração... né?::: preparo... então... temos que fazer... habitualmente... seja só... ou seja na casa espírita::: a gente faz uma leitura... uma página do *Evangelho*... faz a oração... procura ter uma boa concentração... para facilitar a sintonia com os espíritos::: então é extremamente importante a questão da oração e da concentração::: durante desse processo... quer dizer... antes desse processo... [34:44] [...] ((escrever em dupla)) foi uma experiência muito boa... porque nós percebíamos... em várias ocasiões... que os assuntos que psicografávamos... eles batiam... acasalavam::: as ideias acasalavam... chegava até um complementar o outro... então... foi muito interessante essa experiência::: é a mesma coisa... né... **a gente lembra muito do Chico... que é a maior referência pra nós::: na área da mediunidade**... aconteceu com o **Chico e Waldo Vieira** também... esse fenômeno::: não sei se você tem conhecimento... **aquele fenômeno que aconteceu com eles::: o Chico morava em Pedro Leopoldo e o Waldo aqui em Uberaba::: Pedro Leopoldo e Uberaba dá em torno aí de 500... 500 e poucos quilômetros ou mais... né?::: de distância::: e::: enquanto o Chico recebia... por exemplo::: não sei se a ordem é exatamente essa::: mas enquanto o Chico recebia... por exemplo... os capítulos pares do livro... o Waldo Vieira**

69 André Luiz é o nome de um dos “autores espirituais” aos quais Chico Xavier atribuiu 28 dos 497 títulos que compõem a sua obra psicográfica (GEEM, 2016). Entre os livros mais vendidos está a série *Nosso Lar* (ou *A vida no plano espiritual*), composta de treze títulos e editada pela FEB – Federação Espírita Brasileira, que se enquadra no que se convencionou chamar, no âmbito doutrinário, de “espiritismo científico”.

recebia os ímpares:: ele juntou... virou um livro só... então é interessante:: nós tivemos a experiência de psicografar em dupla e ver esse acasalamento das ideias...

M3 [1:23:14]: eu sinto ((dúvida))... mas não sinto... porque... às vezes... eu acho assim:: nossa... **a gente precisa LER MAIS Emmanuel⁷⁰ e André Luiz** e:: então fica parecendo que não tem sentido... só que no dia a dia como leitor... eu adoro todas as novidades da literatura espírita... então essa ideia que eu tenho acaba caindo por terra... eu acho que mesmo tendo que estudar Emmanuel e André Luiz até o fim da vida... tudo o que é novo ele agrega novos valores e:: [...] eu digo assim:: **a psicografia do tio Chico é:: insuperável... né?::** então... às vezes... o medo de a gente perder esse norte eu tenho... mas... não sinto que acontece... [01:48] [...] eu acho que tem que ter uma disponibilidade... no meu caso... não acho que é todos:: uma disponibilidade mental... por exemplo... eu sempre psicografei... comecei com dezessete anos a psicografar... e a psicografia era muito fortuita... em casas espíritas... um processo muito veloz e um processo que dominava o fluxo mental... as ideias... as produções... quando eu fui disciplinar... já mais adulto... com **orientação do Chico... ele pediu que eu estudasse um pouco de literatura**... que eu estudei com o professor Fausto de Vito... porque o **Chico dizia que se o médium não tem um arcabouço**... esse fluxo mental vai sempre tender a uma espontaneidade... uma desorganização... e que **ele teria que facilitar em termos de ter cultura literária... para que os espíritos pudessem manipular isso**... só que no processo da psicografia... o fluxo criativo é automático... é veloz... e quando se está psicografando... a gente:: eu... no meu caso... diminui a capacidade intelectual de produzir texto... de produzir poesia... de produzir com meu estilo... com meu jeito de dizer... com meu jeito de pensar... então eu sinto muito o espírito porque é totalmente diferente... eu morro de inveja deles... a mensagem vem com uma facilidade de raciocínio... de lucidez... de simplicidade... eu tenho uma linguagem barroca... rebuscada... difícil... e os espíritos são simples... cultos... mas simples...

M4 [35:06]: [...] às vezes... por exemplo... numa conversa... eu já sei o que a pessoa vai falar... mas isso não é bem mediunidade... isso seria no meu critério... animismo... quer dizer... é uma possibilidade que você tem de varrer a mente... o ambiente mental que circunda você... **o Chico... por exemplo... era assim::** se você nunca tivesse visto ele... ele te chamava pelo nome... **há até uma passagem muito interessante** que aconteceu com **David Nasser⁷¹**... não sei se você sabe dessa história:: David Nasser veio incógnito em Uberaba tentar fazer uma entrevista com o **Chico**... que tava muito difícil:: e ele veio

70 Emmanuel é referido como o “guia espiritual” de Chico Xavier, a quem o médium atribuiu 142 (GEEM, 2016) de suas obras psicografadas, as quais se dividem entre mensagens doutrinárias e romances, principalmente.

71 Referência ao jornalista David Nasser, repórter da revista *O Cruzeiro*.

junto com o piloto de avião da revista cruzeiro... e daí... o David Nasser viu o piloto falando inglês... e o piloto servindo de tradutor para o David Nasser... e o Chico observando aquilo... né?... aí... o Chico deu a entrevista e tal... conversou com David Nasser falando inglês... o piloto traduzindo e o **Chico** entendendo e falando... etc... no final da entrevista o Chico quis presentear o David e o piloto com o livro... e aí ele fez um pequeno autógrafo... no livro... uma dedicatória... entregou três livros pra um... três livros pro outro... e eles foram embora... aí o David Nasser relata que ele chegou no hotel... tomou banho... sentou-se na máquina pra escrever a entrevista e aí deu curiosidade de ele abrir o livro... aí ele abriu o livro e estava escrito “ao meu querido amigo David Nasser”, entendeu?:: e fez a dedicatória... então... **o Chico tinha uma intuição fantástica... nem de longe eu pretendo atingir... em duzentos anos... isso::** mas... tá me surgindo... realmente... momentos em que eu fico... assim... encabulado... uma outra coisa que de vez em quando me acontece na hora do transe mediúnico... é eu ver a cena e... ao mesmo tempo que eu vejo... há uma descrição... e também eu sinto muito a presença de espíritos:: ao meu redor... mas... só isso... não tem mais nenhuma outra::

[1:30:40]: [...] eu:: eu acho:: ((sobre a escrita em dupla)) que eu tenho notícia::... só o Chico fazia isso... o Chico:: não sei se você tem conhecimento... alguns **livros no início da vida mediúnica dele** foram escritos em parceria com o **Waldo Vieira**... as páginas pares ele recebia em Pedro Leopoldo e as páginas ímpares o Waldo Vieira recebia em Uberaba::... não... nunca tive...

M8 [35:41] o **Chico** que é o **Chico**... o **maior médium que teve nesse planeta**... duvidaram dele... não duvidar de nós por que?:: e qual o **maior exemplo que nós tivemos?:: é ele**... então... vamos mirar naquilo ali e vamos seguir... porque ali não foi brincadeira... é um trabalho muito sério... e você vai se disciplinando...

M9 [53:46]: eu acho que ela:: ((alteração na caligrafia)) tem dois motivos:: eu acho que o primeiro motivo é de te convencer... é uma forma de você criar uma:: uma convicção na pessoa... em segundo... eu acho que também... porque a **sintonia**... o **transe**... vai ficando tão profundo... que ele passa daquela área cerebral da literatura... da linguagem... ele começa a se tornar quase uma incorporação... aí ele vira cinestésico... quando cê tem a **escrita semimecânica**... e por que é interessante... né?:: porque ela ocorre... a alteração mecânica... ela produz uma outra letra:: sem que você tenha consciência do fenômeno... interessante:: cê pega o livro dos médiuns... né?... e a **questão da consciência**... sobre a alteração... ela não é abordada... **Kardec** classifica os médiuns **semimecânicos** mas ele não falou em nenhum momento que o médium semimecânico perdia a consciência da própria alteração...

[...] [01:12:58] **o telefone toca DE LÁ para CÁ⁷²:::** mas de cá também... se você também não estiver pronto para atender... vai ser uma ligação perdida...

Essa sintagmática de transmissão se estruturaria, assim, pela circulação dos valores axiológicos do espiritismo, tanto dentro da própria prática – pela circulação restrita dos textos psicografados, traduzida pela divulgação de mensagens doutrinárias ou de cartas no ambiente privado dos grupos e centros espíritas – quanto fora dela, pela inserção dos textos na esfera da **edição**, por meio da qual os valores são reforçados e difundidos.

Desse modo, podemos afirmar que as noções de **práxis enunciativa** e **transmissão** tornam mais visíveis as dinâmicas de constituição de duas espécies de **memória**: a primeira, constitutiva de uma **memória corporal**, “alimenta” e é alimentada pelo universo axiológico do espiritismo; a segunda, refere-se à **memória da prática**, em sua estrutura de transmissão, pela qual são garantidas a sua permanência e persistência na esfera da cultura.

⁷² Frase célebre de Chico Xavier, que o médium empregava para explicar o motivo pelo qual nem todos os que assistiam às suas sessões de psicografia pública conseguiam receber cartas familiares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] o arbitrário é somente o efeito de nossa incapacidade de nos situarmos no interior de uma infinidade de combinações possíveis, e, no final das contas, a confissão de nossa impotência em compreender o que acontece de fato.

Fontanille, em *Semiótica do Discurso*⁷³

Ao tomarmos por objeto de estudo a prática psicográfica, sabíamos, de antemão, que nos depararíamos com os escolhos de se trilhar – ou, ainda, com a necessidade de se “criar” – um caminho nunca antes percorrido. É parte da tarefa do caminhante definir o roteiro para a empreitada a que irá se lançar. Mas como definir o roteiro de um terreno não mapeado? Foi assim que, sob as “infinitas” possibilidades de delimitação e as coerções incontestáveis das limitações – espaciais, temporais e actanciais – demos início a essa trajetória, sem saber, entretanto, que “destino” nos aguardaria.

Desse modo, iniciamos o nosso roteiro pela “livre exploração do terreno”, o que significou um trabalho de construção de um corpúsculo de pesquisa, até então, indisponível em formatos semelhantes – levando em consideração a extensão, a qualidade e o detalhamento requeridos –, a fim de delimitar um conjunto representativo de dados. A construção de um objeto, como se sabe, é por si só uma declarada tomada de posição, de modo que é preciso dizer que conhecer o seu funcionamento, quando inserido na cultura, pode fazer a diferença entre partir e chegar ou, simplesmente, andar em círculos.

Como etapa prévia à investigação semiótica propriamente dita da psicografia, a constituição de um corpúsculo com base em entrevistas semiestruturadas envolvia quatro principais tarefas. A primeira consistiu em elaborar um questionário com perguntas pertinentes do ponto de vista da prática – o que representava, evidentemente, uma incógnita, justamente por tratar-se de um objeto ainda não delimitado ou caracterizado. A segunda, obter a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa, uma vez que a pesquisa envolve seres humanos, os quais devem ser

⁷³ FONTANILLE, 2008c, p. 46.

preservados em suas identidades, vontades e disponibilidades. A terceira, convencer os informantes sobre o propósito da pesquisa, transpondo a barreira natural que existe em falar sobre um assunto que envolve tensões entre o público e o privado, bem como aquelas próprias da percepção de uma “realidade” não observável, mas intensamente experimentada por cada um. E, finalmente, a quarta: proceder à minutagem e à transcrição integral de doze horas de áudio, com o objetivo facilitar a localização das respostas, considerando que nem todas se concentravam exatamente na questão feita – é comum que o informante retome um tópico considerado “encerrado”, imprimindo uma certa “descontinuidade” ao texto. A transcrição nos exigiu também o cotejamento entre áudio e texto, procedimento repetido por três vezes, de modo a diminuir possíveis distorções.

Cumpridas as tarefas “preliminares”, pudemos nos dedicar à leitura transversal do cópús, a partir da qual observamos as recorrências que nos permitiram compreender de que maneira as noções de **práticas semióticas**, **corpo**, **memória**, **práxis enunciativa** e **transmissão** se articulavam, de forma a atingirmos o nosso principal objetivo: caracterizar a prática psicográfica com base em relatos de médiuns psicógrafos da cidade de Uberaba.

Nosso trajeto teórico-analítico se organizou, assim, a partir da descrição de uma breve história da psicografia – o que poderia constituir mero artifício discursivo, visando ao efeito de “autoridade”, se não fosse pela influência que demonstrou ter, posteriormente, sobre a caracterização da programação (orientação) da prática psicográfica e o funcionamento do corpo-mediúnico (corpo actante).

A mudança dos objetos de inscrição utilizados na obtenção da “escrita direta” para a utilização da “mão do médium”, na escrita “indireta”, ensejou-nos uma hipótese que veio a se comprovar ao final deste estudo: a de que haveria relação entre os efeitos de sentido implicados na “escrita” por “pranchetas” e “cestas” e o efeito gerado pelo processo de “dissociação” ou transe mediúnico, no corpo do médium.

Em seguida, propusemos uma reflexão sobre o impacto editorial da escrita psicográfica no Brasil, a fim de dimensionar o modo como esse tipo de produção se firma no universo da edição, pela literatura espírita. Essa investigação nos forneceu os primeiros traços do que viria a se confirmar, posteriormente, como o estabelecimento de uma cultura do livro enquanto “tradição”.

A caracterização do nosso cópús de pesquisa foi realizada em duas etapas: primeiramente, pela descrição da sua extensão e do método de coleta de dados

aplicado – entrevistas orais semiestruturadas – e, em seguida, pela descrição do “gênero relato de experiência”, de modo a podermos compreender as suas principais características e as implicações (em suas limitações e potencialidades) de sua escolha para a descrição da prática.

Procedemos, então, à caracterização da prática psicográfica, o que nos exigiu, primeiramente, um percurso descritivo no qual abordamos as noções de práxis e práticas semióticas, bem como o modelo fontaniliano para uma hierarquia de níveis de pertinência. Em seguida, apresentamos o sintagma da prática psicográfica, tornada apreensível por meio da segmentação das narrativas (relatos).

Para essa segmentação, fizemos uso do que Fontanille (2008b) denomina de “resolução de heterogeneidades”. Consistindo na leitura transversal do *corpus*, esse procedimento permitiu que chegássemos a uma “resolução polifônica”, pela observação da redistribuição da heterogeneidade estruturante, isto é, das configurações actanciais, modais e axiológicas apreensíveis nos textos-enunciados. Desse modo, a apreensão da sintagmática da prática psicográfica demonstrou a existência de dois percursos canônicos no interior do seu macropredicado: o percurso da prática e o percurso do “sujeito-médium”.

Como resultado, foi possível determinar o “núcleo” da cena prática da psicografia, isto é, a “estrutura comum” aos diferentes subgêneros da prática, que pode ser descrito por 6 passos: (1) Fazer a prece inicial; (2) Concentrar-se; (3) Entrar em transe; (4) Escrever sob estado alterado de consciência; (5) Ler (e/ou entregar) o texto escrito (para o destinatário/ público); (6) Fazer a prece final.

Essa estrutura nos permitiu, ainda, observar quais ajustamentos (adaptações no interior de uma mesma prática) e agenciamentos (adaptação por cossegmentação síncrona entre práticas diferentes) estratégicos estão implicados na prática da psicografia, que se constitui enquanto “prática complexa”, resultante do agenciamento entre duas “práticas simples”: a **escrita** e o **transe**.

Após o estudo das práticas, seguimos em busca da compreensão sobre o funcionamento do corpo “mediúnico”. Para isso, fizemos uso da concepção fontaniliana de “corpo-actante”, cujas instâncias constitutivas – *Moi* (carne), *Soi* (corpo próprio) e sua subdivisão, *Soi-Idem* e *Soi-Ipse* – ensejaram-nos lançar hipóteses sobre a geração de sentido que ocorreria quando da **singularização de duas “identidades” em um só campo de percepção (Soi)**. Esse processo, ocorrido no corpo-actante, tem consequências modais que, associadas aos actantes posicionais,

nos permitem observar “**configurações modais**” associadas a cada tipo de psicografia.

Aplicada ao nosso *córpus* de pesquisa, a análise do corpo-actante apontou uma maior incidência de informantes que relatavam estados de transe de profundidade intermediária a leve, como gradações do tipo **semimecânico** ao **intuitivo**. Em termos modais, conseguimos relacionar essas gradações a uma “**identidade modal**”, que na maioria dos casos analisados era de tipos **bimodalizados** ($M^2 = \text{poder} + \text{dever}$ ou $\text{poder} + \text{querer}$) e **trimodalizados** ($M^3 = \text{saber} + \text{querer} + \text{dever}$), relacionados à psicografia semimecânica e à intuitiva.

As implicações das configurações modais sobre o discurso podem ser apreendidas quando estabelecemos correspondência entre as modalidades e os diferentes graus de “**desmodalização**” (no **nível actancial**) e “**dissociação**” (no **nível discursivo**). Concluimos, assim, que o processo de “delegação modal” se constitui como um gerador do efeito “dissociativo” no discurso, que se apresenta como um artifício de fortes implicações contratuais.

E, ao fim de nosso percurso de pesquisa, pudemos estabelecer uma relação entre **corpo** e **transmissão** na constituição de uma “**memória**”. Por meio da noção de **práxis enunciativa**, pudemos observar a dinâmica que regula a convocação, atualização, reiteração, revogação e transformação de valores axiológicos e figurativos; e, por meio da noção de transmissão, vimos as formas pelas quais a memória de uma prática pode ser constituída e transmitida, visando à sua permanência e persistência no universo cultural. A aplicação dessas noções ao nosso *córpus* de pesquisa forneceu-nos uma maior compreensão sobre como a memória da prática psicográfica se constitui e se mantém, por meio da construção de uma “**memória corporal**” mediúnica e por sua **transmissão** enquanto “**tradição**” vinculada a uma pronunciada cultura bibliográfica.

As reflexões que fizemos ao longo deste percurso de pesquisa nos permitiram demonstrar a viabilidade de se apreender a prática psicográfica por meio de seus textos-enunciados (como textualizações da prática) e pela prática que os gera (a psicografia), enquanto sintagmática observável de um processo em curso; pelas estratégias que constitui para garantir a sua existência e a permanência dos valores que veicula em um dado universo sociocultural; pela experiência da escrita, que tem no corpo do médium o seu centro perceptivo, e que se torna acessível pelo relato, como textualização do sensível e do inteligível; e pelo percurso que estabelece numa

estrutura que se desdobra das figuras-signos às formas de vida, transmitindo-se na esfera da cultura, como tradição.

Vencidos os desafios a que nos propusemos, até momento, é inevitável que nos sintamos instigados a prosseguir, oportunamente, em direção a uma semiótica das culturas, instância englobante e movediça em que se desdobram os sentidos, mas que não deixa de nos aguçar frente à necessidade de uma maior operacionalização.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alexandre M.; LOTUFO NETO, F. A mediunidade vista por alguns pioneiros da área mental. *Revista de Psiquiatria Clínica*, n. 31, (3), São Paulo, 2004. p.132-141.

AZEVEDO, Solange. *A família do Além: Quem são os Gasparettos, o clã muito vivo que transforma mediunidade em bom negócio*. Época. São Paulo, ed. 261, 16 mai. 2003. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG57510-5990,00-A+FAMILIA+DO+ALEM.html>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

BARBOSA, Pedro Franco. *Espiritismo básico*. 5a ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

BARROS, Mariana L. P. de. *A arquitetura das memórias: um estudo do tempo no discurso autobiográfico*. Dissertação de mestrado. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 4 ed. Campinas: Pontes, 1995.

BERTRAND, D. et al. *La question de la transmission : histoire, anthropologie, éducation*. Disponível em: <<http://afsemio.fr/?p=861>> Acesso em: 20 nov. 2015.

BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: EDUSC, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. [Introdução, organização e seleção de Sérgio Miceli]. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BRANDÃO, Ascanio. *Manuscritos do Purgatório*. São Paulo: Edições Paulinas, 1953.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, Vozes, 1994.

CHILDE, V. Gordon. *What Happened in History*. [1 ed. 1941; revisão 1954]. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B5M4Buf-xHwWOWNWeENKZ2hXUDg>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

COOPER, Elliot. *The Flournoy affair: an inquiry into Ferdinand de Saussure's analyses of glossolalia*. Tese de doutorado. Canberra, University of Canberra, Faculty of Arts and Design, 2015. Disponível em: <<http://www.canberra.edu.au/researchrepository/items/7bee6bfc-1bdd-4470-9525-da5baded61b3/1/>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

CORREIO, 24 Horas. *Lucro com livros religiosos cresce mais do que com os exemplares didáticos*. Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/lucro-com-livros-religiosos-cresce-mais-do-que-com-os-exemplares-didaticos/?cHash=1597ba42e8bc62c06a6a4cc2298140fd>>. Acesso em: 28 nov. 2014.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Tradução Rogério Fernandes. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas I: da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis*. Tradução Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2010b.

FEB, Federação Espírita Brasileira. *Conselho Espírita Internacional*. [Publicado em 25 jun. 2012]. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/blog/geral/movimento-espirita/conselho-espirita-internacional>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

FERNANDES, Magali Oliveira. *Chico Xavier: um herói brasileiro no universo da edição popular*. São Paulo: Annablume, 2008.

FERREIRA, Carlos; ROSA, Rodrigo. *Kardec*. São Paulo: Leya, 2011.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação*. 2 ed. São Paulo, Ática, 2002.

FISCHER, Steven Roger. *A história da escrita*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

FLOCH, Jean-Marie. *Sémiotique, marketing et communication: sous les signes les stratégies*. 4 ed. Paris: Puf, 2003. [1990].

FONTANILLE, Jacques. La sémiotique face aux grands défis sociétaux du XXI e siècle. *Actes semiòtiques*, n. 118, 30 janvier, 2015. Disponível em: <<http://epublications.unilim.fr/revues/as/5320>>. Acesso em: 15 out. 2015.

FONTANILLE, Jacques. *Sémio-anthropologie de la transmission*. Université de Limoges, CeReS, et IUF, 2014. Disponível em: < <http://www.fmsh.fr/fr/c/6343>>. Acesso em: 16 mai. 2016.

FONTANILLE, Jacques. *Corps et sens*. Paris: PUF, 2011.

FONTANILLE, Jacques. Práticas semióticas: imanência e pertinência, eficiência e otimização. Trad. Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz et al. In: DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Paiva; PORTELA, Jean Cristtus (Orgs.). *Semiótica e mídia: textos, práticas, estratégias*. Bauru: Unesp/Faac, 2008a, p. 15-74.

FONTANILLE, Jacques. *Pratiques sémiotiques*. Paris: PUF, 2008b.

FONTANILLE, Jacques. *Semiótica do discurso*. Trad. Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2008c.

FONTANILLE, Jacques. *Pratiques sémiotiques: immanence et pertinence, efficience et optimisation*. Nouveaux Actes Sémiotiques, n. 104-105-106. Limoges: Pulim, 2006.

FONTANILLE, Jacques. *Soma et Séma: figures du corps*. Paris: Maisonneuve & Larose, 2004.

FONTANILLE, Jacques. *Sémiotique et littérature: Essais de méthode*. Paris: PUF, 1999.

FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. São Paulo: Humanitas, 2001.

GEEM - Grupo Espírita Emmanuel. *Relação de obras de Chico Xavier*. Disponível em: < <http://geem.org.br/obras-de-chico-xavier>>. Acesso em: 18 jul. 2016.

GONÇALVES, Iracilda Cavalcante de Freitas. *Na discursivização de Nosso Lar: as verdades do Espiritismo*. Tese de doutorado. João Pessoa, UFPB/CCHLA, 2011.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões*. Trad. Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.

GREIMAS, A. J. *Maupassant. A semiótica do texto: exercícios práticos*. Trad. Teresinha O. Michels e Carmen L. L. Gerlach. Florianópolis: Editora da UFSC, 1993.

GREIMAS, A. J. *Semiótica e ciências sociais*. Trad. Álvaro Lorencini e Sandra Nitini. São Paulo: Cultrix, 1976.

GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975.

GREIMAS, A. J. L'Enonciation: une posture épistémologique. In: *Significação – Revista Brasileira de Semiótica*, n.1, Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas: Ribeirão Preto (SP), 1974. p. 09-25.

HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita*. São Paulo: Parábola, 2014.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manuel de Mello. *Dicionário eletrônico Houaiss versão 3.0*. Editora Objetiva, 2009.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião*. [29 de junho de

2012]. Disponível em: < <http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?view=noticia&id=3&idnoticia=2170>>. Acesso em 18 mai 2015.

KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro da 5a ed. francesa. 53. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013a. [1868].

KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro da 3. ed. francesa, revista, corrigida e modificada pelo autor em 1866. 131. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2013b. [1864].

KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 93. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013c. [1857].

KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns: ou, guia dos médiuns e dos evocadores*. Tradução de Guillon Ribeiro a partir da 49a edição francesa. 81 ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013d. [1861].

KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Traduzida da 1. ed. francesa por Guillon Ribeiro. 37. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

LANDOWSKI, Eric. *Passions sans nom*. Paris: Puf, 2004. (Formes Sémiotiques).

LANDOWSKI, Eric. O olhar comprometido. *Revista Galáxia*, nº 2. São Paulo: EDUC, 2001.

LATOUR, Bruno. *Enquête sur les modes d'existences*. Paris: Éditions La Découverte, 2012.

LE GRAND ROBERT DE LA LANGUE FRANÇAISE: version numérique (2005-2013). Disponível em: <http://gr.bvdep.com>. Acesso em 13 jun. 2015.

LEITE, Ricardo Lopes. O corpo enunciado e suas metamorfoses: operações enunciativas em anúncios classificados de serviço de sexo. *CASA: Cadernos de*

Semiótica Aplicada, v.9 n.1, p. 1-13, julho, 2011. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/view/4420>>. Acesso em: 19 fev. 2016.

LEWGOY, Bernardo. *Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista*. Tese de doutorado. São Paulo, FFLCH, USP, 2000.

LEWIS, Ioan M. *Êxtase Religioso: um estudo antropológico da possessão por espírito e do xamanismo*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

LIGNANI, Â. M. de O. *Psicografia e inscrições discursivas: a escrita de Chico Xavier*. Dissertação de mestrado, UFMG, 2000.

LOES, João. *A senhora dos espíritos: como Zibia Gasparetto transformou sua mediunidade num império de comunicação, com 41 livros publicados, 16 milhões de exemplares vendidos e presença no rádio, na tevê e na internet*. ISTOÉ, São Paulo, ed. 2272, 30 Mai.13. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/302900_A+SENHORA+DOS+ESPIRITOS>. Acesso em: 23 jun. 2015.

MANZINI, E.J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: *Seminário Internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos*, 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. Anais... Bauru: USC, 2004. CD-ROOM. ISBN:85-98623-01-6. 10p.

MENDONÇA, M. *Chico Xavier e a alma do Brasil*. Revista época. [Publicado em 26/02/2010]. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI124246-15228,00-CHICO+XAVIER+E+A+ALMA+DO+BRASIL.html>>. Acesso em: 28 ago. 2014.

MILANI, M. A. F. *Perfil da produção acadêmica brasileira com temática espírita (1989 a 2006)*. Disponível em: < <https://drive.google.com/file/d/0B5M4Buf-xHwWSGdhhE9BOHNxRnc>>. Acesso em: 12 jul. 2014.

PORTELA, Jean Cristtus. *Práticas didáticas*. Um estudo sobre os manuais brasileiros de Semiótica greimasiana. Tese de doutorado. Araraquara, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, 2008a.

PORTELA, Jean Cristtus. Semiótica midiática e níveis de pertinência. In: DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Paiva; PORTELA, Jean Cristtus (Orgs.). *Semiótica e Mídia: textos, práticas, estratégias*. Bauru: Unesp/Faac, 2008b. p. 93-113.

PORTELA, J. C.; SCHWARTZMANN, M. N. *A noção de gênero em Semiótica*. In: PORTELA, Jean Cristtus et all. *Semiótica: identidade e diálogos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 69-95.

PRANDI, Reginaldo. *Os mortos e os vivos: uma introdução ao espiritismo*. São Paulo: Três Estrelas, 2012

PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais* [Projeto NURC/SP - n. 1]. 6 ed. São Paulo: Humanitas, 2003.

_____ (org.). *Fala e escrita em questão* [Projeto NURC/SP - n. 4]. 3 ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

PRIORE, Mari Del. *Do outro lado: a história do sobrenatural e do espiritismo*. São Paulo: Planeta, 2014.

ROCHA, A. C. *A poesia transcendente de Parnaso de além-túmulo*. Dissertação de mestrado. Campinas, IEL, Unicamp, 2001.

ROCHA, A. C. *O caso Humberto de Campos: autoria literária e mediunidade*. Tese de doutorado. Campinas, IEL, Unicamp, 2008.

ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SAMPAIO, Adovaldo Fernandes. *Letra e memória: uma breve história da escrita*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, Cintia Alves da. *As cartas de Chico Xavier: uma análise semiótica*. Dissertação de mestrado. Araraquara, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, 2012a.

SILVA, Cintia Alves da. *As cartas de Chico Xavier: uma análise semiótica*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012b.

SOUTO MAIOR, Marcel. *Kardec: a Biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

STOLL, Sandra Jacqueline. *Espiritismo à brasileira*. São Paulo: Edusp; Curitiba: Orion, 2003.

TAVARES, Clóvis. *Mediunidade dos Santos*. [Obra póstuma, concluída por Flávio Mussa Tavares]. Araras, São Paulo: IDE, 1988.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VERA, Andres. *O papa dos espíritas*. ISTOÉ. São Paulo, ed. 2294, 01 Nov. 2013. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/332712_O+PAPA+DOS+ESPIRITAS.%20Acesso%20em%2018%20mai%202015>. Acesso em: 24 jul. 2014.

VOGEL, C. La praxis énonciative: un statut d'entre-deux? (à partir de Valéry). *Nouveaux actes sémiotiques*. Limoges: PULIM, 1995, n. 41-2.

WANTUIL, Zêus. *As mesas girantes e o Espiritismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1958.

XAVIER, Francisco Cândido; LEMOS NETO, Geraldo (Org.). *Chico Xavier: Mandato de amor*. [Espíritos diversos]. 6. ed. Belo Horizonte: União Espírita Mineira, 2010.

ANEXO A – Diretrizes kardequianas para a prática da psicografia

KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns: ou, guia dos médiuns e dos evocadores*. Tradução de Guillon Ribeiro a partir da 49a edição francesa. 81 ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013d. [1861]. p. 207-211.

CAPÍTULO XVII - Da formação dos médiuns

Desenvolvimento da mediunidade

200. [...] O processo é dos mais simples: consiste unicamente em a pessoa **tomar de um lápis e de papel e colocar-se na posição de quem escreve**, sem qualquer outro preparativo. Entretanto, **para que alcance bom êxito**, muitas **recomendações** se fazem indispensáveis.

201. Como disposição material, recomendamos se **evite tudo o que possa embaraçar o movimento da mão**. É mesmo preferível que esta não descansa no papel. A ponta do lápis deve encostar neste o bastante para traçar alguma coisa, mas não tanto que ofereça resistência. Todas essas precauções se tornam inúteis, desde que se tenha chegado a escrever correntemente, porque então nenhum obstáculo detém mais a mão. São meras preliminares para o aprendiz.

202. É **indiferente que se use da pena ou do lápis**. Alguns médiuns preferem a pena que, todavia, só pode servir para os que estejam formados e **escrevem pausadamente**. Outros, porém, **escrevem com tal velocidade** que o uso da pena seria quase impossível, ou, pelo menos, muito incômodo. O mesmo sucede quando a **escrita é feita às arrancadas** e irregularmente, ou quando se manifestam Espíritos violentos, que batem com a ponta do lápis e a quebram, rasgando o papel.

203. [...] a **(1) evocação** deve sempre ser feita em nome de Deus. Poder-se-á fazê-la nos termos seguintes, ou outros equivalentes: *Rogo a Deus todo-poderoso que permita venha um bom Espírito comunicar-se comigo e fazer-me escrever; peço também ao meu anjo da guarda se digne de me assistir e de afastar os maus Espíritos*. Formulada a **súplica**, é **(2) (3) esperar que um Espírito se manifeste**, **(4)** fazendo **escrever** alguma coisa. 204. Coisa ainda mais importante a ser observada, do que o modo da evocação, são a **(2) calma e o recolhimento**, juntos ao **desejo ardente e à**

firme vontade de conseguir-se o intuito. Por vontade, não entendemos aqui uma vontade efêmera, que age com intermitências e que outras preocupações interrompem a cada momento, mas uma vontade séria, perseverante, contínua, *sem impaciência, sem febricitação.* A solidão, o silêncio e o afastamento de tudo o que possa ser causa de distração favorecem o recolhimento. Então, uma só coisa resta a fazer: **renovar todos os dias a tentativa**, por dez minutos, ou um quarto de hora, no máximo, de cada vez, durante 15 dias, um mês, dois meses e mais, se for preciso.

207. Outro meio que também pode contribuir fortemente para desenvolver a faculdade consiste em **(5) (6) reunir-se certo número de pessoas**, todas animadas do **mesmo desejo e comungando na mesma intenção.** Feito isso, todas simultaneamente, guardando absoluto silêncio e num **(2) recolhimento** religioso, tentem escrever, apelando cada um para o seu anjo da guarda ou para qualquer Espírito simpático. Ou, então, uma delas poderá dirigir, sem designação especial e por todos os presentes, um **(1) apelo aos bons Espíritos** em geral, dizendo por exemplo: *Em nome de Deus todo-poderoso, pedimos aos bons Espíritos que se dignem de comunicar-se por intermédio das pessoas aqui presentes. É raro que entre estas não haja algumas que deem prontos sinais de mediunidade (3),* ou que até **(4) escrevam** correntemente em pouco tempo.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa:

**A PRÁTICA DA PSICOGRAFIA:
Enunciação e memória em relatos de experiência mediúnica**

Prezado(a):

Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar como **informante voluntário(a)** da pesquisa de doutorado intitulada “**A prática da psicografia: enunciação e memória em relatos de experiência mediúnica**”, realizada pela pesquisadora **Cintia Alves da Silva**, R.G. 43.156.801-7, sob a orientação do Prof. Dr. Jean Cristtus Portela, R.G. 27.713.225-4, junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Câmpus de Araraquara (SP), com financiamento da CAPES.

O **objetivo** desta pesquisa é caracterizar a psicografia como uma prática de escrita que gera sentidos, em suas dimensões social, cultural e religiosa, a partir de **relatos de memória de médiuns psicógrafos** da cidade de **Uberaba** (MG). Esses relatos (depoimentos) serão obtidos por meio de entrevistas (gravadas em áudio) que enfocam a experiência da psicografia e do transe para cada médium: como ele compreende o fenômeno da psicografia; o que sente no momento da escrita; como percebe a experiência do transe mediúnico, enfim, questões que dizem respeito à escrita mediúnica em suas vidas. Os depoimentos fornecerão subsídios para que, a partir de suas memórias, seja possível delinear o que é **a prática psicográfica**, como ela se configura enquanto processo de escrita (a fim de que ela possa ser tomada como objeto de pesquisa) e como ela é representada em termos de mecanismos linguísticos.

A sua participação como informante é muito importante para nós e se dará por meio da sua resposta às perguntas formuladas pela pesquisadora (questionário semiestruturado), as quais serão gravadas em áudio, com a utilização de um gravador de voz digital. O áudio da entrevista será transcrito (convertido em texto) e, posteriormente, publicado na tese de doutorado resultante desta pesquisa, bem como nas publicações dela derivadas (artigos científicos, livros ou capítulos de livros, etc.), sempre de maneira a **preservar o anonimato do entrevistado**. Vale destacar que as informações coletadas, tanto o áudio quanto a sua transcrição, serão utilizadas somente para os fins desta

pesquisa e serão tratadas com o mais **absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.**

Gostaríamos de esclarecer que a **sua participação é totalmente voluntária**, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto lhe acarrete qualquer ônus ou prejuízo.

Considera-se que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos. Os possíveis **riscos e desconfortos** decorrentes da sua participação na pesquisa são: a) risco de constrangimento diante das perguntas; b) cansaço; c) receio de que a sua identidade seja exposta. As **medidas protetoras cabíveis** para evitá-los ou minimizá-los são, respectivamente: a) sob qualquer constrangimento, você poderá negar-se a responder às perguntas que considere inoportunas; b) caso sinta cansaço durante a sequência de perguntas, você poderá suspender a entrevista, marcando nova data para a sua continuação; e c) a pesquisadora assegurará sigilo absoluto em relação à sua identidade (garantia de anonimato), atribuindo a cada um dos informantes um código de identificação, em vez de nome, de modo que os depoimentos sejam apresentados como pertencentes a M1 (médium 1), M2, M3... e assim por diante.

Os **benefícios esperados** da sua participação são individuais e coletivos. Enquanto informante, você terá como benefício a oportunidade de refletir sobre a sua própria prática religiosa e as implicações desta para a sua trajetória pessoal. Para a sociedade, o benefício será a geração de subsídios para estudos posteriores acerca da prática da psicografia, cuja relevância cultural e editorial mostra-se evidente no contexto brasileiro.

Informamos que você **não pagará nem será remunerado(a) por sua participação**, a qual não acarretará qualquer tipo de despesa passível de ressarcimento (mesmo em relação ao transporte, uma vez que a pesquisadora irá até a sua residência ou local escolhido por você para a realização da entrevista).

É importante ressaltar que fica garantido o seu **direito à indenização** em casos de danos comprovadamente decorrentes de sua participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial.

Caso você tenha **dúvidas** sobre o projeto e sua participação, sinta-se livre para tirá-las agora ou a qualquer momento, contatando a **pesquisadora** (Cintia Alves da Silva – Endereço Institucional: Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1, Araraquara - SP, Caixa Postal 174, CEP: 14800-901; Telefones: 16-3413.3179 / 16-99153.5154; E-mail: cinalv@gmail.com), o seu **orientador** (Prof. Dr. Jean Cristtus Portela, pelo telefone 14-3103.6064 e/ou e-mail: jean@faac.unesp.br) ou o **Comitê de Ética em Pesquisa em**

Seres Humanos da Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Araraquara – UNESP (Endereço: Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1, Caixa Postal 174, CEP: 14800-901, Araraquara - SP; Telefone: 16-3334.6263; E-mail: comitedeetica@fclar.unesp.br).

Este termo deverá ser devidamente preenchido, ter todas as suas folhas rubricadas pelo(a) voluntário(a) e pela pesquisadora e ser assinado em **duas vias de igual teor**, das quais uma lhe será entregue.

Diante do exposto, se concorda em participar voluntariamente como informante desta pesquisa, assine este termo e forneça os dados solicitados nas duas vias.

Cintia Alves da Silva
Pesquisadora

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Araraquara – UNESP.

Uberaba, _____ de _____ de 2014.

Voluntário

DADOS DO VOLUNTÁRIO

Nome Completo:

R.G.: _____

Endereço: _____

Telefone(s): _____

E-mail:

APÊNDICE B – Questionário: Entrevista Semiestruturada

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

PERFIL SOCIOCULTURAL

- 1) Qual é o seu nome completo? Qual é a sua data de nascimento? Em que cidade você nasceu?
- 2) Qual é o seu grau de escolaridade? Qual é a sua profissão?
- 3) Qual centro/grupo espírita você frequenta? Quais dos seus trabalhos espirituais envolvem a psicografia?
- 4) Gosta de ler? Que tipo/gênero de texto?
- 5) Você gosta de escrever? Desde que idade? Acha que escreve bem? A que atribui essa habilidade?
- 6) Como foi a sua infância?

A CONVERSÃO E O DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

- 7) Como você conheceu o espiritismo? Como se tornou espírita?
- 8) Quando você teve a sua primeira experiência mediúnica? Como foi?
- 9) Você tem outros tipos de mediunidade além da psicografia? Quais?
- 10) Há quantos anos você psicografa? Como foi a sua primeira experiência mediúnica com a psicografia?

A PRÁTICA DA PSICOGRAFIA

- 11) Para você, o que é a mediunidade? O que é a psicografia?
- 12) Como você sabe o momento de psicografar?
- 13) O que você sente enquanto psicografa?
- 14) Essas sensações variam ao longo da escrita? Como?
- 15) O que você acha que vem do médium e o que vem do espírito comunicante?

- 16) Comunica-se diretamente com algum guia ou mentor espiritual? Em que situações?
- 17) Onde você costuma psicografar? Você permanece sozinho ou é auxiliado por alguém, durante o processo?
- 18) Com que frequência você psicografa? Em que dias e horários? Por quanto tempo?
- 19) Que tipos de materiais você utiliza para a prática da escrita mediúnica?
- 20) Quais hábitos ou recomendações você segue antes de praticar a psicografia? No que você acredita que eles(as) podem ajudar? Como o seu “desempenho” é afetado na falta dessa preparação?
- 21) Que tipos de texto você costuma psicografar? Já publicou livros? Como foi (ou como costuma ser) essa experiência?
- 22) Ao escrever livros, costuma ler ou pesquisar sobre o assunto? Em que fontes? Como acha que isso influencia na sua prática como psicógrafo?
- 23) Como os espíritos se identificam nas suas psicografias? Em geral, suas mensagens são assinadas ou anônimas? São atribuídas a conhecidos ou desconhecidos, com maior frequência?
- 24) Quem digita o material manuscrito? Tem dificuldades para compreender a caligrafia? O que você faz com os seus manuscritos psicografados, depois de digitados?
- 25) Psicografa de olhos abertos ou fechados? Por quê? Escreve com ou sem iluminação?
- 26) Apresenta mudança na caligrafia enquanto psicografa? Quais? Por que isso ocorre?
- 27) Já psicografou com as duas mãos simultaneamente? Utilizou ou utiliza a mão com a qual você não escreve para psicografar? Como você explica isso?
- 28) Você já psicografou mensagens em outros idiomas? Em “espelho”? Em dupla com outro médium? Conte como foi.
- 29) Sente-se “inspirado” a tratar de determinados temas ou ideias antes da sessão? Esses temas e ideias costumam se concretizar nos textos psicografados?
- 30) Você costuma checar as informações presentes nas suas psicografias? Como e com que frequência?
- 31) Quais assuntos e temas são mais recorrentes / predominantes em suas psicografias? Escreve ou já escreveu sobre assuntos que não domina ou que desconhece? Quais?

- 32) Seus textos costumam ter rasuras? Reescritas? Exclusões? Reelaborações? De que tipo? Em que casos você revisa / reescreve / corrige as suas psicografias que serão publicadas? Como é esse processo?
- 33) Qual é, normalmente, o ritmo da sua escrita? Dá pausas ao longo do processo? Lê ou relê trechos?
- 34) Sente limitações/dificuldades como médium psicógrafo? Quais?
- 35) Já sentiu alguma dúvida em relação ao que psicografa?
- 36) Como se dá a relação com aqueles que recebem as mensagens psicografadas?
- 37) E o que você aprendeu como médium psicógrafo?

APÊNDICE C – Breve registro de uma sessão pública de psicografia epistolar⁷⁴

L. E. I. V., Uberaba, quinta-feira, 29 de maio de 2014.

Os visitantes chegam ao salão principal, retiram de sobre a mesa um pequeno formulário de papel em que preenchem o nome completo do falecido sobre o qual gostaria de ter “notícias”, a *causa mortis* e as datas de nascimento e óbito. A ficha preenchida é deixada sobre a mesa.

Os consulentes entram em uma fila que vai até a câmara de consulta e passes, onde o médium presta atendimento. Formam-se longas filas nas laterais, contornando o salão principal. As pessoas entram, uma a uma, pela porta lateral, localizada à direita da câmara (para quem entra). Após o “passe” (uma transmissão de energia feita por meio da imposição das mãos, uma das práticas basilares no espiritismo), os consulentes informam ao médium, desta vez oralmente, os mesmos dados previamente escritos nas fichas de atendimento – somando-se os dados pontuais, muito provavelmente, outros poucos detalhes complementares.

As entrevistas pessoais duram, em média, um minuto por pessoa e são iniciadas pouco antes das 19h00 (por vezes, inicia-se mais cedo, por volta das 18h30, segundo o relato do próprio médium, a depender da disponibilidade), totalizando entre 1h30 a 2h de duração. A saída dos entrevistados ocorre pela porta esquerda da câmara; um a um, em silêncio, cada um deve retornar ao seu lugar, junto ao público.

Às 20h26 tem início, oficialmente, a sessão de psicografia, com a **(1) prece inicial** – um “Pai Nosso” –, feita por um dos assistentes do médium, que se organizam na mesa principal para a leitura e o comentário de um trecho do *Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec. Nessa ocasião, o capítulo escolhido é o VI, intitulado “O jugo leve”. Segue-se à leitura do *Evangelho* uma palestra doutrinária com o tema “A família”.

Às 20h45, o médium sai da câmara de atendimento e senta-se à beira da mesa, onde estão também sentados os seus assistentes, todos voluntários da casa espírita. Permanece em **(2) concentração** por alguns segundos, antes de **dar início à psicografia (3)**. No ambiente, luz fluorescente comum e fundo musical suave. A luz

⁷⁴ Chamada de “psicografia familiar”, no âmbito da instituição onde ocorreu a sessão relatada.

branca em nada parece facilitar a concentração do médium, enquanto a trilha sonora escolhida se mostra como um claro convite à introspecção.

A palestra continua enquanto o médium psicografa. A voz do palestrante não parece causar qualquer distração ao psicógrafo, que **(4) escreve ininterruptamente**, em velocidade que variava de alta a média, encobrendo os olhos com a mão esquerda, exatamente como fazia o médium Chico Xavier. Há a presença de uma **auxiliar** ao lado esquerdo do médium, que o ajuda na retirada das folhas, todas escritas à caneta. Nesse momento, o salão, um espaço de não mais do que 10mX15m, encontra-se completamente lotado, com muitas pessoas disputando a visão da sessão, inclusive do lado de fora do prédio, através das janelas amplas que o circundam.

Às 21h01 tem encerramento a palestra. Enquanto o médium psicografa, conta com a ajuda de uma médium auxiliar que retira a folha manuscrita e a repassa para mais 6 **auxiliares**; cada um lê as folhas e “traduzem” as palavras que parecem ilegíveis (reescrevendo-as logo abaixo ou acima do termo em questão), repassando, sucessivamente, para o outro, até que o último confere, ordena e separa as folhas por mensagem.

A escrita segue para além das 22h30, quando o médium retoma **(5) as mensagens reunidas e as (5) lê em voz alta**. Alguns familiares gravam a leitura, comovidos. As famílias dos “correspondentes falecidos” são facilmente identificáveis. Choram compulsivamente ao ouvirem as narrativas lidas pelo médium, identificando o suposto autor assim que veem surgir as primeiras frases típicas ou elementos de identificação (nomes de familiares, lugares, circunstâncias específicas). Há também os presentes que se comovem com as cartas lidas, sem que tenham recebido qualquer comunicação – nessa ou em muitas oportunidades. Nem todos recebem cartas. Por sessão, entre 6 e 8 cartas são escritas, o que significa que a as pessoas, em sua maioria, vindas de diferentes cidades e estados do Brasil, partem sem receber o que buscavam. Entendem que as cartas servem, de algum modo, para todos, e escutam atentamente a cada narrativa, emocionados e, frequentemente, em prantos.

A sessão se torna um momento de luto compartilhado, em que a dor de um pertence a todos. Um espaço onde a dor é permitida, narrativizada, reelaborada, tornando a morte um fato aceitável – ora por sua inevitabilidade, ora por uma “lógica” doutrinária que faz com que as pessoas a acolham como algo até mesmo necessário ao desfecho de cada história pessoal. A leitura das cartas tem efeito catártico, nesse espaço em que a dor é deliberadamente revisitada e ressignificada. A sessão é

encerrada pouco além das 23h00, com a **(6) prece final** de agradecimento, proferida pelo próprio médium.

APÊNDICE D – Transcrição: Entrevista com médium 1 (M1)

Na transcrição, “P” refere-se ao pesquisador e “M1” ao médium informante.

Médium 1 (M1)

Sexo masculino, 42 anos de idade.

Grau de escolaridade: Ensino Superior

Profissão: Médico

Tempo de experiência com a psicografia: 10 anos

Duração total (em minutos): 42:08

[00:42] P: (...) qual centro ou grupo espírita você frequenta?

M1: “L. E. I. V.” e “N. E. L. N.C.”.

[00:52] P: (...) Quais dos seus trabalhos espirituais envolvem psicografia?

M1: Na atualidade, é uma reunião íntima com os trabalhadores do N. E. L. N. C.

[01:06] P: Você gosta de ler?

M1: Leio muito.

[01:08] P: Que tipo de texto, de gênero?

M1: Olha, na atualidade, leio bastante a questão da saúde, né?... assim, relacionada à minha área... e a literatura espírita mesmo. Só.

[01:27] P: Certo, e você gosta de escrever?

M1: Não.

P: Não?

M1: Não.

[1:31] P: E... por que, exatamente?

M1: Não tenho o hábito de... escrever por escrever... assim, não é... gosto de fazer resumo quando estou estudando, mas escrever para artigos ou... não é hábito.

P: Ahn...

M1: Não tenho hábito mesmo.

[01:50] P: Certo. E como foi a sua infância?

M1: Olha, minha infância foi uma infância bem estruturada, tive a oportunidade... É... não foi uma infância com supérfluo, com excesso, né... a família mais simples, de classe média, mas o necessário, graças a Deus, sempre tive... tive a oportunidade de estudar... de estudar língua, ter esporte, e... e foi uma infância estável... uma estrutura familiar interessante... eu só tenho a agradecer.

[02:26] P: E como que você conheceu o espiritismo?

M1: É... fui católico até chegar aqui em U... em Uberaba. Aí no segundo ano de faculdade, eu comecei a ter, assim... um... um problema de sentir presenças espirituais perto de mim, até então não sabia que isso era presença espiritual... passei no ano de 92, o primeiro semestre no ano de 92, com muito medo de dormir pela presença de... Durante a noite, principalmente no meu quarto, né... a presença de um senhor que eu enxergava, mesmo de olho fechado, em sofrimento... a partir daí, eu comecei a ter sintomas de dor no peito, mal estar... e cheguei e fiz avaliações médicas, os exames todos normais, e depois disso... depois de uns seis meses, com muita dificuldade, eu fui convidado a ir num centro espírita e quando eu cheguei lá, eu... assim... me esclareceram o que tava acontecendo, eu melhorei a sintomatologia mais grave, mais pesada, mas não aderi ainda... fiquei muito assustado, não conhecia, não tinha vínculo e, depois mais ou menos de um ano, em 93, é que eu assumi mais a questão do estudo, a questão mais da assistência fraterna, assistência social e a leitura mesmo, assim.

[03:57] P: Foi assim que você se tornou... espírita?

M1: Assim que me tornei espírita.

[03:59] P: E você se lembra de quando você teve sua primeira experiência mediúnica? Assim... como é que foi isso?

M1: Então, se você me perguntar de uma forma consciente, foi a partir daí... mas de uma forma sem saber, e... ah... interpretando isso como assombração, como essas coisas... desde a infância, desde pequeno eu sempre percebi... sombras, algumas coisas que nenhum dos meus irmãos viam... tinha muito medo de dormir... e depois, quando eu tava aí na adolescência, 13, 14 anos, é... eu acordei de madrugada sentindo claramente que... isso eu nunca vou esquecer... porque eu senti que alguém tava fazendo alguma coisa muito ruim, tava sofrendo muito, acordei a casa inteira, falei que a gente não podia deixar aquilo acontecer, que ia acontecer alguma coisa muito ruim... ninguém me levou a sério, mas, fui estudar no outro dia, e quando eu voltei, um monte de carro lá na porta de casa, e o pai de uma amiguinha minha, de uma colega minha, que era médico... o filho dele tinha uma doença progressiva... e ele... ele, no mesmo horário que eu tava falando aquilo para minha família, ele tava cometendo suicídio, tava na garagem de frente, ele era anestesista... ele injetou um anestésico e depois uma medicação e... desencarnou dormindo, voluntariamente, então, aí todo mundo ficou assustado aquelas coisa e tal... então, essas experiências eu tive desde a infância... agora... assim, depois... ela desapareceu... assim, ficou sutil e aflorou muito aqui, quando eu comecei a fazer faculdade, em Uberaba no segundo ano pra frente... aí teve essa mais ostensiva e, a partir daí... eu tive que aprender a

lidar mais com essas situações, né, que de vez em quando ainda tão presentes na minha vida.

[05:52] P: É... e assim, no centro, especificamente, você se recorda?

M1: Assim, de uma mediunidade mais ostensiva no centro? Então é... a gente começou a partir do estudo, fomos convidados pro trabalho de passe... então, o trabalho de passe é uma pratica mediúnica... a gente começou a trabalhar já em 95, 96, inclusive no sanatório, nas casas espíritas que eu frequentei, na época no Aurélio Agostinho, no Scheilla... e depois, mais ou menos aí em 97, eu trabalhei um tempo como esclarecedor, na reunião de esclarecimento mediúnico, e nas reuniões especiais lá no... no centro da Scheilla, como médium psicofônico... É... e a prática da psicografia, a primeira vez, foi lá com o seu Langerton, lá em Peirópolis, num núcleo chamado Eurípedes Barsanulfo, no centro espírita Eurípedes Barsanulfo... que nessa época passou... eu convivia bem, mas meu braço, ainda sempre sentia dormência, parestesia, um peso muito grande... movimento involuntário... eu comentei com ele... ele falou, olha, “segundo a espiritualidade, você tem um compromisso nessa área.” Me convidou para frequentar às sextas à noite lá e foi a primeira vez que eu exerci a mediunidade da psicografia, ficando lá com ele uns quatro anos... depois aqui em casa mais um tempo... é... acho que deu uns dois, três anos de reunião aqui, uns dois anos teve... E depois que ele desencarnou, depois desses quatro anos e agora voltamos lá no núcleo onde o pessoal fundou e colocou o nome dele.

[07:35] P: E você têm outros tipos de mediunidade além da psicografia?

M1: Olha, então... assim... a mediunidade mais a florada em mim é a intuição a nível de comentário do Evangelho né, de divulgação, assim... sempre percebo, assim, os pensamentos fluírem, me ajudar muito em palestra, isso é o que eu mais exerci até hoje... como eu exerço a atividade de direção, né, lá no C. E. I. V., onde eu dirijo há dez anos, eu não tenho manifestação ostensiva, mas quando eu saio para fazer palestra fora e tudo... a gente percebe a presença pelos fluidos dos espíritos... a gente já teve manifestação pontual de vidência em situações específicas, necessárias, mas... assim, vindo de lá pra cá, eu mesmo, se eu concentrar eu não tenho... agora psicofonia, psicografia, realmente, assim... elas são... as que se eu, né, concentrar e tiver a presença dos espíritos, acontece o fenômeno.

[08:40] P: É... Para você o que é a mediunidade e o que é a psicografia?

M1: Para mim a mediunidade é um sentido novo sendo desenvolvido, uma conquista evolutiva da humanidade na atualidade, porque por meio dela é possível se adentrar a outras faixas dimensionais mesmo, que, normalmente, os sentidos naturais nossos não conseguem registrar. Então, é uma ponte, é uma janela dimensional entre nós e a espiritualidade nas suas diversas dimensões, e a psicografia é um tipo de mediunidade em que o espírito consegue transmitir o pensamento dele, e a gente materializa esse pensamento por meio da escrita... de forma simples seria isso.

[09:24] P: É... Como é que você sabe o momento de psicografar?

M1: Então, no meu caso pessoal, eu não tenho... assim... eu não exerço o hábito de nenhuma atividade mediúnica ostensiva fora do centro, ou, fora do momento formalizado, então... no momento que eu sei que eu vou psicografar, primeiro é

porque, é o momento em que a reunião já existe, naquele momento, naquele dia, naquela hora combinada... com a equipe junto... então... é a hora que eu vou dar a passividade mental, que eu vou me concentrar... esquecer de todo e qualquer pensamento exterior... e deixar vim... né, assim... sentir a aproximação dos espíritos, e captar a ideia deles e tentar... né... assim... materializar por meio dessa escrita. Então, o que eu sei é isso. Em algumas situações, né, assim, excepcionais, às vezes eu sinto aproximação fora desses momentos... uma outra vez aconteceu que eu acabei escrevendo, por exemplo, uma palestra que eu ia fazer, no dia da inauguração do centro, um dia antes eu senti eles, então eu sentei e veio uma palestra interessante sobre o assunto, pela escrita e... na medida que eu fui recebendo ela eu já fui guardando na cabeça, automaticamente, né... e depois do dia da inauguração, lá do "I. V.", eu fiz essa palestra que já tinha chegado antes por meio da psicografia. Então é isso, assim... primeiro pela formalização do momento e, segundo, quando a gente, excepcionalmente, fora desses locais e desses momentos combinados né, já previamente... é... combinado com a equipe do centro... e com a espiritualidade mesmo, pela aproximação dos espíritos, né?

[11:13] P: Mas você sente algo físico, que te dê... essa noção?

M1: Existe um rudimento de toda e qualquer mediunidade, que é chamado de mediunidade sensitiva, que é aquela que, a gente percebe a aproximação do espírito, por meio dos fluidos, das energias, então... quando é um espírito amigo, um espírito equilibrado, um espírito superior, isso traz um arrepio... um... como se fosse um envolvimento no campo da aura da gente, com muito bem estar, com muita tranquilidade, e a gente percebe, né... mental e fisicamente essa aproximação. Quando é um espírito, assim, que tem menos equilíbrio, essa impressão é penosa, né, ela é mais difícil, o braço pesa... fica assim, um desconforto, e essas situações... aí os sintomas adrenérgicos já vem mais... taquicardia... então vai depender da classe do espírito que aproxima, mas com certeza antes da psicofonia, ou mesmo da psicografia acontecer, esse fenômeno anterior, fluídico, pela aproximação do acoplamento, provavelmente da... do campo áurico nosso com o do espírito, ele se traduzem em manifestações físicas mesmo... assim, no corpo físico.

[12:32] P: E o que você sente enquanto você psicografa?

M1: Então... enquanto a psicografia, eu particularmente, assim... eu sinto uma desvinculação do ambiente externo... é ... uma concentração mental muito grande, como se eu deixasse de ouvir o meio ambiente, os comentários que o pessoal tá fazendo em voz... e como se eu ouvisse o pensamento do espírito. Então é... ouve o pensamento do espírito e... tem uma impulsão involuntária, não assim... pegar na minha mão, ou no braço, e nada... mas sinto o braço meio anestesiado com a impulsão involuntária e ao mesmo tempo em que a gente ouve esse pensamento do espírito, o braço, né, já coloca essas ideias no papel... então isso Kardec chamou de mediunidade semimecânica, algumas vezes eu não sinto impulso no braço, só ouço o pensamento do espírito e escrevo pela minha própria vontade... aí prepondera assim o mecanismo da intuição, da mediunidade... psicografia intuitiva... mas em ambos o que acontece é isso, uma profunda concentração, antes disso, geralmente, quando a gente sente a aproximação do espírito, já tranquiliza bastante, porque eu não preciso pensar... normalmente a gente para de pensar, e as ideias vêm naturalmente, e aí vem, por exemplo, um caso que você não sabe como é que vai ter o desfecho, mas

você deixa as ideias fluírem e termina com uma certa lógica, com uma certa... é... assim... sentido no que foi escrito. Então seria isso.

[14:14] P: Essas sensações tanto físicas quanto as emoções, elas variam ao longo da escrita? E de que maneira?

M1: Então, as sensações variam, sim... às vezes o transe superficializa e aí... eu já tenho mais consciência... tô ouvindo e preciso participar mais na escrita, com minha própria vontade no braço, às vezes volta de novo a ter um impulso involuntário, que facilita muito a escrever até mais rápido, né, e tudo direitinho... fisicamente, sim... as emoções variam, porque em determinadas situações, quando começa um caso, por exemplo, um relato da experiência de um desencarnado, e na hora que ele se emociona, e realmente coloca no papel algo de maior sensibilidade, a gente acaba emocionando junto... às vezes vem sensação de surpresa, quando termina, é... aquela mensagem com um desfecho totalmente inesperado frente ao que a gente imaginaria que ia ser durante a escrita... então assim essas questões, às vezes... já existem situações em que espíritos que... passaram por um período de adaptação mais difícil, no plano espiritual, vêm relatar a própria experiência, então... relatam dramas mesmo, né... na escrita, e sensibilizam a gente, é possível até derramar uma lágrima, alguma coisa de sensibilidade, frente ao sofrimento. Então com certeza varia... essas situações variam de acordo com a classe de espírito, e durante o transe mesmo.

[15:51] P: E o que você acha que vem do médium e o que vem do espírito comunicante?

M1: Então, à medida que o tempo vai passando, prepondera mais o pensamento do espírito... agora o que a gente acha interessante é que a ideia, o contexto vem do espírito... a história, ou o cunho doutrinário da mensagem, agora... o revestimento das palavras mesmo, que a gente dá, os termos, a terminologia, têm a participação do médium, sem dúvida, então... assim, o médium participa muito nessa questão de oferecer a matéria mental... oferecer, a linguagem, oferecer a sua capacidade de filtragem, que é o que a gente chama de filtragem mediúnica... então assim, as ideias inesperadas, o contexto não pensado previamente... nada, assim, avaliado previamente... isso é tudo do espírito... agora, o estilo de linguagem, o estilo de escrita, tem a participação do médium... acredito que tenha... com o tempo isso diminui o mínimo possível, né, e o espírito consegue até mostrar o seu estilo de linguagem e tudo... mas, um teorzinho do médium a gente acredita que tenha, até porque os espíritos mesmo disseram que em todo fenômeno mediúnico há um componente anímico... então... a filtragem é um componente anímico. Posso te dar um exemplo disso, né, assim, nas obras, se for interessante... mas o próprio André Luiz escreveu de um médico que queria mandar uma mensagem... foi... dirigiu o centro muito tempo e, desencarnou, pessoal sempre esperando uma mensagem e a médium que ia receber era uma pessoa muito simples do ponto de vista cultural, nessa vida, e em outras vidas não tinha conhecimento de medicina... então o teor... a essência da mensagem foi fantástica, só que... ele pensava em falta de ar e ela escrevia falta de ar porque não tinha no conhecimento dela a dispneia, os termos técnicos da medicina, né, então quando terminou, o pessoal não acreditou... tá lá no livro, o André Luiz falou "Ah, isso aí não é ele nunca, é muito simples". Mas era ele, a ideia era dele, tudo direitinho, só que ela não conseguiu filtrar os termos técnicos da medicina, porque ela

não tinha tido experiências nesse sentido, no passado recente ou tardio dela. Então a filtragem existe na minha opinião, sim.

[18:20] P: Você se comunica diretamente com algum guia espiritual, algum mentor e em que situações?

M1: Sim. É... preciso usar de honestidade, né, assim... não, eu não tenho acesso direto com nenhum mentor... é... realmente não tenho acesso direto assim, não... meu componente com a espiritualidade é mais realmente no momento que eu exerço o trabalho da psicografia. Então, no meu dia a dia, no meu convívio não existe nenhuma interação específica com alguma entidade responsável pela mediunidade em si.

[19:02] P: Onde você costuma psicografar? Permanece sozinho ou é auxiliado por alguém durante esse processo?

M1: Então, o local é no N. E. L. N. C., e antes era lá em Peirópolis... sempre eu tive uma equipe junto... nunca parei pra psicografar sozinho... tudo sempre com uma equipe que, durante a psicografia, se faz o comentário do Evangelho, se faz observações sobre o que foi lido, até o momento que se encerra a psicografia... em casa, na reunião de desenvolvimento... durante um tempo, eu também fiz mas com a equipe junto, mesmo pessoal que... amigos do centro que vinham pra...

[19:42] P: Certo, e você é auxiliado por alguém durante esse processo, por exemplo, para virar as páginas organizar as folhas...?

M1: Sim... É... em alguns momentos, sim, mas se não for necessário, no meu caso pessoal, eu consigo também tirar as folhas e continuar, não tem problema para mim não... dá pras duas coisas sim... se tem alguma pessoa que se dispõe, aí facilita muito, mas se não tiver uma pessoa, dá para chegar ao final da mensagem... isso não é um impedimento absoluto, não.

[20:21] P: Com que frequência você psicografa?

M1: Então, na atualidade, é uma vez por semana.

[20:26] P: Em que dias e horários, e qual a duração?

M1: Na sexta-feira, durante 50 minutos... sexta feira, às 19h30.

[20:36] P: Que tipos de materiais você utiliza para a prática da escrita mediúnica?

M1: Folha em branco Chamex e... caneta esferográfica, normal.

[20:48] P: Tem alguma razão, por exemplo, para você escrever com caneta ou com lápis?

M1: Não... pode ser qualquer um dos dois, assim... pra mim não faz diferença... o lápis quebra a ponta (risos) de vez em quando, né... então a gente acaba usando a caneta... não faz diferença, assim, pra mim, não.

[21:06] P: Quais hábitos ou recomendações você segue antes de praticar a psicografia?

M1: No meu caso pessoal, eu tento chegar 15 minutos antes, e o hábito é... oração e pedir a presença dos espíritos... pedir a presença... né, que eles possam ajudar naquele trabalho, e se for possível haver alguma comunicação de instrução, é... algum sentido, que aconteça... se não for, que não tenha problema, mas o meu hábito é a oração.

[21:36] P: No que você acredita que esses hábitos podem ajudar ou, até que ponto seu desempenho é afetado na falta dessa preparação?

M1: Quando a gente fala em oração, além da questão da gente, é... assim, buscar a sintonia com o alto, a proteção do alto, proteção dos amigos espirituais que se interessam por aquele trabalho, ela também te dá uma certa concentração, um certo relaxamento mental, um certo descanso físico nesses 15 minutos, acabo descansando fisicamente da correria do dia a dia... então tudo isso facilita a questão da psicografia. Se eu chegar em cima da hora e... tentar realmente isso, dificulta. Então quando eu chego um pouquinho mais cedo tem tudo isso, desde o descanso físico, o recolhimento mental, a concentração, a passividade, que é o silêncio mental, esquecendo os desafios do dia a dia, isso me ajuda.

[22:32] P: Certo. Quando não se prepara dessa maneira, há alguma coisa que muda na sua... no seu desempenho realmente?

M1: Eu acredito que fica mais difícil eu conseguir captar a ideia do espírito... aí normalmente, por mais que eu busque mentalmente... essa parceria mental, de conjugação mental, muitas vezes eu não consigo...

[23:00] P: Que tipos de texto você costuma psicografar?

M1: Olha, o que vem... vêm mensagens doutrinárias com um tema específico, sobre perdão, paciência, tolerância... vêm contos ou relatos de experiência, de espíritos que, por exemplo, já viveram com o Chico e contam a história da passagem deles com o Chico enquanto estavam aqui na terra... então, são mensagens ou dissertativas ou narrativas... e, algumas vezes, descritivas mesmo... assim, agora, livro em si eu nunca recebi, e nem romance sequencial... agora, poesias com... também já cheguei... versos pequenos, assim, já cheguei a receber também... então, varia... esses estilos.

[23:55] P: Certo. Como os espíritos costumam se identificar nas suas psicografias? Ou, em geral, essas suas mensagens são assinadas ou anônimas?

M1: Não... são assinadas. Então, muitas vezes eu só consigo... é... assim, a psicografia varia bastante... tem situações que eu só sei quem escreveu quando assina... tem situações que, na hora que vai escrever, no momento de iniciar, eu percebo mentalmente... assim, às vezes vejo a imagem, não em movimento, mas a imagem fixa, da aparência do espírito, que se é um espírito que eu conheço eu já sei que facilita entender na hora de assinar que ele tá escrevendo... intuitivamente a gente sente... a vidência intuitiva ali... e existem algumas situações na época que nosso trabalho, antes de ter essa interrupção, que eu fazia um atendimento fitoterápico, né, que eu tenho especialização em fitoterapia... antes do trabalho lá da psicografia com seu Langerton, depois que ele desencarnou, então eu continuei, porque eu fiquei no lugar dele... aí, durante o atendimento, entre uma e outra consulta... eu já percebi que o espírito queria escrever, e ele já começava a enxertar minha mente sobre a

mensagem que iria acontecer... isso aconteceu algumas vezes. Então, aí, na hora que eu sentava, assim... eu já tinha mais ou menos uma noção do assunto, inclusive recebi entrevistas com o próprio seu Langerton lá no plano espiritual que, eu ouvi antes, mentalmente, parte da mensagem, tá? Isso chegou a acontecer conosco também... então essas situações ajudam a identificar o espírito, mas existem várias vezes que só no finalzinho que eu sei quem tá escrevendo.

[25:43] P: Então, na maior parte das vezes as suas mensagens são atribuídas a espíritos conhecidos ou a espíritos desconhecidos?

M1: Olha, conhecido do ponto de vista de saber que o nome existe, que a pessoa existe, ou que eu conheci pessoalmente?

[26:02] P: Saber que existe.

M1: Então, na maioria das vezes são de conhecidos.

[26:32] P: O que nessas mensagens pode nos dar algum índice ou traços pelos quais se possa reconhecer esse espírito?

M1: Então, primeiro porque, por exemplo, quem escreve versinho, é quem tinha hábito de escrever versos quando era... Então o estilo de linguagem é algo que chama bastante a atenção nesse sentido... assim que é... essa questão. A forma de se expressar também é algo que chama bastante atenção, pra quem conheceu, o espírito comenta de certos detalhes, né, então... É o estilo de linguagem, no meu caso seria esse mesmo, não teria...

[26:5] P: Informações mais específicas ou menos específicas?

M1: Sim. Não é comum eu receber mensagens de familiares mas, em algumas situações, eu cheguei a receber lá em Peirópolis, de pessoas que eu nunca tinha ouvido falar e que, depois, quando acabava a reunião, a pessoa chegava e falava “é meu avô”, e comentou, detalhes que eu realmente desconhecia, que só a pessoa conhecia, então, isso pode acontecer. Não é o meu caso, não é a minha linha de atuação, minha linha de atuação é instrutiva, doutrinária, mas já chegou a acontecer algumas vezes, realmente, de pessoas, de espírito que eu não conhecia, nem o nome, e depois... quando termina, fala “olha, ele falou isso era para mim, tal, tal...”, eu falava “interessante”... até dava a mensagem, a pessoa pedia e tal...

[27:48] P: Você digita o material manuscrito?

M1: Digo.

[27:52] P: Tem dificuldades para compreender a caligrafia?

M1: Olha, a minha própria caligrafia não, não tenho não, mesmo que os outros tenham, como eu que recebi, geralmente, assim, eu consigo... Tá na minha memória ainda, né, assim... não tenho, não.

[28:09] P: E você faz isso logo depois que psicografa, na verdade?

M1: Em geral, sim.

[28:14] P: O que você faz com seus manuscritos psicografados, depois de digitados?

M1: Na atualidade, assim, eu... sempre as pessoas da própria reunião que se interessam pedem, então eu digito, guardo no computador, e mando para as pessoas que pedem, mando por e-mail, e o pessoal, assim... Lê, estuda, analisa, guarda, comenta em outro dia, e tal.

[28:40] P: Você apresenta mudança na caligrafia enquanto psicografa?

M1: No meu caso não... honestamente, não tenho mudanças, não.

[28:49] P: Psicografa de olhos abertos ou fechados?

M1: Olha, quando tem alguém puxando a folha para mim, até prepondera olho fechado mesmo, que aí me dá certa segurança, agora, quando eu estou eu mesmo tirando a folha, assim, é olho aberto... então, as duas situações.

[29:10] P: Com ou sem iluminação?

M1: Com iluminação.

[29:12] P: Certo, tem alguma razão para você psicografar de olhos fechados, isso te ajuda em alguma coisa especificamente?

M1: Me ajuda mais na concentração... mais na concentração. Mas o olho aberto não é um fenômeno de impedimento absoluto, também não.

[29:30] P: Já psicografou com as duas mãos, simultaneamente?

M1: Não.

[29:36] P: Ou utiliza a mão com a qual você não escreve para psicografar?

M1: Não.

[29:42] P: Você já psicografou mensagens em outros idiomas?

M1: Não.

[29:48] P: Em espelho?

M1: Também não.

[29:50] P: Também não em parceria com outro médium?

M1: Como assim?

P: Por exemplo, um escreve, o outro... Digamos, um escreve uma parte da mensagem e o outro a continuação...

M1: Assim, não.

[30:03] P: Você sente inspirado a tratar de determinados temas ou ideias antes da sessão?

M1: Sim, igual eu te falei que, em algumas situações, as ideias vem antes, sim.

[30:15] P: E essas ideias costumam se concretizar nesses textos com que antecedência, digamos?

M1: Não, aí geralmente...

P: Você começa a pensar nesses temas...

M1: Então, quando isso acontecia, seria geralmente, uma hora antes, meia hora antes, que era durante aqueles atendimento lá né?

[30:35] P: Você costuma checar as informações presentes na sua psicografia? Como e com que frequência?

M1: Costumo. Costumo principalmente pelas pessoas que são vinculadas e, quando é espírito, por exemplo, um tal de "Lulu Parola" que mandou uns versinhos, que eu nunca tinha ouvido falar... eu fui na internet e olhei... e ele era... né? Então assim, via internet ou via com as pessoas se alguém conheceu, uma situação assim.

[31:07] P: Certo. Esse é um exemplo, você tem... Em que situações normalmente você faz essa checagem? Cite alguns exemplos.

M1: Nesse caso, faço checagem assim, quando chega alguma informação que eu desconheço. Por exemplo, alguma informação mesmo científica, ou de alguma área que a mensagem abordou, que eu venha a desconhecer, como data, como local, ou como uma descrição que alguém disse isso alguma vez, algum filósofo, alguma coisa que eu não conheça, eu vou na internet e vejo se é verdade mesmo. Essas coisa assim...

[31:38] P: Certo. Bom, os assuntos e temas mais recorrentes ou predominantes na sua psicografia... Você ainda comentou, não é?

M1: São mensagens doutrinárias, de cunho do tríplice aspecto, ciência, filosofia e religião e contos, relatos de experiências de espíritos do lado de lá e do lado de cá que, enquanto eles estavam na terra, o que predomina assim mesmo.

[32:04] P: Você escreve ou já escreveu sobre assuntos que não domina ou que desconhece completamente? Quais?

M1: Olha, deixe eu ver aqui, nesse tempo todo... Então, essas entrevistas, né, assim, com espíritos assim, que é muito comum, por exemplo... é... um espírito assiste a uma palestra do lado de lá, grava, vem e traz pro nosso. Então isso já aconteceu, situações de história, que eu nunca tinha ouvido falar, em cima dessa palestra... então são áreas assim, principalmente em termo de história e de contos que eu nunca ouvi falar e que nunca, né, assim... agora de assunto de fato científico assim, eu não me lembro, não.

[32:53] P: Certo, seus textos costumam ter rasuras, reescritas, exclusões e elaborações? E de que tipo?

M1: Sim. Assim, é... durante a escrita, muitas vezes isso pode acontecer, de, por exemplo, a pessoa do meu lado quase cair da cadeira, algo de imprevisto que corta a linha do pensamento que tava vindo espontaneamente na cabeça, e muitas vezes, até recomeçar a linha, né, porque aí eu não consigo continuar o que tava escrevendo. Então isso demora um pouquinho, na hora que está voltando, eu escrevo algo que não bate, aí eu tenho que rasurar e esperar vir de novo a ideia. Então, nesse sentido acontece. E como a mediunidade é parceria, muitas vezes... Às vezes o espírito escreve muito rápido, a questão de pleonasma redundância, aí depois que acaba a psicografia, depois que eu passo um olho rápido, eu troco uma palavrinha para não ficar repetitivo... é raro mas acontece assim, isso pode acontecer, mais é nesses dois sentidos mesmo.

[33:59] P: Mas você normalmente corrige as suas psicografias ou, revisa, reescreve?

M1: Na hora de digitar, essa questão de pleonasma, eu troco.... assim, se já teve a mesma palavra muitas vezes, mas eu ponho um sinônimo, alguma coisa para nível de português, só nesse sentido assim... agora, de conteúdo, não.

[34:26] P: Qual é normalmente o ritmo da sua escrita? Rápido, lento?

M1: Olha, normalmente ele é médio para rápido... médio para rápido... e como eu te disse, aqueles dias que por algum motivo não tive aquele tempinho de preparação, e tudo, ele tende a ser mais lento, é mais difícil para mim e tal, mas normalmente é médio para rápido mesmo, não fico pensando para escrever, não.

[34:51] P: E, você dá pausas ao longo do processo?

M1: Então, depende do dia, a maioria das vezes não... mas se acontece algo de imprevisto perto de mim, me corta a linha do raciocínio, aí tem pausa.

[35:04] P: E você lê ou relê trechos da sua própria psicografia?

M1: Então, para falar a verdade eu não tenho relido muito, não.

P: Mas eu digo, no momento da escrita.

M1: Pois é, no momento da escrita eu não tenho relido porque, nessa última volta que, agora eu que estou puxando as folhas mesmo, é... então não dá tempo de você pegar, e voltar a folha. É, assim, eu não releio não.

[35:30] P: Você sente limitações ou dificuldades como médium psicógrafo? Quais?

M1: Sem dúvida, sim. Muitas limitações, às vezes eu percebo assim que o espírito teria muito mais para escrever, muito mais para falar, muito mais para aprofundar no assunto, mas não achou em mim a capacidade suficiente naquele sentido necessário... pra aprofundar tema. Sei que às vezes eles querem trazer imagens, e experiências do lado de lá que não encontram analogia aqui na terra, e eu não encontro termos assim para falar, não tem jeito de você colocar situações assim, que a gente percebe que eles querem, principalmente em termos de novidade, em termos de tecnologia, de aparelhos, de coisas do lado de lá que não tem aqui ainda, e é muito difícil. Eu ofereço muita resistência nisso, assim... a palavra diferente do... que não existe, aparelhos que não existe... aqui por enquanto ainda, e realmente eu tenho

dificuldade. Inclusive, assim, na questão da poesia mesmo né, então... às vezes a gente percebe que, assim, às vezes já aconteceu de a gente ouvir trechos lindos, e na hora de escrever não sai tão bonito assim. Então, existe muita limitação.

[36:53] P: Você já sentiu alguma dúvida em relação ao que psicografa?

M1: Olha, assim, alguma vez sim, em situações que... só que eu tenho um discernimento muito grande, assim, se o dia não vem, eu não escrevo. A questão é que, eu não tenho capacidade de, de montar, assim... essas redações, né, de relato de experiências, de casos de pessoas que vivem do lado de lá e do lado de cá por mim só... então eu não tenho por conta disso mesmo... assim, não porque eu também não tenho nenhum ganho secundário, assim... como nós estamos em uma reunião fechada entre amigos, eu não tenho necessidade de psicografar sempre, então se veio ou não veio para mim não faz diferença, entendeu? Então, se veio, é porque veio mesmo, né? Então eu não tenho é... Quando eu percebo que eu interferi muito, eu até rasgo, na hora lá... eu falo “isso aqui não ficou bom, não... isso aqui eu acho que eu pus porque...”. Porque depois, quando eu tô lendo eu vejo se tem ideia minha, né? Porque eu conheço minhas ideias, as coisas que eu acredito o que eu já li, o que eu guardo na memória... então, quando isso acontece, eu particularmente nem... Falam “ah, manda a mensagem pra mim”, eu falo “não, perdi a mensagem”, eu dou uma desconversada... então quando eu sinto que eu influenciei, aí eu já nem divulgo para os amigos, assim, eu deixo quietinho, já rasgo, e sigo em frente. Então assim, acabo tendo essa honestidade emocional comigo mesmo, eu não tenho dúvida do que é meu e do que não é. Quando é, quando eu participei mais, eu sei que eu participei mais. Aí eu...

[38:36] P: Como se dá a relação com aqueles que recebem as mensagens psicografadas? Você disse que em alguns casos chega a entregar. Não é? Como é isso?

M1: É uma relação construtiva, normalmente essas pessoas se emocionam muito, e, às vezes, sem a gente saber, porque esse não é o meu papel, eu não faço mensagem familiar... o A., você vai entrevistar ele... ele tem esse papel lá no centro e tal... Então ele vai poder detalhar isso muito mais, mas, às vezes, poucas vezes que aconteceu, foi muito emocionante, porque as pessoas se sensibilizam, mesmo a gente não sabia que elas iam se sensibilizar, nem sabia para quem que era aquilo. Então a gente entrega, assim, agradece, faz uma prece junto a Deus, e é isso... mas não é a minha praia... então assim, não tem tanta... Assim... não é com frequência que isso acontece. De eu entregar individualmente, assim, uma mensagem particular de um espírito pro outro, assim.

[38:35] P: Mas quando isso ocorre, vem assim, digamos, com uma identificação, essa mensagem normalmente traz esses detalhes.

M1: Detalhes. Tem detalhes que é até o que me surpreende porque, como eu tô ali num lugar fechado, e às vezes não conheço todo mundo, né, assim, e que vem algum detalhe ou outro, que eu não sei nem para quem que é, então às vezes eu penso que nem ia ter ninguém. Então, quando tem me surpreende, surpreende a pessoa.

[40:01] P: São normalmente assinadas?

M1: São assinadas. Igual à amiga minha, um tal João Modesto dos Santos... falei "Jesus amado"... e aí, no final, era o avô dela, e eu não conhecia e... e tal. E aí deu detalhes ali e ela me contou depois que aquilo aconteceu mesmo e tal. Mensagem que o próprio Seu Clóvis descreveu do seu Langerton sobre um caso de uma moça... Clóvis Tavares é o espírito que relatou este caso, em uma conversa... ele me contou esse caso, só que nesse caso era do começo do centro, então eu nem... era encarnado ainda, né? E aí a esposa dele ficou impressionadíssima, porque ela lembra da pessoa chegar, assim, é... travada da coluna, e contou os detalhes de tudo o que aconteceu naquele dia, ela ficou surpreendida, então essas coisas acontecem... é raro mas acontece.

[40:53] P: E o que você aprendeu como médium psicógrafo?

M1: Olha, aprendi, assim... foi uma das coisas que fortaleceu a minha certeza de que a vida continua... é... aprendi, assim... a conseguir discernir, o que é meu e o que não é meu em termo de pensamento, me ajuda muito... as sugestões mentais, tanto para o lado positivo quanto para o lado negativo, eu consegui discernir, frear e aceitar quando devo e que não devo... e aprendi a ter paciência (risos), porque tem situações que não vem, não escreve nada... e situações que a gente tem que ter humildade, paciência de falar "olha, não veio, não veio, não tem jeito", e... aprendi também a ter tolerância frente às críticas, né, porque algumas vezes as pessoas falam "olha isto aqui não ficou bom, não, eu não concordo com isso não". Eu falo "olha, eu também não concordo, não, tem muita coisa que eu escrevo que eu não concordo, mas não sou obrigado a concordar com tudo que vem", então, tudo isso é um aprendizado interessante. É isso.

APÊNDICE E – Transcrição: Entrevista com médium 2 (M2)

Na transcrição, “P” refere-se ao pesquisador e “M2” ao médium informante.

Médium 2 (M2)

Sexo masculino, 50 anos de idade.

Grau de escolaridade: Ensino Técnico

Profissão: Técnico em Enfermagem

Tempo de experiência com a psicografia: 31 anos

Duração total (em minutos): 58:50

[00:44] P: (...) qual centro ou grupo espírita você frequenta e quais dos seus trabalhos espirituais envolvem a psicografia?

M2: Eu frequento o L. E. I. V., aqui da cidade de Uberaba... os trabalhos de psicografia são realizados às quintas-feiras e aos sábados.

[01:36] P: Gosta de ler? E que tipo de texto ou gênero?

M2: Gosto muito de ler... é... a minha preferência é... os temas evangélicos e também gosto muito dos temas científicos.

[01:52] P: Algum exemplo?

M2: A parte de pesquisa da própria doutrina, por exemplo, os livros de pesquisa científica do Alexandre Aksakof, Gabriel Delanne, enfim, esses livros desse tipo, assim.

[02:12] P: Você gosta de escrever?

M2: Não. Eu próprio, não, não gosto muito, não.

[02:21] P: Você acha que não escreve bem, escreve bem, como é?

M2: Eu tenho certa dificuldade para escrever, eu mesmo... eu tenho certa dificuldade. Para você ter uma ideia, eu nunca consegui escrever letra cursiva, eu sempre escrevo letra de forma, eu mesmo. Tenho essa dificuldade.

[02:41] P: Mas ao psicografar?

M2: Não. É a letra normal, letra cursiva mesmo... letra cursiva.

[02:48] P: Como foi a sua infância?

M2: Minha infância foi, assim... a primeira infância, minha mãe comenta que foi uma infância difícil, assim, muito adoentado. Mas uma infância que transcorreu de maneira normal. Fora esses problemas de doença, de enfermidade.

[03:08] P: Certo. Como você conheceu o espiritismo?

M2: Eu conheci o espiritismo através de um irmão meu. Esse irmão meu começou a frequentar casa espírita, começou a desenvolver a mediunidade. Então o meu primeiro contato com o espiritismo foi através desse irmão meu... irmão consanguíneo mesmo.

[03:39] P: Com que idade?

M2: Na época eu estava, é... provavelmente em torno aí de quinze pra dezesseis anos. Mais ou menos isso.

[03:53] P: Quando você teve a sua primeira experiência mediúnica? E como foi?

M2: Olha, na realidade... por volta de 14, 13 anos, eu sempre tive algumas manifestações mediúnicas, embora eu não soubesse que se tratava de mediunidade. Eu me lembro que, na época, tinha muitas percepções relacionadas à premonição, por volta desse período aí. E, propriamente falando, o contato com a mediunidade, o desenvolvimento da mediunidade, o desabrochar da mediunidade, ele aconteceu quando eu tinha 16 para 17 anos. Foi numa circunstância que eu... eu comentei muito com meu irmão. Quando meu irmão relatava as incorporações para nós, eu simulava que estava incorporando, porque eu tenho e sempre tive uma característica de... incrível. Então eu brincava, simulava que tava incorporando e, numa dessas ocasiões, eu tive uma certa experiência mediúnica na parte noturna e foi aí que eu iniciei... essa questão.

[05:14] P: Como foi essa experiência?

M2: A experiência foi a seguinte... Pela madrugada eu vi o meu irmão na beirada da minha cama e junto com meu irmão tinha uma outra pessoa também, que eu não me lembro quem. Aí eu tive alguns sintomas de arrepios, tipo tremedeira, e até de bater queixo mesmo. Aí, no outro dia de manhã, eu relatei para o meu irmão o caso, perguntei se ele tava na beirada da minha cama, vi uma outra pessoa também... isso em estado de sonolência. Ele comentou que não, que não tinha se aproximado da minha cama, tal... aí nesse mesmo dia, quando o dia amanheceu, ele nos levou numa casa espírita, e nós tivemos alguns episódios de incorporação mediúnica inconsciente... depois desse fato.

[06:07] P: Você tem outros tipos de mediunidade além da psicografia? E quais?

M2: Nós temos experiência com a vidência... e temos experiência também com a audição mediúnica, além da psicografia... a vidência e audição mediúnica. E temos também a mediunidade que se chama de incorporação ou psicofonia. Então, são essas aí.

[06:36] P: Há quantos anos você psicografa? E como foi sua primeira experiência mediúnica com a psicografia?

M2: Eu já estou psicografando há 31 anos. E a primeira experiência na área da psicografia foi uma experiência... simples, uma experiência mais complexa, uma experiência mais difícil, porque, a primeira vez que eu tentei psicografar, a gente sabe que quando o médium começa, quando o médium inicia, ele tem certas dificuldades,

então no... no começo eu tive as dificuldades naturais, mas, foi uma experiência simples, uma mensagem simples, né? A experiência foi complexa no sentido de dificuldade para captar o pensamento do espírito... então essa foi a experiência que a gente teve.

[07:28] P: Essa foi a maior dificuldade, no caso?

M2: Para captar o pensamento do espírito? Sim, para captar o pensamento do espírito foi a maior dificuldade. Na época foi a maior dificuldade.

[07:37] P: Você se recorda desse momento?

M2: Não me recordo, assim, de maneira absoluta, não... Porque, há 31 anos atrás, né? Mas, o que eu me recordo é a dificuldade para captar mesmo o pensamento do espírito... mas recordar assim, de maneira detalhada, não.

[07:57] P: Para você, o que é a mediunidade e o que é a psicografia?

M2: A mediunidade... a mediunidade, conforme os próprios espíritos orientam... a mediunidade seria uma percepção, né? Uma percepção... é... comum, generalizada a todas as pessoas, ou seja, os espíritos nos dizem que todos nós somos médiuns, porque todos nós emitimos pensamentos contínuos, e todos nós, de maneira consciente ou inconsciente, estabelecemos essas trocas de ideias, trocas de pensamentos. Então, para nós a mediunidade seria o que? É o afloramento do sexto-sentido, para nós a mediunidade seria isso. E psicografia nada mais é do que uma manifestação dessa mediunidade, ou seja, existem várias modalidades de mediunidade... a psicografia seria umas das modalidades da mediunidade em questão.

[09:04] P: Como você sabe o momento de psicografar?

M2: Olha... é... nós temos um trabalho assim... um contato com a espiritualidade de maneira regular. Então, como temos esse contato de maneira regular, como nos preparamos com essa finalidade, nós sentimos, assim... várias manifestações, vários acontecimentos que nos faz perceber a presença desses espíritos. É... então, de maneira assim, por exemplo, se a gente não estiver na casa espírita, quando a gente sente a presença de algum espírito... então, de maneira geral em termos da psicografia, nós sentimos, assim, uma grande vontade de escrever... é, seria mais ou menos isso... tá?

[10:05] P: O que você sente enquanto psicografa?

M2: No meu caso, enquanto eu psicografo eu sinto, assim, durante aquele momento... é... satisfação... e, quando se trata de cartas de familiares também, uma certa frustração também, porque às vezes a gente não consegue captar com precisão o pensamento desses espíritos. E sinto uma tranquilidade mental, ou seja, eu não sinto uma agitação mental, eu sinto uma certa tranquilidade mental porque... eu sinto que, com o tempo que foi acontecendo o desenvolvimento da psicografia, com o tempo, foi me exigindo muito menos o esforço mental. Então, por isso que eu falei que não tem, assim, aquela agitação mental... uma certa tranquilidade, porque... porque hoje existe uma mínima parcela de esforço mental durante o processo.

[11:06] P: Fisicamente, o que você sente?

M2: Fisicamente?... Fisicamente, depende de cada trabalho... às vezes uma certa ansiedade... é... já aconteceu inúmeras ocasiões e continua acontecendo, determinadas alterações no braço, às vezes dormência, às vezes um certo peso e... do próprio momento do transe também, uma certa sonolência... seria mais ou menos isso... às vezes, acontece também de sentir assim que o nosso corpo, a nossa face, tá bem mais irrigada... a gente sente, a gente sente esse processo... sente que parece que a circulação está, assim, bem mais intensa nessa região... no cérebro, no rosto, enfim.

[12:06] P: E essas sensações físicas ou as emoções, elas variam ao longo da escrita? E como?

M2: Elas variam ao longo da escrita... É.... Como que variam? Como que seria, assim, mais ou menos? Dá um exemplo.

[12:25] P: De acordo com o que você escreve, isso pode variar? Essa sensação...

M2: Ah, sim... Pode. De acordo com... Assim, essas sensações, no meu caso pessoal... essas sensações são antes de começar o processo da escrita mediúnica... durante o processo, a gente até não sente muito, não. Mas ela varia também, a gente percebe, de espírito pra espírito... Então pode variar, principalmente do ponto de vista psíquico, ou seja, do ponto de vista mental é que existem essas variações, porque existe o contato estabelecido entre o médium e o espírito... então, na realidade, o médium passa a fazer parte das emoções do espírito e, conseqüentemente, o espírito também fazer parte das emoções do médium.

[13:14] P: Como você classifica a sua psicografia?

M2: Olha, através de vários estudos que nós já fizemos, e continuamos fazendo a respeito da psicografia, chegamos à conclusão que a nossa psicografia é... semimecânica, com misto de intuitiva. Então, em muitas ocasiões, existe a mistura entre intuitiva e semimecânica de maneira concomitante.

[13:47] P: O que você acha que vem do médium e o que vem do espírito comunicante?

M2: Como assim?

[13:58] P: Até que ponto você consegue perceber que uma ideia é sua ou pode vir de um espírito comunicante?

M2: Então, hoje, com o tempo, com o exercício ao longo dos anos, nós temos uma certa facilidade para identificar, até que ponto sou eu, até que ponto é o espírito que está manifestando, está comunicando. Como que eu consigo fazer essa diferenciação? A partir do momento que existe uma grande parcela mental, de esforço mental da minha parte, eu percebo que está predominando eu. A partir do momento que eu tenho uma certa facilidade, uma certa desenvoltura, como diz Divaldo Pereira Franco, uma certa leveza de ideia, ausência de esforço mental, aí está havendo uma predominância do espírito comunicante.

[14:53] P: Você se comunica diretamente com algum guia, ou mentor espiritual? E em que situações?

M2: É... Na realidade, existe essa comunicação de maneira habitual com a nossa benfeitora espiritual, que se chama irmã Valquíria. Existe esse contato de maneira regular. Em que situações? Às vezes, quando a gente se encontra diante de uma situação que requer uma certa orientação... é... uma situação mais complexa, mais difícil, nós estabelecemos esse contato com ela. E nas circunstâncias também que ela julga que nós precisamos de uma certa orientação da parte dela, ela também, às vezes, se comunica de maneira espontânea... mas os contatos que eu tenho com ela são todos mentais.

[15:45] P: Como é isso?

M2: Contato mental... partindo para o lado da ciência, um contato telepático, né? Em algumas ocasiões... é... em várias ocasiões, ela também escreve pela psicografia. Mas esse contato nosso, esse diálogo nosso, íntimo, ele acontece muito pelo lado mental... por esse lado que eu comentei com você, de... uma comunicação telepática.

[16:15] P: Onde você costuma psicografar?

M2: A psicografia, nós realizamos ela na casa espírita, de maneira regular, naqueles dias que nós já comentamos... e... existe também algumas circunstâncias que o próprio espírito, ele... em comum acordo com o médium... ele pode sugerir, por exemplo, que esses encontros aconteçam ou dentro da casa espírita, fora daquele horário habitual, que nós estamos acostumados, ou na residência do próprio médium. Nós já tivemos experiências dos dois tipos. Certa feita, quando recebemos o primeiro romance mediúnico, a nossa benfeitora espiritual nos comunicou que... que iria começar a escrever esse romance. E esse romance, ele foi escrito, praticamente, 80%, 90% na minha residência, em horário preestabelecido em comum acordo com o espírito e comigo mesmo. E teve o outro segundo romance... ele foi escrito aqui na casa espírita mesmo, fora dos horários habituais das reuniões.

[17:27] P: Você permanece sozinho ou é auxiliado por alguém durante o processo de escrita? Ou seja, para virar as páginas, organizar as folhas, etc.

M2: Quando eu iniciei na psicografia, eu escrevia sozinho... sem nenhuma dificuldade... virava a folha sozinho... Mas com o tempo, a dificuldade foi aparecendo, o transe foi aprofundando, e eu passei a não ter condições de trabalhar sozinho... então, hoje em dia, eu preciso de ajuda nesse sentido. Porque eu entro... a questão do transe mediúnico. É... tive experiência, recentemente, de escrever sozinho, em reunião íntima, quando o espírito vai escrever algum livro e, às vezes, nem sempre a gente consegue uma pessoa para estar conosco, eu tive uma experiência de escrita sozinho também... mas geralmente eu tenho ajuda, sim, durante a psicografia.

[18:23] P: Você comentou a respeito da sua frequência de psicografia e, por quanto tempo você costuma psicografar?

M2: Nessas reuniões públicas, que nós comentamos, depende da demanda... Já houve ocasião de nós ficarmos mediunizados, psicografando, por volta de uma hora

e meia, duas horas, uma hora... então é muito relativo, mas geralmente a média é essa.

[18:58] P: Que tipos de materiais você utiliza para a prática da escrita mediúnica?

M2: No meu caso pessoal, eu me utilizo de... essas folhas A4, né? E caneta. Caneta e folha A4 mesmo.

[19:12] P: Alguma predileção pela caneta, especial?

M2: Não. Caneta normal mesmo.

[19:20] P: Quais hábitos ou recomendações você segue antes de praticar a psicografia? E no que você acredita que elas podem ajudar nesse caso e em que você acredita que a falta dessa preparação pode decorrer?

M2: Olha, nós aprendemos com o próprio Allan Kardec, com o próprio Chico também, é... que toda entrega mediúnica, ela tem que ser precedida por oração, né?... preparo. Então, temos que fazer, habitualmente, seja só, ou seja na casa espírita... a gente faz uma leitura, uma página do Evangelho, faz a oração, procura ter uma boa concentração, para facilitar a sintonia com os espíritos... então é extremamente importante a questão da oração e da concentração... durante desse processo, quer dizer, antes desse processo.

[20:26] P: Há ainda algum outro hábito ou recomendação que você siga e que possa ajudar nesse processo?

M2: Não, eu não costumo seguir nenhum outro hábito, não... só esse mesmo, da oração e da concentração. Outra coisa que eu esqueci de comentar, que é importante também, é o recolhimento, né?... você se recolher, principalmente interiormente, recolher pra dentro de você para facilitar essa concentração... Agora... eu não sei se você vai perguntar... se for, a gente fala mais pra frente...

P: Alimentação?

M2: Foi bom você lembrar, o ideal é uma alimentação mais leve, né? E no meu caso pessoal, o barulho não interfere em nada. O barulho.... Assim, às vezes, tem presença de pessoas, presença de crianças, algum barulho... não interfere em nada no trabalho da psicografia, não.

[21:28] P: Que tipos de texto você costuma psicografar?

M2: Geralmente nós recebemos muitos textos de autoajuda, né? Já recebemos em algumas ocasiões, romance... o espírito começa a desenvolver um assunto, capítulo por capítulo, mas geralmente são textos mais focados para a autoajuda... textos, assim, de aspecto evangélico, de orientações... é o que a gente chama de mensagens doutrinárias. Têm essas mensagens doutrinárias que nós recebemos, e têm também textos específicos voltados para os pais, né? No caso os filhos que comunicam, mandando notícias para os pais ou esposa. Enfim, né, algum parente entrando em contato com seus familiares.

[22:23] P: Você citou que já publicou livros, né? Como foi ou costuma ser essa experiência de escrever livros?

M2: Então... os livros, na realidade, nós poderíamos comentar dois aspectos. Existem os chamados livros doutrinários, que são aqueles livros que, às vezes, nas reuniões públicas que o médium participa, ou até reunião íntima... é... os espíritos vão mandando aquelas mensagens, de maneira avulsa e depois faz-se uma coletânea e publica aquele livro. Os livros de mensagens doutrinárias. E temos outras experiências que são aqueles livros em que tem que existir uma sequência... uma sequência de ideia, uma sequência de assunto... uma sequência de pensamento, que no caso são os romances. Então com os romances é mais diferente... o espírito geralmente, em comum acordo com o médium, ele marca em determinado momento para poder escrever esse livro, e ele vai mandando capítulo por capítulo, e... o que me deixou surpreso, e deixa até hoje, é que se o espírito tá mandando determinado capítulo... vamos supor que ele para no capítulo oitavo... ele para, por exemplo, em “dois pontos”... na próxima semana, isto eu tô falando... é experiência pessoal... na próxima semana o espírito vai continuar, geralmente, nessa experiência que eu tive com o romance, eu não tinha necessidade de voltar a ler onde parou. E tava ali em “dois pontos”... o espírito continua exatamente naquele ponto, desenvolvendo o seu pensamento.

[24:07] P: E quantas experiências desse tipo você teve? Quantos livros você já recepcionou?

M2: Então, nós já temos publicado oito livros... desses oito livros, dois são romances... então essa experiência com romance, é... nós tivemos experiência com dois livros... os outros são livros doutrinários... e agora, por último, essa semana mesmo nós estávamos na cidade de São Paulo, foi lançado um livro de mensagens que filhos endereçaram pros seus pais.

[24:42] P: Você tem alguma outra percepção mediúnica enquanto psicografa? A não ser a psicografia, ou seja, outras faculdades mediúnicas?

M2: Sim, é comum... às vezes, durante a própria psicografia... é comum, às vezes, acontecer fatos relacionados à vidência... Às vezes, você perceber o espírito, ouvir o espírito que tá escrevendo aquela página... então é comum, sim... é comum esses acontecimentos.

[25:16] P: Mais em relação à vidência?

M2: À vidência. À vidência mediúnica.

[28:20] P: Ao escrever livros, você costuma ler ou pesquisar sobre o assunto, o tema do livro? Em que fontes, nesse caso?

M2: Não, não costumo pesquisar... Só quando eu recebi esses romances, às vezes, até por curiosidade a gente tentava pesquisar, tentava ver, por exemplo, se o espírito ia comentar determinado lugar, uma determinada cidade, um determinado país, às vezes a gente procurava pesquisar para ver o local, enfim... Então, às vezes, sim... Mas é ideal, se um médium, por exemplo, tá recebendo uma obra, o ideal é que pesquise bem, porque é um trabalho sério, né? Pra evitar problemas futuros com

essas publicações, enfim, erros, né?... citação, às vezes, de erros geográficos, enfim... Então é bom pesquisar, é bom ler, sim. Ajuda.

[26:15] P: Em que medida que isso ajuda, então?

M2: Então... Nós lembramos de um espírito, no Livro dos Médiuns, Erasto... ele comenta, assim, que o médium simboliza um instrumento... E ele comenta que os espíritos usam do médium aquilo que o médium tem... o material que o médium tem. Ele chega a dar um exemplo... é... que o médium na condição de um instrumento... Por exemplo: se nós pegarmos um grande músico e oferecer pra esse grande músico, por exemplo, um instrumento desafinado, ele vai compor sua melodia, mas a melodia vai sair com problema. Mas o problema é do instrumento e não do próprio músico. Então eles falam que o médium, ele precisa ter a bagagem, essa bagagem mental é fundamental... então por isso é necessário que o médium não fique na ignorância, mas que estude, que colabore com os espíritos para que os espíritos possam encontrar na cabeça dele, na mente dele, o material que precisa. Porque os espíritos, às vezes, comentam que existe ocasiões que eles percebem que a cabeça do médium é muito vazia. Não existem elementos para que eles possam trabalhar.

[27:35] P: Quem digita o material manuscrito? E, nesse caso, há alguma dificuldade em compreender a caligrafia?

M2: Olha, a caligrafia, realmente, ela... ela é, assim, até hoje é desafio para as pessoas que trabalham conosco... Então existe, sim, dificuldade de interpretar essa caligrafia. Você vai ter oportunidade de entrevistar os outros médiuns, você vai ver que vários desses médiuns, aí, entregam, às vezes, aquelas mensagens de familiar, eles entregam a fita gravada... então, no nosso caso, nós não entregamos, até por orientação da nossa benfeitora, então é feita a tradução. Então nós recebemos a mensagem de maneira simultânea... existem algumas pessoas que nos auxiliam na transcrição dessas mensagens... então tem, sim, dificuldade para interpretar. Mas a gente percebe uma coisa... assim como a interpretação de uma receita médica depende da sua convivência com aquele médico, conhecer a letra dele, enfim, com o médium é a mesma coisa. Então as pessoas passam a conhecer a letra do médium e passam a ter facilidade para traduzir. Então, através da convivência, isso vai ficando fácil.

[28:53] P: Essa caligrafia, normalmente, ela tem alterações dependendo da mensagem?

M2: Então, de repente você vai perguntar para algum outro médium, ele pode até falar que não, ou que sim, né? Depende da característica de cada médium, depende da característica da mediunidade. Por exemplo, a mediunidade semimecânica, ou na mecânica, né, às vezes pode ocorrer essas diferenças de caligrafias... no nosso caso pessoal, nós percebemos que existem mudanças de caligrafia, às vezes existe... de um para outro espírito, às vezes, existem essas mudanças na caligrafia, então é normal acontecer. Mas é de acordo com a característica da mediunidade, pra acontecer essa mudança.

[29:53] P: O que você faz com seus textos manuscritos psicografados, depois de digitados.

M2: Então, geralmente nós pegamos esses textos, digitamos e arquivamos. Nós deixamos ele arquivado por um certo período. Hoje, na fase que nós estamos da mediunidade, às vezes, nós vamos juntando esses textos e, às vezes, oferecemos para alguma editora, para poder editar, para poder formar livros, enfim, mas são arquivados.

[30:29] P: Como os espíritos normalmente se identificam nas suas psicografias? Essas mensagens normalmente são assinadas ou são anônimas?

M2: Muito raramente, hoje em dia, nós recebemos mensagens anônimas... geralmente são mensagens assinadas pelos espíritos. Nós recebemos com, muita frequência, mensagem da nossa benfeitora espiritual, Irmã Valquíria. Recebemos muitas mensagens dela e recebemos de outros também... e como estamos numa outra fase, que é a fase das cartas consoladoras, como diz, ou correio espiritual, às vezes, recebemos mensagens de espíritos, cujos nomes eles assinam e são destinados aos pais presentes, aos familiares presentes, enfim...

[31:27] P: Além dos nomes, quais outros elementos nessas cartas ajudam a identificar cada espírito?

M2: Está falando especificamente da mensagem familiar?

P: Isso.

M2: Então, além do próprio nome, existem outros elementos, por exemplo. Às vezes, apelidos, ou, às vezes, algum fato particular que tenha ocorrido entre o familiar encarnado e o espírito que tá escrevendo. E nomes também, às vezes... é com uma certa frequência, nomes, às vezes, de familiares encarnados, por exemplo, de avô, principalmente de avô, avó, tia, tio, alguns nomes também são citados nessas psicografias.

[32:22] P: Você psicografa de olhos abertos ou fechados? E por quê?

M2: Olha, quando eu comecei, era com o olho totalmente aberto. Inclusive, se eu tivesse escrevendo e houvesse uma diminuição da luz, me atrapalhava... hoje em dia é indiferente... então, hoje em dia, eu posso te dizer que eu escrevo, ora com olho fechado, ora com o olho aberto, é indiferente. Hoje em dia não representa nada o fato de acabar uma energia... o espírito continua escrevendo do mesmo jeito.

[32:58] P: Normalmente com ou sem iluminação?

M2: Com iluminação, mas se precisar... eu já tive experiência em uma casa espírita que a gente vai, de cair a iluminação, continuo escrevendo normalmente. Hoje em dia. Antes, não.

[33:13] P: Você já psicografou com as duas mãos simultaneamente?

M2: Nunca.

[33:21] P: Utilizou ou utiliza a mão com a qual você não escreve para psicografar?

M2: Só uma vez, com a mão esquerda, eu recebi um pequeno trecho bem pequenininho. Só. Nunca mais... nunca mais recebi nada, não.

[33:36] P: E como você explica isso?

M2: Olha, assim... a explicação, do ponto de vista mediúnico, nós poderíamos dizer que, naquele contato ali o espírito teve um maior domínio da mão do médium e ele conseguiu manifestar. Mas, geralmente, a mão que predomina, pelo menos no meu caso, é a mão minha dominante mesmo, que no meu caso é a mão direita. Com a esquerda, não, só essa experiência, na realidade, que aconteceu. Aliás, até não foi com a mão esquerda, foi uma mensagem de trás para frente, bem pequenininha. Mas não foi com a mão esquerda, não. Com a mão esquerda eu nunca escrevi, não.

[34:16] P: Foi em espelho, no caso?

M2: Eles falam “espelho”, é... de trás para frente... mas foi um texto bem pequenininho. Tanto é que, não sei se você vai perguntar, mas só para ilustrar, eu, pessoalmente, nunca recebi nenhuma mensagem em outro idioma, sempre o idioma português.

[34:38] P: Já escreveu em dupla com outro médium?

M2: Já.

[34:44] P: Como foi?

M2: Foi uma experiência muito boa, porque nós percebíamos, em várias ocasiões, que os assuntos que psicografávamos, eles batiam, acasalavam... as ideias acasalavam. Chegava até um complementar o outro. Então, foi muito interessante essa experiência... É a mesma coisa, né, a gente lembra muito do Chico, que é a maior referência pra nós... na área da mediunidade. Aconteceu com o Chico e Waldo Vieira também, esse fenômeno... não sei se você tem conhecimento, aquele fenômeno que aconteceu com eles. O Chico morava em Pedro Leopoldo e o Waldo aqui em Uberaba. Pedro Leopoldo e Uberaba dá em torno aí de 500, 500 e poucos quilômetros ou mais, né... de distância... e... enquanto o Chico recebia, por exemplo, não sei se a ordem é exatamente essa... mas enquanto o Chico recebia, por exemplo, os capítulos pares do livro, o Waldo Vieira recebia os ímpares... ele juntou, virou um livro só. Então é interessante... nós tivemos a experiência de psicografar em dupla e ver esse acasalamento das ideias.

[35:55] P: E que tipo de texto era esse, no caso?

M2: Foi texto... texto de estudo, texto evangélico. Mais basicamente texto evangélico.

[36:03] P: E faz tempo isso?

M2: Ah, sim... Foi... já faz tempo... Foi mais, assim, no meio da caminhada, aí, da psicografia... que nós tivemos essa experiência com dois médiuns. Inclusive esse que você vai entrevistar, é... uma vez... o J. B.

[36:25] P: Então na verdade era você e mais dois médiuns?

M2: Sim eu e mais um médium só... É, eu participei de uma reunião em que ele estava presente, ele psicografou e eu também, e os assuntos acasalaram, né? E aí eu participei também durante um bom tempo com o nosso presidente da casa, que também teve uma experiência de psicografia, mas não tem, assim, essa sequência, e nós tivemos essa experiência de receber em dupla e perceber esse acasalamento das ideias.

[37:00] P: Você se sente inspirado a tratar de determinados temas ou ideias, antes de uma sessão?

M2: Sim, me sinto, sim... Em muitas ocasiões, sinto a inspiração... Em muitas ocasiões, seja nas reuniões públicas, nas mensagens doutrinárias ou na elaboração de um livro... em muitas ocasiões, às vezes, eu recebo, começo a ouvir trechos daquele assunto que vai ser tratado pelo espírito. Vamos supor que ele vai falar sobre o perdão... eu começo a ouvir alguns trechos daquela mensagem que ele vai escrever, pela audição. E, no caso de livro, além de eu começar a ouvir alguns trechos daqueles capítulos, a impressão que eu tenho é que eles, às vezes, de maneira prévia, ditam o título do capítulo, ditam algumas coisas que vai naquele capítulo, e em muitas ocasiões, também, nessa experiência que nós tivemos no romance, nós também ficávamos frustrados, porque eu ouvia parte do que ia sair naquele capítulo daquela noite, eu chegava e contava para o meu amigo... eu chegava e falava “vai acontecer isso, isso e isso”, e acontecia totalmente diferente, né? Não acontecia nada do que eu falava... é muito interessante. Então, às vezes, a gente ouve sim... é inspirado e a gente ouve essas partes, esses trechos dessas mensagens. Tem ocasião que não ouve nada, também.

[38:30] P: Normalmente quando há essa inspiração, esses temas e ideias com que você toma contato acabam se manifestando ou se concretizando nesses textos?

M2: Durante a psicografia?

P: Isso.

M2: Às vezes sim, às vezes não. Ou às vezes, também, às vezes, o que passa para a psicografia no momento é uma parte assim, bem expressiva em relação àquilo que a gente ouviu. Vou te dar um exemplo. Não sei se você conhece esse caso, Chico Xavier comenta que certa ocasião ele tava regando uma horta de alho, lá em Pedro Leopoldo, e ele viu Augusto dos Anjos, o espírito Augusto dos Anjos, e começou a ditar para ele um soneto maravilhoso, falando sobre galáxia, sobre isso, sobre aquilo, extremamente científico. Aí comenta que, quando ele conseguiu passar aquilo para o papel em uma sessão em que o espírito voltou de novo, ele conseguiu captar coisa mínima daquela beleza toda que ele tinha ouvido pela audição mediúnica. Então isso é comum... isso é o que a gente chama de filtragem mediúnica. Então, às vezes, a gente pode captar naquele momento ali, sem estar em transe mediúnico, capta com mais facilidade, depois na hora de captar pela psicografia mesmo, aquela coisa parece que fica retida... a gente capta bem menos, é a filtragem, né?

[40:01] P: Você costuma checar as informações presentes nas suas psicografias? Como e com que frequência em caso positivo?

M2: No caso, por exemplo, de mensagem de familiares?

P: Sim.

M2: Geralmente nós costumamos, porque quando a gente recebe uma mensagem de cunho familiar, consolador, uma mensagem que é endereçada para alguém, geralmente vem detalhes que a gente desconhece. Então, geralmente, quando termina a sessão, quando eu tenho oportunidade eu chego, pergunto para a pessoa se está tudo certo, se o nome foi falado, se os detalhes que foram mencionados estão certos. Eu costumo fazer isso com uma frequência boa, desde que tenha a possibilidade. Porque em muitas ocasiões, às vezes, a pessoa recebe a mensagem, a pessoa vai embora, a gente não tem contato, depois retorna, a gente pergunta, mas geralmente eu pergunto para saber como tá sendo o desenvolvimento, né? Como que tá indo e tal, mas eu costumo perguntar, sim.

[41:11] P: Quais assuntos e temas são mais recorrentes ou então predominantes nas suas psicografias?

M2: Você estaria dizendo, assim, na parte doutrinária?

[41:42] P: Temas, assim, por exemplo.

M2: É porque, no caso das de familiares, é mais simples, porque são direcionadas, né? Os temas são variados, temas evangélicos, temas de autoajuda.

[41:38] P: Alguns assunto, especificamente, têm uma maior predominância na sua escrita?

M2: Os assuntos são variados... assuntos, assim, voltados mais para a própria doutrina mesmo... assuntos evangélicos, assuntos de autoajuda, são mais ou menos assim, são variados... não consigo, assim, estabelecer uma diferença agora, neste momento.

[42:09] P: Você escreve ou já escreveu sobre assuntos que não domina, ou que desconhece, muitas vezes?

M2: Não, não me recordo de ter recebido nenhum assunto que eu não domine, assunto que seja fora do meu conhecimento, não.

[42:31] P: Seus textos costumam ter rasuras, reescritas, exclusões ou reelaborações?

M2: Muito mais do que você imagina (risos). É natural, assim, vamos voltar ao princípio. No princípio, muito mais, hoje em dia, muito menos... Quer dizer, às vezes, a gente recebe um texto, às vezes, com erro de ortografia... às vezes, tem um texto que você não conseguiu captar o pensamento correto do espírito... Aí, quando nós vamos fazer correção, quando vamos digitar, geralmente a gente sente a presença deles e, às vezes, eles corrigem de volta... Então isso aí chama o que? Isso aí chama o zelo que o médium tem que ter com o texto psicografado e a revisão. Porque, na realidade, o texto mediúnico não sai perfeito... o próprio espírito, a gente aprende... o espírito não fica pontuando o texto, então por isso que depende da participação do médium. Então, essa questão de revisar, de fazer um conserto aqui, um conserto ali, um arranjo aqui, um arranjo ali, isso aí é um procedimento normal.

[43:39] P: E normalmente é no momento em que você digita ou logo após a escrita?

M2: Quando se trata de mensagens doutrinárias, que elas são minhas, que eu vou pegar elas e vou fazer revisão e vou digitar, posteriormente... ou na hora mesmo, se o espírito achar necessário. Quando se trata de mensagem de familiares, consoladoras, que é da pessoa, que não fica comigo, que eu vou entregar, é... geralmente a própria pessoa que está traduzindo, se ela vê que precisa fazer um arranjo ali, uma coisa que ficou errado, alguma palavra que faltou, ela faz esse arranjo e entrega pra pessoa. Porque, geralmente, essas mensagens eu não tenho esse acesso. Novamente, eu simplesmente recebo, as pessoas traduzem e entrega pros seus destinatários, mas eu não tenho esse contato.

[44:34] P: Entregam os manuscritos psicografados, juntamente com o que seria essa tradução que um voluntário faz. É isso?

M2: Isso entrega... Na realidade é assim, entrega esse manuscrito, esse original, pra pessoa e por cima, o espírito escreveu aqui (mostrando na folha)... por cima eles vão traduzindo. Por cima ou do lado, mas na própria folha... no próprio manuscrito, entrega pra pessoa. Isso no meu caso, mas como eu te disse, anteriormente, existem médiuns que hoje em dia eles gravam em fita... entrega o manuscrito para a pessoa, aí ele entrega a fita junto também.

[45:11] P: E qual é normalmente o ritmo da sua escrita? Lento, rápido?

M2: Ele é variável, mas em algumas circunstâncias ele chega a ser rápido. Então, nós já tivemos experiência de ver que, às vezes, ele começa lento, acelera um pouco mais, depois mais um pouco, então é variável... depende também da sessão, depende também do próprio espírito que tá escrevendo. Então, no meu caso, eu julgo que ele seja um pouco rápido, não tão rápido quanto o Chico, mas um pouco.

[45:51] P: Você dá pausas ao longo do processo de escrita? Lê ou relê trechos, no caso?

M2: Existem ocasiões quando, eu não diria o espírito, eu diria o médium... quando ele perde o pensamento, em si, do que acontece. Hoje com muito, muito pouca frequência... então, quando perde o pensamento do espírito, às vezes, o espírito volta pra trás... volta pra trás... pra tentar corrigir o que não captou direito ali... então existe pausas, mas... bem poucas pausas, bem poucas... muito poucas...

[46:30] P: Mas no caso, quando você tem essa pausa, você retoma o texto, relê algum trecho ou não?

M2: Olha, no nosso caso, aconteceu uma coisa interessante... eu descobri isso ao longo dos anos. O espírito que tá comunicando conosco, ele arrumou um jeito de se relacionar conosco... então, por exemplo, eu estou escrevendo uma psicografia, aí a pessoa vai passando as folhas, vai passando, vai passando... de repente, determinada folha faltou alguma coisa ou ele quer corrigir, geralmente ele aponta... ele aponta com o próprio dedo, ele aponta assim (apontando)... então ele apontou, tá pedindo de volta. E a pessoa vem dando. Enquanto ele tá assim, é porque não chegou na folha que ele quer... a hora que chega, ele faz a correção e devolve para a pessoa. Quando, por exemplo, ele tá escrevendo e a pessoa... ou a pessoa não tá prestando atenção a pessoa não tá puxando a folha, ele bate (som de batida)... aí a pessoa desperta. Então, esse contato com espírito, essa maneira de se relacionar com quem

tá auxiliando foi só com o tempo que aconteceu. Não foi nada assim, premeditado por mim... o próprio espírito que inventou essa maneira aí. Então o povo já sabe, a minha esposa, que me auxilia muito, ela já tá acostumada... então, quando o espírito aponta com o dedo ou faz assim com o dedo ou, de repente, bate a caneta... então já aprendeu essa relação com ele, né? Ele próprio estabeleceu. Quando, por exemplo, o som tá baixo, às vezes, ele interrompe a mensagem que ele tá psicografando, pega uma folha em branco e põe “aumenta o som”, “diminui o som” ou “faz silêncio”, coisa desse tipo. Interessante, né?

[48:11] P: Você sente limitações ou dificuldades como médium psicógrafo? E quais?

M2: Sinto muita. Muita limitação, né? Acho que o médium que falar que não tem limitação, ele tá sendo presunçoso. Eu sinto muita, muita limitação. Eu sinto, por exemplo, principalmente como médium de cartas de familiares, eu sinto limitação... eu sinto que, às vezes, eu poderia conceder mais liberdade pro espírito, pra comunicar e, às vezes, a gente retranca porque, no meu caso pessoal, e geralmente os médiuns semimecânicos, durante o momento do transe, eles estão consciente ou semiconsciente. Então imagina você, você tá consciente, tá passando aquela enxurrada de pensamento na sua cabeça, então se você não tiver uma certa segurança, você retém ou deixa passar. Então, às vezes, eu percebo a minha limitação nesse sentido. Às vezes, a gente consegue receber algumas cartas destinadas aos familiares, que elas não vêm tão ricas de detalhes quanto vinham pelo próprio Chico... nomes, circunstâncias, enfim. Daí eu me sinto limitado, sim... me sinto limitado tanto do ponto de vista quando eu estou psicografando, quanto do ponto de vista também das percepções. Por exemplo, enquanto Chico via com muita frequência um espírito escrever, e pegar uma notícia com sua mãe e com seu pai, o Chico via o espírito, conversava com o espírito, dava informação, a gente não tem essa percepção... tem de vez em quando. No nosso caso, essas percepções existem, mas elas são, assim, apesar de frequentes, mas não são tão frequentes quanto a gente gostaria que fosse. Então existem limitações, sim.

[50:10] P: Isso gera algum sentimento, especialmente por essa sensação que você descreve assim? Como você se define nesses momentos de limitação?

M2: Olha, antigamente eu ficava, assim, muito mais frustrado do que hoje... ficava frustrado e, às vezes, até atrapalhava o desempenho. Hoje, não... Hoje eu tenho consciência que eu tô fazendo o que eu posso, estou fazendo a parte que eu posso, estou colaborando da maneira que eu posso, e a gente continua servindo apesar disso. Mas lá no fundo, bem lá no fundo, fica aquele sentimento, assim, às vezes, de frustração... de poder ter desempenhado melhor a função e não conseguiu, mas eu, pessoalmente, estou lutando para me aprimorar cada vez mais nesse sentido. É o meu desejo.

[51:08] P: Você já sentiu alguma dúvida em relação que você psicografa?

M2: Sim. Já senti, principalmente no começo. A dúvida, na realidade, nós acreditamos que ela faz parte desse processo, né? Se não existisse a dúvida, provavelmente a gente não estaria se esforçando para aprimorar, para ficar melhor, né? Então a dúvida faz parte. A dúvida, na realidade, ela vai nos ajudar a desenvolver o senso crítico. Então os próprios espíritos nos orientam que nós temos que ter muita cartela, né? Porque o trabalho da psicografia, na realidade, esse contato com o plano espiritual, é

uma coisa muito séria, uma coisa sagrada, né? E como é uma coisa tão séria assim é que nós temos que ter esse senso crítico bem apurado, então a dúvida faz parte. Faz parte, mas não tão parte assim até o momento em que começa gerar certos conflitos na pessoa. Mas uma dúvida assim, bem assim, amena, é importante, né?... Mas não a ponto de gerar conflito. Fala “Ah, é ou não é?”. Eu, graças a Deus, eu não tô nesse estágio, né? Já tô mais pra frente. Não tenho dúvida “sou médium ou não sou”. Sou médium. “Tô trabalhando?”... Tô trabalhando, com o recurso que eu tenho, ajudando da maneira que eu posso, mas tô trabalhando.

[52:50] P: Como se dá a relação com aqueles que recebem as mensagens psicografadas? Especialmente como você comentou, das mensagens familiares? Como é essa relação com as pessoas?

M2: Em que sentido, por exemplo?

P: Há alguma dificuldade nisso? Como é que elas reagem?

M2: Olha, assim... no meu caso pessoal, essa relação é muito boa. Para você ter uma ideia, a gente começa esse trabalho, nós estamos aqui, a nossa casa é pública, a pessoa nos procura por livre e espontânea vontade, né? Graças a Deus, não cobramos nada pelo que fazemos, a pessoa chega de maneira espontânea, a porta tá aberta, entra, participa da sessão e acontece algo muito interessante. Nós passamos a... passamos a formar laços de amizade. Então hoje em dia, nós temos muitos amigos, pessoas que nos procuraram numa situação difícil da vida, num período de sofrimento, de lágrima, de dor, devido a esse fenômeno da separação pela morte física, então em muitas ocasiões eu posso te dizer, numa margem de 100%, 80% se tornam amigos nossos... amigos, retornam já mais equilibrados e estabelece um laço de amizade. E muitos deles, além de amigos, às vezes, nos convidam para fazer trabalhos fora, como fizemos a semana passada na cidade de São Paulo, e assim por diante. Então é uma relação muito boa. Existem alguns casos que... é uma relação às vezes difícil, uma relação de frustração? Sim, me lembro de alguns casos, poucos, né? Numa margem de 100%, 5%... Mas existe? Existe. Por quê? Porque a mensagem que a pessoa recebeu não atendeu suas expectativas, às vezes, foi uma mensagem muito vaga, uma mensagem que não trouxe nenhuma informação, nenhum dado que comprovasse a identidade daquele espírito, né?. Mas, no geral, a relação com essas pessoas é uma relação muito boa, uma relação de amizade, de respeito, enfim.

[55:15] P: No caso dessas pessoas que não enxergam, talvez, indícios de identificação desses espíritos comunicantes, qual normalmente é a reação dessas pessoas?

M2: Às vezes, a própria pessoa, depois, ou por carta, ou por e-mail, ou pessoalmente... a própria pessoa se mostra frustrada, aflita, porque não conseguiu identificar seu familiar. Às vezes, além de ficar frustrada, fica assim, extremamente cheia de conflito, porque, às vezes, também pode ter vindo algum elemento na mensagem que veio errado. Então, isso ainda dificulta mais esse processo de aceitação por parte da pessoa. Então, isso costuma acontecer também.

[56:10] P: Certo. E o que você aprendeu como médium psicógrafo?

M2: Eu posso te falar o que estou aprendendo, né?... porque o aprendizado é contínuo, o aprendizado é permanente. Nossa, eu... se eu for pensar o que eu aprendi, o que estou aprendendo, eu posso te falar que daria livros e livros. Porque esse contato com as pessoas... porque nós temos o hábito, antes de fazer essas psicografias em público, nós temos o hábito de receber as pessoas, numa entrevista rápida... então, nesse contato aí, nós aprendemos todos os dias... Cada dia é uma experiência interessante. Para você ter uma ideia de alguma informação nesse sentido, algo que nos tocou bastante, na semana passada, nós tínhamos um trabalho desses para realizar, e temos um amigo pessoal, um médico, ele nos ligou e pediu se tinha condições de atender um filho dele que... tava passando por um determinado problema. Esse filho, um rapaz de vinte e poucos anos, já casado, veio com a esposa... e ele nos procurou, ele falou para nós que o motivo que ele fez procurar a doutrina espírita, procurar os livros, pesquisar na internet... é... pesquisar as obras de Kardec, foi porque ele perdeu um cachorrinho... ele perdeu um cachorrinho de uma convivência de uns quinze anos. E, resumidamente, uma coisa que nos tocou... ele disse assim que a perda desse cachorrinho despertou nele e na esposa... estava despertando o sentimento de fé, o sentimento de valorizar a vida, de que tudo é transitório, é... estava despertando nele a necessidade de fortalecer a fé dele, a necessidade de procurar mais Deus, porque eles, acho, que estavam um tanto distanciados de Deus... pela perda do cachorrinho. Então, esse exemplo que eu te dei... então, tem vários outros exemplos que acontecem nessas reuniões. Então, são aprendizados constantes pra nós. E também esse contato com os espíritos também é um aprendizado constante... como eles nos auxiliam, como eles conversam conosco, como nos orientam, como eles vão nos exigindo, entre aspas, no dia a dia, a vivência do Evangelho, enfim... então esse contato com eles é muito rico, muito rico de aprendizado. Muito rico mesmo.

APÊNDICE F – Transcrição: Entrevista com médium 3 (M3)

Na transcrição, “P” refere-se ao pesquisador e “M3” ao médium informante.

Médium 3 (M3)

Sexo masculino, 54 anos de idade.

Grau de escolaridade: Ensino Superior

Profissão: Médico Psiquiatra

Tempo de experiência com a psicografia: 23 anos

Duração total: 1:31:36

[00:45] P: (...) Qual grupo ou centro espírita você frequenta e quais dos seus trabalhos espirituais envolvem a psicografia?

M3: Olha, é... atualmente, a minha psicografia eu tenho dedicado somente no culto do Evangelho do Lar, mas durante muitos anos eu desenvolvi a psicografia no L. P. J. Atualmente, no centro que eu trabalho, eu trabalho somente com a exposição do Evangelho e passe. Foi justamente o momento em que eu dediquei à produção intelectual na saúde mental... e aí é muito difícil manter a psicografia e a produção como escritor. Muitos conseguem, eu conheço amigos que psicografam e escrevem, por exemplo, agora, eu parei de escrever, automaticamente aumenta a potência na psicografia.

[01:48] P: Ao que você atribui isso?

M3: Eu acho que tem que ter uma disponibilidade, no meu caso, não acho que é todos... uma disponibilidade mental. Por exemplo, eu sempre psicografei, comecei com dezessete anos a psicografar. E a psicografia era muito fortuita, em casas espíritas, um processo muito veloz e um processo que dominava o fluxo mental, as ideias, as produções. Quando eu fui disciplinar, já mais adulto, com orientação do Chico, ele pediu que eu estudasse um pouco de literatura, que eu estudei com o professor Fausto De Vito, porque o Chico dizia que se o médium não tem um arcabouço, esse fluxo mental vai sempre tender a uma espontaneidade, uma desorganização. E que ele teria que facilitar em termos de ter cultura literária, para que os espíritos pudessem manipular isso. Só que no processo da psicografia, o fluxo criativo é automático, é veloz, e quando se está psicografando, a gente... eu, no meu caso, diminui a capacidade intelectual de produzir texto, de produzir poesia, de produzir com meu estilo. Com meu jeito de dizer, com meu jeito de pensar, então eu sinto muito o espírito porque é totalmente diferente, eu morro de inveja deles. A mensagem vem com uma facilidade de raciocínio, de lucidez, de simplicidade. Eu tenho uma linguagem barroca, rebuscada, difícil, e os espíritos são simples, cultos, mas simples.

[04:17] P: Você gosta de ler? E que tipos e gêneros de texto?

M3: Leio vorazmente. Eu descobri os livros de espiritismo lendo. Eu lia, e leio vorazmente. E sempre li muito, sempre fui um homem de leitura... e estudo muito, gosto muito de estudar.

[04:47] P: E você gosta de escrever?

M3: Se me perguntar, eu acho que hoje, com a idade que eu tenho, eu gosto mais da minha escrita psicográfica do que a minha pessoal. Tenho quatro livros psicografados, três livros já publicado da minha autoria, como médico, e um como poeta. Eu acho a minha produção muito inferior à da psicografia.

[05:28] P: Mas desde que idade você gosta de escrever? Que você se recorda...

M3: A psicografia, ela foi algo que apareceu a partir de uma habilidade da escrita. Só que quando eu fui exercitar ela é que eu vi que era totalmente diferente da escrita. As pessoas que discutiram comigo “olha talvez você possa ter psicografia”, “psicografia pode ser o caminho”, eles olhavam a habilidade que eu tinha na escrita. Só que quando eu fui psicografar é que eu comecei a perceber que o processo mental... que as ideias vinham com velocidade, com domínio, e que o texto saía claro. Tinha, por exemplo, *Centelha Divina*, que é um livro que eu... Ele foi recebido em seis encontros com o doutor Henrique Kruger, cada encontro não ultrapassava quarenta minutos... Então era dez mensagens, dez textos sobre temas diversos que vinham numa velocidade impressionante.

[06:58] P: Totalmente, digamos, fora do...

M3: Diferente do meu esforço, porque eu... pra mim escrever, é um esforço exaustivo, cansativo.

[07:12] P: Como é que foi a sua infância?

M3: Minha infância? A infância, muito tranquila, eu uma pessoa... estudioso, quieto. Embora fosse uma infância diferente da de hoje. Porque era uma cidade do interior, era cheio de brincadeiras na rua, de liberdade, que não se tem hoje. Com banho na cachoeira...

[07:50] P: E como você conheceu o espiritismo?

M3: Lendo. Eu tava lendo a coleção do Jorge Amado, terminou o Jorge Amado, tinha um livro... uma coleção azul, um azul forte, como a lâmpada (apontando), que era a coleção do Kardec. Aí eu li as obras básicas, e aí eu não sabia onde que se tinha espiritismo... eu sou de formação católica, eu não sabia. Aí um dia eu tive um sonho, e aí depois eu fiquei sabendo que eu sonhei com o centro espírita de Conceição, na... só que não existia mais, como eu sonhei. Eu sonhei com um centro que existia... que foi a primeira casinha dele. Eu não sabia que lugar que ficava, aí um dia eu tava vendo lá, alguém subindo, e a pessoa subiu com uma garrafa de água. Embora eu não tivesse lido sobre água fluída, eu não sei por que eu achei que aquilo tinha a ver com os livros que eu tinha lido, eu segui a pessoa.

[09:03] P: E que idade você tinha?

M3: Tinha dezesseis anos... ia completar dezessete. Nisso eu acompanhei essa pessoa, entrei no centro. Aí passei a frequentar, que era a casa Joana D'Arc, em Conceição..

[09:22] P: Foi aí que você se tornou espírita?

M3: Sim.

[09:29] P: Mas na sua família... você cita que a formação...

M3: É católica, aí depois eu passei a conviver mais, e descobri que eu tinha uma tia espírita. Mas ela não morava em Conceição... é médica, psicóloga.

[09:47] P: E não se falava na sua família a respeito da psicografia de alguma maneira?

M3: Não, não se falava, inclusive nem da... Era um "não dito" essa... né?... o espiritismo. Apesar que, com o tempo, eles aceitaram com naturalidade que tivessem mais um espírita.

[10:13] P: Mas isso não te causou nenhuma situação de conflito, dentro da família?

M3: Não.

[10:24] P: Quando é que você teve sua primeira experiência mediúnica? E como foi?

M3: A minha primeira experiência mediúnica? Assim que eu passei a frequentar o centro, eu comecei a estudar, e eu passei a ter algumas vidências. Aí eu via... é... um benfeitor espiritual, e... nesse tempo eu passei a comentar lá com as pessoas, e as pessoas me orientavam, e... depois que eu tava com... é... dezessete anos, sugeriram que eu iniciasse o treino da psicografia. Só que depois, eu... como diz... assim que eu terminei dezessete anos eu vim para Uberaba fazer vestibular. E no vestibular ficou extremamente impossível... Era um momento de dedicar aos estudos, e todo centro que eu ia, diziam para mim focar na formação, no trabalho, tal. Aí eu entrei na medicina... aí, como eu continuei na mocidade espírita, o ano do cursinho, né, do terceiro ano... assim que eu entrei na medicina eu passei a frequentar algumas casas aonde eu fazia o treino da psicografia nas reuniões públicas de estudo do Evangelho e passe.

[11:56] P: Bom, você tem outros tipos de mediunidade além da psicografia ou desde essa época já tinha também? De forma ostensiva, né?

M3: É... Tive anos e anos seguidos, eu tinha uma intuição muito clara e uma vidência muito clara. Aí eu consigo notar por exemplo, os períodos que eu passo a centrar muito na vida profissional, é... no começo eu tinha, e as pessoas tinham essa... esse pedido... que eu percebesse se era loucura ou se era obsessão, e os espíritos foram cortando qualquer interferência no cotidiano.

[12:54] P: De outras percepções?

M3: De outras percepções. Então, no começo eu tinha, por exemplo... eu atendia uma pessoa e eu percebia a situação espiritual, e tal, as influências. Embora por exemplo, eu não sei se isso é uma questão da espiritualidade, ou se é uma questão inclusive

da minha postura como terapeuta, que eu trabalho com qualquer espiritualidade. Então por exemplo, se a pessoa é espírita, eu trabalho o que ela tá sofrendo no espiritismo, mas se ela é evangélica, eu trabalho como que ela lida com aquilo como evangélico, se ela é católica, como católico. Foi a minha formação como terapeuta de não tentar fazer da dor da saúde mental uma necessidade da pessoa (que) já tá em caos, ela ter uma ruptura cultural maior ainda. Então ela trabalha com o sofrimento mental na cultura de referência dela.

[14:11] P: Há quantos anos você psicografa? E você se lembra como foi sua primeira experiência com a psicografia?

M3: As primeiras experiências quando eu psicografei nas casas espíritas durante o curso de medicina, aí quando eu vou para Belo Horizonte, eu faço quatro anos de estudo de residência, eu não psicografo, retorno para Uberaba... aí, como eu tinha casas espíritas conhecidas, eu volto a psicografar imediatamente.

[14:55] P: Isso por volta de quando?

M3: Por volta de 90, aí eu psicografo de 90 até 2002, interruptamente. De 2002 eu dedico à profissão e passo a psicografar em casa, uma vez que eu mudo de centro espírita, e no centro que eu trabalho hoje, eu passo um tempo muito dedicado a profissão, e hoje eu trabalho em um centro onde eu não sinto necessidade de trabalho da psicografia. Já tem um psicógrafo. É um centro dedicado em cima de um psicógrafo, né?

[15:46] P: Ter um psicógrafo é uma opção que os centros fazem, de alguma maneira?

M3: Eu não refleti sobre isso... eu acho que sim, na maioria fazem... se organizam... como se organizam em torno de um médium de cura.

[16:13] P: E você se recorda do momento da sua primeira psicografia? Como foi sua primeira experiência com a escrita mediúnica?

M3: Em uma reunião de um centro espírita, colocaram caneta e folha, eu tinha 17 anos, pediram para eu tentar. Veio um texto que foi produzido em uns cinco dez minutos, muita rapidez e, na época, o que me assustava é que apesar da rapidez e do raciocínio muito lógico, tinha muitos erros de português. E isso eu só consegui superar quando o tio Chico pediu que eu estudasse mais. Ele olhou as psicografias, pediu para estudar mais, pois não era automático... até pediu para eu aprender trovas, arte poética. Para facilitar o esforço dos espíritos.

[17:25] P: De alguma maneira é uma contrapartida ter algo a oferecer para esse momento, a ideia é essa?

M3: Eu acho assim... você tem, por exemplo, você tem médiuns que cada vez parece que são mais raros, que o espírito sobrepõe, e o fenômeno é muito mecânico, então é muito direto, muito físico, embora qualquer mediunidade no entendimento da gente passa por sintonia... agora tem médiuns que você tem um processo em que, como mantém a consciência... eu sempre mantive a consciência... quanto mais recursos você tem, quanto mais você está com esses recursos disponíveis, mais o espírito se manifesta com... inclusive expressando seu estilo, sua linha de reflexão, de ideias.

[18:40] P: Qual foi o seu processo de desenvolvimento da mediunidade? Enfim, de treino, de prática da psicografia? Como foi a partir dessa primeira experiência?

M3: Primeiro eu psicografava toda reunião que tinha estudo de Evangelho, que era três vezes por semana. Aí, na época eu tive o encontro com o Chico, e ele pediu que eu fixasse um horário e treinasse diariamente, durante um período que durou uns três a quatro anos. Ele dizia que era um tempo que eu teria preocupação de estar estudando, de estar criando consciência, de ler, de fazer uma triagem, uma reflexão crítica sobre o conteúdo recebido e tal.

[19:35] P: E durante quanto tempo você praticava a psicografia diariamente?

M3: Trinta minutos.

[19:44] P: Era o suficiente pra...

M3: É... Assim, não sei se era o suficiente...

[19:44] P: Mas o Chico não recomendou uma duração?....

M3: Ah, ele falou "trinta minutos por dia pelo menos"...

[20:04] P: Certo. E para você, o que é a mediunidade e o que é a psicografia?

M3: Para mim a mediunidade é uma possibilidade da expressão, de uma vida espiritual, da vida espiritual, digo, da personalidade imortal, que aí vai sobre o cotidiano, sobre o caminho, sobre o destino. Então, pra mim a mediunidade é a possibilidade de criar uma vida para além dos sentidos. Eu penso muito como espiritualização. A mediunidade, ela tem uma função muito maior de criar espiritualidade, permitir que a gente supere a vida muito restrita à sensorialidade do que... é... uma magia... né?

[21:06] P: E a psicografia?

M3: A psicografia, para mim, no dia-dia, é onde se eu fosse... é onde eu mais sinto que eu sou um cavalo, a expressão do povo da... o espírito, ele expressa, cria, fomenta. Então, por exemplo, esses anos de psicografia, eu tinha receituário de homeopatia, e eu não sei se quando eu vou muito para a clínica, parou porque a crítica aumentou ou se parou porque eu não tinha tempo para dedicar com tanto... Mas foram dez anos de receituário com homeopatia sem eu conhecer homeopatia, sem ter estudado homeopatia... né? Então apesar de ser algo consciente, os fenômenos, eles fluíam com muita naturalidade, espontaneidade.

[22:23] P: Qual era o tipo de psicografia propriamente que você praticou durante esse período, esses anos?

M3: Tinha a doutrinária... de conteúdo doutrinário, poesias, o receituário e... muito escasso, cartas de familiares.

[22:45] P: O que predominava entre esses tipos de texto... qual que era?

M3: Sempre na reunião, que é uma interação da reunião, tem no culto, também é a mesma coisa mas é uma interação menor, que era quase um diálogo da espiritualidade com as pessoas ali, tanto através do estudo doutrinário da mensagem doutrinária, como da poesia. Que sempre estava muito vinculada a questões que a gente nem percebia, mas que eram demandas, dores inquietações das pessoas ali presentes.

[23:27] P: E passando por diversos gêneros, tipos de textos, mas sempre com esse intuito de...

M3: Sim, eu tinha essa facilidade... às vezes meia hora, que eu fazia o receituário em meia hora de mensagem, eu recebia um soneto, algumas trovas e uma mensagem doutrinária. Com muita velocidade.

[23:58] P: E como você sabe o momento de psicografar?

M3: O momento de psicografar, para mim, nunca foi algo assim fora de uma disciplina do trabalho... então, por exemplo... eu tenho um livro que eu recebi, só serve para a confirmação do valor da mediunidade, porque eu não conhecia Manuel Bandeira, e é Manuel Bandeira perfeito. Foi psicografado em dias de trabalho, enquanto eu consultava... e nunca organizei esse livro para publicar, demos para um amigo nosso, Valter Marcelo, que ele dizia “no mundo da psicografia não tem valor doutrinário nenhum, não serve para nada”... né?... assim, é uma pura expressão do poeta. E nesse tempo de organização, a gente começa a organizar a vida, então eu sempre tive horários fixos para psicografia, e nesses momentos eu tinha uma destinação. Então, a partir desses horários, surgiu horários que eram de recepção de livros, quando houve esse trabalho, mas que era orientado pelos espíritos mesmo. Através da psicografia, eles já orientavam esse outro trabalho. Mas sempre foram momentos muito típicos... então, esse negócio, dizendo sem se preocupar com as palavras, de psicografar toda hora, só antes do desenvolvimento.

[25:55] P: Mas eu digo assim, no momento de psicografar, para dar início a psicografia, tem algum sinal, alguma coisa que você possa... que realmente você sinta que é a hora de psicografar, é o momento?

M3: Sempre tive um horário como se fosse algo assim... num horário combinado, no horário do trabalho, era imediatamente. Fazia a prece, a leitura do Evangelho, começava a psicografia, o texto, as ideias vinham com uma velocidade, com uma fluidez geral. Assim, o que me espantava? É que apesar de estar consciente, eu às vezes ficava tenso, achando assim, “nossa, esse texto vai prolongar demais”. E acabava no horário combinado e assim... junto com o final do outro trabalho, sem que eu assustasse... porque eu, como uma pessoa que tem cultura, de forma nenhuma... não tenho como ter feito a administração desse texto no tempo.

[27:19] P: Me diga o que você sente enquanto psicografa? Quais são as suas percepções no momento, nesse momento... nesse processo?

M3: É... A verdade é que eu não sinto nada... eu só sinto... eu deixo de sentir o ambiente, eu sinto pouco o ambiente. E o que fica vivo é a ideia do espírito que vai ganhando uma velocidade e um automatismo. Então, é como se eu virasse um texto... eu deixasse de sentir frio, incômodo, e ficasse... o barulho, tudo... mesmo o que está

me incomodando antes, quando começa, para de incomodar e o texto domina, ele fica visceral. Né? Então, por exemplo, o *Embalos*, que a gente publicou pela editora lá do Z. H. e a J. Ele foi recebido... são três autores... e os textos têm estilos diferentes. E eles vinham... como um vômito, né? E era assim, muito veloz e intempestivo, não raciocinava e eu não percebia estilos. Depois que terminava é que eu via com assinatura e via que um tinha uma história, o outro era um texto mais filosófico, o outro mais juvenil. Então, assim, no momento, por exemplo, eu não percebo cores, não percebo perfume, é... não. Eu percebo as ideias e ela é uma ideia, não é como quando eu escrevo, que eu tenho uma briga comigo. Né? Eu converso com autores, eu converso... não. O texto, ele vem limpo de uma vez, né?

[29:48] P: Então você tem nesse momento alguma percepção simultânea ou não? Outros tipos de percepção mediúnica a não ser a psicografia?

M3: Não... nada, nada, nada. Por exemplo... é... às vezes não percebo... então por exemplo, quando eu fazia um trabalho público do receituário, às vezes essas pessoas chegavam até para me tocar e eu não via. As outras pessoas do grupo que geriam para não... Né, porque todo mundo tem essa ideia, “vai desencarnar o médium!” (risos) e tal, mas é nesse sentido assim até que as pessoas faziam, né? Eu acho que não teria problema nenhum, a não ser um grande susto... mas assim, eu não percebia, eu percebo o texto.

[30:42] P: Certo, então essas sensações, elas... digamos... essas sensações variam ao longo da escrita ou não? Há uma linearidade?

M3: Com os benfeitores amigos, sim. Agora, por exemplo, quando é... quando tá recebendo um livro, que é um benfeitor, muitas vezes ele trazia pessoas que escreviam e as pessoas tavam vindo sob a coordenação. Então, por exemplo, eu já recebi um poeta que, recém-desencarnado, que assinava com o Irmão Lua, eu que dei o nome do poeta. E eu passava muito mal, passava muito mal... chegava a ter mal estar físico, angústia, desespero.

[31:46] P: Durante a escrita mesmo?

M3: Durante a escrita. Eu fui acompanhando durante o *Centelha Divina*, esse espírito, ele vinha junto com o doutor Henrique Kruger... porque eu recebi todo esse *Centelha Divina*, tirando duas mensagens que foram no centro espírita, dentro do sanatório, no plantão. Eu dava plantão médico, então tinha horário que eu marcava pra recebimento de mensagem e ficava lá tranquilo... então vinha esse espírito, aí, sim, eu sentia muito mal estar, que era um espírito em recuperação. Depois ele ficou bem, tava muito tranquilo, já, superando o trauma da desencarnação... e das lembranças. E de vez em quando ele voltava a escrever. Aí, engraçado, ele já não escrevia com estilo próprio, o Doutor Henrique, quando terminou o *Centelha* pediu que eu rasgasse essas mensagens desse espírito.

[33:02] P: Quem é esse doutor que você mencionou?

M3: O doutor Henrique Kruger, que escreveu o *Centelha Divina*, que fazia o receituário e eu lembro...

[33:16] P: Quem é ele?

M3: É um médico muito bondoso que desencarnou há... Foi espírita uberabense, ele era um homem de muita bondade... as pessoas que o conheceram, eu atendo pessoas que até hoje se lembram dele por ter convivido. Então, tem uma velhinha, que ela trabalhou com a mediunidade, mas ela conheceu o doutor Henrique em vida, e ela, até hoje, considera ele como um homem que fez a diferença na vida dela, ele era muito humanitário, muito bondoso...

[33:58] P: E qual é a relação que você tem com esse espírito? Ele é algum tipo de mentor ou guia espiritual, enfim, como você define essa sua ligação com o doutor Henrique?

M3: Eu costumo dizer que ele é um grande amigo e um grande benfeitor... da minha vida... mas eu sinto que ele, o interesse dele era muito mais o trabalho com a humanidade do que comigo. Porque a gente... () eu sinto que vínculo era muito pessoal, muito ligado às lutas que a gente tem enquanto ser humano... ele tinha toda uma preocupação, mas a questão dele era o trabalho com as pessoas, um trabalho de orientação, de esclarecimento, de cuidado das pessoas.

[35:00] P: Você se comunica diretamente com um guia ou mentor espiritual? E em que situações?

M3: Então... Eu acho que eu não conseguiria responder de uma única forma. Eu costumo dizer o seguinte, quando... eu me coloco no trabalho em que os benfeitores amigos tão usando a minha mediunidade para uma benção coletiva, o convívio é diário. Mas, não é diário porque obstinadamente eles me protegem. Porque o trabalho pede uma disciplina... Por exemplo, para esses trabalhos de psicografia, eu não sei os outros médiuns... muitos médiuns não fazem isso, mas eu, por exemplo, tinha que parar meu trabalho cinco da tarde pra psicografar uma noite, uma noite toda. Eu não conseguia, não era assim, era automático na hora, mas eu ficava em silêncio, ouvindo música erudita, com leituras e tal... Então, assim, eu costumo dizer que a minha relação com os guias é assim, quando eu faço... tem algum projeto de prática do bem, eu os sinto muito vivos na minha vida. Nas minhas lidas pessoais, não sei se isso é bem ou mal, mas cada vez mais eu sinto que eu tenho ficado mais... tendo que labutar. Muitas vezes eles aparecem através dos livros, da leitura, da reflexão séria. Agora, por exemplo, quando você tem um trabalho, os benfeitores amigos que organizam aquele trabalho, eles passam teu cotidiano. Então por exemplo, já teve momentos em que tinha diálogos íntimos e muito... Então tinha poetisas e poetas, que eles faziam verdadeiros diálogos com a vida. Então por exemplo, tava tendo... eu tinha determinado problema, ou eu tava, por exemplo, em casa, preparando pra uma sopa, e a Dona Cora Coralina escrevia um texto sobre a sopa no horário do Culto do Evangelho no Lar. Mas não porque ela desse importância ao meu trabalho de sopa, não, acho que era muito mais pelo trabalho que ela fazia com a juventude, escrevendo poema na reunião para eles. Então, assim, não tem esse vínculo muito pessoal.

[38:33] P: Direto digamos, né? Tem outros meios, é isso?

M3: Eu procuro outros meios. Eu acho que, no começo, se você me entrevistasse há muitos anos atrás, eu te falaria muitas histórias, que eu fui perdendo por disciplina. Por querer, na relação pessoal, mais estudo, menos dependência, mais autonomia de... sabe... de falar “tá no livro”, então não preciso de economia, eu não preciso que

eles venham e refaçam aquilo que eu posso ler, refletir... Mas, assim, é uma luta minha. Eu... não acho que é valor ético, geral.

[39:26] P: O que você acha que vem do médium e o que vem do espírito comunicante?

M3: É... Eu vou dar um exemplo. Outro dia eu fui em uma reunião... e cheguei em casa, passei a tarde estudando psiquiatria, porque eu tinha que dar curso. Aí, no culto do Evangelho, eu esperava muito que viesse um tema de psiquiatria, porque, quando começou a psicografia, eu senti um médico amigo, que é doutor Adroaldo, e que eu fui aluno dele, fui colega de trabalho, a gente dividiu direção no departamento de medicina preventiva, ele era coordenador e eu era vice coordenador, fomos amigos, trabalhamos juntos no sanatório, e ele veio e escreveu um texto evangélico, nada de saúde mental. Não é? Então, não tenho muito domínio, assim. Muitas vezes eles tocam necessidades que eu não percebo... né? Agora, tem momentos que é o contrário, eles respondem indagações, respondem questões íntimas. Agora, eu sinto que... eu tenho um rigor, um medo de... Por exemplo, na saúde mental, eu apesar de, por exemplo, *Centelha Divina* ser um livro que ajuda muito a saúde mental, eu evito. Agora, nada do que é produzido é fora... usa... a lógica do menor esforço, né? Então por exemplo, o conhecer... facilita porque o espírito, ele utiliza aqueles recursos que você tem. Então, por exemplo... ah... eu sou péssimo trovador, eu reconheço que eu faço um poema livre melhor. Só que os espíritos escrevem trova, eu fico espantado com a habilidade, com a rima, não são rimas pobres, eu tenho uma tendência a rima pobre quando eu escrevo por mim mesmo. Então, assim, eu não sei se eles escreveriam trova com perfeição se eu não tivesse estudado, se eu não tivesse criado o registro mental das sete sílabas tônicas, da sílaba poética.

[43:00] P: Sim... E, normalmente, onde é que você costuma psicografar... o local?

M3: Por exemplo, nesse momento que as minhas atividades do centro são de estudo, eu psicografo só no culto do Evangelho do lar, antes eu psicografava no L. P. J., e aí psicografava em um dia determinado e fazia recepção de livros em horário também determinado. Hoje, os horários que eram de recepção de livros, eu transformei em culto. Eu faço culto do Evangelho, faço oração das dez horas. É um jeito que eu tenho de criar uma disciplina interna, íntima.

[43:40] P: E você costuma fazer a prática de psicografia sozinho ou sendo auxiliado por alguém?

M3: No centro, sempre sendo auxiliado, não sei por quê. E na recepção de livros, eu sempre fiz sozinho... É... eu não sei entender por que no centro eu tenho uma dificuldade para passar a folha, precisa de alguém pra passar folha, e em casa eu passo a folha normal...

[44:20] P: No centro você sente essa necessidade da presença do auxiliar, realmente?

M3: Sim.

[44:27] P: No caso, durante o processo ou para virar as páginas...

M3: É, e também eu acho que não é só isso, eu acho que tem uma questão da concentração, e tem uma questão do ambiente, da influência que o ambiente externo exerce sobre a gente. Porque para você se isolar das influências, da dispersão da

atenção... é... se tem outra pessoa te ajudando, cria uma máquina de trabalho ali, uma engrenagem.

[45:06] P: E com que frequência você psicografa? Diariamente, semanalmente, que dias, que horários?

M3: É... quando tem um trabalho, por exemplo, de livro, é quase diariamente...

[45:20] P: Durante quanto tempo mais ou menos?

M3: Durante o livro.

[45:25] P: Mas eu digo, durante qual período de tempo?

M3: Nunca psicografei mais do que trinta, quarenta minutos. Nunca psicografei mais do que isso. No centro que a gente tinha reunião de três horas, porque era um receituário imenso. Agora... é... quando eu não tô recebendo livro eu psicografo uma vez por semana, no culto, né?... não psicografo todo o culto. Porque, pra ser sincero, como o culto é eu e a Luinha (cadela de estimação), eu acho que é banalizar a mensagem... Não deu tempo de eu refletir, fazer aquilo que eu li... eu já tô recebendo outra... Agora quando é no centro você tem uma dinâmica que o outro necessita também, né? Você tem uma produção que é dada pelo entre. As mensagens tão sempre no entre, muitas vezes a gente sentia que o benfeitor tava escrevendo pra determinada pessoa... E tem um episódio muito legal do Jerônimo, que uma mulher da periferia chegou, o filho tinha sido preso naquela hora e eu conheço... a mulher é carne de peçoço, a gente trabalhava na periferia, difícil pra danar... não escuta ninguém, e ele escreveu um texto lindíssimo, longuíssimo para ela. E eu não tava com a menor intenção pra ela, porque eu já tinha costume de cuidar dela, de atender ela e sabia que ela não tinha facilidade de diálogo. Que ela queria falar dela, mas não queria ouvir... mas ele queria insistir em falar. Então, assim...

[47:41] P: Jerônimo, que você mencionou...?

M3: Jerônimo Mendonça.

[47:48] P: À época encarnado ainda?

M3: Não, desencarnado.

[47:56] P: E você psicografou, digamos, por muitas oportunidades com ele?

M3: Muitas, muitas, muitas. E é uma pessoa muito frequente na minha vida. Antes de ele desencarnar, eu o encontrei por três vezes, todos os três, encontros muito afetuoso, muito... é... ele gostava de conversar comigo, falava das suas dores, ele tinha algo que era, apesar de um espírito muito iluminado, ele tinha algo que era... todo mundo gosta... né? Principalmente, assim, o povo mais simples, que é estudante de medicina, você finge que ele médico... e ele adorava falar das dores dele, de como ele tava se sentindo... não no sentido de reclamar, ele achava que eu era médico, que eu já sabia, tal. E depois ele é uma pessoa que tem retornado sempre na psicografia... Ele escreveu um livro que é *Um cisco de Deus na poeira do mundo*, que é um livro muito legal porque eu... eu rasguei a dedicatória do livro. Eu tirei, antes de mandar para editora, eu tirei a dedicatória porque eu achei que era apelativo... porque ele

dedicava o livro pro tio Chico, e o tio Chico já tava velho, um pouquinho com dificuldade na memória... E eu fui, com a Márcia e com a Gertrudes levar o *Cisco* pro tio Chico... o tio Chico bateu na minha mão assim, pegou o livro para ele e falou “esse livro é meu”, e batia na minha mão, “esse livro é meu, é meu”, e batia na minha mão... E eu, na realidade, não consegui falar nada para ele porque comecei a chorar. Porque eu sabia da dedicatória que era do Jerônimo pra ele... e naquele momento foi o dia que ele falou para a Márcia que o Jerônimo hoje era um facho de luz... e eu fiquei olhando o tio Chico, falei “Gente!”... E ele muito velhinho, né, eu nem esperava fenômeno mediúnico com o Chico porque a própria psicografia dele me parecia muito já cansada, né... Era um momento em que ele fazia uma trovinha, só, no sábado. E ele me bateu mesmo assim na mão “Esse livro é meu! É meu! Ele escreveu para mim!”. Então ele falou para todo mundo ouvir lá, ele com a vozinha dele cansada, mas... as meninas ouviram e todo mundo...

[51:01] P: Bom, que tipos de materiais você utiliza durante a escrita mediúnica?

M3: É... Papel e lápis. Tenho muita dificuldade com computador...

[51:22] P: Alguma predileção pelo lápis, assim, algo especial?

M3: Nada, não. A caneta, eu tenho dificuldade com a caneta... Só quando não tem lápis que eu escrevo normalmente com a caneta, né?

[51:35] P: Que dificuldade especialmente?

M3: Mania... de velho mesmo. Não acho que é dificuldade mediúnica, não... é mania. Paixão pelo lápis mesmo. Não tem... mediunicamente não tem nada, não.

[51:53] P: Não há nenhuma diferença pra você durante a escrita? Não facilita ou dificulta?

M3: Não, não.

[52:06] P: Quais hábitos ou recomendações você segue antes de praticar a psicografia? Isso ao longo do dia, alimentação, exercício, leitura, enfim...

M3: Quando tem trabalho coletivo, eu faço uma hora, duas horas antes de música, de tentativa de esvaziamento mental. De ficar silenciando um pouco esse diálogo intempestivo que a gente tem com a vida, com o mundo.

[52:59] P: E no que você acredita que esses hábitos ou recomendações podem ajudar ou, então, como o seu desempenho é afetado na falta dessa preparação?

M3: É muito mais uma questão de limitação pessoal, de dificuldade de concentração, de dificuldade pessoal de não ter uma sintonia com uma ideia... que... tem uma... a potência dela tá justamente em ser uma ideia organizada, que flui naturalmente sem a minha interferência. Então, como minha vida intelectual é intensa, se eu misturo muito esse... Porque que é o avesso... O inverso do papel do intelectual, né, cê tá questionando, indagando... tematizando... Tentando organizar ideias...

[54:12] P: Bom, você citou que já publicou livros, como foi ou costuma ser essa experiência? Digamos assim, como você descreve essa rotina, essa produção desses livros?

M3: É... Cada livro tem uma história, ela não é muito homogênea não. Então, por exemplo, *Centelha Divina*, ele foi produzido em seis encontros, todos eles agendados previamente, e intempestivo... assim... veloz, fluído, sem reflexão. E é um livro que trata de aspectos éticos, morais, do funcionamento da mente e do perispírito, dos centros de força. Então... é muito espantoso, porque tem toda uma dinâmica que eu não concebo aquilo sem muito tempo de elaboração mental. *O cisco de Deus na poeira do mundo*, ele... ele... era mensagens que... pensamentos que eram feitos em final de reunião mediúnica, evangélica e ele virou um livro quando o Jerônimo escreveu a dedicatória que eu tirei do livro. Aí que eu percebi que ele tinha a intencionalidade de um livro e tal. Inclusive, tinha perdido muitas mensagens, porque muitas mensagens eu entregava, eu dava de presente, quando ele escrevia para alguém e tal... às vezes, era no final de orientação, eu grampeava junto com a orientação... *O Embalos*... ele foi... escrito paralelo ao *Centelha Divina* ... durante também o plantão no hospital psiquiátrico, né... com horário marcado, os jovens vinham e escreviam. *Pontuações do Caminho*, é... ele foi escrito em sessões de estudo evangélico, mas, predominantemente, no culto do Evangelho no Lar. Era o momento em que, não só o autor que era Derli de Carvalho, como os espíritos que, muitas vezes... tavam sendo... Tinha contos sobre eles, eles apareciam no culto. Assim, apareciam, escreviam... na mesma... E foi uma recepção, assim... comparada com os outros, foi lenta... foi um conto num culto, e tal. Aí foi alinhavando o livro. Tem livros que... perdidos, que hoje eu entendo... na época eu não entendia porque se perdeu, então, por exemplo, eu recebi um livro sobre AIDS, eram trinta autores, temas superinteressantes, e perdeu. Perdeu na minha casa, uma casa pequena, que não ia ninguém, naquela época, muito caseiro... sumiu. Então, assim, agora... As mensagens do centro, isso é muito interessante, a maioria... ali também é uma questão lá que eu acho que tem a ver comigo, mas também tem a ver com o nosso grupo, que é um grupo que pede uma densidade maior, foi tudo encaixotada. Então, por exemplo, muitos sonetos do Cruz de Souza, que cê fala, “é lindo”, mas não tem porque gastar papel pra publicar, entendeu? É repetitivo, poeticamente, não acrescenta, inferior aos que tem no tio Chico. Então, assim... É bom... Tem um efeito muito mais na reunião, como passagem, né?... mas cê não tem um acréscimo... então assim, por que? Porque determinados estilos, eles pedem uma habilidade do médium, e pede também uma habilidade dos revisores... Porque é terrível você pegar um autor totalmente descaracterizado... É como receber, por exemplo, Fernando Pessoa, e todo mundo que ama Fernando Pessoa fala “eu não tô encontrando esse autor aqui”. Então a psicografia, ela não tem um objetivo só do fenômeno, mas, assim... o estilo, a narrativa, ela tem que dizer algo em relação ao tema, em relação ao estilo literário... Os espíritos me ensinaram assim, eu não sei se é certo também, não, é uma questão de gosto, né? Então, por exemplo, Doutor Henrique Kruger, quando o espírito dava uma mensagem e tava totalmente deformado, ele aproximava e pedia para mim trocar o nome, por um nome festivo, de guerra. Sabe, assim... se conteúdo era o importante, se não tinha nada que identificava aquele espírito... Então, uma vez eu fui conversar com o Joaquim Persiano e ele pediu, “ah, na próxima vez você traz as suas psicografias”... Aí ele foi pegando e falando assim “Mas irmão Raimundo é fulano de tal”, ele pegava o outro e falava. Todos os nomes que eu punha para não pôr o nome do espírito, ele foi falando o espírito originário, assim. Então, assim, tinha... Porque...

isso é uma questão muito também de estilo pessoal não é?... Então, por exemplo, uma vez a gente fazia uma oficina de psicografia... nossa... Eu não vou citar nomes. E a pessoa recebeu Einstein, e não tinha nada de física! Não tinha nenhum conteúdo de física. Era muito banal o texto. Então você diz assim... possivelmente a ideia moral lá fica totalmente prejudicada, porque era um texto sobre física. Então os espíritos tendem a nos orientar, os amigos também, todos que a gente vai conversando, de ter certo cuidado com a psicografia.

[01:02:25] P: Justamente para poder... preservar, né?...

M3: Sim, para não ficar muito banalizado.

[1:02:28] P: Ao escrever livros, você costuma pesquisar sobre o assunto fora dessa prática, ou seja, ler ou pesquisar, ou ir atrás de fontes, e você acha que isso influencia ou não na sua prática como psicógrafo?

M3: Eu nunca... Toda vez que eu ia receber um livro, eles pediam para mim estudar, e aí eu até arrumava livros para mim estudar sobre o assunto e não dava tempo... eles passavam antes. Eu nunca estudei... Então, por exemplo, perísprito... eu tô estudando agora, tô voltando, né? E aí eu volto até o *Centelha Divina*, na época veio sem estudo, sem leitura sobre o tema. Agora, não acho que dá para falar em em voluntarismo, em espontaneísmo, porque eu sou uma pessoa estudiosa. Então, não estudei naquele momento, não pesquiso no momento. Agora, muitas vezes eles pedem para corrigir texto... assim... muitas vezes eu também peço para corrigir... mas, assim, nunca estudei, nunca tive esse esforço.

[1:04:18] P: E como normalmente os espíritos se identificam nas suas psicografias? Normalmente suas mensagens são anônimas ou assinadas?

M3: Eu vou falar como eu recebo... “Pu-pu-pu-pu”: Fulano de tal. Muitas vezes eu apago o nome e não escrevo, porque quando eu não quero ou não acho conveniente. Mas, normalmente, vem assinado, foi um costume desde o treinamento, assim.

[1:04:53] P: E fora as assinaturas, tem alguma outra forma de identificação que esses espíritos costumam utilizar? Para que realmente sejam identificados.

M3: Eu não sou estudioso, assim, da psicografia... mas acho que tem alguns cacoetes que ajuda... não sei se ajuda a identificar, e também ajuda na sintonia, né? Então você pega, por exemplo, o *Alma Boa*, *Alma Irmã* da Maria Dolores, que acaba fazendo entrada do modelo, do como ela fala, né... Então assim, o humor do Lulu Parola, do Cornélio Pires, na trova. Uma trova que te... Então, assim, os espíritos, eles normalmente... As pessoas que tão ali convivendo com determinado estilo de mensagem, no meio da mensagem eles falam “não, já é fulano de tal”... como a gente ia no Chico, sábado à noite, a gente via que era a Maria Dolores, né, quando ela escreveu “Irmão do caminho”, é uma mensagem linda, linda. Imediatamente ela começa a poesia, cê reconhece.

[1:06:39] P: Quando você psicografa, você normalmente... Você mesmo digita seu material manuscrito ou alguém faz isso para você?

M3: Uma única... Única mesmo, um amigo digitou... aí, como eu tive que digitar tudo de novo, eu normalmente digito, porque é onde eu faço a primeira correção. Numa

tentativa de correção de português, de ortografia, dou uma olhada no conteúdo. Eu digito.

[1:07:32] P: E você tem dificuldades para compreender a caligrafia?

M3: Não.

P: Ela varia, oscila, tem alguma modificação na sua caligrafia quando escreve?

M3: Não tem nenhuma... Tem uma modificação... que não é uma modificação da caligrafia, tem um jeito de escrever, que eu não sei o que é isso, que é... letras muito grandes e muito rápidas. Então outro dia eu recebi uma mensagem no culto, que foi lenta, embora ao ver o tempo que demorou, não foi tão lenta. Escreveu normalmente, eu fiquei achando “nossa, estranho” e tal, por causa desse vício de escrever, que eu acho que é um meio muito mais que a gente ocidental tem de calar os pensamentos, do que uma necessidade da psicografia. É uma necessidade do psicógrafo para mim. Pra gente não interferir muito, tem que ir muito rápido... Mas não muda caligrafia, na minha psicografia, não.

[1:08:54] P: E você psicografa de olhos abertos ou fechados? E por quê?

M3: Eu psicografo de olhos fechados, não sei por que, não.

[1:08:59] P: Isso te ajuda em alguma coisa, influencia em algo?

M3: Eu acho que é a mesma coisa, ajuda o psicógrafo, não a psicografia, a dificuldade da concentração essa coisa meio ocidental de a gente estar pensando demais, muito cerebral, a vida muito cerebral...

[1:09:23] P: E normalmente você escreve com ou sem iluminação?

M3: É... Já escrevi com iluminação baixa, mas ultimamente com iluminação normal e até às vezes excessiva, porque os lugares todos têm iluminação.

[1:09:45] P: Não chega a atrapalhar em nada?

M3: Eu sempre psicografo com a iluminação que existe nos locais. Nunca a iluminação foi em função da psicografia.

[1:09:59] P: E você já teve a experiência de psicografar com as duas mãos por exemplo, ou com a mão que não escreve?

M3: Nunca tive psicografia automática ou semiautomática. Então, assim, o processo, ele é involuntário quando você imagina o pensamento... e para ser sincero com você, é muito mais fácil eu entender que é mediúnico quando eu comparo com a minha escrita, como flui a minha escrita, como se dá o estilo que eu escrevo do que por... Eu não fico inconsciente, eu não fico... é... É uma psicografia consciente, tanto que muitas vezes é... eu estranho, por exemplo. Eu estranho quando eu recebo uma poesia, porque a poesia ela vem, é... três minutos vem uma poesia imensa. E quando eu vou fazer uma poesia, às vezes é duas horas pra mim escrever uma poesia, quando não é um dia inteiro isso... pra tentar elaborar ideia, pensar, criar imagem...

[1:11:29] P: Você já psicografou alguma mensagem em idioma estrangeiro?

M3: Nunca. Nem no espanhol, que eu domino.

[1:11:46] P: E em dupla com outro médium, já chegou a escrever?

M3: Nunca.

[1:11:58] P: Você se sente inspirado a tratar de determinados temas ou ideias antes de uma sessão?

M3: Normalmente, conteúdos doutrinários, não. É... A poesia... Normalmente, os poetas aproximam... e, no meu caso, a poesia, ela vem, assim, rápida, fluída, na hora. Mas, às vezes, ela vem reciclando, assim durante o dia, como lampejos... que inclusive apagam. Então por exemplo, vem um verso e apaga o verso... eu esqueço, depois vem outro, e aí na hora que psicografa que você retoma a lembrança de que é a que eu tinha passado no dia.

[1:12:57] P: Então esses temas e essas ideias costumam de alguma maneira se concretizar nos textos... psicografados?

M3: Muito em relação à poesia, sim.

[1:13:09] P: E em relação a temas doutrinários?

M3: Não, nunca.

[1:13:15] P: Certo. Você costuma checar as informações presentes nas suas psicografias? Realmente ir em busca de determinados dados que estejam ali presentes?

M3: Sim.

[1:13:33] P: Com que frequência? Como?

M3: Sempre... sempre. Então, por exemplo, quando eu exercia o receituário. Aparecia remédios, eu anotava porque eu não conhecia e eu estudava, para ver se aquilo fazia sentido, ou que sentido aquilo fazia. Então, se um poeta começa a escrever, eu tento ler a obra, tento ver o estilo...

[1:13:33] P: E você já chegou a escrever sobre assuntos que você não dominava ou não conhecia?

M3: Hum... Como que eu respondo isso?... Vou ser muito direto e honesto com você... acho que não e acho que sim. Que não por quê? Não dá para falar que os assuntos são estranhos pra mim, que não são assuntos que eu estudo. Que que eu acho? Eu acho, às vezes, superior ao meu conhecimento... superior... tanto em termos da simplicidade, do raciocínio mais lógico, da capacidade de reflexão quanto você ver um texto, assim, sobre o pensamento... eu vejo uma conferência que eu faço sobre o pensamento, eu acho minha conferência pequena perto do texto. Agora, nunca escrevi um assunto que eu desconhecesse ele por completo... como, eu vou ser honesto, tem mensagens que eu falo "Nossa, que benção a psicografia", as pessoas

adoram e eu falo “Não, para mim tá péssimo”. Então, por exemplo, temas... quantas vezes eu já vi pessoas escreverem sobre temas do meu trabalho, através de mim, e eu achar aquele pensamento totalmente equivocado, embora, doutrinariamente, não esteja. Então, por exemplo, eu trabalho na saúde mental, na psiquiatria, então tem temas ali que o conhecimento... Tem uns que eu acho que têm reflexões que eu já li que são mais profundas. É ótimo isso, porque você vê que o sistema filosófico é muito próprio do autor. Então, em psiquiatria trabalha com Spinoza, Nietzsche, com autores pesados e às vezes você vê pessoas escrevendo a saúde mental e eles têm uma tradição muito mais simples do que a corrente que eu trabalho em saúde mental. Então a psicografia, ela... Eu não psicografo temas que eu não conheça, ou que eu desconheça por completo... agora também muitas vezes eu reconheço que aquele tema está muito mais interessante, mais profundo, com ideias mais consequentes do que as que eu tenho.

[1:17:58] P: E normalmente os seus textos costumam ter rasuras, ou reescritas, exclusões, reelaborações?

M3: Não, por causa da velocidade. Às vezes, ao fazer a revisão... que a gente está repetitivo, ou repontua, ou corrige gramática... mas é um texto direto, assim...

[1:18:27] P: E quando você costuma fazer essas correções?

M3: Eu deixo a correção para a digitação.

[1:17:44] P: Você propriamente não faz nenhuma intervenção no manuscrito?

M3: Muitas vezes eu faço e não leio, inclusive. Por exemplo, quando se psicografa muito, muitas vezes, sem perceber, você vê que a psicografia começa na segunda pessoa e termina na terceira. Se eu percebo isso, eu já mudo, já faço a correção imediata para uma pessoa só. Então, assim, durante a psicografia, não tem muita rasura, não...

[1:19:31] P: Você lê ou relê trechos durante a psicografia?

M3: Não, nunca volto... não releio.

[1:19:47] P: Você comentou que o seu ritmo de escrita, ele é predominantemente rápido.

M3: É veloz. É como um vômito. Vem e *tchum*...

[1:19:59] P: E há pausas?

M3: Nunca.

[1:20:09] P: Você sente limitações ou dificuldades como médium psicógrafo? E quais?

M3: Ah... Sintonia... cultura... Sintonia e cultura. Cultura espiritual, espiritualista. Então, por exemplo, seria diferente, sim... A minha leitura... Eu sou estudioso do Evangelho, gosto, mas eu não sei memorizar, então o espírito não consegue fazer comigo o que produzia com Chico, apesar da escrita do Chico ser automática. Mas como alguns médiuns, que é comentar determinado versículo do Evangelho... eu não me lembro

de jeito nenhum, não tenho essa facilidade. Então, assim... Agora, então, a minha cultura, eu gostaria de aumentar ela.

[1:21:24] P: E isso para você é uma limitação?

M3: Sim.

[1:21:30] P: Especialmente em que sentido você acha que isso te prejudica, te influencia?

M3: Acho que eu queria conhecer mais... eu acho que o médium precisa disso para facilitar o processo.

[1:21:59] P: Mas há algum sentimento gerado pela prática da psicografia? Algo que você possa dizer e expressar nesse momento que seja limitante?

M3: Olha... Ontem, estávamos reunido, quando o Z. H. me ligou, e eu estava pensando nisso. A saúde mental e a atividade de professor ocupou um espaço na minha vida porque a carência é muita e não porque eu me sinto melhor como professor ou como psiquiatra. O problema é que foi fazer a reforma psiquiátrica, e tinha pouca gente para ir, para esse trabalho do cuidado do psicótico, da clínica mais grave, da clínica fora do hospício, tal. Mas não que eu me sinto lá mais produtivo ou mais... não. Então, assim, o desejo de crescer e aprender mais é muito mais como... Não tem frustração na mediunidade, assim.

[1:23:14] P: Você já sentiu alguma dúvida em relação ao que você psicografa?

M3: Eu sinto, mas não sinto, porque, às vezes, eu acho assim... Nossa, a gente precisa ler mais Emmanuel e André Luiz e... então fica parecendo que não tem sentido. Só que no dia a dia como leitor, eu adoro todas as novidades da literatura espírita. Então essa ideia que eu tenho acaba caindo por terra. Eu acho que mesmo tendo que estudar Emmanuel e André Luiz até o fim da vida, tudo o que é novo ele agrega novos valores e... e a gente precisa de...

[1:24:18] P: Mas, em relação à dúvida, em relação ao que você escreve, em que sentido você relacionaria?

M3: Não, eu digo assim... a psicografia do tio Chico é... insuperável, né? Então, às vezes, o medo de a gente perder esse norte eu tenho. Mas, não sinto que acontece. Agora, a dúvida... é... Não sinto a dúvida, eu sinto mais, às vezes, assim... eu tenho dúvida mais do que que Deus quer do meu tempo, o que que Deus quer da minha vida. Eu tô ficando mais velho e eu tô começando a centrar mais, mas esses últimos dez anos para mim é muito difícil. Eu ia pro centro, todo mundo me pedia consulta... se eu tava no consultório, todo mundo queria que eu fosse pro centro. Então, assim, essa dúvida me atravessa mais, é um limite pessoal muito maior... porque... não tem como se multiplicar muito, né? Então por exemplo, é... um centro que eu amo lá... o trabalho tornou-se impossível quando nasceu Tocantins, que a gente foi construir a saúde mental em Tocantins, em Araguaína, depois Palmas, depois Gurupi... e aí eu viajava demais. Agora eu tenho uma proposta de ir pro Bico do Papagaio... Eu... agora eu já estou achando que não é necessário porque hoje já tem muito mais gente para subir... no tempo que a gente foi, tinha pouca gente fazendo esse trabalho de construção de serviço de saúde mental no país. Nas zonas mais despossuídas, que

não pagam tão bem para você subir. Mas dúvida sobre se é espiritual, se é meu ou não, não tem por que... cada dia que passa, por exemplo, hoje a gente fez um texto para mandar para uma revista francesa de saúde mental... E que ótimo estar em francês, sabe por quê? Porque não vai ter que ler de novo... porque a minha escrita é péssima, tá cada dia pior. Tanto assim, que as coisas boas que tem no blog, aí sim eu tenho dúvida se não tinha um pouco de mediunidade... Porque por exemplo, que é mais os aforismos, que às vezes eram mais sobre o recomeço, sobre a vida, tal. Esse “diário de bordo”, eu nem dou conta de reler, eu acho péssima literatura, como pessoa. Então, não tenho muita dúvida, não. Eu gosto mais da escrita através de mim dos espíritos do que da minha escrita.

[1:27:51] P: Como é sua relação com aqueles que recebem as suas mensagens, ou daqueles que receberam psicografias suas?

M3: Uhn... a minha relação é muito boa, mas faço questão de não parar pra pensar nisso. Então, por exemplo, tem muita gente me conta que está estudando esse livro ou aquele, ou pessoas que fizeram uso de receituário. Costumo não me ater muito a isso.

[1:29:43] P: Às reações que... eventualmente as pessoas tenham...

M3: Sim, sabe por quê? Porque quando eu comecei, uma vez uma amiga minha falou sobre quanto o português era sofrível. Aquilo me deu um desânimo tão grande, que hoje eu faço a crítica, mas eu não escuto crítica. Assim, eu costumo dizer assim... o trabalho, por exemplo, de revisor, é o trabalho crítico que tem que ser profundo, ácido. O médium ele precisa ter um critério crítico doutrinário, no dia a dia, e fazer essa crítica mais severa mais ácida, na hora de pensar em publicar ou não o material. Porque se no dia a dia a gente for ficar nessa moleza, não se produz nada.

[1:29:57] P: E o que é que você aprendeu como médium psicógrafo?

M3: Eu ia dizer que eu aprendi a orar, mas eu acho que aprendi que eu preciso aprender a orar. Porque a psicografia, ela é um convite permanente à espiritualização, à transcendência, à superação... porque é uma mediunidade que você é chamado a estar num nível de estado alterado de consciência. E como a prece é, para mim, o mais elevado grau da mediunidade, então é um convite para aprender a orar, a psicografia.

APÊNDICE G – Transcrição: Entrevista com médium 4 (M4)

Na transcrição, “P” refere-se ao pesquisador e “M4” ao médium informante.

Médium 4 (M4)

Sexo masculino, 66 anos de idade.

Grau de escolaridade: Ensino Superior

Profissão: Médico e professor universitário

Tempo de experiência com a psicografia: 17 anos

Duração total: 2:03:50

[00:31] P: (...) Qual centro ou grupo espírita você frequenta?

M4: Frequento o S., frequento o M. J. H. e frequento o A. C.

[00:49] P: E quais dos seus trabalhos espirituais envolvem a psicografia?

M4: Ah, no J. H. No centro espírita J. H. Lá eu desenvolvo o trabalho de entrevista com pretendentes e depois a recepção de mensagens de orientação. Eu não recebo, não sei se não vou receber ou se ainda não recebo mensagens de parentes desencarnados, eu só recebo mensagens de orientação.

[1:36] P: Você gosta de ler?

M4: Sou um leitor compulsivo.

[1:41] P: Que tipo ou gênero de texto?

M4: Olha, desde que eu descobri a minha mediunidade e entrei para o espiritismo, eu li praticamente todas as vertentes do espiritismo, gosto muito de ler também sobre filosofia, gosto de ler medicina e os clássicos, eu li todos os clássicos praticamente. Mas até quando eu comecei a mediunidade, a partir daí, eu li praticamente... não vou dizer tudo que existe sobre espiritismo, mas li muita coisa.

[2:33] P: Você gosta de escrever?

M4: Gosto, mas... particularmente, eu escrevo muito pouco. Mas eu sinto que eu tenho um pouco de facilidade para escrever.

[2:50] P: Desde que idade mais ou menos?

M4: É interessante que... eu estava recordando hoje, talvez até pelo fato desse encontro nosso. Eu estava me recordando que, quando eu tinha aí na faixa de dez, oito nove anos, eu tenho um irmão mais velho, três anos mais velho que eu, e naquela época era comum você ter como trabalho escolar... você ter... redações. Quem fazia

as redações dele era eu. E eu fazia as minhas. E as minhas redações mobilizavam muitas pessoas. Minha mãe chorava de emoção, meu irmão ficava, assim, incrivelmente transtornado com o que eu escrevia, entendeu? E, realmente, eu também achava bonito. Então foi desde essa época, oito, nove, dez anos.

[04:06] P: E desde essa época você já lia bastante?

M4: Isso. Eu lembro que eu ganhei um livro de uma parente minha e eu devia ter na faixa de oito, nove, anos, me lembro até o título do livro, *Três garotos em férias no rio Tietê*. Naquela época o Tietê era habitável né (risos), então eu li e demorei para ler. E a partir daí eu peguei um hábito muito grande. Meu pai ganhava uma assinatura daquela revista “Seleções”, eu lia da primeira à última folha, eu gostava muito daquela revista e lia tudo que caía nas minhas mãos. Quando na adolescência, doze, treze anos, começou a chamar a atenção da família a minha compulsão por leitura e, como nós éramos com muito pouco recurso econômico, não vou dizer que fossemos pobres, mas era uma classe média-baixa, então eu entrei de sócio em uma biblioteca no SESC, e lá eu tinha os livros que eu queria ler... quando não achava os que queria, pegava outro enfim, foi realmente uma época que eu li muito.

[05:45] P: E como foi sua infância?

M4: A minha infância foi meio que bipartida porque eu... morava em Uberaba, nessa época era eu e meu irmão e saíamos muito pouco, nós brincávamos mais em casa. Meu pai tinha uma fazenda e a gente ia pra fazenda... Nas férias, né, principalmente... havia um tio, e nós gostávamos muito dele e ele gostava de caçar. Só que eu nunca matei um passarinho (risos), mas eu gostava de caçar e tal, lá, dava longas jornadas a pé, era uma época geralmente de junho, julho. E a gente andava muito na fazenda, andava a cavalo... Eu me lembro muito dessas férias. Me lembro no colégio também, logo nos primeiros anos, eu sempre fui uma pessoa que chamou muito a atenção pela minha dedicação aos estudos. Eu comecei a estudar no colégio de freiras, e aí eu era muito badalado pelas professoras por causa da minha... Hoje em dia a gente fala *nerd*, eu acho que eu fui é *nerd* elevado ao cubo né? Então eu também me lembro e tenho saudades dessa época. Tínhamos outros primos que faziam convivência conosco, a gente brincava muito de *cowboy* etc... E... só. Eu acho que, realmente... Depois mudamos para Uberlândia, meu pai arrumou um emprego lá e mudamos para lá. Também foi uma época bastante gostosa, né, eu tinha alguns amigos na rua... morávamos num bairro muito tranquilo... então jogava muito futebol com os amigos e tal, foi uma época muito gostosa.

[08:29] P: E como você conheceu o espiritismo?

M4: Bom, eu preciso dizer em que ambiente eu fui criado né? Minha mãe era muito católica, a família toda muito católica, o meu pai muito católico... e eu me lembro, quando eu tinha na faixa de 5 ou 6 anos, a gente ia numa igreja perto da minha casa e no caminho a gente passava pelo primeiro centro espírita de Uberaba, que chama-se Centro Espírita Uberabense. Passávamos ao largo para irmos até um pouco adiante, na igreja São Domingos. E a minha mãe dizia assim, quando passávamos em frente: “Olha, aqui dentro dessa casa tá cheio de diabinhos.” E aí, na criação infantil, eu ficava pensando no diabinho de mais ou menos uns trinta centímetros de tamanho, gordinho, com dois chifres voando dentro do centro e sempre tive curiosidade (risos). Muitos anos depois, cinquenta anos depois, eu fiz algumas

palestras e, a primeira palestra que eu fiz nesse centro eu comentei sobre isso. Foi a abertura da palestra, né? A minha mãe nos obrigava comungar, etc. E eu muitas vezes ficava prestando atenção no padre e aí eu chegava em casa, punha um vestido da minha mãe, subia numa cadeira e ia fazer uma preleção pra ela e pra minha vó. Minha vó babava, né? (risos). Ficava, assim, enlevada com o neto, e todo mundo começou a falar que eu iria ser padre, e quase, quase... foi por muito pouco que eu não entrei no seminário. Bom, passou, eu me desliguei dessa fase, entrei na adolescência e eu comecei, então, a questionar muitos aspectos da religião católica... por exemplo, o que acontecia depois da morte, aquela previsão das penas eternas. Aquilo me dava uma sensação de que não era assim, era uma coisa que tinha que ser diferente, porque como é que as pessoas poderiam ficar nessa situação, eternamente comprometidas? Então... Mas mesmo assim eu continuava aceitando a orientação católica. Ia à missa, comungava, etc... Quando eu entrei na faculdade de medicina, no segundo ano de medicina, eu era jovem, tinha dezoito anos... caiu na minha mão, através de um amigo, o livro do Chico, *Nosso Lar*, e eu li, claro, já naquela época, compulsivo. Eu li em poucos dias o *Nosso Lar* e fiquei maravilhado com o livro. E ainda falava para o meu amigo, "Mas é nisso aqui que eu acredito, é isso aqui que eu acho que tá certo!". E daí, pra ler a coleção inteira do André Luiz, foi um passo, e depois comecei a ler os romances, Emmanuel, enfim, comecei a ler compulsivamente. E a minha mãe olhando aquilo de soslaio, observando.... e ela achava que eu tava indo pra um caminho de pecado, né, que tava negando a santa igreja, etc. Mas, claro, eu já era maior de idade e ela não podia realmente falar nada. E aí eu adotei, eu introjetei a doutrina espírita dentro do meu conceito ético, mas ficou faltando uma coisa importante... a caridade. Eu estava, naquela época, interessado na parte fenomenológica do espiritismo, ficou faltando a caridade. Passei a faculdade toda, me formei e fui para Campinas, onde fiz minha residência na Unicamp. O meu chefe... ehn... era espírita... mas nós só ficamos sabendo do espiritismo dele no final da residência, então, quer dizer, isso aí não alterou nada... ele não me abriu caminhos. Mas no apartamento em que eu morava, que era um quarto alugado, a senhora tinha um conhecido, um parente dela, que tinha uma reunião doméstica, então eu participei durante três anos dessa reunião doméstica, muito interessante. E, às vezes, no atendimento ambulatorial, eu pegava um ou outro paciente que eu achava que fosse um quadro obsessivo e levava para essa reunião doméstica. Então, lá não tinha este aspecto. Mas, com um pouco de conversa e tal, nós começamos a providenciar alguma coisa nesse sentido. Foi mais ou menos assim que iniciou. Depois eu me mudei para Uberaba e fiquei frequentando o espiritismo, principalmente o centro do Chico Xavier, mas eu não fiz maiores penetrações nessa área por enquanto.

[15:20] P: Quando foi que você teve a sua primeira experiência mediúnica?

M4: Minha primeira experiência mediúnica, dando sequência ao que eu estava falando...eu me casei, tive dois filhos e fomos morar em um bairro novo da cidade... a minha mulher é paulistana e estava fazendo psicologia em Uberaba, já era fonoaudióloga. Então, ela tinha alguns parentes espíritas, inclusive dono de centro lá em Pirassununga, e o pai era ateu... não acreditava... a mãe já tinha falecido. Aí a irmã era médium, mas já tinha passado pela experiência da mediunidade e, naquele momento da vida dela, ela tava fazendo pós-graduação em psicanálise e aí ela abandonou as ideias espíritas. Então o ambiente era esse. Daí, os nossos filhos foram crescendo, nós tentamos introduzi-los na evangelização espírita e não conseguimos. Meu filho sempre foi muito problemático. A minha filha aceitou, mas meu filho, não. Como havia perto de casa uma senhora que era catequista, religiosa da religião

católica, ela assumiu meu filho, que também não conseguiu se catequizar, mas ela conseguiu catequizar minha filha. Então, minha filha fez primeira comunhão e tal. Aí eu combinei com minha mulher o seguinte: bom, já que estamos no catolicismo, vamos penetrar nisso aí. Então, nós começamos a frequentar a igreja, fazíamos parte de grupos de discussão, de concílios, né, de reunião de casais... tinha um padre que era muito carismático, que ia na minha casa, convidava ele para ir, ele ia jantar, tocava violão, etc. Então foi assim, até que meu filho chegou aos doze anos de idade, depois de uma série imensa de problemas de comportamento, de rebeldia, dificuldade de imposição de limites, etc. Nós descobrimos que ele estava usando drogas. Daí, pra mim foi um choque terrível, porque na minha cabeça isso aí não cabia. Mas nós resolvemos mudar desse bairro, viemos pro centro, na tentativa de afastá-lo dos amigos, mas não adiantou muita coisa... Aí a minha mulher, um belo dia, me disse assim: "Por que você não leva nosso filho no espiritismo?". E eu achei a ideia interessante. Havia um centro espírita perto de casa, onde eu estava morando... o médium era relativamente famoso, já morreu, mas ele era famoso em Uberaba, e eu levei lá e ele me recebeu muito bem. E meu filho ficou impressionado com o primeiro contato que ele teve no espiritismo. Paralelamente a isso, eu comecei então a reler o *Evangelho*, o *Livro dos espíritos*...e, enquanto esse processo estava acontecendo, eu atravessei uma fase de... assim, talvez de depressão, ou uma fase de angústia muito grande. Eu não tinha sono... eu ficava até altas horas da noite num quarto isolado da casa e eu comecei, então, a pegar uma folha de papel, um lápis, eu fechava os olhos, fazia uma prece, e como recomenda o livro dos médiuns, eu deixei pra ver o que tinha acontecido... quando eu abri os olhos, dez minutos depois, eu vi pela primeira vez que o papel estava todo rabiscado. Isso me deu uma alegria muito grande, mas ao mesmo tempo, medo, porque eu não sabia o que tava acontecendo. E aí eu comecei a fazer essa experiência todos os dias, e as letras começaram a diminuir de tamanho, a escrita começou a ficar mais racional, não eram mais palavras soltas, mas eram frases... mas a gente percebia que eram... mensagens, assim, muito... vamos dizer... mentirosas, eram mensagens de influência inferior... e... Mas, mesmo assim, eu achava aquilo extraordinária... E aí essa notícia vazou, minha mulher ficou sabendo, contou pra irmã dela, o cunhado e eles achavam que eu tava ficando doido. Eu não dei muita importância para aquilo, né? E a vida continuou ... acabou minha mulher.... nós decidimos mudar para São Paulo, porque já que minha cunhada era psicanalista, ela poderia orientar melhor o tratamento do meu filho. Então fomos pra São Paulo... mas eu fiquei em Uberaba, eu trabalhava de segunda até sexta-feira à noite, aí eu pegava um ônibus, amanhecia sábado em São Paulo, comecei a atender em São Paulo também, os pacientes da minha cunhada... e... no domingo à noite eu viajava de novo pra Uberaba... na segunda-feira eu tava atendendo e trabalhando aqui. Era uma vida apertada porque eu tinha que viajar, às vezes, até durante a semana para São Paulo pra resolver problemas da família, né? Então eu não tinha nada à noite para fazer, a não ser eventuais pesquisas, estudos, etc... então, comecei a frequentar o centro... eu ia todas as noites no centro espírita, assistia palestra e, um final ou outro de semana que eu não podia ir a São Paulo eu ficava participando de sopas, atividades beneficentes, etc. Até que um dia, participando de uma atividade no centro, um médium disse para mim assim "Senta ali naquela mesa e escreva, porque tem um espírito ao seu lado que tá querendo falar." E, aí, eu sentei e veio realmente uma mensagem... foi talvez a primeira mensagem que eu recebi assim, que não fosse... de pessoas conhecidas. Esse espírito tinha sido meu professor, na faculdade, e tinha se suicidado... então, tava falando, na mensagem, da tristeza, do sofrimento que ele tava sendo submetido... fazia mais ou menos uns quinze anos que ele tinha se suicidado.

Nessa época também eu recebi a mensagem de uma tia avó que eu havia conhecido muito ligeiramente na minha infância... e, um dia, essa tia avó me falou assim, “você se lembra de uma ocasião que você estava em Uberlândia fazendo uma prova, e que você não sabe de que você apagou tudo... a prova?”. Falei “lembro”. Aí eu comecei a me lembrar, eu parei a escrita e comecei a me lembrar o que tinha acontecido... E aí depois eu continuei escrevendo, e ela me disse “Era eu que estava te orientando.” O que aconteceu foi que eu morava em Uberaba, mudei para Uberlândia no meio do ano, e estava no terceiro, quarto ano primário, devia ter 9 anos, por aí... então, havia uma matéria “canto orfeônico”, que eu não tinha tido no colégio de Uberaba, e em Uberlândia já havia seis meses que eles estavam vendo, né? E eu tava muito fraco nessa matéria, e havia uma prova, e eu estudei muito para prova, mas como era uma matéria completamente nova para mim, e é bom que se ressalte, eu era surdo... aliás, era não, sou surdo... sou um surdo profundo... Os médicos, depois de casado, eu consultei em São Paulo, me disseram que não sabem por que eu falo, porque a minha perda auditiva é incompatível com a fala... Ah, eu também não sei por que eu falo, mas dizem até que eu falo muito. Então, devido a isso, eu não tinha, não pegava a sintonia do canto que nós éramos obrigados, e a professora, então, me proibiu de cantar... Todos cantavam, menos eu, porque eu levava a turma para outro caminho. Bom, aí ela já ficou sobreaviso comigo por causa disso, né? E aí houve, então, essa prova, e várias perguntas... na prova caía era “Quem escreveu a letra de tal hino?”, “Quem escreveu a música de tal hino?”, etc. Aí eu fiz a prova, olhei a prova e disse assim “Meu Deus, isso aqui não tá certo... eu estudei tanto e tô precisando de tanta nota”. E eu ameacei até chorar. Aí eu ouvi uma voz me dizendo seguinte. “Apaga tudo”. Ah... falar isso pra uma criança? Peguei a borracha e apaguei tudo. Aí eu disse “E agora?”. Nisso, eu observei que a professora saiu da cadeira dela e ficou ao meu lado... Muitos anos depois eu entendi o que ela tava fazendo. Eu achei que ela devia estar pensando que eu tava fazendo alguma coisa estranha, né? Aí eu... pensei, “Mas escrever o quê?”, quando eu falei isso, a minha mão começou a deslizar, e eu fui respondendo. Ao mesmo tempo que eu escrevia, eu tinha a noção, e aí ia pesando, “Nossa, meu Deus, quem escreveu essa música foi esse cara mesmo, essa foi o outro”... Pra resumir, eu tirei dez na prova, e com isso eu consegui elevar meu patamar e talvez até ganhar a admiração da professora, etc. E a minha tia avó, então, nessa mensagem dizia, “Fui eu quem estava ao seu lado”, e ela realmente já tinha morrido. Bom, houve também uma segunda prova, isso eu já tava no segundo colegial... também mais ou menos semelhante a essa. Essas talvez tenham sido as minhas primeiras experiências mediúnicas. Eu me lembro de uma passagem muito interessante, que eu estava começando a fazer então... toda vez que eu ia no centro, eu sentava à mesa e fazia uma mensagem. E um belo dia, eu fiz uma mensagem e assinei “Irmão Alberto”. E o meu irmão, encarnadíssimo, chama-se Alberto... Aí eu pensei “Nossa, agora eu viajei” (risos). E aí, na hora que eu pensei assim, a minha mão deslizou, abriu uma chave entre “Irmão” e “Alberto”, e colocou “Frei”. Aquilo ficou esquisito para mim... Isso foi numa segunda-feira. Na outra semana... Não, desculpe... foi numa quinta-feira. Na outra semana, teve na segunda-feira também uma outra mensagem... quando foi na terça-feira, havia uma sessão mediúnica.

[31:28] P: E que idade você tinha nessa época?

M4: Eu tinha... foi em 1996, mais ou menos cinquenta e seis anos, por aí.... Não, peraí... não, não, não... quarenta e seis anos. Foi uns dois anos depois que começou a minha mediunidade... dois anos depois. Então, eu estava participando da sessão mediúnica e uma coisa inusitada aconteceu. No final da reunião, uma médium que era

a médium que eu achava mais.... assim... uma das melhores médiuns da reunião, e eu achava ela interessante, porque ela vivia desafiando a própria mediunidade. Ela não acreditava na própria mediunidade. E ela, então, incorporou-se e falou psicofonicamente uma mensagem... uma mensagem de orientação para o grupo, e no final ela se identificou como “Irmão Frei Alberto de Lucena”. Eu realmente levei um choque e ainda pensei assim: “Nossa, então é verdade mesmo, né?”. Porque essa médium não tinha contato com meu trabalho psicográfico, não ficou nem sabendo dessa mensagem... então essa foi uma coisa que naquela época que eu estava iniciando a psicografia, me deu, assim, uma força, de eu achar que eu não tava ficando doido, que aquilo lá era verdade mesmo e que eu continuasse, né? Então, aí nós continuamos até por uns dez anos, mais ou menos, até quando a médium morreu... a diretora do centro.

[34:16] P: E você tem outros tipos de mediunidade além da psicografia?

M4: Olha, eu diria que a minha mediunidade, ela está em evolução. Eu sinto que, de tempos em tempos, eu sinto que eu subi um pouquinho, que eu tenho um pouco mais de facilidade, um pouco mais de passividade na psicografia. Como eu te disse, cada momento psicográfico é de uma maneira diferente. E... eu tenho desenvolvido a intuição. Eu até, inclusive na época que eu estava começando a mediunidade, uma das coisas que me chamava atenção era... algumas coisas que aconteciam eventualmente... por exemplo, no trânsito, eu estava andando e chegava em um cruzamento que eu poderia entrar no cruzamento sem dar uma parada... eu parava, subitamente e, naquele momento, atravessava um carro na minha frente. Então, aquilo começou a me chamar a atenção... Baseado em que eu previa que apareceria um carro que seria muito improvável de aparecer naquele momento? Então essas coisas começaram a me chamar atenção. Por exemplo, durante o consultório eu preciso consultar, às vezes, o livro que existe a relação de medicamentos fabricados no Brasil. E eu pego esse livro, que já tá bem gastinho, né? E eu pego o livro e abro na página que eu preciso. Isso acontece com uma frequência superior ao acaso. Então, todo acontecimento, ele tem uma chance de, vamos dizer, você acertar... só que essa chance é muito baixa. Às vezes, acontece comigo cinco, seis, sete vezes... acertadas, e isso, estatisticamente, é muito improvável. Então, essas coisas começaram a me chamar a atenção. Às vezes, por exemplo, numa conversa, eu já sei o que a pessoa vai falar. Mas isso não é bem mediunidade, isso seria no meu critério, animismo. Quer dizer, é uma possibilidade que você tem de varrer a mente, o ambiente mental que circunda você. O Chico, por exemplo, era assim... Se você nunca tivesse visto ele, ele te chamava pelo nome. Há até uma passagem muito interessante que aconteceu com David Nasser, não sei se você sabe dessa história... David Nasser veio incógnito em Uberaba tentar fazer uma entrevista com o Chico, que tava muito difícil... e ele veio junto com o piloto de avião da revista Cruzeiro. E daí, o David Nasser viu o piloto falando inglês, e o piloto servindo de tradutor para o David Nasser. E o Chico observando aquilo, né?... Aí, o Chico deu a entrevista e tal, conversou com David Nasser falando inglês, o piloto traduzindo e o Chico entendendo e falando, etc. No final da entrevista o Chico quis presentear o David e o piloto com o livro. E aí ele fez um pequeno autógrafa, no livro, uma dedicatória, entregou três livros pra um, três livros pro outro, e eles foram embora. Aí o David Nasser relata que ele chegou no hotel, tomou banho, sentou-se na máquina pra escrever a entrevista e aí deu curiosidade de ele abrir o livro. Aí ele abriu o livro e estava escrito “Ao meu querido amigo David Nasser”, entendeu? E fez a dedicatória. Então, o Chico tinha uma intuição fantástica, nem de longe eu pretendo atingir, em duzentos anos, isso... Mas, tá me

surgindo, realmente, momentos em que eu fico, assim, encabulado. Uma outra coisa que de vez em quando me acontece na hora do transe mediúnico, é eu ver a cena e, ao mesmo tempo que eu vejo, há uma descrição. E também eu sinto muito a presença de espíritos... ao meu redor. Mas, só isso, não tem mais nenhuma outra...

[40:33] P: E você chegou a participar, isso depois de vinculado ao centro que você mencionou, a fazer algum curso como, por exemplo, desenvolvimento de médiuns, COEM, etc.? Como foi a prática para o seu desenvolvimento?

M4: Aqui em Uberaba não existe esse processo. Isso é uma coisa que existe no estado Rio de Janeiro, em São Paulo, talvez eu acho que até pela obra do Herculano Pires, né? Que foi quem estipulou toda essa sistemática dos centros espíritas de São Paulo. Aqui em Minas, principalmente Uberaba, alguém que se sinta médium, vai num centro, outro médium incorporado já manda trabalhar ou coisa desse tipo. Não tem muita... é mais, digamos, informal. São Paulo seria mais científico... Então, aqui não tem, eu nunca fiz um curso desse tipo.

[41:45] P: Para você, o que é a mediunidade e o que é a psicografia?

M4: Eu acho que a mediunidade, ela é uma consequência da vida passada. Quando você agride muito a Lei Universal, você desestrutura o seu perispírito, atinente ao órgão que foi prejudicado. Eu me explico melhor... Por exemplo, se você é alcoólatra, você agride o seu perispírito, você agride o seu estômago, você agride o seu fígado, você agride a sua mente. Na próxima encarnação, você vai trazer marcas no seu aparelho digestório e na sua mente, do seu alcoolismo passado. Se você se suicida, da mesma forma, você vai ter consequências disso. A mediunidade seria não mais do que isso. Porque só assim a gente poderia entender dois aspectos. Primeiro, seria a mediunidade uma benção dos protetores espirituais, uma benção de Deus? Se fosse assim, Ele estaria discriminando certas pessoas. E isso a gente sabe que não existe. Seria a mediunidade, então, vamos dizer... é mais racional você pensar que ela fosse, então, uma consequência pelo fato de ela aparecer em pessoas que não são espíritas... a minha mãe era médium... a minha mãe, muitas vezes, chegava perto de mim e dizia assim "O seu tio esteve aqui hoje, eu senti o cheiro do cigarro dele". Nós tínhamos um tio muito querido, tanto por mim quanto por ela, irmão dela, que morreu, né? E ele era uma pessoa muito carismática e tal... E ele fumava. E minha mãe sentia o cheiro de cigarro dele... minha mãe chegava a conversar com ele. Ela era médium... Assim, médium todos nós somos, mas ela tinha uma mediunidade um pouco acima do habitual da pessoa comum. No entanto, ela era católica. Aqui em Uberaba tem um padre muito amigo meu... de vez em quando nós trocamos uns telefonemas, e quando nos encontramos a gente se saúda um ao outro com bastante ênfase. E ele... é médium. Eu disse pra ele uma vez "Padre, o senhor é médium". Ele disse "Você também tem uma carinha de padre que não me engana" (risos). Então, eu acho que a mediunidade é consequência de mal uso que você fez das suas propriedades mentais. Por exemplo, eu já tive duas experiências mediúnicas que me chamaram muito a atenção. A primeira foi o próprio Irmão Frei Alberto, que hoje é meu orientador, ele disse "Nós já fomos monges num mosteiro da Espanha, na Idade Média". E eu me preocupei muito e perguntei para ele se eu tinha sido inquisidor. Ele disse, "Não, não foi inquisidor". Aí eu disse "Mas como é que é essa história? Eu aprontei?", ele não respondeu. Mas eu tive a nítida sensação que eu tinha feito coisas erradas. Numa época posterior ele disse que eu tinha sido escritor. Ou melhor, uma pessoa que escrevia, mas eu me perdia muito em escrever coisas que influenciavam as pessoas

negativamente. Que eu era... vamos dizer, um esgrimista das palavras, um sofista. Eu fiquei meio decepcionado comigo. Mas, no fundo, eu acredito que se não foi bem assim, pelo menos foi por aí, porque é interessante que toda a vida, todas as relações que eu tive com os centros pra onde eu vou, me chamam para falar. E eu não estou no centro onde eu faço psicografia porque eu quis, mas eu fui chamado. Fui chamado pela médium que naquela época era responsável pelo trabalho. Ela veio aqui, no meu consultório, me chamou, e eu disse, fui peremptório com ela, “Eu não me sinto em condições disso, eu não sou médium eu sou um cara esquisito, só”. E aí ela dizia “Não, se você não tivesse capacidade de fazer o que está sendo proposto os espíritos não estariam te chamando”. Então, eu fui por causa disso. Eu tenho certas coisas, queixas corporais... por exemplo, eu sou neurologista e tenho uma cefaleia que eu não consigo resolver. Ah... E eu fui buscando soluções pra dor de cabeça com um dos sócios fundadores da Sociedade Brasileiro de Cefaleia, em São Paulo, há alguns anos, num grupo de amigos. Já assisti e já conversei com palestrantes estrangeiros sobre cefaleia e não consigo resolver a minha. Tem inúmeros livros de cefaleia internacionais, melhores que existem no mercado e não consigo resolver a minha. Então eu fui num centro, e um médium, sem me conhecer, falou para mim, “Você deveria ter morrido há 25 anos atrás. Você deveria ficar epilético, você foi um indivíduo muito mau. Você foi médico na outra encarnação, no Rio de Janeiro.” Aquilo me chocou um pouco. Mas há vinte e cinco anos atrás, realmente eu quase morri. Eu tive um desastre na rodovia, que um caminhão passou literalmente em cima do meu carro. A única parte que não virou uma bolacha foi aonde eu estava. A coisa foi tão impressionante, que o guarda que atendeu a ocorrência ligou na minha casa umas três vezes para saber se a minha mulher tinha certeza que eu não tinha morrido... Ou pelo menos se eu estava bem, né? Não sei nem por que ele fez isso porque não me lembro de conhece-lo. Mas foi um desastre muito impressionante. E eu nunca consegui ir no Rio de Janeiro. Eu não conheço o Rio de Janeiro. Eu fui uma única vez, num congresso e na saída do congresso eu passei tão mal, com uma febre que durou até acabar a serra, depois que acabou a serra, a febre passou, eu não tive mais nada. Então eu fico pensando se isso não seria verdade, e fico pensando também na minha dor de cabeça, na minha necessidade de falar, quer dizer agora talvez eu possa falar melhor do que eu já falei em outras épocas, e nessa mediunidade, ou nessa propriedade, digamos assim, que eu tenho de receber essas mensagens. Os espíritos amigos me dizem que nunca, jamais, eu abandone esse trabalho, porque é a forma de eu pagar, resgatar os erros que eu já fiz. Então, é por aí que eu acredito que seja a mediunidade. Mas, em um sentido mais amplo, científico, eu acredito que a mediunidade seja uma capacidade que o espírito tem de soltar ou de desconectar o perísprito do corpo. Então você veja, por exemplo, a sua área motora do cérebro coordena a sua mão. A sua área sensitiva sente a mão, sente o que você está escrevendo. A área motora dá a ordem e a área sensitiva percebe se essa ordem tá sendo cumprida ou não. Você comanda isso através do pensamento que flui do lóbulo frontal e que atinge as áreas motoras. Como é que você pode escrever uma coisa que você não tá pensando? Quem tá pensando por você? D’aonde vem esse pensamento? Muitas vezes, eu sento na mesa, olho o nome da pessoa, na mente. Aquilo vem na minha mente, eu falo “eu vou escrever uma mensagem para essa pessoa”, eu penso... sai a pessoa diferente e o teor da mensagem completamente diferente, quer dizer, não sou que escrevo aquilo... Ah... muitas vezes, as mensagens saem com a minha mão sendo impulsionada, eu só tomo conhecimento depois que a palavra tá escrita... Outras vezes, eu copio de algum lugar em que eu vejo que tá escrito... outras vezes me ditam palavra por palavra, naturalmente eu diria, me ditam,

não, me berram no ouvido, porque eu sou surdo, então devem gritar no meu ouvido o que eu preciso escrever. E muitas vezes eu tenho intuições. Então, eu acho que a psicografia é um negócio muito complexo, porque... Ehn... você não pode dizer que a psicografia seja semimecânica, pura e simplesmente. O que seria ser semimecânica? O que seria ser uma psicografia mecânica? Você vai escrever o que? O que o espírito tá pensando? E se você não souber a palavra que o espírito tá pensando? Como é que você vai escrever ela? Então ele tem que usar o seu vocabulário. Então, se ele usa o seu vocabulário, na realidade, é uma troca, é uma junção... ele entra com a parte da organização e você entra com a parte da motricidade, da efetividade do comportamento, da resposta. E isso para mim é psicografia... É um momento em que o espírito comanda. Como que ele pode comandar se o seu perísprito está adstrito às suas áreas cerebrais? Ele tem que se afastar, ele tem que perder um pouco do controle sobre seu corpo para que outro assuma. Ehn... Eu acho que a gente tem que considerar que o nosso espírito não tá encarnado no nosso corpo. Ele está ao redor de nosso corpo. De tal maneira que se ele, voluntariamente, que é aquilo que o médium chama de passividade... ele, voluntariamente, ele diminui o controle sobre o corpo, permitindo que o outro espírito faça o controle pela voz, pela escrita, pelo pensamento... Eu acredito assim.

[56:57] P: E como você sabe o momento de psicografar?

M4: Eu sinto como que uma onda que começa, muitas vezes, na minha cabeça, e é como se minha cabeça estivesse aumentando de tamanho. Eu sinto uma espécie de calor vindo em direção à minha parte de cima do corpo. Às vezes, essa sensação me causa uma sensação agradável, um bem-estar. Muitas vezes, eu sinto medo... As vezes que eu já senti medo ou já senti um mal-estar, as mensagens foram interferidas. Eu me lembro uma fase da minha mediunidade, eu ficava na sessão de desobsessão, recebendo mensagem dos espíritos sofredores que estavam ali... a sensação era terrível... a sensação era muito ruim, não era boa. Quando eu recebo a minha mãe, por exemplo, raramente ela vem, ela me parece um espírito assim, que atualmente está numa evolução muito boa, eu, às vezes, sinto uma sensação agradável por vários dias, não é só aquele momento. É uma sensação assim de paz, de alegria, é uma coisa que não dá para descrever. Quando eu recebo, às vezes, um espírito conhecido, que a gente reconhece ter um grau de elevação maior, como aconteceu na vez passada, no centro, você tem aquela sensação agradável por várias horas. Então, é isso que eu sinto na hora, vamos dizer, daquilo que se pode chamar de transe mediúnico.

[59:43] P: Mas isso você sente enquanto psicografa ou antes de iniciar?

M4: Antes e durante. A sensação persiste durante o ato de escrever, e ela vai se atenuando e vai perdendo a intensidade na medida que a mensagem chega ao final.

[1:00:05] P: E você tem percepções simultâneas à psicografia?

M4: Às vezes, tenho. Às vezes, eu tenho percepções, assim, de que eu não consegui escrever tudo aquilo que o espírito queria, e eu fico meio frustrado com isso. Porque a noção da beleza, a noção da grandeza que tá sendo colocada na minha frente é tão grande e eu não consigo escrever aquilo. E eu ficava impressionado com isso, até que, eu conversando com médiuns mais experientes, eles me disseram que até o Chico tinha isso. Às vezes, o Chico falava "É... eu não consegui expressar aquilo que

eu senti”, em palavras... Então, parece-me que é uma coisa que acontece com, não vou dizer todos, mas com muitos médiuns.

[1:01:11] P: E essas sensações que você descreveu, elas variam ao longo da escrita? De que maneira?

M4: Variam. Não só a sensação varia, mas a letra também varia. Tá? Eu estive lendo que nem todos os médiuns têm variação de letras. As letras são mais ou menos iguais. Mas, comigo acontece isso. Eu sei, por exemplo, às vezes antes da identificação da minha mãe, que... a letra é dela. É... eu sei... já tô começando a perceber os espíritos que são mais frequentes, quando são eles, por causa da letra e da sensação que eu sinto. É como uma calma, uma paz me invadissem na hora, aí eu sei que essa paz, essa sensação só pode ser tal espírito que está ali. Uma médium... que habitualmente fica ao meu lado na sessão, ela de vez enquanto me descreve. Fala “Olha, a fulana”, no caso, por exemplo um espírito que já foi referido, que estava ali, a Ivone do Amaral Pereira. Ela... de vez enquanto eu recebo uma mensagem dela. Ela é relativamente frequente aqui em Uberaba... o A., por exemplo, recebe a D. Ivone. Eu sinto quando é ela e ela já foi vista ao meu lado. Há poucos dias atrás, eu recebendo uma mensagem de uma pessoa que me contou... ou para uma pessoa. Ela me contou de um sonho, que ela estava sendo levada para um hospital do mundo espiritual. Essa pessoa é uma senhora casada, tem um filho, mas é uma pessoa meio transcendental. Porque quando ela coloca na cabeça que tem que ajudar alguém, ela faz coisas incríveis para essa pessoa. Então, esse espírito, que era uma mulher, estava mostrando os enfermos do hospital e dizendo “Aquele está sofrendo por causa disso, aquele ali por causa daquilo, aquele outro tá assim”. E aí ela fixou os olhos desse espírito e perguntou, “mas por que tudo isso tá sendo me mostrado?” e o espírito não respondeu e ela acabou acordando. No outro dia, ela foi conversar comigo e ela recebeu uma mensagem. Na hora de assinar uma mensagem, inconscientemente você fica mais ou menos preparado para assinar o nome de algum espírito que você já conhece, que você sabe que normalmente dá aquelas mensagens. Mas nesse dia foi diferente... veio o espírito Meimei que era um espírito recebido pelo Chico. Aí, eu achei estranho porque eu já tinha recebido, uma vez, uma mensagem dela há uns quinze anos atrás, depois nunca mais. Tudo bem, entreguei a mensagem, a pessoa foi pra casa. E ela me contando depois que ela leu a mensagem, achou linda, começou a chorar porque falava muitas coisas que ela estava fazendo. Aí, ela deu a curiosidade de saber quem foi Meimei. E ela entrou na internet, na Internet tem o retrato da Meimei, e era exatamente o espírito com quem ela tinha sonhado. Aí, e ela diz que caiu no choro, e foi preciso muito tempo pro marido poder controlar ela. Aí, depois, ela trabalha com florais, e ela compra os florais em uma cidade... Itaúna... aqui perto de Belo Horizonte. E aí, ela conversando com o fornecedor, ela contou da mensagem. Ele falou “A Meimei? Meimei morou aqui em Itaúna”, ela morava em Itaúna. E contou pra ela a história da... e ela contou também que a Meimei trabalhava... parece-me que... não sei, ela me contou e eu me esqueci... Alguma coisa relacionada com florais dela. Então, eu achei muito estranho, realmente é uma coisa interessante, né, que acontece conosco de vez em quando, na mediunidade.

[1:07:06] P: E o que você acha que vem do médium e o que vem do espírito comunicante?

M4: Como diferenciar? Olha, isso aí é uma coisa que a gente vai aprendendo aos poucos. Porque é como eu tô te falando... Às vezes, eu me preparo para fazer um

curso de pensamento numa mensagem, por exemplo, eu estou escrevendo, eu tô no meio da mensagem, aí de repente eu projeto meu pensamento e digo “vai caminhar nesse sentido”; caminha num sentido completamente diferente. Muitas vezes, o pensamento dos espíritos que eu habitualmente consigo perceber são um teor em evolução completamente diferente do meu. Então, sei também quando eu estou sendo interferido, porque nem tudo são flores... Por exemplo, principalmente quando eu vou para São Paulo, é como se eu perdesse um pouco a conexão... eu fico muito, assim, diferente, quando eu estou em São Paulo, quando eu tô chegando em São Paulo. Eu não sei, mas eu tenho a impressão que deve ser a interferência dos conflitos, dos pensamentos, aquela cidade é muito selvagem. Então, isso com certeza interfere numa pessoa que tá acostumada com outro tipo de padrão vibratório. Eu vou te dizer... Não é fácil, às vezes, diferenciar o que é seu e o que é do espírito, mas com o tempo a gente consegue fazer alguma diferenciação.

[1:09:04] P: E você se comunica diretamente com algum guia ou mentor espiritual? E em que situações?

M4: Não... eu, como eu tô te dizendo, eu peço ajuda, né? Eu peço ajuda e já me aconteceu, assim, coisas muito estranhas aqui no consultório. Outra ocasião eu tava atendendo um casal... um marido e a mulher acompanhando. Aí, de repente, sem conhecer direito aquele casal, eu não sabia que eles eram espíritas, apesar de já serem meus pacientes há algum tempo, mas eu não sabia que eles eram espíritas. Aí a mulher fala assim, “Doutor, o senhor conheceu o doutor Adroaldo?”, “Conheci, trabalhei com ele, não vou dizer que ele tenha sido meu professor na faculdade, porque eu não cheguei a ser aluno dele, mas eu fiz psicoterapia, ele era psiquiatra, eu fiz psicoterapia com ele, junto com alguns amigos, colegas, fizemos um grupo de estudo de psicoterapia durante cinco anos, eu trabalhei com ele também na área espírita, por que a senhora está perguntando isso?”, “Porque ele está aqui ao seu lado.” Eu fiquei impressionado com isso, ela me disse mais, que ele estava dizendo que tinha sido escolhido para me acompanhar, e como eu atendo muitos casos psiquiátricos, assim... de nuance psiquiátrica, então, às vezes, durante a entrevista, eu faço pedido mental de ajuda, e eu sinto que isso chega. Em uma ocasião aconteceu de eu estar atendendo uma moça. Era uma moça que tinha uma cefaleia e eu não tava conseguindo resolver a cefaleia dela. Ela já tinha feito várias tentativas e eu não conseguia resolver... Aí eu pensei assim, “Meu Deus, o que eu vou passar para essa moça?” Aí aconteceu... eu dormi na frente dela, eu dei uma cochilada de 3 segundos. Quando eu acordei, na ficha tava escrito o nome de um remédio, aí eu pensei, “Meu Deus, esse remédio tá certo”, e aí eu passei esse remédio e realmente foi útil pra paciente... Então, muitas vezes, eu estou pensando num determinado remédio e na hora que eu escrevo na receita sai outro. E eu fico pensando, “Claro me enganei, mas esse remédio pode ser melhor do que aquele que eu estava pensando”, então estas coisas não são frequentes, mas de vez em quando acontece. Agora, contato direto de ouvir, de ver... de ver, não, mas de ouvir e sentir a intuição de que ele tá me passando alguma coisa... eu tenho. Em uma ocasião meu pai já tava numa fase terminal... ele sofreu um infarto, tava tomando alguns remédios e... alterou um pouco a mente dele. E aí, ele ficou meio confuso, e quem trabalhava com ele em termos de tirar dinheiro pra ele no banco, levar, era eu. Então, ele me pediu para tirar um dinheiro, eu tirei, levei, entreguei para ele, de manhã, quando foi à tarde, ele me disse: “Sabe aquele dinheiro que você me deixou? Me roubaram”. “Roubaram? Como? Você não sai de casa, tá de pijama, como que roubaram?”... “Entrou gente aqui?”. “Entrou. Entrou um homem aqui e me roubou esse dinheiro”. “Caramba, não é possível, cadê esse

homem, como é que foi isso aí?”. E ele falou “não sei, o homem apareceu no meu quarto pegou meu dinheiro, minha carteira” Aí aquilo me deu uma irritação porque eu sabia que não era verdade, e eu falei “Ele deu esse dinheiro pra alguém”. Porque meu pai começou a fazer umas coisas desse tipo. A empregada percebeu que ele tava meio confuso, apesar de ser uma pessoa muito honesta, mas de vez em quando ela dava uma mordidinha nele. E eu falei “Dessa vez doeu, porque foi cinquenta reais.” Aí, nessa ocasião, nesses dias eu estava dormindo com ele, porque minha mulher estava em São Paulo e ele estava meio doente e eu fui pra lá pra tomar conta dele. Eu tinha um “apertamético” que eu ficava pra ter o isolamento necessário quando minha mulher chegasse e tal, às vezes ela vinha. E aí eu fui fechar o portão da garagem e eu ouvi uma voz. “Olha, não acuse sem que você saiba o que está acontecendo, a carteira está dentro da gaveta da penteadeira”. Eu fui lá e ela tava lá. Então, quer dizer... os contatos que eu tenho são muito esporádicos, né?

[1:15:36] P: E, normalmente, onde você costuma psicografar? No centro? Trabalhos em casa? Enfim, permanece sozinho ou é auxiliado por alguém?

M4: Não... No centro eu tenho alguém que me puxa as folhas. Aqui em casa, eu psicografo todos os dias que eu vou ao centro psicografar, que é na terça-feira. Então, na terça-feira, depois do trabalho, eu venho pra casa e recebo uma mensagem íntima, vamos dizer assim, de orientação. Aí, eu não tenho ninguém para me ajudar, a mensagem é menos estressante... o contato é mais íntimo, a vibração é mais íntima, é exatamente no lugar aonde eu recebo a minha mãe por exemplo. É bem mais tranquilo. Então, nesse momento, se algum espírito tem que me passar alguma orientação, eles fazem isso. Eu já recebi algumas orientações nesse sentido, por exemplo, eu chego a tremer nas bases quando eu recebo orientações desse tipo assim: “prepare-se porque você vai passar por uma fase difícil” porque realmente demora quinze dias, um mês, mas ela vem. Mas nunca falam o que que vai ser... só falam que a barra vai pesar (risos).

[1:17:27] P: E durante quanto tempo você psicografa?

M4: No centro, mais ou menos de uma hora a uma hora e meia, ininterrupta . Em casa é mais ou menos vinte minutos, por aí.

[1:17:41] P: E que tipos de materiais você utiliza para a prática da escrita mediúnica?

M4: Papel e caneta. Eu tenho uma caneta igual a sua, que eu escrevo com ela há trinta anos, só ela me serve. A quantidade de canetas que eu ganho, eu tenho mais de duzentas canetas dentro de casa, já ganhei de todas as marcas, todos os tipos, canetas bonitas, mas a única que eu escrevo é essa, que eu gosto. Eu só escrevo com ela.

[1:18:17] P: E tem alguma diferença a opção por caneta ou lápis?

M4: Tem, tem. Se trocar a caneta eu sinto diferença... não me agrada.

[1:18:26] P: Mas a experiência de escrever com lápis ou escrever com caneta, tem alguma dificuldade, facilidade?

M4: Eu nunca escrevi com lápis. Eu não gosto de escrever com lápis. Me parece que o Chico escrevia com lápis, mas depois de um tempo, ele começou a escrever com

caneta. Eu, não, eu realmente só gosto de escrever com caneta. E os outros médiuns que eu conheço, todos escrevem com caneta.

[1:18:59] P: E quais hábitos ou recomendações você segue antes de praticar a psicografia? Durante o dia, por exemplo...

M4: No dia que eu psicografo, é um dia muito pesado para mim. Eu dou aula de manhã, atendo o consultório logo em seguida, depois eu vou para minha neta. Depois eu vou para a faculdade de medicina, outra faculdade, e eu tenho a tarde inteira de ambulatório, Ambulatório do SUS, pesado, com aluno... você tem que se esforçar muito para poder corresponder. Então, eu chego no centro depois de cinco horas e meia de ambulatório, estafado. Mas, a partir da hora do almoço em diante, eu já começo a sentir uma nítida mudança no meu teor de pensamentos, porque naturalmente nossos pensamentos vagueiam muitas vezes por coisas absurdas, por pensamentos horrorosos, e eu vejo que começa a haver uma limpada nisso, uma limpeza, uma seleção e essas coisas vão diminuindo de intensidade. E também eu diria que a preparação para a psicografia minha começa no domingo. Eu já começo a perceber de uma maneira menos intensa tudo isso que eu tô te descrevendo, e lenta e gradativamente vai aumentando até na hora do almoço da terça-feira. Aí a coisa pega mesmo. Eu sinto que há uma interferência bastante significativa nisso. Antigamente, muitas coisas aconteciam comigo, impedimentos, tá? Eu sentia que o dia que ia trabalhar era cheio de imprevistos, mas essas coisas foram melhorando, parece.

[1:21:16] P: Mas tem algo que você faça, especificamente, para se preparar para esse dia da psicografia?

M4: Prece. Só a prece. A prece da manhã eu faço, sempre que eu posso, eu estou fazendo prece. Então eu faço a prece e eu procuro pensar melhor, né? Coordenar os meus pensamentos, obedecendo a essa tendência de... que eu percebo que acontece comigo.

[1:22:08] P: Mas quando você não faz essa preparação, seu desempenho é afetado de alguma maneira?

M4: Não, eu sempre faço, né? Não existe, assim, realmente, eu nunca... que me lembre, eu nunca psicografei de imprevisto, tá? Porque eu acho que o psicógrafo, ele tem que se disciplinar. Eu tinha um amigo, faz muito tempo que eu não o vejo, ele me dizia... ele é até autor de livros, ele escreveu dois ou três livros psicografados, mas ele me dizia que, às vezes, ele tava viajando de carro e ele tinha que parar para escrever. Eu acho que isso é interferência, nenhum benfeitor vai fazer isso com você. Então, eu acho que se você estabelece para os espíritos os horários que você vai fazer, vai permitir, eu acho que essas coisas realmente... Então se você vai fazer naquele horário, você se prepara para aquilo.

[1:23:30] P: Você disse que costuma psicografar mensagens de orientação, não é? Você já chegou a organizar, a publicar um livro com essas mensagens?

M4: Não. Essas mensagens, elas são entregues para a pessoa na forma original como elas são recebidas, e há uma gravação, uma fita, porque muitas vezes as pessoas não conseguem entender as letras... então, isso é liberado. Agora, me parece que

mesmo com o Chico, ou com o Bacceli, sempre tinha uma pessoa que pegava a mensagem e escrevia, né, a mensagem, passava a limpo e ficava arquivado. Mas eu não tenho essa pessoa, pra fazer isso. Eu tenho mensagens, porque, no trabalho, nós temos uma mensagem última de orientação geral, essas mensagens eu tenho guardadas, tá? Mas as mensagens que são entregues, muitas delas eu acho, assim, maravilhosas, se perderam... eu não tenho referência delas. Não é pretensão minha escrever um livro, talvez... não por ora. Eu tenho recebido algumas coisas que me disseram, um espírito que ditou disse: “Guarda, que você vai precisar disso mais tarde”, sugerindo a edição de um livro, de uma coisa... Mas elas estão inacabadas. A Ivone do Amaral Pereira, ela psicografou trinta anos pra depois começar a publicar. E ela achava também que os livros dela não tinham substância para ser publicado. Veja, *Memórias de um suicida*, segundo o Chico, foi um dos melhores livros psicografados até hoje. E ela achava que não tinha muito valor... não que eu esteja querendo me passar por ela, mas eu, no fundo, no fundo, eu não sinto assim que seja motivo para escrever, porque tem tantos livros né?

[1:26:32] P: E você mesmo digita o seu material, no caso, essas mensagens que você arquiva?

M4: Eu mesmo digito.

[1:26:40] P: Tem alguma dificuldade para entender a caligrafia?

M4: Uma ou outra palavra isolada... mas, habitualmente, não. Porque muitas vezes eu paro numa palavra e ela vem na minha mente. Eu, de repente, eu descubro que aquela palavra é aquela palavra. Entendeu? Talvez uma intuição...

[1:27:07] P: E nas suas mensagens, como os espíritos costumam se identificar? Elas são normalmente assinadas? São anônimas?

M4: São assinadas, todas elas são assinadas. Muito raramente assina “um espírito protetor”. Talvez, muito poucas até hoje, todas são assinadas.

[1:27:33] P: E além dos nomes, há também outras informações mais específicas?

M4: Há. Tem um espírito, por exemplo, que eu recebo, que nas primeiras palavras que ele começa a escrever, eu sei quem é ele. Porque a escrita é violenta e tem horas que eu acho que a caneta vai pular da minha mão tal a rapidez, e realmente... aí eu sei que é ele. E quando é muito calmo, muito tranquilo a letrinha bonita, eu sei que é outro espírito. Então, dá para ter uma pista, mas é como eu te disse, agora há pouco, de repente aparece um nome completamente diferente.

[1:28:31] P: Você psicografa de olhos abertos ou fechados? E por quê?

M4: Abertos.

P: Por que, especificamente?

M4: É um hábito. Não tem realmente, assim, motivo para ficar com olho fechado ou olho aberto. Eu acho que eu me sinto um pouco mais seguro com os olhos abertos, embora eu apoie a mão no rosto e as pessoas podem pensar que eu esteja com os olhos fechados... Ah... Eu não vou falar “Olha gente, eu tô de olho aberto”, não vou

fazer isso, né? Mas todo mundo que me pergunta eu digo, “não, eu faço de olhos abertos”.

[1:29:19] P: E você sente necessidade de olhar na folha? Onde você psicografa há iluminação?

M4: Não necessariamente. Eu já psicografei em ambientes, assim, que não dava para ver direito o que tava sendo escrito, mas os olhos estavam abertos. Me lembro, assim, na sessão de desobsessão a luz fica apaga, só uma luzinha fica acesa e eu escrevia ali... então, não necessariamente.

[1:29:55] P: Você já psicografou com as duas mãos, ou com a mão com a qual você não escreve?

M4: Não... Eu tenho, assim, de vez em quando, ímpetos de pegar a caneta com a mão esquerda. Mas, como eu não escrevo absolutamente nada com a mão esquerda, eu fico pensando “Ah, isso deve ser um pensamento”, eu afasto esse pensamento, talvez uma interferência, alguma coisa... Não, eu nunca fiz isso.

[1:30:33] P: Você já psicografou mensagens em outros idiomas?

M4: Não, também não.

[1:30:37] P: Em espelho?

M4: Não, também não.

[1:30:40] P: Em dupla com algum outro médium?

M4: Não, também não. Eu... Eu acho... que eu tenho notícia, só o Chico fazia isso. O Chico... não sei se você tem conhecimento, alguns livros no início da vida mediúnica dele foram escritos em parceria com o Waldo Vieira. As páginas pares ele recebia em Pedro Leopoldo e as páginas ímpares o Waldo Vieira recebia em Uberaba. Não, nunca tive.

[1:31:23] P: Você sente inspirado a tratar de determinados assuntos antes das sessões, ou nos dias, horas, minutos antes?

M4: Às vezes, mas não para pessoas. Mas a mensagem final de encerramento, muitas vezes a ideia surge na minha cabeça, tá? Mas as palavras não, a ideia, o pensamento, a percepção. Mas, às vezes, isso não se configura, eu penso numa uma coisa e acaba saindo outra completamente diferente.

[1:32:09] P: Você costuma checar as informações presentes nas suas psicografias, quando há uma maior especificidade? E com que frequência?

M4: Eu vou te contar uma coisa que aconteceu comigo... eu recebi uma série de mensagens de um espírito falando sobre doenças mentais, do ponto de vista espiritual. Então, o espírito falou uma coisa assim tão inusitada para mim... ele disse que o cérebro secretava uma substância que caía dentro do liquor que envolve o cérebro e que transcorria, percorria todo o interior do cérebro, saía para fora como o liquor faz, era absorvido, caía no sangue e influenciava o corpo todo. Que essas

substâncias eram eliciadas pelos espíritos. Eu achei aquilo, assim, muito estranho, eu nunca ouvi falar nisso, que coisa mais louca. Quem falava isso era... René Descartes. Eu não sei se você já teve oportunidade de ver “O Homem” do René Descartes. Ele tem um tubo que começa na cabeça e vai até lá embaixo, no corpo, você já viu essa figura? Aí eu fui estudar... entrei na internet, pesquisei durante uns dois dias mais ou menos... trabalhos pesados. Aí eu achei... é pesquisa moderna, recente, que não era do meu conhecimento. Então, quer dizer, eu tinha ouvido, já tinha visto alguma coisa sobre algumas células que existiam na borda dos ventrículos que secretavam algumas substâncias, só. Mas a conclusão disso tudo eu não tinha ideia e achei muito estranho. Mas na hora que eu li o artigo, né?... eu achei fantástico, eu fiquei impressionado. E aí (risos), na próxima mensagem, o espírito disse assim “Eu vou encerrar por aqui, vamos dar um tempo de duas ou três semanas para que você possa estudar o nosso próximo tema”. Eu falei assim: “Tá me achando com cara de malandro”, né?

[1:35:37] P: Mas enfim, você me contou isso, mas não é algo que aconteça com frequência, né?

M4: É, uma ou outra vez... realmente...

[1:35:52] P: E quais assuntos são predominantes na sua psicografia?

M4: Nas minhas orientações, um assunto que volta e meia os espíritos orientadores falam, é sobre encarnações passadas. Aí eu fui num médium mais experiente e disse para ele assim “Escuta, os espíritos tão escrevendo pelo meu intermédio coisas que eu não teria coragem de escrever, o que que tá acontecendo? Será que eu tô ficando doido, isso é coisa da minha cabeça?”. Ele me conhece... me conhece bem, ele sabe quem eu sou... Ele me disse assim: “Fala para o espírito manear, fala que você não está bem preparado para ir nessa profundidade”. Eu não sei por que, mas agora eles dizem assim “Nós não vamos entrar em detalhes porque isso não seria muito interessante no momento”, mas é só de vez em quando, eles ainda continuam buscando a justificativa do comportamento nas reencarnações passadas. Isso é uma característica que poderíamos chamar de um padrão das minhas mensagens. Eles exploram muito a parte de encarnações passadas.

[1:37:41] P: Mas você já chegou a escrever sobre um assunto que você não dominasse, ou que desconhecesse completamente?

M4: Por exemplo, às vezes ocorre, durante a entrevista, eu chegar com a pessoa e dizer assim, “Há quanto tempo você tem dor de cabeça?”, “Por que você tá triste?”... ou coisas, por exemplo, “Você tem um filho com problemas?”, “O que você pensa sobre isso?”. Eu não tenho a mínima informação sobre isso, eu não sei nada sobre a vida da pessoa, tô conhecendo ela naquele momento e fico com muito medo de estar falando isso porque pode não ser verdade. Então, depois é que vem a certeza de que era sim, porque a pessoa começa a chorar... Eu nunca disse uma coisa, ou afirmei uma coisa que eu não soubesse da pessoa que fosse errado. Então acho que a mensagem é passada de uma forma tão intensa, que eu falo aquilo como se fosse verdade. Isso me apavora um pouco porque a qualquer momento eu posso me deixar interferir e acabar errando essas coisas. Mas, até agora, realmente não tem acontecido. Eu me lembro de uma moça que eu disse “Você tem uma filha com problema... essa filha não é sua”, e aí ela confirmou. E uma outra que eu disse “Por que você fez aquele aborto?”, e a moça começou a chorar... foi terrível...

[1:40:04] P: Seus textos costumam ter rasuras, reescritas, exclusões, reelaborações?

M4: Não. Eu me lembro o que aconteceu há alguns anos atrás, foi que eu tinha dois trabalhos mediúnicos no mesmo dia. Eu saía da faculdade, aquele dia pesado, fazia uma palestra no B. S. e corria para o J. H. fazer a psicografia. Eu não tinha tempo de entrevistar as pessoas. Eu sentava na mesa com as cartinhas e começava a escrever. E aí houve duas mensagens que o nome ficou meio truncado. E isso me deixou muito chateado. Aí eu reclamei para os espíritos, e eles me disseram “Você não deve fazer isso”, “Na terça-feira que você faz a palestra, não há psicografia”. Desde então, não houve mais problema. Mas o Chico falava que você tem que... Você já ouviu falar em telemetria? A telemetria, por exemplo, eu pego essa caneta que você usa, e eu sou capaz de dizer muita coisa do que você pensa, do que você é. Então, às vezes, o Chico, no receber uma mensagem, ele era solicitado a receber uma mensagem, ele pedia uma foto da pessoa... ele já tava “telemisando” a pessoa, ele já tava entrando em contato com a... entende? Então, isso é muito importante para o médium, então você, nem que seja uma palavrinha, você tem que dar com a pessoa. Mas, já me aconteceu, por exemplo, de eu... é... hoje dá tempo de eu entrevistar, e muitas pessoas entregam o papel apenas com o nome, orientação espiritual e descreve em uma linha ou duas linhas “tô deprimido, tô sofrendo”, coisas desse tipo. Eu vejo o papel. E, às vezes, vem uma mensagem de uma pessoa que eu não conheço, não vi, não sei se é magro, gordo, velho, não sei nada da pessoa. E a mensagem vem, entendeu?... assim, com tudo certo, vamos dizer, tá? Falando sobre os pensamentos que aquela pessoa tem, coisas desse tipo. E é tão inesperado que, às vezes... Por exemplo, na terça-feira passada, anteontem, eu recebi cinco ou seis pedidos de mensagem, e veio uma mensagem pra uma senhora que eu a vi no centro. Na hora que eu bati o olho nela, ela é minha conhecida... eu bati o olho nela, eu senti que ela ia receber uma mensagem. O espírito disse, pela voz da consciência, ele disse assim: “Ela tá precisando receber uma mensagem”. Só isso, de repente veio uma mensagem maravilhosa contando os detalhes da vida dela. Impressionante... E ela ficou tão emocionada que ela não conseguiu falar direito comigo depois. Então, são coisas que acontecem, né? Agora, tem um detalhe, eu sabia que ela ia receber a mensagem, às vezes eu sei quem vai receber a mensagem... às vezes, eu sou intuído em escolher entre aqueles papéis todos quem vai receber as mensagens... às vezes, não, às vezes, sim.

[1:45:21] P: E qual é, normalmente, o ritmo da sua escrita?

M4: Rápido, rápido. Um pouco mais rápido do que habitualmente eu escrevo.

[1:45:29] P: E costuma dar pausas?

M4: Um pouco, às vezes. Eu sinto que na hora da pausa é uma hora que eu perdi o contato, parece que foge, eu fico sem saber, parece que dá um vazio na cabeça, dá um *clep* lá que eu não sei o que é.

[1:45:19] P: E como é a retomada?

M4: Automático, às vezes, quase sempre continuando o que tava sendo falado, que eu já esqueci o que era...

[1:46:15] P: Mas você não chega a reler o que você já escreveu?

M4: Não, jamais. Eu nunca volto atrás para ver o que já escrevi, pra continuar escrevendo. Não faço isso. Nunca tive, nunca senti necessidade de fazer isso... porque as coisas correm por conta deles, né? Eu eu não interfiro nisso, eu procuro me manter à parte disso.

[1:46:55] P: Você sente limitações ou dificuldades como médium psicógrafo? E quais?

M4: Muitas. Enormes. Eu sinto que eu sou um péssimo médium psicógrafo... Tanto que até há algum tempo atrás eu não deixava as pessoas do centro me chamarem de médium, né, me chamava pelo nome. Assim, em termos de recados, o fulano vai atender hoje, o fulano vai atender amanhã... Aí, com o tempo, como as pessoas insistiam em continuar me chamando de médium, eu deixei passar. Mas, eu sinto que eu não sou nada, em termos de mediunidade, eu sinto que eu tenho muito a aprender. E uma mensagem que eu recebi há um tempo atrás, uns dois, três anos atrás, me dizia o seguinte “A sua mediunidade não tinha sido programada... em termos de eu ter uma missão definida como médium... ela tá acontecendo na medida de seu empenho”. Eu já ouvi dizer, eu não sei qual a veracidade disso, que disseram que o Baccelli, por exemplo, não era para ser o médium que é. É muito pelo empenho que ele tem. E o Chico também, o objetivo do Chico não eram 400 livros, o objetivo do Chico eram poucos livros, era, 60, 80, 100 livros, no máximo. O Chico é que foi além. Então, eu sinto que, às vezes, o E., médium, tá lá atrás, e eu fico puxando ele para frente, entendeu? Eu sinto que eu estou... é mais ou menos isso, sinto que eu estou puxando a mediunidade, eu tô me esforçando. Porque eu também recebo entusiasmo para fazer isso, eu tenho entusiasmo para fazer isso... né? Então, realmente eu acho que... mas em nenhum momento da minha vida eu quis fazer mensagem em centro, eu quis, vamos dizer... escrever mensagem pra pessoas. Todas as vezes que eu tive oportunidade de fazer isso, de trabalhar em centro, as pessoas me chamavam e insistiam para que eu fosse, mas, de minha iniciativa, “não, eu vou sentar aqui, eu vou escrever, eu sou médium”, eu nunca tomei essa iniciativa... por uma razão muito simples, eu não me sinto ou não me sentia em condições de fazer isso.

[1:50:22] P: Mas você já sentiu alguma dúvida em relação ao que você psicografa?

M4: Muitas, principalmente no início da minha atividade mediúnica, eu tinha inúmeras dúvidas. Mas é como eu te falei, vão acontecendo essas pequenas coisinhas, é como gotinhas que eles pingam na sua trajetória, que reforçam enormemente a sua crença. Entende? Quando você tá “Ai, não... eu não tô, tá ruim, eu não sou assim” aí vem e *tum*, aquela gotinha que reforça. “Não o negócio é esse mesmo, é aqui mesmo!”, entende? Eu acho que essas coisas, esses pontos, são acontecimentos, como se usa falar hoje, “pontuais”, que seriam provocados pra que médium não desista. Porque eu acredito piamente que a gente sofre uma interferência bárbara. Imagine você o seguinte: você matou alguém numa encarnação passada... esse alguém tá te perseguindo, tá armando uma tremenda devastação para você agora... você não se lembra disso, mas o cara tá lá, tá morto, ele tem um ódio pavoroso de você, ele tá armando uma tempestade que vai cair na sua cabeça, e você tá entrando na dele. Aí chega um médium e te dá uma mensagem, te resgatando daquele obsessão, ou te orientando pra que você saia daquela sintonia. Você acha que aquele cara vai achar bom? Não. Ele vai cair em cima do médium. Ele vai cair em cima do outro. Tá? Então o médium que trabalha na mediunidade de auxílio às pessoas é um indivíduo muito visado. Então, para isso, ele precisa andar certinho... certinho... certinho... certinho... entendeu? Mas, mesmo assim, a gente não é perfeito, então, nós temos nossas

falhas, e os espíritos inimigos aproveitam essas falhas, e aproveitam muito bem. Algum tempo atrás eu tive uma experiência, uma coisa que eu acho que realmente só pode ser isto. Os meus negócios eu entregava pra um contador, e o contador tomava conta da minha declaração de imposto de renda, essas coisas. E eu não sei se proposital ou não, ele me deu um tombo econômico, assim... uma coisa estrondosa, um prejuízo violento. E ele não verificou as coisas, teve dez oportunidade de fazer isso e ele não fez, por que? Eu perguntei pra ele “por que você não fez? Você teve a oportunidade em tal época? Por que você não me alertou? Eu chegava entregava o papel pra você e dizia: a multa tá aqui! E você falava pra mim que está tudo certo”. E um dia, quando a coisa realmente assumiu.... eu ouvi alguém me dizer “Olha, nós vamos resolver isso pra você, mas tome a iniciativa de sair da onde você está. Ou seja, então eu saí, procurei outra pessoa idônea e no fim deu tudo certo. O oficial de justiça que chegou na minha casa, aqui, pra penhorar os meus bens porque eu não pagava, eu não tava sabendo, como eu iria pagar uma coisa que não tava sabendo? Disse assim: “Não, eu não acredito que o Dr. E. tenha feito isso de má fé. Eu não vou entregar a coisa, eu quero falar com ele”. Aí ela me ligou e eu conversei com ela e ela falou: “não, o contador que senhor tá arrumando agora é excelente, é muito bom, eu conheço ele”... oficial, de justiça, entende? Então eu senti que nesse momento houve uma interferência espiritual. De maneira que eu acho que se você tá bem intencionado, se você tá querendo fazer a sua coisa bem feita, no momento aprazado, você é ajudado. Mas veja bem, por que aconteceu isso comigo? Por que eu sou descuidado. Porque eu tenho muita confiança nas pessoas que trabalham comigo, mas eu não posso ter essa confiança, eu tenho que vigiar minhas coisas, entende? Mas eu não sou dado a esses negócios... Então, pegou num defeito meu. Mas foi uma interferência que aconteceu. Com certeza foi. Aí eu conversava com outras pessoas e eles me contavam coisas terríveis mais ou menos iguais às minhas, entendeu? Do nada, acontecia uma coisa apavorante. E deu neste prejuízo também. Então é da onde você começa a imaginar que o negócio é perigoso, existe equipes de espíritos trevosos cujo o objetivo é botar você em maus lençóis. Então, são coisas perigosas.

[1:57:33] P: Digamos, como é sua relação com as pessoas que recebem mensagens de orientação que você citou?

M4: A maioria, 90%, são pessoas que eu nunca vi na minha vida. Eu não conheço. 10% são pessoas conhecidas. Às vezes, são pacientes meus que vão lá sem que eu mande, entendeu? Pessoas que me conhecem da cidade, que vão lá, que já ouviram falar, são pessoas do centro, tá? Mas 90% são pessoas que eu nunca vi.

[1:58:22] P: E a reação dessas pessoas? Como costuma ser?

M4: Muitas delas, ao ouvirem a mensagem, choram, me agradecem muito... outras recebem indiferentemente. E tem algumas, muito poucas, mas sempre tem, né, que nem vão lá pegar a mensagem. Não estão na hora da leitura, não sabem que receberam, nem voltam para pegar. Então, realmente tem todo tipo de resposta, né, vamos dizer assim. Pessoas que às vezes recebem uma mensagem e vão para tentar receber outra, algum tempo depois, porque acharam que aquela mensagem que recebeu foi boa, orientou bastante, é muito comum, pessoas, às vezes, receberem até três mensagens diferentes em épocas diferentes.

[1:59:26] P: E o que você aprendeu como médium psicógrafo?

M4: Como médium psicógrafo eu aprendi que auxiliar sempre que você puder. Eu aprendi, aprofundei muito a minha ética, tanto profissional quanto como homem, ser humano. O respeito pelo sofrimento do outro. Eu sempre procuro ver nas mensagens que eu recebo, que ela está sendo dirigida para mim... também. O Chico falava muito isso e eu achava que isso era... era enfático da parte dele, mas não. Muitas vezes, a mensagem toca em problemas seus que você não tem coragem de admitir. Então, realmente eu aprendi a vida de uma forma diferente, que eu não conhecia. Aprendi que, na mediunidade, a caridade vem em primeiro lugar. O espírita que não tem caridade, ele não assimilou ainda os ensinamentos básicos da doutrina. Muitos, a maioria dos espíritas, ainda estão muito distantes da doutrina. Eles conhecem, admitem ser verdade a existência dos espíritos, mas não praticam a caridade. São católicos travestidos, porque o católico acha, dentro da infantilidade dele, que ele indo à igreja, à missa no domingo ou às vezes uma vez por semana, rezando e se confessando uma vez por ano, ele tá salvo. Minha mãe acreditava que se ela tivesse feito as nove primeiras sextas-feiras... não sei se você sabe disso, o católico que comunga nove primeiras sextas-feiras, durante nove meses, ele está salvo. Então eu acho que tem muito espírita que ainda tem um ranço católico. Eles agem como católicos, vão ao centro, tomam passe e "Corram!", vão embora pra casa... Eles não ficam para ouvir palestra, não participam das atividades do centro. Então, realmente, essas coisas... você vê acontecer. Então, eu acho que isso tudo eu aprendi. Mas uma das coisas mais importantes que aprendi como médium foi... a morte não existe. Eu tenho certeza absoluta que... tem uma vida pela frente e que eu vou viver. E tenho certeza absoluta também que, em decorrência de eu saber isso, a minha responsabilidade é muito maior de que quem não sabe. Então, é uma questão de você aprender e ser responsável por aquilo que aprende.

APÊNDICE H – Transcrição: Entrevista com médium 5 (M5)

Na transcrição, “P” refere-se ao pesquisador e “M5” ao médium informante.

Médium 5 (M5)

Sexo feminino, 52 anos de idade.

Grau de escolaridade: Ensino Superior

Profissão: Contadora

Tempo de experiência com a psicografia: 3 anos

Duração total: 1:02:21

[00:23] P: (...) qual centro ou grupo espírita você frequenta?

M5: Atualmente, frequento o C. E. A. K.

[00:23] P: E quais dos seus trabalhos espirituais envolvem a psicografia?

M5: A psicografia eu desenvolvi no centro e depois me orientaram e fazer em casa, né, porque tem outras atividades que participo.

[00:53] P: Você gosta de ler?

M5: Gosto.

[00:56] P: E que tipo de livro?

M5: Mais os livros espíritas, atualmente.

[01:01] P: Qual gênero?

M5: Romance... todos que aparece eu leio.

[01:07] P: Tem predileção por algum autor ou médium psicógrafo?

M5: Pelo autor Antônio Carlos, e agora eu comecei a ler aqueles do Tolstói... Tolstói que fala né? Que é aquele filósofo e hoje ele está psicografando, mandando uns livros, muito bom.

[01:26] P: Você gosta de escrever?

M5: Gosto, assim... gosto, sempre gostei de escrever.

[01:31] P: Desde cedo?

M5: Então, posso relatar? Quando eu era criança, eu gostava muito de desenhar e de escrever, então, às vezes, eu estava na escola, na sala de aula, eu dava uma sumida e escrevia ou senão desenhava. Mas eu nunca dei uma importância para isso. Aí quando foi o primeiro ano de faculdade, aí vinham uns textos muito bonitos, umas coisas muito bonitas. Quando foi no primeiro ano de faculdade, eu desliguei da aula e comecei... abri meu caderno e nem vi a professora aproximar de mim. Ela tomou meu caderno, foi lá na frente e leu para todo mundo. Mas eu fiquei tão assim, revoltada, eu falei "Gente, como faz isso?". Aí eu parei com isso um tempo. Mas eu não morava aqui, eu morava em São Paulo, aí, depois que eu voltei aqui eu comecei a frequentar a casa espírita, a desenvolver mais minha mediunidade. Porque eu falo que minha mediunidade não veio de eu frequentar a casa espírita, ou de estudar, não. Minha mediunidade eu digo que veio de livre e espontânea pressão né? Porque eu via, eu pressentia, eu tinha vontade de desenhar, eu tinha vontade de escrever... Aí, depois que eu voltei para Uberaba, é que eu fui começar realmente a desenvolver. Em São Paulo eu não desenvolvia, não.

[03:00] P: E como foi sua infância?

M5: Normal. Eu nasci aqui, fui para São Paulo com sete anos de idade. Aí eu morei lá até eu terminar a faculdade, morava com meus pais. Normal, mas, assim, eu falo normal mas eu sempre tinha de, às vezes, chegar na casa de alguém e ver um vulto ou pressentir que tinha uma pessoa, aí eu já falava "Me leva embora, eu quero ir embora". Enquanto não fosse embora, não me levasse dali, eu não sossegava, aí eu tinha isso. Aí, eu tinha uma prima, e eu deixava ela doidinha porque a gente saía junta, aí toda vez "Lu, vamo embora, eu quero ir embora", "que que foi, o que que você está vendo?" Porque eu tinha medo de comentar e... incorporar ou ver alguma coisa que eu não queria ver, sabe? Então, mas foi normal.

[04:04] P: E como você conheceu o espiritismo?

M5: Eu nasci aqui e lembro que desde criança minha mãe frequentava o centro, e ela levava a gente para a evangelização, aí como nós mudamos para São Paulo, eu fiquei um tempo sem evangelização, aí minha mãe resolveu colocar a gente para fazer catecismo... é catecismo que fala? Sei lá... aí eu ia, mas o que acontecia, eu queria resposta daquelas coisas que eu via, que eu pressentia, aí eu parei de ir.

[04:44] P: Com que idade isso?

M5: Com nove anos, por aí. Aí, em São Paulo, na época, era tudo mais difícil em relação ao espiritismo... aí tinha federação espírita, aí minha mãe começou a frequentar lá, e lá tinha um grupo de estudo para jovens, aí minha mãe me colocou e eu comecei a ir. Só que, assim, o pessoal que fazia parte do grupo de estudo, a meninada da minha idade não via o que eu via, não pressentia o que eu pressentia, então, para mim, ler aqueles livros não respondia, porque, quando a gente é criança, quer resposta imediata pra tudo. E eu não tinha aquela resposta porque eu queria entender por que eu via aquilo. Aí eu queria a resposta, aí eu parei também, fiquei um bom tempo parada. Depois com quinze anos de idade eu comecei a ver uma mulher, aí eu passei a não dormir no meu quarto, passei a dormir no quarto da minha mãe, e deu muito trabalho... e por fim eu nem entrava no meu quarto mais. Aí, tinha uma senhora que foi dirigente espírita no centro aqui em Uberaba que estava morando em São Paulo e, por coincidência, estava morando no meu bairro e minha tia descobriu.

Aí, minha tia levou lá, conversou comigo, eles conversaram comigo, aí eu comecei a entender um pouco mais. A partir dela, eu comecei a entender um pouco mais sobre espiritismo, comecei a ler, aí eu fui entendendo. Aí, acho que como eu tinha quinze anos, acho que pelo fato de ser jovem, tinha ter que estudar, trabalhar e eles deram uma bloqueada. Aí, depois de um certo tempo, eu descobri que essa senhora... Descobri, não, eu tive a intuição de que ela ia falecer em um ano a um ano e meio, e na casa dela toda semana tinha uma reunião espírita, oração e eu não ia sempre, porque estudava. Mas quando eu ia, toda vez eu via aquele caixão, mas eu não via quem estava no caixão... aí eu falava, descrevia que estava vendo um caixão, aí ela falava que era ela, outra pessoa falava que era ele. Eu falava “eu não sei quem é”. Aí, quando ela teve um infarto muito forte... eu fui pro hospital, e já me veio na cabeça, né? “É ela que vai falecer”. Aí, quando eu cheguei no hospital, as filhas dela vieram me cobrar, que eu sabia e que eu não contei, aí eu falei, “a partir de agora, o que eu via e ouvia era fruto da minha imaginação”, aí começou... às vezes, quando eu via um vulto, era fruto da minha imaginação, aí eu consegui ficar assim por uns dois anos... aí a coisa ficou mais acentuada. Aí, coincidiu logo com minha volta para Uberaba... aí aqui eu já comecei a frequentar o centro e desenvolver.

[07:31] P: Você estava com que idade nessa época?

M5: Vinte e poucos anos.

[07:41] P: Mas a partir de que momento você considera que se tornou espírita?

M5: Acho que nessa volta minha com vinte e poucos anos para Uberaba. Porque aí eu comecei a ler mais, estudar mais e a compreender.

[08:02] P: Você se recorda como foi sua primeira experiência mediúnica?

M5: Você diz com relação à psicografia ou em geral?

P: Geral.

M5: A primeira eu tinha quinze anos... Você quer que relata o fato? Eu estava de férias e vim para Uberaba e de Uberaba fomos para o Rio de Janeiro, com minha prima, sempre minha prima. Nós estávamos no playground do prédio e eu vi um homem vindo, mas eu estava de costas e vi ele vindo, né? Aí eu comentei com a minha prima e ela não falou nada. Aí, de repente, eu falei assim: “Lu, ele está aqui atrás”, e me marcou tanto porque ele estava com uma calça bege e uma camisa laranja, e eu nunca esqueci. Aí, nós saímos correndo, subimos o elevador e chegamos no apartamento, correndo e morrendo de medo. Quando passamos pela sala para ir para o quarto, ele estava sentado na sala em uma poltrona, aí nós nos trancamos no quarto, no tanto que a gente é burra, se ele tava lá em cima primeiro, ele ia chegar primeiro no quarto né? Aí passou, não vi mais o homem. Aí vim para Uberaba, voltei pra para São Paulo... eu estava na casa de um tio, no Rio. Aí passou uns seis meses ou mais, esse meu tio foi passear em São Paulo, resolver uns negócios, aí eu vi o homem de novo. Aí eu sei que eu descrevi o homem para meu tio. Aí eu falei pra minha mãe que eu tinha visto lá no Rio e que tava vendo o homem de novo. Aí meu tio falou “ me descreve”. Aí eu falei e ele falou que era o amigo dele que havia falecido em um acidente de carro... e ele queria mandar um recado pro irmão dele... eu não lembro dos detalhes... eu sei que era pro irmão fazer alguma coisa pra ele. E o irmão morava

aqui em Uberaba e era médico. Aí eu falei para o meu tio, tudo, contei os detalhes, aí o meu tio ligou para meu outro tio meu aqui e contou “Ah, você vai na casa do fulano, que o beltrano apareceu e quer que o irmão faz não sei o que para ele” e explicou o que era, eu não sei o que era mas tinha a ver com uns papéis, com uns negócio de documento. Aí meu tio contou para o médico que era irmão do rapaz. E o médico falou assim “Quando sua sobrinha vier aqui em Uberaba você traz ela aqui porque eu quero conversar com ela”. Meu tio falou “perfeitamente”. Aí, eu sei que eu vim em Uberaba uma vez passear e meu tio me levou lá. Cheguei na casa do homem, ele tinha uma peça comprida, enorme, ele encheu de fotografia... acho que pegou fotografia de tudo quanto era homem pra colocar e pôs. Aí ele falou “Se você realmente vê meu irmão, qual desses aqui é meu irmão?”. Aí eu fui e mostrei... aí e ele foi e fez o que o irmão pediu e nunca mais eu vi. Aí começou por aí... Mais marcante, assim, né.

[11:12] P: E a foto era exatamente como você via?

M5: Sim. Como eu via.

[11:15] P: Essa vidência era nítida, clara, era parecida com uma pessoa comum, ou um encarnado? Como era isso?

M5: Parece muito, mas você percebe que é mais leve, é interessante, né? Todo mundo faz essa pergunta para a gente que vê, né? É igual mais tem essa diferença, é mais leve, não é tão denso quanto a gente. É essa a diferença.

[11:51] P: E você se recorda como foi a sua primeira experiência com a psicografia?

M5: Não, exatamente, assim, não... porque aí ficava sempre aquela vontade de escrever, mas eu sempre segurava, né? Aí de vez em quando em casa eu sempre, se você pegar meus cadernos, que eu tenho muito caderno que eu guardei justamente por isso, sempre tem algumas coisas que eu percebo que não é meu. Porque, muitas vezes, assim... as palavras, tudo... o texto em si, o conteúdo do texto, eu falo “Isso não é meu”... mas, marcante, assim, eu não lembro. Aí eu lembro que depois no centro com os trabalhos de fluidoterapia, aí de vez em quando eu via... uma pilha de livros de capas escuras dessa grossura cada um. Só que a escrita eu não sei, até eu e V. ficamos de pesquisar para ver em que língua era, pra entender, mas era uma língua que eu não conheço, e a partir de então, eu tenho muita psicografia nesse... nessa escrita.

[13:19] P: Explica melhor isso, você enxergou esses livros com essa língua diferente?

M5: Sim. Enxerguei esses livros...

[13:27] P: E quando você escreve você também faz isso?

M5: No começo era mais intenso isso, mas com o passar das atividades diminuiu um pouco. Porque eu comecei, na realidade, desenhando com giz de cera. Às vezes, eu desenhava, aí depois me dava vontade e eu escrevia naquela língua, né? Aí depois que foi desenvolvendo essa psicografia.

[14:05] P: Mas a primeira psicografia que você recorda, como foi isso? Em que você conseguiu escrever realmente um texto, você se lembra?

M5: Não lembro.

[14:23] P: Há quantos anos você psicografa?

M5: Então, psicografar assim, de texto, que tem muitos textos, livros bem curtos, tem pouco tempo, tem uns dois, três anos. Agora essa coisa esporádica, assim, tem muito tempo.

[14:41] P: Quanto tempo mais ou menos?

M5: Desde menina, desde o ginásio. Pelos textos eu percebo que não era meu... mas naquela época eu achava que eu tava divagando. Mas não era meu, então hoje eu tenho noção que não era meu, naquele tempo, não.

[15:08] P: E você tem outros tipos de mediunidade além da psicografia?

M5: Então, esse trabalho de fluidoterapia, né em que as pessoas vão lá receber tratamento, eu tenho mais é de visão... por exemplo, a pessoa vai lá receber o tratamento, às vezes, eu percebo e vejo o que a pessoa tem... Né, eu vejo muito os aparelhos que eles usam nos tratamentos. Muito interessante. Aí teve a pintura, que teve uma época que eu comecei a desenvolver, eu parei. E a visão, então eu acho que tudo isso é muita coisa, a minha cabeça dá um nó (risos).

[16:01] P: E para você o que é a mediunidade?

M5: Eu acho que todo mundo tem mediunidade, só que eu acho que uns têm um canal mais aberto, outros menos, né? Eu acho que é uma forma de comunicação entre os dois polos. Na minha visão, né, pra mim são dois polos. É uma forma de comunicação entre os dois polos.

[16:32] P: E o que é a psicografia?

M5: Também. A psicografia também pra mim é isso, uma forma da comunicação.

[16:39] P: Como você sabe o momento de psicografar?

M5: Então... É complicado descrever, né?... Por exemplo, de vez em quando eu tô trabalhando, aí tô lá trabalhando e digitando o meu serviço, e parece que entra um negócio na minha cabeça, não sei explicar, e dá aquela vontade de escrever, sabe? Mas aí eu controlo. Eu controlo e falo que não, que é só naquele dia e naquele horário. Porque senão vou tomar todo o meu tempo, né? E isso para mim foi muito complicado, porque eu tive isso muito forte, durante muito tempo. Parece que eles não seguiam uma... como é que eu falo... uma linha, né? Tipo assim, "Não, vamos esperar ali, aquele dia e aquele horário", né? Aí, depois, não, foi acostumando mais. Mas ainda de vez em quando eu tenho isso, de vim aquela a vontade de pegar a caneta e escrever, de vez em quando ainda tem, mas aí eu seguro e só deixo pro dia de trabalho.

[17:58] P: O que você sente enquanto psicografa?

M5: Então, depende, né? Depende muito do espírito que tá vindo. Sempre que vem, vem espírito de luz, né, porque acho que eles têm uma certa autorização para virem,

né? Eu vejo os mentores que tão dirigindo o trabalho, então acho que eles selecionam bem. Mas, às vezes, eu dou uma sumida, sabe? Às vezes, é como se eu tivesse vivendo tudo aquilo que ele tá descrevendo, tudo aquilo que tá sendo psicografado... é como se eu tivesse naquele lugar, vivendo tudo aquilo. Ou, conforme o espírito, conforme a mensagem, eu fico muito emocionada, com muita vontade de chorar. Eu não sei se isso é do espírito que veio ou se isso é meu, aí eu já não... Agora, quando vem gente assim, espírito de pessoas conhecidas, com que eu convivi, é mais emocionante, o emocional meu fala muito, né? O que, às vezes, até atrapalha um pouco pra receber a mensagem. Aí eu tenho que concentrar pra conseguir. Porque é engraçado, tem gente que fala "Nossa, tem que concentrar, tem que concentrar". Eu acho interessante que, às vezes, a coisa vem tão natural que não precisa nem concentrar, você já vai pegando a caneta e já vai... Aí, quando eu percebo que eu tô muito emotiva, eu tenho que me concentrar mais.

[20:00] P: E essas sensações que você descreve, fisicamente... como você sente em termos do físico?

M5: Do físico? Cê fala durante ou depois?

P: Durante, enquanto você psicografa.

M5: Não, no físico, no físico, eu não sinto nada. Só quando eu fico muito emocionada que, às vezes, eu choro, mas normalmente é só quando é de espírito de pessoas que eu conheci, que eu convivi, mas, no mais, não.

[20:36] P: E dessas sensações que você tem, você pode dizer que elas variam?

M5: Ah, variam. Eu acho assim, depende de mensagem, depende do espírito, porque cê vê que tem uns que vem mais esclarecidos, né, que vem com mais conhecimento e outros não. É muita mensagem que eu recebo eu percebo que é um desabafo daquele espírito e a necessidade de pôr para fora o sentimento para ver se ele consegue melhorar do lado de lá, sabe? Então, eu acho que é isso.

[21:18] P: O que vem do médium e o que vem do espírito comunicante?

M5: Eu acho que do médium a única coisa é o corpo... que a gente doa, com a mão, para eles escreverem... Acho que isso é do médium, o resto é tudo do espírito.

[21:38] P: Até que ponto é possível separar o que pode ser do médium ou o que pode ser do espírito? Você cita essas emoções aí, que você mencionou... O que pode ser seu e o que pode ser da entidade?

M5: Então, quando eu acho meu é... eu te falei, quando eu sinto que é um espírito mais próximo, então eu acho que a emoção é minha, né? Agora, quando não é, igual como eu te falei, que vou em um lugar, vamos supor, o cara foi para a guerra, recebeu um tiro, quer dizer, aquela sensação, todas aquelas sensações daquele momento eu tive, mas eu acabei o trabalho, eu não tenho mais nada.

[23:31] P: Após o trabalho quais são as sensações, então?

M5: Após o trabalho, às vezes, dependendo, é cansaço... e, normalmente, a sensação de dever cumprido.

[22:51] P: Você se comunica diretamente com algum guia ou mentor espiritual? E em que situações?

M5: Então... Por exemplo, quando eu trabalho de terça-feira, que eu faço em casa, né? Eu percebo que tem... são os protetores, né, que é o Francisco, Babi, e, às vezes, uma mulher loira que eu ainda não identifiquei quem é. Durante o trabalho, às vezes, tem alguma comunicação deles comigo. Agora, no trabalho do centro tem o Ramaratis... e o Ramaratis, eu acho, que ele é meu protetor, né? Que ele trabalha comigo na sexta-feira e vai muito na terça-feira na minha casa. E no trabalho de sexta-feira tem muita comunicação com ele.

[24:02] P: E que tipo de mensagem?...

M5: Então, na minha casa, eu psicografo as mensagens dele, né? Você quer saber o conteúdo?

[24:18] P: Sim. Como essa comunicação acontece?

M5: Na minha casa é pela psicografia, né, a gente não conversa, aí ele se manifesta e assina. Mas eu acho assim... normalmente, as mensagens dele na minha casa são de incentivo ao trabalho, à oração, à união... e acho que o básico das mensagens da minha casa é essa. Agora, no centro como é um trabalho diferente, que é um trabalho de atendimento às pessoas que vão lá, então é sempre de auxílio ao próximo. Às vezes, falar uma palavra de incentivo, porque, interessante isso, né? Às vezes as pessoas passam no tratamento e omitem alguma coisa ou realmente mentem com relação a... Tipo assim, como se falasse que está mentindo, ou tipo, “conversa mais com ela que ela vai se soltar”. É mais ou menos isso.

[25:46] P: Onde você costuma psicografar?

M5: Na minha casa, na sala de jantar. Aí eu ponho uma música, porque, assim, eu faço o trabalho depois do Evangelho no lar, né? Então meu marido participa. Aí, do ano passado para cá, meu marido tem usado o computador, que já eu já vou psicografando e ele já vai digitando, porque estava ficando muito acumulado. E aí não dava tempo, porque a gente trabalha, faz um monte de coisas e não dava tempo de a gente passar a limpo, então ele me auxilia. E é isso... Lá em casa eu fazia duas vezes por semana, que foi orientado, na terça e na quinta. Depois, na quinta eu passei a fazer no centro, só que junto com outro trabalho de estudo. Então, o pessoal ficava estudando no próprio salão do centro e eu ficava na mesa recebendo as mensagens. Mas aí chegou um momento que parece que aquele estudo não estava me deixando concentrar, estava me atrapalhando. Aí eu conversei e eles me orientaram a parar, agora eles já me orientaram a voltar na quinta-feira na minha casa, mas, por enquanto, eu não assumi esse compromisso.

[22:31] P: Enquanto você psicografa você é auxiliada pelo seu marido em que sentido? Retirar as folhas?

M5: Eu coloco as folhas aqui e, conforme eu vou escrevendo, ele já vai pegando e digitando.

[27:33] P: E por quanto tempo você costuma psicografar?

M5: Normalmente, 45 minutos, 50 minutos.

[27:44] P: E que tipos de materiais você utiliza para a prática da escrita?

M5: Só papel Chamex e lápis. Teve uma época que eu tentei usar caneta, mas não desenrola, parece que a caneta não tem a agilidade do lápis.

[28:03] P: Qual seria a diferença entra a caneta e o lápis?

M5: Com a caneta... parece que a caneta prende no papel, ela não vai com a mesma agilidade que o lápis. Porque aí eu usava uns lápis, agora eu comprei os lápis HB6, eu acho... porque ele deixa mais forte. É engraçado isso, porque tem médium que tem a sensação que o peso é maior, tem médium que parece que a mão flui, assim, parece que a mão tá entrando no ar. Então o lápis, o HB6 é melhor. Porque se o médium... é bem leve, vai bem leve. É interessante isso porque eu recebi umas mensagens, de um ele assina por Lupicínio. Meu marido acha que é cantor, compositor, Lupicínio Rodrigues? E assim, porque normalmente a gente vai e a letra vai tudo embaralhada... aí comecei e ele falou "Presta atenção nessa letra".

[29:14] P: O espírito?

M5: O espírito. Você tem que ver as primeiras psicografias dele. Você sabe aquelas letras bem desenhadas, tudo... A coisa mais bonita!... Aí, agora ele vem sempre, sabe? Agora eu acho que ele aprendeu e passou a aceitar, então a coisa é mais corrida. Mas foi interessante, as primeiras psicografias dele eu até guardei. Aí tem uns poemas sabe? Isso que eu acho interessante, porque como que o cara vai, né, "Não, é assim, faz a letra assim" como faz a letra tão desenhada?

[29:56] P: E que tipos de texto costuma...?

M5: Os mais variados.

[30:02] P: Cite alguns exemplos.

M5: Então, do Lupicínio são mais poemas, essas coisas... alguns, assim, eu acho que tem alguns... em grosso modo... é aquilo que eu te falei, como eles tão em fase de adaptação, de conhecimento, eu acho que eles vão no trabalho de psicografia conhecer. Como eu tenho mediunidade da visão, eu vejo que vão muitos, né, espíritos, então eu acho que eles vão ali para conhecer, para ver como é, pra entender, também para aceitar, e alguns ali tem a oportunidade de poder psicografar, né?... De transmitir sua mensagem. Então eu vejo assim, eles falam muito de adaptação, de aceitação, né. Acho que o grosso mesmo não são esses. Aí depois eu também recebo de música... mas de vez em quando eu bloqueio. Aí eu penso assim: "Mas gente, isso deve ser fruto da minha cabeça". Aí, porque ele quer que eu desenhe as cifras musicais, aí eu penso "Gente, eu não conheço isso". Aí, eu só ponho a letra da música, a melodia só fica na minha cabeça, mas eu não passar. Aí, tem isso e tem os livros, os livrinhos em que o espírito conta a história por onde passou. Tipo uns romancinhos curtos.

[31:52] P: Então você já chegou a escrever um livro?

M5: Já, eu acho que uns dois ou três... até mais.

[32:02] P: Você já publicou?

M5: Não... porque no começo da psicografia eu não digitava, aí foi acumulando, porque aí eu fazia terça, quinta e no centro, no trabalho de fluidoterapia, de vez em quando no final do trabalho eu também recebia... então eu fui juntando esses textos em vez de começar a digitar. Aí tem um tanto assim, ó! Tudo pra acabar de digitar. Aí eu falei assim “enquanto eu não organizar tudo...”, porque depois que eu organizar tudo é que eu tenho que arrumar... porque para publicar um livro é uma burocracia danada. Mesmo pra você imprimir uma mensagem curta também cê tem que fazer a mesma burocracia, então, enquanto eu não colocar em ordem, eu não vou atrás disso.

[33:03] P: Mas as suas mensagens circulam entre amigos?

M5: Não... Então... dependendo da mensagem eu envio.

P: Por e-mail?

M5: Por e-mail. Ah, eu lembrei! O Ramaratis que eu falo que é o meu guia, ele manda também muitas mensagens de receitas... naturais, sabe? De pomadas, de medicamento, essas coisas. E de vez enquanto eu mando para o V... o V. faz homeopatia, então ele entende, então eu mando para ele que aí ele sabe se tá certo, não tá... mas normalmente tá certo.

[34:02] P: E você comentou a respeito da caligrafia. Quem digita o seu material normalmente é o seu marido, mas ele tem dificuldade de compreender a caligrafia?

M5: Dependendo o texto, sim. Aí, logo que termina o que ele não entende ele grifa e a gente vê na hora. Porque se não for na hora, depois, eu não lembro.

[34:27] P: E a sua caligrafia apresenta mudanças?

M5: Apresenta.

[34:35] P: Como?

M5: Ou é mais redondinha, ou ela é muito corrida, igual este que te falei que é uma letra mais desenhada...

[34:47] P: Muda de mensagem para mensagem ou dentro de uma mesma mensagem?

M5: Não, muda de mensagem para mensagem.

[34:56] P: E por que você acha que isso ocorre?

M5: Eu acho... Eu não sei, eu acho que deve ser alguma coisa da vibração do médium... do médium não, a vibração que o espírito passa para o médium na hora de escrever. Porque é interessante, de vez enquanto eu olho, muitas são aquelas mais corridas, mas, assim... algumas... tem algumas que têm seu diferencial.

[35:30] P: E quais hábitos ou recomendações você segue antes de fazer a psicografia, algo em relação à alimentação, descanso, etc?

M5: Não... eu não gosto, por exemplo, quando eu vou fazer o trabalho de sexta-feira, já não bebo normalmente, mas meu marido gosta de cerveja, e quando meu marido bebe cerveja eu já não deixo ele participar. Eu falo “Você pode atrair um irmão que não é...”, né? Eu acho que basicamente é isso. A minha alimentação é normal, porque eu nem como muito, eu evito um pouco da carne sempre na terça e na sexta, da carne vermelha, né? Só!

[36:30] P: Você falou dos tipos de texto que você psicografa, como os espíritos se identificam nas psicografias? Normalmente essas psicografias são assinadas, são anônimas?

M5: Não, normalmente eles assinam, e com o nome completo.

[36:51] P: Tem algum outro elemento de identificação além do nome, na mensagem?

M5: Não, depende... tem uns na mensagem que falam de onde que é, da cidade que é, essas coisas assim, mas, normalmente é nome completo mesmo. Às vezes, tem alguns que citam o nome do pai e da mãe, mas sempre o primeiro nome, né? E no final é muito raro não assinar.

[37:20] P: E quando você escreve, você costuma checar as informações presentes nessas mensagens?

M5: Não, e eu raramente leio... releio. A não ser no caso quando meu marido tem alguma dúvida naquele momento, eu leio, mas de falar “Hoje eu vou pegar e ler” é muito difícil mesmo. A não ser que seja de alguém conhecido.

[37:55] P: E vocês guardam esses manuscritos?

M5: Não, eu descarto, porque aí vai juntar muito papel. E teve uma época em que eu queria digitar e pegar na parte que assina, digitalizar e por junto. Mas dava muito trabalho para fazer isso, porque não tenho... a minha impressora em casa é simples, e eu teria que levar no escritório para fazer isso, aí vai muito tempo, né? Então, normalmente, eu joga fora.

[38:26] P: Você psicografa de olhos abertos ou fechados?

M5: Depende.

[38:38] P: Explique.

M5: Depende do espírito.

[38:43] P: Por quê?

M5: Não sei... Aí eu não sei explicar... Tem hora que dá vontade de fechar o olho e vai, ou senão com o olho fechado parece que você está olhando no nada e vai. Né? Parece que cê não olha em nada... É estranho explicar, mas é mais ou menos assim.

[39:02] P: Mas você olha pra folha de papel enquanto escreve?

M5: Quando eu vou começar o trabalho eu olho, depois... não.

[39:11] P: E você escreve com ou sem iluminação?

M5: Não, com pouca iluminação... Deixo um pouco de iluminação. Como ele tem que digitalizar, né... digitar, aliás, aí tem que ficar um pouco de iluminação para ele.

[39:25] P: Mas para você é indiferente?

M5: Pra mim é indiferente... Eu prefiro mais, assim, igual lá também (apontando), que fica meia luz, né? Quanto mais escuro, para mim, é melhor.

[39:36] P: E no que você acha que ajuda?

M5: Eu não sei explicar, não... parece que a luz me incomoda. Engraçado, antes de começar eu já vou, já apago tudo.

[39:50] P: Você já psicografou com as duas mãos simultaneamente?

M5: Não.

[39:57] P: Já utilizou a mão que não escreve para psicografar?

M5: Uma vez só.

[40:03] P: E como você explica isso?

M5: Ah, não explico (risos)... Deve ser do espírito, né? Porque não tem lógica. Mas foi um texto bem curto, também, mas foi só uma vez.

[40:17] P: Você já psicografou mensagens em outros idiomas?

M5: Não, idioma, não... só esses que eu tô te falando, desses aí que eu não sei qual que é, né?... Porque, é... Não sei falar qual que é o idioma.

[40:36] P: Ninguém descobriu que idioma?

M5: Ainda não descobrimos.

[40:40] P: Já escreveu em espelho? Ao contrário?

M5: Não.

[40:48] P: Já escreveu em dupla com outro médium?

M5: Também não.

[40:53] P: Você se sente inspirada a tratar de determinados temas ou ideias antes da sessão? Ou seja, alguns dias, horas ou minutos antes da sessão?

M5: Inspirada? Eu já me senti incomodada. E muito.

[41:10] P: Como é que foi isso?

M5: Ah, por exemplo... às vezes, eu... oueu sinto, parece que aproxima alguma coisa perto de mim, alguma coisa, uma sensação muito estranha... uns dias atrás, me deu um mal-estar. Aí eu falei "Gente eu tô mas ruim demais, se eu tiver sentindo tudo isso eu tô morrendo." Aí, de repente eu senti aquela saia sabe, aquela saiona rodada, estampada. Ela era estampada quadriculada, os quadriculados grandes e, em cima dos quadriculados umas "flor" longe... aquela saia... e eu fiquei com aquela sensação o dia, a tarde inteira, até a hora do trabalho. Aí depois do trabalho acabou.

[41:57] P: Por que você acha que...?

M5: Eu acho que era alguém querendo falar alguma coisa, né?

[41:02] P: Essa sensação então era dessa entidade?

M5: Eu acredito que seja. Então, de vez em quando eu tenho isso assim... daquelas... Mas...

[42:13] P: Mas, por exemplo, você chega a pensar em temas e ideias que depois aparecem nos textos?

M5: Não, nunca tive isso, não... Não... Não, eu já tive assim, quer ver?... Tipo assim... a sensação de que eu fui, vamos supor aqui... então eu tive a sensação de que eu estive nesse prédio, que eu encontrei uma pessoa, um homem ou uma família, entendeu? Aí na hora da psicografia, eu vejo novamente todo esse ambiente e a psicografia tem a ver com esse ambiente que eu vi, isso eu tenho, mas é uma coisa que vem assim na minha cabeça, sabe? Vem e passa. E, na hora da psicografia, bate.

[43:02] P: Você comentou alguns temas que aparecem na sua psicografia. Quais são os assuntos e temas mais predominantes que ocorrem nesses textos?

M5: É, eu acho que é aquilo mesmo que eu falei... o desabafo, né, de onde que tá, como é que tá, a adaptação, a aceitação do que aconteceu... é mais isso.

[43:37] P: Você já psicografou alguma mensagem familiar?

M5: Já. Várias.

[43:42] P: É frequente isso na sua escrita?

M5: É.

[43:46] P: Como é que são essas mensagens?

M5: Então, cê fala assim, do espírito para a família, né? Normalmente, ele fala onde se encontra, da continuidade da vida, o porquê aconteceu aquilo, que tinha que acontecer e... às vezes, ele relata um fato mais íntimo da família. E... é, basicamente é isso. Cita que tá adaptando.

[44:24] P: Mas cita nomes e informações específicas?

M5: Cita, então, é... E cita, né? Muitos falam que ainda tão em estudo, que tão tentando melhorar, muitos falam tentando se adaptar, falam muito da saudade, né? Tem muito isso.

[44:48] P: Mas esse tipo de escrita você tem nos trabalhos que você frequenta, no centro? As cartas familiares?

M5: Não, normalmente também é em casa, porque no centro, o que eu fiz não é trabalho aberto ao público né? Tanto que vieram me fazer a proposta e eu disse que não me sentia preparada ainda, porque eu acho assim... além de se sentir preparada, você tem que se dispor, eu penso assim... se eu assumir o compromisso, eu tenho que cumprir com aquele compromisso... então falei “deixa eu esperar por enquanto, amadurecer”, que é meio complicado você conciliar marido com... Então, não é fácil também, não. Como eu já vou na sexta, o trabalho começa às sete e meia, não tem horário para terminar, de vez em quando causa um conflito em casa né? Então, você tem que tentar conciliar isso também, né?

[45:49] P: O seu marido é espírita?

M5: Eu não diria que é e não diria que não é. Ele acredita, ele lê muito, mas ele não frequenta, né, então fica uma situação mais difícil para mim. Porque o dia que termina muito tarde que eu chego em casa, nossa senhora, é difícil. Aí, então, eu penso assim... que eu assumi o compromisso, eu tenho que ter a disponibilidade de estar aqui toda vez naquele dia naquele horário, então eu falei que por enquanto eu não tava preparada. Mas eu sinto e sou cobrada pela espiritualidade quanto a isso. Sabe, de vez em quando o Francisco que vai em casa, fala “quando é que vai ser?”. Falo “Não, calma.”.

[46:45] P: Você escreve ou já escreveu sobre assuntos que não domina ou que desconhece?

M5: Bom, eu acho que essas mensagens do Ramaratis, a respeito dos medicamentos que ele dá, é um assunto que eu não domino.

[47:06] P: É, porque não tem a ver com sua área de atuação, né?

M5: É, mas acho que é só isso mesmo.

[47:16] P: Seus textos costumam ter rasuras, reescritas, exclusões, reelaborações?

M5: Não. Normalmente, não

[47:28] P: Em que caso você revisa ou corrige as suas psicografias?

M5: Não reviso, não corrijo. Não sei se pra editar vai ter que revisar, não sei qual é o processo, mas da maneira que foi escrito, que foi passado, ele repassa pro o computador.

[47:49] P: Não fazem nem a correção de concordância?

M5: Não, não. Porque a gente vê assim, porque... Que que acontece? Eu não se é... que a gente vê que de vez em quando tem uns erros de concordância, de tudo, mas,

do jeito que foi feito, tá no computador, eu acredito que tem, né, uma revisão e tudo, para a publicação. Mas eu vou deixar isso para depois, entendeu?

[48:24] P: Qual é, normalmente, o seu ritmo de escrita? É rápido? Lento?

M5: Eu acho que é mais rápido. Lento, não. É de rápido para rápido (risos). Sabe assim? Não tem... Né?...

[48:44] P: E você dá pausas ao longo do processo de escrita?

M5: Às vezes, sim... quando eu me... É o que te falo que às vezes eu me policio, eu falo “Mas gente, será que é isso mesmo?” É uma coisa muito rápida, né? Que assim, depende do tipo de... Que às vezes eu sumo, eu sumo... e a coisa flui e vai e vai e vai e vai e vai e quando eu vejo acabou... E, às vezes, não. Eu acho que é o momento que eu fico mais assim... fico um pouco consciente, um pouco... aí de vez em quando eu dou uma perda, aí eu paro... aí que a coisa volta, sabe?

[62:21] P: E como é que você classifica a sua psicografia? Que tipo que você acha que ela é?

M5: Você fala como?

P: Mais consciente, menos, como é que é? Você tem consciência do que você escreve?

M5: Às vezes, sim, às vezes, não... depende do espírito que vem. Eu acho que aí seria assim, uns... 60 (%) inconsciente e uns 40 (%) mais ou menos, meio em transe. Porque totalmente consciente a gente não fica.

[50:11] P: Mas já escreveu algo de que você não recordasse, que você estivesse num estado de transe profundo?

M5: Já.

[50:24] P: Como é que foi esse dia?

M5: Porque, assim, normalmente, quando eu termino, muita coisa eu não recordo. Se não for na hora, de repente, pega, “vamos corrigir”. Eu acredito que a espiritualidade tá ali auxiliando pra você ver o que está faltando para colocar, porque, do contrário, passou pouco tempo, não lembro de nada. Meu vô mandou uma mensagem, eu não sei o que tem na mensagem porque eu não quis ler, né? Eu sei que ele mandou a mensagem, eu não quis ler, aí o meu marido leu para a minha mãe, eu não quis ouvir, porque eu fico assim, porque aí me dá um emocional, assim... parece, eu não sei te explicar. Então eu não gosto muito de ouvir... então eu não sei o que tem na mensagem.

[51:12] P: Então você não relê trechos quando você dá essas pausas? Como é que você retoma o texto?

M5: Não... não releio texto. Retomo e vai... é igual livro né? Porque quando começa a fazer um livro, você... Eu pensava assim, né... antes de eu começar a psicografar (risos), eu falei “Aí, mas se vier um livro como eu vou fazer? E a continuidade do livro,

né?”. Eu questionei isso, aí eles falaram, o mentor respondeu para mim “Não, você pode deixar que a continuidade é por nossa conta.” E o meu marido falou que bate direitinho. É interessante, né?

[51:49] P: Isso assim, de um dia para o outro há uma continuidade?

M: De um dia para o outro. Este ano por exemplo eu não recebi nenhum livro. Então, quando eu recebo um livro, eu sei que escrevo muito, sabe? A coisa vai muito rápida. Você não faz um livro numa noite, né? Então tem sempre os capítulos, então vai encaixando direitinho. Interessante, né? Por que eu pesava assim: “Será que eu tenho que reler, como que será?”. E ele falou “Não, pode deixar que isso é por nossa conta”. E realmente é, diz ele que é. Meu marido diz que tá certinho, a história, tudo, sabe?

[52:35] P: E você sente limitações ou dificuldades como médium psicógrafa? E quais?

M5: Se eu sinto? Mas em que sentido, limitação?

[52:46] P: Alguma dificuldade, algo que possa influir sobre essa escrita...

M: Não...

[53:00] P: Ou dificuldades em relação a ser psicógrafa? Seus desafios... aquilo que você tem que enfrentar... como é o dia a dia do psicógrafo?

M5: É... assim... Eu acho que a maior dificuldade é isso, porque muita gente não aceita, né? Não acredita. E... aí, quando você entrega uma mensagem, aí cê vê que tem pessoas que tem dificuldade para aceitar. Aí, questiona uma série de coisas, sabe? Eu acho que a maior dificuldade para mim é essa. E... por exemplo... mas a gente também cria muita barreira, né? Eu tive a visão de um tio, há uns meses atrás, e ele queria mandar uma mensagem pra o filho... mas assim, não psicografava. Aí eu vi, ele falou “Eu quero que você mande uma mensagem para Ângelo”. Aí eu falei assim, “Ah, mas eu não vou mandar mensagem pro Ângelo, porque o Ângelo é de outra religião e ele não vai acreditar”. Ele virou pra mim e falou assim “Não estou te perguntando, estou te pedindo para você passar uma mensagem para ele, se ele vai acreditar ou não”, ele fez assim, “agora a semente vai ser plantada”. Aí eu falei, “Gente eu tenho que escrever isso porque senão eu vou esquecer tudo que ele mandou falar”. Aí escrevi. Aí meu primo tinha ficado de vir aqui, ele mora em Cuiabá... de vir aqui em maio, aí eu falei, “vou esperar aparecer, porque aí eu falo pessoalmente”. Aí ele não veio, aí eu falei “vou ligar para ele” e sabe quando você adia, interessante isso, né? Aí, eu liguei no dia que veio aquele negócio “Eu vou ligar agora né” liguei, conversei com ele e tal, falei que eu era espírita, que eu via e tal, sei lá, falei tudo e passei a mensagem, li a mensagem, eu falei “Eu anotei porque senão eu não ia guardar”, aí falei o que o pai dele falou, tal, aí ele chorou pra caramba, aí não sei o que, aí virou para mim e falou “Nossa, eu tive uma noite tão ruim, não dormi a noite inteira, uma noite péssima, e agora eu recebo essa mensagem.” Então eu fiquei pensando “Gente, como é que é, o tanto de tempo que eu tive para passar a mensagem para ele, pra ler e não falei, e fui falar justamente num dia que ele tava mais frágil e que passou por problema... É interessante isso né?

[55:47] P: E de que religião que ele é?

M5: Esses evangélico não sei o que aí...

[55:56] P: Ele disse que acreditou?

M5: Ele não falou, ele só contou para mim que quando o filho dele deu à luz... que ele tem um rapaz chama Paulo e quando o rapaz foi ser papai, que a mulher dele deu à luz, ele viu o pai dele no hospital, ele teve a visão do pai. Ele teve a visão do pai, então quer dizer, uma coisa reforçou a outra. E só isso que ele me falou, eu não perguntei mais nada (risos). Assim, é interessante porque eu não sou muito de falar e nem de perguntar pras pessoas o que elas tão achando, não tão achando... igual da minha tia né? No dia que eu fui na casa dela... quer dizer... ela já vinha com problema de saúde já fazia um tempo, mas, vinha bem. No dia que eu fui na casa dela eu já sabia que ela ia embora, então... Mas aí eu não falo para ninguém... Aí eu estive na casa dela mas não quis ir no hospital mais... aí assim, eu ia no hospital, ficava lá em baixo, dava apoio para o meu primo, mas eu não subia. Aí as pessoas cobram, né? “Porque você não quer subir?” “Você tá sabendo de alguma coisa?” Isso para mim me deixa angustiada, então eu não gosto muito de falar, de por pra fora aquilo que eu tô vendo... e nem de ficar comentando.

[57:39] P: E essa é uma das dificuldades da mediunidade, da psicografia e dessas percepções, né?

M5: É, eu acho que das percepções é mais.

[57:49]: Te causa mais dificuldades, mais angústias do que a psicografia?

M5: Porque na psicografia, o que acontece? A psicografa eu tô na minha casa, em um trabalho, aí vem e fala. Agora, na percepção em qualquer lugar que eu estou eu sinto e vejo, então me incomoda, né? Porque não é uma coisa que eu controlo, “não vou ver e pronto”, mas eu vejo.

[58:21] P: E essas percepções aumentaram ou diminuíram depois que você se tornou espírita?

M5: Eu diria que elas ficaram mais controladas, porque hoje em dia eu consigo me controlar mais diante dessa situação. Não é que ela diminuiu mas por exemplo, se eu estou aqui e vejo um espírito eu penso comigo “Agora não é a hora, aqui não é o lugar, então você pode ir embora”... Então, eu consigo fazer isso dependendo do momento, sabe? Mas, dependendo do lugar, da hora que eu estou mais fragilizada, se eu vejo eu já não consigo falar tanto, falar “ai, vai embora, não me perturba”, tipo uma coisa assim, né? Aí eu que quero ir embora.

[59:14] P: E como é a sua relação com as pessoas que recebem mensagens que você psicografa?

M5: Foram muito poucas pessoas que eu consegui entregar. Acho que não é nem 5%, nem 3%. É interessante, porque... normalmente, as pessoas choram muito, né? A primeira reação das pessoas é chorarem muito. Tem algumas que ficam agradecidas, por receber a mensagem e tal. E tem uma pequenininha, pouquinho de gente, quantidade que não altera muito. Parece que é meio que indiferente.

[1:00:05] P: Você entrega as mensagens familiares ou tem outras que você pode entregar?

M5: Só quando eu descubro... por exemplo, se eu descobrir de quem que é da família, aí eu entrego, seja qual for a mensagem, mas é muito difícil a gente descobrir. Quando eu sei, eu mando.

[1:00:28] P: E o tipo de texto que costuma ser é uma carta familiar, é uma mensagem doutrinária?

M5: Não, muitas vezes é uma carta familiar, na maioria das vezes... ou, senão, é um texto de... incentivo, de apoio sabe? É isso.

[1:00:56] P: E o que você aprendeu como médium psicógrafa?

M5: O que eu aprendi?... Bom, eu acho que a primeira coisa que eu aprendi que eu acho que certificou mais para mim, é que realmente existe alguma coisa do lado de lá, porque mesmo a gente sendo espírita de vez em quando a gente ainda, né... dá uma vacilada, com relação a isso. Aprendi que o pessoal do lado de lá também estuda, porque eu já recebi mensagem de gente analfabeta, que não sabia ler nem escrever e que hoje manda uma mensagem muito interessante né?... Quê mais?... Repete a pergunta...

[1:01:51] P: O que você aprendeu como psicógrafa, ou qual tem sido esse aprendizado?

M5: Eu acho que eu tô aprendendo a ter mais paciência, saber ouvir mais as pessoas, eu acho que... pra mim, né? Eu acho que isso tá sendo, assim, muito bom. Eu acho que, basicamente, é isso.

APÊNDICE I – Transcrição: Entrevista com médium 6 (M6)

Na transcrição, “P” refere-se ao pesquisador e “M6” ao médium informante.

Médium 6 (M6)

Sexo feminino, 45 anos de idade.

Grau de escolaridade: Ensino Superior

Profissão: Advogada

Tempo de experiência com a psicografia: 18 anos

Duração total: 1:12:59

[00:25] P: (...) Qual centro espírita que você frequenta?

M6: Eu frequento vários centros aqui em Uberaba, mas tem um sob nossa responsabilidade direta, que é o F. P., em Peirópolis.

[00:38] P: E quais dos seus trabalhos espirituais envolvem a psicografia?

M6: Atualmente, a psicografia é mais no F. P, e para ser mais precisa, ela está suspensa, e eu tô realizando mais em casa, no culto no lar.

[00:58] P: Você gosta de ler?

M6: Muito.

[01:01] P: Que tipo de texto?

M6: Eu gosto de ler tudo, né? Agora, ultimamente, eu tenho lido muito mais... é, dentro da religiosidade. Livros espíritas, muito Evangelho de Jesus.

[01:19] P: E você gosta de escrever?

M6: Eu gostava antes de psicografar, mas depois que eu comecei a psicografar eu não gosto mais.

[1:29] P: Por que você acha que aconteceu isso?

M6: Eu sempre tive facilidade em escrever, inclusive em criança, assim, minhas redações eram muito elogiadas, tanto português quanto a criatividade. Depois que eu comecei a psicografar, eu comecei a sentir dificuldade em escrever... parece que eu não sei escrever por mim própria. E a redação é muito elaborada quando eu estou escrevendo, então eu escrevo, eu faço rascunho, rascunho do rascunho (risos), e quantas vezes eu for ficar lendo, eu vou corrigindo e modificando. E a psicografia é muito interessante, ela já nasce pronta.

[02:21] P: E, normalmente, você não faz nenhuma intervenção, ela vem e conforme ela vem ela fica, é isso?

M6: É... Se tem revisão, é uma coisa muito corriqueira... eu não modifico, sabe? É... Às vezes, já aconteceu até de eu teimar em querer mudar uma frase, alguma coisa, depois, na revisão, e não dar certo. Agora, a redação pessoal, não... eu tenho que fazer uma introdução, um desenvolvimento, uma conclusão. Depois eu tenho que fazer a revisão do português, tenho que fazer a revisão do sentido. E na psicografia a gente é mesmo só um instrumento, tudo já é pronto, né?

[03:17] P: E como foi sua infância?

M6: A minha infância foi uma infância muito tranquila, na cidade de Sacramento. É... Por eu ser filha única, então meu pai teve... é... a minha educação foi... teve mais atenção por parte dos pais. E meu pai, como era advogado, ele me criou dentro de uma biblioteca, né? E presente de livros... eu sempre gostei de ler, e... eu até me lembro bem que quando, no meu aniversário, eu ganhei de presente uma bonequinha, um chapeuzinho vermelho. Isso é muito interessante porque a minha mãe tinha preocupação com o social. Então, quando chegavam as pessoas, no meu aniversário, e perguntavam “O que seu pai te deu?” esperando um melhor presente. Aí eu falava assim “Um livro.”, aí minha mãe “Não, é isso que ele te deu, ele te deu uma boneca, vai buscar a boneca para mostrar para eles verem, né?”. Mas esse livro veio dentro da caixinha da boneca, que era a história do chapeuzinho vermelho. Então, por aí você vê a aptidão da criança, o interesse dela.

[04:44] P: E nesse ambiente, como você conheceu o espiritismo?

M6: Eu conheci o espiritismo quando vim morar em Uberaba. A minha formação é católica apostólica romana, meus pais... eu nasci no dia de Nossa Senhora Imaculada Conceição, oito de dezembro. E meu pai foi mariano, tanto a família de minha mãe como a dele muito católicas. E meu pai inclusive fazia, no dia do meu aniversário, a primeira obrigação minha era me levantar e ir à missa. Eu chamo Maria, porque minha madrinha era muito carola e falou “Não, tem que colocar Maria para ser protetora dela, pra proteger e não sei o que.” E eu achava engraçado porque R. é um nome que não era comum na época, hoje já é, com um nome mais comum, eu falava que não combinava, por que é que puseram assim, né? Aí minha mãe me contava “É sua madrinha carola que fez o seu pai por que nossa Senhora tinha que te proteger”. “Então você já por Maria da Conceição, eu brincava”. Então foi isso, e meu pai... eu ia à missa, tudo e sempre, assim, com muita fé... a fé na religião, na religiosidade, em Deus, em Jesus. Fiz catecismo, fui batizada. Quando vim para Uberaba, eu me tornei espírita. E ainda fiquei aqui, um tempo, católica, mas eu fui para o espiritismo, tinha amigas espíritas, mas eu não tomava conhecimento disso. Eu fui para o espiritismo porque começaram a acontecer fenômenos comigo e eu não entendia esses fenômenos. E, como eu tava num berço espírita, acabaram que foram me levando, me levando, né? Foi muito interessante, porque eu advogava, na época, com o meu pai, e eu estudando um processo na minha sala, lembro muito grande o processo, uma demanda muito pesada... Eu ouvi voz, antes já tinha acontecido uns fenômenos, mas esse daí foi o pingo d'água no copo cheio. Eu ouvi voz no ouvido direito, e hoje eu não escuto do ouvido direito. Eu ouvi voz e eu achei que fosse meu pai me chamando da sala dele. Aí eu apertei o interfone e comuniquéi, perguntei e ele tinha me chamado, e ele disse que não, que não tinha me chamado... a hora que ele falou

que não tinha me chamado, eu senti um nervo, eu sou uma pessoa calma, tranquila, ponderada, mas eu fiquei extremamente fora de mim, nervosa. Eu falei...aquele negócio me irritou. Aí ele foi à minha sala e perguntou “o que que está acontecendo?”. Eu peguei um processo que era dessa altura e taquei na mesa, assim, e falei “Eu estou ficando louca, doida, eu escutei voz, me chamaram nesse ouvido aqui. Isso é alucinação auditiva, eu estou louca.” Aí meu pai ficou muito assustado, porque ele tinha medo de problema de cabeça, sabe? E ele ficou muito assustado e falou “O que é?”... Aí eu me descontrolei e comecei a chorar, e pedi para ele chamar um médico para mim, que eu não estava bem. E você vê, o doido não tem noção que está doido. O doido jamais admite que está doido, e eu falei “Estou doida, me arruma um médico” e ele saiu e falou “eu vou buscar um médico procê, eu vou chamar o Dr. Humberto Ferreira.” Dr. Humberto Ferreira era um médico conceituado de Uberaba... foi, já é falecido. Foi meu pediatra, e eu fiquei mais nervosa ainda, cheguei a ficar alterada com meu pai. “Dr. Humberto é médico de criança, eu estou te falando que eu estou doida, preciso de um psiquiatra, um médico de cabeça, cai na real.” E na hora que eu falei assim ele ficou louco, tadinho, ele falou “Eu vou buscar, eu vou buscar”, não quis me contrariar, e saiu e foi superinteressante. Eu tô lá no escritório sozinha, o telefone toca, e eu tive que atender, eu estava sozinha, atendi, e era um advogado aqui de Uberaba, que era amigo do meu pai, meu pai tinha um bom relacionamento com os colegas, e era o Dr. Jarbas Varanda, que foi até presidente da Aliança Municipal Espírita de Uberaba. Aí o Dr. Jarbas brincou comigo, me cumprimentou, conversou e ele perguntou, que é uma brincadeira que a gente faz entre os advogados, e “E olha, eu peguei um filé, um inventário enorme, você quer participar comigo?” e brincando nessas brincadeiras, e eu brinquei com ele, e ele pegou e falou assim “R., você podia vir aqui ao meu escritório” e eu digo pra ele “Não doutor, eu não posso, eu estou aguardo o meu pai, eu não estou bem, meu pai foi procurar um médico para mim e eu tô esperando ele voltar para me levar ao médico.” E ele pegou, falou assim: “R., você aceitaria tomar um passe?”... com muito que medo porque sabia que eu era católica. E eu falei “Não, eu não tenho preconceito, até aceitaria, gostaria sim, eu tenho curiosidade, eu nunca tinha tomado, mas eu tenho que esperar meu pai voltar.” Aí ele falou “Então fecha o escritório e vem cá, que seu pai está aqui no meu escritório, e eu vou te levar num lugar, vou te levar para tomar um passe.” Ele me levou na Antuza, que foi uma espírita muito famosa de Uberaba. E a Antuza era muda, então, ele entrou comigo, meu pai, e ela me deu o passe. E ele ia traduzindo o que ela falava, e meu pai ficou sentado em um banquinho. E ela falou que eu não tinha nada, que eu não estava doente, que eu precisava era trabalhar, e que quem tinha dado orientação, era uma senhora, descreveu muito parecida, e apontava para aquele homem sentado ali. E posteriormente eu levei a foto da minha vó paterna e ela confirmou que era ela. Então, que não era para se preocupar e eu precisava me alimentar. Porque eu lembro que na época eu comecei a não comer e não dormir. E ela falava que eu precisava me alimentar e eu falava “Não tenho fome”... “Empurra, nem que for um copo de leite porque os espíritos estão querendo enfraquecer seu físico para apossar de você.” Mais ou menos nesses termos, e aí nós saímos e ela pediu que eu tomasse passe, que eu precisava trabalhar e tomar passe todos os dias, que pessoalmente ela ia lá me dar passe. Então, toda manhã eu lá ia tomar passe, e durante um mês ela me deu pessoalmente os passes, depois foi a equipe dela. Foi muito interessante, porque eu não sabia nada de espiritismo e no carro eu comentei com o Doutor Jarbas, ele falou “Você gostou, R.?” “É gostei dela e tal, mas Doutor Jarbas vai me desculpar, tadinha dessa senhora, ela não acertou nada com aquela ideia de cartomante”. “Ela não acertou nada, imagina ela falar que eu preciso trabalhar, eu trabalho, que é isso eu

trabalho, olha só que mulher! E outra coisa... falar que eu tenho inimigos, eu estou começando a minha vida, não deu tempo de fazer inimigos, não tem nada a ver, tadinha, o que ela fala”. Aí ele riu e falou assim, “Não, R., mas inimigos de vidas passadas.” “Que é isso, o que vocês estão falando, não tô entendendo nada disso”. Foi muito interessante, porque virou muito cômico... porque na época eu sabia dos detalhes da conversa, foi muito interessante. Mas, aí, eu comecei a tomar passe e caí dentro de um centro de Antuza tomando passe, e encontro um e chamo para ir ali, chama para ir ali. Na hora que eu dei por mim eu já estava dentro de um centro trabalhando, incorporando sem ter nenhum conhecimento, porque a Doutrina não prescreve “primeiro você estuda para depois desenvolver a mediunidade”. Mas os fenômenos eclodiram tanto comigo que eu fui... segunda vez que eu fui dentro de um centro eu incorporei lá dentro. E, aí, comecei e aqui estou, não saí, apesar de, às vezes, querer sapatear.

[14:06] P: Foi aí que você se tornou espírita, a partir desse evento, da ida na casa desta senhora?

M6: É, aí eu comecei. Aí, eu já fui para outro centro que uma amiga minha frequentava, me chamou para ir. Era um centro caseiro, não era instituído e como eu comecei a incorporar lá, a senhora que orientava o trabalho, a dona Maria, não sei o sobrenome, me falou assim “R., eu não vou poder ficar aqui com você não, cê é muito culta, eu sou analfabeta, eu não sei nem conversar com você. Eu vou te encaminhar para um moço da sua idade, novinho como você que também é um moço muito inteligente, que estuda, e ele vai poder te orientar melhor”. Aí, eu fui para este moço, mas também era um centrinho caseiro, não era um centro instituído da cidade, e só com o passar do tempo montamos o F. P. em Peirópolis, comecei a trabalhar lá. Depois, teve um tempo que eu mudei para lá, depois retornei para Uberaba, e aí foi, comecei a trabalhar, já trabalhei em vários centros de Uberaba. E, ultimamente, eu ando reduzindo minha carga, ultimamente eu só estou com a Casa do Jardim, lá do sanatório espírita, com o centro F. P. em Peirópolis, com um trabalho também no hospital Helio Angotti e com o M. C.... Deixa eu ver se tem outro, se a puxar vai ter, porque a gente começa a ir em muitos.

[15:56] P: E, além da psicofonia e da psicografia, você tem outros tipos de mediunidade?

M6: Sim, então... quando eclodiu minha mediunidade, eu fiquei quatro anos com insônia, sem dormir, porque o meu quarto passou a ser um centro espírita, tudo eclodia lá à noite. Primeiro eu comecei a ficar sem sono e não conseguia dormir, ficava muito nervosa e tirava os lençóis da cama de tanto revirar e o relógio lá da minha casa de minha mãe batia de 15 em 15... minutos.... Aí eu peguei e falei: “Gente, mas que coisa, então eu vou começar a aproveitar”, e comecei a ler. Foi quando eu li os romances espíritas do Chico, comecei com romance. Lá para as seis, sete horas eu desligava o abajur e aí que eu dormia. Mas eu já era advogada, eu já trabalhava.... mas eu não conseguia.... ir trabalhar durante a manhã, porque eu ia deitar às seis ou sete da manhã, então meu pai me liberou de trabalhar de manhã. E eu dormia, depois levantava, almoçava e já ia para o escritório. Mas isso foram quatro anos. E antes de começar a ler, começavam né, a primeira vez... Às vezes eu já estava deitada, já tava dormindo, me acordavam e falavam assim: “Levanta, levanta vamos escrever, vamos escrever mensagens do além, mensagens do além” E eu pegava a folha que ficava com papel, escrevia e botava na gaveta de meu criado e no outro dia eu ia ler e eram

psicografias... até a gente publicou um livro com psicografias que se chama *Mensagens do além* por causa fato, que todo mundo ria demais. E o livro se chama *Mensagens do Além* por causa disto, com as psicografias que foi revertido para o F. P. para a gente montar o centro. E era assim, às vezes eu via, meu pai não acreditava, meu pai era católico, minha mãe também era católica, não queria. Mas no começo meu pai ficou muito preocupado de eu enveredar para o espiritismo. Ele não queria, pra ele, que era católico antigo, era coisa do demônio. Eu me lembro que uma vez eu estava indo pro centro, eu ia de carro e ele ia subindo a pé, na rua de minha casa, e ele parou o carro e falou "Onde você vai?" eu disse "Eu vou pro centro", e ele "Pelo amor de Deus minha filha, não vá nisso larga disso, por favor, papai esta te pedindo." E eu "Eu vou!", e minha mãe "Ai, eu não acredito nada disso". E foi uma oposição dentro de casa. Você imagina, eu filha única, muito novinha... e aí um dia eu estava dormindo e a minha Tia L., que é irmã dele, lá de Sacramento, a mais velha me apareceu e eu a vi, e ela disse pra mim "R., fala para o C., que é o nome do meu pai, que eu encontrei com o papai Zeca." E eu corri para o quarto do meu pai quatro horas da manhã. E eu acordei, e ele falou "O que é que foi? Está se sentindo mal, tá passando mal?" "Não, não tenho um recado para..." "Um recado às quatro horas da manhã?" "A Tia L. mandou falar para você...", quando eu disse isso ele me cortou e disse "Minha filha, pare com isso, pare com isso.", "Mas ela falou.", "Minha filha, você sonhou, isso é sonho.", Aí eu falei: "Tá bom, mas deixa eu falar o que ela falou: ela mandou lhe falar que ela encontrou com o papai Zeca". Na hora que eu falei "Papai Zeca." Ele pulou da cama e falou: "Oque?" E eu falei "é" "Como você sabe disso?". "Ela que pediu para te falar". Ele parou e falou assim: "Meu Deus... Mas papai Zeca era o nome de meu avô, mas só os netos mais velhos o chamavam assim". E a minha tia era a mais velha, né? E chamavam ele de vovô e os primeiros netos chamavam ele de papai Zeca, que era o Coronel José Afonso de Almeida, de Sacramento. E ele falou assim "Não, você não podia saber disso, eu falava vovô." E eu falei "Pois é." E a partir disso ele começou a acreditar e ele começou a me acompanhar. Ele lia os livros que eu lia, ao menos para ver o que eu estava lendo, lia minhas psicografias... Mas foi assim uma eclosão muito forte e, antes de tudo isso eu me lembrei de um sonho, antes eu sonhava desde menina, coisas que aconteciam, depois com o passar do tempo... Então eu não anotei porque eu tinha uma memória muito boa e pensei que nunca ia esquecer. E aí eu sonhei que tinha dois homens, um de cada lado meu, e que eles discutiam ao meu respeito, cada um tinha uma opinião. Eu só lembro que um, agora não sei de qual lado deles, disse "Não dá mais para segurar essa menina." E na hora que ele fala isso, parece que a opinião dele venceu, certamente o outro era ao contrário e ele pega e me empurra pelas costas, e nisso eu vou entrando num túnel e caio no mar. Na hora que eu caio no mar, eu viro uma sereia. Esse era o sonho (risos)... E posteriormente eu vi que era sobre mediunidade, né, porque daí eclodiram os fenômenos de eu ver, de escutar, escrever, de eu incorporar. Já cheguei, no início, a incorporar dentro da minha casa, incorporar em barzinho. Mas aí, com o tempo, continuei no espiritismo e fui aprendendo a me dominar a controlar minha mediunidade, fui estudando...

[22:35] P: Mas como foi sua primeira experiência com a psicografia, você se lembra?

M6: Foi essa, que me acordaram de madrugada "Acorda, vamos escrever, mensagens do além, mensagens do além."

[22:51] P: Essa já foi sua primeira experiência?

M6: Essa já foi minha primeira, sem saber o que que era, nem o que era isso.

[22:57] P: E no centro, como foi sua primeira experiência com a psicografia?

M6: Foi no centro F. P., em Peirópolis, no centro quando eu psicografei, mas aí eu já fui colocada à mesa para psicografar com assistência do presidente e tudo mais. Mas, antes, eu recebia assim, à noite, no meu quarto.

[23:21] P: Então foi nessa época que você foi nesse centro, então você já foi colocada à mesa, foi isso?

M6: A pessoa já estava a par de tudo que tinha acontecido comigo, que tínhamos amizade e tudo... liam né, essas mensagens do além, se eu não me engano ela está... está no livro. Foi uma mensagem de Hermengardo Baldoíno. Foi o primeiro espírito que eu psicografei, Hermengardo Baldoíno, e é tipo uma prece e eu acho que ela foi publicada neste livro, *Mensagens do Além*, se eu não estiver enganada.

[24:00] P: Que tipos de texto tinha nesse livro? Preces?

M6: Preces. Parece que era uma prece. Eu ia trazer, mas o Z. H. disse “Não precisa levar nada”. Eu falei “Vou levar meu notebook, tem as psicografias, vou levar meu livro pra ela ver” aí ele falou “não, não tem nada disso não”. Porque eu não lembro história, não lembro data, não lembro nada. Parece que é assim, começa assim, mas eu me lembro do começo, é tipo de uma prece de uma rogativa.

[24:32] P: Mas é um conjunto de textos?

M6: Não. São psicografias que eu recebi no início. Então, elas nem deveriam ser publicadas, mas foram neste afã mesmo da gente ter recursos para montar o F. P., o centro em Peirópolis. Ele começa assim: “Caíam sobre mim mil pedras / Caíam sobre mim o mar / Mas não caía sobre mim o ódio nem a vingança / De um desalmado. / Possa a graça de Deus ser o meu escudo em todas as batalhas... É uma prece grande, assim, nesse sentido.

[25:12] P: E os outros textos que compõem o livro, são preces, cartas?

M6: Não, são diversificados. São textos bastante diversificados.

[25:28] P: Você já chegou a participar de um grupo para desenvolvimento?

M6: Não.

[25:37] P: E já foi posta num trabalho mediúnico consolidado, em um grupo já formado?

M6: Foi tudo contrário do que a doutrina recomenda (risos). Foi às avessas. E eu sofri muito durante a mediunidade. Eu te falei que tive quatro anos de insônia. Se não fosse a compreensão e a cooperação do meu pai, tinha ficado muito difícil.

[26:03] P: Como você superou essa etapa? O que fez com que você mudasse essa...?

M6: Eu acho que o exercício regular da mediunidade, você vai aprendendo a se controlar. O estudo sobre o espiritismo foi me dando uma serenidade, um entendimento e um controle do meu próprio ser. Porque no começo tudo para mim foi muito assustador. Primeiro parecia ficção científica, depois parecia coisa de doido, de louco... porque era diametralmente o oposto do que eu tinha aprendido no catolicismo. Então houve muita confusão, houve muita insegurança. Um problema do médium, é esse que você abordou inicialmente comigo. O médium, ele não tem quem dirija o trabalho dele, aquilo tudo é muito novo, é uma novidade, depois vai virando um arroz com feijão e aí você vai tendo uma estabilidade maior Mas no começo, não. E eu acho muito importante o médium se conhecer... é para todo mundo, mas para o médium eu acho mais. Para que ele possa fazer essa distinção do que é seu, do que é do espírito. Porque você é um e existem vários em cima de você... Então, o médium mais do que ninguém, ele tem que se conhecer para não ficar com aquele chavão “Ah, fiz isto porque foi espírito”. Não! Você fez isto por você!

[27:49] P: E para você, o que é a mediunidade?

M6: Para mim, a mediunidade é esse intercâmbio que a gente pode ser um instrumento do mundo material, físico, com o mundo espiritual. Agora, essa mediunidade várias religiões têm, várias pessoas têm, mas elas têm que ser direcionadas dentro dos princípios de Jesus, eu acho, norteadas, tendo como fim um trabalho com Jesus. Isso para mim é mediunidade. E a mediunidade ela não é só dentro do centro, ela não é psicografar, ver, não é ouvir, a mediunidade é até um exercício do seu dia a dia. É você saber tratar uma pessoa, você entender o outro, você saber conviver dentro da sua casa, dentro do seu escritório, na sociedade. Até a educação da voz, pra mim, é mediunidade. Você não ficar gritando, não ficar falando palavrões... Um médium tem por obrigação manter muita vigilância e oração. E para isso ele tem que se educar, educar a si próprio, no que ele pensa, no que ele fala, como ele age... porque é uma sintonia... e a sintonia você pode fazer tanto pro mau quanto pro bem. O mau, eu falo, são os espíritos menos evoluídos ainda que a gente. E o bem são os mais evoluídos... E como a nossa faixa de imperfeição é muito grande o seu contato com a outra parte é maior, por isso a gente precisa se vigiar muito. Pra poder operar nessa cadeia ajudando-os também e não entrando na deles. Não deixando que eles te dominem, e sim, você fornecendo a eles elementos de reajuste, de elevação de sentimentos, de pensamentos, de propostas de vida.

[30:20] P: E o que é a psicografia para você?

M6: A psicografia é tudo isso, mas colocada no papel, né? Escrita. Você captar o pensamento, um sentimento do espírito e colocá-lo no papel. Ao invés de falar, você escreve. Agora, a psicografia a gente tem que tomar o maior cuidado, porque na psicofonia a gente pode receber os espíritos ainda menos evoluídos, e, geralmente, as palavras se escoam... na escrita, não. Está lá, grafada, para quem quiser ver, analisar, criticar ou elogiar. Então, a nossa responsabilidade é muito maior, porque você não pode escrever bobagem que você fala numa psicofonia, porque inclusive tem ali tem um doutrinador pra esclarecer aquela entidade. Agora, o papel vai passar de mão em mão... Então, geralmente, na psicografia, são espíritos mais evoluídos que a gente que vêm com uma mensagem moral, com uma mensagem educativa, com uma mensagem de elevação... na psicografia.

[31:49] P: Então há uma predominância de comunicações de espíritos superiores ou elevados em relação aos espíritos não esclarecidos?

M6: É... Eu posso falar da minha experiência, né? Quando eu recebo espíritos mais sofreadores, é via... é psicofonia... onde, num trabalho próprio de desobsessão, onde tem um doutrinador, um evangelizador que conversa com ele. Na psicografia, minha, né... é mais de cunho geral, eu não escrevo cartas particulares, embora tenha recebido algumas. Mas é de caráter geral, e geralmente são espíritos já mais sólidos que mandam uma mensagem que tem um fundamento moral ou educativo, geral, coletivo, social, nas psicografias.

[33:07] P: E como é você sabe o momento de psicografar?

M6: O momento é assim... geralmente, eu psicografo ou no centro ou no culto no meu lar, eu me predisponho a tal, e eu não sei... tô falando de mim, eu psicografo, geralmente, em silêncio, com uma música clássica bem suave, e antes eu faço uma oração, um silêncio interno, um aquietamento interno, como uma oração, pedindo, inclusive, ao meu mentor que vele tanto pelo meu corpo físico como pelo meu corpo espiritual, e que me ajude a ser um instrumento mais dócil, mais maleável e mais fidedigno ao pensamento do espírito comunicante que tiver a permissão de Deus pra fazê-lo... pelo meu intermédio. E me entrego. Aí eu sou semimecânica, então eu sinto um leve movimento no meu braço, na minha mão, em busca do lápis, e eu psicografo de olhos fechados. Acostumei, eu psicografo de olhos fechados.

[34:31] P: Tem algum motivo especial pra optar pelos olhos fechados?

M6: Não sei se foi condicionamento... sempre foi assim... eu te contei que a primeira eu estava dormindo (risos), eu acordei... meio acordada, meio sonâmbula. Não sei, eu acho que, no meu caso, eu concentro melhor, porque eu sou dispersiva... a minha memória é muito visual, eu não tenho memória auditiva, então eu, não sei se tenho receio de ficar de olho aberto e me desconcentrar da concentração.... Então eu sempre psicografo de olho fechado. Inclusive com a mão aqui (sobre os olhos), não sei se foi também estilo Chico Xavier, que tem uma influência muito grande na nossa vida... e aí eu sinto um impulso e vou. Eu tenho noção da palavra que eu estou escrevendo, mas não tenho noção daquilo que eu te falei: introdução, desenvolvimento e fim. E é interessante porque... É uma coisa de loco, você é uma pessoa, eu tô aqui, de corpo presente, mas tem um outro pensamento atravessando o meu que vai ser grafado. E, às vezes... e são diferentes, conforme o espírito... tem uns que eu tenho muita facilidade em psicografar, deve ser afinidade fluídica e tudo, tem outros que tenho mais dificuldade, tem outros que são super rápidos, outros são mais lentos, assuntos diversificados e, às vezes, opiniões contrárias à minha. E durante, eu escrevendo, se ele tá escrevendo um negócio... e às vezes eu converso com ele, eu falo assim... "Mas não é isso, porque você está colocando isso"? E ele responde pra mim sem perder a sequência da redação. É muito interessante, muito.

P: E quais são as sensações desse momento, enquanto você psicografa?

[29:59] M6: São sensações variadas, eu não tenho um espírito fixo, como vários médiuns têm... é uma gama, conheço alguns e outros, não. E, às vezes, identifico pelo estado que eles me deixam. Exemplo, Dona Maria Modesto, eu identifico de cara, porque ela parece um lago de águas serenas. Então, quando eu a recebo, seja para...

para psicofonar ou psicografar, é uma coisa tão tranquila, é uma postura, até de corpo... eu acho que meu corpo levanta e fica com aquela postura, sabe, bem aristocrática bem nobre, assim, dela...você já viu foto dela, né? É uma senhora muito distinta, muito bonita, e fica bem assim e eu fico muito tranquila, muito serena. Capaz de cê me tacar uma coisa na minha cabeça e eu não vou reagir (risos). Já o Dr. Inácio, Dr. Inácio Ferreira... eu tenho muita afinidade com ele. E o Dr. Inácio já é jocoso, ele brinca muito, tem aquelas tiradas *sui generis* dele. E com vários outros. E eu já psicografei inclusive o meu pai, uma carta particular para mim dentro do Centro F. P.

[38:35] P: E como foi?

M6: E aí foi uma loucura! (risos)... E aí foi uma loucura porque eu me emociono muito... Eu tinha muita afinidade com o meu pai, e se ele se aproximar eu, me dá vontade de chorar.... eu tinha vontade de chorar, mas eu tava em frente ao público, eu tinha que psicografar, e ele também teve que se controlar muito, e... vamos embora, não podemos parar o carro, o carro tem que seguir.... Mas ele... e eu com muito receio, inclusive quando ele ia me contar quem veio recebê-lo na hora que ele desencarnou, ele fala "Aí..." e mentalmente eu converso com ele "Não me fale nomes, eu não quero saber." Aí ele rediz, "Aí um amigo muito querido veio me receber." "Isso, vamos assim, não me põe nome, não me fala nada..." Aí na hora que ele fala lá no plano espiritual ele diz "Aí todos me chamavam por C." Aí eu falava "Não coloque C." E ele corrigia, "Aí todos me chamavam pelo nome que eu tinha na terra." Eu tava insegura, emocionada... talvez eu não quisesse... era uma carta particular... pra mim... dividi-la em público... Então o médium, ele limita ou ajuda, ele atrapalha ou ajuda, entendeu, o espírito... eu acho.

[40:09] P: E o que você acha que vem do médium e o que vem do espírito comunicante?

M6: Então, essa é uma questão muito delicada dentro do espiritismo, que é chamada animismo, que já é um dos empecilhos pro médium seguir adiante. No início eu morria de medo de animismo, toda psicografia eu pedia para o meu pai ler, pra ver o que tem de meu e o que não tem, por isso eu acho que é importante a gente se conhecer. Hoje, quando eu recebo uma psicografia, eu sei identificar trechos que são meus e que são do espírito. Agora, com a prática... e com a sinceridade... o médium tem que ser sincero, principalmente com ele próprio, ele não pode fingir, ele tem que ser autêntico... então, às vezes, eu olho e falo "Não, isso aqui não é psicografia, isto aqui é meu... não, isto aqui é do médium." Agora, quando... isso é difícil, é só com a prática e com a sinceridade, mas, quando um médium fala assim, por exemplo... quando o espírito, eu vou falar assim, "nós vamos escrever sobre as cores", estamos escrevendo sobre as cores, vou te dar um exemplo e eu gosto do azul, aí o espírito fala assim, "A minha cor predileta é o rosa." Então eu sei que é dele mesmo, eu identifico na hora, eu sei que a minha é azul. Agora, se o gosto dele for coincidente com o meu? Se ele falar assim, "eu gosto do azul" e eu também gosto do azul, aí já é difícil. Que pode acontecer, não pode? A pessoa acha que não, mas pode acontecer o espírito ter sentimentos semelhante ao seu, gostos semelhantes ao seu... a fica mais difícil... E isso é um martírio. Dr. E. mesmo, eu já clamei demais pra ele, no começo "Ai, não sei se é animismo". E embora teoricamente a gente sabe que isso não é importante, a gente sabe que animismo é a alma do médium, então não importa se é a alma do b ou c, desde que seja um conceito elevado. Então, por isso que a gente não importa tanto com nomes na psicografia, a gente importa com o conteúdo. Mas,

isso a gente só adquire quando vai ficando velho, porque... moça, e no começo você não quer saber... e psicografia é um terceiro produto. Ali, é como um filho, né? Tem o pai, a mãe e o filho, são pessoas diferentes. Mas o filho tem características do pai, tem características da mãe, mas ele é um outro indivíduo, embora ele pareça com a mãe, ou embora ele pareça com o pai. Eu acho que a psicografia é assim, ela acaba sendo um filho... tem coisas do médium... tem coisas do espírito.

[43:24] P: E você se comunica diretamente com algum guia ou mentor espiritual e em que situações?

M6: Eu me comunico muito nos exercícios mediúnicos... Agora... Eu não uso muito isso pra minha vida pessoal... sabe? Na minha vida pessoal eu não peço muito, eu não uso da psicofonia ou da psicografia... na minha vida pessoal eu oro e peço a Deus, a Jesus que me oriente a melhor maneira de proceder ou de resolver. Às vezes, a gente recorre, mas eu não quero fazer uso indivíduo da mediunidade. E eu acho que nós temos o livre arbítrio, nós temos que desenvolver nossa capacidade própria. É o filho que cresce, não pode ficar dependendo do pai ou da mãe. Pode pedir ajuda, mas não ser dependente. Eu acho que tem que haver uma interdependência. Então, eu já recebi psicografias, cartas particulares para mim, em momentos que eu tava precisando muito, desestruturada, mas não sentei para isso, sentei para receber geral, mas veio ajuda da espiritualidade nesse sentido. Geralmente, às vezes no meu aniversário, eles me mandam... sabe?

[45:06] P: E é normalmente por meio da psicografia mesmo ou da psicofonia e de outras formas?

M6: Já recebi de psicofonia, mas mais psicografia... parece que é pra registrar que tá ali escrito. De vez em quando, eu pego e leio... São conselhos, são orientações, são coisas da minha vida particular... Eu não gosto muito quando são coisas que vão acontecer num nível de previsão, porque me criam uma expectativa, uma ansiedade muito grande... e tem coisas que acontecem e tem coisas que não.

[45:45] P: Você citou que psicografa atualmente no centro espírita e em casa... Durante quanto tempo você costuma psicografar?

M6: No centro é mais rápido porque nós estamos.... eu tô pegando uma beirada (risos). Enquanto o pessoal dá passe, eu psicografo, então é mais rápido. Geralmente, é só uma ou duas psicografias é... e são gerais. Agora, lá em casa, no culto, eu disponibilizo uma hora. Mas estou fazendo em média uma psicografia só... às vezes, são psicografias grandes, eu já recebi uma de trinta e três páginas, às vezes, são psicografias pequenas, mas eu encerro.

[46:45] P: E normalmente que tipo de psicografias são estas? Que tipo de texto que você recebe?

M6: São textos, às vezes, de orientação pessoal, que cita, às vezes, nomes ou problemas... são textos de orientação moral, são textos de incentivo à continuidade de exercício, ou a você perseverar em algum problema da sua vida, ter calma.

[47:23] P: E são esses os temas mais frequentes na sua escrita mediúnica?

M6: Não, são temas mais evangélicos. São os temas mais frequentes.

[47:37] P: E que tipos de material você utiliza para a escrita mediúnica?

M6: Lápis, papel ofício ou A4 e música. E também gosto com a luz apagada... eu deixo só uma penumbra longe e uma música clássica. E a oração inicial e a oração final, quando eu termino.

[48:05] P: E alguma predileção pelo lápis ou pela caneta? Qual é a diferença?

M6: Um lápis mais macio, porque quando o espírito é muito veloz dificulta... Parece que no papel fica mais rápido.

[48:22] P: Mas por que não a caneta, por exemplo?

M6: Porque é o que te falei, eu acostumei com o lápis, desde a primeira vez foi com o lápis.

[48:31] P: Facilita em alguma coisa?

M6: Não sei, porque nunca psicografei com caneta. Sempre com lápis. Um lápis bem macio, bem apontado. Geralmente deixo vários, porque alguns espíritos já quebraram a ponta do lápis... teve uma vez que um era tão veloz, que ele escreveu na mesa, assim, aí ficou indecifrável e foi lá no centro F. P.... era muito, muito rápido, parecia que era um frenesi... sabe? E aí ele deixou escrito na mesa... e quebra muito, e quando vai ficando também pior, eu já vou trocando os lápis. E também não gosto que ninguém fique segurando o papel pra mim, não.

[49:22] P: Você não faz uso, então, de um auxiliar?

M6: Não. Nem no centro, nem em casa. Eu mesmo passo a folha, e... parece que até me atrapalha, sabe?... A própria vibração, assim, me atrapalha.

[49:43] P: E você tem alguma recomendação ou hábito especial que você cumpre no dia da psicografia? Assim, geral, alimentação, enfim.

M6: Alimentação eu já fui bem mais disciplinada (risos)... Mas, ultimamente, não. A correria, o dia a dia, né? Ultimamente eu tô psicografando em casa e eu não faço nenhuma... alimentação de não comer carne... às vezes, até eu esqueço, hoje eu almoço em restaurante. Mas eu não gosto de psicografar com o estômago cheio, nem com muita fome, nem com estômago cheio. Eu faço uma alimentação mais leve, mas no almoço, às vezes, eu até já comi carne. Faço uma alimentação mais leve.... E... sinto muita fome depois que eu termino. Muita fome! Fico louca para ir comer! (risos)

[50:54] P: Em relação a descanso, alguns outros hábitos, você tem isso?

M6: Pois é, eu tinha toda essa disciplina, né? Atualmente, não tenho, mas já percebi o quanto isso atrapalha... Quando você tem um dia tranquilo que você fica mais voltada com leituras edificantes, sem surpresas emocionais, aí o seu rendimento é muito maior e melhor. Mas, apesar até... numa das psicografias, eu estou lembrando agora, eu comento isso que eu não tava querendo nem mais psicografar, porque eu não tava podendo fazer esta preparação mediúnica... E um espírito me pediu que embora ela fosse importante, era mais importante ainda eu não parar o exercício mediúnico. E que a gente ia tentando suprir as falhas, já que tava na impossibilidade

de fazer tudo. Porque antes eu tinha... ficava reclusa... Eu não gostava nem de ficar com pessoas. Uma três, quatro horas antes de eu ir proo centro, de eu ter atividades, eu não gostava muito de ter contato com as pessoas, atender telefone, porque, às vezes, elas te trazem emoções, e o médium tem uma plasticidade muito grande, então por exemplo, qualquer coisa no médium é mais potencializada... alegria, tristeza... e fica sem estabilidade, que uma preparação tanto alimentar quanto de serenidade dá condições ao médium de render melhor.

[57:54] P: Há quantos anos você psicografa? Teve pausa nesse tempo?

M6: Teve. Eu fiquei 9 anos sem psicografar.

[53:10] P: Antes deste período, por quanto tempo você psicografou?

M6: Muitos anos... Tem vinte e tantos que eu estou no espiritismo, e eu psicografei desde início, né? Aí parei nove anos, aí voltei, deve ter uns dois ou três anos, até o Dr. E. M. que recomentou que eu voltasse, mas que eu voltasse em casa, para eu não voltar direto em centro porque ia ser muita pressão em cima de mim. Então, eu fiquei uns dois anos em casa mais ou menos. Eu queria ter revisto essas datas todas, foi Culpa do J. H. (risos)... Ele falou que não precisava de data. Mas, matematicamente, eu não sei te falar, não. Mas, é... eu psicografei muito tempo, depois parei nove anos... eu tenho uns 26, 27 anos de espírita e voltei....

P: Uns quinze anos dedicados a psicografia?

M6: Sei lá... posso até rever isso pra você lá depois certinho... eu vejo a primeira e tal. E aí eu parei... e voltei em casa... e a primeira que eu recebi em casa foi muito difícil... meu braço doeu muito, que eu tinha, às vezes, que parar e fazer assim, sabe, e psicografando e reclamando “Eu não tô aguentando de dor no braço” e ele falava assim: “A dor no braço vai passar, você está igual a uma enxada enferrujada, mas a enxada enferrujada não deixa de ser instrumento em nossas mãos, com boa vontade”. E isso ele falava para mim, mas a psicografia era outra. Por isso que eu te falo...

[55:11] P: Você ouvia ele?

M6: Sim, eu conversava com ele, eu ouvia, eu falava mentalmente, ele me respondia mentalmente e eu continuava a psicografar lá a mensagem, que não tem nada a ver com isso. Eu dialogava com ele e psicografava. E foi meu avô. E nessa mensagem ele fala que ele estava muito feliz com minha retomada, porque ele era responsável pelo meu desenvolvimento mediúnico... E o engraçado é que ele usa sempre o plural... “Mas nós estávamos respeitando seu livre arbítrio.” Respeitando seu livre arbítrio... Então, me incentivando a continuar, e nesse dia eu recebi 3... ele, uma mensagem muito bonita de cunho geral, depois eu recebi um bilheteinho da minha mãe e do meu pai, um bilheteinho... Mas muita mesmo... E assim foi um tempo com essa dor no braço... Depois foi diluindo com o tempo. Aí, depois de dois anos, eu voltei para o F. P., psicografar lá... Mas eu tive que parar também porque fiquei sem equipe mediúnica... aí eu tive que parar com a psicografia pra atender passes, atender palestras, cobrir outras áreas.

[56:37] P: Atualmente, então, você tá nesse período, nessa fase? Você interrompeu, não é?

M6: Sim. No F. P.

[56:47] P: E você citou que já escreveu livros, quantos foram?

M6: Não, foi um livrinho só, muito simples, chama *Mensagens do Além*, por causa daquela história. Foram psicografias... do começo, mas a gente fez uma seleção que a gente gostava mais ou achava mais bonita, eu escolhi umas, meu pai me ajudou, escolheu outras. Inclusive, tem uma de André Luiz que meu pai gostava muito, chamava "Cientistas, eu vi". Essa foi publicada no livrinho. E juntamente, então, a primeira parte são psicografias de minha mediunidade e a segunda de uma amiga. E a gente editou assim, né, até sem revisão, sem nada, para poder começar a ter um fundo, para poder montar o centro F. P., que na verdade funcionava como fundo de quintal, na casa de minha avó lá em Peirópolis, em uma casinha que antigamente abrigava um motor que gerava luz elétrica para a fazenda, e estava desativada, e a gente fazia as reuniões lá.

[58:03] P: Quando você psicografa, você digita o material manuscrito? Você guarda ou descarta o material?

M6: No dia, não. No outro dia, eu releio a psicografia... Agora, a letra... até eu tenho dificuldade. Então, tem que ser... então eu passo... Antigamente eu datilografava e assinava, rubricava as minhas mensagens e guardava as folhas todas, tanto as datilografadas quanto as originais. Agora, por falta de espaço, eu não guardo mais os originais, eu passo pro computador e rasgo as originais.

[58:55] P: E nas suas psicografias você percebe se há mudança na caligrafia enquanto você se psicografa, de mensagem para mensagem?

M6: Não, não tem muita mudança, não... Às vezes, tem letra pior ou melhor, dependendo da velocidade que o espírito imprime na minha mão. Às vezes, é um garrancho que até eu, assim, tenho que parar, mas parece que é até intuitivo... Aí vem na cabeça, assim... às vezes, se você for ler nem está escrito, você tem que adivinhar.

[59:32] P: E você já escreveu com as duas mãos, ou com a mão que não escreve normalmente?

M6: Não, eu sou destra e psicografo com a mão direita.

[59:46] P: Você já psicografou em outro idioma?

M6: Não, algumas expressões em inglês, e também uma em italiano, mas são só palavras ou alguma frase bem curta.

[1:00:03] P: Isso dentro de um texto?

M6: Dentro de um texto em português.

[1:00:07] P: Já chegou a psicografar em espelho? Aquela escrita invertida?

M6: Não.

[1:00:13] P: Em dupla com outro médium?

M6: Não.

[1:16] P: Você se sente inspirada a tratar de determinados temas ou ideias antes de uma sessão de psicografia?

M6: Não, eu deixo tudo correr por conta da espiritualidade. Eu procuro não influenciar, não invocar...

[1:00:32] P: Mas não recebe nenhum tipo de inspiração que de repente se concretiza nas mensagens?

M6: Repete que eu não entendi a pergunta.

[1:00:42] P: Você não chega a ter alguma inspiração, receber alguma ideia que de repente aparece num texto que você escreve posteriormente? Por exemplo, algumas horas antes da sessão você pensa em algo e de repente isso aparece...

M6: Não, é tudo na hora. Não faço ideia do que vai ser abordado, eu não sei o que vai ser.... eu falo que é igualzinho antigamente, antes da tecnologia... você não sabia o que ia sair da barriga da mulher, da cabeça de um juiz (risos), eu não faço ideia do que vai sair ali.

[1:01:29] P: E você costuma checar informações presentes na psicografia?

M6: Muito, muito, isso daí...a minha própria... Nossa senhora, a insegurança, o animismo... Aquela dúvida: "ah, é coisa de minha cabeça! É espírito mesmo, não é?" Nossa, o médium fica numa angústia, no início, né? Então tudo... eu queria que alguém ficasse lendo minhas psicografias, pra ver se tinha coerência, se era daquele jeito, que eu não tinha nem estudo, eu não sabia como era na doutrina... se era daquele jeito mesmo, se tá certo, se tá errado... Nossa senhora...

[1:02:08] P: Então você faz isso com frequência?

M6: Sim.

[1:01:12] P: Você escreve ou já escreveu sobre assuntos que não domina ou que desconhece?

M6: Sim, muitos. No início, nada que eu escrevia eu dominava, porque eu não conhecia nada da doutrina. Hoje a gente já conhece um pouquinho... Então, nessa parte era até melhor, porque eu ficava assim pra mim e tinha mais segurança que não era coisa de minha cabeça. Que não era animismo.

[1:02:38] P: Sobre que assuntos, por exemplo, que você...

M6: Até religiosos. Eu não conhecia nada, como era na doutrina espírita, né? Então, quando fala ali... outras... Eu não... De Evangelho, por exemplo, eu não conheço, agora que eu vou começar a estudar o Evangelho de Jesus. Eu não conhecia... às vezes, citava passagens bíblicas, depois eu procuro ir lá na Bíblia, ver se é daquele jeito mesmo, se está errado. Já tive algumas informações de acontecimentos futuros, que umas aconteceram, outras, não. Mas aí você tem que aguardar, né? Aí só o tempo dirá.

[1:03:26] P: Antes de mais nada, os seus textos costumam ter rasura, reescrita, exclusão ou reelaboração enquanto você escreve?

M6: Não, não. Às vezes, quando a sintonia, que eu te falei, conforme o espírito, que a gente não tem... tem mais dificuldade, não tem muita sintonia, às vezes ele vai pôr assim "O que" e depois ele coloca assim "Em que" aí só risca assim o "o" e põe o "que" e continua. Isso não é tão comum, mas acontece.

[1:04:4] P: Mas você chega a revisar ou reescrever, ou corrigir qualquer nessa psicografia a partir do momento que você digita?

M6: Quando eu vou digitar eu presto mais atenção. Mas foi o que eu te falei... às vezes, eu até quero mudar e eu falo assim "Não, mas esse é o estilo do espírito, eu tô querendo por o meu estilo, aí não é"... Eu procuro, assim, deixar mais original possível, só se for um erro muito grosseiro, quando fala assim "Nóis vai", aí eu ponho "nós vamos", mas de outra forma não. Eu procuro, até assim, a pontuação, porque eu acho que fica mais característico, né. Porque Buffon já dizia "O estilo é o homem", se eu for... é o estilo dele falar.. se eu for modificar vai ser o jeito de eu escrever. E até expressões, assim, erradas, como por exemplo... assim falar "Uai"... né... idiomáticas, eu até ponho... eu ponho assim, aspas e ponho do jeito que ele fala.

[1:05:21] P: E qual é o seu ritmo de escrita na psicografia? Rápido, lento?

M6: Depende do espírito comunicante. De alta velocidade eu já tive poucos porque eu já pedi pra eles... eu não dou conta disso... pelo amor de Deus, chega a correria do dia a dia! (risos). Então, é rápido... é rápido. Eu sou lenta para escrever... escreve rápido, mas não voando, como eu já recebi algumas, eu falava "tenha dó"...

[1:05:57] P: E você dá pausas ao longo do processo?

M6: Não, ele é contínuo.

[1:06:04] P: Raramente ou nunca acontece pausas?

M6: Não, acontece pausa só se acontecer alguma perturbação externa. Se alguém me tocar, é horrível... Eu paro e depois para continuar, às vezes consegui, às vezes, não. Então quando eu tô psicografando, eu não gosto que me toquem, que chamem meu nome, eu não gosto, parece que te chama de volta, te tira daquela sintonia... que acenda a luz, barulho. Agora eu tô acostumando um pouquinho o barulho, porque no centro, não é como em casa, aquele silêncio gostoso. Mas, é... Há pouco tempo eu tava psicografando no F. P., lá eu psicografo enquanto dão passe... e as crianças, uma das crianças lá, me viu na mesa, não sabe distinguir, né, porque elas só sobem para tomar o passe, elas ficam na evangelização e sobem para tomar o passe... e elas gostam muito de mim, então, uma das crianças me viu na mesa e correu na mesa e me abraçou. No que ela me abraçou... Mas é uma sensação horrível, parece que você... não sabe nem onde cê está, quem você é. Nossa! Eu só não fiquei muito brava porque era uma criança, aí eu derreti, mas falei "como vocês deixam?" Cortou a psicografia, tentei continuar mas... despediu e punto e basta.

[1:07:48] P: Você sente limitações e dificuldades como psicógrafa? E quais?

M6: Limitações e dificuldades...Tenho. Quando eu não posso fazer essa preparação. É... Quando eu tô muito atribulada na minha vida material... teve uma época que tava muito difícil, porque, a cabeça voltada para outros interesses, pra outras coisas, sobrecarregada de problemas, então isso me dificultava muito... parece que eu não consigo formar esta sintonia e captar, né? Eu tenho que estar mais serena, mais tranquila para fazer essa sintonia. E para voltar também.. Hora eu estou na sintonia da espiritualidade é tão difícil pra eu voltar na vida material... Muito difícil.

[1:08:41] P: Mas fora isso não há outros?...

M6: Tenho as dificuldades assim... de espíritos. Como os espíritos que eu recebo vários, às vezes... uns... às vezes, é difícil captar o pensamento, parece que... e também já aconteceu de terem VÁRIOS e eu ficar meio perdida, não saber qual que eu elaboro, sabe? Qual que vai... parece que muitos querem dar uma mensagem e fica assim meio perdida, até que “Vai!”... sabe? Até que tem uma hora um “vai”... Aí eu fiz a associação... deve ser igualzinho a luta dos espermatozoides para fecundarem um óvulo, porque vem aquele tanto assim e eu fico no tiroteio, e eu não sei qual que vai assumir, sabe, qual que vai assumir a psicografia. Fico captando, às vezes, até assuntos diferentes, também sinto esta dificuldade, às vezes... Eu acho que é falta de sustentação. E pensamentos, por que o médium capta, ele é um mata-borrão. Por exemplo, num centro, cada um fica um querendo, ah, querendo receber uma mensagem do pai, do irmão, do marido, do filho... Ficam vários pensamentos em cima do médium e você tem que firmar mesmo.

[1:10:09] P: E como é sua relação com aqueles que já receberam mensagens que você psicografou?

M6: São muito diversificadas. Geralmente, a pessoa, principalmente quando a gente lê dentro do centro, ela se emociona, chora... outras não acreditam, outras criticam, pegam, ficam lendo e rindo daquilo e falam “eu não acredito em nada disso”, outros “nossa, mas é fulano mesmo, nossa!” Então... tem elogios, críticas, pedradas e flores.

[1:10:55] P: O que você aprendeu como médium psicógrafa?

M6: Eu aprendi muito do ensinamento deles, da solidariedade, sabe? Que a gente precisa dessa interdependência e desse intercâmbio. Que nós precisamos uns ajudarem os outros. Então, quando eles se comunicam com a gente, para consolar, para ensinar pra te dar amor, ou mesmo para te educar, e educar muitas das vezes é chamar a atenção. Principalmente meu avô, é bem rígido, me chama muito a atenção. Mas eu, de forma alguma, eu fico magoada com eles, por que eu vejo que eles tão querendo me aprimorar, querendo que eu evolua, querendo que eu pegue um trilha certo, né? Então, eu aprendi que eles são muito amorosos e sábios. Dão amor, mas também dão ensinamento, te chamam atenção, te consolam, te incentivam... mas, também... às vezes, eles são duros, duros com a gente. E a disciplina de você ter confiança no seu mentor, na espiritualidade que te assiste, de entregar pra que eles se manifestem e para que possam alcançar o maior número de pessoas, pra que a gente possa cooperar na obra de Deus, cooperar com Jesus.

APÊNDICE J – Transcrição: Entrevista com médium 7 (M7)

Na transcrição, “P” refere-se ao pesquisador e “M7” ao médium informante.

Médium 7 (M7)

Sexo feminino, 67 anos de idade.

Grau de escolaridade: Ensino Médio – Magistério

Profissão: Professora aposentada

Tempo de experiência com a psicografia: 40 anos

Duração total: 29:02

[00:33] P: Qual centro espírito você frequenta?

M7: C. A.

[00:39] P: Dentre os trabalhos espirituais que você participa, quais envolvem a psicografia?

M7: Somente essa.

[00:47] P: Como chama esse trabalho? Como vocês denominam esse trabalho?

M7: Psicografia mesmo.

[00:54] P: Psicografia pública, seria?

M7: É.

[00:58] P: Gosta de ler?

M7: Muito!

[01:01] P: Que tipo de texto?

M7: Principalmente espírita.

[01:04] P: Mas tem alguma predileção por algum gênero? Ou romance... Que tipo?

M7: Não. De estudos mesmo.

[01:12] P: Você gosta de escrever?

M7: Puxa! Demais.

[01:16] P: Particularmente?

M7: Particularmente.

[01:18] P: E desde que idade?

M7: Que eu psicografo?

[01:22] P: Não, o que você gosta de escrever mesmo.

M7: Quando a gente era menor, que a gente tava no colégio, os meus irmãos ficavam impressionados. Eu fazia até as... as... na época era reda... composição. Fazia para eles e para mim. Pensava “não, cê dá conta de escrever, eu não dou”. Quer dizer que já era um princípio da psicografia, né?

[01:49] P: É... E você acha então que é por conta da psicografia que talvez essa habilidade já era...

M7: Isso, já vinha desde antes.

[01:56] P: E como é que foi a sua infância?

M7: Foi tranquila, normal, não foi de subir em muro, em árvores, não. Fui uma pessoa mais... sensata.

[02:08] P: E como é que você descobriu o espiritismo?

M7: Eu, devido a um problema cardíaco que eu tive, procurei o Chico Xavier e ele falou que era um resgate de outra... reencarnação... E... antes eu era católica, mas não me dava bem com o catolicismo. Causava até atritos entre eu e meu marido. Ele falava que eu ia pra igreja e chegava lá, não prestava atenção em nada, mas é que eu via outros espíritos entrando e ele implicava. Até que aconteceu. Aí eu... tive um problema cardíaco e comecei a ver Sheila e esse meu mentor, que me orienta. Aí eles já acharam que ele tava “meia” perturbada, né? Me levou no Chico e o Chico falou “Não, é mediunidade”, “Mãos à obra, disciplina, disciplina e toca trabalhar”.

[03:03] P: E foi assim que você se tornou espírita?

M7: Foi.

[02:04] P: E com quantos anos mais ou menos?

M7: Vinte e dois.

[03:08] P: Sua família é católica?

M7: No princípio, católico, mas... são mais pro lado do espiritismo.

[03:19] P: Se converteram após a sua...?

M7: Após a minha... é. Aí eles entenderam que era... o que mais esclarecia. A doutrina que mais esclarecia. Então, me seguem. Meu filho também me segue, mas hoje ele não tá aqui, não.

[03:53] P: E quando você teve a sua primeira experiência mediúnica. Você lembra?

M7: Ai, não lembro... faz muitos anos. Eu comecei psicografando em casa, sem perceber. Eu levantava de madrugada e escrevia, e no outro dia percebia que eu tinha feito alguma coisa. Aí eu guardava aquela... aquela psicografia. De repente, chegava no centro, eu já frequentava o centro, assim, disciplinando já a mediunidade. Chegava no centro, alguém chegava perto de mim e falava “Nossa, eu queria uma psicografia assim e nunca sai.” Aí eu falava “Então tá pronto. Tá comigo”. Espontânea.

[04:15] P: E isso, assim, foi a primeira experiência com a psicografia... Mas você tem outras mediunidades, além da psicografia?

M7: Eu tenho a vidência, clarividência. Eu ouço... Então... quase que todas. Nós, assim, que psicografamos, tem essas... muitas mediunidades, né?

[04:34] P: Paralelamente à psicografia?

M7: Paralelo à da psicografia.

[04:39] P: Então, a sua primeira experiência com a psicografia já foi num centro espírita?

M7: Espírita.

[04:47] P: Não houve algum curso? Alguma coisa como um desenvolvimento mediúnico?

M7: Foi um desenvolvimento e com muito estudo.

[04:56] P: No núcleo espírita?

M7: No núcleo espírita. Pra eu ter uma disciplina e saber o que eu posso passar na mensagem e o que eu não posso passar.

[05:06] P: E desde então você psicografou durante todos esses anos sem nenhuma interrupção?

M7: Todos estes anos. Só quando eu tiro férias em julho e em dezembro, né? Porque quem tem família, né, então tem que dedicar pros filhos também.

[05:24] P: E para você o que é mediunidade?

M7: É uma missão de muita responsabilidade. Não é um privilégio, é uma missão. Porque não existe privilégio na criação divina. Então, ele me deixou com essa missão, e que eu continue, né? Disciplinada e disciplinada.

[05:45] P: E o que é a psicografia para você?

M7: É querer... vontade de transmitir para a pessoa o que os espíritos passam e que possa alegrar os corações dilacerados.

[06:03] P: E como você sabe o momento de psicografar? Você sente algo especial?

M7: Sinto, começa com uma taquicardia e a mão já começa a movimentar sozinha... comecei a psicografar, acaba tudo. Aí eu me dou por completo e nem sei aonde eu tô.

[06:22] P: Então, enquanto você psicografa, o que você sente durante a escrita?

M7: Muita emoção dos espíritos para eu passar para o papel. Muita emoção... que eu tenho contato direto com eles, como se eu tivesse conversando com você. Eu vejo eles.

[06:40] P: Você tem vidência enquanto você...

M7: Tenho vidência. Enquanto eu escrevo. Então, é muita emoção, às vezes, tem hora que eu vou ler eu choro devido ao que espírito passou de emoção, aí eu tenho que controlar para eu poder acabar de ler a mensagem.

[07:02] P: Qual o seu estado de consciência durante a escrita?

M7: Eu sou consciente. Porque se eu fosse inconsciente, se o espírito estivesse naquele desespero, eu passaria para o papel, e não é bom.

[07:19] P: Então qual é o procedimento nesse caso, assim quando você percebe essa pré-disposição do espírito?

M7: Isso, porque eles chegam e me passam um bloco do que eles querem falar... a redação é minha, então, quando eles tão desesperados, eles falam que as nossas lágrimas tão rolando juntas.

[07:42] P: Então na verdade, você, a sua psicografia é consciente, e o processo é qual? Você escreve da sua maneira, digamos?

M7: É, a redação é minha, eles me passam o que querem e a redação é minha.

[07:57] P: Essas sensações que você tem variam ao longo da escrita?

M7: Variam... Variam.

[08:06] P: Como?

M7: Ou eu me emociono, ou senão eu tenho que ser um pouco mais severa com o espírito. Porque quando eles são assassinados, eles querem descontar em quem aconteceu, aí eu tenho que conversar com eles e falar assim "Não pode, cê está em outro plano, você tem que crescer daí e deixar que Deus tome conta de quem foi seu agressor."

[08:32] P: E o que você acha que vem do médium e o que vem do espírito comunicante?

M7: O espírito comunicante ele quer transmitir... agora o médium... eu faço a minha parte tranquilizando os corações.

[08:49] P: Até que ponto você consegue perceber a diferença entre o que pode ser do espírito comunicante, o que vem dele, e até que ponto é seu, o que tá no texto?

M7: Não, como eu te falei, a redação é minha, mas o meu mentor me orienta também, então eu sei o que o espírito tá falando e eu sei o que eu vou passar. Porque nem tudo que o espírito passa eu posso colocar no papel. Porque é muita responsabilidade.

[09:25] P: E você se comunica diretamente com algum guia ou mentor espiritual?

M7: Com meu mentor.

[09:32] P: Em que situações?

M7: Sempre, sempre... Eu, conversando com ele para que ele me dê equilíbrio, que eu psicografe realmente a verdade. Que não deixa eu mistificar... Que eu tenha... condições psíquicas de tratar bem o espírito e quem vai receber a mensagem.

[09:53] P: E como é essa sua comunicação com estes espírito?

M7: Telepatia.

P: Você...

M7: Às vezes, também, eu falo um pouquinho alto, falo “Cês me ajuda, não deixa eu vacilar não.” Eu falo (risos).

[10:09] P: Mas você já chegou a enxergar esse mentor?

M7: Não, enxergo! Enxergo. Enxergo ele, vejo os espíritos.

[10:16] P: Todo o tempo?

M7: Todo o tempo, ele fica sempre atrás de mim.

[10:21] P: Você enxerga esses espíritos que te acompanham e em quais outros casos você enxerga espíritos?

M7: Não, aí eu procuro não entrar em duas sintonias... quando eu vejo que tem alguma mistificação eu modifico o meu pensamento e peço apoio espiritual dos meus mensageiros de Deus, “Venham me socorrer”.

P:[10:45] Você costuma enxergar esses espíritos juntamente com as pessoas que você atende?

M7: Não, não. Antes, quando eu comecei a psicografar, quando eu comecei na mediunidade, eu via, em todos os lugares que eu ia, eu via espíritos... no entanto, por isso que meu marido brigava comigo quando eu ia para a igreja. Porque eu via espírito lá dentro. Ele falava que eu não parava de olhar, mas era espíritos e não pessoas que eu tava vendo. Então aí, depois eu disciplinando, não vejo mais. Só quando eu tô em sintonia mesmo.

[11:18] P: E onde você costuma psicografar?

M7: Somente aqui na casa espírita. Somente.

[11:26] P: Alguma razão para isso? Para só psicografar no centro?

M7: Com certeza. Uma que eu sou mãe, dona de casa... e aqui é o lugar certo para eu estar em equilíbrio para psicografar.

[11:42] P: Por que exatamente?

M7: Porque aqui é feita a assepsia e só vem realmente os espíritos que precisam comunicar. E lá em casa pode tocar o telefone, alguém me chamar, e eu saio completamente de sintonia. Então tem que ser somente aqui na casa espírita.

[12:01] P: Você normalmente psicografa sozinha, ou é auxiliada por alguém, por exemplo, para retirar as folhas?

M7: Não, sozinha, eu prefiro sozinha. Porque o espaço de tempo que vão puxar uma folha, eu já escrevi metade da outra. E, às vezes, eles puxam, tem que concertar o que ficou para trás, então eu acho melhor fazer sozinha.

[12:24] P: E com que frequência você psicografa? Semanalmente, diariamente?

M7: Semanalmente.

[12:33] P: Que dia?

M7: Somente na sexta-feira.

[12:37] P: E por quanto tempo?

M7: De uma hora a uma hora e quarenta.

[12:44] P: E você dá início em que horário?

M7: 19h30.

[12:49] P: Que tipos de materiais você utiliza para a prática da escrita mediúnica?

M7: O (papel) Chamex, e a caneta azul. Eu prefiro a azul.

[13:00] P: Tem alguma diferença escrever com caneta ou lápis?

M7: Não, eu prefiro com a caneta, porque com lápis eles podem chegar em casa e modificar alguma coisa. Então, eu prefiro com a caneta e prefiro a azul. Eu acho a preta muito forte para estar passando notícias bonitas. Não é?

[13:20] P: E quais hábitos ou recomendações você segue antes de praticar a psicografia, ao longo do dia?

M7: Eu procuro manter a dieta, sem me alimentar de carne, almoçar pouquinho, pouquinho. Quatro horas tomar um lanche, um café com leite, uma bolachinha, e só depois que eu terminar a psicografia que eu me alimento.

[13:45] P: E no que você acredita que essas recomendações podem ajudar no seu desempenho?

M7: Eu tenho que estar também com o corpo físico mais livre pra poder psicografar.

[14:01] P: Você tem também algum outro hábito que você adote nesse dia, além do físico?

M7: Eu procuro estar em sintonias melhores, não gosto de ouvir pessoas reclamando de um e de outro... Procuro ficar “numa boa”. Quando a pessoa chega perto de mim e fala “Ah, fulano assim, assim...”, eu falo “Deixa eles, deixa eles.” “AH, mas ele”... “Deixa, cada um com sua missão e acabou.” Então tem pessoas que ficam até bravas comigo. “Ah, mas você é muito boba.” Não, eu sou humilde mas não sou besta. Se eu percebo alguma coisa que não tá certa eu me afasto e acabou.

[14:50] P: E você se lembra de alguma vez que você não fez essa preparação ao longo do dia? Como foi seu desempenho?

M7: Não que eu não me preparei, é que eu não atendo telefone... E, às vezes, a pessoa insiste tanto que eu sou obrigada a atender. Então eu atendendo eu venho com aquela sintonia ruim. Então eu não rendo como eu rendo quando eu fico sozinha no meu cantinho.

[15:19] P: Mas isso em relação a que esse rendimento?

M7: Não, porque as pessoas, às vezes, ligam, e eu entro na sintonia deles, e eu não podia ter entrado. Então, aí eu venho para a psicografia ainda com o pensamento naquele telefonema. Então, mas não sou só eu, ela (mostrando a auxiliar) que fica perto de mim, ela também já não pode mais... sintonias desse jeito. Então ela também procura ficar... que eu preciso de uma pessoa equilibrada junto comigo.

[15:48] P: Em que, no caso, essa auxiliar te ajuda?

M7: É a energia dela, o ectoplasma que ela me envia. Então ela me fortalece. Ela, se perguntar o que foi falado aqui, ela não sabe porque ela tava com os olhos abertos me transmitido ectoplasma.

[16:07] P: E que tipos de texto você costuma psicografar?

M7: Somente cartas. Somente cartas.

[16:14] P: Cartas familiares?

M7: É, cartas familiares.

[16:17] P: Já publicou livro?

M7:Não. Tão querendo publicar.

[16:22] P: E, ao escrever determinadas cartas, você costuma checar algumas informações específicas que vem?

M7: Quando eu peço nome, eu já peço o nome do desencarnado, o nome dos pais e dos familiares. Porque eu não psicografo recado, é só cartas mesmo. Mas eu não procuro saber mais nada, somente o espírito vai me falar.

[16:50] P: E os dados que normalmente você tem acesso são, então, nome completo...?

M7: O nascimento, falecimento, nome dos pais, se é casado e tiver filhos e o da esposa, só isso.

[17:03] P: Normalmente os espíritos se identificam? Como é que eles se identificam?

M7: Justamente por eu perguntar isso, que na hora que eles chegam eu falo “Me dá uma identificação que é você por um nome”. Aí, na minha memória já vem aquele nome. Que eu tento em casa, ou mesmo aqui... mentalizar, pra que na hora que eles chegarem, serem mais rápidos.

[17:29] P: E além dessas identificações, então eles normalmente assinam?

M7: Muitas vezes assinam, muitas vezes, não.

P: A maioria das vezes?

M7: A maioria das vezes, assina.

[17:44] P: Mas há mensagens anônimas por exemplo?

M7: Não, eu não psicografei mensagens anônimas. Às vezes, vem uma mensagem... aí eu deixo, vem espontânea, como a gente diz... de repente, chega o pedido, que a pessoa chega e pede. Então, de vez em quando vem algum espontâneo.

[18:08] P: Você digita o material manuscrito?

M7: Não, do jeitinho que eu entrego, aí eu não fico com nada.

[18:18] P: Você entrega todos os textos?

M7: Entrego. Entrego tudo e não sei nem quem direito que recebeu (risos).

[18:24] P: A sua caligrafia muda em algum momento?

M7: Muda, constantemente.

[18:31] P: E porque você acha que isso acontece?

M7: Pela rapidez e pelo espírito querer pegar na minha mão. Tem uns que falam “Não, eu vou pegar na sua mão” e pega, e começa sair tudo de linha enviesada. Então eu deixo, por um certo tempo, eles escreverem. Aí, depois eu escrevo, mas a minha caligrafia é diferente.

[18:55] P: E você tem dificuldade de entender a própria caligrafia?

M7: Ah, de vez em quando eu me perco (risos)... Eu tô na linha de cima, na linha de baixo (risos)? Então eu me perco, sim.

[19:06] P: E você psicografa de olhos abertos ou fechados?

M7: Abertos. Não tem necessidade de ser olhos fechados.

P: Por que?

[19:10] M7: Não tem, eu não tô vendo quem que tá na minha frente! Eu tô com meu pensamento direcionado na psicografia... Então não tem problema de eu... não tem, assim... porque tem muito médium que faz assim mas tá enxergando tudo lá dentro. Você entendeu? Então não tem necessidade.

[19:30] P: E... quando você faz isso você olha a folha? Quando escreve?

M7: Ah, olho. Eu vejo a folha, sim, que aí é pra mim ter uma noção de onde que eu já estou na folha.

[19:43] P: Isso não influencia na sua concentração?

M7: Não, não, não... Influenciava quando eles puxavam o papel. Aí eu saia um pouquinho da sintonia. Mas eu sozinha, eu...

[19:55] P: Isso quando você teve um auxiliar durante uma época.

M7: Tive, tive. E aí não deu certo.

[20:02] P: Quanto tempo você teve um auxiliar?

M7: Durante uns cinco anos eu tive auxiliar, mas, aí, não adiantava. Então, eu falava "Fulano, cê tem que ser mais rápido, fulano não precisa arrumar o papel, não." Então, ficava um pouco difícil. Então eu preferi eu sozinha.

[20:18] P: Você já psicografou com as duas mãos? Simultaneamente?

M7: Não, não. Se tiver que psicografar com esquerda eu psicografo, mas, com as duas juntos, não.

[20:30] P: Certo. É frequente, isso, psicografar com a mão esquerda, no seu caso?

M7: Não, eu prefiro não. Eu prefiro não.

[20:38] P: Por que você acha que isso acontece.

M7: Ah, tem espíritos que chegam e tem dois, e um quer passar e o outro também quer passar. Então, eu peço pro meu mentor escalar aquele que estiver em condições realmente de passar. Então, eu prefiro resguardar um pouquinho. Porque eu me acho muito pequenininha pra isso (risos).

[21:02] P: E você já psicografou mensagens em outro idioma?

M7: Já.

[21:07] P: Que idioma?

M7: O castelhano. Vieram uma turma da Bolívia e eu falei “Eu não dou conta”, aí ele falou “Eu te soletro”... aí eu dei conta.

[21:19] P: No caso, quem soletrou, o espírito?

M7: O espírito e o meu mentor junto, corrigindo. Por que quando chega já falando diferente, aí tem que ter a orientação espiritual, porque senão eu não dou conta.

[21:35] P: Já psicografou em espelho?

M7: Não, não...

[21:41] P: Em dupla com outro médium?

M7: Já.

[21:44] P: Como foi essa experiência?

M7: Olha, para mim foi normal. O médium que tava do meu lado é que ficou assustado... porque, quando eu li as minhas mensagens, ele não quis ler as dele. Então eu falei... foi até aqui dentro da casa... Aí eu falei com o nosso diretor, aqui da casa, que não era pra trazer mais ninguém, “Ai, mas eles precisam aprender a psicografar como você.” Aí eu falei para ele “Ninguém aprende, já nasce com a missão.” Então, eles ficavam desesperados, tinham medo de ler a mensagem. Então, eu falei “Não coloca ninguém perto de mim.” Porque, pra eles ficarem retraídos, eu prefiro não. Agora, no dia do desenvolvimento mediúnic, tem algumas pessoas em treinamento. Mas eles treinam dois meses e depois ninguém quer responsabilidade.

[22:41] P: Em relação a trabalho público mesmo?

M7: É... Ninguém quer, ninguém quer...

[22:46] P: Você, então, durante um tempo, teve a presença de mais de um médium na mesma sessão?

M7: Teve... Na mesma sessão.

[22:54] P: E essa experiência encerrou?

M7: Encerrou porque eles perceberam que não era a missão deles.

[23:02] P: Você se sente inspirada a tratar de determinados temas ou ideias antes das sessões?

M7: Me sinto.

[23:10] P: Ao longo do dia? Como é que é isso?

M7: Olha, eu... Na minha memória, eu já vou passando... não... pra casais, os filhos, pros pais, como que nós vamos fazer... eu já vou mentalizando aquela mensagem que

vai ser passada aqui. Se vier um suicida, “Vamos pedir perdão pros pais, vamos falar que você tá arrependido...”. Então, eu casa eu já fico... desse jeito.

[23:36] P: E, normalmente, à noite, na sessão, esses temas e essas ideias acabam se concretizando?

M7: Com certeza, com certeza. Não sei se cê tava aqui... Um moço que suicidou passou a mensagem. Então, eu pedi que se alguém aqui tivesse suicidado, que era para passar assim, assim, assim. Aí fica mais rápido pra mim.

[23:56] P: Quantas cartas você costuma psicografar por noite?

M7: De doze a quinze. Porque eu sendo semimecânica, é bem rápido. Então, de doze a quinze.

[23:13] P: E você pode dizer quais são assuntos ou temas mais frequentes nas psicografias?

M7: De filhos acidentados e de pessoas que morrem com câncer. Esses são os temas mais frequentes.

[24:30] P: Já chegou a escrever sobre assuntos ou temas que você não domina ou que desconhece completamente?

M7: Não.

[24:43] P: Seus textos costumam ter rasuras, reescritas, exclusões?

M7: Não, não, não. Vai direto, vai direto.

[24:41] P: E você faz algum tipo de correção nesses textos?

M7: Não. Do jeitinho que passa eu passo. Porque qualquer correção que eu for fazer modifica a sintonia do texto.

[25:03] P: Nem a concordância, algo assim, a ortografia?

M7: Não. Eu falo para quem recebeu “Se vocês forem passar a limpo, vocês corrigem, porque aqui não dá tempo, não.”

[25:15] P: E qual normalmente é o seu ritmo de escrita? Ele é rápido, é lento?

M7: Rápido.

[25:22] P: Na psicografia?

M7: Na psicografia.

[25:25] P: Você dá pausas nesse processo de escrita?

M7: Não. Vai direto.

[29:01] P: Nunca?

M7: Nunca, nunca. Acaba uma psicografia, a outra já vem em seguida.

[25:37] P: Você lê ou relê trechos dessas psicografias?

M7: Não. Não dá tempo, não dá tempo. Eu só leio na hora que tiver que entregar mesmo.

[25:48] P: Você sente limitações ou dificuldades como médium psicografa? Quais?

M7: ... (silêncio)

[25:55] P: Qual é a dificuldade de ser um médium psicógrafo?

M7: Bom, primeiro... que a gente tem que renunciar a algumas coisas pra gente psicografar. E... eu não sei... isso, eu não tenho outras dificuldades, não. Que eu tenho que deixar, às vezes, os meus objetivos pra vir cumprir a minha missão. Mas, tando aqui dentro, eu esqueço de tudo que tá lá fora.

[26:20] P: Você já sentiu alguma dúvida em relação ao que psicografa?

M7: Às vezes eu sinto, às vezes eu sinto... fico, assim, preocupada se eu escrevi o certo... se o espírito quis passar daquele jeito. Então, às vezes, eu fico. Mas até hoje, depois... nesses quarenta anos, eu não tive nenhuma reclamação, por enquanto, não, graças à Deus!

[26:51] P: E na verdade o período que você está psicografando, já faz aqui agora quarenta anos?

M7: Quarenta anos.

[26:59] P: Ininterruptos, conforme você disse?

M7: Sim.

[27:03] P: Como é essa relação entre você e aqueles que recebem essas mensagens psicografadas?

M7: Só na hora que eu entrego que eles me abraçam e me agradecem. Depois eu não sei nem mais quem que é.

[27:01] P: Mas qual que é a reação das pessoas, normalmente, quando recebem?

M7: Sempre chorando, sempre chorando. Quer dizer que, pelo choro deles, pela emoção, eu sei que a psicografia foi verdadeira.

[27:30] P: Mas há casos em que isso não acontece, por exemplo?

M7: Muito raro. Tem uns que não querem chorar de vergonha... então, aí, depois me ligam ou senão voltam aqui outra vez e dizem "Foi a coisa mais linda que eu tive." Então, aí já compensa, né?

[27:51] P: Mas não há casos em que a pessoa não aceita aquela psicografia, não concorda?

M7: Não, nunca teve. Não, nunca teve, não.

[28:00] P: E o que você aprendeu como médium psicógrafa, até hoje?

M7: Como assim?

[28:07] P: Qual a lição que você aprendeu com essa missão?

M7: Olha, eu compreendi que eu tenho uma força interior que, assim, eu me desconhecia. Então, que eu tenho que... disciplinar pra eu continuar em frente... e ter amor também aos espíritos e a quem recebe, né? Eu preciso ter paciência com quem recebe também. Que, às vezes, eles desesperam, falam, assim... Cê tava aqui na hora que eu li a primeira, que a mulher chorou e me abraçou? Então, eu tenho que ter aquela paciência de esperar ela desabafar pra poder ela acalmar... Então, eles falam "Ah, é verdadeira, é ele mesmo...". Então, é isso.

APÊNDICE K – Transcrição: Entrevista com médium 8 (M8)

Na transcrição, “P” refere-se ao pesquisador e “M8” ao médium informante.

Médium 8 (M8)

Sexo feminino, 55 anos de idade.

Grau de escolaridade: Ensino Superior

Profissão: Dentista

Tempo de experiência com a psicografia: 31 anos

Duração total: 1:24:43

[00:20] P: Qual centro espírita você frequenta?

M8: Hoje é o L. E. L., mas já frequentei vários. Conheço quase todos os centros de Uberaba.

[00:34] P: E quais dos seus trabalhos espirituais envolvem a psicografia?

M8: Nesse centro, no L. E. L., todas as quintas-feiras, às 19:30.

[00:48] P: Você gosta de ler?

M8: Adoro.

[00:50] P: Que tipo de texto?

M8: Eu leio mais obra espírita mesmo. Eu leio de tudo, jornal, revista, leio de tudo. Mas o que eu gosto mesmo são os romances espíritas. Gosto de história também.

[01:01] P: Dentre os romances espíritas tem alguma predileção por algum autor ou psicógrafo?

M8: Não, não tenho. Eu sou sócia da banca do livro espírita, então todo mês você vai lá e tira um livro. Então eu não tenho isso. Não escolho não, muito, eu chego lá e eles já estão escolhidos. Eu sei que aqueles livros já passaram pelas mãos das pessoas lá. Elas falam “esse é muito bom”... e eu pego ele. Não tem assim, escolha, não.

[01:29] P: E você gosta de escrever?

M8: Adoro. Adoro.

[01:34] P: Desde que idade?

M8: Olha, eu gostava muito de rabiscar quando eu era menina, e sempre escrevia muito... assim... Quando eu estava, assim, em algum lugar, eu começava escrever

assim, nos papéis: rua, rua, rua.... Eu não sei por que mas eu sempre escrevia isso. Então, desde pequena eu gosto mesmo de escrever. Eu não escrevo, só lá no centro. Mas é uma coisa que eu gosto de fazer. Desde menina eu rabiscava. Eu era boa de redação, as ideias vinham assim... voando. Você catava ela no ar... tirava nota muito boa em redação. Sempre tive muita facilidade nisso.

[02:13] P: A que você atribuiu essa facilidade?

M8: Acho que é até intuição mesmo, acho que é intuitivo. A leitura também, a leitura te ajuda muito, né, a escrever, a interpretar.

[02:32] P: E como foi sua infância?

M8: Muito, muito tranquila. De subir em pé no quintal. Eu lembro, no quintal do meu avô, eu vejo que hoje é pequeno, mas quando eu era criança eu achava ele imenso, porque tinha muitas árvores... eu achava ele muito grande, então eu brinquei muito. Foi uma infância muito tranquila, em colégio público, mas muito bom, tudo muito bom. Eu tive uma infância boa, pai e mãe presente, foi muito bom, muitos irmãos.

[03:00] P: Quantos?

M8: Nós somos cinco. Eu sou a mais velha.

[03:05] P: Como você conheceu o espiritismo?

M8: Eu nasci... Meu pai era espírita. Minha mãe era católica. Eu fui criada no catolicismo até uns quinze anos de idade. E eu perguntava para o padre, "Por que tem gente cego?", "Porque tem gente pobre?". E ele sempre me respondia "Mistérios da santíssima trindade". Aí eu perguntava para o meu pai, ele tinha a resposta na ponta da língua, ele era espírita, "Minha filha, isso é explicado porque a gente tem muitas vidas, a gente não tem só essa vida, então uns vêm cego porque eles tiveram compromisso com a vista em encarnações anteriores. Outros vêm pobres porque eles tiveram compromisso com a riqueza, não souberam usar a riqueza na reencarnação anterior." E aquilo me preenchia, e quando eu fiz quinze anos, ele me deu um livro para ler que chama *Jovens no além*. Foi a primeira obra espírita que eu li, e eram cartas dos filhos para as mães, né? Aí aquilo me encantou. E eu tinha que ser espírita escondido, porque a minha mãe... a minha vó queria que eu fosse freira, né? Para você ver o grau do negócio. Aí, aquilo me encantou, e ele me deu outro livro, *Somos Seis*, não esqueço essas obras de jeito nenhum. Li também e encantei com aquilo, falei "Gente, eles vêm de lá amenizar o coração das mães, confortar, que coisa linda". E eu encantei pelo Chico... eu fui no Chico escondida, eu entrei e chorei até a hora, da hora que eu cheguei até a hora de ir embora. Sem parar, menina... dava soluço, tinha que sair para fora, falei "Gente, que trabalho mais bonito". E ali eu fui sendo encaminhada para o espiritismo, devagarinho, dessa forma. E quando eu tava com dezoito mais ou menos, de frente à minha casa, tinha uma senhora que psicografava, era espírita, "Dona Urzela Melo". Ela era uma psicógrafa excelente, ela já tava mais velha, e eu pedi uma orientação para ela, ela recebia o sinhô Mariano, que é de Santa Maria. E ele me mandou uma mensagem assim falando que eu deveria me preocupar, naquela fase da minha vida, com os estudos. Que eu não me preocupasse com mediunidade, com nada disso, que não era meu tempo, tudo bem. Aí ela pegou, eu peguei, eu tinha umas angústias, umas tristeza que aparecia de uma hora para outra.

Eu tava em um lugar de repente me dava uma tristeza, eu falei “Gente, mas que que isso, não tem nada ruim, não morreu ninguém... cê ficava pensando... não tem ninguém doente, porque eu estou triste desse jeito?” Não posso estar triste desse jeito. Eu conversei com um rapaz, que era namorado da neta da dona Urzela. Falei para ele, eu tenho umas tristeza, umas coisas esquisitas que aparece de repente. Ele falou “[Nome da médium] você não quer estudar o espiritismo?” Eu falei “Uai, vambora.” Nessa época eu estava morando na casa da minha vó, porque minha casa estava em reforma, eu dava crise de bronquite por causa de pó, dessas coisas. Eu fui para a casa da minha vó. Aí ele me convidou, eu fui em uma reunião mediúnica. Menina, eu nunca passei tanto medo na minha vida. Ele incorporou uma senhora, eu nunca tinha visto uma incorporação, e eles já começaram assim, eles eram três. Um é médico, outro é psicólogo, e ele engenheiro, parece. Só os três e eu. Aí ele virou e falou assim, começou aquela incorporação, ele tava incorporando uma senhora muda, então era um som, que aquilo me deu um pavor, e eu não esqueço isso. E tinha uma janela aberta, daquelas antigas de madeira, que só a parte de cima tava aberta, de vidro, sabe, que debaixo é veneziana... Eu olhei para a janela e vi uma flor, uma rosa vermelha. E eu tremia tanto o corpo, mas tanto, eu bati queixo, eu bati pés...foi um horror mesmo... e eu olhei para aquela rosa e pedi para Deus me ajudar, e eu olhei para a porta, e a chave não estava lá na fechadura, falei “Pronto, ainda tirou a chave.” Porque eu ia sair de lá de dentro mesmo, eu estava morrendo de medo. Aí eu comecei a olhar para a rosa, e fui olhando, fui olhando, e aí quando acabou a sessão, ele veio e falou “M., eu não sei se você vai poder continuar, cê atrapalhou muito os nossos trabalhos.” Ele virou para mim e falou assim. “Eu nunca tive tanto medo na minha vida, eu não vou conseguir dormir essa noite.” Aí quando nós saímos dessa comodozinho, que era no fundo da casa dele, eu fui no cantinho para ver cadê a roseira, para ver a rosa. Era cimentado. Aí pronto... aí eu falei “Meu Deus do céu”, falei para ele “Aqui não tem uma roseira vermelha?” ele falou “Não, não tem”. Fui embora. Ela morava em um apartamento, subi as escadas, eles tavam dormindo, eu acendi todas as luzes do apartamento, dormi com a porta do quarto aberto, com tudo iluminado, porque eu não conseguia dormir de medo. Ele conversou comigo e falou assim “Trabalha esse medo.” E foi conversando comigo, falando o que era espiritismo e tudo. Voltei nas reuniões, tive medo ainda, mas foi melhorando, o medo foi passando, eu comecei a ver aquilo tão naturalmente e comecei a estudar as obras né. O que é mediunidade, o que que era incorporação. E a gente fazia um trabalho de estudo antes da sessão, depois é que vinha o trabalho mediúnico.

[08:23][P: E que idade você tinha?

M8: Dezoito anos. Aí foi entrando mais gente no grupo... entrou a namorada dele, aí cada um foi chamando um parente. Eu tinha uma cunhada que incorporava, e isso também me chamou muita atenção. Isso daí foi a primeira incorporação que eu vi, foi dessa minha cunhada. Ela era médium inconsciente, e eu fui passar uns dias com ela em Ribeirão, porque ela estava com problemas, só que eu não sabia que era problema mediúnico, eu nem sabia disso, eu só lia os livros, né, tudo livro facinho. Aí, quando chego lá em Ribeirão, teve um dia que ela estava muito nervosa, e chamou uma vizinha. Essa vizinha entrou, e ela tava amarrando o cadarço da menininha dela, que era pequenininha. A vizinha veio por trás, e eu vendo tudo aquilo. Para dar um passe nela. Quando ela chegou e pôs a mão, ela incorporou. Incorporou, pegou essa vizinha, começou a bater nessa vizinha, começou a bater nessa vizinha, essa vizinha catou esse filho, e começou a sair correndo para a rua, ela trancou, eu peguei a menina dela, segurei a menina, fui para outro lado. Ela entrou num cômodo que, ela entrou

num corredor que tinha porta. E ela fechou a porta. E começou a dar murro nessa porta, e eu do outro lado e a vizinha fugiu. Quando ela saiu lá de dentro, ela virou para mim e falou, “M., cadê a L.?”, falei “Meu Deus, endoidou de vez, ela está louca. Meu Deus, essa mulher é doida, é por isso que eles mandaram eu vim ficar com ela, ela tá ficando louca.” “A L. precisou ir embora porque o menino dela tava sem paletó.” Ela virou para mim e falou assim, eu falei “Eu vou ali na rua comprar o pão, eu não ia ficar dentro daquela casa mais. Peguei e fui na rua comprar o pão para ela. Ela me deu o dinheiro para ir comprar pão e eu fui comprar pão, mas eu fui na casa da vizinha “Que que aconteceu lá? Por que você pois a mão nela? O que que foi aquilo?”. Ela me explicando, eles eram espíritas já, e ela me explicou “Olha, ela incorporou.”, tem uma mulher lá, que fuma, loira. Ah, mas eu não entrava naquela casa de jeito nenhum, e isso colaborou muito para que eu fosse para o espiritismo, sabe? Aí eu fiquei escondida na casa da mulher, olhando, e a minha cunhada chegava na rua e eu me escondia, até meu cunhado chegar com meu namorado na época, que era meu na época, que é o meu marido atual. Enquanto eles não chegaram eu não fui pra casa, aí eu chamei eles e conversei, olha, aconteceu “isso, isso e isso” “Não, mas ela faz isso há muito tempo.” Meu marido falou. “Como vocês me deixam sozinho com uma mulher dessa, pelo amor de Deus, ela mata um aqui dentro.” Aí nessa noite eu não dormi, “Eu quero ir embora para Uberaba, eu preciso ir embora para Uberaba.” Essa noite eu passei a noite em claro. Eu tava deitada em um sofá, e pus meu namorado nos pés da cama porque eu não conseguia dormir e mesmo assim a noite inteira vigiando. Qualquer barulho, eu quase morria de medo. Para ela tomar banho, eu tinha que ficar dentro do banheiro com ela, de tanto medo que ela tava, e como era uma cortina de plástico, quando ela abria a cortina eu ameaçava sair do banheiro, de medo dela. Aí ela falava assim “Tudo bem?” Menina, mas eu nunca tive tanto medo na minha vida. Aí eu fui entendendo. Eu fui buscando e perguntando ao meu pai, “Ela incorpora, ela é médium inconsciente.” Peguei e chamei ela para esse grupo, ela mudou para Uberaba... Saiu de Ribeirão e foi para Uberaba. Chegou aqui, levei ela para trabalhar no centro, ela não ficou, não desenvolveu a mediunidade. A família dela, enrolou, os filhos foram embora, separou do marido. Até hoje ela frequenta centro hoje, mas não trabalhou a mediunidade, porque era muito bonita. Ela é completamente inconsciente, no centro nosso... quando esse grupo aumentou nós fomos para outro lugar. O centro era de frente a casa da minha mãe e tinha a dona Urzela que psicografava lá, ela cedeu o centro para a gente trabalhar lá. Nós fomos para lá porque o grupo aumentou muito. O dia que eu levei ela, minha cunhada, ela já incorporou dentro do carro. Eu já estava melhor, estava mais preparada, já estava estudando com eles. Quando ela chegou, ela se pendurou... o centro era uma casinha muito velha, e ela se pendurou no caibro, do centro, balançava o corpo assim como se tivesse em uma gangorra e falou, “Eu vou quebrar isso aqui tudinho.” E o povo olhando, nós todos olhando aquilo, e ninguém deu atenção. Aí começaram a orar todo mundo em silêncio, ela desceu, e tinha um moço que tinha ido pela primeira vez... Ela segurou a mão do rapaz. E olhava para ele, e chorou a noite inteira olhando para ele. Ele não voltou no centro mais, esse rapaz. Aí ela frequentou mais algumas vezes comigo, e eu continuei nesse grupo, e ali tinha médium que tava desenvolvendo pintura, médium que tava desenvolvendo psicografia, R. do grupo, frequentou uns tempos, tinha médium que tava desenvolvendo incorporação. E eu me lembro que... Eu não sabia o que eu ia fazer ali. Aí um dia, tinha uns papeis em cima da mesa, e uns lápis. E eu falei, “Eu vou pegar o papel.” E não tive coragem. E tinha uma moça que trabalhava incorporada o tempo inteiro, Irmão Celso D’Ávila, é um padre. Ele falou assim “Quer escrever filha?” “Acho que eu quero, tô com uma vontade de escrever.”, aí eu puxei os papéis, e comecei a

rabiscar. Eu devo ter rabiscado um ano, só rabiscado, não saia uma palavra, só rabisco, rabisco, rabisco. Eu tinha as folhas guardadas. A gente não tem mais cabimento eu guardar isso, joguei tudo fora. Eu guardava dentro de uma caixa, falei “Um dia eu vou mostrar como eu comecei para alguém.” E aí quando foi um dia, ele pegou minha mão, desenhou um coração, e eu não sabia o que ele ia escrever, mas a medida que eu vou escrevendo eu sei o que eu vou escrever. Aí ele escreveu “Eu sou o Irmão Celso D’Ávila”. Dali em diante começou a vir palavras, mas soltas, não formava frases, um monte de palavra solta no papel. Aí começou a formar as frases, aí uma frase não tinha ligações umas com as outras. É uma coisa interessante isso. Aí depois começou a vir mensagens pequenas... pequenas mensagens, pequenininha. E foi indo. Até que eu comecei a psicografar, mas nunca para o público, só ali no grupo de desenvolvimento mediúnico. Aí nós tínhamos... meu pai fundou um centro, nós formamos um grupo, “vamos fazer um centro”, fizemos um centro “Lar Espírita Luz” que até hoje tem com outro nome na rua Turmalinas. E daí, às vezes, eu psicografava para as pessoas do grupo ali, uma coisa para elas. Aí teve um dia que tinha uma moça sentada na minha frente, e chegou uma senhora e falou assim “Eu queria deixar uma mensagem para ela”, e escreveu assim “Hoje, quando você passou pelo meu jardim e disse no tempo da Joana as flores eram mais belas, me emocionei muito. Obrigada minha amiga, por pensar em mim”. E falou “É para ela”. Falei “E se ela não passou pelo jardim, e se ela não pensou na mulher?”. Já começa aquele trem, menina, que é tão difícil! Falei “Não vou fazer mal algum entregando para ela, ela vai só duvidar de mim, e para mim isso não tem problema.” Entreguei, ela chorou tanto “Gente eu preciso ter mais confiança, olha o negócio aí na minha frente e eu não estou trabalhando.” Dali em diante, comecei a psicografar. Pedia orientação, colocava lá na mesa e eu mandava ver. Daí meu pai faleceu, e era ele que me impulsionou a vida inteira no espiritismo. Daí, ele morreu em 2004, eu fiquei quatro anos afastada do centro, não fui mais. Afastei, eu só ia tomar passe, nunca deixei de ir, ouvi palestra, mas não trabalhei na mediunidade, “Eu não vou fazer psicografia, isso é muito difícil”. Eu achava muito sofrido... aí eu parei com todo estudo, com tudo, esse grupo se desfez, cada um foi cuidar da sua vida. Nós fizemos um trabalho, teve um trabalho muito interessante na Vila Do Pássaro Preto, na casa de dona Alzira. A gente trabalhava com o “preto velho”. Tinha um médico, “Silas Escucio Junior.” Menina, ele incorporava “Pai João”. E era um trabalho maravilhoso, era um lugar que não tinha luz, era lamparina, a para dar passe nas pessoas, levar alimento, então é um trabalho lindo aqui. Lá eu trabalhava, pintava, escrevia, no final eles liam as mensagens. Ali eu trabalhava muito, não sei se o ambiente que era propício, era muito bom de trabalhar. Aí, um dia, eu cheguei perto dele e falei “Pai João, olha isso tudo ali, é meu.” “É filha?” “Eu vou falar para o senhor, eu sou falso profeta, isso aqui tudo é meu.” Aí ele disse “No final da reunião a gente vai conversar sobre isso tá?”. Menina, eu não escrevi uma linha, eu pegava o lápis, se eu tivesse que escrever meu nome, eu não dava conta, eu não sei o que barrou assim... o trem que eu não sei te explicar, eu não consegui escrever nada. Quando foi no final da reunião, faltando vinte minutos para terminar que era uma reunião longa, ele chegou perto de mim e falou assim “E aí filha?” “Hoje eu não conseguir escrever nada”, e ele disse “Mas não é seu?”, Aí eu falei assim... Aí ele pegou e colocou a mão na minha cabeça, aí eu olhei pra ele e ri quando ele falou “Mas não é seu”. Menina, em vinte minutos eu escrevi um tanto assim de folha! Aí eu falei “Mas gente, eu não posso mais duvidar”. Até hoje eu ainda falo para o Joaquim, meu mentor é o preto velho que chama Pai Joaquim. Eu trabalho dentro do centro kardecista com o preto velho, o que foi difícil também, eu sei que ele é meu guia espiritual, então ele é que tá me orientando em tudo na minha vida espiritual, então

eu chamo, vejo, ajuda assim duma vez, é uma coisa impressionante isso, muito bonito isso. E aí eu peguei e comecei “Eu vou psicografar”, aí meu pai faleceu em 2004, isso foi bem antes, e eu parei, fiquei quatro anos afastada do centro. E um dia eu saí à tarde em um domingo para caminhar, e eu nunca caminho no morro, aí eu fui subindo um morro, aí eu estava perto da casa da minha vó e eu fui lá, era um domingo, cheguei as sete horas, e minha tia estava lá e disse “Você veio para o culto?”, esqueci que o culto é às sete horas “Eu não vim para o culto, eu vim conversar um pouquinho e já vou embora”. Aí, conversa vai, conversa vem, deu sete horas, o horário do culto. “Marcela, eu tenho que parar de falar que é hora do culto”. Eu falei “Eu vou participar, mas não me pega papel” porque ela era assim, me via, me dava papel, sabe? “Não pega papel porque eu não vou escrever nada”. Aí chegou uma amiga dela, desencarnada, chamada Divina. “Eu sou Divina”... aí eu falei assim para ela “A Divina está aqui.”... aí ela correu lá para dentro e pegou papel e lápis, e disse “Às vezes, ela quer deixar um recadinho, né M.?” Aí a Divina foi falando como foi o desencarne e tal. A Divina era uma pessoa que fundava cultos do Evangelho no lar. E esse culto do Evangelho no lar ajudou muito ela na espiritualidade. Os cultos que ela implantou nas casas, inclusive o meu culto, ela me ajudou muito. Meus filhos eram pequenos, e não tinha jeito de fazer culto lá em casa porque essas meninas aprontavam demais. Ela chegava já a com a pipoca, ou com a esquine, enfim, eu não queria que eles comessem pipoca, que eles comessem esquine, e ela chegava e punha, eles ficavam comendo esquine. E a gente, as duas fizeram culto. Meu marido sempre foi meio avesso, ele é espírita, não frequenta, mas ele tem a doutrina no interior dele. A ela virou e falou assim, aí a Divina escreveu isso e assinou, quando ela assinou olhou a assinatura, no final da reunião ela falou “Vou te mostrar uma coisa”, correu lá e pegou um postal da Divina “Olha a assinatura” era igualzinha. Ela falou “M., você não pode fazer isso, volta para o centro.” Falei “Para psicografar, não”. “Eu vou voltar para o centro, mas eu não vou voltar para psicografar”. Aí eu não sei porque que aconteceu isso. Aí, eu fui para o centro, quando eu cheguei no centro dela, “L. E. L.”, que eu frequentei esse lar espírita muito tempo quando eu era mais nova, quando meus filhos nasceram eu levava eles para eles tomarem passe, porque era seis horas da tarde, eu já saía com eles da escola, eles já iam lá para eles tomarem passe. E nunca na vida eu pensei que eu estaria um dia lá dentro psicografando. Aí, cheguei, tinha os papel, lápis em cima da mesa. “Mas gente, que que isso, eu já falei que não quero.” E ela me pôs sentada na mesa, eu fiquei sem graça, tinha pouca gente no centro, mas era um lugar aconchegante, muito antigo, que o Chico ia lá para pegar energia, que lá tinha uma água de cura, que fundaram um poço artesiano, um centrinho maravilhoso ele é. Aí, eu sentei e psicografei, a reunião inteira só para geral, não foi pra ninguém. Para o centro, ajudando o centro, tudo. Aí, nesse dia, só tinha umas oito pessoas na plateia, que é tudo banco, é desconfortável o lugar. Umas oito pessoas. Aí o centro vai enchendo, foi enchendo, agora fica gente, porque o centro é pequeno, fica gente na cozinha, na sala do lado de fora. Aí um dia. eu conversando com pai Joaquim, falei “Pai Joaquim do céu, esse povo tá em busca de fenômeno” e ele disse “O mais importante na casa espírita não é o fenômeno, não é a psicografia. É o que eles ouvem aqui, e aqui tem pessoas que falam muito bem, são muito bem intuídas.” Lá tem a G., o W. B. Menina, o que é aquilo para falar? A G. fala histórias, e o W. explana, te leva refletir, aí eu falei para ele assim “Eu queria estar na plateia”. Porque quando você está psicografando, você não escuta o que eles falam, às vezes, você pega uma frase ou outra, quando você vai passar de uma mensagem para outra, mas você não escuta, não participa daquilo. Aí eu falei “Eu queria estar na plateia, Pai Joaquim.” Aí ele olhou e disse “Você teve tempo, não foi.” Aí eu fico muda, porque é

assim, na hora, a resposta. Então é isso que está acontecendo, e eu estou lá agora. E é só gente chegando, e aquele monte de papelzinho em cima da mesa que eu não converso com eles antes, não. Eles chegam, eu falo “Eu preciso do nome, a data de nascimento, a data de falecimento e quem solicita, e qual o grau de parentesco.” Põe aí, “Quem quiser orientação, põe seu nome, e sua data de nascimento.” Aí, nessa semana foi até interessante, porque tinha uma caravana, e quando eu vejo um ônibus eu falei “Ai, meu Deus, vamos embora pra casa”. Mas as pessoas procuram aquilo, porque isso é um consolo, é uma coisa que conforta tanto uma mensagem... E ao mesmo tempo que tem uns que duvida, que fala “Não é seu filho que escreveu isso, que judiação com as pessoas”. Eu sei tudo que estou escrevendo... eu sou uma médium intuitiva, eu sei tudo que está sendo escrito. Eu não sei o que ele vai falar para a pessoa, mas quando começo eu sei de tudo que está sendo escrito. Não é uma coisa mecânica como o Chico. Sabe, de olhar e saber. E um assunto é muito diferente do outro, eu vejo o jeito que eles falam com os filhos, o jeito de falar com as mães. E as minhas mensagens não são ainda de pegar o nome dos avós e vai, para a pessoa crer, acreditar. É ainda uma coisa de orientação, o que eu vejo é que é eles passam muito de orientação. Essa semana uma senhora falou para os filhos assim, que ela viu muito de lá, e disse que as pessoas falavam assim “Nossa, eu podia ter feito tanto mais.” E vem muita de cá, “Nossa, eu poderia ter feito tanto mais pela minha mãe.” E que eles não pensassem de jeito nenhum, que eles viveram plenamente como mãe e filhos. E que não era pra dar um choro nem nada. Era para devolver pra ela todos os sorrisos que eles tem, porque o que ela gosta nessa vida é de sorrir. E que não ficassem tristes de forma alguma. Mais ou menos assim eu não lembro muito, mas a mensagem dela me tocou muito. E o que a gente escreve serve muito mais para gente. Chega hora que eu falo “Ai, meu Deus, essa mensagem, é para mim.” Agora eu nem seguro mais, minha tia me ajuda muito. Lá no culto, eu queria segurar umas mensagens para mim, de tanto que elas servem. Essas mensagens elas se perdem, porque eles não me devolvem, não me mandam nem nada e eu tenho que entregar na hora. E eu não gravo, nem nada igual à Dona L., nem nada. Mas eu falo “Gente, essas mensagens servem tanto para mim.” E elas vão embora. E na hora que eu estou lendo, eu me emociono muito ainda. No início era pior, eu melhorei muito. Essa semana teve uma do Jair Presente que eu não consegui terminar. Ele fala uma frase assim, “Eu sou amigo do Cristo, trabalho para ele na Terra”. Isso mexeu muito comigo...

[26:16] P: E você tá com esse trabalho de escrita de cartas familiares há quanto tempo?

M8: Quatro anos. Eu entrei lá em 2008? Quatro anos.

[26:33] P: Então, no total, até hoje você psicografou durante quanto tempo?

M8: Toda quinta-feira...

[26:41] P: Eu digo, você teve uma pausa de quatro anos, mas antes disso você tinha psicografado já...

M8: Nossa, eu comecei a psicografar... eu tava com uns vinte e dois anos, quando eu comecei a escrever... é... a desenvolver a mediunidade. Mas se for contar de tudo, dos rabiscos... Com dezenove anos eu já tava nessa rabisqueira danada. Então, eu tô com 53... Para você ver como ela começou... como ela (a psicografia) é lenta... E

aí, no centro que eu frequento, eles têm um trabalho na sexta-feira, aí e o presidente da casa chegou pra mim e disse “M., você foi preparada trinta anos na espiritualidade para fazer esse trabalho.” Ninguém nunca tinha me falado isso. Então, nunca foi imposto. Agora, eu sei da necessidade deles. Eu, hoje, eu espero a quinta-feira. Antigamente eu falava “ah, meu Deus, é quinta-feira”. Agora eu espero ela, sabe? É interessante. E quanto mais eu trabalho, mais bonito eu acho esse trabalho... de estar lá dentro daquele centro, e ver a importância das pessoas estarem lá dentro, ouvindo o que eles falam. Falando do Evangelho do amor, da união das pessoas, essas coisas. É muito mais importante do que a cartinha que eles vão receber. Só que ainda, eles precisam da carta. Eu por exemplo, eu não quero carta do meu pai, eu não quero carta da minha vó, do povo... Eu não quero nada. Sabe, eu não busco. Quando eu sinto a presença deles, eu choro. Então eu acho que eu nem consigo ainda psicografar meu pai ou a minha avó, não sei. Não sei nem se um dia vai vir alguma coisa. Eu já recebi da minha avó um bilhetezinho para minha tia, um recadinho, já... falando do que ela tava fazendo na espiritualidade. Do meu pai também eu recebi também, da dona L., uma carta dele, falando sobre a importância do meu trabalho. Então eu tenho muito apoio, eu tenho muito mais do que eu estou. Então, uma casa espírita que abre as portas pra você psicografar sem eles te conhecerem. E, e eu já estive com eles. Eu tive um estudo com a G. e ela nem se lembra de mim. Eu fui nesse grupo na Casa espírita de Antuza. Eu ia a uma hora da tarde estudar com elas, e elas nem lembram de mim. E eu já estive com eles. O C. eu já vi algumas vezes também, e o W., eu assisti muito as palestras dele, muita. Já fiz muita perguntas para ele em palestra. E eles não se lembram. E hoje nós estamos juntos, ali. Sabe? E é um apoio... eles têm um carinho por mim... que ocê fala “Gente do céu, o que é isso, o que é isso?”... é muito bonito isso.

[29:23] P: E você tem outros tipos de mediunidade?

M8: Incorporação. Eu tenho incorporação. Eu tive lá no trabalho deles, eles já me convidaram várias vezes, mas eu não posso frequentar centro ainda, porque eu tenho um marido ainda... Ai, não pode... ele falou pra mim não falar que ele era difícil (risos)... É uma pessoa que ainda não tem compreensão disso, da grandeza disso, que em todos os centros que ele frequentou, alguém não era bom. Alguém falava e não dava exemplo daquilo que tava falando. Então, eu falei pra ele que não, na terra não tinha perfeição, não existe perfeição, você não vai achar um lugar onde as pessoas são perfeitas... nós tamos aqui, todo mundo para aperfeiçoar... mas não adianta falar isso para ele, entende? Então se eu sair mais vezes de casa, eu vou ter muita complicação em casa. Eu ainda não tenho essa liberdade. Até pedi muito para ele arrumar um serviço fora, e ele arrumou um negócio de ser conselheiro do CREA, essas coisas... e ele tá indo, de quinze em quinze dias. Na semana que ele foi, eu fui sexta, sábado e domingo no centro, para você ver como eu acho bom, aprender com as pessoas, de ver como elas trabalham. E eles me convidaram para um trabalho de desobsessão lá, eu fui, e na desobsessão não escreve, só pode incorporar e eu incorporei, voltei a incorporar. Mas esse trabalho da incorporação, eu achei lindo, o espírito poder falar. E é tudo intuitivo. Às vezes, eu sinto a tristeza do espírito e eu choro. A angústia, o medo, o pavor, de não estar entendendo nada daquilo eu sinto, mas não me acontece nada fisicamente, eu não fico fraca, normal. Igual, eu vou lá psicografar, eu sinto, às vezes... eu sinto, sem saber, eu vejo a pessoa me olhando, entendeu? Eu paro e olho e ela tá assim em mim, grudada. Eu sinto aquilo. Tudo eu sinto, não sei como explicar isso.

[31:71] P: E, para você, o que é a mediunidade?

M8: Eu acho que é uma grande oportunidade na vida. É uma coisa muito séria. É... nossa, é um compromisso com Jesus mesmo. É você ser um instrumento dele na Terra, sabe? E, principalmente, uma forma de você pagar um pouco do tanto de dívida que gente tem passada. Eu acho que é isso, pra mim, mediunidade... E eu acho ela muito natural, ela é muito espontânea. É como se ela fosse um sexto sentido mesmo, como eles falam, né? É um compromisso muito grande nosso e uma forma de você aliviar as dores que você causou. Eu acho isso... da mediunidade.

[32:37] P: E o que é a psicografia para você?

M8: Ah, eu gosto tanto hoje que... Eu gosto tanto... É um trabalho difícil, muito difícil... em que cê ainda tem muitas dúvidas... É meu, é meu, é deles, é deles. Essas coisas tudo passam pela sua cabeça. Você vê, também, tem coisa sua na psicografia. É como se eles te contassem uma história e você contasse a história do seu jeito... e.... mas eu gosto de fazer isso, sabe? Não é que eu goste, mas é um compromisso meu. Então eu sento ali e entrego, “seja feita a sua vontade, Senhor, o que eu puder fazer para ajudar alguém, pra me melhorar, tô aqui, prontinha. Entrego. Só.” E acho uma coisa natural, eu acho que todo mundo hoje pode desenvolver isso. Todo mundo vai poder escrever o que os espíritos querem receber, entende? Que isso é só uma prática, é só trabalhar. Eles falam até que a gente tem uma... uma genética, né não sei. Eu não sei como é isso direito, eu tenho que estudar, minha filha, muito. Mas eu acredito que todo mundo tenha. Como todo mundo tem uma célula que pode adoecer, todo mundo tem uma célula que pode fazer você desenvolver sua mediunidade. É só praticar. Tudo para mim é exercício. Você consegue captar assim o sentimento de uma pessoa que tá na plateia. Cê consegue, é só trabalhar isso. E nós temos também a influência de tudo, né, dessa espiritualidade... Eles estão ali servindo o tempo inteiro, te ajudando o tempo inteiro. Você não precisa ter medo disso, você nunca está só, se você ora, você está acompanhado de bons espíritos, né, que querem fazer um trabalho bom na terra... Então não precisa de ter medo, é se entregar mesmo... Saber aonde... Eu ainda não tenho segurança pra psicografar em casa. Eu prefiro no centro. Até eu te falar “Vamos pro centro, nós duas, para fazer a entrevista lá.” Porque ali eu sinto uma paz muito grande, uma proteção imensa, então eu não tenho medo. Hoje eles falaram para mim, “se você colocar na mesa um papel de uma pessoa que não tá desencarnada, falso, né? Falei, “Gente, eu vou temer isso por que? Se ali dentro eu tenho tanta proteção, se colocou, e se eu psicografar alguma coisa, tem algum porquê nisso”. Pra mim aprender alguma coisa. Eu não tenho esse medo. O Chico que é o Chico, o maior médium que teve nesse planeta, duvidaram dele, não duvidar de nós por que? E qual o maior exemplo que nós tivemos? É ele... então, vamos mirar naquilo ali e vamos seguir. Porque ali não foi brincadeira, é um trabalho muito sério, e você vai se disciplinando. Eu brincava mais... Hoje não, hoje eu já chego e fico mais quieta, olhando os papéis, que aqueles papezinhos têm tanta importância para quem está lá... Então eu chego e é uma mesa cheinha de papel! Eu leio todos os papéis. Ponho a mão... eu não sei pra quem vem. Às vezes, as pessoas conversam comigo e eu falo, “Ai, meu Deus, podia tanto vir pra ela, tadinha, nossa...” Ela não recebe uma linha. Tem gente que tá lá dentro, tem... desde o tempo que eu tava lá dentro, nunca recebeu nada, desde quando eu entrei. E às vezes vem uma caravana, muita gente recebe... sendo que o que tá ali toda quinta-feira nunca recebeu. Aí você fica sem entender. Você olha e fala “não, hoje tem que vir pra ela”. Eu olho e falo, “hoje vem pra ela”. E não vem, bem. Não vem. É muito bom. É isso.

[36:53] :P: Como você sabe o momento de psicografar?

M8: Eu ponho a mão no papel, pego aqui o papelzinho, cê olha a mesa, cê cata aquele papel, não sei por que... cê sente um negócio que eu não sei te explicar. Cê pega o papel, põe aqui, espera um pouquinho, começa a vir. É muito simples, não tem nada de diferente. É simples, muito simples.

[37:18] P: E enquanto você psicografa, o que você sente nesse momento?

M8: Às vezes, eu sinto a emoção do espírito. Às vezes, eu sinto que não é ele, que é o mentor dele que tá falando por ele, porque ele não tem condição nenhuma, porque tá num choro lascado. Então, não é ele que está psicografando. Às vezes, eu vejo que o que está sendo escrito ali, naquela hora, não é o que o espírito tá realmente sentindo, porque ele tá num sofrimento grande, mas ele tem que confortar aquela família, entendeu? Então é isso que eu sinto, isso daí eu já consigo perceber.

[38:10] P: E fisicamente, você sente algo?

M8: Só essas emoções, mais nada, só isso.

[38:14] P: E essas emoções variam de acordo com a escrita?

M8: Variam.

[38:19] P: Como?

M8: De pessoa pra pessoa? O sentimento de uma mãe é muito diferente do sentimento do filho que chega pra mandar mensagem pra uma mãe. Como é que eu te explico isso, menina?

[38:31] P: Mas isso varia ao longo da escrita de uma mesma mensagem?

M8: Varia, varia sim. Quando é o mentor, você fica muito mais tranquila, quando é o mentor dele que está escrevendo, porque, às vezes, o espírito está distante e eu não vejo. Mas eu sei que ele não tá ali junto comigo. E na hora de ler a mensagem, muitas vezes, eu tô lendo a mensagem a pessoa começa a chorar, a que escreveu, e eu começo a chorar. E o Pai Joaquim me fala “Não emociona. Não emociona.”, entende? Ele sempre trabalha comigo as emoções, “Calma, não emociona” e eu tô sentido o choro, sabe? Do filho com relação à mãe que tá lá sentada na plateia. Você sente isso. Só. Às vezes, de um para outra, assim, eu só sinto o... assunto. Conforme o assunto da mensagem, você não se emociona. Por exemplo, uma moça recebeu uma mensagem, ela pôs pra pedir uma orientação... e eu não sei quem é... e ela é nova pela data de nascimento, e ele vinha falando assim, da velhice, que preocupação é essa com a velhice? Somos fruta no pé. Às vezes, servimos de alimento, e às vezes, apodrecemos e caímos... mesmo assim, somos adubo pra terra. Trabalhe o seu interior, não preocupe com o exterior, mas observe as transformações exteriores. Era mais ou menos assim. Ai eu falei, “gente, mas é tão nova pra estar tão preocupada...” Ainda tem as coisas que passam na minha cabeça quando eu estou preocupada. Então eu tenho vários tipos de sentimento, eu tenho alegria... igual essa mãe que queria levantar os filhos da tristeza dela ter falecido, eu senti a alegria dela. Ela é movimento, ela é energia, sabe? Ela tem uma vontade de viver, uma coisa que ela tem passado, eu senti tudo isso, sabe? Já a outra que teve essa semana, que ele

mandou e eu chorei... já senti, assim, aquela mensagem me tocou, não quer dizer que a pessoa estava triste, não. A mensagem me tocou muito, entendeu? Até na hora de escrever, ele começa e eu já comecei sorrindo porque eu sabia que era o Jair Presente... é uma alma iluminadíssima. Meu Deus, que que é aquilo... Aí eu já comecei, aí eu falei “É você, né?...”, eu fui escrevendo, fui escrevendo, no final eu tava chorando das coisas que ele escreveu para a pessoa. Então, é assim, as emoções são minha também. Não é só do espírito não. Às vezes, o que eu vou receber mexe muito com os meus sentimentos, entendeu?

[41:13] P: E o que você acha que vem do médium e o que vem do espírito comunicante?

M8: As palavras são minhas. O conteúdo é do espírito. O que ele quer deixar é do espírito. Às vezes... Eu achei interessante que eu recebi uma mensagem de um soldado, não sabia que era policial militar, que faleceu, do exército ele era. Um pessoal que veio de Santos... A mensagem dele começou assim “Ouviram do Ipiranga as margens plácidas.” E eu falei, “meu Deus, o que é isso?” E ele veio falando da importância da pátria. No final, a moça chegou e beijou a minha mão e falou assim... eles beijam minha eu beijo a mão deles porque eu não sou nada, sou só uma máquina de escrever ali naquela hora e falha, bem! Erro pra caramba... Aí, ela virou falou assim “ele era do exército”, aí que eu entendi a mensagem. Outro dia eu recebi uma mensagem assim “Sopra as feridas do teu pai, o teu sopro tem poder de cura.” Eu falei “Meu Deus”... entrega, não entrega, aí eu entreguei pra moça e ela disse “Meu Deus, o Tadeu De Araxá me falou isso, para mim soprar as feridas do meu pai.” Aí eu disse, “você não fez até hoje?” Ela disse “não”. “Então você comece a soprar, porque é a segunda vez que...” Aí eu fiquei em dúvida em entregar aquilo. Ela pôs nome do pai na folha, e a data de nascimento dele, só. A mensagem veio só isso. E louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, Pai Joaquim. Só isso era a mensagem para a menina, um bilhete, né? Então é assim. Eu entro muito na mensagem, sabe? Aí teve uma moça que eles receberam, essa família tem um segredo, e o segredo tá atrapalhando eles. Não tá deixando eles irem para a frente. E esse segredo, mesmo que fosse uma coisa ruim, tinha que vir à tona. Porque a gente nem sabe se pode ou se não pode. E aí veio essa mensagem, eu falei “Nossa, será que eu entrego ou será que não entrego?”... E aí, na hora, que fui entregar eu queria saber o segredo. Fui entregar a folha, eu ia perguntar, o Pai Joaquim falou assim, “Qual a utilidade disso?”, entreguei a folha. Meu Deus, que curiosidade que é essa, né? Quer dizer, é a Maria fofqueira ainda... quer saber das vida dos outros né? Então tem muita coisa interessante assim, sabe, eu sempre participo muito das mensagens, bastante. Mas eu já tive muitas provas... Falo para o Pai Joaquim “Dá uma luz hoje, isso não é meu não, Pai Joaquim?”. Ele deve ficar tão triste, menina do céu! Hoje em dia eu não estou pedindo mais não, mas no início pedi muito, muito... para distinguir se isso é meu, se aquilo ali não era balela, falso profeta. Os falsos Cristos, os falsos profetas.

[44:27] P: Você se comunica diretamente com seu guia espiritual?

M8: Sim. Comunico. Eu faço uma oração, uma prece, e peço pra ele... igual agora, quando fui entregar a folha pra moça que ele falou pra mim “qual utilidade disso?” Eu recebi isso direitinho aqui ó, na cabeça, assim. Em que que isso vai ser bom? Sempre, sempre. Teve um dia, ele já me mostrou isso. Teve um dia que tinha uma discussão lá em casa, e aquela discussão estava me fazendo muito mal, e eu tava de costas lavando a louça, e falei para o Pai Joaquim, “Pai Joaquim, não é possível, será que

eu mereço isto? Você não está vendo que esta pessoa está me ofendendo?”, a pessoa calou a boca. Eu achei que tivesse entrado alguém... falei “entrou alguém, algum dos meus filhos, alguma coisa” aí eu peguei e deixei a pessoa muda na cozinha, e saí para ver quem entrou. Por que que ele calou a boca... Aí eu olhava assim e falei “Pai Joaquim, você deixou o homem mudo”. Aí eu fui vendo o tanto que ele é presente, o tanto que ele participa, é intuitivo. Eu sei que ele tá presente, ele me fala as coisas. É assim, vem assim uma frase assim que você não sabe... umas coisas assim que acontece na hora. Você pede ajuda e ela acontece assim na hora... cê pede ajuda, ela vem assim na hora é um relâmpago, é mais rápido que um relâmpago!

[45:52] P: Como é a percepção dessa fala do mentor?

M8: Em mim é um sentimento, sabe, assim, amoroso, um pai que acolhe um filho, é assim que eu percebo a presença dele. Entendeu? Ele chegou. É assim que eu vejo.

[46:08] P: Mas essa comunicação você chega a ouvir?

M8: No pensamento. Não escuto, não vejo. Eu já não tô nem sabendo direito isso. Mas eu não escuto, eu não vejo. Eu sinto. Eu escuto no pensamento. Eu vejo no meu pensamento. Entendeu? É assim.

[46:27] P: E onde você costuma psicografar, você é auxiliada por alguém?

M8: Sou, a minha tia fica do meu lado pegando as folhas e corrigindo os erros de português. Também ela corrige.

[46:42] P: Com que frequência, e qual a duração dessas sessões que você disse que são semanais?

M8: Eu começo o trabalho sete e meia, eu espero a leitura do Evangelho, eu acho que eu espero por mim mesmo, entendeu? Porque ela é importante para mim, a leitura do Evangelho. E eu não sei se isso demonstra uma forma de respeito das pessoas com relação aquilo que está sendo lido ali na hora, o Evangelho do Cristo, então, vamo todo mundo prestar atenção no que está sendo falado pra depois começar a psicografar. Acabou a leitura do evangelho eu cato o lápis e já começa, ali eu não vejo mais nada, eu escuto, às vezes eu escuto o choro de uma criança, aí fica todo mundo preocupado, mas não me incomoda, parece que te tampa assim, sabe? Aí quando eu vou passar de uma mensagem para outra eu escuto uma frase deles falando, eu falo “nossa que frase bonita” aí já começa a psicografia do outro. Em média umas seis mensagens por noite, que dá. Eu termino oito e meia em ponto. Eu começo umas sete quarenta, mais ou menos, e termino oito e meia. Terminar, não termina oito e meia, porque quando o centro tá muito cheio, que eles vão dar o passe, ainda vem algumas, mas em forma de recadinho, de desenho, desenho umas florzinhas e entrega. Essa semana, um desenhou um moço sentado em frente a um computador, pedindo pra ele sair, sair de casa. Não lembro da mensagem, não vou sabe te falar em palavras, mas eu sei que mostrou ele sentado de frente para o computador e escreveu o que estava acontecendo, e da importância dele sair dali. Também desenhou uma casinha, falando do lar, da importância do lar, o marido mandou pra uma esposa. E uma criança desenhou um baldinho e as ferramentas para mexer na terra falando onde ela ia encontrar força. Era uma criança pequenininha, o mentor que escreveu, e ela desenhou o baldinho e as pazinhas. No final, quando eles tão dando o passe, dá

tempo de fazer isso ainda. E você sabe pra quem é vai ser feito isso. Já separa os papelzinho tudo assim no canto e começo, aí eu falo, “Vou receber fulano, fulano e fulano”. Aí entra o C. e faz a prece de Cáritas... cê tinha que ter ido lá... a hora que o C. faz a prece de Caritas eu tenho a impressão que nós tamos em outro mundo, é muito bonito. Na hora que ele começa aquela prece. Ele é muito simples, uma bondade infinita, a hora que ele fala a prece, menina! Aí eu falo assim “eu não vou escrever, voi só escutar”. É uma simplicidade, e com as palavras mais simples, nossa, é muito bonito.

[49:41] P: E que materiais você usa para escrever?

M8: Lápis, papel. Qualquer papel. Eu tive na casa do Chico, e isso é até importante. Diz que o Chico, quando ele for mandar uma mensagem... tem uma... que o Chico não vai mandar mensagem... que o Chico quando ele for mandar uma mensagem, vai ter um negócio que vai mostrar que é o Chico mesmo. Eu fui na Casa da Prece, na véspera do dia das mães... porque tem umas palestras lá e meu marido estava viajando e eu fui lá. Chegou lá, menina, mas foi me dando uma vontade de escrever, aí eu falei “não tem papel aqui não! Aqui agora é pra ouvir a palestra... e isso eu fico trabalhando comigo: “não tem papel”. Aí minha bolsa sempre tem papel. Aí, catei um papel e fui escrevendo, uns papéis que era de recibo, de coisas pagas e fui escrevendo, fui escrevendo, fui escrevendo... passando de um pro outro, escrevendo dentro da bolsa. Aí a Meimei mandou uma mensagem assim: “No altar de Jesus, sublimados estão os corações de todas as mães”, e assinou. E o Chico mandou uma mensagem. E pra eu falar que o Chico mandou uma mensagem no meu centro? Aí eu falei: Nossa gente, o Chico não vai mandar mensagem porque tá esse negócio, que o Chico não vai mandar mensagem”. Aí eu falei “Olha, se não foi o Chico, foi alguém muito pertinho dele.” Aí minha tia falou assim “Você tem que dar isto pros outros...”. “Não, o Chico mandou isso só pra mim”. “Ah, é, só procê, é sim...” (ironicamente). “Escreve isso, vamo bater isso, vamo entregar para o C., no centro, e vamos ver o que ele fala”. Entregamos pro C. O C. chegou perto de mim, na outra reunião, eu pensei “Nossa senhora, deu problema” Aí ele chegou e disse “aquela mensagem é do Chico”. Você tem certeza, C.? É do Chico – falou. M., não tem como duvidar. Falei “Meu Deus do céu”...

[52:00] P: Como era essa mensagem?

M8: Ele veio falando das encarnações dele, “Entre chamás caminhei.” Teve uma época num reencarnação dele, que ele morreu queimado, e eu não sabia nada disso. Ou viu alguém morrer queimado...como a gente sabe disso? Eu não sei. Ele falou, “teve sim, M., esse negócio aqui, ó... ele viu, ele participou.” Aí ele vem falando de outra vida que ele teve álibis para ele poder sair de algumas situações difíceis na vida dele, que ele sacrificou muita gente e que ele foi muito sacrificado. E que nessa vida dele agora, as pessoas olhavam para ele como coitado. E que quando conviviam com ele, começavam a assumir os compromissos que deveriam ter assumido e que teriam saindo daqueles compromissos... não é assim não... mais ou menos, tá? E que... começavam a ver a vida plena que ele vivia, entendeu? É isso, e aí, no final, ele fala “Graças a Jesus”... Essa frase é a que mais parece com ele mas eu não lembro ela. Do auxílio do Cristo. Ele assina só Chico. E não tinha jeito, bem, se eu não pegasse a folha eu ia passar mal lá. Eu falei pra minha tia “vou carregar uma pastinha, chegou nos lugares eu ponho dentro da bolsa e vou...”. Porque não tem jeito, eu entro no centro e tenho vontade de escrever, entendeu? Aí eu escrevo.

[53:30] P: E é só no centro.

M8: Só no centro. Só no centro. Não tenho vontade de escrever em lugar algum... Não se se é eu que bloqueei, barrei... não sei. Mas é lá dentro. Eu entrei na casa espírita, concentrei, vem a vontade de escrever... é assim.

[53:47] P: E quais hábitos ou recomendações você segue antes de praticar a psicografia.

M8: Olha, eu já ouvi falar que não pode tomar café, que não pode comer chocolate, que não pode comer carne... Eu não faço nada disso. Nesse dia eu procuro observar o que tá sendo falado. Geralmente, o que as pessoas me falam, cai o *Evangelho*, cai na palestra deles e vem um e espírito com comprometimento com aquilo que eu escutei no dia todo... começa na véspera, entendeu? Precisava te dar um exemplo disso, mas eu não tô lembrada. Eu percebo que tem alguma ligação o dia todo, que eu já tô sendo preparada o dia todo com a fala das pessoas e até eu tenho que falar "Gente, cuidado com isso o que vocês tão falando, vamos mudar o rumo dessa conversa." Sabe? Eu vou percebendo isso...

[54:44] P: Então não tem nenhum hábito, nada, que você siga e...

M8: Não faço nada, nada. Nem de véspera, nem no dia, nada. Porque tem gente que tem todo o preparo, eu não tenho... Às vezes, se eu me preparasse melhor eu psicografava melhor, né? Não sei, mas nunca fiz. Eu só evito a carne vermelha, porque ela é de difícil digestão, metabolismo dela demora, né? Então, aquilo ali pode me dar um sono, alguma coisa... Isso aí, no dia, eu não como, não, porque eu acho ela pesada. E, antes da reunião, mais ou menos uma hora e meia antes, eu não como nada... sabe? Eu fico quietinha. Eu chego cinco e meia da tarde, tomo um lanche e acabou. Dali eu não como mais nada. Isso aí também eu faço. Aí tem esse preparo, sim... então, eu não gosto de comer, não, eu acho que o alimento demora pra ser metabolizado e tá gastando uma energia que eu posso precisar dela lá, né? Não sei.

[55:31] P: E você citou os textos que costuma psicografar, são cartas... e tem mais algum tipo de texto que costuma eventualmente aparecer na sua escrita?

M8: Não... às vezes, eu recebo... igual essa do Chico, isso é de cunho geral, não era uma mensagem para alguém, né? Ele vem falando dele. Igual da Meimei, assim, eu recebo também. Dia das mães, geralmente, Maria Dolores deixa alguma coisa sobre as mães. Essas coisas assim eu também recebo, de vez em quando. Agora, a maioria é pras pessoas mesmo. Eu tenho até um livrinho que uma menina fez no centro. Ela pegou as mensagens todas que eu tinha... psicografado e colocou no livro. Ela por ela. E me mostrou... Menina, eu chorei, falei "Gente, eu que nunca tive essa preocupação, a mocinha faz um livro e me entregou", e entregou pra outras pessoas dentro do centro. Eu achei interessante, aquilo... E de vez em quando eu folheio ele pra ver como é que tá hoje, como é que eu tava antes, porque tem mensagem desde 2008 lá.

[56:41] P: Mas que tipo de livro é esse? Foi um livro que ela....

M8: Não, ela pegou umas folhas Chamex, bateu tudo, grampeou, virou um livrinho e pôs "Mensagens recebidas pela médium M. no L. E. L.". É isso.

[57:01] P: E você já chegou a checar informações presentes nas suas mensagens, quando possível, quando você fica com elas, aliás?

M8: Uai... já, a do soldado, “Ouviram do Ipiranga”... “Meu Deus! O que que é isso moça?”. Ele era um policial do exército...

[57:22] P: Nesse caso você checou com...

M8: A própria pessoa que recebeu... ela chegou em mim e falou, eu não pergunto muito não, às vezes eles falam assim para mim “Foi desse jeito, só”. Eu não sei nem de que mensagem ele tá falando, de que jeito que foi, eu não sei nada. Ela falou assim, não tem como duvidar, foi desta forma, sabe... às vezes é um acidente, não sei. Quando a pessoa é... Eu recebi de um rapaz alcoólatra... que ele falava como que tava hoje na espiritualidade, o perispirito dele... as transformações que o álcool fez espiritualmente... na roupagem espiritual dele. Aí, isso também eu achei... não sabia que ele era alcoólatra, aí eu perguntei para rapaz “ele era alcoólatra, seu irmão”? E ele falou “era”. Então eu já tive muito de eu duvidar e a pessoa confirmar, entendeu? O segredo da moça. A família tem um segredo, né? Aí eu ia perguntar e não perguntei nada, eu sabia que tinha, do tanto que ela chorou, na hora que ela recebeu a mensagem. Então eu falei, o trem tá certo, eles têm um segredo e o negócio não é brincadeira, deixa pra lá.

[58:41] P: E como os espíritos se identificam, normalmente, nas suas psicografias? Elas são assinadas ou há alguma que seja anônima?

M8: Assinam, tentam fazer a assinatura que eles tinham na terra. E já tive a confirmação da assinatura, um rapaz levou para mim a carteira de identidade da pessoa que tinha falecido e me mostrou a assinatura... Eu não posso duvidar de mais nada. Mas eu já tive mensagem que a pessoa falou assim para mim: “Quem é este?”, eu falei “Eu não faço a mínima ideia”. Aí ela falou “eu também não conheço”. A pessoa deixou o nome, “Estou com fulano”. Não lembro quem que é mais. E ela falou quem é esse aqui, a menina me perguntou “eu não faço a mínima ideia, minha filha, eu não sei quem que é, eu não sei”. É difícil também... Tem que pesquisar, ver quem é, se é pessoa da família, se tem um amigo com esse nome. Já tive também, problema. E eu só fui para lá por causa da assinatura, minha tia me mostrou o cartão postal da Divina... a assinatura era idêntica. Como eu vou saber que a Divina fazia aquele “d”? Como é que eu ia saber a assinatura da Divina? E dos outros que, menina tem hora que você para, eles me mostram, é como se eu visse a assinatura, mas eu não vejo. Eu vou escrever não é assim, eu risco e começo de novo, aí fica aqueles monte de nominho assim, ó, na tentativa de fazer a assinatura do jeito que era, entendeu? Eu vou sentindo ele falar assim: “Não é assim, não é assim”, como se ele tivesse pegando na minha mão e fazendo... Mas não pega porque eu sou médium intuitiva. Aí eu falo assim “é assim, é assim, assim! Não, não é...” e risca, começa de novo... Tentam de todas as formas assinar o nome deles. Eles vão me mostrando. Esse “r” não é assim, esse “r” é assim, ele tem uma orelhinha... Cê põe a orelhinha.

[1:00:46] P: Então a sua caligrafia apresenta alterações ou modificações?

M8: Só na assinatura. Durante o tempo que eu tô escrevendo é a minha letra. Só no final. Para tudo... dá aquele tempo... é estranho, e começa, e se eu esqueço, e já assino o nome da pessoa... “Não é assim minha assinatura.” Eu vou lá, entendeu? É

assim. Eles querem mostrar de toda a forma que são eles. Eles já me levaram carteira de identidade no centro para me mostrar que a assinatura era igual. E esse assinou o nome inteiro... inteirinho. Ele fez questão. Eu acho que era para provar isso mesmo, né? Para mim mesma. Acho que sim.

[1:01:20] P: E além da assinatura, quais outras marcas vamos dizer...

M8: Do que que morreu, eles não me contam nada, mas pelo que vai falando na mensagem eu sei que foi um acidente, um infarto, quanto tempo ficou na cama, essas coisas também bate. Igual a um senhor que falou para uma mulher assim: "Naquele momento que o médico disse que eu tinha melhorado, foi dito somente pra que vocês relaxassem e me deixassem partir". E eu sabia lá que o homem ficou na cama? Ele podia ter morrido de um acidente. Não podia? E ela me olhava, assim, e chorava tanto. E eu falava "Jesus Cristo, como é bonito esse negócio!". Como é isso? Eu queria tanto estar de lá e ver também, né?...

[1:02:02] P: E você psicografa de olhos abertos ou fechados?

M8: Abertos. O tempo inteiro. Só que eu preciso colocar a mão aqui. Parece que quando você põe a mão aqui... parece que você barra alguma coisa que vem deles, entendeu? Que vem do povo que tá no centro. Quando eu tiro a mão, que eu já experimentei, parece que vem um monte de coisa junto que me incomoda, me atrapalha. Quando eu tampo o olho e escrevo, eu tenho uma tranquilidade para escrever. Sabe? Eles não podem me ver, é como se eu tivesse me escondendo deles... é engraçado isso, né? Nunca tinha pensado assim... mas é isso.

[1:02:59] P: E você... escreve com ou sem iluminação?

M8: Lá é iluminado, mas eu já escrevi sem iluminar. Onde eu desenvolvi, era no escuro... Tudo apagado. Tinha uma luzinha azul, só. Aquelas pequeninhas no teto. Não preciso olhar para a folha, não, você vai escrevendo, sabe?... Hoje eu olho, sim... eu paro, assim, e vou escrevendo porque eu viro a folha para economizar papel, aquela coisa... então você vai assim, e viro a folha, e continuo escrevendo e olhando na folha. Agora, se eu deixar, relaxar, não segue a linha, fica gastando muito papel. Eu não sei se devo deixar ou não... eu não sei... vamos desenvolvendo pra ver o que que vai ser, né? Porque o C. não fazia isso, o C. põe uma mãozinha no olho, assim... e mandava e o homem ia tirando... e mandava e o homem ia tirando... Eu não, eu tô numa economia de papel ali que só Deus sabe! (risos) Eu sei que vai ser assim, mas ainda não é... Eu sei que vou psicografar sem olhar, mas ainda preciso de olhar. Eu. A necessidade é minha. Se fechar o olho sai a psicografia da mesma forma. Só que vai ser muito difícil. Eu vou ter que preparar tudo isso, eu vou ter que ter aparelhinho de som, igual da Dona L., porque eu vou saber o que eu escrevi, mas quem for ler não vai entender a letra, né? Porque ela, cê não entende nada a letra dela... mas como gravou, tá tudo ali, ela sabe ler aquilo que ela escreveu. Então a dificuldade é essa. A minha letra, não, a minha letra é redondinha, vou mandando ver e vou escrevendo. É muito natural... o processo.

[1:04:32] P: Então nesse caso não há dificuldades de entender a caligrafia?

M8: Não. Eles entendem tudo que eu escrevo... tá? Tudo.

[1:04:48] P: Você já psicografou com as duas mãos simultaneamente?

M8: Não.

[1:04:50] P: Utiliza a mão contrária para escrever?

M8: Não.

[1:04:57] P: Já psicografou mensagens em outros idiomas?

M8: Não

[1:05:02] P: Em espelho, invertido?

M8: Não.

[1:05:04] P: Em dupla com outro médium?

M8: Não. Ah... com outros médiuns, na reunião? Já!

[1:05:14] P: Como foi?

M8: Com outros médiuns psicografando? Uai, psicografava R., psicografava...

[1:05:18] P: Mas com continuidade?

M8: O mesmo assunto batia ali um com o outro.

[1:05:26] P: E continuidade? porque às vezes coincide o tema... mas, às vezes...

M8: Não, não eram as mesmas palavras, cada um escreveu de uma forma o mesmo assunto. O conteúdo era o mesmo. Não, nós já fizemos isso muitas vezes. Entendi o que você perguntou agora. Já teve muito, de bater. Eu escrevia, a outra escrevia e a outra escrevia igual... Só que palavras diferentes, modos diferentes de escrever, né? Mas a mensagem era a mesma.

[1:05:52] P: Mas você já chegou a psicografar um trecho que uma mensagem que tinha continuidade na psicografia de outra pessoa?

M8: Não, não.

[1:06:03] P: Você se sente inspirada a tratar de determinados temas ou ideias antes da sessão de psicografia?

M8: Tenho. Me sinto, sim. Eu sei mais ou menos o que vai acontecer. Que até no outro dia eu chego, eu trabalho oito horas, né, no serviço público. Outro dia eu chego e falo "Lembra aquilo que nós conversamos aqui? Assim, assim, assim? É isso, é isso, isso e isso..." Entendeu? Porque eu recebi lá no centro." Eles trabalham antes com a gente, eu acredito que até a noite inteira, eu não sei, porque cê é mais ou menos preparada, sim, pro que vai acontecer lá. Cê tem esse preparo sim. Você sabe mais ou menos. O assunto pode ser o mesmo do que fluiu durante o dia. Sabe? Até na hora que eles estão explanando o *Evangelho*, que abre, o assunto é aquele. Eu falo "meu Deus, foi falado hoje de dia!"...

[1:07:02] P: E quais assuntos ou temas são mais recorrentes ou predominantes na sua psicografia?

M8: Eu tinha anotado isso mas agora não estou lembrando... Eles falam muito do conhecimento interior, "Conheça-te a ti mesmo" isso é muito repetido. Eu acho isso muito repetido. "Acredite que não está só." Tem muito isso nas minhas mensagens. "Não tema, você não está só, acredite." Essa frase ela é repetitiva, ela tem em muitas mensagens. Isso aí é o que mais repete.

[1:07:48] P: E você já escreveu ou escreve sobre assuntos que não domina ou que desconhece completamente?

M8: Ah já, que eu recebi mensagem? Já.

[1:07:57] P: Quais?

M8: Coisas que eu pensava de uma forma é de outra, né?

[1:08:09] P: Mas algo que não seja relacionado a sua área de atuação ou aos conhecimentos que normalmente você tem.

M8: Não, geralmente... Eu já sei, eu pensei uma coisa a respeito de um assunto e veio a resposta completamente diferente daquilo que eu pensei, isso aí eu já tive, mas eu não lembro... Eu não pensava assim... eu pensava assim, assim... mas não lembro. Principalmente nos nossos estudos, quando parava tudo, que eu ia fazer o desenvolvimento mediúnico, eu tava pensando alguma coisa sobre aquele estudo e vinha uma coisa completamente diferente que eu nunca tinha pensado. Sabe? Mas não lembro. Não vou lembrar agora.

[1:08:51] P: Seus textos costumam ter reescritas, rasuras, reelaborações?

M8: Muito pouco, mas tem. Mas é muito pouco. Tô escrevendo a frase e perco ela. Aí eu perco a mensagem, não sei por que. Aí eu paro, espero um pouco... quando eu perco, tá errado aquilo que eu está escrevendo... aí eu risco aquilo e começo de novo, entendeu? Começa de outra forma. Por que acontece eu não sei, mas isso é muito raro... Mas tem, tem sim.

[1:09:24] P: E você revisa ou reescreve, corrige essas psicografias?

M8: Corrijo.

[1:09:33] P: Quando?

M8: Na hora mesmo. Eu já risco assim na hora e falo "Não é isso" e já começo de novo.

P: Ou faz alguma correção neste texto, por exemplo concordância, ortografia?

M8: Ortografia é minha tia que faz. Escrevo algumas palavras erradas e aí ela corrige.

[1:09:49] P: Então sua auxiliar que faz....

M8: Corrige para mim, é...

[1:09:52] P: Antes de entregar, antes de ler a mensagem, como é que é? Que momento ela faz as correções?

M8: Não... Antes de eu ler a mensagem, ela escreve alguma palavra que tá errada, ela corrige. Ela risca palavras que escrevi e escreve por cima, assim... em cima da palavra, aí eu vejo o erro de português... só... mas ela não muda o texto, não... do jeito que ele vem ela deixa. Ela fala “Se estiver errada a frase, a construção da frase, isso é o problema seu”. Aí eu falo, “Então tá, deixa do jeito que tá”...

[1:10:20] P: E qual é o seu ritmo de escrita? Rápido, lento?

M8: Rápido, muito rápido. É muito rápido porque cê só tem quarenta minutos só, né, para escrever...é rápido, bem rápido.

[1:10:33] P: E você dá pausas ao longo da escrita?

M8: Dou. Tem hora que eu perco ela, que eu já perdi... é raro, mas dá...

[1:10:40] P: E como é essa retomada do texto depois da pausa?

M8: Ela é mais difícil, sabe... assim, eu não preciso ler o que eu já escrevi, mas eu perdi aquilo que ele tava ditando. Então eu tenho que parar, concentrar de novo para continuar aquela mensagem. Cê não precisa ler o que você escreveu, antes eu achava que eu tinha que ler... não precisa, pode continuar que vai vir. Falava “Ai meu Deus vou ter que ler a mensagem inteirinha pra eu saber o que que era isso, o assunto”... aí eu começava a ler, a frase já que estava lá na frente já tinha vindo e eu pegava...”, agora não, agora eu paro e falo “Me desculpa, não sei o que foi que me desconcentrou, vamos de novo, vamos de novo...” e lá vai.

[1:11:17] P: E você vai esquecendo essa mensagem ao longo da escrita, enquanto vai escrevendo?

M8: Vai, vai. Eu sei o que eu tô escrevendo, mas não tá aqui dentro ela inteira, não. Tanto é que se eu parar, ali naquele lugar, eu tenho que voltar ela inteira, eu tenho que ler ela inteira pra saber o que foi escrito. Aí, de primeiro eu pensava “Nossa, vou ter que ler ela inteira”, aí eu ia começar a ler e já vinha aquela frase que tava lá atrás. Entendeu?

[1:11:42] P: E você sente limitações ou dificuldades como psicógrafa?

M8: Muita. Muita. Muita.

[1:11:49] P: Quais?

M8: É meu? É do espírito? Ele tá querendo dizer isso mesmo? Que coisa esquisita que é isso aqui, gente, que mensagem que é esta? Será que ele foi soldado? Soprar a ferida do pai, o que que é isso? Será que eu entrego? Meu Deus do céu, e esses nomes, será que existe essas pessoas? Tudo isso... Na hora... (risos) Hoje é muito melhor... hoje eu não tenho medo de errar, eu acho que o que breca as pessoas é o orgulho, entendeu? Na psicografia. Gente, o que que tem, que mal você tá fazendo

pra pessoa ali? Que mal? Deixar ela de crer? O espiritismo está aí, vai estudar, vai ler, entendeu? Você não está fazendo mal algum, cê tá consolando... Pelo que eles escrevem, pelo que o Pai Joaquim deixa, pelo que o Jair Presente deixa, eu falo, gente, é só consolo é só alívio. Por que eu vou parar de escrever? Não vou! Agora nunca mais paro, minha filha, pode vir o que for, a tempestade que for, eu sei o tanto que isso é bom para mim, sabe? Pra minha evolução. Então eu tô sentada ali seja o que Deus quiser. Numa casa que abriu, igual cê falou, flui, fluiu. A casa abriu, eles não me conheciam, eu já tinha estado com eles, mas eles não se lembravam... cheguei os lápis tavam em cima da mesa. Me recebem, se você ver o carinho que a gente tem uns pelos outros. Eu penso neles, assim, a minha alma enche. Igual, o Jair Presente, ele fala muito assim "Pense no lar, pense na casa espírita de L. quando estiver com problema". Porque quando cê pensa, o que que você faz? Cê se liga numa coisa boa... então eles vão lá, onde você está, te ajudar, entendeu?... É para você sair daquele momento ruim que você está vivendo e se transportar para a casa de L. Quando ela fala assim: "Me chame, me chame", desse jeito! Cê já pensou o espírito falar, com esse monte de gente que frequenta a casa, "Me chame"? Entendeu? Ó o tanto de serviço que eles têm. Qualquer dia eu ponho meu nome lá para ele me mandar uma orientação (risos). É assim... você tem que trabalhar, é o seu serviço mesmo, vamos fazer sem medo, não tem medo mais. Sabe? Tive muito, sim. Já melhorou muito quanto mais você trabalha, menos medo você tem. Já fui muito questionada, já pararam e falaram assim: "O que que é isso aqui?", sabe? "Não sei, não sei te falar, se não te serviu, descarta, joga fora". Eu falo desse jeito. Não serviu, joga fora. Se fosse comigo, o que eu ia fazer, eu lia e dizia "Ai, meu Deus, não é nada disso"... rasgava e jogava fora, ou então guardava porque um dia aquilo deve ter um fundamento, não sei. Então, eu não tenho mais esse temor... eu tinha sim, "É meu? Não é?"... igual a R. me falava "M. eu tenho tanto medo de ser...". "Vai ser, metade é sua sim.... mas não tenha medo, não, trabalha...". Menina, o que você é ali naquela hora? Uma oportunidade de fazer algo pelo próximo, você ali é só uma máquina de escrever mesmo, igual eles falam. A espiritualidade precisa de alguém para fazer algo por aquela pessoa que tá ali sentada. Eles não vão te usar por que? Por quê? Mesmo que você seja um vaso, igual fala, que o vaso não é limpo, não é? Jesus não colocou lá, não virou vinho naqueles vasos lá?... Então, mesmo que você não seja, de alguma forma eles vão trabalhar para que você seja um instrumento naquela hora para eles. Então eu não tenho medo mais, não. Seja o que Deus quiser... e eu não vou sair de lá... aconteça o que acontecer. Talvez eu deixe de psicografar, mas que eu saio de lá, eu não saio não. Só se a casa falar "Não, M., não é pra psicografar mais"... eu paro. Por que eles me falaram. Mas, por mim, nunca mais. Vou desenvolver cada vez mais. Ainda mais por que ficou trinta anos lá em cima, só trabalhando psicografia... (risos) Eu não sabia de nada disso....

[1:16:02] P: E como é a relação com aquelas pessoas que recebem as mensagens psicografadas?

M8: Algumas chegam e querem... Elas te idolatram, né? Elas beijam sua mão, "Muito obrigada", "Nossa, você não sabe o tanto que você me ajudou". Então cê tem que fazer com elas o contrário: "Me ajuda, reza pra mim, esse trabalho não é fácil." E não é. Então, é isso que eu faço. Elas beijam a minha mão e eu beijo a mão delas. É aquele negócio, falo "Gente, eu não sou nada aqui... nada, nada. Ainda eu sou um instrumento falho", já falei isso no centro: "Eu sou um instrumento falho, não sou uma médium.... tô longe, mas muito longe, anos luz do Chico, não vem aqui pensando que vai receber uma coisa do outro mundo, não, que não é"... Eu sou uma médium

intuitiva, já falei isto dentro do centro... sento aqui e procuro o que é melhor praquele papelzinho que tá aqui o nome na mesa”. Eles vêm e falam e eu escrevo aqui. Só que eu sou muito falha. Falo desse jeito, já avisei. Aí tem uns que querem te dar presente, e você não pode receber... aí eu acabo pegando o presente... alguns, me dão santo... um dia um me deu uma Nossa Senhora da Aparecida, mas ele me deu com tanto carinho “Eu fui em Nossa Senhora das Aparecida e lembrei da Senhora”, falei “Muito obrigada”. Catei a Nossa Senhora da Aparecida, guardei. Me dá tapete, essas coisas, aí eu falo “Meu Deus”. Aí eu falo “Não posso receber” (risos). Eles querem te agradar de alguma forma, agora o presente maior que eu recebi foi dessa moça, que pegou as mensagens, olha o trabalho que ela teve! Bateu tudo no computador, e fez um livrinho de papel, de folha Chamex. Isso assim, eu olho pra ela, nunca falta papel, nunca comprei um maço de folha lá, nunca. Eu chego, eles chegam perto de mim e falam “Trouxe para a senhora”. Eu já falei pra eles “Se vocês querem me dar um presente, já falei me dá papel, lápis, caneta”. Eles dão. Eu nunca comprei uma folha, eu nunca comprei um lápis, sabe?... Eu ganho tanta... e eles querem organizar a minha vida, uma levou até trezinho assim, porque eu sou muito baguncenta, uma levou um negocinho assim ó, um porta lápis para mim, pros lápis não ficarem esparramados na mesa. E eu fico observando e falo “Gente, do céu esse trabalho tem que continuar mesmo.” Sabe? Eu nunca comprei uma caixa de lápis de cor, nada. E tem uma coisa muito interessante, uma mulher pagava a conta de telefone, que era mínima no centro. Essa moça foi frequentar a Casa da Prece e falou que não ia mais continuar pagando a conta porque havia assumido um compromisso lá também de pagar uma coisa lá. E eu tava em casa, dormindo, e eu sonhei com o Seu J. que morou lá muitos anos, quem fundou foi o Seu J. e o Sr. L., este L. E. L. Que não é por causa do Seu L.. O L. E. L. é por causa de Cristo, já foi explicado isso também. Aí eu sonhei com ele, e ficava em uma cadeira de roda, depois ele, ficava na cama. Nessa época eu frequentei lá com meus filhos pequenos. Eu sonhei com ele de pé, perto de um fogão a lenha que tem lá. E eu cheguei e falei assim: “Oi, seu Joãozinho“... lá na Casa de L., ele falou “Ai, filha, foi muito bom você chegar agora”. E me mostrou uma conta da CTBC. Ele falou “Está na hora de você começar a ajudar a casa” Aí eu falei “Ai, meu Deus, quanto é isso”. Isso no sonho. Aí eu cheguei no centro para trabalhar, quando terminou a reunião, o C. muito simplesinho chegou perto da minha tia e falou “D., – tava eu o C. e o C. que é o presidente do centro e eu, falou o nome da moça – ela não vai mais poder pagar a conta de telefone”. Eu olhei e falei “Esta conta é minha” e contei o caso pra eles... o olho dele encheu de água e do C. também. Aí eu falei “Meu Deus, como é bonito o trabalho.” Quer dizer, nunca vai ficar aquela casa desamparada, nunca. Peguei a conta e falei: “esta conta de telefone é minha, olha pra você ver”, ele me mostrou em sonho na véspera dos trabalhos da quinta-feira, na madrugada de quinta-feira, eu tive um sonho. Eu cheguei lá à noite, pra você ver, olha outra coisa mostrando que trabalha com a gente antes... eu cheguei lá e a conta do telefone na mão dele. CTBC, a conta da CTBC. Quando eu vi o papel, falei “Não, não, espera, não fala nada com a D., eu sei o que que é isso aí” Aí eu contei para ele e o olho dele enchendo de água, e o C. assim de cabeça baixa. “Não vai chorar não, o negócio é meu mesmo”. Foi muito interessante...

[1:21:46] P: Antes que eu me esqueça, você citou os lápis... você sente alguma diferença entre utilizar o lápis ou a caneta pra escrever?

M8: O lápis é muito mais rápido, parece que a caneta, ela trava. A caneta é mais difícil... não sei por que, não. Mas com o lápis eu tenho mais facilidade, sim. E nem é porque vai apagar, pegar a borracha e apagar onde errou, não... o lápis, ele flui. O

lápiz de cor é mais difícil ainda. O lápis de cor pra fazer o desenho. Parece que ele fica mais pregado no papel, e o lápis de escrever, não, ele flui. A caneta também não acho fácil, não, prefiro lápis. E também é mais barato, né? (risos) Vai gastar tinta demais, vai gastar muita caneta, o lápis é mais certo mesmo.

[1:22:43] P: E o que você aprendeu como psicógrafa?

M8: Eu estou aprendendo que eu posso fazer muito mais, que eu posso crescer muito mais. Que esse contato com os espíritos é enriquecedor, que eu tenho mais confiança na minha fé. E hoje eu tenho mais fé... eu vim com muita fé, sabe? Nessa minha reencarnação, eu já vim com essa fé. Mas ela cada dia ela é mais raciocinada, ela é mais trabalhada, ela tá crescendo. Você olha assim... cê não está na Terra, cê está num monte de lugar, é isso que eu aprendi. Eu me sinto assim... não tô presa nesse planeta, eu acho a Terra linda. Eu devo ter vindo de um lugar assim, meio sombrio... Porque eu acho ela maravilhosa com todos os problemas, com tudo, eu acho ela linda, linda, linda. Eu falo, eu sempre falei isso. A minha primeira psicografia foi sobre a Terra, a primeira coisa que eu escrevi foi sobre a Terra, o planeta azul. Eu não lembro quem escreveu, não, mas eu lembro que o título eu pus "Terra, o planeta azul". Eu acho que é como se você voasse... que a psicografia me deu esse dom, de voar... sabe? Me deu uma liberdade assim, uma coisa... ela me dá uma coisa por dentro, uma alegria interior... eu não sei te falar... Eu acho que é... sou amiga de Jesus na Terra. Igual essa frase, eu não esqueço nunca, do Jair Presente, "Eu sou amigo do Cristo, sou amigo de Jesus"... Acho que é por aí.

APÊNDICE L – Transcrição: Entrevista com médium 9 (M9)

Na transcrição, “P” refere-se ao pesquisador e “M9” ao médium informante.

Médium 9 (M9)

Sexo masculino, 42 anos de idade.

Grau de escolaridade: Ensino Superior

Profissão: Analista Jurídico

Tempo de experiência com a psicografia: 18 anos

Duração total: 1:46:34

[00:24] P: (...) Qual centro espírita você frequenta?

M9: C. F. F. A., em Uberaba.

[00:30] P: E quais dos seus trabalhos envolvem a psicografia?

M9: Trabalho de... recebimento de psicografia, nas sextas-feiras.

[00:45] P: São psicografias familiares? Cartas familiares?

M9: São psicografias, né? A maioria delas são cartas familiares, mas não exclui a possibilidade de outros tipos de comunicação mediúnica. Como... às vezes, uma receita, às vezes, uma orientação.

[01:04] P: Você gosta de ler?

M9: Muito.

[01:08] P: Que tipo de texto?

M9: Qualquer texto.

[01:11] P: Alguma predileção? Por algum tipo ou um gênero?

M9: Olha, eu gosto muito... de romance clássico, de autores clássicos, né? É... Por exemplo, assim... Eu li muito na minha adolescência aqueles autores, Alexandre Dumas, Robert L. Stevenson, é... Victor Hugo, Julio Verne... eu acho que isso foi o que formou a base da minha redação. Um certo estilo... né? Leio filosofia, leio psicologia, então eu acho que eu transito por tudo quanto é... do sério ao bobo passa, tudo tá valendo.

[02:14] P: E você gosta de escrever?

M9: Tenho preguiça de escrever. Muita preguiça de escrever... Mas meu trabalho é escrever, né? Eu faço pareceres. Então... Existe uma diferença, em perguntar “você gosta do processo de estruturação de um argumento?”, gosto porque faz parte do meu dia a dia. Agora, “Você gostaria de escrever por hobby?”, né? Gostar mesmo? Honestamente, eu tenho muita preguiça. Eu não tenho blog, eu não tenho Twitter, eu não tenho Facebook. É... então... Tenho artigos publicados, né... na minha área... Mas, assim... falta... falta gosto... gosto no sentido assim, falta vontade de escrever... Talvez falte... verve.

[03:30] P: Mas desde quando você se recorda dessa forma de lidar com essa escrita? Desde cedo?

M9: Não, na época que eu fazia escola, que eu estudava... É... Eu estudei muitos anos junto com o sobrinho do J. B.... na mesma sala, eu e o C. né? Eu e o C., a gente gostava muito de fazer umas redações empoladas... Que ele também tinha tido a mesma base literária que eu... Então, era assim... enquanto todo mundo da sala reclamava de ter que fazer redação, vamos supor, na sexta série, sétima, cê aprendia narração, né?... Eu e o C., a gente gastava... a gente gostava, a gente discutia... Eu lembro da última vez ele virar pra mim e falar assim... que ele escreveu uma redação e a professora deu uma nota baixa para ele, e ela foi riscando aquilo que ela achava que tinha sido inapropriado. E era uma expressão que ele usou assim, que era para descrever uma casa, e ele falou assim “De um cômodo de visitas para o interior da casa havia uma porta invisível, tão velha era a casa”. E ela grifou isso, assim “Não existe porta invisível”. E eu falei assim, ele falou assim “L., tá errado?”, “Não C., eu entendi o que você quis dizer, né? Era só o umbral da porta, só a forma. Pra mim, tá bonito.” Então a gente gostava dessas coisas. Quando nós chegamos no colegial, era época da dissertação. E... Aí é uma diferença interessante, porque na dissertação enquanto argumento... enquanto uma construção de argumentação, ela tinha que estar muito focada em alguns critérios assim... mais objetivos. Ela teve um fator muito importante, pelo menos pra mim, na minha área. Para eu entender o que era um argumento, e o que era uma mera opinião de valor. Né? Aí perdeu a graça. Era diferente da narração, que você podia ficar viajando. Não, aquilo ali é uma coisa concreta, era algo, era um argumento que você... é... tinha princípio meio e fim, e tinha que ter base, não podia ser a minha opinião a respeito de alguma coisa. Disso aí pra faculdade, tudo, aquela coisa, e foi por aí, não sei te dizer em que momento perdi... Esse gosto. É por que também a gente vai ficando velho, e cê tem tanta coisa para fazer, que na hora que você poderia se dedicar a escrever, e a pensar, você está cansando, você quer, deitar, dormir, ou assistir *Simpsons* ou ler alguma coisa para você desacelerar.

[06:45] P: Como foi sua infância?

M9: Bom, que eu me recorde... Aos três anos de idade eu mudei para Brasília, meu pai era funcionário do Banco do Brasil. Nós fomos transferidos para Brasília, onde morei até os nove. Eu me lembro que eu tinha uma alegria enorme de ir pra escola porque eu tinha muito amigo da escola. Eu gostava da escola. E eu tinha uma alegria enorme de voltar pra casa, porque no prédio que nós morávamos tinha muito menino. Então, assim... eu não consigo ter uma recordação ruim desse primeiro período, dos três aos nove anos. Com nove, meu pai foi transferido pra Uberaba, e também tive...

continuou uma infância muito tranquila. Sempre com muito amigo, sempre brincando, nunca tirei notas ruins, nunca tomei bomba. Mas, quando eu fiz quatorze anos de idade eu tive um tumor... no braço. E aí eu fiquei dos quatorze até os dezenove, para quase vinte, tratando. A partir daí eu comecei a ter algumas limitações, né? Como era um tumor ósseo... primeiro, o próprio tratamento, em si, que foi complicado. Nesses cinco anos eu tava em fase de crescimento. Então, quando você retira um tumor você põe um enxerto, então, enquanto o corpo cresce, você tem dores. Então... eram dores assim... de eu perder a consciência. E aí começaram a haver também... acho que talvez pelo fato de eu ter que me proteger. Todo dia você tem uma crise de dor... você começa a ficar um pouco mais recluso... Então, minha adolescência não foi uma adolescência de farra. Eu não saía pra beber, eu não saía pra... na minha época não usava essa expressão... sair pra balada... essas coisas. Mas sempre tive muito amigo. Não tem o que reclamar, mas, realmente, nessa fase, foi uma... desses quatorze aos dezenove, você ainda está formando sua personalidade social, ela foi uma coisa meio *outsider*, assim... uma coisa meio fora. Mas não tenho nada a reclamar não, foi uma infância tranquila, uma adolescência tranquila, apesar disso. Tranquila.

[10:10] P: Mas como você conheceu o espiritismo?

M9: A minha família é espírita. O meu avô era espírita, ele foi presidente da AME (Aliança Municipal espírita de Araguari). Meus pais sempre levaram a gente em evangelização. Embora, assim, quando cê chegue na adolescência, cê não tá a fim de ir no centro espírita, você quer mais é ficar em casa fazendo suas coisas. Então eu sempre fui espírita, mas eu posso que eu era um espírita assíduo praticante, embora tenha umas coisas muito interessantes. Como é o processo funciona? Eu lembro de algumas cenas de infância, a gente frequentava o Adelino De Carvalho e o Aurélio Agostinho, onde o Celso (Afonso) trabalhava. Então eu me lembro... de um dia por semana, terça ou quarta-feira, eles iam jogar futebol, então esse povo tudo era jovem, não tinham ideia do que eles seriam um dia. E... Eu me lembro da gente fazer distribuição de sopa, e aí meu pai levava a gente no calor de sábado à tarde, você queria fazer qualquer coisa menos estar no meio, naquela situação, e aí voltava para o galpão de sopa trazendo aqueles caldeirões. Aí, sentavam-se em uma mesinha parecida com a que a gente tá, e quem escrevia era o Celso... eu ficava assim “Meu Deus, o que esse homem vai inventar, me deixa ir para casa.” O Celso ainda nem psicografava publicamente. Mas, na adolescência, essa questão de prática espírita foi... Meus pais iam fazer trabalho no centro, mas era coisa deles, não era coisa minha, nem dos meus irmãos.

[00:12:33] P: E quando você teve sua primeira experiência mediúnica?

M9: Bom... aí o que houve? Eu tava com vinte ou vinte e um anos de idade, não sei se eu já tinha completado vinte e um, ou se eu tava chegando aos vinte e um. Eu fazia faculdade em Uberlândia, então eu ia e voltava todo fim de semana. Bom, num domingo... Em determinado domingo, meu pai virou no meio do nada na tarde “Vamos fazer Evangelho no lar.” Eu falei “Não vou fazer isso nem brincando, hoje é meu último dia em Uberaba, daqui a pouco vou ter que pegar ônibus, não inventa isso não.” E ele falou “Não filho, mas é rapidinho.” “Pai... Pelo amor de Deus, vamo ver futebol, vamo pro clube.” “Não filho, é rapidinho.” Uma coisa assim, do nada, não havia o Evangelho no lar, não tinha aquilo. “Tá bom... rezar também um pouco não faz mal pra ninguém”. Sentamos à mesa, e aí eu sentei assim, normal, meu irmão sentou do meu lado. E eu não tava sentido absolutamente nada, de repente o meu braço deu um choque, sabe

quando você bate aquele martelinho na perna para fazer o teste de reflexo? Bem no cotovelo deu um tranco, e eu voltei ele na posição normal, e deu o segundo tranco. E comecei a sentir um tremor no braço. Aí meu irmão falou “Fica brincando com essas coisas.” “Mas eu não tô brincando não, meu braço está tremendo, ele está mexendo” e aí todo mundo ficou olhando assim, aí pareceu que minha coluna quebrou ao meio. Eu achei que eu estava tendo um ataque epilético. Aquela contração eu nunca tinha tido aquilo... foi como se minha coluna tivesse quebrado no meio. E eu não via mais as pessoas, eu não sei como te explicar, eu via onde eu estava, mas eu via algo além... era como se eu tivesse olhando uma tela. Vou dar um exemplo, imagina que você está mergulhando em uma piscina, mas você está com o nível de água exatamente bem no meio do seu olho, tem hora que você vê aquela coisa embaçada na água e tem uma hora que você vê uma coisa clara. E aquela contração terrível, e eu falei assim “Pai, eu estou tendo um ataque de alguma coisa, estou passando mal.” Como graças a Deus eles eram espíritas, eles olharam e falaram “Olha, vamos dar um...” e me deram um passe. E até que eu senti a garganta engasgando, uma coisa estranha. Aquilo me assustou tanto, me assustou tanto que eu não fui para Uberlândia. Falei “Eu? Eu dou um ataque epilético, eu não vou sair de casa nem brincando.” Lá em casa, cada um tinha o seu quarto, e o meu quarto ficava no fundo, era o último quarto no corredor. E ficou parecendo que passou trator em cima de mim, fiquei muito mal. No que eu fui dormir, que eu... eu gostaria de dormir assim, aquele escuro que você não consegue ver nem sua mão. Na hora que eu apaguei a luz e deitei na cama, que eu olhei... sabe aquela visão noturna, que fica tudo em verde? O quarto tava brilhando verde. Eu não podia estar desse jeito, eu não podia estar vendo nem minha mão. Aí eu vi uns pontinhos brilhando, uns clarões verdes, parecendo vagalumes, que passavam, aí eu falei “Jesus Cristo, de novo”. E o interruptor estava longe, e deu aquela sensação de medo, falei “Jesus que que eu faço, meu quarto tá cheio de vagalume e essa luz não apaga”. E meu braço começou a contorcer de novo, e aquela confusão. A partir daí virou uma bagunça, porque isso nunca mais parou. Eu passava mal todo dia, todo dia, todo dia. Tudo muito confuso. A cabeça da gente fica confusa, a reação é nervosa... eu morava em Uberlândia, eu morava numa república. E a coisa interessante eu tava tão mal que eu falei assim “A gente precisa arrumar um centro espírita”. E saí andando por Uberlândia. Andando sem rumo... acho eu sem rumo (risos). Até que eu entrei em uma ruazinha, “Centro Espírita Joana D’Arc” “Gente, eu não sei o que aconteceu mas é aqui que eu vou entrar aqui que eu vou entrar”. E a porta tava aberta.... mas eu fui na base do desespero mesmo. No que eu entro, uma tia minha chegando de carro “Você aqui.” “Eu que me surpreendo com você aqui.” Né. Ela sabia que tava acontecendo algumas coisas “Você veio tomar um passe?”, falei “Eu vim procurar ajuda”. Era um grupo, esse grupo que trabalhava, já existia na época há mais de quarenta anos. Grupo fechado de desobsessão. E ela conversou com o dirigente e falou, “Bom, põe ele aqui para dentro, vamos dar um passe, deixa ele quietinho na mesa aí”. E foi a partir daí que mediunidade foi ficando um pouco mais caracterizada, então, assim, o que era uma confusão, ela foi criando uma estrutura. Isso durou mais ou menos uns dois anos até que a coisa tivesse uma característica. A impulsão do braço que foi interessante, é que ela... a primeira coisa que ela fez foi se transformar em desenhos. Aí eu fui aprendendo... e era muito interessante que eles ensinavam como fazer um olho, como fazer um nariz, como... Depois, quando eu comecei a pintar com tinta, como você batia a mão da maneira certa para fazer um formato de uma flor, de um rosto. Aí isso durou mais ou menos uns dois anos, também. Até que um dia eu tive um sonho... que um senhor chegava para mim e apresentando uma pessoa... a pessoa morreu em 1950. O momento era

diferente então eu não tinha a mínima possibilidade de saber quem era aquela pessoa. E eles trabalhavam nas terças-feiras, né? No que eu fui primeiro era desobsessão, era na quarta à noite... da quarta eu pulei para as terças-feiras, acelerando. Porque o que acontecia, quando eu perguntei o que eu faço? Me disseram “Trabalho”. Então eu tinha... segunda eu tomava o passe, terça-feira eu ia visitar o hospital e depois eu ia para o trabalho e educação de mediunidade depois eu tomava o passe, quarta-feira era desobsessão, quinta-feira eu ouvia palestra e tomava passe, sexta-feira eu ia para Uberaba entregar pão, leite essas coisas, sábado eu tinha trabalho mediúnico e domingo, ainda de vez em quando... já que é trabalho, então tá bom, “O que eu tenho que fazer?”. Eu acho que essa agenda... Eu cumpri ela à risca... não tanto porque eu queria ser útil ou alguma coisa, era porque eu não queria ter problema (risos), né? As intenções eram totalmente diferentes. Mas aí o que aconteceu? Um belo dia eu fui nesse trabalho de terça-feira, depois que eu tive esse sonho e não tinha nenhum médium treinando psicografia, e eu com aquelas telas, aquelas tintas e de repente o senhor do sonho veio e falou assim “Ó, agora não precisa mais pintar, agora nós vamos escrever”. E daí começaram os primeiros treinos realmente de escrita.

[00:22:09] P: E essa instrução veio de que maneira para você? Essa “Agora você não pinta mais, você vai escrever”?

M9: Ali na hora, eu sentei para escrever né, e...

[00:22:29] P: Foi alguma vidência, audiência, o que foi?

M9: Foi uma vidência... Vamos entender o que é vidência, né? Tem horas que você consegue ver a pessoa com olho, com a visão normal, mas a maioria das vezes você enxerga mentalmente, né? Você fecha o olho, aquela expressão do indivíduo, o formato do indivíduo, se projeta. E o diálogo também, óbvio que há situações excepcionais que você ouve realmente com o ouvido, com aquela sensação de audição, pelo ouvido. Mas são diálogos, são pensamentos intercorrentes, eles entram e discursam conversam com você. E foi dessa maneira... me posicionei e esse senhor veio se formando, me recordei do sonho, identifiquei, aí ele disse “Não, vamos pegar a folha e vamos escrever”. E foi assim que a coisa começou.

[00:23:41] P: Então você tem outros tipos de mediunidade além da psicografia?

M9: Sim.

[00:23:47] P: Quais?

M9: Olha, eu acho assim... todo médium é um médium de incorporação, né? Até mesmo porque a incorporação é uma mediunidade mais global. Ela é uma expressão do corpo. Todo o corpo sente, todo o corpo gesticula. Então ela é mais dominadora. Ela permite que... algumas resistências que o médium inicial tem, “Ah, isso é meu, isso é do outro”. Gente, a própria vidência física, olha o que que cê tá sentindo, não é normal... né? No estado normal de percepção você não tá desse jeito... só tá em situações específicas. Então, das duas uma. Ou você tá doente, ou algo, há um estímulo exterior que tá causando uma reação global. Então, acho assim, todo médium, por essa característica, psicofonia, ele é um médium de incorporação. Agora, as outras mediunidades... Então eu tenho psicofonia... né? As outras mediunidades, elas requerem um pouco mais de especialização. Até mesmo se você for parar para

pensar que dá para escrever alguma coisa, você tem que ter alguma... familiaridade com aquela atividade, né? Você não consegue improvisar aquilo. A escrita é uma conquista, a arte de escrever é um treino, tem que saber português, cê tem que ter lido, e até mesmo porque, quando você vai escrever imagina o seguinte... a incorporação, a ligação fluídica é global. Mas o espírito vai canalizar todas as ideias em determinados compartimentos do cérebro especializados praquilo... Então eu acho que você parte de uma generalidade mediúnica para uma especialidade mediúnica... até nervosa, né, de atuação em determinados campos nervosos. Então a gente tem a psicofonia... você tem a escrita... como eu te falei, de vez em quando a gente vê. De vez em quando cê tem... o diálogo mental, ele é comum. Então assim, quando cê ouve e vê, mas não pelos seus sentidos naturais, visão e audição, mas internamente, então qualificaria isso como clariaudiência. Então tem clariaudiência, psicofonia, a psicografia, a psicopictografia... apesar de ter um tempinho que eu não treino. Mas cê imagina... também pra você desenhar alguma coisa e identificar determinados traços, estilos. De entender, bater o olho e falar que aquele é um quadro de Monet, aquilo é um Renoir, aquilo é um Picasso na fase tal... de alguma maneira, esse conhecimento, ele tem que ter sido adquirido antes. Por isso que ela é uma mediunidade específica... nem todo médium consegue. Então tem que ter aquela pré-disposição, aquele arquivozinho, né, guardado pra ser ativado. Às vezes, alguns efeitos físicos, né?...

[00:28:06] P: Por exemplo?

M9: A mão venta. Ela gela o ambiente. Perfume.... sons. Esses dias eu vi uma senhora pegar uma mensagem da filha, então imagina assim do outro lado. As pessoas entram aqui, dão um papelzinho e voltam pro salão. No que ela deu o papelzinho, fica o Douglas, que tá até aí, hoje... ele fica comigo. No que deu o papelzinho, entrou uma moça e o Douglas falou assim “não, não, a senhora espera”. Aí a mulher olhou, eu olhei pra moça e a moça “tum”, sumiu. Ela olhou e começou a chorar. “Era a sua filha?” Era!”... Então, né?... Agora, se fui eu que provoquei ou não... eu duvido que tenha sido eu que tenha provocado, porque se eu provocar uma materialização com certeza eu não tinha mais força pra... pra poder escrever. Mas eu já presenciei alguns fenômenos físicos, música direta... essas coisas, né? Aliás, se acontecesse isso com mais frequência, me poupava de um monte de trabalho, né? (risos)

[00:29:31] P: E, pra você, o que é a mediunidade?

M9: Eu acho que a mediunidade ela é... O sentido físico... da alteridade. Deixa eu te explicar por quê. O que é a atividade mediúnica? A atividade mediúnica é um momento em que a minha estrutura física, a minha estrutura psicológica, ela permite que alguém que não sou eu... ele se utilize de algum recurso pra atingir um determinado resultado. Ela não me exclui, a mediunidade, nem poderia fazer. Senão seria um quadro de alienação mental. Mas o que acontece com esse momento da mediunidade? É o momento que o L. C. (o médium cita o próprio nome) diminui, pra que outras pessoas sejam... Quando cê escreve uma psicografia, há alguém de um lado que precisa de carinho, que precisa de uma resposta, que precisa aliviar uma dor, e há uma outra pessoa que sente a mesma coisa que ele e quer simplesmente tocar. A carta é aquele espaçozinho da Capela Sistina onde Deus tá “assim” e o homem tá “assim”, mas nunca se encontram. A carta é esse toque. A carta é esse reencontro, né, e que não tem nada a ver comigo. Eu não conheço aquelas pessoas. Então, a mediunidade é um sentido que a vida me deu, pra que eu começasse a olhar a minha vida, a olhar tudo... além do egocentrismo. Então, a mediunidade, eu afasto ela de uma condição...

puramente fisiológica. Eu não entendo... é óbvio que ela depende de estruturas nervosas específicas, de uma constituição perispiritual específica... mas ela é mais do que isso, né? É o que tá por trás... é o “pra quê” que cê tá fazendo aquilo. Então, assim... O que que é essa alteridade? É o outro em mim. É o meu olhar sobre o outro. Igual, a gente tava conversando, né?... “Mas cê passou mal, foi parar no hospital”. Sim, eu passei mal... mas eu fui parar no hospital... Mas eu fui parar no hospital porque talvez o conjunto daquelas emoções que me atingiram foram tão... se tornaram uma experiência real para mim. Se eu fui parar no hospital com a pressão alta, porque pressão alta nada mais é do que uma reação emocional... né?... Você imagina a emoção daquelas pessoas? Então eu não entendo isso como um ônus. Eu entendo isso como a legitimação de um processo. Cê iria até o extremo da sua saúde para que uma pessoa que tá precisando ouvir uma palavra do filho pudesse ouvir? Iria. Iria porque é fundamental para ela... Iria porque a vida daquela pessoa, que saiu lá do Sul do país e veio para cá, tá desestruturada. Ela não sabe o que que ela faz. Então, isso me permite pensar nessas coisas... me permite compartilhar. E... e se não for assim, não tem sentido. Eu acho um equívoco muito terrível... um médium que... que parece um médium de produção industrial, sabe? Aquele espírita que... sai do trabalho, tipo assim “Cumprir com minha parte de hoje”, mas aquilo não mudou ele... aquilo não modificou ele em nada. Quando a gente teve oportunidade de lançar o nosso primeiro livro psicografado, eu lembro que... um desses amigos espirituais virou pra mim e falou assim: “E então meu filho, agora tá um livro aí, e o que que isso te mudou?”. É uma pergunta complicada, né? Cê produziu algo... Esse algo te mudou? Então, isso te muda? Né? A mediunidade tem que mudar alguma coisa na gente.

[00:35:41] P: E, pra você, o que é a psicografia?

M9: Pois é... A psicografia... Ela... Eu tenho duas visões da psicografia. A primeira, ela cai na minha própria visão de mediunidade, eu te falei... ela, como qualquer outra possibilidade de intercâmbio, simplesmente ela é um meio, um meio que me assegura ter essa... essa alteridade. Então essa é a minha primeira visão... a visão finalística, a visão moral da coisa. Como instrumento mediúnico... a psicografia, pra mim, ela é uma... condição de funcionamento mais delicada, porque ela me exige... é... Primeiro ela me apresenta limites, da minha própria condição mediúnica, né?... Na psicofonia isso, às vezes, isso não fica muito claro, até pelo anonimato dos espíritos. Mas na psicografia, como o anonimato, ele... na maioria, 90% das vezes, ele deixa de existir... a ausência do anonimato, é exatamente a medida do meu esforço pessoal pra que aquele fenômeno tenha autenticidade, ele tenha veracidade. Então, ela... Enquanto instrumento, ela me exige muito mais do que os outros, as outras possibilidades. Então, o que que é psicografia? Pra mim ela é o tipo de mediunidade que mais é criteriosa, mais expositiva... porque você escreveu alguma coisa, você tá dando aquela coisa pra pessoa, não tem como voltar atrás. A carta é tua, tá aqui, leva, faz o que você bem entender... né? É... Acho que é isso, é a que mais exige, a que mais... tem critérios de... de... Tem mais olhares sobre ela. E isso também me leva a uma posição também, né, de um olhar sobre ela é um olhar sobre o médium. Um erro na psicografia... é... é... pode colocar em cheque a credibilidade do médium... Mas o pior, ela pode colocar em cheque esperança da pessoa. Ela é tão delicada que se chega um pai e uma mãe, no desespero, falam “Eu quero uma carta do meu filho, e você recebe e eles olham aquilo ali e falam “Não é meu filho”, você põe toda a estrutura de fé daquela pessoa em risco. Então, é muito sério. Não dá para brincar, não dá... a margem de erro é muito pequena. “Ah, tá, mas cê já errou?” Já. Já teve erro. Já teve erros. Já teve citações de nomes que não ocorreram... No comecinho, quando a gente

começou o trabalho público, acontecia uma coisa muito interessante... às vezes, cê tá escrevendo e falando assim: “Estou aqui com o fulano de tal”. Aí acabava e a pessoa falava, “Mas eu não conheço fulano de tal”. E a outra, “Não, mas fulano de tal é meu parente!”. A confusão dos pensamentos se... se entrecortando e interferindo uma coisa na outra. Né? Eu lembro de uma vez que a... uma senhora... eu recebi uma mensagem para ela... então eram seis irmãos. Quando uma pessoa fala pra mim que tem seis irmãos, eu falo assim “Jesus Cristo, até citar todo mundo!...”. E aí eu lembro que foi uma coisa mais ou menos assim... Então, o nome da pessoa era José Carlos, né? E foi o último nome da linha... Então vem o fulano, o beltrano... e o “Roberto Carlos”, aí a mulher virou pra mim, “Mas, meu irmão não chama Roberto Carlos, ele chama José Carlos”, e eu falei “Minha senhora, mas depois de seis nomes?”. Não seja por isso, não, então você risca, né? José... Melhorou pra senhora? Mas cê pensa, é porque ela levou no bom humor. Tem gente que, se pega um negócio daquele, por uma palavra desconsidera cinco páginas por causa de um detalhe. E eu lembro de um... eu acho que é o sermão da septuaginta... não, septuaginta é quando fez a Bíblia, né? Da... um nome estranho, da sexagésima... esses... eu não lembro. É um sermão do Padre Antonio... Manoel de Nóbrega. E ele falou assim: “Não existem maus ouvintes, existem maus oradores”. Né? Então, assim, o que ele quis dizer com isso né? Claro que existem “maus ouvintes”, sim, mas o que ele quis colocar foi, quando a gente se propõe a um trabalho, nós temos que ter o cuidado do destinatário. É pra ele. O foco é ele. Né? Cê está construindo alguma coisa que é pra alguém que não é pra você mesmo. Então... a gente tem que ter... esse zelo. A psicografia tem esse... ela coloca a gente numa... numa corda bamba, né? E aí, que é que cê faz?

[42:07] P: E... como é que você sabe o momento de psicografar?

M9: Como que eu sei?

[42:15] P: O que é que você sente?

M9: Ah, isso é tão subjetivo... que eu acho que simplesmente você sente. É... Não dá para perceber uma... Geralmente, né, porque as psicografias ocorrem dentro de uma estrutura de trabalho. Então cê já sabe que cê tá ali praquilo. Então, eu não vejo um determinado momento de... de alteração. É muito interessante. Eu... eu posso sentir muito mais o momento de alteração, de influência espiritual em qualquer outro ambiente, né, do que propriamente no trabalho. Parece que no trabalho a coisa flui de uma maneira, meio que... que no automático. Né? Eu sei que eu vou fazer aquilo, eu simplesmente pego um papel, ponho na minha frente. Eu não tenho a mínima ideia de quem, de como. E aí a coisa vem, assim... é um... imagina um download. Você só tá executando aquilo que já foi... Pra mim, a sensação que eu tenho é que essa mensagem já até preexiste.... É óbvio que eu sei que algumas coisas, elas são realizadas na hora... Mas... é... não há um processo... construtivo intelectual. Né? Aliás, se tivesse um processo construtivo intelectual eu não conseguia nem fazer, porque até cê elaborar as frases... Então aquilo para mim existe. Eu olho pro papel, tá ali de alguma maneira, né? Está comigo de alguma maneira. Mas eu não sinto uma... uma alteração significativa, como exemplo, um torpor no braço... um mal-estar, não... Né? Não tem esse sinal. Como eu te falei, é mais fácil eu sentir que tem algo de errado, algo está acontecendo, em ambientes fora da casa espírita. Aqui se trata com mais naturalidade. Cê olha assim... vê. E vê tão normal que cê... é tão normal que eu já nem sei o que que é anormal.

[44:28] P: Mas o que você sente enquanto psicografa?

M9: Olha, enquanto em exercício... eu sinto uma concentração muito forte. É como se nada tivesse chamando minha atenção fora daquele momento, porque a única coisa que tá acontecendo é aquela... aquela carta. Às vezes, eu me emociono... que eu não sei se é minha ou se é do espírito... mas já teve vezes de eu estar escrevendo e eu ver as lágrimas caírem... às vezes, tem taquicardia... reações fisiológicas, né? Você sente aquela... aquelas emoções que tão sendo passadas, né? É... Às vezes, um pouco de... Você percebe a angústia do comunicante. Você percebe aquela angústia dele de tentar falar assim "Tá tudo bem", e você sabe que não tá bem. Né? Você... é... sente a frustração dele quando você não consegue atingir o resultado que... que ele esperava. Mas, assim, são reações emocionais e físicas que acontecem, mas pra mim, naquele momento da escrita, é... só existe aquilo. Entendeu? Eu, por exemplo, o tempo... o tempo... duas horas de psicografia, pra mim, eu não sinto duas horas passando. E, às vezes, eu me sinto muito cansado, né? Cansado. Fisicamente, cê desgasta. E... e é isso. Né? Eu não guardo... eu acho que isso é um fator importante... Eu não consigo... eu guardo detalhes, fragmentos, algumas frases que me chamaram atenção. Mas eu não guardo a fisionomia das pessoas que ganharam mensagens, eu não guardo os nomes dos espíritos, eu não guardo os trechos das mensagens. Então eu acho que até isso autentica. Se a pessoa me vê na rua e me cumprimentar, e se eu não cumprimentar, é porque eu realmente não sei com quem que eu tô falando. A mensagem, ela vai se diluindo. Óbvio que ela fica na minha cabeça por um período de... de um tempinho, né? Então, o trabalho aconteceu na sexta. Provavelmente, na sexta, a gente pode conversar sobre a mensagem. Hoje, nesse momento, eu não lembro mais... das mensagens de ontem.

[47:32] P: E você citou essas emoções, essas sensações. É... Como é que elas variam, ao longo da escrita?

M9: Elas variam conforme quem tá escrevendo. É interessante que o... quando o espírito, por exemplo, ele brinca, ele é suave, ele é alegre, você assume de alguma maneira essa leveza dele. Quando o espírito tá tenso, ele é denso, você assume... então, ela varia conforme o comunicante. Por isso que eu falo da questão da alteridade. Ela não varia conforme a pré-disposição do L. C. (nome do médium), eu me permito variar com o espírito... Eu acho que é o momento que, de alguma maneira, sem abandonar quem eu sou, eu tenho essa oportunidade de enxergar a vida pela história dele, por aquilo que é dele. Acho que a melhor vacina contra o egoísmo é essa, quando, o que é do outro te compõe, por alguns minutos que seja... né? Mas ela varia conforme o comunicante.

[49:07] P: E o que você acha que vem do médium e o que vem do espírito comunicante?

M9: Olha, do espírito comunicante vem o tema, a ideia... as emoções. Do médium... aí você vai graduar os tipos de mediunidade, né? Mas, assim, na minha situação particular, de mim, vem muita coisa. O estilo de escrita, o conjunto de palavras que compõem o vocabulário... Imagina o seguinte, eu sou simplesmente um... nesse ponto, né, da estrutura de linguagem, de organização de ideias, eu acho que isso vem muito... muito da minha parte. É óbvio que há espíritos muito habilidosos que eles conseguem imprimir na página o estilo deles, por exemplo... Semana passada, tinha um senhor de Florianópolis, e ele falou uma coisa muito interessante pra mim, falou

assim, “Olha, se não tivesse dito nenhum nome, nenhuma situação particular, se tivesse escrito qualquer outra coisa, eu falaria que é meu pai porque é exatamente o tipo de redação que ele faz”. Mas é um caso excepcional... É um caso em que esse espírito... ele literalmente domina melhor o médium, o aparelho, a disposição mediúcnica que ele tem.... Quando o espírito não tem essas condições, eu acho que aí a carga mediúcnica é muito alta. Imagina uma senhora que morreu com 86, anos, 90 anos, ou um senhor... nunca escreveram, nunca leram muito... mal sabiam assinar o nome... ele vai escrever uma carta? Né? Na questão da literatura, do estilo... ela não vai fazer isso. Acho que nesse momento o médium entra com muita carga, se não o médium, pelo menos aqueles espíritos que são espíritos de controle. Eu acho que eles se substituem até, ao comunicante, pra dar um mínimo de coerência naquilo. Eu lembro de uma senhora que falou assim “Olha, eu sei que cês vão falar que a carta não é minha, porque eu nunca escrevi desse jeito!... Mas pensem comigo da seguinte maneira: se eu fosse para uma festa encontrar com vocês, eu ia colocar o meu melhor vestido. Então eu vesti o meu melhor vestido através dessas palavras. Aí a neta veio me contar... que foi pra filha, aí foi a mãe e a neta, né? A filha e a neta. Aí a neta veio me contar, falou assim “É porque antes de vir para cá, a gente tava em casa conversando e falou assim “a vovó mal sabe escrever o nome.” Então, quer dizer, indiretamente, ela respondeu a um comentário que foi feito num outro momento. Agora, há situações muito específicas também que a assinatura sai igual. Teve uma psicografia de um senhor aqui, que eu achei muito interessante, que... ele virou pra mim e falou assim “A letra inteirinha era da mamãe”. Eu não percebo... Honestamente, eu não consigo perceber... pra mim, a letra é minha. Eu não vejo que houve uma alteração mecânica.

[53:04] P: Mas essa alteração se dá na assinatura ou no texto?

M9: Às vezes, no transcorrer do texto... e na assinatura. Na assinatura você ainda percebe que houve alguma coisa, porque ele para. A mão para e ela faz o... (fazendo o gesto de assinar). No texto que é estranho, porque cê nem vê... aconteceu e cê nem viu que a letra... Teve uma vez que um senhor veio aqui pra mim, me mostrou a carta que ele tinha recebido e falou assim “Olha que legal, uma letra, outra, uma letra, outra...”. Ele veio me perguntar “Como é que acontece isso?”... Eu falei assim “Eu não tenho a mínima ideia, meu senhor”. Pra mim, eu tô lendo a minha letra, eu não consigo perceber que houve mudança... na caligrafia.

[53:46] P: E você consegue imaginar por que isso ocorre, essas alterações?

M9: Eu acho que ela.... Tem dois motivos... eu acho que o primeiro motivo é de te convencer. É uma forma de você criar uma... uma convicção na pessoa. Em segundo, eu acho que também, porque a sintonia, o transe, vai ficando tão profundo, que ele passa daquela área cerebral da literatura, da linguagem, ele começa a se tornar quase uma incorporação. Aí ele vira cinestésico. Quando cê tem a escrita semimecânica. E por que é interessante, né? Porque ela ocorre, a alteração mecânica, ela produz uma outra letra... sem que você tenha consciência do fenômeno. Interessante... cê pega o livro dos médiuns, né?... e a questão da consciência sobre a alteração, ela não é abordada. Kardec classifica os médiuns semimecânicos mas ele não falou em nenhum momento que o médium semimecânico perdia a consciência da própria alteração.

[55:17] P: E como você classifica a sua mediunidade?

M9: Como semimecânica.

[55:20] P: Então, a percepção do ambiente no momento da escrita para você, como você definiria?

M9: Olha, a percepção... primeiro ela fica em 360 graus, eu percebo todo o ambiente, o que tá atrás, que tá na frente, o que tá do lado, eu consigo perceber. E em alguns momentos eu consigo perceber a movimentação dos espíritos... em alguns casos eu não sei nem diferenciar quem que é encarnado de quem tá desencarnado.

[56:01] P: Então você tem percepções simultâneas ao longo da escrita?

M9: Tenho. Então, por exemplo, eu tô aqui escrevendo, não tô? Então, pra mim, tudo tá aqui, mas ao mesmo tempo, sem que eu precise olhar, sem nada, eu sei tudo que tá acontecendo ao meu redor. Inclusive no sentido de sentir movimentações de pessoas, sem precisar olhar.

[56:35] P: E você se comunica diretamente com algum guia ou mentor espiritual? Em que situações e como?

M9: Sim. Ela flui de uma maneira muito natural. Eu aprendi que essa comunicação não precisa ser necessariamente no mesmo espaço físico, eu não tenho a mínima ideia de onde eles tão... Mas se eu sentar e me acalmar e me concentrar, eu consigo estabelecer diálogos. É uma espécie de semitranse. Você tá o tempo inteiro, de uma maneira ou de outra, ligado. E é interessante que essas situações ocorrem espontaneamente naqueles momentos em que você está desarmado. Por exemplo, se eu estiver trabalhando, obviamente que toda minha atenção vai estar focada no trabalho, não tem como pensar em outra coisa. Mas existem momentos em que... em que você desarma, em que você tá no seu quarto, cê tá tomando um banho. E de repente, quando você vê, cê já tá elucubrando, tá discutindo conceitos, tá descobrindo conceitos, pensando sobre determinadas coisas que normalmente você não iria pensar. Então ela ocorre de maneira provocada, quando eu me pré-disponho a tanto... ela ocorre de maneira espontânea, ela surge... de repente você está em estado de conversa. O que não significa que você esteja em transe. Não precisa estar em transe para fazer isso.

[58:45] P: E de que maneira acontece esse diálogo?

M9: Ele é mental. É um diálogo mental mesmo.

[58:56] P: E você ouve isso como uma voz interna ou chega a ouvir como se alguém conversasse com você?

M9: 99% das vezes é como uma voz interna... O 1% quando a voz é externa, é geralmente um xingo.

[59:13] P: Com que frequência você costuma psicografar? E durante quanto tempo você faz isso?

M9: Olha, em trabalho... Eu tenho dois trabalhos de psicografia, um aqui nessa casa e um outro que eu faço em Araguari. Em trabalho, isso deve chegar mais ou menos a umas quatro horas, né? Quatro horas de psicografia e trabalho. Fora isso... hoje em

dia, assim... Só em situações em que eu sinto que realmente... é oportuno, é conveniente e que há uma presença, senão, só no centro.

[01:00:02] P: Mas pode ocorrer que você psicografe fora?

M9: Pode.

[01:00:07] P: Dá um exemplo... Em que caso seria?

M9: Olha, às vezes, como é que a coisa funciona? Às vezes, tem um “assunto”, vamos colocar assim. Indulgência. Começa aquele diálogo e o diálogo vai ficando tão mais forte, que aí você transita, assim, do diálogo pro transe... e aí eu pego a folha e aquilo eu vou anotando. Geralmente em casa, quieto, tranquilo... Existem situações de, por exemplo, algum espírito chegar e falar que quer mandar uma carta pra algum familiar... Óbvio que nem sempre isso é autorizado... depende muito do espírito. Aí cê se predispõe, vamos lá, senta aqui um pouquinho, se acalma, se concentra e a gente... escreve.

[01:01:13] P: Mas quando você escreve, permanece sozinho ou é auxiliado por alguém, por exemplo, pra retirar as folhas?

M9: Sozinho.

[01:01:21] P: Mesmo no centro?

M9: Mesmo no centro.

[01:01:24] P: Não é necessária a presença de um auxiliar?

M9: Não... é necessário a presença de alguém que... no centro... que dê suporte.

[01:01:35] P: Qual seria a função da pessoa que permanece junto?

M9: Vibração. Ele me alimenta, ele me dá suporte de força. Para você ter uma noção, no caso de ontem... apesar de todo o suporte, ainda assim, você consumir além daquilo que eu... podia dar, por uma questão qualquer.

[01:02:12] P: E que tipos de materiais você utiliza para a prática da escrita mediúnica?

M9: Caneta e folha.

[01:02:20] P: Qual a razão de ser uma caneta em vez do lápis, por exemplo?

M9: A caneta esferográfica comum, ela desliza, né? Ela fica gravada. O lápis, ele vai desaparecendo com o tempo, o lápis, ele quebra a ponta. Então, pra mim, é melhor a questão da caneta e da folha. Só isso.

[01:02:49] P: E quais hábitos ou recomendações você segue antes de praticar a psicografia?

M9: Olha, como recomendação, tem sempre um chá. Quando sinto que tô cansado, tomo um chá e... recupero um pouquinho para poder continuar. Durante o dia, eu vou tentando desacelerar, eu evito situações que demandem muita concentração, muita

energia.... Então vai chegando, por exemplo, terça-feira à tarde, sexta-feira à tarde, eu vou... eu vou parando. O melhor seria se eu conseguisse realmente dormir, uma meia horinha, antes do trabalho.

[01:03:53] P: Mas, caso você não faça essa preparação, o seu desempenho é afetado de alguma maneira, na psicografia?

M9: Eu acredito que é. Sabe? Se você teve um dia ruim, o custo pra você entrar em sintonia é muito alto. Demora mais, cê sente. Em um dia bom você pega a folha e já começa a escrever... num dia em que você não tá muito bem, você... gasta mais alguns minutinhos parado até que a mão comece a perceber, a movimentar.

[01:04:52] P: E que tipos de textos você costuma psicografar, predominantemente?

M9: Depende muito do tipo trabalho. A maioria dos textos, como é um trabalho voltado para o público, então vão ser cartas, mensagens para as pessoas. Mas isso não impede de você de ter textos realmente de desenvolvimento, de uma dissertação sobre um determinado assunto, né? Então, assim... eu acho que o texto, ele tá adequado à situação, dependendo da situação... Às vezes, a pessoa chega e pede uma carta, por exemplo, do pai, da mãe, de algum parente desencarnado, e o que ela recebe é um texto de orientação. Então, isso significa que o trabalho é que tá feito pra uma determinada finalidade. Não é um trabalho de carta consoladora... só espírito familiar escreve... Não. Pode vir um outro espírito e falar "Olha, fulano, tá acontecendo isso, isso e isso... recomendo isso, isso, isso... ponto final". Então há uma variação de estilos, é a necessidade que determina o tipo da escrita.

[01:06:32] P: Você disse que já publicou livros. Um livro. E como foi esse processo de elaboração, a experiência de publicar um livro?

M9: Na verdade nem foi publicado, né?... Tem mais que eu deixo guardado. Não tenho pressa pra... E esse foi publicado porque o Bacceli resolveu levar adiante. Mas há duas situações. O que saiu, ele aconteceu da seguinte maneira. Hoje eu tenho atendimento fraterno. Então, acabavam os trabalhos de atendimento fraterno, o espírito vinha, e escrevia alguma coisa sobre o contexto. Então, era uma mensagem daquelas curtas e voltadas pra um caráter de evangelização... da pessoa. Essas mensagens aconteciam... realmente por transe, por psicografia, após o trabalho, eu sozinho. Era nossa forma de fechar ele, né, os atendimentos da noite. Os outros trabalhos, o processo de criação dos outros trabalhos... eles não tavam vinculados a uma atividade em si, eram momentos que eu parei, que fui construindo aquele... aquele texto. Então... E como é que você sabe que aquilo vai virar um livro ou não? Bom, no caso do livro que foi publicado, ele virou um livro por excedente... que eram mensagens esparsas, e só depois que eu vi que tinha um volume de mensagens esparsas que eu fui descobrir, por um terceiro, que aquilo ali na verdade tinha sido um contexto de um pequeno volume. Um outro texto eu achava que era um treino... Era um texto um pouco complexo e... inclusive eu submeti ele pra filósofo, pra academia de letras, pra um professor, revisor e tradutor que é muito respeitado aqui em Uberaba, porque a linguagem é tão diferenciada... ela é tão... Pra saber o que as pessoas achavam daquilo. E o último, o que é interessante... ele é a transcrição de um diálogo. Eu pergunto alguma coisa e o espírito responde. Então eu pergunto e ele vai me dando... as respostas.

[01:10:19] P: Mas, basicamente, você descobre que um determinado texto vai virar um livro a partir de uma quantidade maior de texto ou de uma continuidade, ou tem uma apresentação?

M9: Então, os outros dois foram apresentados como tal. Eles não usam a palavra “livro”, né, eles chamam de projeto.

[01:10:47] P: Mas isso você fica sabendo de que maneira?

M9: Na hora. Eles se apresentam “Quero fazer uma coisa assim, assim e assim.”

[01:10:55] P: É em um diálogo, como você citou antes né?

M9: É... “Você quer fazer? Vamo tentar?”... E é um processo que tem muitas idas e vindas. Isso é uma coisa interessante... Às vezes, cê escreve uma resposta, daqui três dias, aquela resposta começa a martelar na cabeça... Aí cê vê, “Gente, tinha mais coisa”. E você vai complementando, então é um calombo... Tô te falando, dá uma preguiça de vez em quando!...

[01:11:24] P: E nesse processo de escrita de livros, você chega a fazer alguma pesquisa sobre determinado tema? Busca fontes? Quais?

M9: Lógico, chego. É fundamental... Não tem como não... Têm muitas palavras que eu não sei o significado delas. Há referências que eu não sei se é verdadeiro ou não. E há ideias que elas chegam e eu sei o que ele quer falar mas eu não consigo traduzir aquilo. Então isso requer realmente um... um estudo. É como Dr. Odilon Fernandes fala, né? “A mediunidade é parceria”... cê tem que dar alguma coisa pro espírito. Aí espírito pegou e foi escrever um texto, ele copiou um... a ideia que veio foi muito específica... é um texto do Albert Camus, do mito de Sísifo, que diz “Isso, isso e isso.” Quer dizer, deixa eu ir lá pegar o tal do livro que tá falando pra ver se realmente é isso. Então, vou pegar o livro no original, vou escrever aqui pra eu não ser infiel, né, ao texto. Eu não sei Alberto Camus... Eu tenho que olhar e ver do que esse cara tá falando. Então, tem que ter esse estudo. O espírito chega e fala de... como é que chama? “Alteração metabólica de não sei o que”... Ah, peraí... ver se eu acho essa tal alteração metabólica de não sei o que que cê tá falando, ver se esse troço existe. É isso que faz com que a gente entenda que é.... O telefone toca de lá para cá, mas de cá também se você também não estiver pronto para atender, vai ser uma ligação perdida. É por isso que alguns dados são importantes. Entendeu? Porque não dá... Assim, é interessante... é como se eu te falasse uma coisa assim: maçã. A ideia da maçã tá na sua cabeça. Mas que tipo de maçã que cê está falando? É uma maçã argentina, uma maçã verde? Do que você tá falando? O que você tá querendo colocar aqui? Qual é o tipo, qual é a tradução mais fiel de seu pensamento aqui? Então, tem o trabalhozinho de descoberta, de burilamento...

[01:14:20] P: E quem digita o seu material manuscrito?

M9: Eu.

[01:14:25] P: Você tem dificuldades para entender a própria caligrafia, por exemplo?

M9: Não. Graças a Deus, minha letra é boa.

[01:14:35] P: E o que você faz com os manuscritos depois de digitados?

M9: Tudo guardado. Todos eles ficam guardados... embora eu não revise.

[01:14:49] P: Você não faz revisão do material?

M9: Não... faço durante, né?... Cê volta, olha, não ficou legal essa resposta, né? A ideia não tá completa... ou a estrutura da redação não tá legal. Então cê faz essas mudanças. Tanto de quantidade de informação do texto quanto a qualidade daquilo ali. Depois que acabou que eu falei assim “chegou num formato ideal”... não sei nem onde que tá, pra te ser sincero (risos).

[01:15:19] P: Você psicografa de olhos abertos ou fechados? E por quê?

M9: Os dois. Das duas maneiras. A questão de você fechar os olhos ou abrir os olhos, eu acho que também vai muito do momento em que você tá... Como você fazer assim né?... e escrevendo (de olho fechado). De vez em quando cê abre o olho para ver se está na linha certa, aquela coisa, né? Mas é interessante porque o movimento de fazer isso aqui... ele é natural. Cê tem uma tendência a repousar o... Tem uma hora em que cê pode escrever assim, de olho aberto... Mas o problema de ficar nessa maneira... é que cê corre o risco de dispersar. Mas te falar assim “Ah, mas de olho fechado cê tá em maior qualidade de transe que de olho aberto?”. Pra mim, não.

[01:16:22] P: É indiferente então.

M9: Pra mim é indiferente. Aí você corre o risco de quem passar e ver você de olho aberto dizer “Ah! Mas aquele lá tá...”, a pessoa tem uma mania de que transe tem que ser de olho fechado, parecendo uma coisa cataléptica. Não é bem assim que a coisa funciona.

[1:16:42] P: E normalmente você escreve com ou sem iluminação?

M9: Com a iluminação meio fraca, que a luz atrapalha. A luminosidade, ela irrita.

[01:16:54] P: Mesmo no centro, há essa possibilidade... a luz diminuída?

M9: Eu ponho uma luzinha mais... uma meia luz, né?... Porque, realmente, ela irrita.

[01:17:05] P: E você olha pra folha em que você escreve, pra psicografar?

M9: Olho.

[01:17:16] P: Sente essa necessidade?

M9: Sinto. Porque não sei onde é que eu tô escrevendo. Eu não sei o limite da folha. Porque é assim, cê vai perceber que alguns médiuns começam a escrever daqui pra baixo (mostrando a metade de uma página)... mas é muito rápido pra cá. Eu gosto de escrever a redação como, né?... aproveitando a página inteira. Com o transcorrer do tempo, realmente, cê realmente começa a perceber que eles limitam o espaço, como se fosse um espaço de segurança. Eu gostaria de escrever mais, mas eles ficam limitando a coisa assim...

[01:18:00] P: E você já psicografou com as duas mãos simultaneamente?

M9: Já.

[01:18:04] P: Como foi?

M9: Mexendo as duas mãos.

[01:18:08] P: Que tipo de texto? Explica melhor isso...

M9: Foram textos... muito curtos... porque realmente você não tem o hábito então fica muito difícil mexer o outro braço, e eu também tenho um problema... do tumor, de limitação em movimento do braço. Mas... era o mesmo texto com as duas mãos diferentes. Só que aí eu precisei de alguém segurando a folha, porque não tem jeito né, tem que ter alguém segurando a folha.

[01:18:47] P: E você se recorda que texto que era?

M9: Não.

[01:18:53] P: Já utilizou a mão contrária para escrever?

M9: Escrita inversa?

[01:18:55] P: Não, no caso se você é destro, escrever com a mão esquerda.

M9: Já.

[01:18:59] P: E por que você acha que acontece isso?

M9: Eu acho que é uma questão mais do fenômeno mesmo. Aí você sente o impulso mecânico. Aí cê, realmente... cê sente que aquilo tá mudando a estrutura normal da psicografia que seria um diálogo mental, pra uma estrutura mais mecânica. Cê sente fisicamente um domínio do braço e a vontade de escrita... com o braço.

[01:19:30] P: Já psicografou mensagens em outros idiomas?

M9: Não. Mas eu consigo quando a pessoa chega... entender o que ele tá falando em outro idioma. Tem pessoas espanholas, que falam espanhol... às vezes, o espírito fala outra língua... eu percebo a língua, mas ela é traduzida. Não há uma tradução em minha cabeça, eu entendi o que foi que ele falou. Né? Como um nível de inglês avançado, né? Se alguém te falou uma coisa, você não traduz aquilo...

[01:20:16] P: Já escreveu em espelho? Como foi isso?

M9: Já. Eu acho de novo que é um processo mais mecânico... O domínio é mais físico. Não deixa de ter o diálogo, eu consigo perceber a mensagem. Mas a mão, por si só, ela estabelece o movimento que vai ser ao contrário.

P: Já escreveu em dupla com outro médium?

[001:20:47] M9: Em dupla com outro médium? Eu e mais um?... Já, já sim, já.

[01:21:00] P: E como foi?

M9: Normal.

[01:21:04] P: E que texto era esse?

M9: Era um texto normal, de caráter mais evangélico mesmo, né? Mas cada um faz o seu...

[01:21:19] P: Você diz... vocês abordavam o mesmo tema, mas não é que havia continuidade entre os textos?

M9: Não, só temas. Essa questão de, por exemplo... eu paro numa linha e ele continua o raciocínio dali pra baixo, isso nunca aconteceu.

[01:21:33] P: Você se sente inspirado a tratar de determinados temas ou ideias antes da sessão? Ao longo do dia?

M9: Sim.

[01:21:42] P: Essas ideias se concretizam?

M9: Nem sempre. Nem sempre... Mas... há determinados temas, ideias, que elas vão sendo trabalhadas durante... durante um bom período.... às vezes, elas se convertem, sim... por isso ele estava explicando, né?... Mas nem sempre, ou se acontece, eu não percebo.

[01:22:09] P: Quais são os assuntos e os temas mais recorrentes nas suas psicografias?

M9: Na psicografia familiar, o que eu considero um tema muito recorrente é... o espírito fazer uma reflexão sobre não ter aproveitado a vida dele da melhor maneira... Um reconhecimento disso... uma culpa, um desconforto pelo tempo transcorrido de maneira imprópria. Eu percebo também ele... E isso é muito comum... Sabe? Cê percebe que em quase toda psicografia.... o espírito, em algum momento, ele aborda uma situaçãozinha desta natureza. E eu vejo muito recorrente, também, uma preocupação... de aconselhamento. Alguns até indiscretos, na minha opinião... mas sempre tem isso, sempre tem uma autorreflexão do espírito e algum aconselhamento. Ele não tem uma característica simplesmente de saudade. E, geralmente, eles são muito objetivos. Eu não sei se essa é uma característica da minha mediunidade, mas se você prestar atenção em determinados estilos de redação... Se você vai pegar aqui uma psicografia do Celso... é uma psicografia muito mais carinhosa, muito mais acolhedora, cheia de citações metafóricas, ele têm um estilo muito... que eu considero que se aproxima mais do Bacceli. Mais ou menos assim "Fulano, aconteceu isso e isso, cê tá entendendo o recado?". Mas sempre com esse caráter, né? Um caráter auto reflexivo, um caráter de aconselhamento.

[01:25:17] P: Você já escreveu sobre um assunto que você não domina, ou que desconhecia completamente?

M9: Sim.

[01:25:27] P: Que tipo?

[01:25:30] M9: Principalmente médico

P: É frequente esse tipo de temática?

M9: Sim. Sempre que é necessário ocorre. Então, vamos pensar o seguinte... se sempre que é necessário ocorre, então toda vez que é necessário, há. Então tem uma frequência nessa situação. Deixa eu te dar um exemplo... Geralmente são mensagens muito curtas. Uma coisa assim, "Cintia, por favor, observar não sei o que, não sei o que... seria interessante a medicação tal". Para você ter uma noção, esses tempos atrás foi uma moça lá em Araguari, no centro, e ela não pediu mensagem, mas a última mensagem foi assim, "Fulana, eu acho... não... orientamos, que você procure um médico, porque na sua situação fluoxetina seria muito bom". Ela não pediu a mensagem, aí eu entreguei para a moça. Passou mais de um mês, aí o marido dela ganhou uma psicografia da avó. Eu não lembrava de uma circunstância da outra né?... Aí falou, falou, falou... assim "Olha, diz pra fulana que ela continua precisando tomar fluoxetina, tantos miligramas...". Passou um tempo, a moça entrou numa crise depressiva. Foi no médico... o médico receitou "fluoxetina" e na mesma quantidade. Aí passou-se mais tempo ainda, umas duas semanas atrás, o marido dela foi com ela lá e falou assim: "Olha já tem 6 meses que eu tô tomando fluoxetina e eu tô querendo tirar, pergunta aí pros meus guias o que eles acham"... (risos) "Mais 45 dias".

[01:28:09] P: E os seus textos costumam ter rasuras, rescritas, exclusões, reelaborações?

M9: Depende. Quando é um texto mais íntimo, mais de trabalho, quando o texto não é público, eu me permito mudar ele de ponta a ponta. Quando a psicografia é pública, não tem... do jeito que veio vai embora.

[01:28:36] P: Mas você faz algum tipo de ajuste, de correção, por exemplo, ortografia, eventualmente, ou concordância...

M9: Só quando a pessoa fala, como eu te falei, "José Carlos" com "Roberto Carlos". Eu vou lá, "Tá bom, tá aqui...", né? Esse tipo de situação.

[01:29:01] P: Qual é normalmente o seu ritmo de escrita? Rápido, lento? Isso ao longo da psicografia?

M9: É rápido.

[01:29:08] P: Dá pausas ao longo do processo?

M9: Dou. Como eu te falei. Sempre tem uma garrafinha de chá... eu dou uma parada, tomo um chá... né?

[01:29:19] P: Mas se a mensagem é interrompida, você consegue retomar?

M9: Consigo. Mas é muito raro acontecer isso. Geralmente é no intervalo entre uma e outra. Mas acontece, sim, de, se houver uma interrupção, parar e continuar, pegar no mesmo ponto.

P: Você sente limitações ou dificuldades como médium psicógrafo? E Quais?

M9: Nossa... Eu sinto coisa demais de limitação. Cê sente limitação com detalhes, com os pormenores... Você... Como é que você percebe que cê tem uma limitação com pormenor? Porque, muitas vezes, a pessoa morreu de acidente de trânsito, né? Cê imagina que a expectativa da pessoa é que ela conte, né, como a coisa aconteceu. É uma expectativa natural da família... e... e aí fica faltando, às vezes, alguma coisa que você não consegue... pescar... Ontem, né?... Ontem um senhor deixou uma mensagem, o irmão dele morreu atropelado... né? Aí cê pega o papel, olha e fala assim: Uhn... tá. Morreu atropelado na BR 101, com um caminhão. Aí tem vezes que cê fica assim "Acidente de moto." Não vem nada na sua cabeça. Não sei se esse cara, alguém bateu nele, não sei se... ele bateu no poste, derrapou. E, às vezes, esse detalhe, para mim, como médium, eu me exijo, às vezes, de ter este tipo de situação pra poder dar pra pessoa algumas ancoras também para a pessoa falar assim "Ah, tá, é fulano que está aqui, e esse aqui ele sabia." Então isso é uma limitação, uma limitação do pormenor, uma limitação do detalhe. Isso me frustra, um pouco. Mas é algo que, como eu te falei, depende muito do espírito. Depende muito da interação que você consegue estabelecer.

[1:31:43] P: E você já sentiu alguma dúvida em relação ao que você psicografa?

M9: Já. Já senti... muitas dúvidas porque... Pensa, é um texto que não é pré-elaborado, é um texto em que eu não sei quem são as pessoas, eu não conheço aquelas pessoas e, às vezes, o espírito vai tocar em assuntos que são muito delicados, né? Graças a Deus que eles têm uma habilidade de tentar botar a melhor palavra pra poder dizer aquilo. Mas, como você pode não ter dúvida se o espírito chega e diz "Meu bem, desculpa por estragar nosso casamento tendo cometido adultério". Eu sei lá se ele cometeu adultério. Cê entendeu? Então tem coisas que são muito... E cê fica em dúvida, na hora da escrita... tem informações que cê está escrevendo, cê fica assim "Meu Deus, você tem certeza absoluta que você vai escrever isso?". Vou te dar um exemplo: uma a moça escreveu uma palavra, no que ela foi escrever a palavra eu parei. Eu parei... aquilo saiu impositivamente. Ela morreu num acidente de moto e o namorado veio pegar uma mensagem. E ela foi usar o seguinte... a expressão foi o seguinte: "Ó, fulano, cê tá achando que eu não sei dessas piriquetes que cê tá andando?"... Eu falei "Vixe, cê não tem outra palavra não, minha filha, tem que ser isso?". Não, mas é essa palavra que é pra pôr... Botei. Mandeí. Aí a mãe veio falar comigo. "É igualzinho ela falava", eu falei, "É?". "É. É por que ele ficou com outra moça essa semana". Falei, então tinha um porquê daquilo, né, até em tom de humor, eles levaram no bom humor e tudo.... Mas cê pensa, pô, e se ler isso em voz alta, né? Vão falar que foi um espírito zombeteiro que escreveu um negócio desse. Vou te dar um exemplo interessante... que virou até motivo de piada aqui... A pessoa falou assim... o espírito falou, falou, falou "Olha, eu tô aqui com a Zéfa." Aí falei "Gente, quem que é Zéfa?"... Aí, "Ah, a tia Zefa de não sei da onde". Passou uma semana, a pessoa veio e falou assim, "Ê, L., hein? Falei "o que que foi?". Você lembra daquele dia da psicografia, que falou que a tia Zéfa tava lá? Ela tava viva, rapaz, ela morreu uma semana depois!". Mas ela tava hospitalizada, então ela devia estar... falei, "Pronto, matei a tia Zefa com uma semana de antecedência (risos)..."

P: E como é essa relação com aqueles que recebem a mensagem? As reações, enfim...

M9 [01:35:08]: Ah... Acho que é uma reação padrão, as pessoas choram, as pessoas se emocionam, né? É sempre uma coisa muito comovente. Mas, assim, eu procuro evitar contatos pessoais. Tento não dar abertura. Logo porque, com o passar do tempo, algumas pessoas vão se aproximando, aí você vai começando a ter relações com elas... mas, assim, eu evito, não dou meu e-mail, pouquíssimas pessoas tem meu e-mail, pouquíssimas que posso contar nos dedos das mãos.... eu não passo o telefone, né? Pra tentar preservar um pouco a intimidade. Porque esses dias, por exemplo, ligou uma pessoa pra mim e falou assim “O senhor é o L. C.?” , “Sou”. “O senhor tem um trabalho de psicografia, não é?” . “Olhe, há um trabalho de psicografia, no centro, sim”. “Então, eu queria dar um nome pro senhor pegar uma mensagem pra mim...”, falei “Não, minha senhora, a senhora tá errada, não é assim que funciona”. Eu não sei o que que a pessoa... Então, os critérios de... de isolamento, né?...

P: E o que você aprendeu como médium psicógrafo?

[01:36:52] M9: Eu vou te contar uma experiência pra você entender. Quando... eu lancei o livrinho, a gente ganhou alguns para poder dar pras pessoas. E eu tava distribuindo... dei para algumas pessoas, né? E a L. (filha do médium) pegou um pra ela, foi lá e pegou. E ela virou para mim e disse “Papai, esse livro aqui é meu não é?”. Me caiu a ficha... Assim, gente, eu dei livro pra todo mundo e não dei pra ela... É pra ela que é importante... ela que tá vendo o pai fazer alguma coisa. Falei “É seu, filha”. Passou 10 minutos, eu olhei, ela tava rabiscando o livro. Aí eu olhei e falei assim, “L., não é porque te dei o livro, que cê tem o direito de estragar o livro”. Só que ela não dá birra, ela é muito... tranquila. Mas a reação dela me surpreendeu, porque ela olhou pra mim, levantou e foi para o quarto. Eu fui atrás e olhei assim, aí ela tava deitada na cama. Ela não chora, e tava chorando. Aquilo arrebetou comigo. Aí, na hora, me apareceu a dirigente espiritual dos trabalhos e virou pra mim, muito sério, e falou assim “Cê não entendeu ainda? Não te pertence, nunca foi seu, se ela quiser jogar no lixo, botar fogo ela pode porque é dela, seu, não, nunca foi”. Aí eu falei assim “Ô, dona Ondina, o que que eu faço”? Isso é problema seu, conserta. Na hora que eu peguei o livro, na última página ela tinha desenhado uma rosa. Aí eu escrevi uma dedicatória para ela, sentei com ela, pedi desculpa. Então, o que que se aprende com a psicografia? Na verdade, o que se aprende com a mediunidade, né? Você aprende a ser um pouco mais... humano. Você aprende a enxergar a experiência humana, você aprende a lidar com a questão da finitude. Que você é finito, que você é mortal, que as coisas mudam, e que você tem que aprender a confiar na mudança da vida. A gente resiste muito às mudanças da vida. Mudança ocorre, ninguém quer, mas ela acontece. Então, a mediunidade, ela é uma prática que ela te coloca todo dia diante dessa situação. Ontem eu fui pro hospital com pressão... minha pressão é 12 por 8, né? Eu concluí um trabalho e fui pro hospital com a pressão a 20 por 12. Isso preocupa, né? Mas, meu Deus do céu, será que por tudo que eu vejo, tudo que eu sinto, e é real o que tô sentindo, será que eu vou ter que ter medo da morte? Será que eu vou ter que me desesperar porque eu tô me sentindo mal? Porque se eu entrar nesse processo caótico, o que eu tô fazendo aqui? Eu tô totalmente errado. Tô totalmente equivocado. Então a gente faz mediunidade pra poder aprender a viver. O que você aprendeu? Que é a pergunta que me fizeram quando o livro foi lançado, né?... Em que que isso te mudou? Em que você, ao conversar com alguém, incorporar um espírito, escrever uma carta, em que que isso te muda na sua substância? Em que te faz melhor? Quando a minha esposa teve um câncer, há três anos atrás... nos processos, entre a descoberta do câncer, até a cirurgia, foi muito rápido. Os espíritos não falaram nada. Nada, Não apareceu um pra me dar uma.... Até que... fez a cirurgia

e deu tudo certo. E aí, sim, eu tive um sonho... Eu tive um sonho um dia antes de ela operar.... que eu tava andando pelo corredor do hospital, vinha o Doutor Inácio Ferreira, um outro velhinho... Aí Dr. Inácio Ferreira me olhou com aquela cara de deboche dele, assim, brincalhão, né? E falou: “E aí, como é que tá?”, “Eu lembro de responder alguma coisa assim “Dr. Inácio, a A. vai operar amanhã”. Ele falou “Cê tá achando o que? Que cê vai ficar viúvo pra ter o luxo de receber uma mensagem dela? Não, senhor!”. “Você sabe quem é esse aqui?”, “Não conheço esse senhor, não”. “Você não tá lembrado, L., mas esse é o Hélió Angotti”. Hélió Angotti é o nome do hospital do câncer de Uberaba. Era um médium fonador... “Preocupa não que ele vai cuidar da A.”... Bom, a A. fez a cirurgia, aí a dona Ondina, depois disso veio, a L. tinha dois aninhos... e falou uma frase pra mim que eu achei, assim, fundamental sobre a mediunidade, sobre a vida. Ela falou assim “Meu filho, cê conseguiu um progresso enorme, cê começou a entender que a gente não pode fazer as pessoas infelizes, mas tem uma coisa que ainda tá faltando, a questão não é deixar as pessoas infelizes, a obrigação é deixar elas felizes e uma coisa não tem nada a ver com a outra. Você é responsável pela felicidade dos outros”. Então, são esses *inputs*... que eu só conseguir tê-los por causa da mediunidade, que vão formando a gente. Aquele dia que cê tá nervoso... o espírito chega e fala assim “Agora eu vou responder”, “Não, não responde não, trabalha”. É um absurdo? É um absurdo, sim, dele... não seu... Então, são suportes afetivos, suportes de percepção que a gente só consegue por causa do exercício. Agora, isso coloca a gente melhor que os outros? Não. De maneira alguma. Porque, como diz o Adroaldo, né? Em qualquer circunstância, lembre que você é um paciente. É que uns são pacientes que recebem passe e os outros são os pacientes que tão dando passe. Ambos são doentes, é só a terapia que é diferente. Mediunidade é um estado de terapia constante... é tratar-se.

APÊNDICE M – Transcrição: Entrevista com médium 10 (M10)

Na transcrição, “P” refere-se ao pesquisador e “M10” ao médium informante.

Médium 10 (M10)

Sexo feminino, 50 anos de idade.

Grau de escolaridade: Segundo grau completo, com magistério

Profissão: Dona de casa

Tempo de experiência com a psicografia: 30 anos

Duração total: 34:24

[00:26] P: Qual centro espírita você frequenta?

M10: A “C. C. E. U.”, “C. E. A. K” e a “C. F. F. A”.

[00:39] P: E quais dos seus trabalhos envolvem a psicografia?

M10: No C. E. A. K. e na C. F.

[00:48] P: Você gosta de ler?

M10: Muito.

[00:51] P: Que tipo de texto?

M10: Eu prefiro livros espíritas... gosto de ler textos científicos... muito.

[01:08] P: Relacionados a que tipo de assunto, por exemplo?

M10: Ciência... tudo o que diz respeito ao corpo... físico...

[01:18] P: Você gosta de escrever?

M10: Gosto.

[01:23] P: Desde que idade?

M10: Uhn... Que eu me lembre... quando eu comecei a fazer... quinta, sexta série por aí, eu já comecei a gostar de escrever.

[01:37] P: Você acha que você escreve bem?

M10: É... Sim (risos).

[01:44] P: E a que você atribui essa habilidade?

M10: Principalmente porque eu gosto de ler, né? Então, eu acho que atribuo a isso.

[01:58] P: E como é que foi a sua infância?

M10: Minha infância... foi feliz... Cheia de coisas que toda criança faz, brincadeiras... Uma infância normal.

[02:12] P: E como você conheceu o espiritismo?

M10: Ah... Eu conheci o espiritismo... Primeiro, eu morava perto de uma família espírita... eu era muito amiga dessa família.... Então já me chamou a atenção isso, né?... Porque eles iam no centro e eu ia junto. Aí depois não foi bem assim, foi mais pela a mediunidade... que apareceu quando eu tinha quinze, dezesseis anos. E... eu... O único meio, porque a mediunidade que apareceu foi de uma forma muito... ostensiva. Então eu tinha crises epiléticas e os médicos procuravam essa epilepsia e não achavam, mas não era epilepsia, era mediunidade, né? É a presença da entidade, do espírito, então ele provocava essas crises. E o único meio de eu ter um pouco de tranquilidade era frequentando a casa espírita e estudando... indicado pela presidente de casa, a S. R., eu comecei a estudar e ela começou a me ensinar... começou a me dar, assim, umas orientações na doutrina... E fui melhorando... e muita disciplina também.

[03:25] P: E que idade você tinha nessa época?

M10: Dezesseis, dezessete anos... por aí.

[03:30] P: E você chegou a fazer algum curso de desenvolvimento mediúnico?

M10: Não, desenvolvimento mediúnico, não... Curso, não. O que ela me propôs foi que eu comesse a ler o *Evangelho*, participar das atividades da casa, né? Que na época ela servia sopa, então não tinha ninguém para ajudar no trabalho... e eu ingressei nesse trabalho, comecei a dar aula de evangelização. E como a aula de evangelização, me obrigava a estudar. Então eu lia o *Evangelho*, estudava sempre, e... fui desenvolvendo essa... essa facilidade, né? Porque o meu convívio com o mundo espiritual era muito estreito né? Então não tinha jeito de eu fugir, eu sentia, eu ouvia... então como eu ia falar que não era, né? Então, não tinha jeito.

[04:32] P: E como foi sua primeira experiência mediúnica?

M10: Dentro da casa espírita?

[04:36] P: Não... A primeira experiência que te aconteceu, que você se recorda.

M10: Eu tava numa cidade vizinha aqui, Veríssimo, Uberaba, numa tarde, e tinha uma menina nessa casa onde eu estava, que tava tendo problemas de desmaio. E eu cheguei lá, né, e passei o dia inteiro com ela. Nós andamos, brincamos. E quando foi à noite, eu tava assistindo televisão, eu sentada perto dela... o pai dela foi mudar o canal da televisão... e nele mudar o canal de televisão, aquilo me deu muita raiva, dele fazer aquilo e acho que nessa de eu ter muita raiva, eu abri, né? Expandi. Aí teve... um espírito, eu escutei, como eu tô te escutando. Ele chegou perto de mim, me levantou, eu levantei, fiquei em pé, e ele pegou e falou assim para mim, que ia me obrigar a ajoelhar. Ele falou assim "Eu vou te obrigar a ajoelhar". Ele me curvou

mesmo meu joelho no chão e meu corpo caiu para trás, aí eu caí e bati a cabeça, ferimento, e o médico chamado, e foi aquele alvoroço na cidade, porque a cidade é pequena, né? Aí a pessoa falou “Ela teve congestão”, médico de fazenda né... “Não é nada, não” e a partir daí comecei a ter... a escutar os espíritos e quando eles chegavam e se aproximavam de mim, que eu não tava numa boa condição... eu sentia no físico... aí eu desmaiava, eu incorporava em qualquer lugar, aí eles faziam eu andar, igual animal anda dentro de casa... Era horrível... era uma coisa muito, assim, desastrosa, que eu não entendia, tinha dezesseis, dezessete, sete anos, né? Aí os médicos... Eu chegava desmaiada no hospital, muitas vezes eu acordei com eles punçando, fazendo punção na minha espinha para ver o que que era... E... Aí meus pais... Aí o médico falou “Se ela continuar batendo a cabeça assim ela vai desencarnar, vai morrer, né?”. Porque uma pessoa não vai sobreviver tanto tempo. E aí eu tinha um irmão, falecido agora, e um dia tava chovendo, caindo uma chuva bem forte, e eu tinha passado mal a noite inteira, tendo convulsão, e aí ele falou “Isso daí acaba hoje, eu vou te levar lá no dona Silvia”, que na época o Centro era conhecido como “Dona Silvia”. E ele me levou lá no A. K. Eu cheguei lá, a pia tava cheia de prato para lavar, e ela virou pra mim e falou assim “Eu tava esperando você chegar.” Ela já sabia que eu iria né? A espiritualidade deve ter falado pra ela que eu ia chegar. E eu comecei a lavar os pratos, e o amor pela casa cresceu, então eu continuei lá, até hoje.

[07:27] P: Mas essa fase das dificuldades para controlar a mediunidade, isso durou quanto tempo?

M10: Ah, durou uns dois anos até que eu encontrei um lugar certo para trabalhar, as orientações certas... porque eu percebi e ela também me orientava muito assim... mudança de comportamento né? Eu percebi que quando eu tinha certos comportamentos... porque é jovem né? Quando eu tinha certos comportamentos abria o campo... era mais vulnerável à ação dos espíritos... né? Então, hoje eu falo que hoje eu mudei da água pra o vinho. O contrário né? (risos). Porque hoje eu sou completamente diferente do que eu era.

[08:16] P: Mas você foi uma adolescente... como era o seu temperamento?

M10: Explosivo, agitado... tinha... revoltada né? Adolescente revoltada, que eles falavam nessa época. Mas eu acho que eu atribuo mais à presença... eu senti a presença dos espíritos, me influenciava muito sem eu saber que era eles, né? Então muitas vezes eu ganhei fama... por uma coisa que eu não tava fazendo sozinha, né? Mas eu não sabia que não era.

[08:52] P: E você comentou, então... Quais eram os tipos de mediunidade que você tinha?

M10: De ouvir, de incorporação... até então a psicografia não tinha aparecido, né? Era mais de incorporação e de ouvir. Aí, com o tempo, acho que a espiritualidade ficou com dó de mim e tirou a de ouvir... “Vamo maneirar, né?”... Aí foi diminuindo. Aí eu não ouço mais como eu ouço você. Eu ouço de outra forma.

[09:17] P: Certo. Mas que outras mediunidades você tem além da psicografia? Isso, digamos, até hoje.

M10: É... a de incorporação, né, que é a psicofonia... intuitiva, né? Eu tenho a que o pessoal geralmente quase não fala, que é a dos sonhos, né?

[09:37] P: Sonhos premonitórios?

M10: É. Eu tenho essa mediunidade, que me incomoda muito, porque fico muito ansiosa, né? E... aí deram uma diminuída também (risos). E a... psicografia.

[09:54] P: E como foi sua primeira experiência mediúnica com a psicografia?

M10: Ah, sim. Foi na noite de natal. Lá no A. K., a Dona Sílvia me convidou pra fazer o estudo da noite, e eu sempre tive uma ligação, eu tenho um amor muito grande pelo Cristo, uma paixão... por Jesus. Aí eu fui falar sobre ele. Aí eu percebi que quando eu lia o *Evangelho*... quando eu vou fazer o estudo do Evangelho, até hoje acontece assim... aí eu começo a escrever... é bem intuitivo, né, o desdobramento do Evangelho... aí eu leio... muitas vezes eu falo assim, "Eu não vou fazer o estudo desse jeito, eu vou fazer da forma normal, vou ler o *Evangelho*, vou procurar na internet né, modo mais prático, copiou, colou, tá bom." Mas não sai, eu tenho que ler o texto, pegar a caneta e começar a escrever, aí a partir daquele pensamento do texto aí vai desdobrando as coisas.

[10:51] P: Você vai desenvolvendo aquele texto?

M10: É. E eu, às vezes, falo assim "Não, eu tô em dúvida, será que isso daqui é real?". Aí eu pesquiso e encontro nos livros aquilo lá, escrito.

[11:03] P: Mas você consegue se recordar como foi esse texto que você escreveu, o que aconteceu nesse dia? Como foi essa experiência de escrever pela primeira vez, de psicografar?

M10: A primeira vez? Eu senti uma emoção muito grande, né? Porque é uma emoção... você dividir um pensamento, você tem que ter uma vigilância, tem que ter equilíbrio, né? Com o tempo eu adquiri isso, mas na época, não. Então, eu lembro que eu fiz esse estudo, até na máquina de datilografar... eu tenho ele guardado até hoje... Quando eu comecei a falar sobre o texto, uma luz focou assim, no meu lado direito, aí eu não enxerguei mais nada. Se você perguntar o que eu falei eu não lembro. Porque me cegou a luz que refletiu no meu lado direito.

[12:00] P: Isso antes da escrita?

M10: Não, depois da escrita... quando eu fui falar no centro... porque eu fazia esse tipo de estudo, o pessoal fala palestra, mas eu não me atrevo a falar que é uma palestra, né? É um estudo. Então, acontecia assim.

[12:22] P: Mas você pratica a psicografia em que lugares?

M10: Em casa, não. Só quando eu vou fazer estudo, assim, mas nem chamo isso de psicografia, né? Mas, na... na casa espírita, sim.

[12:39] P: E há quantos anos você psicografa?

M10: Ai... Vou fazer uma conta aqui... Eu tô com 49 anos... Mais de 30 anos, né?

[12:53] P: E com alguma pausa, ou continuamente?

M10: Toda semana, nos últimos 27 anos foram todas as quartas-feiras. E durante os três anos agora, foram terça e quarta.

[13:07] P: E durante quanto tempo você psicografa?

M10: É rápido... Porque eu dividi o tempo com a psicofonia, né? Dizem que não pode, mas eu não vejo inconveniente nenhum em fazer isso, eu me sinto tranquila. Uns 20 minutos, 25, conforme o espírito que tá, né... ditando... é rápido, às vezes, não é.

[13:37] P: E para você, o que é a mediunidade?

M10: É uma benção. É tudo que... é realidade no mundo espiritual. Não tem, como eu falo pros meus amigos, não tem como eu negar, não tem como cê falar para mim que não existe, eu falo, "Não, existe porque eu sei, porque eu vi, porque eu sinto".

[14:01] P: E o que é a psicografia, pra você?

M10: A psicografia... É uma forma mais íntima, né, de cê passar pro papel aquilo que o espírito tá falando, tá te mostrando. Porque às vezes eles mostram, eles não falam, eles mostram quadros... cê sente sentimentos, como colocar o sentimento no papel. É interação... espírito e médium, né? Psicografia mais íntima.

[14:37] P: E como você sabe o momento de psicografar?

M10: Na reunião mediúnica eu me concentro, faço minhas preces e espero a ideia vir. Aí a hora que a ideia vem... igual essa semana por exemplo... semana passada. Eu falei com o pessoal do grupo "Eu não queria psicografar hoje porque a ideia não estava formada". Porque vem aqueles *flashes* e eu só começo quando eu sei que tem meio e fim. Antes de eu ter o corpo da ideia, eu não ponho no papel, porque vai parar no meio do caminho. Só quando eu sei que tem começo, meio e fim aí eu coloco, aí eu escrevo.

[15:25] P: E o que você sente enquanto psicografa?

M10: Muitas vezes eu procuro deixar... as ideias irem pro papel, né? Eu não interfiro hora nenhuma, procuro manter uma neutralidade, só aquilo que tá na ali na minha mente que eu vou prestando atenção pra escrever. Assim... especificamente, é assim.

[15:55] P: Mas quais as sensações que você tem nesse momento?

M10: É o que o espírito tá falando... Se é... alegria é alegria, se é tristeza é tristeza, é o que ele tá passando, o que ele tá ditando que eu tô sentindo. Às vezes, até para pôr mais verdade ali, né?

[16:21] P: Você percebe assim, que ao longo dessa escrita você tem determinadas emoções, sensações... isso fisicamente ou emocionalmente falando... você tem essa percepção, enquanto escreve?

M10: Quando ele começa é muito rápido, né? É muito rápido. Então quando vem já a ideia, o texto, você já vislumbra a paisagem, vislumbra o que tá acontecendo. Muitas

vezes, o espírito não vai te ditar palavra por palavra. Ele vai te mostrar aquilo que ele tá sentindo... você vai passar pro... pro papel... Então as emoções... muito rápidas.

[17:13] P: Então você tem percepções mediúnicas simultâneas à psicografia? Outros tipos de mediunidade ocorrem durante esse processo?

M10: Nem todos os espíritos eu percebo isso... alguns, sim.

[17:27]: Me dá alguns exemplos.

M10: De como que eu percebo?

[17:36] P: Chega a ter vidência? Clariaudiência... enquanto psicografa?

M10: Não.

[17:42] P: E essas sensações variam ao longo da escrita? Essas sensações diferentes que você sente?

M10: Acho que sim.

[17:57] P: Como?

M10: Às vezes, a gente sofre com o que eles tão escrevendo... relatos. E, depois só, quando eu vou ler que eu tenho consciência do que está escrito. E muitas vezes eu falo "Não gente, eu acho que perdi a sintonia, não vai dar nada com nada". Quando vê, sai o texto, todo mundo entendeu.

[18:22] P: E como você classifica a sua psicografia?

M10: Eu acho que mais um texto... São... Uma psicografia... Como eu vou te falar? Eu não recebo cartas de entes queridos, né? Eu não faço este tipo de trabalho... raramente. Eu faço mais narrativa, seria este termo?

[18:51] P: Mas você se considera um médium mais consciente, inconsciente, semiconsciente?

M10: Semiconsciente, porque, às vezes, eu sei e, às vezes, não sei o que eu tô escrevendo.

[19:16] P: Você fisicamente tem algum sinal, alguma.... Algum impulso em relação à escrita mesmo... ao braço... percepções físicas?

M10: Eu só sinto a aproximação. Daquele pensamento, porque às vezes você vai falar de alguma coisa que você não tá pensando, você não tá com ideia daquilo... vem aqueles *flashes*, aquelas ideias, aquelas frases inteiras. Então, ali tem que... Uma que eu tô num lugar propício, né? Num horário que eu sei que é psicografia, então eu deixo. Mas, são frases inteiras, são quadros inteiros, né?

P: E o que você acha que vem do médium e o que vem do espírito comunicante?

M10: Do espírito, a ideia... é ele que me dá ideia, não é eu que falo ra ele o que ele o que tem que escrever, né?... Agora o que geralmente acontece é as filtragem, né, das

palavras... O que é adequado, o que pode falar, que não pode escrever... vamos trocar essa... vamos ser menos agressivo, né? Então, você vai filtrando... aí entra a... me fugiu a palavra... disciplina do médium, de falar ou escrever coisas que não podem ser escritas, né?

[21:06] P: Você se comunica diretamente com algum guia ou mentor espiritual?

M10: Não. Eu peço ao meu anjo da guarda, né? Eu rogo a ele e aos benfeitores da casa, só.

[21:24] P: Você disse que costuma psicografar no centro espírita, nesse momento você permanece sozinha ou é auxiliada por alguém? Por exemplo, para retirar as folhas...

M10: Sozinha. Porque são textos curtos, não tem tanta necessidade de trocar folhas, assim, e quando é necessário, eu mesmo pego as folhas.

[21:52] P: Que tipos de materiais você utiliza pra prática da escrita mediúnica?

M10: Uma folha Chamex e lápis, né?

[22:06] P: Lápis? E tem alguma diferença escrever com lápis ou caneta?

M10: Eu escrevo com lápis, não sei por que...

[22:15] P: Nunca parou para pensar?

M10: Nunca pensei nisso.

[22:21] P: Quais hábitos ou recomendações que você segue antes de praticar a psicografia? Ao longo do dia...

M10: Prece, né? Isso é hábito meu pela manhã, fazer as minhas preces, ler o *Evangelho*, manter, ao longo desses anos, uma disciplina, um equilíbrio, pensamentos bons, fazer o bem, fazer a caridade... cumprir os deveres, todos eles... ser responsável. E pra ir pro centro, geralmente, eu não me alimento de carne, quando eu vou nas reuniões mediúnicas... não costumo jantar, pra ir, tomo uma refeição leve, porque já aconteceu de eu sentir indisposição por causa disso, né? E fazer as preces, ler... ler bons livros, ler sempre *Evangelho*, ler sempre livros das obras...

[23:24] P: E você já percebeu se há alguma influência sobre o seu desempenho quando você não faz essa preparação?

M10: Eu faço todo dia.

[23:33] P: Sempre?

M10: Sempre (risos).

[23:35] P: Nunca ocorreu de não ter feito?

M10: Não. Nunca ocorreu.

[23:41] P: Que tipos de texto você costuma psicografar?

M10: Então, segue, geralmente... quando é de algum espírito que tá em sofrimento lá na reunião, é sobre o estado dele. Mas, geralmente, é sobre o que foi falado no Evangelho.

[24:00] P: São textos então... doutrinários, digamos assim?

M10: É... São textos que vão elucidar sobre o tema, vão remeter... ultimamente tá vindo muito texto sobre o tempo, sobre o aproveitamento do tempo, sobre as dificuldades as aflições... são temas, assim, que eu tô escrevendo mais.

[24:24] P: E você já chegou a publicar os seus textos?

M10: Não.

[24:31] P: Você citou que, em algumas cartas... aliás, você citou que você psicografa algumas cartas familiares, em menor quantidade. Mas, quando isso acontece, como é que os espíritos se identificam nessas cartas?

M10: Eu sinto a presença deles... e muitas vezes eles escrevem. Eu evito de colocar nomes, nessas cartas.

[25:01] P: Por quê?

M10: Eu... até hoje eu não sei por que que é assim, mas, desde que eu comecei a psicografia, nunca me ditaram nomes... no final é sempre um espírito amigo, é o benfeitor da casa... Só tem um nome que eu já recebi várias vezes, que é até amigo, desencarnado de um amigo meu... ele trabalhava no centro. Ele sempre deixava o nome dele no final. Mas, quando é familiar, eu sinto a presença, eu percebo pelo jeito de falar, o que que é que tá querendo, quem que é, pelo sentimento que eu sinto a hora que a pessoa tá chegando, né?...

[25:55] P: E quem, nesse caso, digita o material manuscrito? Você costuma ter uma organização do seu material?

M10: É... Eu tenho guardado... eu não costumo digitar. Elas estão guardadas.

[26:14] P: Você tem dificuldades para compreender a caligrafia, nas psicografias?

M10: Se eu corrigir na hora, não, mas se eu corrigir amanhã, por exemplo, aí... acabou a reunião, eu tenho que pegar e corrigir, né? Porque às vezes é muito rápido, costuma parecer até um rabisco, né? E entender o que que tá escrito ali...

[26:37] P: Você psicografa de olhos abertos ou fechados?

M10: Fico com o olho fechado pra concentrar, para nada me chamar a atenção... né? Pra que nada me desvie a atenção... daquilo que eu tô escutando, daquilo que eu tô vendo...

[26:58] P: Você, normalmente, escreve com ou sem iluminação?

M10: Sem iluminação.

[27:08] P: Para você, é indiferente olhar para a folha enquanto escreve?

M10: Eu não olho.

[27:14] P: Nunca?

M10: Não. Uma é que eu não enxergo, de perto, sem óculos... E o óculos tá sempre aqui em cima da mesa, então é indiferente se eu olhar ou não, porque eu não vou ver nada mesmo (risos).

[27:28] P: Você já psicografou com as duas mãos simultaneamente?

M10: Não.

[27:36] P: Já utilizou, ou utiliza a mão contrária pra escrever?

M10: Não.

[27:43] P: Você já escreveu em outros idiomas?

M10: Não.

P: Em espelho, ao contrário?

[27:51] M10: Não.

[27:54] P: Em dupla com outro médium?

M10: Não.

[27:57] P: Você se sente inspirada a tratar de determinados temas ou ideias antes das sessões?

M10: Antes da sessão? Não.

P: Nunca?

M10: Não. É sempre na hora.

[28:13] P: Você costuma checar as informações presentes nas suas psicografias?

M10: Algumas coisas, sim.

[28:18] P: Em que caso?

M10: Quando vem trazendo uma informação, que... é rara, eu checo, eu vou procurar nos livros da codificação... essas informações. Se é real, se existe, se tem a possibilidade... procuro, sim.

[28:39] P: E você escreve ou já escreveu sobre algum assunto que você não domina ou que você desconhece completamente?

M10: Que eu me lembre, não. Não.

[28:55] P: Seus textos costumam ter rasuras, reescritas, exclusões ou reelaborações?

M10: Não. Só quando eu faço. Quando eu corrigir...

[29:07] P: Só no momento da correção?

M10: É.

[29:10] P: E em que casos que você revisa, corrige ou reescreve algo em uma psicografia sua?

M10: Quando eu não tô entendendo aquilo que tá escrito, quando eu não sei mesmo o que está escrito, aí eu posso supor pelo texto anterior o que significa aquilo lá que eu que fiz, né? Que o espírito ditou e eu não soube... por causa da pressa, né?

[29:34] P: Mas em termos, assim, ortográficos, gramaticais, você faz algum tipo de correção?

M10: Ah, costumo fazer... algumas coisas.

[29:40] P: Em que momento você faz isso?

M10: Quando eu tô corrigindo.

[29:45] P: Mas isso quando termina o trabalho espiritual?

M10: É, depois que termina a prece, que acende a luz... que é tudo feito na penumbra, né? Aí eu vou, leio.

[29:55] P: Você lê para o grupo?

M10: Não, eu leio pra corrigir, né? Costumo ler no... dia da semana seguinte... a gente lê a psicografia. Agora, nesse centro que eu frequento agora, a gente lê a hora. Aí eu corrijo, eu leio pra eles.

[30:14] P: Qual que é normalmente o seu ritmo de escrita quando psicografa? Rápido ou lento? Como é?

M10: Ehn... depende.

[30:24] P: Do que?

M10: Acho que do espírito que tá comunicando... porque, às vezes, é muito lento, e miudinha, às vezes, é rápida, né? E dá aquela esticada, que cê vê, né?... Às vezes, é grande a letra... Depende.

[30:39] P: Você dá pausas durante o processo de escrita?

M10: Não.

[30:43] P: Nunca?

M10: Uhn, uhn... (negativamente).

[30:45] P: Você sente limitações ou dificuldades como psicógrafa? E quais?

M10: Se eu sinto limitações? Não... ahn... porque a ideia não é minha, não é? Então, eu não sinto a dificuldade.

[31:10] P: Não há nenhum obstáculo pra essa função de psicógrafa, pra você?

M10: Não. Acho que não. Para mim, não. Né? Porque eu não vou ter que pensar... eu não tô pensando, eu tô recebendo a mensagem e tô passando ela pro papel. Então, eu não sinto, não.

[31:32] P: Você já sentiu alguma dúvida em relação ao que psicografa?

M10: Não, nunca senti dúvida. Sempre tive certeza que era psicografia e que era comunicação com o mundo espiritual.

[31:50] P: Aquela dúvida de se é seu ou se é do espírito, você já sentiu?

M10: Não, nunca senti. Porque, quando eu não tô com ideia nenhuma, eu não insisto em colocar no papel nada. Né? Nos primeiros momentos, não veio a ideia, eu... já encosto o lápis para lá.

[32:09] P: Você já chegou a entregar psicografias pra pessoas no seu trabalho espírita, ou pra amigos?

M10: Que seja pra eles? Já.

[32:23] P: E como é a relação com essas pessoas? Quais as reações que elas têm?

M10: Essa pessoa que eu recebi, foi frequentadora do centro... o vô dela mandou para a filha, o pai dela mandou pra filha dela... da criança. Ela ficou muito feliz e isso me deu uma satisfação muito grande de ver que ela foi consolada... foi um sentimento de dever cumprido, né, que eu tava fazendo o certo. Eu acho que foi isso... mais de pessoas... de entes queridos mesmo, né, que eu recebo quando tem nome assim. Pessoas da família... né?

[33:10] P: E no centro onde você lê as psicografias? Qual normalmente é a reação das pessoas?

M10: Interessante. Tem uma amiga nossa, a V. F., e nós estamos, ultimamente, escrevendo assim... uma completando a outra. Ela escreve e logo o tema seguinte é muito parecido, o meu tema, sabe? A gente costuma... ela fala de uma coisa, eu falo na mesma linha... de raciocínio, né?

[33:34] Mas nas mesmas sessões?

M10: Na mesma sessão. Lógico que em categorias diferentes. Que o dela é diferente.

[33:43] P: E o que você aprendeu como médium psicografa?

M10: Ah, aprendi muita coisa... Respeitar os espíritos, né? E, principalmente, ouvi-los... ouvir o que eles têm a dizer, a mensagem que eles têm pra passar... O que aquilo vai servir pra mim, principalmente, né? O que vai ser útil na minha vida... Isso que eu procuro nas mensagens, orientação segura, muito respeito pela psicografia. É isso.